A CAPITAL

3848 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Segunda-feira, 1 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

As reparações alemãs

O artigo que ante-ontem publicámos sobre o problema das reparações que a Alemanha tem de efectuar é um artigo que nos parece deve ser bem ponderado.

Por ele se demonstra que hoje a engrenagem das vaidades é tão complicada e melindrosa que não é facil formular opiniões dogmaticas sobre qualquer assunto que fundamentalmente se lhes refira.

Assim, quando se clama que a Alemanha vai entregar navios, machinismos, carvão e outros produtos ou materias primas, ou quando se declara que a Alemanha fornecerá a mão de obra para as regiões devastadas da França, imediatamente se julga que tudo ficará resolvido, acabando por se nadar em prosperidade.

Simplesmente, na pratica verifica-se que a entrega duma determinada tonelagem maritima provoca a paralisação do trabalho nos estaleiros inglezes, tornando-se por essa forma mais prejudicial do que vantajosa; verifica-se que se a Alemanha fornecer carvão aos aliados é ainda a Inglaterra quem perde consideravelmente por ser um grande paiz exportador de hulha; verifica-se que a mão d'obra alemã nas provincias francesas, empregando o meio milhão de homens, virá estabelecer uma tremenda concorrencia com o proletariado daquele paiz que o não consente. E assim o problema das reparações torna-se cada vez mais complicado e dificil.

O artigo em questão concluia duma maneira acertada quando diz: «A Alemanha carece praticamente de ouro, que é a unica moeda de valor internacional.

Só em papel ou em mercadorias pode pagar. O marco-papel quasi não tem valor fóra da Alemanha, e as mercadorias representam uma desastrosa concorrencia para os paizes que aspiram a ser indemnisados pela nação vencida».

E' isto o que patenteiam os factos, e entre o que os factos demonstram e as hipoteses mais ou menos bem arquitetadas, ninguem poderá negar que a supremacia pertence aos factos.

Não basta, portanto dizer: «Vamos ter indemnisações da Alemanha». E' preciso saber em que elas consistem, e se realmente se lhes pode extrair todo o valor calculado.

Anunciar uma chuva de oiro é sem duvida agradavel para quem supunha ser com essa chuva beneficiado. Mas haverá realmente uma chuva de oiro?

A Alemanha paga em mercadorias, em objetos e em materias primas. Paga em obrigações. Mas receitar tudo isso a ouro, é muito complicado do que passa, porque é preciso saber como e onde se poderão colocar.

Tanto assim que no artigo a que nos estamos referindo se frisa a circunstancia da actual aspiração dos aliados consistir em combinar uma operação triangular por meio da qual um ou mais paizes, tomassem á sua conta as mercadorias alemãs dando-lhes em troca dinheiro para melhorar o cambio e desonerar a sua fazenda publica. Pareceu que se pensou nos Estados Unidos nesse fim, mas os Estados Unidos não se mostram dispostos a essa saida de oiro das suas mãos.

Por aqui se vê quanto terá sido, pelo menos, precipitado o prematuro, o clamor dos que bradavam que ahi vem oiro, muito oiro, uma verdadeira catadupa de oiro, que deverá ser obtido com a negociação dos obrigações alemãs que nos couberem a titulo de reparações.

Ainda não temos em nosso poder essas obrigações, ainda não sabemos como negocial-as, nem com quem as negociar, e, todavia, já ha quem dum mez que se dá como certo que Portugal vai nadar num oceano de prosperidades com essas reparações do inimigo, reparações que podem surgir sob os aspectos tão pouco favoraveis como aquelas que para outros paizes se revelam.

E' preciso vêr as cousas como elas são, e não apenas como desejariamos que fossem, porque n'esse caso Portugal já há muito viveria no seu Eldorado. Não ha nada que peor impressão cause no espirito publico do que certas perspectivas optimistas que pouco depois desvanecem até ao ponto de n'um praso breve se converterem n'outras em que o pessimismo impere, como producção logica das decepções experimentadas.

O casamento dum actor

RIO DE JANEIRO, 1. — Casou, em Campos, o actor Ribeiro Lopes, sendo padrinhos os srs. Rey Chianca e Rafael Pinheiro.—(H).

A embaixada portugueza no Brazil

O sr. dr. Duarte Leite não será substituido

RIO DE JANEIRO, 1. — Os jornais desmentem de origem oficiosa a noticia que aqui fizeram circular de que o sr. Duarte Leite ia ser substituido. —(H).

Um navio alemão multado

Entraram hoje no nosso porto os vapores alemão «Trostburg», vindo de Humburgo, Bremen e Porto, com carga diversa, francez «Lalalfe», de Casablanca, com fava, e inglez «Tropboon» de New Orleans, com oleo. Ao primeiro foi aplicada amarga multa pelas autoridades do porto de Lisboa, visto não trazer os papeis em regra.

A REVOLUÇÃO

Tempestade num copo de agua—Quando Napoleão dormia... — Muito dinheiro gasto... para quê?—Não pode duvidar-se de que existia um «complot», inteiramente conhecido do sr. ministro da guerra — No parlamento tudo se esclarecerá

E' da sabedoria nacional que após a tempestade surge a bonança. A sentença acaba de ser confirmada, porque aos dias de agitação boateira da semana passada sucedeu uma tranquilidade paradisiaca. Parece que já não ha revolução: tudo em paz! Não é, pois, fóra de proposito, fazer agora a narrativa dos acontecimentos, procurando tirar deles a lição necessaria para futuras emergencias.

Entendeu o sr. ministro da guerra que devia reforçar a guarnição militar de Lisboa com fortes contingentes das tres armas chamados a toda a pressa dos quatro cantos do paiz. Não contente com isso, julgou util estender as forças por essas ruas e praças. E, por cima de tanta teatralidade, passou revista ás tropas de reforço, agradecendo-lhes a comparencia em Lisboa, como se, afinal, isso não fosse mais que o cumprimento dum dever, aliás um bom dever, para quem tem por primasia dever a obediencia incondicional ás ordens do chefe do exercito. Não se sabe, pelo menos não foi noticiado, se o sr. ministro da guerra, ao passar a revista, se recordou das lições do Grande Corso e beliscou a orelha de algum veterano, assumindo perante as tropas a atitude monastica dum cabo de guerra de alto lá com ele, na pose magnifica, tanto quanto possivel historica, atribuida a Napoleão: de mão no cós das calças ou dedo na cava do colete.

Mas — perguntamos nós — porque motivo (grave, sem duvida) se chamaram tantas forças a Lisboa? A guarnição militar da cidade pode computar-se normalmente mais dez mil homens, incluindo a Guarda Republicana e a Policia Civica; para reforço chegavam pelo menos mil homens. E como tudo isto era destinado a sufocar o movimento revolucionario anunciado pelo boato nós perguntamos, muito simplesmente, onde estava o inimigo. Se este era a guarnição habitual da cidade fraca seria a resistencia que o sr. ministro da guerra lhe oporia, não só pela deficiencia numerica como tambem pelo desconhecimento que as tropas recem-chegadas tinham o teem do meio. E se o inimigo era civil inutil seria o reforço, bastando, para inutilisar tanta fraqueza, a formidavel força da Guarda Republicana.

O sr. ministro da guerra teve, sem duvida alguma, motivos poderosissimos para ordenar e fazer executar tantas e tão complicadas manobras. Gastou-se muito dinheiro e continua a gastar-se. Todo o mundo sabe quanto são caras estas mobilisações. Ora o sr. ministro da guerra é administrador dos dinheiros publicos e deve contas á nação da forma como despende as verbas orçamentais. Como sabemos quanto é brioso o sr. general Silveira, quando se trata do cumprimento do seu dever, estamos antecipadamente convencidos que ele dirá no parlamento e, portanto, á nação, as razões do seu procedimento.

Houve, por certo, um facto grave, um caso concreto, que forçou o sr. ministro da guerra a ordenar a concentração de forças militares na capital. Não foi apenas o boato. Seria absurdo admitir que o sr. ministro da guerra se deixasse impressionar, tão profundamente, por uma coisa tão inconsistente que se chama o boato. Se assim fosse, nunca mais voltariam as forças para os seus quarteis provincianos e antes seria preciso chamar mais e mais, todos os dias e ininterruptamente. O governo da nação ficaria na dependencia de meia duzia de descontentes, suficientemente habeis para espalharem noticias terroristas. Não, não pode ser. Houve outra coisa. O governo (ou apenas o sr. ministro da guerra) conhecem, de sciencia certa, a existencia dum *complot*. No parlamento tudo se esclarecerá. Hão-de saber-se os nomes, os factos e as circunstancias. Ha-de fazer-se justiça, punindo os conspiradores. Pera isso é que ha tribunais. Confiemos, pois, nas declarações que o sr. ministro da guerra fará no parlamento. Elas hão de consolidar a sua posição dentro do governo e o seu prestigio, que é grande, no exercito. Não queremos admitir a hipotese de que tal não aconteça. Porque nesse caso...

UMA ENTREVISTA A DUO

O sr. Abel Hipolito é um brioso oficial, mas um pessimo politico

O sr. ministro da guerra afirmará na camara que apenas cumpriu a lei

O que dizem um deputado liberal e um senador independente

No carro eletrico do Dafundo-Rocio, o jornalista lia por alto as notas politicas dos jornais da manhã, pacatamente, acomodado a um canto, quando ali pela altura de Pedrouços entram no eletrico dois parlamentares os srs. Joaquim Brandão, deputado liberal muito influente no circulo de Setubal, e o senador independente Fernandes Rego.

Os dois conhecidos politicos veem tomar logar no banco da frente, e nós, depois dos cumprimentos do estilo, preparámo-nos para ouvir de S. Ex.as alguma cousa de interessante.

—Então — começámos nós—o governo sempre se apresentará hoje na Camara?...

—Assim o espero—responde o sr. Joaquim Brandão—Após a eleição da mesa, o sr. Barros Queiroz deve ler a declaração ministerial.

—Como será recebido o governo?

—Bem, creio eu. Aparte a atitude dos reconstituintes, por motivo do que se passou nas eleições, e dos monarquicos, o parlamento deve acolher o melhor possivel o ministerio.

—V. Ex.ª não crê então numa possivel queda ministerial? — insistimos nós.

—Mas estou convicto de que o governo se aguentará por largos mezes.

Intervem nesta altura o senador independente:

—Sem ao menos ser recomposto?...

—Isso não digo, pois a substituição do sr. general Abel Hipolito impõe-se irremediavelmente. S. Ex.ª é um distinto e brioso oficial, mas é tambem um pessimo politico!...

—E depois duma breve pausa, o sr. Joaquim Brandão explica:

—O trambulhão que o governo apanhou nas eleições em Lisboa deve só ser atribuido ao sr. ministro do interior, pela sua falta de tacto e conhecimento dos mais rudimentares principios do enredo politico.

E o sr. Fernandes Rego:

—E o ministro da guerra não cairá tambem em virtude do aspecto que tomou a questão dos oficiais milicianos?...

O sr. Brandão esboça um trejeito de duvida:

—Mas, o sr. general Silveira continuará na pasta da guerra, pois aos ataques por mais cerrados que lhe fusem, S. Ex.ª limitar-se-ha a dizer que somente cumpriu a lei, o que é, de facto, verdade.

—Constava por ahi que no caso de uma recomposição ministerial, o sr. dr. Antonio Granjo tomaria conta da presidencia e interior?...

A's nossas palavras responde o ilustre deputado sr. Joaquim Brandão:

—Se o presidente do ministerio não se aguentar, tudo indica o nome do sr. Antonio Granjo para o substituir. O sr. dr. Antonio Granjo reune em si todos os necessarios requisitos para desempenhar tão alto cargo. S. Ex.ª é um distinto politico, uma verdadeira competencia nos altos cargos do Estado, e estou certo de que o *gâchis* solucionar-se-hia satisfatoriamente com a presença do sr. dr. Granjo na Presidencia do ministerio. Todavia, não quere isto dizer que eu não deseje que o sr. Barros Queiroz continue á frente do governo. Muito antes, pelo contrario, pois o atual presidente do ministerio é um distintissimo financeiro e, se o deixarem, muito contribuirá para que venham a melhorar as nossas condições economicas, tanto mais que é isso o principal ponto da sua declaração ministerial, quero eu crer.

—Os catolicos, segundo o sr. dr. Lino Neto, apoiam incondicionalmente o governo?...

A' nossa pergunta responde o sr. senador Rego:

—O sr. dr. Lino Neto pode ser, e disso estou convencido, que não é eleito. Tenho sérios motivos para lho afirmar que a eleição de Montargil vai ser repetida, e que o sr. dr. Baltazar Teixeira consegue, sem duvida, ser eleito deputado.

—A eleição em Belem tambem se repetirá!—exclama o sr. Joaquim Brandão — O candidato monarquico sr. Carvalho da Silva possue documentos que provam irregularidades varias, que obrigam á anulação do acto eleitoral.

—Nesse caso—interrompemos nós—talvez os candidatos monarquicos venham a ser eleitos?

—Tudo o indica!...—diz o sr. Joaquim Brandão.

Nessa altura chegámos ao Cais do Sodré. O sr. Brandão despede-se de nós, e á nossa ultima pergunta, responde-nos ainda:

—Olhe, meu caro amigo, eu creio que a sessão de hoje não terá interesse algum. E' provavel, quasi certo, de que os monarquicos e os reconstituintes ataquem o governo, e até mesmo, indirectamente, o sr. presidente da Republica... Do resto, amanhã o saberemos!...

E, o ilustre deputado apeia-se, seguindo nós até ao Terreiro do Paço em companhia do sr. Fernandes Rego, que nos diz ir conferenciar com o sr. ministro da justiça sobre um projecto de grande alcance que tenciona apresentar á camara, mas sobre o qual guarda ainda uma absoluta reserva.

ABUSOS E TROPELIAS

A eleição de Aveiro

Como se prepara a atmosfera para o escandalo da sua validação

Varios jornais se fizeram eco de que a respetiva comissão de verificação de poderes ia validar a eleição de Aveiro. Como o nosso colega «A Manhã» ontem acentuava, trata-se duma informação tendenciosa, destinada a preparar o espirito publico para aceitar sem protesto o maior de todos os escandalos que as comissões de verificação podiam praticar.

As irregularidades, as violencias, os abusos cometidos no circulo de Aveiro não sofrem contestação. Os srs. drs. Egas Moniz e Barbosa de Magalhães não tiveram a coragem—honra lhes seja feita!—de irem á comissão defender o seu mandato. Significará isto que na sua consciencia pesa como chumbo a representação que ilegalmente lhes foi conferida?

Nos «mentideros» politicos espalha-se que a validação da pseudo-eleição de Aveiro está dependente de acordos a efetuar entre democraticos e liberais. Se estes procederem nas comissões—diz-se—por forma a ficar garantida na Camara a entrada de certos democraticos, estes sancionam todas as irregularidades, fecham os olhos a todas as tropelias, fingem desconhecer todos os abusos.

Apesar de estar muito avariada a moral politica corrente, não acreditamos que semelhante imoralidade seja possivel. Ela representaria um golpe na Republica, de consequencias e efeitos muito mais graves que todas as maquinações aos seus adversarios. Seria converter a representação nacional numa inqualificavel manigancia do compadrio nacional.

Na pseudo-eleição de Aveiro sairam dois democraticos e dois liberais, mas toda a gente sabe que o empenho da sua validação parte principalmente dos ultimos, que são dos que demonstram maior receio de novamente se apresentarem aos eleitores do circulo. Chega a espalhar-se a noticia de que o sr. dr. Egas Moniz abandonará a vida politica se a eleição fôr anulada.

Não sabemos o fundamento que essa noticia possa ter. Mesmo que ela seja exata, porem, preferivel seria que s. ex.ª seguisse aquele caminho a assistirmos a um acto que não deixaria de resultar em formidavel desprestigio para a Republica.

O sr. Portugal Durão

não pode ser deputado

Causou surpreza a proclamação do sr. Portugal Durão como deputado pelo circulo de Lisboa. Deve tratar-se apenas dum lapso das assembleias de apuramento, tanto mais que nenhum protesto, ao contrario do que era legitimo esperar, foi apresentado contra a sua eleição.

O sr. Portugal Durão é administrador-delegado da Companhia da Zambia, que tem com o Estado os contratos derivados das suas concessões. A Constituição é expressa: os administradores dessas Companhias não podem ser deputados nem senadores, a não ser que nelas representem os interesses do proprio Estado—o que não é o caso do sr. Portugal Durão.

Consta-nos que ainda outros parlamentares se encontram em condições identicas, quanto á ilegalidade do seu mandato. Mas a todo o tempo será tempo de pugnar pelo respeito devido ás disposições constitucionais...

Em favor das casas de caridade

Vão realisar-se festas em varios clubs de Lisboa

Os leitores da «Capital» terão já visto, em varios jornais, o apelo da Albergaria de Lisboa. Pede a direção dessa casa de caridade que a auxiliem na sua cruzada, pois, se auxilios imediatos lhe não forem dados terá de encerrar as suas portas, restituindo á vadiagem das ruas os 120 mendigos que ali teem o abrigo e o sustento.

Sabemos que uma comissão de jornalistas, condoidos da sorte dos indigentes, vai promover festas nos grandes clubs de Lisboa, esses clubs onde ha muito dinheiro, porque é tudo gente de dinheiro a que ali vai.

Os proprietarios de algumas dessas casas, consultados sobre essa ideia, adoptaram-a imediatamente e com alegria. Sim, o dinheiro vai-se buscar onde ele existe. E nada mais justo do que ir busca-lo ao prazer. Que, quem se diverte, dê aos pobres um pouco do que lhes sobra.

A primeira festa realisar-se-ha no Regaleira, cujo proprietario, o sr. Artur Aires, pessoa bondosa e esmoler, logo prometeu colocar-se ao dispor da comissão. Foi então marcado o dia 13 do corrente, tratando o distinto artista sr. Jorge Barradas de desenhar o programa, que será constituido por numeros sportivos e literarios. A entrada será de cinco escudos e o producto dessa festa, como de outras, que se lhe seguirão, será entregue ao sr. governador civil, para que o faça distribuir pelas casas de caridade mais necessitadas.

Como se vê, não se perdeu o apelo da direcção da Albergaria de Lisboa, que será, sem duvida, das primeiras comtempladas.

SANTISSIMA TRINDADE, NUMERO TANTOS...

A ARTE DE VIVER EM CASA

Bom gosto e conforto
Riqueza e harmonia

Como se arranja uma casa barata

A arte de viver em casa é, talvez, mais dificil do que a arte de viver na rua. Viver com harmonia nas quatro paredes duma habitação corresponde a ter na vida um grande e complicado equilibrio. Que serie de pequenas arestas, de pequenas ou de grandes condescendencias se não tem que diluir, na atmosfera complacente das quatro paredes dessa casa, para que essa atmosfera se perfume com um sorriso de bom humor, com a frescura duma gargalhada de saude, clara, cristalina, transparente...

✦ ✦ ✦

A decoração das casas tem na vida dos «ménages» uma acção decisiva. Nada fala mais rigorosamente do que a fisionomia dum «apartement» apanhada em flagrante de vida e de movimento. Pode quasi avançar-se: «Diz-me a casa que tens dir-te-hei quem és». As casas falam como gente: Em tempos visitei na Estrela o dr. Bernardino Machado, no tempo em que s. ex.ª era ainda vagamente um apostolo de comicio sorridente e orando, no tempo em que, rodeado de filhos, o ex-presidente tomava ainda mais as «notas» do pai, que as notas de politico. Era uma sala pequena e atrapalhada a S. Bernardo. Lembra-me como se fosse hoje. As cadeiras apilhadas de livros naquela desordem monumental de principios que alguns adversarios politicos teem querido ver paralelamente na cabeça patriarcal do notavel homem publico. Digam-me: aquela sala decorada a velho «reps» com as cadeiras desconjuntadas ao peso dos livros mal arrumados, aquela desarrumada amalgama de papeis não falava á maravilha sobre a vida desordenada do velho caudilho da Republica?

Mas falemos das casas modernas, e tanto mais que hoje, até já o sr. dr. Bernardino Machado, esquecido do velho gabinete de S. Bernardo, hade ter uma sala solene e grave, bons reposteiros de veludo, faianças de Delft e gravuras antigas...

Falemos das casas de hoje.

Ha dias alguem me disse:

Anda ver uma casa que é um encanto, ali para os lados da Lapa...

—Puz-me de pé atraz... Eu sei o que em Portugal se chama uma casa linda... mais trenó de mogno, mais retrato a «crayon», mais almofada a missanga...

Um pouco por reportagem, um pouco por abelhice — fui.

Ha meia duzia de mezes a casa era um pardieiro. Um pouco de dinheiro e muito bom gosto fizeram dela um encanto. E' assim que a pouco e pouco Lisboa vai tendo «interiores» onde se pode viver.

Mas, julgam os leitores que os seus donos são alguns milionarios? Nada disso:... O sr. Eduardo Gomes, empregado modesto do Banco Ultramarino, e uma artista distintissima, a sr.ª D. Hebe Gomes, pintora de aguarela, muito conhecida no meio da arte. E' talvez aqui que está o misterio da questão. Com muito amor pelo seu «canto», que é hoje uma das mais lindas e harmoniosas habitações de Lisboa, Hebe Gomes e seu marido, a pouco e pouco, comprando aqui umas cadeiras antigas, mais além um contador, no outro mez uma faiança, foram completando, harmonisando, afinando, com esse gosto, que é timbre dos artistas de eleição, que nasce com as pessoas, que morre com elas e que infelizmente se não pode fazer nascer em ninguem.

Mas querem os leitores saber em que consiste essa casa, que afinal qualquer de nós pode arranjar, desde que prefira viver em casa, a viver na rua?

Todos nós, em mil coisas pequenas e superfluas gastamos dinheiro, que, reservado para as coisas da casa nos permitiria viver em dois ou trez anos num interior relativamente luxuosissimo.

Se com os 15 escudos dum camarote, para ver uma «peça má», nós comprarmos uma «boa peça» de bonito papel que alegre a nossa sala de jantar, e num domingo, em mangas de camisa, «toute á l'americaine», o decidirmos aplicar, teremos com o maior proveito aplicado o nosso dinheiro e o nosso tempo. Uma casa alegre dá saude. E' essa alegria que transpira das paredes caiadas da casa do meu amigo Gomes.

Imaginem os leitores: porta ao meio, duas janelas de cada lado, de vidros pequeninos, frescos nas suas cortinas de cassa em folhos e vivos, em seus caixilhos verdes. Entra-se e logo um atrio pequeno de tijolo, que dá, atravez das portas envidraçadas para duas salas—á direita a casa de estar; á esquerda a sala de jantar. Um renque azul de azulejos espelhantes aviva um «lambris».

A sala de estar tem toda a comodidade duma casa onde se vive, e toda a beleza da casa onde vive uma artista. Existe em tudo um ar de simetria e de arranjo que encanta. Num jarro vidrado florescem sardinheiras, e na parede á tarde, como manchas de sol, iluminam-se aguarelas... A sala de jantar é caiada e simples como uma sala fradesca. Mobilia negra, velha mobilia portuguesa, sobria, de bom desenho, e entre as janelas, correto como uma pagina de «Connoisseur» um relogio inglez do 2.º Imperio.

No primeiro andar dois quartos, para os quais uma escada suave e bem lançada nos conduz, sem esforço. Dormem ali as creanças que teem a sua «nursery»; mais alguns quartos, uma casa de banho e uma oficina. Essa oficina, que todo o dono de casa, devia ter e onde se arranjam as pequenas coisas que a vida quotidiana vae deteriorando, e cujo trabalho tão bem retempera os nervos e tão bem equilibra o corpo.

Ao domingo este meu bom amigo do Banco Ultramarino veste a sua blusa de trabalho, e ele proprio restaura os seus moveis, dá o «vieux chaine» e encera uma ou outra peça que o necessite. Isso dá-lhe ao organismo um equilibrio fisiologico que a permanencia no Banco podia alterar. Os inglezes fazem o seu higienico «footing», os alemães e os americanos a sua ginastica de quarto e nós portuguezes... deixamo-nos ficar na cama, na ginastica deliciosa do «Noticias», com cafésinho e torradas...

Os portuguezes não vivem em casa, já o disse algures, pela simples razão de que não teem casa. No dia em que as casas portuguezas, os interiores lisboetas forem no genero desta encantadora habitação do meu amigo do Banco Ultramarino, os cafés, as Brazileiras inuteis da politica, toda essa amarga fauna da esquina e do club batoteiro diminuiria muito.

Alguma coisa se tem adeantado—é um facto—no capitulo da educação geral do «gosto» portuguez.

Andemos pois para a frente um pouco mais e divulguemos e façamos apostolado bemdito deste culto da casa, que no dia em que ele fôr um facto teremos feito muito.

Que pena tenho leitor que estas palavras sejam polidas ao pé do encanto suave dessa casa do meu amigo do Banco Ultramarino...

O HOMEM QUE PASSA

Complicações e mais complicações...

Uma questiuncula que ainda poda vir a dar que falar

O governo preocupa-se actualmente com um pequeno problema, cuja solução seria facilima, se a nossa burocracia, á semelhança doutra qualquer, não tivesse o mau sestro de complicar os casos mais simples. Eis de que se trata:

A' sombra da lei celebraram-se contractos entre o Estado e particulares, obrigando-se aquele a consentir na exportação de certas mercadorias, como, por exemplo, carvão e madeiras, entrando em Portugal, como compensação, generos alimenticios. Quando estes contractos estavam em via de execução, surgiu nova lei alterando as sobre-taxas de exportação e inutilisando, assim, a transação anteriormente feita. Resultado: importantes prejuizos para os particulares, «por culpa do Estado». O governo reconheceu a injustiça e quere emenda-la. Dá-se para isso, como iminente, a publicação dum novo decreto, dando garantia de execução aos contractos antigos, mas, ainda assim, com prejuizo para os particulares, porque se restringe o praso, que era de 180 dias, a 60 dias e fala-se em sobre-taxa fixada nos despachos, quando, afinal, ela é preceituada na lei primitiva.

E' possivel que estes casos venham a dar logar a reclamações diplomaticas porque algumas firmas, que contractavam com o Estado, são constituidas por estrangeiros.

Escola de Arte de Representar

A festa de ontem no teatro Nacional

Realisaram-se ontem no teatro Nacional as provas finais e concurso a premio dos alunos do 3.º ano da Escola de Arte de Reqresentar, Aurora Ferreira, Georgina Cordeiro e Julio Soares. Aurora Ferreira numa scena da «Inês Pereira» revelou qualidades; Julio Soares no papel dificil de D. Diniz, da «Leonor Teles», de Marcelino, não desmentiu as suas naturais aptidões; Georgina Cordeiro — e deixamo-la propositadamente para o fim—essa deixou-nos adivinhar que estavamos em presença duma actriz cheia de leveza e de graça, um poucochinho pretenciosa, o que de resto não fica mal ao papel de Mirandolina da «Locandeira», mas indiscutivelmente uma rapariga interessante a que nós, se ela continuar estudando, não deixamos de prever já hoje um futuro brilhante. O jury conferiu-lhe o primeiro premio.

A Espanha em Marrocos

O que disse a um jornalista o filho do general Silvestre

O oficial do exercito espanhol, D. Manuel Fernandez Silvestre, filho do malogrado comandante geral de Melilla, foi ouvido por um jornalista, a quem prestou interessantes declarações acerca dos ultimos momentos que esteve com seu pai na posição de Annual.

Fernandez Silvestre começou por referir-se com reconhecimento ás palavras de carinho que o rei lhe tributara na vespera. Espera que, no momento oportuno, os que devem falar não fiquem calados, a fim da memoria de seu pai não ficar velada por nenhuma suspeita.

—A nossa familia—aerescentou—tem sido duramente experimentada pela guerra. Em Africa encontrou sepultura honrosa um irmão de minha mãe. A familia de meu pai deixou em Cuba alguns mortos; a vida de meu pai foi ali salva milagrosamente.

«Agora, depois de haver perdido meu pai no Rif, receamos que minha pobre avó não possa resistir ao rude golpe, quando lhe comuniquemos a tremenda noticia».

Disse depois que não havia a certeza de que seu pai tivesse morrido na posição de Annual.

—Estive com ele até ao ultimo dia em que se tiveram noticias suas. Quando dali sai, deixei-o tão animado e sereno como o conhecera sempre. Pode supôr-se que tenha morrido; não ha, porém, dados fidedignos que permitam certificar a noticia.

«Encontrava-me em Annual, á frente da minha secção do esquadrão de regulares, ás ordens do comandante Cebollino. Certamente, dos chefes e oficiais do esquadrão, apenas ficavamos o comandante e eu. Esta circunstancia lhe dará ideia da luta que tivemos de sustentar.

«Nunca experimentei maiores torturas do que no momento de abandonar a posição, deixando ali meu pai.

«Por um lado, o afecto filial induzia-me a ficar em Annual, acompanhando meu pai, para corrermos ambos a mesma sorte. Por outro lado, o dever militar reclamava-me no meu posto, comandando o meu esquadrão.

«Não dando ouvidos aos conselhos de alguns chefes que eram de opinião que devia permanecer em Annual, abandonei a tenda do general, que estendia os braços para me abraçar.

Houve uma pausa. O oficial Fernandez Silvestre continuou, após um suspiro:

—Fui-me sem o abraçar. Ouvi a sua voz, que me chamava pelo diminutivo por que me tratava desde criança: «Adeus, Boletol».

«Foram as ultimas palavras que os meus ouvidos recolheram dos seus labios.»

Socego em Madrid

Organisaram-se manifações de desagrado, mas a ordem está já restabelecida

BORDEUS, 1.—Noticias vindas de Madrid, dizem que a população se tem mantido tranquila depois da efervescencia que se manifestou nos meios populares ao ter-se conhecimento dos sucessos de Marrocos.

Chegaram-se a organisar algumas manifestações de desagrado, tentando os manifestantes dirigir-se aos bairros ricos da cidade, mas depois de um encontro com a policia, a ordem foi restabelecida.—(H.)

A questão da Albania

Deverá ser resolvida pelo Conselho Supremo

LONDRES, 1. — Provavelmente o Conselho supremo, que deve reunir-se no dia 8 do corrente, examinará a questão da Albania, a qual será resolvida segundo a concepção dos aliados, tendo em vista que a Italia deseja para si umas certas garantias.—(H).

Theatros e Cinemas

TEATRO DE S. CARLOS — OS Sedutores, *3 actos de Vasco Mendonça Alves*

Considerações gerais

Eu não posso deixar de registar o meu aplauso mais uma vez á *parelha* Rey Colaço-Robles Monteiro porque sem duvida a eles se deve o aparecimento dos ultimos originais portuguezes. *Os Lobos, a Zilda, Entre Giestas, Os Sedutores*, tendo por interpretes os jovens artistas, tendo por scenarios a mise-en-scène, cuidados e modernos fundos de teatro artistico a que nao são estranhos o seu gosto e dedicação pela arte que cultivam, marcam um revigoramento da nossa dramaturgia e um legitimo orgulho para todos nós que sem o minimo empano aplaudiremos sempre todas as tentativas dos nossos compatriotas.

Dir-se-ha o que se disser. E' com a certeza de se ir presenciar um espectaculo de cultura, esmerado para o espirito e agradabilissimo para o olhar, que se vai assistir a uma primeira representação da peça a que Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro deram o seu apoio e a sua inteligencia.

E isto fica dito sem lisonjas nem *cotteries* porque a nossa folha corrida dá-nos direito á imparcialidade de sempre. Mas assim é, porque assim é.

Peça

A peça de Vasco de Mendonça Alves tem um titulo explendido e um assunto para nós tambem oportunissimo de ser tratado em teatro. Certo que não é novo; nada ha de novo em teatro; só a forma de tratar as questões pode variar. Mas os *sedutores* com o seu magistral 1.º acto merece bem do nome que o seu autor já conquistou nas anteriores produções.

Apresenta-nos uma peça de tendencia castigo. Moral, extraordinariamente cruel pela verdadeira observação que encerra no caracter dos personagens, dá-nos a ideia de que foi escrito ao menos o primeiro acto—pela alma dolorida e sentida dum poeta, dum sofredor, alguem a quem a perversão continua do mundo entristece e comove. Não é o conto galante da redução que a plateia talvez mais risonhamente gostaria de encontrar; é o fel duma sedução que a toda a hora a vida vae reproduzindo interminavelmente.

Analisado o 1.º acto não se encontra um fraquejo, uma falha. Por um lado o velho sedutor, gasto, vencido por um remorso esperando a cada instante o castigo de Deus pelas suas aventuras desbragadas, pelas suas seduções doutrora. Aos vinhos-se na pequena ingenua sua filha,—filha do crime e do amor, retrato da mãe feita para amar,—o objecto onde vae incidir a vingança do destino. E ao mesmo tempo com mão de mestre, o autor dá-nos a scena admiravel da sedução.

As palavras que entontecem, os silencios que perturbam estão grafados com um surpreendente efeito.

E' instintivo, é aquele *não se sabe que* que faz daiguns homens infernais gurras dos virtudes femininas.

Depois, adivinha-se. O seductor passou.

Para ele não ho escrupulos. Nem a amizade do pai, nem o lar alheio, nem a felicidade de outrem, O sedutor passou... Os seductos esquecessem...

Outra vitima, mais carne fresca, deve a chama-lhe noutro local. O 2.º acto é atado, na longa explicação entre ele e a amante, porfeito no dialogo. As esquivas são aquelas, a perfidia, a inconciencia, a fuga á responsabilidade, está ainda observada com propriedade, e inteligencia. Ha aqui uma leve quebra na peça; por mais que se queira compreender a adoração respeitosa á noiva ela fica fora do caracter dum sedutor de profissão.

Quer-nos dizer o autor que estes bandidos de virgindades, reservam sempre uma castidade e respeito para alguem, que lhe lembra—como aqui—a mãe, um ente de adoração? E ante um filho ainda se compreende essa resistencia, a indiferença que dura todo o 3.º acto?

E' por isso que a partir do 2.º acto a peça se sente alongada, estirada. Tecnicamente o 2.º e 3.º actos são quasi constituidos por dois dialogos longos, scenas viciadas com laivos de tragedia. Tem referencia, são logicas, mas exactamente porque estão na logica não interessam nao seduzem. O 3.º acto é a continuação do 2.º Sabia-se que a não se matar imediatamente após o abandono do algoz—o que prejudicaria o fim principal da peça—que para nós é o castigo do velho sedutor pela pena de Talião—a rapariga teria uma scena de explicação com seu pai. Essa scena constitue, além desses dialogos acidentais para encher o inicio do acto, todo o 3.º é uma scena para actores tragicos, dificilima de conseguir dos jovens artistas de S. Carlos a grandiosidade da sua interpretação.

E' interessante aquele sofrimento do velho sedutor, vendo na filha o retrato da mãe, correndo louco em busca da mocidade pura da sua filha para a descançar.

Mas, repetimos para esta unica scena é desnecessario o acto e o desequilibrio da parte sintetica da obra.

Do resto o final avisinha-se; um final calmo, reconfortante para todos; o *maroto* repara a falta. E' aqui que a peça. Raparigas novas, atenção bem, podeis apanhar um grande susto dando ouvidos a enganadora voz dos sedutores mas não morreis... eles sempre casam! Será assim a vida?! Mas não transigira o autor ante o afoitar da boca do publico e a realidade bem mais cruel, bem mais cinica, bem mais perversa? A «Zilda» deixou um travo amargo na boca de todos porque o seu autor, coherente, fez seguir á abalada, o curso impetuoso das torrentes passionais que caracterisaram os seus personagens. Era amargo, era imoral; era, no entanto, a Vida. Nos «Sedutores» a Vida acaba em bem, e poderia pôr-se no final como nas velhas historias de sofrimento acesa... alem foram muito felizes e tiveram muito meninos...

Os Sedutores é um trabalho portuguez escrito em bôa prosa, em são dialogo, que se é teatralmente desiquilibrado em dois actos pela diluição da acção se recomenda contudo porque é nosso, é portuguez, e superior incontestavelmente a maior parte das lamexarius que importamos.

Nao desdoura os outros anteriores originais seu autor, a quem continuamos a aplaudir pelo nome de dramaturgo brilhante que tão justamente já entre nós consegiu.

Armando Ferreira

Nota—Amanhã publicaremos a parte referente á *interpretação, scenarios e mise-enscène*.

Noticiario

Entre nós

A tournée Rezendes inicia, na proxima semana, em Vila Franca de Xira, os seus espectaculos.

O elenco é o seguinte: José Guedes, Paes Condessa, Fernando Izidro, Maria Augusta, Ilda Vitoria, Elvira Guedes, sendo tambem contratado o tenor Reinaldo Duarte.

—Estão já concluidos os ensaios dos dois primeiros actos da espirituosa comedia «O tratado d'Antonia», original de Louis Verneuil, tradução de Avelino de Almeida, cuja apresentação vae em breve, realisar-se, no Avenida, em festa do actor Samwel Diniz, em ultima recita da assinatura da companhia Palmira Bastos.

—Palmira Bastos representa pela ultima vez na actual temporada, a dedicada comedia «O coração manda», sendo o espectaculo em festa do secretario da empresa Jaime Bento, e do actor Henrique Pereira.

Reclamos

Nacional

Continua em scena a linda e interessante peça «A vida dum rapaz pobres», cujo agrado se pode avaliar pela grande concorrencia que tem atraido ao elegante teatro.

A encenação de Lucinda Simões á primorosa, excelente o seu desempenho é verdadeiramente esplendidos os scenarios.

Avenida

Repete-se hoje a sensacional peça de flagrante actualidade, «Os conquistadores», em que Palmira Bastos é verdadeiramente magistral. Acompanhando a ilustre artista ha, ainda a distinguir Carlos Santos, Samwel Diniz, Calazans, Miranda e Alves, pelo relevo que dão aos seus respectivos papeis.

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLO — A's 21,15 «Os sedutores».
NACIONAL — A's 21,15 h. — «A vida dum rapaz pobre».
AVENIDA—A's 21,30—«Os conquistadores».
GINASIO—A's 21,30 h.—«O celebre Pipas».
POLITEAMA—A's 21,30 h. «Avé Maria».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
EDEN—A's 21,30 h.—«Pó de danças».
SALAO FOZ—A's 22—«Trólaró».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas-feiras espectaculo.

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Corrida de touros na praça do Campo Pequeno em 18 de julho, promovida pelos actores em beneficio da C. A. Gil Vicente.

VIDA SPORTIVA

ATLETISMO

Um campeonato para «Juniors» organisado pelo Sport Lisboa e Benfica

Nos dias 6 e 7 do corrente, realiza-se o 3.º concurso de Sports Atleticos para «Juniors» (1.ª e 2.ª Clubs), organisado pelo Sport Lisboa e Benfica, que consta das seguintes provas:

Corridas de 100m, 200m, e 400m, Estafetas 3 X 100m, Lançamento de peso (5 kilos), Lançamento do dardo, Lançamento da bola de Cricket, Saltos em altura com corrida Saltos em comprimento com corrida Saltos á vara e Luta de tracção.

Estas provas realizam-se no campo atletico do Club organisador, na Avenida Gomes Pereira (Bemfica).

Casa Pia Atletico Club

Assembleia geral

No dia 5 deste mez pelas 20,30 reunir-se-nesta Club a assembleia geral para discussão dos estatutos que estão afentes ao seio, e bem, assim as eleições para os cargos do Club.

ULTIMA HORA

POLITICA

A intriga em torno da eleição para a presidencia da Camara dos Deputados

Nos meios afectos ao governo dá-se como muito provavel a eleição do sr. Jorge Nunes para presidente da camara dos deputados. O acordo, a tal respeito, parece ser perfeito. Onde, porém, as duvidas surgem é na questão da vice-presidencia, que se pretende dar ao sr. Abilio Marçal,—aliás ainda não proclamado, por causa dum inquerito que foi mandado fazer no circulo respectivo. Os democraticos aceitariam esta formula, mas os governamentais desejariam, naturalmente, que os dois logares, presidente e vice-presidente da Camara dos Deputados, coubessem a politicos do partido liberal.

Por causa deste desacordo ha quem afirme nos Passos Perdidos e antes da abertura da sessão, que esta não chegará a abrir,—por falta de numero ou com esse pretexto.

Mas isto não chegará, talvez, a efectivar-se.

Para desfazer o atrito apresentase, á ultima hora, uma plataforma, que consiste em dar a presidencia ao sr. Jorge Nunes, a primeira vice presidencia no sr. Abilio Marçal e a segunda no sr. Alves dos Santos, que é liberal. Assim se contentariam *tout le monde et son pêre*.

Reunião da minoria democratica

A' hora em que escrevemos estas linhas não terminou ainda a reunião das minorias do P. R. P., efectuada na sala das conferencias do Congresso. Isso não impede, entretanto, que possamos desvendar, desde já, a feição predominante da assembleia.

Ha, na quasi totalidade dos parlamentares democraticos, o proposito de não fazer oposição «á outrance» pelo contrario, esta minoria apoiará os actos governamentais, guiada por espirito patriotico no proposito de exercer apenas uma benevola fiscalisação.

A opinião dominante, quasi unanime, é que deve esperar-se pacientemente pelas anunciadas medidas financeiras do governo e só então assumir-se uma atitude de franca oposição, se por acaso essas medidas nao merecerem a sanção do grupo ou forem de molde a provocar a reprovação da opinião publica. Isto, é claro, no que se refere á politica geral. Se, porém, a questão for restrita á conservação do ministerio tal qual ele se apresenta, já as opiniões divergem, porque o grupo veria com agrado a exoneração do sr. ministro da guerra e até a do sr. ministro do Interior. E pode acontecer que venha a bater-se por ambas elas...

Opiniões dum membro do governo

Nos Passos Perdidos:

—Pode dar-nos, sr. ministro, alguns daqueles segredos governamentais, destina dos á publicidade de *A Capital*, de hoje?

—Não sei nada. E que sabe o sr. com respeito a revolução?

—Pergunte v. ex.ª ao seu colega da guerra. Ele é que deve saber e dizer quem eram os conspiradores, visto que, por causa deles, se gastou tanto dinheiro.

—Pois nao ha de ser dificil dizer os nomes...

A eleição do sr. Cunha Leal não será, talvez validada

Uma informação de hoje lançou o boato de que o governo não reconhece como eleito o sr. Cunha Leal, porque ha quem deseje que os votos realisados em Loanda e por onde o sr. Cunha Leal. Pareceu que este ilustre parlamentar não apresse tou no Ministerio das Colonias a declaração de candidatura exigida por lei que, com esse fundamento, se empregam esforços para invalidar o acto. Esta noticia carece, ainda de confirmação.

A reunião dos reconstituintes

Os parlamentares do Partido Reconstituinte reuniram hoje, pela 1 hora da tarde, em casa do sr. Alvaro de Castro que, desde ha dias, se encontra doente com violentas colicas renais.

A presidencia da assembleia foi exercida pelo sr. Abilio Sueiro. Elegeram-se os *leaders* parlamentares, sendo para a Camara dos Deputados os srs. Alvaro de Castro, Lopes Cardoso e Antonio da Fonseca e para o Senado os srs. Julio Dantas e Vasco Marques. Todos estes nomes foram aceitos por unanimidade.

Nenhuma resolução se tomou quanto á atitude politica do partido em face do governo.

O facto, deveras lamentavel, da doença do sr. Alvaro de Castro (que não tomou parte nas deliberações) impediu a adopção de qualquer atitude.

E' certo, todavia, que o partido virá a pronunciar-se em oposição, restando apenas saber se essa oposição será levada aos ultimos extremos parlamentares, como se diz que é opinião do sr. Sá Cardoso, ou se será preferivel uma atitude de contemporisação, como julga conveniente o sr. Alvaro de Castro. Esta divergencia de opiniões em nada afecta, porém, a unidade partidaria nem influirá, senão nos precisos termos da atitude que for adoptada, nos debates parlamentares.

Ainda a eleição da mesa da Camara dos Deputados

Afinal tudo se compoz, a contento de gregos e troianos. Houve sessão na Camara dos Deputados e elegeu-se a mesa. Se até com o céu ha arranjos como não se conseguir no seio da representação nacional?...

Brazil-Portugal

Agencia Financial no Rio de Janeiro—Prosseguem as negociações para a sua reconstituição—A campanha nativista e a proxima eleição presidencial

Segundo ouvimos, vão em bom caminho as negociações com o Governo do Brazil para a reabertura da Agencia Financial do Governo Portuguez. O novo organismo será, porém, diferente do antigo, perdendo o caracter bancario e assumindo feição mais administrativa que financeira. Assim uma das funções que lhe competirá,—no que se pode afirmar desde já, que está de acordo o governo brazileiro — será o de arrecadação do espolio dos portuguezes falecidos no Brasil, sem prejuizo, é claro, das habilitações judiciais, para que só teem competencia os tribunais do Brazil, como é natural.

Diremos, a proposito, que a tão celebrada campanha nativista está perdendo o feitio violento que chegara a atingir, graças á influencia que a politica geral do país está marcando á lucta para a eleição do futuro presidente da Republica. E' o caso que se apresentam ao sufragio dois candidatos, um dos quais é o sr. Nilo Peçanha, cujo lusofilismo é bem conhecido, mas que não tem o apoio do sr. Epitacio Pessoa, antes pelo contrario. Parece que para conquistar as simpatias de que goza o sr. Nilo Peçanha se julgou util o oportuno atenuar a campanha nativista contra os estrangeiros, principalmente contra os portuguezes.

PARLAMENTO

Nos Deputados

E' eleito presidente o sr. Jorge Nunes, que tomou posse

Muito ao contrario do que se supunha, os animos dos novos legisladores, na sessão de hoje, aparentam muita serenidade. Apesar da demora na abertura da sessão não se ouvem protestos, nem palavras, que de algum modo deixem antever qualquer agitação nos espiritos. Serenidade aparente? Talvez, dadas as palavras que ouvimos trocarem-se entre os srs. João Bacelar e Fernandes Costa, antigos evolucionistas que pelos modos não estão lá muito satisfeitos com os seus correligionarios da facção unionista.

O que é certo, porém, é que emquanto nas varias salas do Parlamento os varios grupos tomam deliberações, a Camara apresenta um aspecto de serenidade, de confiança.

Anteve-se um acordo entre liberais e democraticos, acordo com que todos se sentem ainda mais ou menos satisfeitos. Alguns liberais conversam com democraticos, e as suas atitudes vê-se bem que são cordiais.

Assim o sr. Antonio Granjo passeia abraçado ao sr. Jorge Nunes, o sr. Fernandes Costa com a mão sobre o hombro do sr. Antonio Maria da Silva e o sr. Ferreira da Rocha cavaqueia com alguns democraticos.

Os liberais é que, parece, não estão lá muito bem dispostos, mas é consigo proprios. De vez, em quando, entre eles, levantam-se certas divergencias que motivam a formação de varios grupos que ora circulam o sr. Moura Pinto que em gestos rapidos e continuados mostra não estar satisfeito, ora circulam outro politico mais enérgico e menos satisfeito.

Estão presentes alguns ministros que pelos seus trajes parece virem na disposição de se apresentarem como governo.

A's 15,45 o sr. presidente, Carvalho Mourão, manda proceder á chamada Enquanto o sr. Sampaio Maia vai chamando os varios deputados, estes continuam passeando e em grupos, agora mais animadamente, os liberais vão conversando, conversando muito. Cerca das 16 horas entra o sr. Barros Queiroz.

Terminada a chamada que acusa a presença de 81 deputados o sr. presidente abre a sessão e logo de seguida se enchem totalmente as galerias. Na mesa lê-se uma nota de novas proclamações, entre elas a do sr. Manuel Fragoso, por Evora.

Procedese á eleição da mesa

Em seguida o sr. presidente interrompe a sessão para colecção das listas para a eleição da mesa. Passado algum tempo o sr. presidente da mesa abre e reabertura o começo a votação, que deu o seguinte resultado:

Presidente—Jorge Nunes, 1.º Vice presidente—João Luiz Ricardo, 2.º Vice presidente—Alves dos Santos, 1.º secretario—Antonio Mantas, 2.º secretario—Godinho do Amaral.

O sr. Jorge Nunes tomou logo posse do seu logar, convidando os srs. Antonio Mantas e Godinho do Amaral para ocuparem os seus.

Depois agradeceu á camara a prova de consideração que lhe prestou e em breves palavras prometeu fazer por bem desempenhar o seu logar esquecendo-se de que é membro d. a partido que só se lembrar que é presidente da Camara.

A' hora que fechamos este extracto está usando da palavra o sr. Fernandes Costa, por parte dos liberais.

No Senado

São proclamados 60 senadores, não comparecendo os democraticos

Dos 60 senadores, proclamados eleitos na sessão de hoje, pelo sr. Jacinto Nunes, que presidia, apenas responderam á chamada 36.

O sr. Mendes dos Reis pedio ao sr. presidente que mande avisar os democraticos, interrompendo a sessão pelo espaço de 10 minutos, para serem confeccionadas as listas para a eleição da mesa.

Como os democraticos se não fizessem esperar foi a sessão reaberta, declarando o sr. presidente ser de opinião que a eleição fosse feita na sessão de amanhã com o que a camara concordou.

O sr. Pereira Osorio (democratico) pedindo a palavra, protestou contra a proclamação dos senadores pelas ilhas, cuja eleição não pode ser validada.

O sr. Mendes dos Reis, (liberal), em resposta, afirma que a comissão de verificação de poderes não tem feito sessão seguir as praxes estabelecidas.

O sr. presidente encerra depois a sessão, designando a proxima para amanhã á hora regimental. Proceder-se-ha á eleição da mesa.

Notas politicas

O sr. general Abel Hipolito informou-nos do que as nomeações dos oficiais de policia são feitas unicamente pelo sr. comissario geral, não se sabendo ainda qua s os oficiais que deixam de prestar serviço na policia.

✦ ✦ ✦

Sabemos que os reconstituintes, na proxima sessão parlamentar atacarão violentamente o governo sobre as eleições realisadas, que eles consideram ilegais, dizendo-se que o sr. presidente da Republica será alvejado nesse ataque.

✦ ✦ ✦

O sr. major Tavares de Carvalho andou esta tarde nos Passos Perdidos comentando indignadamente a constituição das camaras e das comissões de verificação de poderes.

✦ ✦ ✦

Sabemos que o senador independente sr. Fernandes Rego tornará, brevemente, a ingressar nas fileiras democraticas, donde só por incompatibilidade com o Directorio.

Dr. Nicolau Bettencourt

Foi eleito presidente da Sociedade de Sciencias medicas, o ilustre sabio sr. dr. Nicolau Bettencourt.

Pelas Colonias

O governador de Timor adiou a sua partida

O sr. dr. Domingos Frias, que estava para partir no corrente mez para Timor, a fim de assumir o governo daquela provincia, adiou a sua viagem por não ter realisado ainda o emprestimo que estava negociando para acudir á situação financeira da colonia.

Sem que tenha a garantia da realisação do emprestimo, não assumirá, ao que parece, aquele cargo.

O regimen da mão de obra em Moçambique

O alto comissario em Moçambique, depois de visitar a provincia, decretará o regimen de mão de obra, a fim de evitar, tanto quanto possivel as reclamações dos agricultores e industriais da colonia.

Encargos inadiaveis da India

O governador geral da India, pediu ao ministerio das colonias a aprovação dos creditos votados pelo respectivo conselho legislativo, para poder satisfazer varios encargos inadiaveis, visto não haver realisado ainda o emprestimo que está negociando.

O credito a favor de Cabo Verde

O sr. ministro das colonias determinou que uma parte do credito de 600 contos, a favor de Cabo Verde, seja enviado o mais brevemente para ali, a fim de acudir urgentemente aos fomentos do arquipelago.

As eleições na Covilhã

O sr. Adolfo Coutinho não está de acordo com o sr. dr. José Fiadeiro

Sr. Redactor: Publicou hontem «A Capital» uma entrevista do sr. dr. José Fiadeiro, candidato a deputado pelo circulo da Covilhã, que, por conter inexactidões graves e por ser eu um dos candidatos prejudicados, me obriga a pedir a V. a reposição dos factos no campo da verdade.

A afirmação de que nada ocorreu durante a eleição que justifique a sua repetição exige que se pondere se não teem importancia os factos da supensão de garantias com a prisão de diversos eleitores, inclusivé delegados eleitorais, e com a proibição da circulação de veiculos que não fossem munidos de «salvo conduto», passado pela autoridade administrativa; do assalto da assembleia de Tortozendo e Bomquerença fazendo-se em seguida naquela a «chapelada» com uma nova mesa e á porta fechada e guardada pela policia; da simulação da eleição, que se não fez, nas assembleias eleitorais da Conceição, Paul e Bomquerença, com falsificação das respectivas actas; da simulação da operação do apuramento geral; que a autoridade impediu com a presença de grandes forças militares de lanceiros, metralhadoras, infantaria e Guarda republicana falsificando-se em seguida uma acta com o apuramento tivesse havido; da falsificação das actas de Alpedrinha e Unhais da Serra com um corte completo na votação de alguns candidatos, etc.

Se nada disto é para o sr. Fiadeiro motivo que baste para reconhecer a necessidade da repetição da eleição nenhum haverá que lha justifique, sendo então preferivel suprimir da lei eleitoral umas disposições, que foram promulgadas para defesa dos candidatos espoliados.

Mas, se não para o criterio do sr. Fiadeiro, mas para de quem tenha no espirito noções de justiça, aqueles factos são de ponderar, facil é por meio do inquerito que se requereu, com indicação de testemunhas de toda a categoria moral e social, averiguar se são ou não verdadeiros.

O que desde já posso afirmar é que o sr. Fiadeiro, não teve a coragem de, na minha presença, desmentir aqueles factos que perante a 3.ª comissão de verificação de poderes, hontem por escrito e verbalmente se produziu, tomando a resolução de abandonar o parlamento momentos antes de entrar em discussão a eleição da Covilhã.

Na parte relativa ao sr. Conde da Covilhã, este cavalheiro se encarregará de fazer o desmentido que mais conveniente se lhe afigure. De v. etc —Lisboa 30.—(a) Adolfo Coutinho.

A CAPITAL

3849 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Terça-feira, 2 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

CAMBIOS

O governo e os especuladores

Os resultados duma ficticia melhoria cambial — A venda de libras, o contracto dos 50 milhões de dollars e outras coisas que ao diante se verão

E' um erro supor-se que os especuladores da alta fazem sempre uma obra benemerita, conciliando os seus lucros com a defesa dos interesses nacionais. Certamente, estes interesses mandam combater as divisas baixas, aconselham a valorisação constante da nossa moeda. Mas o ponto de vista dos especuladores da alta contenta-se com uma melhoria cambial transitoria, pouco se importando que ela seja seguida duma baixa ainda maior que a que precedeu a passageira melhoria derivada da sua especulação.

Um exemplo:

O Governo ou o Banco de Portugal vendem na praça o numero de libras necessario para que a divisa sobre Londres entre na casa 10. Não seria isso muito dificil, atenta a sensibilidade do mercado, tanto mais que o Banco de Portugal pode dificultar o desconto de letras por forma que os compradores não disponham de grandes quantidades de escudos. Simplesmente, para que o cambio se mantivesse naquela divisa seria necessario que o Governo ou o Banco não afrouxassem no seu papel de vendedor — e como nem um nem outro fabricam libras nem dispõem de qualquer mina de ouro, o cambio voltaria novamente a agravar-se, sendo mais dificil depois fazel-o subir pela desconfiança que a desilusão da melhoria anterior teria feito nascer.

Quem teria perdido no negocio? O governo ou o Banco, que teriam de ir á praça adquirir á razão de 32 ou 33 escudos as libras que tinham vendido a uma media de 27 ou 26? Quem teria ganho? Os banqueiros que possuissem disponibilidades de escudos para a compra e, principalmente, os especuladores da alta que aproveitariam a oportunidade para se cobrirem de vendas que tinham feito a um cambio baixo.

O consumidor não lucrava coisa alguma, porque a ficticia e transitoria melhoria não daria tempo á renovação dos «stocks» de mercadorias existentes, sendo ainda certo que essa renovação só poderia fazer-se á custa duma grande afluencia de compradores de cambiais, e essa afluencia seria razão bastante para um novo encarecimento da moeda estrangeira.

Dir-se-ha:

Mas se o governo, sem vender uma libra, só pelo facto de garantir que estava assignado o contrato dos 50 milhões de dollars, podia conseguir uma melhoria cambial, porque o não fez?

Porque, se o fizesse, lavraria inteiramente o seu descredito, iludindo o paiz em beneficio dum numero limitado de especuladores. O que deve fazer melhorar o cambio não é a assinatura do credito dos 50 milhões de dollars, nas condições em que foi feita, mas sim a utilisação comercial desse credito. Se o governo e entidades particulares deixam de ir á praça adquirir cambiais para o pagamento de trigo, carvão e algodão, o cambio tende necessariamente a uma melhoria que será tanto mais efectiva quanto mais eficazes forem as providencias adoptadas para o aumento da produção nacional daqueles artigos.

O governo, se tivesse feito aquela declaração, estaria hoje desacreditado, porque toda a gente teria verificado que se tratava duma mistificação colossal, visto que se continuou a fazer a compra de trigo, carvão e algodão sem ser por intermedio do tal credito dos 50 milhões de dollars. E isto porquê? Porque os negociadores do contracto ainda não deram as garantias, que lhes foram exigidas, da seriedade comercial da operação.

Exactamente como aconteceria no caso da venda de libras, a melhoria seria ficticia, sem nenhuns reflexos favoraveis na vida economica do paiz, servindo apenas para banqueiros e especuladores da alta se locupletarem com mais alguns milhares de contos de lucros, sem que o consumidor alcançasse o menor beneficio dessa especulação.

Mais duma vez temos afirmado que somos contra as apregoadas vantagens da moeda desvalorisada. Num paiz, como o nosso, de produção deficitaria em generos essenciais á vida da população, com uma divida externa consideravel, a desvalorisação da moeda traduz-se inevitavelmente num desastre formidavel para a economia do paiz e num desequilibrio pavoroso das finanças do Estado.

Por isso mesmo que assim pensamos, queremos que o cambio melhore, combatemos as ruinosas especulações que o fizeram descer criminosamente até á casa dos 5. Mas uma coisa é defender a melhoria efectiva do cambio, com vantagens reais para o paiz, outra é cooperar nos interesses ocultos de meia duzia de especuladores, auxiliando uma melhoria ficticia e transitoria que só a esses especuladores daria vantagens e lucros.

E' essa cooperação que o governo se tem recusado a prestar — e por esse motivo só ha que render-lhe a justiça de bem merecidos louvores.

A'CERCA DO DOURO

As propostas apresentadas na Camara dos Deputados

O governo apresentou hoje na Camara dos Deputados as providencias que julga indispensaveis para acudir á aflitiva crise da lavoura duriense. A respetiva proposta de lei é muito extensa. Vamos indicar os seus pontos essenciais.

As concessões de credito ás caixas de credito serão limitadas á importancia do respetivo fundo social acrescida do duplo das propriedades rusticas e urbanas; o decreto n.º 7032 de 16 de outubro de 1920 é revogado; o limite das concessões de credito será aplicavel sómente até fim do ano economico de 1922-23.

Alem desta proposta foi apresentada uma outra sobre regimen cerealifero.

A proposta sobre o credito agricola, aquela que essencialmente interessa ao Douro, entra amanhã em discussão, na segunda parte da ordem do dia.

Lisboa imunda

As ruas da freguezia de S. Miguel são verdadeiros depositos de lixo

Lisboa porca e poeirenta, sem agua e sem luz, não tem varredores, mas tem uma Camara que não tuge nem muge a respeito de coisa nenhuma.

As ruas, porcas, poeirentas, cheias de lixo e imundice envergonham-nos a todos nós e turvam-nos os olhos.

Raro é o dia em que leitoras da *A Capital* não se nos queixam e trazem o brado do seu desespero e repugnancia.

Agora é o nosso amigo, sr. Armando de Figueiredo, que se nos vem queixar da imundice quasi inacreditavel em que se encontram as ruas da freguezia de S. Miguel, onde a nossos olhos se depara tudo quanto ha de mais imundo e onde se respira um ar nauseabundo, numa atmosfera fétida e execravel.

Como as ruas da freguezia de S. Miguel são todas as outras, onde os varredores da Camara não põem os pés e a onde não passa nunca a mangueira ou o carro das regas.

As ruas de Santa Marta e Alves Correia são intransitaveis, nas do Bairro Alto, Mouraria e Alfama não se fala, mas *malgré tout* a edilidade não sai da cadeira onde em má hora se assentou.

Uma nota oficiosa das juntas de freguezia

sobre o «referendum» ao Codigo de Posturas Municipais

O Conselho Central das Juntas de Freguezia de Lisboa solicita-nos a publicação da seguinte nota oficiosa:

«Tendo constado a este Conselho que se pretende convocar as Juntas de Freguezia para uma Assembleia Geral a fim de deliberar sobre o referendum no Codigo de Posturas da Camara Municipal, faz-se publico que não é legal essa reunião porque o Codigo Administrativo não o permite e porque na ultima assembleia de Juntas ficou deliberado responder em conformidade com o que o mesmo Codigo Administrativo ordena».

O assassinio do major Montalegre

foi preso, declarando fazer parte duma associação secreta

BERLIM, 1. — Dizem de fonte autorisada que o assassino do major Montalegre foi ontem preso em Beuthen pelo major inglez Koating. O assassino, de origem alemã, declarou pertencer a uma sociedade secreta e ser natural da Alta Silesia. — (H).

Em honra de Paul Fort

RIO DE JANEIRO, 1. — O embaixador francez, mr. Conty, ofereceu ao distinto poeta francez Paul Fort, que amanhã embarca para Montevideo, um grande banquete para o qual convidou algumas altas personalidades brazileiras e francezas. — (A).

O programa do governo

Apresentou-se hontem ao parlamento o governo da presidencia do sr. Barros Queiroz, e, ao contrario do que se propalava, foi recebido por uma forma que bastante contrasta com a apresentação de anteriores governos. E' certo que não se votou nenhuma moção de confiança, mas a verdade é que ninguem pode duvidar que, depois das declarações da bancada liberal e da bancada democratica o governo pode contar com o apoio ou, pelo menos, a espectativa dos principais grupos parlamentares. O facto de a discussão se ter encerrado hontem mesmo, quando a apresentação de outros ministerios teem levado ás vezes uma semana, comprova que a nova camara compreende a necessidade de trabalhar, não enveredando pelo caminho do obstrucionismo palavroso e esteril.

O programa ministerial, ao contrario do que acentuam hoje alguns jornais, não se nos afigurou extenso nem difuso. O governo tem nele algumas declarações interessantes. Ninguem pode exigir dum documento dessa natureza determinadas especificações. E' duma maneira geral que nesses documentos se encara a situação dum paiz e se anunciam as principais medidas com que se tentará beneficiar as condições nacionais.

No caso presente o governo faz girar todas as reformas que planeia em torno destas tres questões fundamentais: compressão de despesas, medidas de fomento e credito no estrangeiro. Não ha duvida que em todas elas são admissiveis as mais legitimas esperanças.

Simplesmente é necessario não encarar nenhuma delas por um prisma excessivo. Assim, a compressão de despesas nunca deverá dar em resultado um agravamento da miseria publica. Ha muitas despesas a comprimir, sem se tirar o pão a ninguem. A abertura de creditos no estrangeiro, ou os emprestimos que se obtenham, nunca devem subordinar-se a condições leoninas, sobretudo por parte de intermediarios sem escrupulos.

As medidas de fomento devem ser convenientemente estudadas, de forma que se comece pelas mais uteis e mais urgentes.

O governo apresentou-se ao parlamento. A atitude do parlamento demonstra que a representação nacional está disposta a aguardar os seus actos. Não ha o direito de recusar essa espectativa a nenhum governo. Por esses actos esperará tambem a opinião publica, cujos juizes são ainda mais inapelaveis.

O livrete das serviçais

Já foram requisitados 1200, tendo sido prorogado o praso para a inscrição

Na primeira repartição do governo civil tem continuado a fazer-se a inscrição de serviçais, em conformidade com o regulamento ultimamente elaborado.

O praso para essa inscrição devia terminar hoje, mas foi prorogado por mais oito dias, visto ter-se chegado á conclusão de que o maior numero de serviçais não havia requisitado o seu livrete.

Até hoje foram áquela repartição inscrever-se e adquirir o referido livrete mil e duzentas serviçais. Findo o praso para a inscrição, começará a fiscalisação, sendo multados todos os serviçais que não apresentem o livrete em ordem. Os patrões que tiverem ao seu serviço creadas que não hajam requisitado a caderneta serão multados tambem.

NA PRAIA DA PAREDE

Morrem afogados dois irmãos

Esta manhã ocorreu, na praia da Parede, um desastre que emocionou profundamente, não só os habitantes da risonha vila, como a colonia balnear. Dois irmãos, rapazes de 14 e 18 anos, Fernando Gonçalves de Magalhães e Constantino de Magalhães, filhos do comerciante sr. José Gonçalves de Magalhães, pereceram afogados, quando tomavam banho.

São escassas as informações que temos acerca do desastre. Parece, no entanto, que um dos rapazes, afastando-se da praia, foi cahir sobre um dos «poços» ali existentes. Ao vêr o perigo que corria o irmão, o outro rapaz avançou denodamente para o local, no intuito de lhe prestar socorro. Foram, porém, inuteis os seus esforços.

De nada valeu o sacrificio. Ambos encontraram a morte, tendo os seus cadaveres sido mais tarde arrojados á praia, um na Parede e o outro em Oeiras.

A triste ocorrencia foi participada para a administração do Concelho de Cascaes.

A Hespanha em Marrocos

Os mouros entregam o cadaver do coronel Morales

MADRID, 2. — A situação na zona de Melilla continua sendo a mesma; as posições de Nador, Zeluan e Monte Arruit continuam resistindo, sendo abastecidas pelos aeroplanos. Os mouros entregaram na posição espanhola o cadaver do coronel Morales que morreu conjuntamente com o general Silvestre. — (H).

O preço do pão em França

PARIS, 2. — Espera-se uma diminuição de 25 centimos no preço do pão para o mez de agosto, em vista da excelente perspectiva sobre a colheita do trigo.

O trigo exotico está a 88 francos o hectolitro, incluindo a ultima elevação dos direitos.

O trigo nacional está entre 80 e 85 francos, devendo estabilisar-se em 85 francos, o que permitirá a baixa no preço do pão, prevista para agosto. — (H).

Assuntos de instrução

Vai ser decretado que se não exija exame de admissão aos liceus, escolas industriais, comerciais e agricolas habilitados com a 5.ª classe das escolas de ensino primario geral, e que queiram matricular-se na 1.ª classe das escolas acima referidas.

O cruzador "Republica"

Entrou na doca de Ponta Delgada para sofrer beneficiações, o cruzador «Republica» que em seguida regressará ao Tejo. O ministerio da guerra pediu que a oficialidade do segundo batalhão de artilharia de costa possa visitar o navio.

Nas ruinas do Carmo

Vae realisar-se uma missa campal

O sr. ministro da instrucção auctorisou a Cruzada D. Nuno Alvares Pereira a mandar celebrar uma missa campal nas ruinas do Carmo.

POLITICA

AS IMPRESSÕES DO SR. BARROS QUEIROZ

Os democraticos perante o governo

O regimen dos paliativos e das "panos quentes..."

Informações colhidas esta manhã permitem-nos dar uma resenha, por assim dizer fotografica, da situação politica. E' o que vamos fazer.

Não ha duvida que as dificuldades graves da primeira hora e que chegaram a impressionar o sr. Barros Queiroz, chefe do governo, foram consideravelmente amenisadas, graças a uma atitude de semi complacencia dos democraticos, claramente definida no discurso que o sr. Antonio Maria da Silva hontem pronunciou na Camara dos Deputados.

Confirmou-se, desta arte, a informação de «A Capital» que perentoriamente disse não ser da oposição intransigente no governo a acção parlamentar dos democraticos. As duvidas surgem, apenas, na regulação de certos pormenores, como adiante se verá.

Não influirá na vida governamental a recomposição do gabinete. Não duvidamos que o sr. ministro da guerra venha a abandonar o poder e é provavel que o seu substituto seja o sr. Mendes dos Reis, visto que a opinião dos elementos mais radicais da Republica não acataria, á boa paz, a indicação do sr. Lima Machado. Se a crise se estender á pasta do interior, pode acontecer que esta venha a ser manejada pelo sr. Matos Cid, jurisconsulto reputado, mas tambem ardente unionista. Ora esta ultima qualidade não é simpaticamente encarada pelo sr. Antonio Granjo... Para prover a pasta da Justiça, vaga pela transferencia do sr. Matos Cid, não haveria dificuldade de maior.

Onde a navegação se torna dificil é no rochoso baixio das propostas de finanças. E' aí que Troia pode arder. Tenta-se, para o evitar, conseguir do grupo parlamentar democratico o apoio indispensavel para a aprovação de alguns duodecimos e, o que é mais, de algumas propostas de lei, autorisando o governo a decretar certas reformas na administração publica. O Parlamento fôra, depois, adiado, reabrindo em 2 de dezembro conforme ordena a Constituição.

Não sabemos, ao certo, se estes aspectos do problema politico teem ou não sido versados nas conversações entre o sr. Barros Queiroz e Antonio Maria da Silva, — cujas relações pessoais e politicas, principalmente politicas, são mais cordeais que nunca.

NA ESTAÇÃO DO CAES DO SODRÉ

O administrador do Seixal alveja a tiro o presidente da Camara daquele concelho

que recolhe, em perigo de vida, a uma das enfermarias do hospital de S. José

Cerca das 14 horas, quando na estação do Cais do Sodré, desembarcavam os passageiros que o vapor da carreira do Seixal acabava de conduzir a Lisboa, houve uma scena de tiros, da qual saiu perigosamente ferido o sr. Fernando de Sousa, presidente da comissão executiva da camara municipal do Seixal.

Corriam varias versões sobre a forma como se passara o caso. E, ligando aos informes colhidos no governo civil outras informações que obtivemos, ter-se-hia passado o seguinte:

Entre os passageiros que desembarcaram do vapor, figuravam o sr. José do Livramento Viegas Lata, tenente de infantaria 11 e administrador do Seixal, que vinha a Lisboa, a fim de reclamar no comissariado dos abastecimentos azeite para o seu concelho.

Ao atravessar a ponte, o tenente Lata foi abordado por quatro individuos, entre os quais se encontravam os srs. Fernando de Sousa e José Xavier dos Santos, mais conhecido por José Pregueiro, secretario da administração do Seixal. E, ao que parece, houve troca de palavras azedas, acerca de velhas questões, tendo o tenente Lata, a certa altura, afirmado que não ligava importancia aos seus interlocutores e que, por consequencia, lhe deixa sem o caminho livre.

Esta atitude irritou mais ainda os animos.

Os quatro individuos invectivaram em altos gritos o administrador do Seixal, acusando-o de menos honesto e de indigno de ocupar o lugar que exerce. Houve referencias desagradaveis á sua categoria moral e ao procedimento incorrecto em diversas ocasiões.

Deu-se, então, o embate.

O sr. Fernando de Souza ergueu o seu cavalo marinho. O sr. Lata puxou da sua pistola e disparou trez tiros, dois dos quais atingiram no ventre o sr. Fernando de Sousa.

Imediatamente socorrido, o alvejado foi conduzido em automovel ao hospital de S. José, onde logo sofreu uma operação, recolhendo em perigo de vida a uma das enfermarias.

O tenente Lata, conduzido ao governo civil, ficou detido no gabinete do chefe Sequeira.

Fomos procurados pelo cabo sinaleiro da armada, José Candido da Gloria, que veio protestar contra o facto do tenente Lata, depois do crime, andar livremente passeando pelos corredores do governo civil, sem ao menos ser acompanhado por um agente.

A questão da Alta Silesia

A atitude do governo inglez

LONDRES, 2. — O governo inglez desmentiu oficialmente que o sr. Lloyd George tivesse entrado em comunicações privadas e directas com o ministro alemão sr. Stresemann, sobre a questão da Alta Silesia. No entanto, o «Manchester Guardian» recebeu de Berlim o texto das duas questões escritas, uma sobre as sanções e outra sobre a Alta Silesia postas pelo sr. Stresmann ao governo inglez assim como as respostas deste.

O governo inglez, nessas respostas, manifestava-se favoravel ao levantamento das sanções, uma vez que a Alemanha aceitasse as propostas dos aliados e dizia ir comunicar essa opinião ao governo francez. Quanto á questão da Silesia o governo inglez manifestava a sua boa vontade em assegurar os interesses dos alemães, em conformidade com o tratado de Versailles, embora não desse uma garantia absoluta a este respeito sem consultar os governos aliados. — (H).

A falta de agua e o desleixo municipal

Apezar da agua faltar em nossas casas, e não obstante os clamores unisonos de toda a capital a agua vai escasseando onde se torna estritamente necessaria, ao passo que se vai desperdiçando e esbanjando nos lugares onde a sua necessidade não é sentida.

Assim é que nós vimos ontem no Largo de S. Miguel, junto á egreja do mesmo nome, uma boca de incendio a jorrar agua numa abundancia que só torna desoladora a nossos olhos que a queremos para nós e não a temos.

Ha mais de tres dias que a agua corre por ali em dezenas de metros cubicos sem proveito absolutamente nenhum para ninguem, e a Camara dorme numa pasmaceira ridicula e odiosa.

Ali naquele mesmo largo existe uma palmeira que a Camara abandonou, como abandona tudo. O povo do sitio mais carinhoso o preocupado regou-a; mas regou-a com essa mesma boca de incendio que por ele foi violentamente aberta, e agora a agua perde-se ali, com inaudita pena de todos nós.

A doença suspeita

Vão regressar a suas casas as pessoas que estão no hospital do Rego

Segundo informações que hoje colhemos, devem sair amanhã ou depois, o mais tardar, dos pavilhões do hospital do Rego as 84 pessoas que ali se encontram sujeitas ao regimen de prevenção, em virtude da suspeita de que nos predios 78 e 88 da rua do Passadiço se houvesse declarado uma epidemia. Não tendo sido reconhecido motivo para que o internamento continuasse, essas 84 pessoas apenas aguardam que a desinfecção dos dois referidos predios, onde habitam, esteja concluida.

Apenas continuará em tratamento naquele hospital o pequeno Antero Flavio, filho do sr. Bastos Flavio.

A demissão dos oficiais da policia

Acerca da demissão dos oficiais em serviço na policia, sabemos que serão substituidos todos os oficiais que actualmente ali se encontram, pois o sr. major Esmeraldo deseja fazer reconduzir os oficiais que com ele prestaram serviço quando esteve pela ultima vez a exercer o comando daquela corporação. Garantem-nos que tal facto não apresenta qualquer dificuldade para com os oficiais actualmente em exercicio no governo civil, mas sim o desejo natural do sr. Esmeraldo se fazer rodear pelos seus antigos subordinados.

Tambem sabemos que esse assunto corre pela presidencia do ministerio e não pela pasta do interior, como se poderia supor.

O funeral

da esposa do sr. dr. Gastão da Cunha

RIO DE JANEIRO, 1. — Foram imponentes as exequias em memoria da embaixatriz do Brasil em França, madame Gastão da Cunha, realisadas na egreja da Nossa Senhora da Candelaria, assistindo os representantes do governo, os membros do corpo diplomatico e outras personalidades. O feretro foi conduzido ao cemiterio de S. João Batista, acompanhado pelos secretarios do sr. dr. Epitacio Pessoa, o proprio ministro dos negocios estrangeiros, sr. Azevedo Marques,

As cadeiras da Avenida

— Você está com mêdo?

NA CAMARA DOS DEPUTADOS

Uma interpelação sobre o castigo aplicado aos oficiais milicianos

Com o sr. Jorge Nunes na presidencia foi aberta a sessão ás 15 e dez com a presença de 54 legisladores.

Galerias fracamente concorridas.

Na sala respira-se um ambiente, de absoluto socego a contrastar com o movimento e nervosismo dos dias anteriores. Lê-se e aprova-se a acta, o mesmo sucedendo ao expediente.

O primeiro orador a usar da palavra é o sr. Pinto da Fonseca que manda para a mesa uma nota de interpelação ao sr. ministro da guerra acerca dos castigos aplicados aos oficiais milicianos que, em 1920-21, frequentaram o curso da Escola Militar.

Nessa nota interroga-se o sr. Alberto da Silveira acerca da situação e direitos adquiridos pelos citados militares.

O sr. Carlos Olavo que tambem deseja tratar do assunto, manda para a mesa outra nota de interpelação sobre o mesmo caso.

O sr. ministro da agricultura manda a mesa duas propostas de lei, uma concedendo creditos ás caixas de credito agricola, outra extinguindo os armazens alfandegarios a que alude o art. 71 e respectivo § unico do decreto n.º 4655 de 10 de julho de 1918.

O sr. Vasco Borges envia por sua vez para a mesa outra nota de interpelação mas ao chefe do governo e sobre a politica geral do ministerio.

O sr. Lelo Portela pede urgencia e dispensa do regimento para as propostas do sr. ministro da agricultura, mas o sr. João Luiz Ricardo lembra que não devem ser concedidas visto ainda nem sequer existirem as comissões da Camara.

O sr. Carlos de Melo concorda com o que o sr. João Luiz Ricardo lembrou e pede á mesa que ponha as referidas propostas em discussão na sessão seguinte.

O sr. Lelo Portela voltando a falar sobre o assunto diz que mantém o seu pedido pois considera as referidas propostas serem de alto interesse, embora a urgencia e dispensa do regimento só seja usada, na sessão seguinte.

O sr. Carlos Olavo combate este criterio, apoiado pelos seus correligionarios e baseado em que o proprio ministro não pediu nem a urgencia nem a dispensa que o sr. Portela requereu.

O sr. Serafim Duarte energicamente, defende a região do Douro, pedindo ao governo e á Camara que olhem com interesse para aquela região que atravessa tão grave crise.

O sr. Afonso Maldonado mostra-se tambem pela imediata discussão das propostas do sr. ministro da Agricultura.

O sr. Manuel Fragoso insurge-se contra a forma como a Camara começa trabalhando.

O sr. Lelo Portela em vista da larga discussão que está provocando, retira-o.

Mas a confusão torna se maior ainda falando sobre o caso os srs. Manuel Fragoso, Carlos Olavo, Lopes Cardoso e Carlos de Melo. Resolve-se por fim por proposta do sr. Carlos de Melo que as propostas sejam discutidas na proxima sessão e regeita-se em contra prova um adiamento do sr. Manuel Fragoso para que se não dispensasse o parecer das comissões.

O sr. Manuel Fragoso vendo o resultado da votação:

— Acto lamentavel e imprudente.

Varios liberais: Ora! ora!

Em seguida o sr. Presidente encerrou a sessão por meia hora para confeção das listas e para a eleição das varias comissões da camara.

A' hora que fechamos este extracto está-se procedendo a essas votações.

Movimento maritimo

O vapor «S. Miguel», da Empreza Insulana de Navegação, deve entrar

Mais dollars!...

Veem aí, segundo se diz, na bagagem dum homem de negocios

Um jornal da manhã noticiou que o sr. José Bensaude, recentemente chegado da America do Norte, trazia na sua bagagem uma mirifica proposta para fornecimentos varios ao governo portuguez. Quem sabe se se tratará doutro emprestimo de 50 milhões de dollars?

Desgraçadamente não podêmos avistar-nos com o ilustre recem-chegado, porque na praça de Lisboa e entre os homens de negocio não é conhecido tão importante personagem.

A unica informação que obtivemos (no desejo, muito natural, de completar a noticia) é que se não trata de ninguem que esteja ligado á casa Bensaude & C.ª.

E' possivel que se trate do sr. Alfredo Bensaude, morador na rua de S. Caetano, mas não nos foi possivel encontrar este cavalheiro. Seria, em todo o caso, interessante saber ao certo de que se trata.

Para Cabo Verde

seguiu parte do credito aberto pelo governo

Por intermedio do Banco Nacional Ultramarino o ministerio das Colonias enviou já para Cabo Verde parte do credito de 600 contos, aberto a favor daquele arquipelago para urgentemente acudir aos famintos.

O sr. Portugal Durão

deixou a Companhia da Zambezia

O sr. Portugal Durão demitiu-se do cargo de administrador da Companhia da Zambezia, afim de poder ocupar, em S. Bento, a sua cadeira de deputado.

Theatros e Cinemas

TEATRO DE S. CARLOS — Os Seductores, 3 actos, de Vasco *Mendonça Alves*

Desempenho

E' com prazer que registamos em Amelia Rey Colaço melhores condições de dicção e de reflexão. O seu primeiro acto foi conduzido com superior inteligencia. Não teve em todos os outros aqueles arranques bruscos de nervos—os seus nervos hipersensiveis—que umas vezes se adaptam ás figuras, outras, arrepiam a vista. A sua ingenua, dobrando-se dominada á beira do precipicio da sedução foi uma das melhores criações do seu Teatro.

Foi menina, sem preversidade, sem vicio; A sua perturbação era natural, o seu amor curioso e apaixonado.

Na violenta scena do 2.º acto ainda consegue estar no papel espinhosissimo e doloroso de Madalena. A sua luta é vibrante; em si debate-se a mulher defendendo um amor que vê desmoronar na intriga e na perfidia. A sua expressão acompanhou os repentes desorientados de odio e dor, de angustia e paixão da seduzida.

No 3.º acto a scena final é muito superior ainda ás suas forças, e bela artista é para que não tenha tombado no ridiculo que as scenas tragicas, quando não interpretadas na sua verdadeira clave, fazem brotar. O acto findou sem o arrepio de tragedia que o autor concebeu, mas não deixou de ocasionar uma impressão sombria.

A «toilette» do 1.º acto — eis um dos segredos do encantamento que ha na arte de Rey Colaço—casava-se deliciosamente com o scenario, com o conjunto. A harmonia das côres, o cuidado geral na composição da scena foi carinhosamente estudada, desde o mobiliario á «toilette», desde a luz de scena, ao meio tom sombrio em que todos falaram.

Maria Judice da Costa foi para nós, outro contentamento. Em Portugal as actrizes negam-se a fazer papeis... com cabelos brancos mesmo quando a vida muito dolorosamente lhes comunica que chegou a hora de larga-los as ingenuas.

As damas centrais andam pelas mãos de artistas adventicias sem nome, ou de raparigas novas porque as artistas que deviam ocupar esses lugares no teatro resistem, debatem-se e não querem. Para que citar nomes? E no entanto como se vê que são necessarias no teatro estas figuras austeras, de cabelos empoados, fazendo o contraste com a mocidade. A personagem que Maria Judice da Costa tom rara distinção interpretou, caiu com todo o seu agrado no publico. Depois Maria Judice vem vestida com sobriedade e elegancia e a sua inteligencia e pratica do teatro fizeram-na dominar com facilidade a tendencia que todo o artista decaido ao passar á declamação manifesta para a dicção semi-cantada.

Judice em todos os seus trechos longos disse-nos com sua magoada, entonação distinta, a sua mascara sem exageros nem deformações escusadas, soube exprimir um sofrimento calmo, resignado, como o das mulheres que passaram e amaram um dia.

Numa pequena apaixonada e doente, a que sofre, espera e... vai para um convento, Constança de Navarro, ex-Constança d'Arnelo do Teatro Nacional, dá o mais expressivo que pode da sua arte. Com uma toilete esguia que mais tenue torna a sua figura foi por vezes quasi graciosa, mas muito diluidamente, sem convicção, sem vibatilidade alguma...

Outra figurinha curiosa, passageira, que apenas tem que contar uma historia despropositada e para encher, Fernanda de Sousa, equilibra-se.

Da parte masculina, Robles Monteiro tem a seu cargo o papel de velho sedutor, o pai de Magdalena. Já lhe conhecemos aqueles cabelos brancos que ficam bem. Tambem já hontem confessámos que apesar da sua grande boa vontade ainda não tem a «categoria» que corresponde á violencia do papel que lhe distribuiram; na parte de sofrimento, de calma, consegue manter-se. Na scena capital do 3.º acto, violenta, tragica, com fundos de patalogia, a voz cavernosa não basta para o efeito. Mas se não foi completo, nem o podia ser, o seu trabalho é justamente aplaudivel pelo e forço e pelo estudo que denota.

Henrique de Albuquerque, sedutor de cabelos brancos, fantoche que uma reviravolta no intervalo do 3.º para o 4.º acto nos faz aparecer com... bons sentimentos, defendeu-se o mais que pôde no dificilimo papel que lhe deram. E' certo que ninguem vê Henrique de Albuquerque capaz de seduzir já alguem, nem mesmo em teatro, mas o seu tipo foi composto com algum cuidado de forma que se tolerou quer no 1.º acto na sedução, quer na scena cinica, cruel, do 2.º acto.

Num papel que é muito interessante —o papel de Luiz—porque é na peça o representativo do bom caminho sempre desprezado, Ernesto Rodrigues consegue perder mais de metade dos efeitos que podia tirar. Um pouco emperrado nos gestos, empertigado, mereceu algumas correcções do seu ensaiador.

Scenarios—Mise-en-scene

Já dissemos que os scenarios são cuidados, modernos. A sala do Busaco é bem arranjada, merecendo elogio o detalhe dumas cestas usadas no local. Os reposteiros embirrantes. A marcação boa, mas esqueceram-se de recomendar uma dialogação mais vivo; a gritaria é despropositada na scena principal deste acto, quando apenas um ou outro grito devia soar mais alto... Num hotel, a dois passos do quarto onde o pai de Madalena dorme, e tão perto que se ouve este nas suas alucinações durante o sono...

A sala portugueza com o fundo onde se joga e depois se veem as figuras moverem-se a tomar chá é dum conjunto encantador.

A encenação de Antonio Pinheiro digna de elogios como sempre.

Armando Ferreira

Nota do dia

«Da influencia das palmas na fabricação das ESTRELAS»

Nada ha que faça tanto mal a uma actriz, do que uma salva de palmas.

E' veneno que lhe entra no sangue, e, uma vez inoculado, não deixa facilmente de lhe minar a vida, com prejuizo seu e dos outros, sem que o antidoto do bom senso consegui debelar o mal.

Os pequenos gestos, as escusas, as teferencias que se fazem no final dos actos! Nem que se não saiba que tudo aquilo é falso, torpemente idiota e que não ha ninguem que no teatro não goste de ouvir palmas, ainda mesmo dadas pela «claque» ou pelos porteiros da geral.

O poder das palmas!

Quanta intriga, má vontade e veneno não é espalhado com este ou aquele rotulo, mas que, bem dissecado, bem analisado á luz da verdade, não passa de consequencia de umas palmadasinhas que este ou aquele abichou!?

As palmas! Mas são talvez a origem de muitas vocações perdidas, de muitas esperanças fenecidas a breve data!

Quantos casos conheço de actores e actrizes que um dia mostraram habilidade para a scena, mas que o abuso da palma tornou burros e fez perder todas as qualidades scenicas, tornando-os em «canastrões» com vaidades idiotas!?

Que o aplauso é gostoso de ouvir, isso é claro como a agua limpa, mas que tomado sem consciencia, reconhecendo-se ás vezes até que não ha razão para tanto, é peor do que uma camada de bexigas doidas.

As palmas são sempre gratas. E' um premio a um esforço, a paga do um trabalho, mas dai a haver uma falta de consciencia que leva a receber ovações quentes e vibrantes quando o trabalho não presta e só porque se tem o nome em letras grandes no cartaz, é que é muito para pensar.

Quantos teem a noção nitida de que não foram talhados para determinada personagem, quantos se sentem pouco á vontade, apertados numa figura que não lhe quadra ao feitio, contrafeitos com exteriorisações que não podem sair perfeitas e vão depois, no final do acto, receber extremamente comovidos as palmas da claque que nessa noite foi muito aumentada por causa das moscas?

Não. As palmas são muito para apreciar mas quando são justas. Os comediantes muitas vezes deviam recusa-las porque representam uma certeza de vistas que só os pode prejudicar.

Mas, se não existissem as palmas não havia rasão para haver tanta «constelação» e dai o nosso teatro ser um perfeito ceu aberto...

João Lourenço.

ULTIMA HORA

Notas politicas

O sr. Pereira Osorio, falando sobre a acta do Senado, protesta mais uma vez contra a proclamação de senadores, fundada em simples comunicações telegraficas enviadas pelos governos do Ultramar. A doutrina do sr. Pereira Osorio parece-nos a mais legalmente defensivel e até mesmo aquela que cabe dentro do mais comezinho bom senso.

Realmente, não faz sentido que se admitia a legislar quem pode perder essa qualidade logo que sobre a legitimidade da eleição se pronuncie a respectiva comissão de verificação de poderes. Os senadores que, por virtude da deliberação do Senado, tomam assento são, por assim dizer, parlamentares provisorios, o que briga essencialmente com o mandato que são chamados a exercer. E' certo que de tudo isto não vem grande mal ao mundo e resulta até algum bem para a maioria governamental. O precedente, porém, é pouco recomendavel.

Hoje feriu-se a primeira escaramuça parlamentar, tão apagada que quasi nem se deu por ela. Na eleição para a presidencia do Senado venceu o governo, graças á ajuda dos reconstituintes, que votaram na lista do governo, dando o ganho da causa ao partido liberal.

Deve ter influido poderosamente na atitude dos reconstituintes a sua incompatibilidade com os antigos correlegionarios democraticos.

O que resta saber é até onde irá essa intransigencia, com a qual está lucrando a combalida maioria governamental.

✦ ✦ ✦

Trocámos hoje duas palavras com o sr. Ribeiro de Carvalho, presidente da comissão de verificação de poderes que tem a seu cargo as eleições de Aveiro e Lisboa, circulo ocidental. Disse-nos que a comissão deve pronunciar-se amanhã sobre a eleição de Lisboa. Quanto á de Aveiro, a resolução da comissão ainda demorará alguns dias.

✦ ✦ ✦

O sr. dr. Carlos Olavo mandou hoje para a mesa uma nota de interpelação ao ministro da guerra sobre a questão dos oficiais milicianos. Podemos garantir que o debate será generalisado, usando da palavra, além do interpelante, varios deputados democraticos, atacando com vehemencia o procedimento do ministro da guerra.

✦ ✦ ✦

Os reconstituintes votaram listas brancas na eleição de comissões realisada hoje. Parece que se fez um acordo entre liberais e democraticos para evitar a entrada dos reconstituintes nas comissões da Camara.

✦ ✦ ✦

O Senado proclama parlamentares que o são provisoriamente—por virtude de textos telegraficos enviados por membros do Poder Executivo; a Camara dos Deputados, para não lhe ficar atraz, dispensa o parecer das comissões em propostas de lei de grande importancia.

Donde se conclui que quanto mais se lhe meche peor fica: *plus ça change...*

✦ ✦ ✦

O sr. Tomé de Barros Queiroz deve apresentar na proxima sessão parlamentar algumas propostas sobre a compressão e redução de despezas, constando que a essa sessão assistirão bastantes funcionarios publicos.

A esse respeito, o sr. dr. Ginestal Machado, ministro da Instrução, informou-nos de que o funcionalismo pouco será atingido por essas medidas economicas, pois apenas lhe seria deduzida dos seus vencimentos uma pequena parcela da subvenção.

O sr. ministro do interior está preparando, ao que nos dizem, a resposta a dar ao sr. Mario de Aguiar, sobre a interpelação que este deputado lhe vai fazer sobre as eleições.

No Senado

Procedeu-se hoje á eleição da meza

Aberta a sessão á hora regimental sob a presidencia do sr. Jacinto Nunes, secretariado pelos srs. Mendes dos Reis e Oliveira Santos, respondem á chamada 41 senadores.

Após a leitura da acta o sr. Pereira Osorio pergunta por que razão o seu protesto na sessão anterior não é ali registado, ao que o sr. presidente responde só poder admitir esse protesto como declaração de voto, com o que o sr. Pereira Osorio concorda e a Camara tambem.

A seguir inicia-se a eleição de presidente e vice-presidente, sendo convidados para escrutinadores os srs. Rego Chaves e Fernandes d'Almeida.

Feito o escrutinio, verificou-se o seguinte resultado:

Presidente: dr. Augusto Barreto, 32 votos; vice-presidente, sr. Afonso de Lemos, 32 votos; 1.º secretario, sr. Mendes dos Reis, 32 votos; 1.º vice-secretario, sr. Henrique Braz, 32 votos; 2.º secretario, sr. Ramos Pereira, 15 votos; 2º vice-secretario, o sr. João Pessanha, 15 votos.

A' hora de encerrarmos este extracto a sessão continua.

O falecimento do tenor Caruso

NAPOLES, 2.—Faleceu o tenor Caruso.—(H).

A noticia chega-nos á hora de fechar o jornal. Impossivel se nos torna completar o laconico telegrama da Havas com as notas biograficas do notavel cantor.

Caruso, que o publico de Lisboa ouviu ha anos em S. Carlos, era hoje um dos primeiros artistas de opera.

A sua fama mundial valeu-lhe contractos que lhe renderam uma fabulosa fortuna. Ultimamente cantara na America do Norte, onde foi entusiasticamente acolhido.

União dos barbeiros

A comissão de melhoramentos da União dos Empregados Barbeiros de Lisboa reune hoje, pelas 21 horas, na rua do Arco do Marquez de Alegrete, 30, 2.º, conjuntamente com os fiscais do horario de trabalho.

Poeira da Arcada

O sr. Virgilio Correia Pinto da Fonseca foi exanerado, a seu pedido, de encarregado da leitura nocturna na biblioteca do conselho de arte e arqueologia da primeira circunscrição, devendo ser substituido pelo bibliotecario sr. Cristiano Romão Tavares.

✦ ✦ ✦

Segundo comunicação do Alto Comissario em Moçambique, recebida no ministerio das colonias, devido á extincção de varios comandos militares, que, como se sabe, foram substituidos por circunscrições civis, encontram-se ali muitos oficiais e sargentos sem comissão.

Pede por esse facto que seja sustada a ida de oficiais para Moçambique.

✦ ✦ ✦

O alto comissario em Moçambique pediu que urgentemente lhe sejam enviados valores selados, dizendo que para poder satisfazer as necessidades dos tribunais e outros serviços se viu forçado a mandar selar na Imprensa Nacional da provincia 50 mil folhas de papel.

✦ ✦ ✦

A direcção da Federação dos Sindicatos Agricolas do Centro de Portugal trocou hoje impressões com o sr. ministro da agricultura ácerca dos assuntos discutidos na reunião magna ultimamente realisada em Torres Vedras.

✦ ✦ ✦

Vai ser classificado do monumento nacional a capela de Nossa Senhora do Espinheiro, na freguezia de S. Mançor, concelho de Evora.

Salão Central

O Principe Excentrico
Os cavaleiros da Lua

Depois do enormissimo sucesso do «Grande Industrial», pelicula de admiraveis efeitos cinematograficos, enriquecida com o primoroso desempenho da encantadora actriz italiana Pina Menichelli, só uma outra, se não pelo menos igual poderia despertar um tão grande interesse no publico. Referimo-nos ao surpreendente «film», em 7 partes, «O Principe Excentrico», ultimamente estreiado naquele cinema e que ali tem atraido Lisboa inteira, desejosa de assistir ás suas sucessivas peripecias e de gosar o maravilhoso trabalho dos seus protagonistas, o actor Ruggero Ruggeri, duma correcção impecavel, cheio de simpatia e de elegancia, e a actriz Helena Makowska, que arrebata com a sua formosura, a sua arte e o luxo das suas «toilettes», os espectadores mais exigentes.

«O Principe Excentrico» é a pelicula da moda, podendo-se egualar o que sucesso ao do «Grande Industrial» que o publico se não cançou de vêr durante semanas seguidas.

Figuram tambem no programa os mais aplaudidos episodios dos «Cavaleiros da Lua», fita de grande metragem e de aventuras sucessivas.

Amanhã, estreia do 14.º episodios dos «Cavaleiros da Lua», entitulado «Duelo de Morte».

Vantagens para o publico

Piquetes nocturnos de electricistas para reparações urgentes

A falta do gaz tem determinado a vulgarisação da iluminação electrica que, sendo, como se sabe, a mais bela e mais vantajosa de todas as iluminações, está, todavia, sujeita a avarias que causarão grandes transtornos se, porventura, não se lhes puder acudir imediatamente. Um curto circuito, que é um acontecimento vulgar, o na sala mais brilhantemente ornamentada cai repentinamente em trevas profundas, o brilho e a claridade intensa da iluminação electrica tem de ser substituidos pela luz mortiça de qualquer outra origem.

Se houvesse perto quem estivesse habilitado a reparar a avaria, seria o mal de muito pouca dura. Infelizmente não é facil, em geral, e contar logo pessoa habilitada a remediar o acidente.

E' esta lacuna da falta do pessoal habilitado em reparações de instalações electricas ás ordens do publico durante a noite que a Casa Rubi da rua dos Retrozeiros resolveu preencher, organisando um quadro de operarios electricistas devidamente habilitados, os quais, revesados em piquete desde as 20 1|2 ás 23 horas, se encontrarão com o material necessario para reparações urgentes, á disposição de todo o publico na sucursal do «Seculo» do Rocio.

Salão Central

HOJE—Soirée ás 20 horas—HOJE

Os cavaleiros da lua

surpreendente film em 18 series, com interpretação dos artistas americanos **Art Acord e Mildred Moore**

11.ª serie—**A ante sala da morte**—2 p.
12.ª serie—**O poço em chamas**—2 p.
13.ª serie—**A cabana maldita**—2 p.

O principe excentrico—7 actos, admiravel comedia com soberba interpretação dos artistas italianos *Hlena Makowska e Ruggerio Ruggeri*.

Corrida de touros na praça do Campo Pequeno em 28 de julho, promovida pelos actores em beneficio da Casa Gil Vicente.

Amanhã na matinée, reprise dos 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º e 13.º e estreia do 14.º episodio do film **Cavaleiros da Lua.**

Maria Etelvina Lobo dos Santos e Silva Pacheco

FALECEU

Seu marido, José Pacheco, cumpre o doloroso dever de participar aos seus amigos que o funeral se realisa amanhã, 3, pelas 5 horas, na rua José Estevam, 10.

Vida Sportiva

Combates de box

Mario Gall reaparece no Stadium combatendo o campeão Simeth

Os organisadores dos combates de «box», que ultimamente se teem efectuado no Teatro Politeama e no Stadium, de colaboração com «Os Sports» conseguiram para domingo—apesar dos enormes encargos—o maior programa realisado até hoje entre nós. E' de facto o maior programa, não no numero de combates, mas no valor do encontro Mario Gall e o campeão suisso Simeth. Estes dois boxeurs, que o publico já conhece, são homens que se fazem pagar. O primeiro pela cotação que tem no nosso meio e mesmo em França e o campeão suisso, possuidor dum titulo, não arrisca assim por qualquer bolsa o seu nome. Dai a dificuldade de realisação do encontro. Tudo porem foi remediado hontem. Todos cederam um pouco e o grande combate vae realisar-se com uma bolsa superior a 3.500 francos, a maior que em espectaculos destes se tem disputado.

O campeão suisso e Mario Gall são dos pesos leves que em França possuem os melhores records.

Os organisadores, como no domingo passado, realisam o encontro no magnifico «ring» do Stadium, armado com a tecnica dos grandes encontros, onde nada falta, porque só assim se poderia conseguir colocar os dois homens frente a frente.

Que vae ser o combate?

Mario Gall resistente, batendo fortissimo e com a sua sciencia conseguirá sequer colocar o campeão suiso em perigo?

Tudo nos leva a crêr que sim, mas tambem temos que atender que o titulo que Simeth possue foi ganho com muito trabalho vencendo homens de categoria e não iria arriscal-o se não tivesse a certeza de uma victoria.

De resto Simeth é o homem que bateu Ruivo com facilidade no domingo passado apesar deste estar impossibilitado de combater do 5.º round em diante. E' por tanto Simeth mais forte que Ruivo e sendo este já batido por Mario, concluiremos que o campeão suisso é de facto o verdadeiro adversario de Mario Gall.

O que será o combate não sabemos, mas estamos certos que deve ser uma boa batalha.

TIRO

As provas da Sociedade de Tiro N.º 3

No ultimo domingo a Carreira de Pedrouços esteve animada.

Disputou-se a prova da Sociedade de Tiro N.º 3, tendo já terminado o seu fogo os srs. Adolfo Ferreira Lima, da S. T. n.º 1; Dario Canas, da S. T. n.º 2 e Capitão Andrea Ferreira, do C. I. F. e iniciaram-na: Capitão Real e Antonio Montez da S. T. n.º 2; Eduardo Mendonça, da S. T. n.º 3, Alberto Bravo, do C. I. F. e Caneco, do C. P. A. C.

Está marcado para o proximo domingo o ultimo dia desta prova, mas como ainda faltam concluir o fogo 15 atiradores, se não houver tempo para que todos o terminem, provavelmente será concedido mais um domingo para o poderem fazer.

CICLISMO

Uma prova de 50 quilometros

O Luzitano Club Ciclista realisa no dia 7 do corrente uma prova de 50 quilometros em bicicleta, para amadores de todas as categorias; sendo dada a partida ás 17 horas, do Campo Grande (chafariz).

A inscrição continua aberta na séde da U. V. P. e na casa Velo-Estefania.

NATAÇÃO

Varias noticias

No dia 5 de Outubro realisa-se a prova «Meia milha» cuja inscrição continua aberta na séde do Ginasio Club Portuguez.

—No dia 25 de Setembro, tambem organisada por este club, realisa-se a prova da «Travessia do Tejo».

—Está aberta a inscrição para o curso de natação que foi inaugurado hontem pelo Casa Pia Atletico Club

REMO

As regatas de domingo ultimo

Realizaram-se no ultimo domingo as regatas do Campeonato de Portugal, disputando-se a «Taça Lisboa» que foi ganha pela tripulação da Associação Naval de Lisboa. Em segundo logar, classificou-se o Club Naval e em terceiro o Sport Club do Porto.

Realizou-se tambem uma regata de «inriggers» de 6 remos, em que ficou vencedora a tripulação do Sport Algés e Dafundo por tres comprimentos sobre a Associação Naval.

A tripulação do Sport Club do Porto apresentou um protesto pelo facto da corrida da Taça Lisboa ser feita em barcos desiguais o que colocou os concorrentes do Porto em manifesto desigualdade.

Federação Portugueza de Box

Eleição de corpos gerentes e aprovação de regulamentos

A Federação Portuguesa de Box, convida todos os clubs aos quais o «box» interessa, a enviarem delegados a uma reunião que se efectuará, na séde do G. C. P., na rua Serpa Pinto, 4, na segunda-feira, 8 de Agosto ás 21 horas.

A reunião que tem por fim a aprovação dos regulamentos da F. P. B. e eleição dos corpos gerentes, resolverá com qualquer numero.

A CAPITAL

3850 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quarta-feira, 3 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

O governo e o parlamento

Na apresentação do governo ao parlamento não falteu quem extranhasse o facto do discurso do sr. Barros Queiroz nada conter relativamente ás circunstancias em que se constituiu o actual governo. Semelhante falta briga com as praxes parlamentares, e não se concilia mesmo com a logica das situações. Por isso mesmo a extranheza manifestada em certos meios politicos teve realmente toda a razão de ser.

O mutismo do governo sobre tal assunto é com efeito, inexplicavel. Dir-se-hia que não houve nenhuma solução de continuidade, e que naquela sala, onde o ultimo governo que tomou logar na respectiva bancada foi o governo presidido pelo sr. Bernardino Machado, novamente se apresentava o mesmo ministerio, apesar desse ministerio ter caido zá fóra em virtude dum acto de força e de até haver sido dissolvido o parlamento com cujo apoio ele contava.

Não compreendemos porque não tomou a palavra um deputado para preguntar ao sr. Barros Queiroz, já que s. ex.ª se esqueceu de incluir nas indispensaveis esclarecimentos no seu discurso, qual o motivo porque caiu o governo Bernardino Machado, a quais as razões por que ele proprio se encontra hoje á frente dos destinos da nação.

Nunca uma omissão desta natureza se registou em actos semelhantes. E compreende-se que assim não deva suceder, porque, em um Estado, nunca deixa de existir a entidade governo. Assim que um sai do poder, entra logo outro, mas é preciso saber-se porque é que um abandona as cadeiras do poder e porque é que outro as ocupa. Pelo menos, á representação nacional nunca se pode furtar o pleno conhecimento de tal facto.

Desta vez não sucedeu assim; por quê?

E' natural que o chefe do governo ainda seja interpelado a este respeito, e certamente não se eximirá então a esse indispensavel esclarecimento.

Assim como houve quem dissesse, acerca duma carta anonima, que o nome mais escuro era aquele que ficava em branco, assim tambem os casos que necessariamente temos de reputar mais graves são aqueles sobre os quais se faz intencionalmente, o maior mutismo.

A verdade é que o gabinete antecessor do sr. Barros Queiroz caiu em consequencia de sucessos anormais, que não podem deixar de ser, mais tarde ou mais cedo, examinados com atenção.

Não tiveram responsabilidades nesses sucessos o sr. Barros Queiroz, os seus colegas, o seu partido? Nada nos autorisa a supo-lo.

Mas o sr. Barros Queiroz é o chefe do governo, está no poder com o seu partido, e o seu dever é informar a Camara dos factos que determinaram a queda do governo transacto, e a sua propria chamada ao poder.

Relatar um caso não equivale á demonstração do nelo necessariamente se haver tido uma participação qualquer. O sr. Barros Queiroz tinha de relatar um caso, sobre o qual o parlamento tem de formular uma opinião, e nunca o poderá formular sem conhecer as circunstancias em que esse caso se deu e as caracteristicas que assumiu.

Por isso a extranheza manifestada pelo silencio do governo sobre os factos que tiveram o seu inicio no dia 21 de maio e que levaram á dissolução parlamentar e á organisação do gabinete liberal é realmente legitima. A politica portugueza não pode nem deve ser um mysterio.

A reunião do Conselho Supremo

PARIS, 2.—Segundo diz o *Matin*, além da Grã-Bretanha e da Italia, tambem com certeza será dirigido convite á Belgica, provavelmente a Jugo-Slavia e talvez á Polonia e Romania, como estados limitrofes da Russia, para tomarem parte na proxima sessão do Conselho Supremo e, se assim, se o debate sobre a que tão do Oriente se ampliar, será tambem ouvida a Grecia. Quanto aos Estados Unidos o governo francez desejaria que o coronel Harvey, embaixador em Londres, tivesse na generalidade das sessões do Conselho poderes mais efectivos que o papel de simples observador. Falando dos assuntos que o conselho abordará, o *Matin* escreve que quanto á Alta Silecia é duvidoso que os peritos tenham terminado já os seus trabalhos e que é provavel que o conselho não tome senão resoluções provisorias no genero daquela que foi encarada anteriormente e que consiste em atribuir os territorios não contestados, restringindo assim a zona á qual deve ser aplicada a decisão dos aliados. Diz o mesmo jornal que a França não admitiria sem duvida tal solução passageira senão com a condição de que a votação sobre os territorios assim eliminados fosse contados para a resolução definitiva. Quanto á Russia escreve ainda o *Matin*, que o dever de humanidade, o exemplo dos Estados Unidos e a oportunidade da opportunidade politica farão provavelmente com que os aliados intervenham afim de salvarem da catastrofe as populações da Russia, impondo certas condições ao governo soviético.—(H).

INSISTINDO

CAMBIOS

O que resultaria da mistificação a que se pretendeu levar o governo

O governo tem a obrigação, sem duvida, de promover a melhoria cambial. Não só a vida cara é uma função do cambio nas divisas baixas, mas ainda o pavoroso «deficit» mar cado nas contas publicas só pode ser atenuado em grande parte pela diminuição de encargos resultante do aumento do poder de compra da moeda portuguesa.

Toda a gente sabe que isto é assim. Mas não pode o governo, nem este, nem qualquer outro, «fazer subir as divisas á custa duma falsidade». Se o fizesse, perderia toda a autoridade perante a nação, embora agradasse a banqueiros e especuladores que jogaram na alta e se vêem agora aflitos para fazer a sua cobertura.

Insistamos neste ponto:

O que devia fazer melhorar o cambio, legitimamente, não era a noticia de que o Estado portuguez dispunha lá fóra, em determinadas condições, de credito de 50 milhões de dollars. A melhoria só podia resultar, em verdade, da circunstancia do governo e entidades comerciais particulares deixarem de concorrer á praça para a compra de ouro destinado ao pagamento de trigo, carvão e algodão.

Pretender que o governo estabelecesse no espirito publico a impressão de que assim era, «sem que estivesse feito o acordo para a utilisação comercial do contracto», é cair no capas duma mistificação que representaria o seu descredito.

De resto, essa mistificação só produziria resultados passageiros. A falsidade da afirmação tornava-se evidente desde que se continuasse a fazer a aquisição daqueles artigos sem ser por intermedio do credito aberto. E, como assim sucederia, «porque, de facto, assim sucedeu», ninguem mais acreditaria em qualquer informação sahida das regiões governamentais.

E' claro que se daria a afluencia na praça de vendedores de cambiais e de outros valores ouro desde que o governo se convencesse durante alguns dias de que deixara de ser comprador. Averiguado depois que se tratava duma falsidade, os mesmos vendedores iriam procurar adquirir novamente os valores ouro que tinham posto no mercado. Assim como o aumento da oferta tinha provocado a melhoria, a procura inesperada daria logar a um agravamento. Em muitos casos havia de acontecer que o vendedor da vespera só adquiria novamente os seus valores por um numero de escudos muito superior ao que tinha recebido pela sua venda. Admitindo que a primeira transacção tinha sido feita a um cambio de 10—no momento da afluencia de vendedores—e que a segunda se realisava a um cambio de 8—na altura do agravamento resultante da descoberta do logro em que tinham caido—a operação era liquidada com um prejuizo de 10 escudos em cada libra.

Todos os defraudados teriam o direito de acusar o governo da responsabilidade, directa e exclusiva, do seu prejuizo, que reverteria apenas em beneficio dos que jogaram na alta, dos que aproveitavam a noticia melhoria para as suas coberturas, e dos banqueiros que maiores compras tivessem efetuado durante a subida das divisas.

Não ha ninguem que isto sofra contestação. E porque assim é, e porque o governo não deixará de esclarecer a opinião publica sobre o caminho que seguiu em assunto de tão alta responsabilidade, nenhuma duvida temos de que as suas palavras virão confirmar o que nas colunas da «Capital» se tem escrito—com o claro intuito de zelar os interesses do Estado e combater os ganhos ilicitos dos especuladores que julgaram azado o momento para arrecadar mais alguns milhares de contos.

DEPOIS DAS ELEIÇÕES

O sr. dr. Mario Monteiro afirma:

Em Portugal ha só dois grandes partidos: o monarquico e o democratico

No seu gabinete de advogado fomos ha pouco encontrar o sr. dr. Mario Monteiro, uma das mais categorisadas figuras da corrente de opinião monarquica, e candidato a senador por Portalegre.

O sr. dr. Mario Monteiro prepara-se para sair e desculpa-se de não poder dispensar-nos a sua atenção, pois esperam-no na Boa Hora. Insistimos, pedindo a s. ex.ª que nos concedesse algumas breves palavras sobre a actual situação politica.

—O momento é gravissimo—começa o nosso entrevistado—e o governo parece alheio á gravidade da situação do paiz.

«Bem recebido pela opinião publica, o governo declarou ir fazer unicamente politica conservadora, mas—caso ironico!—atacou duma forma politica imoral as correntes conservadoras da Nação, roubando-as ignobilmente nas ultimas eleições em favor dos seus correligionarios.

«A representação monarquica parlamentar seria um importante factor para a obra de ressurgimento nacional que este governo se quer impôr, e muito contribuiria para defender o proprio ministerio das exigencias dos seus correligionarios, por uma fiscalisação sevéra do emprego a dar aos dinheiros publicos, não permitindo em caso algum o seu esbanjamento.

«Estou certo que muitas vezes, e em determinados casos, o governo só poderia contar com os deputados monarquicos para lhe aprovarem as propostas tendentes a melhorar a situação economica e financeira do paiz.

«Dentro do Parlamento, os monarquicos não tencionavam opôr uma oposição sistemática ao governo, mas sim fiscalisar, pondo de parte paixões politicas, os actos dos nossos governantes, auxiliando-os por vezes na realisação de tudo quanto podesse vir beneficiar a Nação.

«Criminosamente e duma forma absolutamente imoral, o governo que se dizia conservador, procurou evitar a nossa representação parlamentar, usando processos indecorosos na realisação do acto eleitoral e até mesmo nas comissões de verificação de poderes.

«Com essa atitude indigna o governo perdeu todo o prestigio adquirido e suicidou-se moralmente. O partido monárquico é, sem duvida alguma, aquele que representa a mais forte corrente de opinião publica, e por isso mesmo os nossos governantes deviam ter tido um pouco mais de tacto e ponderação antes de cometerem a leviandade, ou mesmo o crime, de nos roubarem os votos nas assembleias eleitorais.

«Mesmo assim, tenho motivos que me levam a crêr que se conseguira obter a necessaria representação parlamentar que nos permita fiscalisar de perto os actos dos governantes republicanos, sem todavia como se poderia justamente esperar atacármos sistematicamente o actual governo.

«A nossa oposição será baseada nos nossos principios de lealdade politica, e sem conluios de qualquer especie.

«O momento é grave, e todos os partidos se deviam unir e conjugar os seus esforços para a salvação da Patria. Infelizmente sucede o contrário!

—Como se poderia, na opinião de v. ex.ª, remediar a actual situação politica?

—Eu lhe digo—responde s. ex.ª—Apesar do governo ter feito o que fez em materia de eleições, e como não é possivel da maneira como está constituida a camara, fazer outro governo sem uma nova dissolução, é minha opinião que o ministerio do sr. Tomé de Barros Queiroz deve continuar a governar, pois a não serem os liberais, não vejo quem padesse agora subir ao poder. Isto parece paradoxal, se atendermos á atitude pouco digna do governo para com os monarquicos, mas é necessario e patriotico deixar que ele mostre a sua capacidade governativa, permitindo-lhe que inicie a realisação das medidas que fazem parte da declaração ministerial.

«Governos de concentração não dão nada de util, está provado á evidencia; outro governo não se poderia formar, como já lhe disse. O que é preciso? Ou dissolver novamente estas camaras, o que eu apoio, ou deixar governar o sr. Barros Queiroz. Eu opto por esta ultima solução.

«O governo, repito, perdeu o prestigio que tinha, cumprindo-lhe agora reconquistá-lo por uma boa e inteligente administração dos dinheiros publicos, esquecendo as lutas partidarias e mesquinhas para se dedicar unicamente á obra da nossa reconstituição nacional!

E o sr. dr. Mario Monteiro concluiu:

—E' necessario que o governo tenha em vista que o partido liberal é uma ficção. Em Portugal existem apenas dois grandes partidos:—O monarquico e o democratico!

Chegavamos á Boa-Hora. Não quizemos subir. O sr. Mario Monteiro aperta-nos a mão e despede-se de nós com um bom sorriso exclamando ainda:

—E é quanto lhe posso dizer, por agora. Tenho pressa, muita pressa... Agora se quere subir!...

UMA INEXGOTAVEL FONTE DE ENERGIA

A electricidade da atmosfera

Um sabio americano tenta aproveita-la por meio de balões cativos

A atmosfera que rodeia a terra contém, sob a forma de electricidade, grandes quantidades de energia que, se fosse utilisada, forneceria vantajosos recursos á industria humana. Para se dar uma idéa, bastar-nos-ha dizer que, normalmente, por cada metro que se eleva na atmosfera existe uma diferença potencial de 100 volts, aproximadamente, isto é, 100 vezes mais que uma lampada de Volta, o que faz uma diferença potencial de 100.000 volts por cada quilometro de altitude. O sentido desta diferença potencial é tal que a atmosfera é electrisada precisamente pela força do sol.

Esta enorme energia electrica, concentra-la no ar que respiramos, manifesta-se por vezes, brutalmente nas intensas descargas electricas das tempestades, nos relampagos e no trovão.

Habitualmente, porém, ela não é insensivel ao facil contagio electrico do ar que faz com que a atmosfera permaneça como que em circuito electrico aberto e sobre o qual se colocasse uma pilha electrica, mas sem qualquer manifestação electrica, o que faria, para se utilisar esta energia, com que se formasse o circuito e estabelecesse a corrente.

E' curiosissimo, o que acaba de conseguir nestas experiencias um sabio americano, Mr. Hermann Dlauson. Para obter a electricidade da atmosfera, utilisou-se dum balão cativo, coberto duma larga flama metalica, munida de grande numero de pontos agudos parecidos com os *para-raios*; fez subir o balão a 400 ou 500 metros de altura.

A electricidade recolhida assim ao cimo do balão pelas *fontes* e era conduzida ao solo por um cabo metalico na borda do qual fazia uma faisca que produzia á sua volta a oscilação electrica dum circuito.

Obtem-se assim, com um só balão montado a 350 metros de altura uma quantidade de energia aproximadamente de 18 quilowatts por hora, e com dois balões convenientemente preparados pode-se obter 92 quilowatts por hora. Calcula-se que uma bataria de dez balões destes forneceria anualmente uma quantidade de electricidade igual a 210.000 quilowatts por hora.

E' admiravel e muito se pode esperar deste novo processo de obtenção electrica.

NA COSINHA ECONOMICA

Um embrulho de valores perdido por uma «pobre» que estivera jantando

Maria Walter, moradora na vila Castelo, foi jantar á Cosinha Economica, dos Prazeres. Por esquecimento, deixou sobre a mesa um embrulho. Ao dar pela falta dele, voltou atraz, mas não o encontrou. Dirigiu-se, então, á policia e ali participou que o embrulho continha nem mais, nem menos do que trez cheques de cinco mil marcos sobre o Banco Ultramarino, uma caderneta da Caixa Economica de Madrid e duzentos e quarenta escudos em dinheiro portuguez.

A policia prometeu-lhe providenciar, a fim de ver se consegue descobrir quem encontrou o embrulho.

O pessoal da Cosinha Economica, ouvido sobre o assunto, declarou não ter visto sobre as mesas nada que se parecesse com o embrulho perdido.

Pão nosso de cada dia

—*Não tens um irmão desse?*
—*Irmão de quem?*
—*Do teu delicioso charuto.*
—*Não tenho: é filho unico e a mãe é viuva.*

Livros novos

Deve ser posto á venda em Outubro proximo o 1.º volume de «Cronicas de viagens», do nosso colega de redação Armando Ferreira, com ilustrações de Rocha Vieira. A edição, que é elegantissima, pertence á nova empresa «Lumen».

AS RIQUEZAS NATURAIS DO PAIZ

Uma bela obra a realisar:

construir sanatorios, que chamariam a Portugal grande numero de estrangeiros

Muitas são as riquezas naturais, que temos no nosso paiz e de cujo aproveitamento dependerá a melhoria da nossa situação economica. A preocupação de todos os portuguêses deve ser: contribuir quanto possivel, para se evitar a saida de qualquer quantia para o estrangeiro. Ora, uma das grandes riquezas que temos a explorar é a situação privilegiada em que nos encontramos com respeito ao clima, que tem condições excepcionais para que se construam sanatorios para o tratamento de doenças pulmonares, da tuberculose ossea, etc. Toda essa gente que possui actualmente grandes capitais imobilisados nos bancos extrangeiros, que linda obra realisava, se os empregasse na construção de sanatorios de altitudes de planicie ou maritimos, que permitissem chamar a Portugal os doentes que vão para a Suissa, França, Italia e Alemanha, onde não encontram condições tão vantajosas, como no nosso paiz.

Ha dias, quando estivemos visitando o Sanatorio Sousa Martins, na Guarda, o seu director nosso presado amigo, o distincto tisioterapeuta sr. Dr. Lopo de Carvalho nos disse:

Não calcula quantos doentes portuguezes vão á Suissa, procurar a cura da tuberculose pulmonar, e depois de terem por lá gasto algumas dezenas de contos, sem resultado veem aqui encontrar a cura. E se alguns não obteem resultado, é porque deixam chegar a doença ao ultimo periodo e pode-se dizer que 60 0/0 dos doentes, que se dirigem ao sanatorio da Guarda, já vão em tais condições. E apesar disso conseguem obter resultados maravilhosos. O sanatorio Sousa Martins instalado na Guarda é um estabelecimento que reune todas as condições, de um sanatorio de altitude a (1037m). As condições climatericas fazem esquecer qualquer pequena deficiencia que ali se nota em recursos materiais. A excecional competencia do seu diretor o sr. dr. Lopo de Carvalho, auxiliado por um assistente muito experimentado o sr. dr. Amandio Paul, é ainda uma garantia de exito, para se evitar a saida de doentes para o estrangeiro. Mas é certo que a afluencia ao sanatorio Sousa Martins não pode ser maior, visto que ali não se pode receber mais doentes, por estarem ocupados todos os quartos dos pavilhões.

E' para este ponto que devemos chamar a atenção da Assistencia Nacional, para ver se se consegue obter capitais para a ampliação do Sanatorio Sousa Martins. Nos 27 hectares de terreno, que pertencem á assistencia, ha muito que se espera para construir pavilhões e «chalets».

Estes ultimos permitem que as familias ali se instalem quando queiram acompanhar os doentes. Dão um rendimento bem remunerador para o capital empregado.

Na serra da Estrela está tudo por fazer. Basta dizer-se que o transporte até lá é quasi impossivel de ser suportado por um doente, que vá de Gouveia a Manteigas. E' necessario escolher o verdadeiro local, que é possivel seja o vale de Conde e aproveitar as condições que a serra da Estrela apresenta para a cura nas altitudes.

Como sanatorio de planicie temos o que foi edificado em S. Braz de Alportel, sob o patrocinio do sr. Vasconcelos-Porto, para o tratamento dos empregados dos caminhos de ferro do Estado. E' uma obra que tem produzido resultados admiraveis. A estatistica de curas, em um periodo curto, apresentada pelo ilustre diretor clinico sr. Dr. Alberto de Sousa, mostra bem como aquele local já devia estar aproveitado para um grande sanatorio, que recebesse doentes de todo o mundo, e sobretudo nas estações da primavera, outono e inverno.

E a respeito de sanatorios maritimos quanto temos para dizer!

Basta que tratemos dessa obra incomparavelmente bela, que não se pode visitar sem a mais profunda emoção: é o sanatorio maritimo de Gaia, instalado na Praia de Valadares, perto do Porto, que deve a sua existencia ao sr. dr. Ferreira Alves e á iniciativa particular. Ocupar-nos-emos especialmente desta maravilhosa obra portugueza.

J. Correia dos Santos.

A doença suspeita

Continuam retidos nos pavilhões 6 e 7, do Hospital do Rêgo, os inquilinos dos predios 78 e 88, da rua do Passadiço, bem como os moradores da casa n.º 4, da rua da Mouraria, onde esta instalado o animatografo «Salão Lisboa».

Dos inquilinos que andavam fugidos, apresentou-se um, do 1.º andar do predio 88, pelo que estão no pavilhão 6, 36 pessoas e no pavilhão 7, 52 entre mulheres e creanças. Estas pessoas não estão, nem nunca estiveram atacadas de doença suspeita, mas simplesmente para observação, em consequencia de estarem mais em contacto com os atacados, que são duas mulheres e dois menores, que foram para o pavilhão 2 e aos quais foi injetado sôro.

Não faleceram naquele hospital os donos do «Salão Lisboa», pois nem sequer lá deram entrada. Simplesmente ali entrou, para observação, a familia de um empregado daquele animatografo, a qual se encontra de perfeita saude.

Parece que só no proximo domingo sairão do Hospital as familias ali internadas, ficando apenas em tratamento o pequeno Antero Flavio.

POLITICA

Nos Passos Perdidos

Um pessimista

Diz-nos um ilustre deputado, antigo ministro e personagem representativo do partido democratico:

—Lembrar-me eu, meu caro amigo, que todos os senhores trazem as algibeiras cheias de novidades e se recusam a dar-me um pouco do que lhe sobra...

—Novidades?... Isto, como vê, está soturno, estagnado.

—O governo aguenta-se...

—Talvez, com a nossa escora. Mas, creia, o que ele quere é deitar-se abaixo. Sente-se pouco seguro. Esta informação tive-a ou esta manhã e é de confiança.

—Pois eu acredito que tudo se resolverá com uma crise limitada ás pastas da guerra e do interior.

—E eu não!...

A questão duriense

Era opinião geral que o debate sobre a questão dos creditos para os viticultores do Douro será acêso. Segundo parece as emendas á proposta governamental serão numerosissimas.

Outro pessimista

Diz nos um antigo parlamentar, por nós interrogado acerca da crise total ou parcial:

—Disseram-me agora que seria total.

—E a causa? Falta de dinheiro?

—Nada disso. Dinheiro haverá o que fôr preciso... em notas. A causa é outra e mais grave. E' a falta de trabalho, que já começou e que, dentro dum mez, será enorme.

Palavras ao vento...

O sr. Antonio Luiz Gomes protestou hoje na Camara dos Deputados contra a desatenção com que era ouvida a leitura da acta. O sr. Presidente Jorge Nunes deu-lhe razão e declarou que suspenderia a sessão se a Camara não estivesse atenta e silenciosa. Vozes de todos os lados:

—Apoiado! Apoiado!

Dali a segundos o susurro era ensurdecedor...

Um emprestimo interno

As condições em que o governo se propõe realisa-lo

E' do seguinte teor a proposta levada hoje á Camara pelo sr presidente do ministerio e ministro das finanças ácerca da emissão dum emprestimo interno:

Artigo 1.º E' o governo autorisado a proceder á emissão de um emprestimo interno, destinado ao pagamento da divida flutuante, incluindo o débito ao Banco de Portugal, a saldar as dividas ainda por satisfazer de anos economicos findos, a cobrir o *deficit* do ano economico corrente e, porventura, os dos anos futuros, e ainda á realisação de obras de fomento constantes de leis que vierem a ser votadas pelo Parlamento.

Art. 2.º Este emprestimo, que constituirá o novo fundo da divida publica portuguesa, será representado por titulos do capital nominal de 100$, 500$, 1.000$ e 5.000$, e amortisavel em setenta e cinco anos e vencerá o juro anual de 6 por cento.

§ unico. A emissão poderá ser feita em séries das importancias que ao governo convenha fixar, para o que se terá em vista as necessidades do Tesouro e as demais circunstancias que possam influir nessa fixação, devendo contar-se o prazo de amortisação de cada série, a partir da data da respectiva emissão.

Art. 3.º A amortização será semestral e far-se ha por sorteio ou compra no mercado, como mais convenha ao Estado, deixando os titulos sorteados de vencer juro no semestre seguinte ao do sorteio.

Art. 4.º Os juros do novo fundo de 6 por cento serão venciveis aos semestres e o seu pagamento efectuar-se-há não só em todos os concelhos do continente da Republica e das ilhas adjacentes e em todas as capitais de distrito das provincias ultramarinas como nas localidades de paises estrangeiros onde haja colonias de população portuguesa que o reclamem, sem encargos de transporte para os portadores dos titulos.

Art. 5.º Os titulos a emitir serão nominativos ou ao portador, mas todos eles serão munidos de folhas de cupões contra a entrega dos quais serão pagos os respectivos juros.

Art. 6.º E' igualmente o Govêrno autorizado a converter no novo fundo amortizavel de 6 por cento, unificando-as, a divida consolidada interna de 2,1 por cento, a divida amortizavel interna de 2,8 por cento de 1888-1890 e a de 3,15 por cento de 1888-1889, nos termos seguintes:

§ 1.º A determinação do capital do novo fundo de 6 por cento, correspondente ao capital dos titulos das dividas consolidada e amortizavel sem prémios, será feita dividindo o juro destas por 0,06, e o correspondente ao capital dos titulos da divida amortizavel com prémios, de 2,8 por cento de 1888, dividindo tambem por 0,06 o respectivo juro acrescido, porém, para cada obrigação, da quantia equivalente aos prémios de amortização que havia a satisfazer até a sua extinção.

§ 2.º Como consequencia do disposto no parágrafo anterior, a partir do semestre seguinte ao da promulgação da presente lei, deixarão de ser amortizados com prémios os titulos do actual fundo de 2,8 por cento de 1888.

§ 3.º Aos portadores dos titulos da divida amortisavel, convertivel por esta lei, serão entregues titulos especiais, sem juro, do valor nominal de 100$, representativos das diferenças entre os valores nominais dos titulos convertidos e os dos que lhes foram entregues por conversão, os quais serão amortizados por sorteios no prazo de setenta e cinco anos, estabelecido para amortização do novo fundo

Art. 7.º Além dos titulos representativos do novo fundo de 6 por cento serão criadas cautelas de minimos necessárias para facilitar as conversões.

§ único. Em qualquer época poderão ser substituidas as cautelas de minimos por titulos definitivos do novo fundo, quando o seu numero, apresentado á substituição, perfaça um capital igual ou multiplo daqueles titulos.

Art. 8.º Os encargos do novo fundo de 6 por cento, além da garantia dos rendimentos gerais do Estado, como divida publica, continuam a ter a consignação dos rendimentos livres das alfandegas da metropole, como actualmente; o novo fundo de 6 por cento fica isento, tanto em juro como em capital, do imposto geral sobre os rendimentos e de sêlo dos titulos.

Art. 9.º O Governo determinará qual a parte da divida nacional actual que representa a soma das quantias empregadas em beneficio das colonias e fixará a responsabilidade de cada uma delas nessa parte da divida, a fim de que nos respectivos orçamentos coloniais se descrevam os correspondentes encargos.

Art. 10.º O Governo decretará as providencias que entender necessarias para a execução desta lei e abrirá os creditos especiais que forem precisos para ocorrer ao pagamento das despesas e encargos que dai resultem.

Art. 11.º E' o Governo autorisado a negociar a abertura de créditos no estrangeiro destinados á compra de generos, produtos e materiais de absoluta necessidade, ocorrendo oportunamente com o quantitativo de venda desses generos, produtos e materiais a liquidação desses créditos.

Art. 12.º E' tambem o governo autorizado a negociar emprestimos externos e a mobilizar os titulos que representarem a parte que a Portugal pertence nas indemnizações de guerra.

Art. 13.º Fica revogada a legislação em contrario.

ULTIMA HORA

Funcionalismo publico

Organisação dum novo quadro de adidos — Vencimentos fixados — A sua relação com o cambio sobre Londres

Pela proposta do sr. ministro das finanças acerca do funcionalismo publico, serão fixados quadros com o pessoal absolutamente indispensavel para a execução dos serviços. Os funcionarios que não ficarem nesses quadros serão considerados adidos, regulando-se a sua situação pelas seguintes disposições:

1.º São dispensados de comparecer nas repartições e de prestar serviço enquanto estiverem nessa situação;

2.º São abonados dos vencimentos de categoria que lhes competiam no momento em que passaram á situação de adidos e durante todo o tempo em que nela se mantiverem;

3.º São abonados de uma parte da subvenção que actualmente percebem, por forma que, acrescida ao vencimento de categoria, corresponda durante um primeiro periodo de três meses a 85 por cento da soma que presentemente lhes é satisfeita, durante um segundo periodo de três meses a 75 por cento da mesma soma e num terceiro periodo de seis meses a 55 por cento tambem da referida soma.

As vagas que ocorrerem em qualquer quadro de qualquer serviço serão preenchidas por adidos da mesma categoria ou equivalente e segundo uma classificação que será feita por ordem do mérito, em harmonia com as suas aptidões legais ou provadas. As aptidões legais justificam-se pelos diplomas oficiais e as aptidões provadas pelos informações dos chefes de serviço ou por provas publicas prestadas a requerimento dos interessados.

Os adidos que se recusarem a desempenhar as funções para que forem nomeados, por efeito do estabelecido no artigo anterior, serão demitidos do funcionarios publicos sem mais formalidades do que as necessarias para se provar que não tomaram posse do lugar ou que, tendo tomado posse, não desempenharem essas funções, salvo se oficialmente se constatar a impossibilidade material de se transportarem do local onde estiverem para o do serviço.

Enquanto houver adidos, quando haja qualquer vaga a preencher, o secretario geral do Conselho Superior de Finanças informará qual o que, segundo a ordem de classificação, deve ser nomeado para o desempenho das respectivas funções, não sendo validas para nenhum efeito as nomeações a respeito das quais se não haja cumprido esta formalidade.

O secretario geral do Conselho Superior de Finanças é criminal e civilmente responsavel pelos prejuizos que o Estado sofrer, em consequencia do mau uso que fizer da atribuição que lhe é conferida.

Quanto aos funcionarios que ficarem nos quadros, o Governo fica autorisado a fixar os seus vencimentos de categoria e de exercicio e as subvenções necessárias, nos termos seguintes:

1.º Os vencimentos de cada categoria serão iguais em todos os Ministerios e serviços que deles dependam e os seus importancias poderão ser superiores até 50 por cento das que em 1 de Setembro de 1915 estavam fixadas, para efeitos disciplinares, para a mesma categoria no Ministerio que tinha vencimentos mais elevados, devendo proceder-se por comparação á fixação dos vencimentos de categoria dos lugares criados posteriormente áquela data e que, de conformidade com a presente lei, hajam de subsistir.

2.º Os vencimentos de exercicio serão diferenciados em harmonia com as habilitações e as especialisações exigidas, a intensidade de trabalho e as responsabilidades dos cargos, não podendo ser inferior s a 20 por cento nem superiores a 40 por cento dos respectivos vencimentos de categoria.

3.º As subvenções serão fixadas, para periodos semestrais pela forma que segue:

a) Somadas com os novos vencimentos de categoria e exercicio, considerando-se estes vencimentos liquidos de imposições legais e tomando por base a cotação de 10 do cambio sobre Londres, corresponderão, para cada cargo ou emprego, ás actuais retribuições do mesmo cargo ou emprego, compreendendo-se nessas retribuições os vencimentos de categoria e de exercicio e as subvenções diferenciais ou ajudas de custo de vida que presentemente se abonam;

b) Serão aumentadas ou reduzidas de 4 por cento por cada unidade em que for diminuida ou acrescida a referida cotação, segundo a média das cotações do escudo sobre Londres nos seis mezes imediatamente anteriores ao periodo semestral em que as subvenções tenham de ser pagas.

c) Se a média das cotações de cada periodo de seis mezes apresentar fracção decimal, arredondar-se-há para a unidade imediatamente superior, se essa fracção for igual ou superior a 0,5, e para a unidade imediatamente inferior no caso contrario.

d) Para os efeitos do disposto nas alineas *a)* e *b)* o Governo fica autorisado a proceder á correcção daquelas actuais subvenções diferenciais que adicionadas aos vencimentos de categoria e exercicio dos respectivos cargos ou empregos, não correspondam ás retribuições desses empregos anexos aos serviços fora do Estado.

Aos funcionarios aposentados e reformados será abonada, além das suas pensões de aposentação ou reforma, uma subvenção que será igual a 55 por cento da que semestralmente competir aos de iguais ou correspondentes categorias na efectividade de serviço.

PARLAMENTO

NOS DEPUTADOS

O chefe do governo apresenta o orçamento geral do Estado

Com regular concorrencias nas galerias e 75 deputados funcionou hoje a camara dos deputados, presidindo o sr. Jorge Nunes, que abriu a sessão á hora regimental, estando presentes os srs. ministros do Comercio, Finanças, Justiça e Trabalho.

Lida a acta, o sr. Presidente põe-a á votação.

O sr. Antonio Luiz Gomes lembra que para a acta ser lida da forma como se costuma lêr, no meio da maior agitação, melhor será não ser lida. A acta é uma coisa seria que a todos deve interessar, e por isso bom será que a camara a oiça sempre no meio do mais absoluto silencio.

O sr. Presidente esclarece que isso depende dos srs. deputados. Ele não pode fazer com que a camara preste á acta a atenção que se deve prestar depois 16 á camara os nomes dalguns antigos parlamentares falecidos durante o interregno parlamentar srs. Conde de Mangualde, Sebastião Telles, Francisco Souto Maior, Adria no Carvalheiro e Adolfo Pimentel, pelo que propõe um voto de sentimento a que todos os lados da camara se associam.

Lê-se e advoga-se o expediente.

O sr. ministro do trabalho renova a iniciativa da proposta de lei 599-F apresentada na sessão de 1920, sobre a reorganisação dos serviços de saude publica.

Dada a palavra ao sr. Barros Queiroz, s. ex.ª no meio da maior atenção da camara, apresentou o orçamento geral do Estado fazendo uma larga exposição da nossa situação financeira, afirmando por entre os apoiados dos liberais e democraticos que a redução das despesas e aumento de receitas é indispensavel para que o nosso credito e o nosso bom nome se reabilitem. O orçamento que o sr. Barros Queiroz apresentou é o mesmo que o sr. Cunha Lial elaborou, com algumas emendas referentes a varias verbas.

Falando sobre os cambios o sr. presidente do ministerio referiu que eles só não melhoram conforme os desejos dos governos, mas sim conforme a modificação que se possa imprimir á situação economica.

Com as propostas que acaba de apresentar deve modifical-os, é necessario que eles se modifique assim como é necessario que se regularise a nossa situação fiduciaria.

Tambem os serviços publicos precisam de ser transformados no sentido de as repartições publicas não serem mais uma delegação da Assistencia Publica. Pede ao Parlamento duodecimos só até fins de setembro, certo de que o Parlamento até 15 saberá regularisar a nossa situação financeira. Terminado o meu discurso foi o sr. Barra Queiroz muito apoiado e cumprimentado pelo camara.

O sr. Lopes Cardoso interpela o sr. ministro do trabalho ácerca da situação do sr. Inacio Pimentel nos Bairros Sociais, preguntando-lhe o que ácerca da situação daquele funcionario existe, respondendo-lhe o sr. ministro do trabalho que prestará todos os esclarecimentos.

Em seguida o sr. presidente interrompe a sessão por 15 minutos para confeção das listas para votação de comissões.

Há hora em que fechámos este extrato está-se procedendo a essas votações.

NO SENADO

Como serão apreciados os atos do governo pelos catolicos

O sr. Julio Ribeiro pede que lhe seja fornecidos documentos e deseja saber as razões que levaram o sr. ministro da Marinha a mandar levantar armações de atum do Ramalhete (Faro).

O sr. Ernesto Navarro envia para a mesa um projecto de lei, substituindo o art. 3 da lei 1149.

Na ausencia do sr. ministro da marinha, o sr. Julio Ribeiro faz a sua pergunta num requerimento.

Sobre a reforma do Codigo Administrativo, trocaram-se explicações entre os srs. Jacinto Nunes, ministro do Interior e da Marinha.

O sr. Dias Andrade declara que os catolicos apreciarão os actos do governo, com justiça e zelo pelos interesses supremos do paiz.

O sr. Simas Machado propõe que na acta da sessão seja exarado um voto de sentimento pela morte do general S. Basilio Teles, que no regime deposto pertenceu á Camara Alta. Associaram-se a este voto varios outros senadores.

Importações e exportações

As providencias propostas pelo governo

A proposta que o sr. ministro das finanças apresentou hoje na Camara sobre importações e exportações é concebida nos seguintes termos:

Artigo 1.º Fica o governo autorisado a proibir a importação de generos e produtos estrangeiros, que não sejam indispensaveis para a vida do paiz, na quantidade precisa para o equilibrio da balança economica.

Art. 2.º A proibição da importação será sempre decretada dum modo absoluto para cada artigo, genero ou produto.

Art. 3.º A proibição da importação quando decretada, tem sempre o caracter temporario, e pode ser suspensa quando o governo julgue conveniente, mas nunca uma suspensão poderá vigorar menos de dois meses consecutivos.

Art. 4.º Cumulativamente com a proibição da importação de certos generos ou produtos, fica o governo autorisado a decretar as providencias que julgue necessarias para que os produtos que substituam no consumo áqueles cuja importação tenha sido proibida não subam de preço pelo aumento da procura, podendo essas providencias ir até a requisição deles, pela média dos preços mundiais, ou até a expropriação por utilidade publica das propriedades e seus produtos nos termos das leis em vigor.

Art. 5.º Fica o governo autorisado a decretar as providencias que julgar indispensaveis sobre a exportação e reexportação de generos e produtos nacionais, nacionalisados e coloniais, tanto nos portos do continente e ilhas adjacentes, como nos das colonias, de modo a assegurar o abastecimento da população do paiz.

Art. 6.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mais deputados monarquicos

A comissão de verificação de poderes validou as eleições dos srs Carvalho da Silva e João Ruy Ulrich Ha, de facto, uma incompatibilidade, respectivamente do exercicio do mandato, entre as funções que o sr. Ruy Ulrich exerce junto de empresas que teem contractos com o Estado e o lugar de deputado da Nação. Essa questão será resolvida de uma ou duas formas: ou o sr. Ruy Ulrich se demitindo seus lugares ou renuncia o mandato, fazendo-se, nesta ultima hipotese, nova eleição.

O orçamento

Um tremendo sudario!...

O sr. presidente do ministerio apresentou hoje na camara dos deputados a proposta orçamental para o anno economico de 1921-22.

Destaquemos algumas notas, apenas as suficientes para se fazer uma ideia do descalabro das finanças publicas.

As receitas, bem fixadas por virtude de impostos novos, são calculadas em 173.000 contos; as despezas em 520.000 contos.

Fazendo uma correcção qualquer, o «deficit» fica em 289.500 contos, o que já não é mau de todo...

Quanto á aplicação dos dinheiros publicos o chefe do governo revelou que a força armada custa 90.000 contos; quanto ao funcionalismo fica tambem por uma continha calada.

O sr. Barros Queiroz disse — com muita razão — que um tal estado de coisas é insustentavel e que se não forem aumentadas as receitas e diminuidas as despesas, teria, dentro de dois mezes, de vir pedir ao Parlamento uma autorização para aumento da circulação fiduciaria.

A exposição do sr. Presidente do ministerio causou profunda impressão.

Foi notada a convicção com que s. ex.ª afirmou que, para execução das reformas necessarias, «contava absolutamente com o partido democratico».

POEIRA DA ARCADA

O engenheiro, sr. Monteiro de Macedo, segundo telegrama recebido no ministerio das colonias, assumiu já o governo da provincia de Moçambique, durante a ausencia do respectivo titular.

✦ ✦ ✦

O alto comissario em Angola enviou já ao ministerio das colonias os esclarecimentos que lhe haviam sido solicitados a proposito da sindicancia que está correndo contra o chefe de policia do mesmo ministerio, sr. Tamagnini Barbosa.

✦ ✦ ✦

Foram assinados os decretos aprovando os regulamentos das Faculdades de farmacia de Lisboa e Coimbra.

O ex-rei D. Manuel está em Paris

PARIS, 3. — Pela gare do norte chegou esta madrugada a Paris o ex-rei D. Manuel de Bragança. — (H.)

Notas politicas

Constava nos Passos Perdidos que será proclamado senador, o candidato monarquico sr. Mario Monteiro, não devendo ser repetida a eleição de Monforte.

✦ ✦ ✦

O sr. dr. Baltazar Teixeira andou hoje pelos Passos Perdidos conversando com diversos deputados a respeito da sua eleição por Portalegre. O que o sr. dr. Baltazar Teixeira parece que já não confia muito na sua eleição.

✦ ✦ ✦

O sr. conego Anaquim declarou-nos que a principal reivindicação que os deputados catolicos tencionavam defender, era a existencia do professorado religioso dentro dos colegios particulares.

✦ ✦ ✦

O sr. dr. Vasco Borges diverge em absoluto da politica do sr. dr. Domingos Pereira, na parte respeitante á atitude a assumir em face da situação governamental.

Há já quem fale na possibilidade do sr. dr. Vasco Borges ingressar de novo no Partido Democratico.

Imposto para a assistencia publica

A sua incidencia e as novas percentagens

A proposta de lei do sr. ministro das finanças sobre o imposto para a assistencia publica estabelece que o selo indicado sobre o custo dos bilhetes de admissão a diversões de qualquer natureza, sejam quais forem e quaisquer que sejam os casos ou os recintos em que se realizem;

Sobre a importancia das vendas efectuadas nos estabelecimentos onde se forneçam refeições de qualquer natureza, incluindo bebidas;

Sobre a importancia das vendas efectuadas nos estabelecimentos onde se exerce o comércio de artefactos ou objectos considerados de luxo.

Os estabelecimentos compreendidos na ultima das alineas são — ourivesarias, joalharias, perfumarias, casas de modas, bazares, estabelecimentos de flores naturais ou artificiais, de maquinas e utensilios fotograficos, de objectos de arte, de quinquilharias, casas de chapeus para senhoras.

Incendio numa fabrica de cortiça

A mata do Alfeite em perigo

Numa fabrica de cortiça, pertencente á firma William Henkin Sons, no Caramujo, manifestou-se esta tarde um incendio, que irrompeu com extraordinaria violencia.

Parece que deu causa ao sinistro, o haver-se propagado á cortiça armazenada em pranchas, o fogo lançado a uma quantidade de residuos, trabalho que de ordinario se faz nas fabricas de cortiça e a que chamam *queima*.

Ao local acorreram logo os bombeiros de Cacilhas, que não puderam combater o incendio, sendo reclamados para Lisboa socorros. Efectivamente do arsenal de marinha seguiu um rebocador conduzindo pessoal e material de bombeiros, que, ás 17 horas e meia, empregavam denodados esforços para localisar o fogo, que se estendeu já ao principio da mata do Alfeite.

Em virtude do vento que sopra rijo, receia-se que essa localisação se torne impossivel e que as labaredas reduzam a cinzas todo o arvoredo do Alfeite.

A fabrica, onde trabalhavam cerca de trezentos operarios, está segura em varias companhias estrangeiras.

As propostas de finanças

Noutros lugares da «Capital» fazemos referencia ás propostas que o sr. ministro das finanças hoje apresentou na Camara sobre funcionalismo, divida publica, importações e exportações e assistencia publica. A falta de espaço inibe-nos de reproduzir ou extratar as disposições das outras propostas do sr. Barros Queiroz, relativas á compra e venda de cambiais, imposto geral sobre os rendimentos, contribuição de registo, imposto do selo, centralização de receitas nos caminhos de ferro e imposto do real de agua.

Por causa dum manifesto

Está-se dá o levantamento dum auto ao alferes da cavalaria sr. Pereira de Carvalho, autor de um manifesto redigido em termos violentos a proposito de factos ocorridos na guarda republicana do Porto, que deu lugar á transferencia daquele capitão e a serem dispensados do serviço 4 oficiais.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Eva Stachino

Fora-me apresentada ha cerca de um ano em Madrid. Desde essa data que tenho uma divida contraida com essa encantadora estrela de «couplets» mexicano que, por um capricho seu é trazida por um vento de curiosidade se encontra entre nós.

E' uma artista elegante, moderna, rica, audaz franca e rara; é a flor suprema duma raça. Sem ser mais bela que outra mulher qualquer tem na sua graça fragil um selo de aristocracia superior.

Detesta os apaixonados.

Tem feito enlouquecer mil e um espiritos e tem permanecido calma como a lua.

Quando nos aparece sobre o proscenio, quando a luz da ribalta a ilumina, ela sorri-nos com tanta discreção como as joias nas vitrines dos joalheiros.

A sua figura esbelta e altiva faz concentrar toda a nossa atenção, na forma ondeante do seu corpo, vestida de lilaz, nimbada de cobre, avivada de rubi.

Quer queiramos quer não, a sua arte amavel, ingenua, serena, requintada, o timbre angelical da sua voz, faz-nos esquecer as horas tristes de tedio e de aborrecimento, refrescando-nos a alma, reconciliando-nos com a vida.

Dizem que é cruel, insensivel, contudo as suas mãos afiladas, esguias, esmaltadas, são incapazes de fazer mais do que uma caricia, um cumprimento, um sinal da cruz.

Encontrá-mo-nos hontem. Anda mais triste do que quando a conheci.

Disse-me que depois de cumprir os seus contractos em Espanha, na Argentina, no Brazil, regressaria ao Mexico e abandonaria a scena.

O seu corpo delicioso sofre, palpita, retorce-se. O seu rosto agonisa, perde a sua cor nacarada, perde até o seu perfume.

Que um eterno sol doiro a vida a esta preciosa «poupée de boudoir» que ha-de perecer numa tarde de outono, como uma flor fatigada da sua propria fragancia.

V. L.

Furto de um arreio

A policia efectuou a captura de Delfim Manuel Dias, morador na rua da Cruz dos Poiaes, 41, por haver furtado um arreio completo, no valor de 500$00, que se encontrava na cocheira de Manuel de Jesus, na travessa das Remolares, 42.

A provincia n'A Capital

FIGUEIRA DA FOZ, 1. — A prestimosa coletividade sportiva Associação Naval realisou hontem o primeiro dos passeios nauticos que anualmente organisa, ao pinhal de Lares, um dos mais aprasiveis locais destes suburbios. Neste tomou parte a sua secção nautica, muitos barcos e navios, e foi enormemente concorrido principalmente pelas nossas gentis conterraneas e senhoras da colonia balnear.

Na Lares realisaram-se diversas provas nauticas e disputou-se em «scuter-board» o magnifico bronze «Monsaraz» o qual foi ganho pelo n.º 2, que vinha como patrão o sr. Carlos Batista, e marinheiros os srs. Tiago Rodrigues da Costa e Severo Biscaia.

Durante o decorrer do passeio existiu sempre a mais franca e cordeal alegria, sendo para louvar o esforço da simpatica Naval, no sentido de promover diversões aos seus associados.

— Nestes trez dias tem chegado inumeras familias, tanto espanholas como portuguesas.

Nunca a Figueira albergou tanta gente!

A cidade tem um movimento verdadeiramente extraordinario. Já se encontram abertos todos os casinos. Os pontos de passeio — Jardim e Esplanada, se tornar da tarde, são imensamente concorridos.

Consorciaram-se no dia 16 de Julho, na paroquial igreja do Sacramento, a Ex.ma Sr.ª D. Maria Laura Alexandrino da Silva Pereira e o Ex.mo Sr. Dr. Francisco Vebancio da Silva, distinto tenente-medico do Ultramar, filho do Ex.mo Sr. Coronel Francisco Xavier da Silva e da Ex.ma Sr.ª D. Maria da Conceição Barbosa da Silva, residentes em Pangim, India Portugueza. Foram padrinhos, por parte da noiva, a Ex.ma Sr.ª D. Izabel da Costa Pereira e seu marido o Ex.mo Sr. tenente-coronel Costa Pereira, e por parte do noivo, a mãe da noiva, a Ex.ma Sr.ª D. Maria Alexandrino da Silva e o engenheiro civil Ex.mo Sr. Mariano Silvestre Azevedo. Na «corbeille» da noiva viam-se artisticas e valiosas prendas. Os noivos foram em viagem de nupcias para Cintra, seguindo depois para o norte.

Vida Sportiva

No «ring» do Stadium

Mario Gall e Simeth vão encontrar-se pela primeira vez

Discute-se com calor o combate de box de domingo no «ring» do Stadium entre o francez Mario Gall que, o nosso publico tanto aprecia e o campeão suisso Simeth.

E ha uma certa razão.

Mario Gall em Portugal ainda não se encontrou com um homem da categoria do suisso, possuindo no seu record victorias sobre boxeurs da 1.ª serie registados oficialmente na Federação de Box.

Simeth, apesar de viver em Paris nunca combateu com Mario, isto porque ambos teem fugido um pouco do encontro. A verdade é esta. Não porque qualquer deles receie combater, mas porque não se arrisca um titulo por uma bolsa vulgar.

Mario Gall é bom, mesmo muito bom, mas as suas victorias em Portugal, sobre Ruivo, Faustino e Oscar, não lhe valorisaram o seu nome, porque aqueles combatentes são manifestamente mais fracos. Havia portanto necessidade de colocar em frente de Mario um homem da sua categoria e do seu peso. Tudo se remediou, como hontem já dissemos, com a oferta de uma bolsa de 3.500 francos e que será dividida 60 % para o vencedor e 40 % para o vencido. Ao cambio actual representa este combate um encargo de 2.450 escudos.

E' muito, mas o valor dos grandes encontros paga-se em toda a parte.

Nós, apesar do nosso meio ser pequeno relativamente, já vamos progredindo e a par desse progresso o publico exige bons encontros e daí a obrigação dos organisadores arriscarem capitais de maior importancia.

O programa de domingo é completado ainda com outro combate de importancia.

O popular Faustino Pereira, que ultimamente tem trabalhado com Mario Gall, reaparece em publico, combatendo um homem portuense da sua categoria que ha pouco ganhou um titulo.

Esse homem, cujo nome desvendaremos amanhã, está no inicio da sua vida profissional. Deseja afirmar-se ao publico lisboeta. Deve portanto este combate ser renhido, tanto mais que Faustino diz a toda a gente ser discipulo de Mario Gall. Um mau combate prejudica-o. Uma derrota influe na bolsa.

O espectaculo principia ás 18 horas em ponto.

No Asilo D. Pedro V

Promovida pelo Grupo Desportivo do Campo Grande realisa-se amanhã pelas 18 e meia horas, no Asilo D. Pedro V, ao Campo Grande, uma festa desportiva constando de diversos numeros de sport, a que concorrem algumas senhoras, revertendo o produto das entradas em beneficio do mesmo asilo.

Abrilhantará a simpatica festa, a banda do Asilo Escola Antonio Feliciano de Castilho.

A CAPITAL

3651 — 12.° ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.°; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Quinta-feira, 4 de Agosto de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

FINANÇAS

As declarações do sr. presidente do ministerio e ministro das finanças, hontem produzidas no parlamento, despertaram uma verdadeira sensação de espanto. Não é propriamente pela importancia global do «deficit», porque, embora seja avultadissimo, ninguem ignora que hoje, em muitos Estados que, anteriormente á guerra, tinham prosperas finanças, existem, pelo contrario, «deficits» colossais. Mas logo as primeiras descriminações, feitas pelo sr. Tomé de Barros Queiroz, encheram de assombro os que o ouviram, como hoje devem ter assombrado, pela leitura dos jornais, o paiz inteiro.

Assim, o sr. Barros Queiroz, tendo declarado que as receitas ordinarias do Estado não vão além de 173.000 contos, esclareceu logo em seguida que só com o exercito, a marinha, a guarda republicana, a guarda fiscal e a policia se gastavam anualmente 189.000 contos.

Quer dizer: a força armada leva, por ano, mais 16.000 contos do que as receitas do Estado. Chegado a este ponto, o sr. Barros Queiroz quasi que já não tinha mais nada a dizer, visto que se para estas corporações o que o Estado arrecada das suas receitas não chega, claro está que nada fica já para o resto.

Pois bem! Nós diremos ao sr. Barros Queiroz que o paiz não acredita, por exemplo, que se gastem 50.000 contos com a marinha e mais de 36.000 com a guarda republicana. Para que estas verbas apareçam no orçamento geral do Estado é forçoso que haja muitos desperdicios, muitos desvios, muitos escandalos, muitos abusos. Não é com os soldos que se pagam á marinha e guarda republicana que se despende uma tamanha quantia.

O governo propôs reduções de despesas, e a primeira cabeça de turco que decide alvejar é o funcionalismo civil, esse funcionalismo pacifico, inerme, resignado, que ha sete anos morre quasi literalmente de fome, e de quem Sidonio Pais dizia, a conceder uma subvenção de 6, 8 ou 10 escudos mensais a cada funcionario, que ela era a unica classe que não exigia nem pretendia impôr-se por meios violentos. Pois nos serviços civis tem o governo igualmente muito por onde cortar, sem tirar o pão a ninguem, porque é tirar o pão mandar para casa com parcelas de subvenção, a desaparecer no fim dum ano, milhares de chefes de familia que já hoje não sabem como viver.

Do resto, supondo que, com medidas draconianas, crueis, antipaticas e revoltantes, o governo arrancava aos militares e civis 50.000 contos, creando uma situação que certamente amargaria, de que valia isso para um deficit de 290.000 contos?

Seria uma gota de agua no oceano, que, nem melhorar sensivelmente as nossas finanças, iria comprometer gravemente a nossa economia, de que elas só podem ser reflexo.

Corte o governo por despesas inuteis ou excessivas, de caracter material. Veja o que teem custado os automoveis do Estado. Indague o que se passa em materia dos fornecimentos. Lembre-se que tem no estrangeiro pessoas a quem paga 10 e 20 libras por dia, o que equivale a centenas de contos por anno. Verifique quanto lhe custou a deslocação de tropas para cercar Lisboa, deslocação ultimamente realisada. E assim poderá fazer muito com aplauso geral e sem que avolume a onda de descontentamentos que contra a sua politica já em tantos meios se observa.

Os remedios para uma situação como a nossa teem de ser radicais. Por ora não vemos senão tratar-se de paliativos, senão recorrer-se a expedientes, acarinhando a lenda de que o funcionario publico vive vida regalada, quando nem para comer chegam os seus vencimentos, sistematicamente parcos. Quem faz essa lenda são os autenticos exploradores do povo, que no comercio, na industria e na alta banca auferem milhares de contos, espoliando o publico e depauperando a nação.

Não é com essas migalhas que se salva o Estado. Só um conjunto de medidas importantes é que pode favorecer o levantamento financeiro dos paizes que em situação critica se encontram.

Ainda ha poucos dias publicámos neste jornal um artigo em que explicavamos a forma como se pensa restaurar as finanças francezas. Sendo impossivel recorrer a novos impostos ou contractar novos emprestimos, entende-se, naquele paiz, que o que ha a fazer é aumentar a circulação fiduciaria, para aplicar esse aumento numa grande obra de produção nacional.

Ja não colhe o exemplo dos *assignados* da Revolução; as circunstancias são outras, porque vigora a paz, e o paiz o que quere é trabalhar. Abrindo um credito ao seu povo, a França sabe que esse augmento de circulação fiduciaria se valorisa com o trabalho, cujo desenvolvimento ele permite. E é dispensando o mais possivel os productos extranhos que todos os paizes podem viver uma vida prospera, independente e feliz, pagando as suas dividas, e regularisando as suas contas.

São iniciativas deste genero que podem salvar as nações. Outros expedientes não as salvam, e ainda as podem abismar mais depressa.

O governo dos sovietes

Vai soccorrer a Russia

RIGA, 4.—O governo dos soviets aceitou as condições impostas pelo governo americano para a prestação de socorros á população russa. Entre essas condições figuram a fiscalisação da distribuição de socorros por delegados americanos e a libertação dos subditos americanos. O governo dos soviets pede para ser enviada imediatamente uma delegação americana a Moscou ou Reval.—(H.)

A BARALHA ELEITORAL

PERDAS DE MANDATO

A proclamação do sr. Ruy Ulrich — O que diz a Constituição — Novo acto eleitoral ou é chamado outro candidato?

Como ontem noticiámos, a respectiva comissão de verificação de poderes validou as eleições dos srs. Carvalho da Silva e Ruy Ennes Ulrich, não fazendo caso algum das votações distribuidas a cada candidato do circulo ocidental pelas contas da assembleia de apuramento. Bem fez a comissão, porque o seu acto prestigia a Republica.

Temos duvidas, porem, sobre se o sr. Ruy Ulrich podia ser proclamado. O artigo 21 da Constituição determina expressamente:

Nenhum deputado ou senador poderá servir logares nos conselhos administrativos, gerentes ou fiscais de emprezas ou sociedades constituidas por contrato ou concessão especial do Estado ou que deste hajam privilegio não conferido por lei generica, subsidio ou garantia de rendimento (salvo o que, por delegação do governo, representar nela os interesses do Estado) e outrosim não poderá ser concessionario, contratador ou socio de firmas contratadoras de concessões, arrematações ou empreitadas de obras publicas e operações financeiras com o Estado.

§ unico.—A inobservancia dos preceitos contidos neste artigo ou no antecedente importa, de pleno direito, perda do mandato e anulação dos actos e contratos neles referidos.

Em face desta disposição, o sr. Ruy Ulrich, director do Banco de Portugal e de outras sociedades que teem contractos com o Estado, não podia ser proclamado deputado. Mas, desde que o foi, já perdeu o mandato, não nos parecendo que ainda esteja a tempo de se exonerar dos cargos que exerce e que são incompativeis, pela Constituição, com as funções legislativas.

E' chamado o candidato imediatamente mais votado ou procede-se a nova eleição? Divergem as opiniões, neste ponto, não havendo ainda doutrina estabelecida dentro dos precedentes a invocar. O que se pode dizer é que se o sr. Pais Abranches, liberal, fôr proclamado por Elvas em face da decisão da comissão de verificação de poderes acerca do sr. Ruy de Andrade, tambem em Lisboa terá de ser proclamado o candidato mais votado depois do sr. Ruy d'Andrade, o que é um outro candidato monarquico.

Dizem-nos que a circunstancia do sr. Ferreira da Rocha ter sido eleito por dois circulos, Macau e Vila Real, dará logar a nova eleição em qualquer deles, conforme o circulo que o sr. Ferreira da Rocha preferir representar na Camara. Sendo assim, supomos que estava indicado egual caminho a seguir nos outros circulos onde ha vagas de deputados a preencher, sendo só para lastimar que no caso da eleição de Alcobaça, perante o empate de dois candidatos, a comissão não mandasse repetir o acto eleitoral e resolvesse por seu livre arbitrio proclamar o mais velho, estabelecendo assim uma condição de preferencia que a lei não menciona.

RIQUESAS DO PAIZ

Um sanatorio modelo

Obra notavel de assistencia — A sua direcção tecnica devia ser conhecida de todos os medicos portuguezes

O sanatorio maritimo do Norte, construido na pitoresca Praia de Valadares, em «Francelos», constitue uma prova bem frizante do que se pode realisar no paiz, para se evitar a saida de pessoas que vão ao estrangeiro procurar a cura de doenças, que se tratam pela heliotherapia, conjuntamente com os ares do mar. Tanto em Berckplage, como em Leysin, onde se fundou o metodo de Roellier, não se conseguiu obter efeitos tão rapidos como no sanatorio maritimo do Norte, pelo motivo de que, neste, além duma direcção technica, que devia ser «conhecida de todos os medicos portuguezes», possui uma exposição em condições excepcionais, e com banhos de sol, em todas as estações, como não é possivel obter nos paizes estrangeiros. Basta dizer-se que no inverno, quando nos outros sanatorios lá fóra se encontra a temperatura a 10.° abaixo de zero, em Valadares consegue-se dar banhos de sol maravilhosos, a 40.°.

Para se dizer quanto é notavel a obra do sanatorio maritimo do Norte, fundado e dirigido tão distinctamente pelo sr. dr. Joaquim Ferreira Alves, basta dizer-se que é de tudo quanto temos visto, no nosso paiz, e no estrangeiro, o que mais profundamente nos tem emocionado.

A nossa impressão agradavel — e creio que a de toda a gente que deixa registado o seu sentimento no livro dos visitantes — traduz-se pelos seguintes aspectos:

Por se tratar de uma obra notavel de assistencia, devida á alma caridosa de uma senhora do Porto—a ex.ma sr.a D. Helena Dias — que é considerada como a creadora do sanatorio, que se pode considerar como um edificio construido com todas as exigencias scientificas e mantido com uma irreprensivel organisação, higiene e metodo fóra do vulgar.

Por se observar os efeitos maravilhosos produzidos pelos banhos de sol nas creanças que para ali entraram cheias de fistulas supurantes, de gibosidades do mal de Pott, de tuberculoses intestinais, de coxalgias e que no fim de 2 a 3 anos ficam completamente curadas. E ainda por se vêr como no nosso paiz estão tão mal aproveitadas as riquezas naturais.

O sanatorio conta apenas quatro anos de existencia. Foi construido para receber 50 creanças pobres e 25 pensionistas. Tem sido ampliado e logo que seja inaugurada a nova enfermaria «Cidade do Porto», poderá conter entre 250 a 300 camas, nas 3 galarias, em exposição sul poente.

Na visita que fizemos nas vastas galarias onde as creanças estão expostas ao sol, registamos alguns casos de cura muito interessantes: enormes tumores brancos nos joelhos cujas fistulas se encontravam completamente cicatrizadas e com resultado funcional perfeito; uma creança de tres anos, que não andava quando entrou para o sanatorio, aumentou 10 kilos de peso e desapareceram-lhe as gibosidades da tuberculose na espinha.

O que predomina é a grande quantidade de coxalgias e do mal de Pott, com largos trajectos fistulosos, sulcando as costas e que se encontram em via de cicatrisação.

E qual é o processo que emprega no tratamento da tuberculose da espinha, para o desaparecimento das gibosidades? inquirimos do sr. dr. Ferreira Alves.

—Sigo aqui o sistema perfeitamente adoptado em Leysin. Sigo o mesmo processo de imobilisação do doente, mas consigo resultados superiores, devido ás condições excepcionais do nosso clima.

—E não seria possivel ampliar este sanatorio, em condições de se evitar a ida de doentes para o estrangeiro?

—Nós temos um projecto grandioso que espero ver posto em pratica. Dentro em pouco deve ser inaugurada a enfermaria «Cidade do Porto» e a seguir ir-se-á construindo o que nos falta. Mas tudo isso é pouco para as necessidades do paiz.

E á medida que vamos prosseguindo na nossa visita ás vastas galarias ao ar livre, onde se encontram as camas assentes em rodas revestidas de borracha, para se evitar o minimo abalo vamos recebendo a consoladora impressão da forma alegre com as creancinhas recebem o seu medico e director e do carinho como são tratados pelos enfermeiros, que manteem um asseio purificador e higienico em todos os serviços.

O sr. dr. Ferreira Alves informa-nos de que teem passado pelo sanatorio, durante os 4 anos da sua existencia, 70 creanças pobres, quasi todas curadas e tendo um periodo de tratamento, em media de 3 anos.

O ilustre director conduz-nos á secretaria, onde nos mostra as fotografias dos diversos casos clinicos os mais complicados na sua evolução, até á cura. E é realmente surpreendente a acção da luz do sol sobre tão grande numero de doenças bacilosas.

Cá fóra as creanças convalescentes, com a pele preta, secas, saltitavam na areia. Eis em resumo a obra admiravel do sr. dr. Ferreira Alves, que, auxiliado por varias pessoas caridosas, conseguiu lançar as bases para ali se realisar a ampliação de um vasto sanatorio, que permita receber o grande numero de doentes que precisam de recorrer á helioterapia.

O sanatorio é dirigido por uma comissão administrativa, constituida actualmente pelos srs. drs. Paulo Marcelino, presidente, Luiz Ferreira Alves, Alberto Dias Guimarães, Arthur André Gaspar, Joaquim Pombar, dr. Joaquim Ferreira Alves, fundador e director clinico.

J. Correia dos Santos.

Propaganda americana

O sr. dr. P. Pereira, agente de navegação em Massachesetts, teve a gentileza de nos enviar uma interessante monografia sobre o porto de Boston, editado pela camara do comercio daquela cidade americana. Acompanhando essa monografia, enviou-nos tambem o sr. dr. P. Pereira um pequeno album da «Cunard Steamship Company Limited», que insere magnificas reproduções de paisagens e costumes da Madeira, do Egito, de Roma, do Cairo, etc.

Uma carta de pilotos e cartas geograficas de Boston, completam a gentil lembrança do sr. Pereira

O dia politico

Algumas notas

O sr. ministro da guerra vai ser interpelado no Parlamento acerca do castigo imposto aos oficiais milicianos e tambem sobre as providencias adotadas para fazer malograr um pretenso movimento revolucionario. Cremos estar habilitados a revelar, antecipadamente, os fundamentos de defesa do titular da pasta da guerra.

O sr. general Silveira dirá, no que respeita aos oficiais milicianos, que não interveio nem tinha que intervir no acto que constituiu a base para aplicação do castigo disciplinar de que os oficiais foram victimas. Foi o conselho da Escola que classificou o acto da infracção disciplinar, dando lhe a feição caracteristica duma manifestação colectiva, proibida por lei. O general comandante da Escola aplicou o castigo que entendeu. Elle, ministro, não podia anular esse castigo (mesmo que se reconhecesse que fora indevidamente imposto) enquanto não tivesse sido cumprido (conforme é de uso no foro militar) e sómente depois de cumpridos eles terem reclamado, pelas vias competentes os atingidos.

Com referencia á tentativa revolucionaria que o governo pretende ter feito abortar, graças á concentração em Lisboa de fortes contingentes militares chamados das provincias, o sr. ministro da guerra declarará que, efectivamente, obtivera a prova da existencia dum «complot», cuja finalidade consistia em derrubar o governo, em impor ao Chefe do Estado a sua renuncia ou destituição e em substituir tudo isto por uma ditadura, cujo chefe supremo seria uma alta patente do exercito. Conhecedor do facto o sr. ministro da guerra adotou as conhecidas providencias, que tiveram a virtude de fazer abortar o movimento e, porventura, de o fazer adiar «sine die», pela desagregação de forças que o governo provocou deslocando alguns dos oficiais comprometidos no «complot». Os nomes dos conspiradores seriam conhecidos do governo que, todavia, entendeu preferivel conserva-los secretos mas que serão revelados no Parlamento se, por acaso, tal fosse imposto aos poderes constituidos.

Eis as informações colhidas. Agora, por nossa conta, algumas palavras de breve e simples comentario.

Se foi imposto um castigo aos oficiais milicianos porque eles não quizeram submeter-se a um exame, é forçoso concluir que tal exame se ha-de realisar, através de tudo. Do contrario, não houve infracção disciplinar e o castigo foi injusto. De modo que, se os oficiais continuarem a recusar prestar as provas exigidas, continuarão a ser castigados... até á consumação dos seculos! Inteligente criterio, não haja duvida...

Quanto ao «complot» admitimos que ele tenha existido, mas não concordamos com o segredo oficial dos nomes dos conspiradores. Se houve «complot», houve crime; e, se houve crime, existem ainda tribunais para julgar os criminosos. Guardar segredo sobre um crime é constituir-se cumplice dele. De modo que o sr. ministro da guerra e o proprio governo serão cumplices dos conspiradores se os deixarem impunes, graças ao tal segredo.

Emfim, ver-se-ha, no Parlamento, em que dá toda esta embrulhada!...

Já por mais duma vez dissemos que a oposição não tem desejo de derrubar o governo, antes pelo contrario; agora, o que parece certo é que o gabinete deseja deitar-se abaixo. E a casca de laranja está sendo manejada, com habilidade, pelo sr. Antonio Granjo.

Este ilustre chefe evolucionista não oculta o proposito de deixar o poder, «se outro qualquer ministro tambem o fizer». Bem certo está o sr. Antonio Granjo de que a hipotese se virá a dar, mais tarde ou mais cedo,—e antes cedo que tarde... Por isso trata de complicar a crise, para a forçar a ser total.

Se a crise fôr total quem será encarregado de formar novo governo? Será o sr. Barros Queiroz? Será o sr. Antonio Granjo? Ou surgirá o «tertius gaudet»?...

Nós damos mais por esta ultima hipotese. E tanto que nos arriscamos a vaticinar que o sr. Fernandes Costa não será estranho á solução da crise, — principalmente se ela se declarar total...

Em França

Convites para o Conselho Supremo

PARIS, 4.—O sr. Briand acaba de expedir os convites, para a proxima sessão do Conselho Supremo, á Inglaterra, Italia, Japão e Estados Unidos. Caso o conselho discuta a questão dos culpados, a Belgica será tambem convidada.—(H.)

Um estudo estatistico notavel

PORTO, 27 Julho.—O director do Laboratorio Farmacologico de Lisboa, sr. professor Correia dos Santos, tem verificado junto dos medicos principais dos hospitais desta cidade, os resultados provenientes obtidos com a FIBROCALSICA, recalcificante natural, e a ZOMOBIASE e a Farinha Lacto-Bulgara, [illegible]

UM BOATO...

Ainda a eleição de Aveiro

Aguardando a sentença da comissão de verificação de poderes

Os jornais da manhã dão curso a um boato que não pode passar sem comentarios. Informam que um liberal, membro da comissão de verificação de poderes que tem de se pronunciar ácerca da eleição de Aveiro, resolveu convocar o directorio desse partido, para se ocupar daquela eleição. A noticia é de tal modo estranha que não podemos considera-la senão como o reflexo dum boato sem fundamento. Tratar-se-ia duma pressão que, por honra propria, os membros da comissão teriam de repelir com toda a energia.

Os membros das comissões de verificação de poderes são os juizes dos processos eleitorais que lhes são entregues—e juizes que se pronunciam em ultima instancia. Não são, não podem ser, partidarios obedientes ás ordens dos directorios dos seus partidos. Essa obediencia representaria não só a sua condenação moral, o que pode interessar-nos pouco, mas tambem o descredito duma função que eles exercem como delegados do poder legislativo, o que a nenhum republicano deve ser indiferente.

Nem se diga, sequer, que a anulação da eleição de Aveiro prejudica quatro candidatos republicanos, supostamente eleitos, em beneficio dos candidatos regionalistas, onde figura um monarquico. Nem se diga isso, na verdade, porque relegar a questão para esse campo é prostituir a missão dos julgadores, é supo-los capazes de esfarrapar a lei e ofender o direito sob a inspiração de quaisquer conveniencias politicas.

Não se diga isso, ainda porque entre os candidatos regionalistas que viram a sua eleição roubada figura o dr. Manuel Alegre, um republicano dos que não precisam que ninguem ateste a firmeza inabalavel das suas convicções, um republicano de cuja lealdade ninguem duvida e que pela Republica tem sempre luctado e combatido, empunhando as armas quando assim é preciso para a defender.

A opinião republicana já formulou ha muito a sua sentença sobre as inconcebiveis irregularidades que mancharam o acto eleitoral de Aveiro. As figuras predominantes nos dois partidos interessados na sua validação, o liberal e o democratico, não ocultam, em conversas, a sua condenação formal por tudo quanto ali se passou. Já não ha pressões, nem conluios, nem ameaças de abandono da vida politica que deem aos candidatos ilegalmente proclamados na assembleia de apuramento a categoria que lhes falta: deputados legitimamente eleitos. Não ha nada que o consiga, tamanhos foram os abusos, tão colossais foram os escandalos cometidos.

EM VOLTA DOS BAIRROS SOCIAIS

O que nos diz o sr. ministro do Trabalho

Por falta de verba vão paralisar os trabalhos no Bairro Social do Arco do Cego

Devendo o sr. Lima Duque ser hoje interpelado na Camara dos Deputados sobre a tão debatida questão dos Conselhos de Administração dos Bairros Sociais, fomos hoje pedir a s. ex.a alguns esclarecimentos que nos habilitassem a esclarecer os nossos leitores sobre o importante caso.

Depois dos cumprimentos do estilo, fomos direitos ao assunto da nossa entrevista, perguntando ao sr. ministro:

—Parecendo que vai ser debatido no Parlamento a questão dos Bairros Sociais, que nos pode v. ex.a dizer sobre tal assunto?

—Em primeiro lugar devo dizer-lhe que a questão dos Bairros Sociais foi sempre, desde o principio, uma questão politica, pois, que, quando esteve no governo um ministro democratico demitiu imediatamente o Conselho de Administração socialista, e quando vinha um ministro socialista acontecia o mesmo ao Conselho de Administração democratico.

«Foi neste pé que eu vim encontrar a questão, e apezar do actual Conselho ser socialista, eu mantive-o, porque não havia nada que explicasse a sua demissão, apezar das solicitações que para isso eu recebi.

«Durante toda a minha primeira gerencia ministerial os trabalhos nos Bairros Sociais continuaram, mesmo com grande incremento, até que o meu sucessor, sr. dr Domingos dos Santos, em virtude dum relatorio da comissão de inquerito parlamentar aos Bairros Sociais que já estava nomeada ha bastante tempo, fez suspender o Conselho de Administração que estava funcionando, e que era socialista.

«Seguiram-se a isso os casos que v. conhece: o «complot» contra o citado ministro e o processo disciplinar contra o conselho demitido.

«Veiu depois o decreto de amnistia e os membros do conselho, que estavam presos, foram soltos e ficaram ao abrigo desse decreto. Estavam as coisas neste pé quando novamente fui chamado para exercer de novo o cargo de ministro do Trabalho, e vim encontrar administrando os Bairros Sociais uma comissão nomeada pelo meu antecessor, comissão que solicitou a sua exoneração, logo que eu tomei posse. Pedi a essa comissão que se mantivesse no seu lugar até que eu pudesse substituir, pedido a que eles obsequiosamente acederam, sendo, ainda ha pouco tempo, exonerados, louvados pelos seus bons serviços e substituidos pela actual comissão.

«Corriam as coisas sem incidente de maior, a não serem as lutas entre os committees socialistas e uma ou outra sindicalista, introduzidas ali pela primeira comissão nomeada.

De toda a questão dos Bairros Sociais contra o Conselho de Administração suspenso, existe ainda o inquerito parlamentar que abrange um largo periodo de tempo, mesmo anterior ao exercicio do aludido Conselho de Administração, e um processo disciplinar entre os seus membros, processo de que é sindicante o sr. Anibal Lucio de Azevedo. Ora nos fins do mez passado, o mesmo Conselho de Administração suspenso apresentou-me um requerimento, pedindo duas coisas: primeiro, que ao processo disciplinar fosse tambem aplicada a lei de amnistia, visto que os fundamentos do «complot» de que tinham sido amnistiados eram exatamente os mesmos do processo disciplinar. Segundo: que se lhe mandasse pagar os vencimentos em atrazo, processando-se as respectivas folhas.

«Com respeito ao pagamento, a que a imprensa tanto se tem referido, o meu despacho foi o seguinte: «A' Comissão Administrativa dos Bairros Sociais para ser atendido em conformidade com as leis».

«Posto isto, veja v. como se escreve sem conhecimento exacto dos factos que eu lhe relatei, e lançando levianamente suspeitas sobre um funcionario que durante mais de trinta anos não teve a mais leve macula sobre a sua honra, depois de exercer os mais elevados cargos e de maior responsabilidade.

—Consta-nos que vão ser suspensos os trabalhos nos Bairros Sociais?...

—Já foram, por minha ordem, suspensos todos os trabalhos nos outros Bairros Sociais, excepto no do Arco do Cego, por motivo da exiguidade de recursos. Devo ter hoje uma conferencia com o sr. Daniel Rodrigues, da Caixa Geral dos Depositos, para ver se consigo obter dinheiro para continuar com os trabalhos, mas já sei de antemão que nada conseguirei. Como v. compreende, sem dinheiro nada se poderá fazer, e mais de mil operarios que trabalham no Arco do Cego vão irremediavelmente ficar sem trabalho.

«A esse respeito tenho tido algumas conferencias com o sr. ministro das Finanças, mas receio bem que não se consiga a verba necessaria para a continuação dos trabalhos.

—Se continuarem a trabalhar na sua construção, quando pensa v. ex.a que estará concluido o Bairro Social do Arco do Cego?

—Segundo me disse o sr. engenheiro que superintende nesses trabalhos, esse bairro deve ficar concluido em Março, o mais tarde, Abril.

O conflito greco-turco

As tropas gregas avançam para Angora

ATENAS, 4. — Depois de reagrupadas as forças gregas que fizeram victoriosamente a primeira parte da campanha militar e em harmonia com as decisões do governo e do alto comando militar, va começar o avanço do grosso das forças gregas sobre Angora, em ligação com uma acção partindo das costas do Mar Negro, onde se efectuaram, nos ultimos dias, os desembarques de contigentes gregos. Esses contingentes conjugarão a sua acção sobre Sivas e Angora, com a do grosso do exercito grego que avança ao longo da linha ferrea Eski-Chehr-Angora.—(H).

As propostas de finanças e os funcionarios publicos

Foi muito discutida entre os interessados, a proposta de lei referente aos funcionarios publicos. Parece que vai realisar-se um grande movimento da classe contra a proposta.

No proximo domingo deve efetuar-se já uma reunião das comissões de interesse da classe de todos os ministerios.

Os socialistas e os fascistas

assinam um acordo para cessar a luta

ROMA, 4.—Os representantes dos socialistas e dos fascistas assinaram na presidencia da camara um acordo, comprometendo-se a cessar toda a luta e a impedir qualquer conflito.—(H.)

SAUDE PUBLICA

Doentes isolados

O que nos disse o sr. dr. Hermano Medeiros sobre os casos da rua do Passadiço

—Qual foi o resultado da observação clinica dos doentes isolados no hospital do Rego?

O sr. dr. Hermano Medeiros, ilustre director dos hospitais civis, a quem ha pouco dirigimos essa pergunta, prontamente nos respondeu:

—Essa observação desmentiu em absoluto a existencia de qualquer doença suspeita na cidade de Lisboa.

A resposta era tranquilisadora, dada a autoridade especial de quem a transmitia. O sr. dr. Hermano Medeiros, que cumpre com o mais desvelado rigor os deveres do seu cargo, visitou demoradamente todos os hospitais logo que teve conhecimento de que alguns doentes estavam isolados. E foi com a mais firme confiança que ele nos repetiu:

—A observação dos doentes isolados veio provar que eram infundados quaisquer receios de que uma doença suspeita se manifestasse agora em Lisboa.

Para darmos aos nossos leitores um esclarecimento completo de todos os incidentes que acompanharam o debatido caso, fizemos nova pergunta:

—Como se justifica o isolamento no hospital do Rego dos moradores de dois predios da rua do Passadiço?

O sr. dr. Hermano Medeiros respondeu-nos:

—Justifica-se pelo cuidado das autoridades sanitarias, que cumprem conscienciosamente o seu dever. Perante a hesitação de qualquer diagnostico, justificada por sintomas que se assemelham, embora de longe, as caracteristicas de qualquer doença contagiosa, o caminho que se impõe ao medico é aconselhar o imediato isolamento dos doentes. Isto não se faz só em Lisboa. Acontece frequentemente em todas as cidades do mundo onde haja o devido cuidado pelos serviços de saude publica.

«Entre nós, infelizmente, ha a preocupação vulgar de que um doente isolado ha-de ser forçosamente a victima duma enfermidade contagiosa, lançando-se nos espiritos timoratos a semente de todos os receios. As precauções das autoridades sanitarias, longe de constituir um motivo de alarme, deviam ser uma garantia de tranquilidade para a opinião publica.

«Veja o que se passou agora com os doentes da rua do Passadiço. Isolados, sujeitos a uma observação clinica rigorosa, submetidos ás analises que os medicos reputaram indicadas, verificou-se que nenhum deles confirmava as suspeitas que determinaram o seu isolamento.

«Vão ter alta, podendo voltar para suas casas dentro de dois ou trez dias. Foi um excesso de zelo da parte das autoridades de saude? Não; foi apenas o cumprimento do dever, que mostra que elas estão vigilantes no exercicio da sua melindrosa funcção.

«E, creio que nada mais é preciso dizer-lhe para tranquilisar os leitores do seu jornal.

Despedimo-nos do sr. dr. Hermano Medeiros, vindo escrever estas linhas com o natural regosijo de quem é portador duma boa-nova. Não ha motivos para sustos!

O caso da eleição de Elvas

A perda de mandato do sr. Ruy de Andrade

Os monarquicos estão fazendo um grande alarido em torno da decisão da comissão de verificação de poderes que retirou o mandato conferido na assembleia de apuramento ao sr. Ruy de Andrade.

A questão é duma simplicidade extrema. Teem os monarquicos razão quando afirmam que as disposições legais dispensam a prova da elegibilidade do candidato desde que ele seja proposto por 25 eleitores do circulo. Mas é incontestavel que ás comissões de verificação de poderes cabe a obrigação de não sancionar as candidaturas de individuos inelegiveis.

A apresentação da candidatura por 25 eleitores não se destina, evidentemente, a permitir que sejam eleitos candidatos que, á face da lei, o não possam ser. Seria o absurdo. O seu fim é facilitar a vinda á Camara de cidadãos que não queiram tomar a iniciativa da apresentação dos seus nomes, ou ainda daqueles que, encontrando-se fora do paiz no periodo eleitoral, não possam cumprir em tempo oportuno aquela formalidade.

Fez-se na comissão de verificação de poderes a prova de que o sr. Ruy de Andrade era inelegivel? Se assim foi, se, como já se disse na imprensa, aquele candidato não gosa da qualidade de cidadão portuguez, não podia a comissão adoptar outro procedimento.

Dizem os monarquicos que muitos deputados foram eleitos sem fazerem a prova da sua elegibilidade, pela apresentação da sua candidatura por 25 eleitores. E' certo. Mas desde que se prove que algum dos parlamentares eleitos nessas condições são inelegiveis, o remedio é simples: perdem o mandato, por proposta da comissão de infracções levada á apreciação da Camara.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

VI

Prosperidade e decadencia — As riquezas de além — A velha agiotagem — Ouvidos de mercador — Escravos e alimarias

Até ao advento de D. João I, pae do inventor dos descobrimentos, as leis destinavam-se todas ao fomento, como agora é moda dizer, e tinham o caracter de protecção aos nacionais.

Em tempos de D. Afonso IV ficara prohibida a exportação do oiro e da prata. D. Duarte tornara possivel a continuação de mercadores estrangeiros em Portugal, contanto que vagassem impostos para não virem fazer concorrencia desleal aos nacionais.

O que actualmente se chama — seguros sociais, — embora de aplicação restricta aos casos de falencia ou desastre dos comerciantes, foi invenção de D. Diniz, como posteriormente D. Fernando, o apaixonado de Leonor Teles, inventou e criou os Seguros Maritimos, que teem agora um desenvolvimento mundial.

Tambem D. Pedro promulgara leis prohibitivas de todos os contractos prejudiciais á agricultura.

Toda essa obra gloriosa de progresso material terminou miseravelmente com o advento dos descobertas e conquistas. Nos seculos chamados aureos da nossa Historia, foi quando decaimos completamente. Tornámo-nos apenas uma especie de recoveiros, intermediarios dos centros productores (as conquistas) e consumidores (a restante Europa).

Das terras dalém audavamos carregando materiais de reexportação e drogas de luxo para consumo.

As naus vinham-nos de toda a parte, e todas a uberbolar de pimenta, cravo, gengibre, canela, grande quantidade de açucar do Brazil e, curjas de Porcelana(1), além de muito aljofar, almiscar, ambar, marfim de Angola, ébano de Moçambique, pau da China, pau de Benjoim, Calumbá, incenso, perolas, pedras de bazar e toda a outra pedraria preciosa.

Embora tenha sempre de ficar incompleta a enumeração dos productos com que as Naus nos chegavam carregadas, não devemos encerrar este resumido elenco sem mencionar mais os tafetás, as peças de finissimo oiro lavrado em Ormuz, os damascos, os veludos, as sedas orientais, as riquiss mas alcatifas, as finissimas colchas «de todo o pesponto e montaria com muitos godorins de seda», os cobertores de seda «brosiados de ouro», além de uma infinidade de caixões cheios de Cassa, Cachas, Bengalas, Balagaths, Palagamdos, Escumilhas, Canaquis, tafeciras de seda; etc. (2)

Na glosa a um rifão, escrita por Diogo Velho no seculo XVI lêem-se estes quadros que resumem as ostentações da herdeira do emporio de Veneza:

> «Ouro, aljofar, pedraria,
> gomas e especiarya
> toda outra drogarya
> se recolhe em Portugal.
>
> «Onças, liões, alifantes,
> moonstros e aves falantes, (papagaios)
> porcelanas, diamantes
> he já tudo muy jeral. (3)

Tudo quanto aqui nos sobejava das nossas ostentosas exigencias era reexportado a troco dos produtos estrangeiros.

Ao Tejo vinham as naus de Flandres trazer-nos os panos de Inglaterra, os vidros de Veneza, as telas de ouro de Milão, as sedas de Napoles e da Sicilia, as raixas de Florença e mais uma infinda de artigos em que procuravamos mitigar a nossa séde de luxo e ostentação. A's vezes, nem a pimenta chegava a entrar na Casa da India e era logo baldeada para os navios estrangeiros.

Assim anduvam além-mar os nossos eugodando, saqueando e pirateando para virem cá Lisboa, que sucedera a Veneza no emporio comercial, comprar e trocar com os productos da industria estrangeira, já que não creavamos a nossa.

E com o crescer de toda esta prosperidade crescia a nossa miseria e decadencia. Em D. Manuel inventámos a divida interna — padrões de juro — e permitiu-se a usura cambial.

A pouco mais de meio seculo, a ordenação de 4 de Novembro de 1564 (4) vem mostrar-nos como o espirito de ganancia viera substituir a galhardia tradicional, triste sintoma da mais deplorável decadencia, que só teve similar nos modernos Shillock da alta finança e do alto comercio.

O exemplo do assalto nos mares sugestionara para o assalto em terra.

Os negociantes de então, como hoje, abusavam das pessoas necessitadas, vendendo-lhes as mercadorias fiadas com grande usura.

Estes compradores infelizes, perseguidos pelas instancias dos negociantes, revendiam os mercadorias ao primeiro que lhes oferecesse, por menos preço do que tinham comprado, a fim de poderem com algum dinheiro fazer calar o credor, surdo a rogos, — o implacavel perante o infortunio.

Daqui viria o velho ditado — «fazer ouvidos de mercador» — porque este era, então como sempre, surdo a todas e quaesquer considerações que fossem de encontro aos seus ilegitimos interesses.

A lei citada explica a crueldade dos agiotas do seculo XVI:

«... além disso ficam as suas pessoas (os devedores) obrigadas a pagar o primeiro preço por que lhe foram vendidas (as fazendas), e por não poderem pagar nos tempos limitados em seus contractos, fazem outras novas obrigações, confessando as dividas com o interesse (juro), e *fazendo aos ditos interesses divida principal* (juro composto), de modo que, de ano em ano e de feira em feira, se vão embaraçando nas ditas dividas e interesses delas».

Impossibilitado o povo de reagir perante o despotismo dos varios poderes constituidos, limitava-se a traduzir a sua indignação por adagios:

—«Ninguem, s. ria vendeiro, se não fosse o dinheiro» dizia ele á boca pequena em anexim que Antonio Delicado nos conservou.

A usura gananciosa dos aventureiros do comercio exercia-se ainda mais horrorosamente com o trafico da escravatura que, em todo o caso, já em 1555 um autor coevo condenava cheio de indignação e revolta. (5)

O trafico reduzido á condição de base de riquezas como artigo de comercio, é amargamente verberado por Fernão de Oliveira.

«Nós fomos os inventores de tão mau trato, nunca usado nem ouvido entre humanos» — escreveu ele. Nan se acharaa nem rezam humana consinte, que jamais ouvesse no mundo trato, publico e livre de comprar e vender homens livres e pacificos como quem compra e vende alimarias, boys ou cavalos e semelhante. Assi os tangem, assi os constrangem, trazem e levão, e provam e escolhem com tanto desprezo e impeto como faz o magarefe ao gado no curral.» (6)

A *razão* que assistia a este espirito ludico grande socialista em pleno seculo XVI, evidencia-se só considerar que D. Manuel, nas suas ordenações (7) equipara os escravos com as bestas, e legisla por igual para as duas cousas, designando quaes os casos em que, por morte do escravo ou da cavalgadura, o vendedor era obrigado a restituir o valor a quem tinha comprado.

Tambem o já citado Clenardo alude ao caso, ao descrever-nos a epidemia esclavagista em Portugal.

«Os escravos, observava ele, pululam por todos os lados. Todo o serviço é feito por negros e mouros captivos e em Lisboa uma tal quantidade dessa fazenda, que se acreditaria que *excede em numero os portuguezes livres*. Encontrareis dificilmente uma casa em que não haja ao menos uma creada desta especie. E' ela que vae comprar as cousas necessarias, que lava a roupa, limpa as casas, acarreta a agua e despeja a certas horas o imundicie de todo o genero: *em uma palavra, é escrava e só se distingue pelo vulto de uma besta de carga*. Os mais ricos possuem escravos dos dois sexos. Ha individuos que não tiram pequeno lucro da venda de jovens *escravos que criam como pombos para levar ao mercado*.»

Ladislau Batalha

(*Continúa*).

(1) A «corja» era unidade indica que valia vinte, o mesmo que «Scores», vintena em ingles.
(2) Nicolau d'Oliveira — Grandezas de Lisboa — I — cap. 2.
(3) Cancioneiro geral — V — 177.
(4) Extravagantes de D. N. Leão — Lei 2 — Parte IV — Tit. X.
(5) Fernão de Oliveira — «Arte da guerra» — Cap. IV — Parte I.
(6) *Idem*.
(7) Livro IV — Titulo XVI.

Touradas

A primeira corrida noturna

Com a antiga instalação electrica completamente remodelada e ampliada, de maneira a dar uma iluminação superior á que havia antigamente, recomeçam em 9 do corrente as corridas nocturnas que estavam suspensas por anos, devido á falta de materiais para reparação das instalações. Promove a corrida a Caixa de Pensões dos Viuvas e Orfãos dos Ferro Viarios do Sul e Sueste.

Na lide de dez touros puros, generosamente cedidos, tomam parte o admiravel cavalheiro José Belmonte, o valente e exímio pegador sr. João Azevedo Coutinho, com o seu novo grupo de forcados amadores, o distinto cavaleiro-amador sr. Vasco Anjos (Fontaiva) os aplaudidos artistas José Casimiro e Ricardo Teixeira, apreciados bandarilheiros nacionais e os espanhois «Forerito» e A. Marroco, da quadrilha de José Belmonte.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

NOS DEPUTADOS

UM DISCURSO

O sr. Carvalho da Silva levanta incidentes na Camara

Depois de aprovada a acta o sr. Alves dos Santos propõe um voto de homenagem ao sr. Antonio Augusto Gonçalves, o admiravel organisador do Museu Machado de Castro, de Coimbra. Foi aprovado por todos os lados da Camara.

O sr. Carvalho da Silva pede á mesa informes acerca da pregunta feita na sessão anterior pelo sr. João Camoezas no caso da eleição do sr. Ruy de Andrade. Profere algumas palavras que ocasionam alguns protestos dos liberais.

O sr. presidente adverte o orador de que está fóra do regimento.

O sr. Ramos da Costa manda para a mesa os seguintes projectos de lei: Readmitindo imediatamente ao serviço nos lugares que desempenharam com todas as condições e vantagens a eles inerentes, os agentes ferro-viarios empregados na direção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste que foram demitidos ou suspensos pelo decreto 7.189 de 9 de Dezembro de 1920, ou por qualquer forma, por motivo da greve de 1920.

Criando uma comissão de melhoramentos nos serviços ferro-viarios do Estado.

Revogando o decreto 6960 de 23 de Setembro de 1920 pelo qual passou para a Inspecção do Serviço Militar dos Caminhos de Ferro a direcção dos caminhos de ferro do Sul e Sueste.

O sr. Sampaio Maia pede ao sr. presidente que o informe sobre qual é a lei que está em vigor regulando o caso.

O sr. Calem Junior apresenta um projecto de lei concedendo um subsidio á Misericordia do Porto.

Uma interpelação ao sr. Ministro das Colonias

O sr. Vasco Borges interpela o sr. Ministro das Colonias acerca dos ultimos diplomas que o sr. Celestino de Almeida tem feito publicar. Considera os ultimos diplomas do sr. Ministro das Colonias picarescos, escandalosos e de caráter dezembrista. Violentamente, o sr. Vasco Borges analisa esses diplomas que teem os numeros 7596 e 7646 e que se referem aos Serviços dos Correios e Telegrafos e aos Magistrados Coloniais.

Sobre este ultimo decreto o orador dirigiu ao sr. ministro das colonias um formidavel ataque, dizendo que s. ex.ª com ele apenas quiz beneficiar algumas pessoas.

O sr. ministro das Colonias, informa que o decreto referente aos magistrados coloniais foi suspenso por implicar com a magistratura da metropole e que o referente aos correios e telegrafos tambem foi suspenso porque depois se reconheceu ser necessario introduzir-lhe algumas alterações.

O sr. Vasco Borges em aparte: — O enterro do sr. ministro das colonias.

O orador continuando, diz que os decretos em questão foram já convenientemente emendados e submetidos á assinatura presidencial.

Sobre o seu passado republicano dirige ao sr. Vasco Borges algumas palavras, no sentido de lhe mostrar que o seu republicanismo não pode ser posto em duvida; e sobre as suas intenções diz que elas são de modo a não impedir de alterar qualquer decreto quando essa alteração se lhe mostre necessaria.

O sr. Vasco Borges, diz que o melhor modo de servir a Republica não é sua ender os seus proprios decretos.

A' hora em que fechamos este extrato está-se procedendo á eleição de varias comissões.

NO SENADO

Na sessão de hoje, o sr. ministro da marinha aludindo ao facto de ter mandado levantar o cerco de pesca de rêvesa do atum, de Ramalhete, a que se referiu o sr. Julio Ribeiro na sessão anterior declara que apenas cumpriu o regulamento, que é bem claro, fixando epocas proprias para a pesca de revez ou rosuada.

O sr. Julio Ribeiro lamenta que s. ex.ª tenha sido tão pouco benevolente mandando levantar aquele cerco.

Sobre o mesmo assunto usou tambem da palavra o sr. Rego Chagas, a quem o sr. ministro disse não poder responder de momento, mas sim com a lei na mão, tendo todavia procedido depois de ter consultado as instancias superiores, e em face das reclamações recebidas.

O sr. José Maria Pereira envia para a mesa um projecto de lei para o qual foi votada a urgencia e que durante duas sessões legislativas não foi discutido. Aproveita o ensejo para tambem mandar para a mesa uma representação de funcionarios administrativos pedindo ajuda de custo.

Procede-se depois ás eleições pelo que se interrompe a sessão.

Notas politicas

O sr. ministro da Instrução tenciona pedir nas camaras um emprestimo de 30.000 contos para a construção em Lisboa e Porto, de dois bairros universitarios.

✦ ✦ ✦

O sr. Lima Duque teve hoje uma demorada conferencia com o sr. Daniel Rodrigues, acerca do emprestimo necessario para a continuação dos trabalhos nos Bairros Sociais. Parece que s. ex.ª nada conseguiu, devendo, portanto, paralisar os trabalhos.

✦ ✦ ✦

Parece que o sr. dr. Ginestal Machado, ministro da Instrução, está na firme disposição de arrendar, mais tarde, o Teatro Nacional Almeida Garrett. S. ex.ª, ao que nos consta, no caso de não arrendar o teatro, pensa tambem em estabelecer vencimentos aos artistas que actualmente ali trabalham, por considerar mesquinho e insuficiente o que estão ganhando.

✦ ✦ ✦

Segundo nos informou o sr. ministro do Trabalho, em breve grande parte do pessoal feminino que ali presta serviço, vai ser dispensado em virtude do programa apresentado na Camara pelo sr. presidente do ministerio.

Os gatunos desenfreados

O ex-chefe do Estado sr. dr. Bernardino Machado, que está morando na rua das Trinas n.º 20, apresentou ontem queixa na policia de, quando tinha aos seus cuidados o menor de 4 anos, Manuel Machado de Sá Marques quando este se encontrava á porta da sua residencia, lhe furtaram uma pulseira de oiro e um colar de ouro, tudo no valor de 5.000$00, ignorando-se quem seja o autor do furto.

Um roubo no total de 250 escudos

José da Silva, morador no quartel das Trinas, foi preso por haver entrado na residencia de João de Almeida, morador na rua Garcia da Orta n.º 12 e 14, donde furtou varios objectos para o valor de 250$00.

O furto dum revolver

Albino Correia, morador na rua da Cruz, 18, 1.º, foi preso por ter furtado um revolver no valor de 150$00 a Leon I Filipe de Sousa, rua do Telhal, 51, 2.º.

POLITICA

Ecos do Parlamento

NOS PASSOS PERDIDOS

A eleição do sr. Baltazar Teixeira

E' positivo que vai repetir-se o acto eleitoral em Portalegre. A comissão de verificação de poderes impressionou-se com a documentação apresentada pelo sr. Baltazar Teixeira. Esto ilustre parlamentar espera fazer triunfar a sua candidatura.

Uma opinião

Diziamos nós, hoje, a um ilustre senador liberal:

— Não é verdade, meu amigo, que atravessamos um periodo de estagnação politica? Parece extinto o fogo sagrado da ambição...

— Não é nada disso. A questão é outra. O momento é grave. Dum instante para o outro pode faltar dinheiro para as necessidades mais instantes do Estado.

— Ha o recurso á nota.

— O quê? Mais de 700.000 contos de circulação fiduciaria? Não, isso não. O que pode acontecer é outra coisa: suspenderem-se pagamentos.

Eis aqui uma opinião que não parece dum parlamentar governamental.

A eleição de Aveiro

Os srs. Germano Martins e Alberto Souto conversaram hoje, animadamente, na sala dos Passos Perdidos da Camara dos Deputados. Não escutámos o que diziam os dois ilustres politicos, porque somos pessoas de boa educação. Mas tratava-se, provavelmente, de assunto politico e que não é estranha a famosa eleição de Aveiro.

Correia, a proposito, que a comissão de verificação de poderes resolvera, por maioria, mandar proceder a um inquerito, que conduzirá, provavelmente, á anulação do acto eleitoral e, consequentemente, a novas eleições. Es estas se fizerem os regionalistas contam com um triunfo insofismavel.

Um desmentido

O sr. Vasco Borges desmente categoricamente a noticia de um jornal da manhã — segundo a qual, este ilustre estadista estava na disposição de abandonar a dissidencia, reentrando no partido democratico. A versão não tem o menor fundamento.

✦ ✦ ✦

O adido naval inglez, sr. W. Chancellor, ofereceu hoje, no restaurante Trocadero um almoço intimo aos srs. tenente Barros Queiroz, chefe do gabinete do sr. presidente do ministerio e Baldy Belem.

Restituidos á liberdade

Já foram restituidos á liberdade, a Micael Saloia e outros individuos, que se encontravam presos, ha 30 dias, no governo civil, e que tinham vindo de Africa onde estiveram acusados de vadiagem.

Movimento maritimo

Entraram hoje no nosso porto, os vapores, brazileiro «Maranguapé», de Santos, Rio de Janeiro, Pernambuco e Madeira, com carga diversa, 21 passageiros para Lisboa e 72 em transito; sueco «Lord», de Cardiff, com carvão, e holandês «Calypso», de Roterdam, com carga diversa.

Um telegrama do Centro Comercial do Porto

O sr. presidente do ministerio recebeu hoje o seguinte telegrama:

Carecendo o país de medidas que o encaminhem á regeneração economica nacional e consequentemente ao desenvolvimento de todos os recursos de que podemos dispor e sendo esse o empenho manifestado pelo governo da digna presidencia de v. ex.ª, o Centro Comercial do Porto faz veementes votos por que da acção do governo e do Parlamento resultem todos os beneficios possiveis para tão patriotico «desideratum», e reitera a v. ex.ª os seus respeitosos cumprimentos. (a) Luís Marques de Sousa, presidente da direcção.

Pela policia

A posse do major Esmeraldo

No gabinete do sr. governador civil realisou-se hoje a cerimonia para a posse do cargo de comissario geral da policia, cargo em que foi investido o sr. major Esmeraldo.

Ao acto assistiram alguns oficiais da policia, o sr. governador civil, chefe da policia de Segurança, da chefe da policia de Investigação, funcionarios do governo civil, etc. etc.

Falaram o sr. dr. Reis Junior, director da policia de Investigação e o sr. Lelo Portela, governador civil de Lisboa.

De encontro a uma carroça

Na enfermaria do Santo Antonio, do hospital de S. José continua em estado grave, o marçano Augusto Lino de Andrade, de 28 anos, morador na travessa de Santa Gertrudes, 61, 1.º, que ontem, quando seguia numa bicicleta, no Campo Grande, foi de encontro a uma carroça, fracturando o craneo.

Conferencias

O sr. ministro da Al manha teve hoje demorada conferencia com o sr. presidente do ministerio.

✦ ✦ ✦

O chefe do governo recebeu hoje os srs. dr. Egas Moniz, dr. Castro da Mata e Ribeiro de Carvalho, o sr. ministro da agricultura, o sr. dr. Augusto Soares.

O chefe da quadrilha dos Terramotos

Foi hoje arquivada a queixa o sindicancia feita ao chefe Alves da quadrilha dos Terramotos em que era acusado de agredir os presos.

A importação de farinhas no Funchal

Os parlamentares pelo Funchal, srs. dr. José Varela e capitão Sousa Brazão conferenciaram nos ultimos dias largamente com o sr. ministro da Agricultura sobre a livre importação de farinha naquele districto, ficando assente que assim que seja aprovada pelo Parlamento a nova lei de regimen cerealifero, se decrete a referida lei.

Salão Central

O principe excentrico

Não pode a empresa deste magnifico cinema demorar as suas peliculas por muito tempo no ecran, ainda que estejam em pleno exito. Assim sucede com o brilhantissimo film, em 7 partes, *O principe excentrico*, que os seus dois protogonistas, a eximia actriz Helena Makowska e o distinto actor Reggero Ruggeri, desempenham primorosamente. Hoje será a sua ultima exibição, figurando tambem no programa os ultimos episodios estreados na presente semana, da colossal fita de aventuras, *Os cavaleiros da lua*.

Amanhã, primeira apresentação na matinée do 15.º episodio deste emocionante obra prima, recheado das mais extraordinarias peripecias, completando o espectaculo, um interessante comedia, e os costumes americanos *As barras de oiro*, mais um autentico triunfo para o grande actor Monroe Salisbury, interprete genial do *Milhafre*, que ha pouco muito fez as delicias dos frequentadores do Central, e duas tantas maravilhas a que o seu prestigioso nome está ligado.

NO CARAMUJO

O incendio de ontem

causa grandes prejuizos avaliados em 2.500 contos

O incendio de ontem, um dos maiores que tem havido no paiz, e maiores prejuizos causou ainda á hora que escrevemos continua lavrando em pilhas de cortiça, que estavam ao ar livre do lado do paredão do Tejo, que orla o caminho que conduz, no portão de entrada, da quinta do Alfeite.

Os proprietarios da fabrica, sociedade da firma William Rankin & Sons, com quem nos avistámos, informam nos que o incendio deve causar um prejuizo superior a 2.500 contos, o que é coberto por companhias inglesas, entre elas, as Norwich, Royal, Commercial Union e Liverpool London & Globe.

A fabrica, uma das mais antigas, no genero, tinha actualmente ao serviço, cerca de 300 operarios, entre eles e desde á dias algumas mulheres, razão porque lavrava entre os operarios, que não aceitavam de bom grado a entrada delas, uma certa agitação, pelo que estava latente entre pessoal e industria um conflito, o qual deu lugar a que no Caramujo, se falasse de que o sinistro não tinha sido casual.

Pelas informações obtidas, sabe-se que o fogo começou na cortiça que estava proxima da oficina de queimada, tendo sido verificado pouco depois da entrada dos operarios, ás 13 horas, diligenciando os mesmos ex inguil-o a baldes com agua, ao mesmo tempo que se fazia a mudança dos fardos para outro local. Foram impotentes nesse serviço, e quando viram expostos os seus esforços, resolveram retirar dos armazens o maior numero possivel de obra manufacturada, especialmente rolhas e quadros, maquinas manuais e outros utensilios de facil remoção.

Os edificios constituiam diversos corpos isolados, mas comunicando-se entre si, de maneira de que ao fogo, foi facil apoderar-se deles, pelo que tres horas depois estavam reduzidos a paredes, desaparecendo por completo todo o seu conteudo, que segundo informes, era importante, restando dos escombros, acervos de ferro dos fardos e entulho, reduzindo-se a cinzas toda a cortiça.

Das enormes pilhas de cortiça em diversos estados, irrompiam alterosas chamas, dando a impressão que estivessemos presenciando um vulcão. A área da fabrica deve ser superior a 8.000 metros quadrados, razão porque de Lisboa o espectaculo que se disfrutava era tão espantoso.

Durante o incendio por vezes houve o receio de que a mata do Alfeite fosse tambem pasto das chamas, tendo, em virtude disso, ficado de prevenção cerca de 400 operarios das obras do novo Arsenal.

Actualmente da fabrica apenas restam o chalet que estava afastado do fogo, por um jardim, e que serve de residencia aos industriais, e um grande barracão, onde estão instalados os maquinismos do vapor que não foi atingido, pela distancia em que se encontra.

A fabrica incendiada estava para ser ampliada com a construção de novos edificios e montagem de novas maquinas, tendo ainda ha dias aí estado, um engenheiro da fabrica Vulcano, a tirar medidas.

Os socorros foram prestados com toda a solicitude, não só pelos bombeiros de Almada, Barreiro, Cacilhas e de Lisboa, tanto municipais como voluntarios, mas ainda pela guarnição do rebocador *Jupiter*, da casa Garland Laidley & C.ª que só retiraram depois do incendio extinto.

Os bombeiros municipais de Lisboa, bem como os voluntarios de Lisboa e Campo de Ourique, que para o Caramujo foram embarcar em na Porcelana dos Vapores, com as suas maquinas, regressaram hoje, bastante extenuados, sendo dignos de elogios, pela forma correta e tecnica como se conduziram durante os trabalhos.

Conservaram-se sempre junto do local dos trabalhos, o vereador do pelouro de incendios da Camara Municipal, administrador do concelho, o srs. Egreja e Cassiano da Silva, respectivamente comandantes dos bombeiros de Cacilhas e Almada.

Segundo a opinião de pessoas autorisadas, o incendio desta fabrica, teria sido menos importante, se, a exemplo do que possuem os estabelecimentos fabris, norte-americanos, existisse a montagem dum serviço de incendios por meio de tanques com preparações quimicas no genero dos empregados pelos varios sistemas de extinctores.

Em favôr dos pobres

Uma festa no Regaleira Club

E' no proximo dia 13, como já aqui dissemos, que se realisa nas sumtuosas salas do Regaleira Club a primeira da serie de festas que varios jornalistas promovem nos grandes clubs da capital, em beneficio das casas de caridade.

O sr. Artur Ayres, que gentilmente se colocou á disposição dos nossos camaradas, para a realização de tão genero a ideia, tem desenvolvido, em favôr dela, a mesma atividade que põe no serviço do seu club. Essa colaboração preciosa faz jus a gratidão dos jornalistas e é uma lição aos indiferentes e aos que preferem, á regulamentação do jogo, o espectaculo aviltante duma capital enxameada pelos mendigos.

Como dissemos trata-se de organisar uma festa elegante, digna daquele recinto de arte e bom gosto, e onde, sigam o que dissemos, se reune todas as noites grande numero de individuos das classes mais cultas, que pagam sem regatear e portanto vão onde os servem bem.

Adoptando a ideia da comissão, o distincto caricaturista Joaquim Guerreiro passará a noi e de 17 no Regaleira, e, é claro, será entregue aos nossos camaradas, fará a caricatura dos assistentes.

Ha outros numeros briginais, que darão áquela festa um caracter de arte e de imprevisto.

Os musicos que constituem a orquestra do Club cederam os seus honorarios daquela noite.

Os nossos camaradas que compõem a comissão pedem-nos para, desde já e em seu nome, agradecermos a entusiastica colaboração do sr. Artur Ayres.

VIDA SPORTIVA

Os combates de box de domingo no Stadium

O campeão suisso Simeth, que no proximo domingo combaterá contra Mario Gall no Stadium de Lisboa, é sem duvida um dos melhores homens da sua categoria, pois tem já obtido vitorias sobre os «estrelas» francezas do ring. Mario Gall é tambem uma das «vedetas» ao titulo de campeão francez. Assim, o combate que ambos vão disputar constituirá uma luta em que ambos terão de se empregar a fundo pois nenhum ha-de querer ceder ante o seu adversario. O estimulo da bolsa, de que o vencedor terá 800 e o vencido 400, oferece-nos o garantia da sinceridade do combate, que se faz em 10 rounds de 3 minutos. Antes deste encontro, Faustino Pereira que está agora em magnifica forma será oposto a um homem da sua categoria que se tem treinado propositadamente para este combate. Vai ser uma bela manifestação de box e é preciso que nas Faustino desejar armar cada vez mais o seu nome para poder em breve disputar o titulo de campeão portuguez.

A festa principia ás 18 horas precisas.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS — A's 21,30 «Os seductores».
NACIONAL — A's 21,15 h. — «A vida dum rapaz pobre».
AVENIDA — A's 21,30 — «O coração manda».
GINASIO — A's 21,30 h. — «O celebre Pina».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Avé Maria».
APOLO — A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tal».
EDEN — A's 21,30 h. — «Pó de dançar».
SALÃO FOZ — A's 20,30 e 22,30 — «Trélaró».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas-feiras espectaculos.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Reclamos

Nacional

Esteve muito concorrida a recita da moda realisada ontem, tendo subido á scena a peça «A vida dum rapaz pobre», que hoje se repete.

A essa peça sucederá o «Rogerio Laroques, de Jules Mary, com Rafael Marques no protagonista. A peça está sendo ensaiada por Augusto de Melo.

Avenida

Hoje realisa-se a festa do secretario deste teatro, Jaime Bento, e do actor Henrique Pereira.

O espectaculo é dos mais atraentes, constando da unica representação da delicada comedia «O coração manda».

N'«O coração manda» tem Palmira Bastos um trabalho admiravel, que lhe tem valido os mais unanimes e rasgados elogios.

A CAPITAL

3852 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Sexta-feira, 5 de Agosto de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — End. telegr. CAPITAL | Preço, 5 centavos

O regimen cerealifero

Pensa-se em atacar o problema cerealifer duma maneira diversa daquela por que tem sido encarado até agora. Trata-se, na realidade duma questão que desde o principio da guerra tem sido fundamental para a sua administração e que até agora não tem feito senão agravar-se, sendo prejudicado o consumidor e não menos o Estado.

O regimen dos cereais panificaveis, ou seja especialmente o trigo, tem causado ás finanças da nação importantissimos prejuizos, que se devem computar em muitos milhares de contos. A certa altura procurou-se, concedendo o aumento do preço do pão, aliviar um tanto o Estado dum pesadissimo encargo. Agora, porém, trata-se de ir mais longe, isto é, de estabelecer em relação aos cereais, como já se fez em relação a varios generos, a absoluta liberdade de comercio.

Julgamos optimo que assim suceda porque, como dissemos, o Estado tem sido enormemente onerado com o regimen dos trigos. Mas como, se os interesses do Estado são altamente atendiveis, os do publico, sobretudo numa questão desta natureza, positivamente vital, não o são menos, segue-se que tudo quanto se fizer tem de obedecer a tres condições. A primeira é que o pão não falte. A segunda é que o pão não aumente de preço. A terceira é que o pão não passe a ser ainda de peor qualidade.

Desde o momento em que o interesse do Estado se não reuniu com a efectivação destas trez condições, só haverá que aplaudir o novo regimen escolhido em substituição do actual.

Será isso facil? Será mesmo possivel? Não o sabemos. O que sabemos é que se deverá envidar todos os esforços para resolver o problema neste sentido.

Para esse fim pode-se recorrer a certos meios, que se nos afiguram eficazes, e entre eles conta-se o que poderemos chamar a localisação do pão de trigo.

Com efeito, não ha muitas regiões do paiz onde a massa da alimentação é o pão de milho? Para que se ha de desenvolver nessas regiões o gosto do pão de trigo, quando o de milho é até mais substancial e o seu consumo data de seculo?

O que dizem das regiões onde se consome o pão de milho, diremos daquelas em que o pão de centeio é consumido, e o facto é que, deixando o pão de trigo só para as regiões onde o seu consumo é habitual, conseguir-se-hia uma importante diminuição na quantidade de trigo a importar.

Compreende-se, por exemplo, que o carvão seja necessario para tudo, pelo menos emquanto se não utilisar, para acionar as industrias, a energia das quedas de agua que no nosso paiz existem. Não ha maneira de limitar sensivelmente a sua importação, porque não é possivel substitui-lo. Mas com os trigos já não se dá o mesmo caso, e desde o momento que cada provincia semeasse o seu pão tradicional, é de prever, como já dissemos, uma importante baixa na importação desse cereal.

Repetimos, porém: Tudo isto será excelente, não faltando o pão de trigo onde ele não pode faltar, e não aumentando o seu preço ou peorando a sua qualidade. Porque, sobretudo nos ultimos casos, a verdade é que o pão de trigo já é caro e que a sua qualidade já é má.

Sanatorio maritimo do Norte

PRAIA DE VALADARES, 30.—Esteve visitando o sanatorio o sr. professor Correia dos Santos, que verificou como o sr. dr. Ferreira Alves, ilustre director, emprega com exito a FIBROCALCINA na reconstituição dos tuberculosos.

A Espanha em Marrocos

Os ministros tomam providencias

MADRID, 5.—O conselho de ministros de ontem á noite foi de opinião que o presidente lembre ao rei a conveniencia de consultar as opiniões dos homens politicos mais importantes acêrca do problema de Marrocos.

O presidente declarou que esta questão é uma questão nacional.

O governo cumpriu o seu dever acudindo com a pressa que as circunstancias requeriam, e com as medidas que os acontecimentos reclamavam para repressão do levantamento dos mouros.

Até aqui, perante a violencia do incendio, ignoravamos o que estava dos escombros, mas agora que o governo tem exacto conhecimento dos factos ocorridos, chegou o momento de tomar medidas de transcendental alcance para o que é necessario conhecer a opinião dos chefes do partido, antes mesmo da reunião das côrtes.—(A.)

Movimento de tropas

CADIZ, 5.—Chegou o transatlantico «Afonso XIII», transportando tropas de Bilbao. Seguiu para Malaga, ficando nesta cidade um dos regimentos que teve um brilhantissimo acolhimento. O circulo mercantil obsequiará hoje as tropas expedicionarias.—(A).

Terroristas capturados

MADRID, 5.—O ministro do interior atribue grande importancia á captura ultimamente realisada em Barcelona de alguns bandos de terroristas.—(A)

O CONTRACTO

Um milhão de dollars, fóra o resto...

Essa bagatela cabia, na sua maior parte, aos srs. Manuel de Noronha, Pedro : : : : : Araujo e Melo e Sousa : : : : :

Já veiu a publico a noticia de que os intermediarios do famoso contracto dos 50 milhões de dollars pretendiam a comissão de 2 %.

Mais tarde, mais cedo, a verdade acaba sempre por triunfar. Ainda não é a *verdade toda* que o publico principia a conhecer, mas já se descobre, enfim, uma ponta do véu que a ocultava.

Os dois por cento de comissão, já confessados, davam aos felizes intermediarios a bagatela de um milhão de dollars, que na sua maior parte caberiam aos srs. Manuel de Noronha, que está em Paris, Pedro Araujo, que está no Porto, e Melo e Sousa, que vive em Lisboa. Uma bagatela, na verdade, principalmente tratando-se de *pobretões* como aqueles assinalados vultos do alto comercio nacional.

Afirmou-se que os artigos adquiridos á sombra do credito seriam pagos pelos preços correntes no mercado americano á data do embarque. Verifica-se agora que a esses preços teria de se juntar, pelo menos, a comissão de dois por cento sobre as compras efectuadas...

Mas ainda se não verificou tudo. Os intermediarios não queriam receber ás claras a sua comissão. Pretendiam ocultá-la nas malhas de «despesas inerentes». Dois por cento? Sabe-se lá... Essa percentagem foi solicitada, realmente, pelo sr. Manuel de Noronha, quando veio apressadamente de Paris com o intuito de fechar o negocio. Solicitada *verbalmente*, mas entendendo-se que os lucros dos intermediarios sabiam das tais «despezas inherentes», sem se limitar de qualquer modo a comissão que eles pretendiam receber.

Pedidas explicações, não foram dadas. Nos termos daquela condição, o governo não saberia nunca qual o preço exacto por que teria de pagar os generos importados. Era possivel utilisar dessa forma o credito alcançado? Haveria algum governo capaz de se entregar de olhos fechados ás mãos gananciosas de tão ilustres e conceituados representantes do alto comercio?

Não o acreditamos. O governo cumpriu o seu dever. Não tendo forma de obter a descriminação das tais «despesas inerentes», solicitou preços dos artigos a adquirir pela abertura do credito, para saber qual era a comissão que os intermediarios se propunham receber. Isso passou-se ha cerca de trez semanas. Pois a resposta ainda não veio!

Já o leitor tem novos elementos de apreciação para avaliar das grandes *vantagens* da operação e considerar quanto era conveniente, na verdade, para os audazes intermediarios que o negocio não tivesse de ser previamente examinado no parlamento.

Um milhão de dollars—fóra o resto... Compreende-se bem que o sr. Pedro Araujo desatasse a comprar cambiais á doida, para as divisas descerem e o contracto aparecer como a tabua de salvação a que o governo teria forçosamente de se agarrar!

AINDA EM VOLTA DAS ELEIÇÕES

O sr. almirante Machado Santos

declara-nos não ter tido nunca entendimentos com o sr. Liberato Pinto

No café «Londres», no Cais do Sodré, encontrámos ha pouco, abancado a uma das pequenas mesas colocadas no passeio, o sr. almirante Machado Santos, que saboreava beatificamente e a pequenos golos, a sua predileta chavena de café.

—Então v. ex.ª mudou de poiso?... perguntamos nós.

—Não, não mudei. Apenas hoje, e acidentalmente, pois vou daqui a momentos aos Transportes Maritimos, me encontro no «Londres», o que não quer dizer que eu abandonasse a «Chave d'Ouro»...

—Segundo lêmos num jornal qualquer, não me recordo qual foi, v. ex.ª parece que tomava parte no celebre e projectado movimento revolucionario?...

E' falsa tal afirmação! — protesta o sr. Machado Santos. — Eu nunca tive entendimentos de espécie alguma com o sr. Liberato Pinto, a quem muito admiro, e não compreendo muito bem como se forjou semelhante atoarda.

—Talvez devido á afirmação que v. ex.ª fez ha pouco tempo!...

—Ah! sim, que eu iria, se preciso fosse, para a revolução... Bastante barulho produziram então as minhas palavras!...

—Que v. ex.ª naturalmente proferiu, como direi?, talvez impensadamente?...

—Engana-se—diz vivamente o sr. Machado Santos, brilhando lhe o olhar por detraz dos vidros de cristal dos seus oculos de áros de ouro.—Eu afirmei tal cousa depois de refletir maduramente nas palavras a dizer ao jornalista, pois após a derrota eleitoral que o meu partido sofreu, toda a gente se julgava no direito de se rir de mim!...

E num gesto de expressiva indignação, s. ex.ª exclamou:

— Ora é isso que eu não tolero a ninguem! Era necessario mostrar-lhes que eu ainda valho alguma cousa, o que ficou sobejamente provado com as medidas tomadas pelo sr. ministro da guerra!...

— ?!!...

— Nem se admire, pois foi devido ao medo que eu lhes inspiro que o sr. general Silveira mandou vir as tropas da provincia para Lisboa.

— Ignoravamos tal facto!...— confessámos nós.

— Pois fique-o sabendo, porque é essa a verdade!

— Segundo se diz, v. ex.ª está organisando, com novas bases, o Partido Reformista?

— Estou, de facto, pois a atitude de alguns dos antigos federados tornou-se de tal modo inaceitavel que me foi necessario dar esse pequeno, ou essa espécie de golpe de estado, dissolvendo a antiga Federação e creando o Partido Reformista. Foi mais por causa do sr. Meira e Sousa, um dos elementos que mais contribuiu para o nosso insucesso eleitoral, que eu me vi na necessidade de fazer essa dissolução, e creio que fiz bem.

— Que nos pode dizer v. ex.ª ácerca do acordo a que queria chegar com o governo, em matéria eleitoral?

O sr. almirante acaba de beber o conteudo da sua chavena, e diz-nos pausadamente:

—Eu vou-lhe explicar pormenorisadamente o que houve de verdade na minha entrevista com o sr. Tomé de Barros Queiroz. O sr. Meira e Sousa foi junto do sr. presidente do ministerio e fez-lhe ver a conveniencia que havia do governo chegar a um acordo com os reformistas, acedendo imediatamente. S. ex.ª recebeu-me para trocarmos impressões sobre tal facto.

«Acompanhado pelo sr. Meira e Sousa, fui junto do sr. Barros Queiroz e fiz lhe ver, por uma lista que levava comigo, que a Federação tinha votação em 23 circulos, caso o governo não exercesse qualquer pressão para disputar-nos essa votação.

«O sr. presidente do ministerio quis chegar então a um acordo comigo, mas parecia duvidar de que os federados conseguissem ser votados em 23 circulos, achando exagerado o numero.

«Foi então que o sr. Meira e Sousa interveiu, dizendo que da minha parte havia exagero, e que de seguro apenas tinhamos os votos conseguidos por um parente dele.

«V. deve calcular como eu fiquei! Apesar disso, o sr. Barros Queiroz ofereceu-me patrocinar trez dos nossos candidatos, o sr. Freitas Ribeiro, o sr. general Gomes da Costa e eu. Como v. sabe nenhum de nós é politico de «verdade» e apenas seriamos, dentro das camaras, trez figuras de prestigio nacional. Já nesse ponto não nos convinha a proposta do governo, mas muito menos ela era aceitavel neste segundo ponto: os candidatos da F. N. R. não seriam incluidos nas listas governamentais por Lisboa, mas sim por qualquer circulo que préviamente nos fosse indicado!

«Foi então que eu repliquei ao sr. Barros Queiroz: — Sim, compreendo, um dos candidatos propõe-se por «Alcabideche», outro por «Lavarabos», e eu, finalmente, pelos pretos!...

E, concluindo, o sr. almirante Machado Santos, ajuntou:

—Em tais condições, a proposta do governo era inaceitavel, e eu assim o fiz ver ao sr. Barros Queiroz, declarando-lhe que ia disputar maiorias em Lisboa.

Nesta altura, o nosso almirante bate as palmas, chama o creado para lhe pagar os cafés, e com um aperto de mão despede-se de nós, dirigindo-se para os Transportes Maritimos.

Em Berlim

Prisão do assassino dum oficial francez

BERLIM, 5.—*Os jornais publicam* um decreto da comissão inter-aliada do Opelin, declarando ter sido preso no dia 31, passado, em Kreuzburg, o operario mineiro Joschko Leon que declarou terminantemente ter sido o assassino do major francez Montalege.

Joschko Leon tem 20 anos, é oriundo de pais alemães, fazia parte de uma sociedade secreta na Alta Silesia e refugiou-se em Breslau depois de consumado o crime.—(H)

O que diz o sr. dr. Tovar de Lemos sobre a limpeza da cidade

Falta de agua e falta de cuidado

Na intenção de sabermos alguma coisa de inedito sobre a momentosa questão do mau estado em que se encontram as ruas da capital, procurámos o sr. dr. Tovar de Lemos, que exerce a honrosa profissão de sub delegado de saude, em Lisboa, que nos disse o seguinte:

— A questão é grave, é mesmo muito importante, mas que havemos de fazer, se esta é a indole do nosso povo?

Ele, só ele, devia ter o cuidado na limpeza das ruas.

—Mas a Camara...—aventámos nós.

—Não, não, a Camara não é a principal culpada. Ela por si nada faria, dada a deficiencia das verbas. Falo assim porque eu já fui vereador da Camara Municipal, aí por 1916.

Quem lá está dentro é que sabe. Apodamos de indolentes e inaptos os vereadores da Camara, ás vezes sem razões.

A causa principal do estado de pouca limpeza em que se encontram as ruas da capital é devida quasi unicamente á falta de agua.

E quem é o culpado desta falta de agua? A Camara? A Companhia? Talvez. Todos os anos se dão estas faltas do precioso liquido, e então este ano tem sido por demais, devido á estiagem que tem sido excessiva.

Tem-se visto que a agua do Alviela não é suficiente para abastecer a cidade; tem-se visto que é urgente remediar este mal, pois de contrario teremos de sofrer todos os anos uma sede medonha.

A Companhia tem o contracto a terminar; para fazer as obras necessarias teria de dispender muitos milhares de escudos. Ora, é claro, ignorando as condições em que esse contracto lhe será renovado, retrai-se a fazer despezas. Tem razão, é claro.

A' Camara competia dar-lhe garantias, mas isto é como todos os assuntos burocraticos. Muita moralidade, pouca vontade.

—Mas que vê v. ex.ª para atenuar este estado de coisas?

—Eu o que vejo é que com boa vontade conseguir-se-hia alguma coisa.

—Uma remodelação aos serviços de limpeza e rega?

—Remodelação não direi, mas uma inovação seria de grande utilidade.

Por exemplo, servirmo-nos de agua dos poços existentes nos varios pontos da capital para a limpeza e regas. Isso era facil conseguir. Como a agua era pouca, podia-se misturar na agua qualquer substancia gordurosa que simultaneamente fosse desinfectante. Regadas as ruas assim, ficariam como que uma massa comatica, que desinfectava as ruas, a atmosfera e nos traria o grande beneficio de não deixar levantar essas ondas de poeira que de continuo se erguem a nossos olhos e nos torvam a vista.

Depois, a falta de agua traz grandes males. Por causa dela é que de quando em quando se levantam essas febres tificas, essas doenças suspeitas, e infecciosas.

Estamos num estado de civilisação extraordinariamente atrasado. Na Suissa nós vemos que as ruas são limpas pelos proprios moradores. De manhã cedo nós vemos os creados das casas varrendo e lavando com escova e sabão o *asfalto* dos passeios publicos. Não é preciso ir mais longe, basta-nos *olhar* Sevilha, onde as ruas são tão aceadas como a nossa propria casa. Não ha uma teia nas paredes dos predios, não ha, cascas de fruta nem papeis pelo chão, não ha nada.

Não vemos mictorios exalando cheiros pestilenciais, nem caixotes de lixo ás portas.

Em todas as esquinas um cesto para lançar papeis e a cada canto um homem de vassoura na mão.

Temos tambem a falta de habitações. Agora tenho eu um senhorio que reclama contra o inquilino, porque meteu num quarto de oito metros quadrados nada menos de seis pessoas. Compreende-se, a população tem aumentado e construções não se teem feito. Isto concorre tambem para essas doenças que aparecem de vez em quando, pois é uma absoluta falta de higiene.»

Os aviadores optimistas

MADRID, 4.—Referem os jornais que por noticias particulares de Melilla sabe-se que os aviadores que fizeram o ultimo vôo sobre Zeluan e Monte Arruit regressaram admiradissimos por ter visto apenas um incendio e pelo facto dos mouros transitarem tranquilamente na planicie. Não disparavam um só tiro, o que leva a crer que os defensores de Zeluan tiveram que ceder. Em Monte Arruit os aviadores não descobriram tropas espanholas e as forças do general Navarro não ocupavam esta posição, onde reinava tranquilidade. Apoz algumas negociações os mouros entregaram o coronel Araujo e alguns oficiais que se encontravam prisioneiros.—(H)

Por alma de Caruso

realisam-se missas em Napoles

NAPOLES, 4. — Realisaram-se as exequias de Caruso, assistindo enorme multidão. Foram pronunciados muitos discursos. Todos os estabelecimentos encerraram as suas portas, em sinal de sentimento.—(H).

Cada vez mais alta

Dr. Economista—*A febre da exploração é que o mata...*

SEM TESTEMUNHAS

Um duelo á pistola

Nas terras do Desembargador, bateram-se hontem em duelo, á pistola sem testemunhas, segundo nos informam, um conhecido comerciante colonial e um engenheiro electricista, ficando o primeiro levemente ferido no hombro direito.

Ignora-se o motivo que os levou a baterem-se d'uma forma tão pouco vulgar, prevendo-se, no entanto, não ser estranha a este caso a figura graciosa de uma mulher.

O colera na Russia

REVAL, 5.—A população esfomeada que se dirige sobre Moscou, traz consigo o colera. A mortalidade é enorme elevando-se a 95 %. A epedemia faz tambem grande numero de victimas nas tropas russas.—(H).

A conferencia do desarmamento

realisa-se em 11 de Novembro

WASHINGTON, 5.—O governo inglez participou ao governo americano que concordava com a data de 11 de Novembro, fixada para a conferencia do desarmamento.—(H).

As propostas de finanças

O funcionalismo publico deve reagir contra o atentado que o pretende ferir

Não entendemos que seja indispensavel esperar pela discussão parlamentar para nos pronunciarmos contra as propostas de finanças. Durante muitos anos o partido liberal apregoou, por todas as formas e feitios, que o sr. Barros Queiroz possuia o segredo do elixir que havia de restaurar as finanças publicas.

Para isso — diziam os unionistas, ainda mais que os evolucionistas — é urgente resolver a questão politica, desfazer o «gâchis» parlamentar, habilitar o governo a exercer a sua acção administrativa.

Este berreiro ensurdecedor acabou por ferir os timpanos do sr. Presidente da Republica, que chamou ao poder o partido liberal, guiado por uma pseudo-manifestação da opinião publica, tumultuosamente traduzida num levante de tropas. E assim surgiu o gabinete Barros Queiroz.

Este ilustre homem publico, legitima esperança da nação, já deu sinal de si e do que é capaz, projectando sobre a camara dos deputados as suas propostas financeiras—produto luminosissimo de largos anos de meditação na paz do ostracismo. Simplesmente: nós não damos os parabens ao sr. Barros Queiroz! E desde já nos pronunciamos em oposição a certas das suas concepções financeiras, entre as quais avulta a proposta sobre o funcionalismo, que reputamos iniqua, vexatoria, anti-republicana e até inexequivel. Temos a intenção de analisar nestas colunas as reformas propostas pelo sr. Barros Queiroz. Não esperaremos, para o fazer, que o parlamento se pronuncie, porque não necessitamos das ideias dos outros para fazer obra original. Mas resolvemos principiar essa analise critica pela proposta respeitante ao funcionalismo, visto que ela, mais que outra qualquer, atenta contra os direitos de cidadãos que não teem culpa alguma, pelo facto de o Estado os ter contractado e entender, presentemente, que pode parodiar o poeta que mandava pastar, livremente, nas campinas, o misero cavalo lazarento. Principiemos, pois, pela proposta de entorcamento do funcionalismo publico.

Antes de mais nada—e ha muito que dizer...—destaquemos que contra a burocracia é costume, aparentemente incorrigivel, disparar toda a especie de tropos. Dir-se-hia, ao ouvir certos moralões, que o funcionalismo publico é apenas composto de vagabundos e que o Estado se transformou, desde que é Estado, num Horto do Livre Cambio *albergador* da fauna preguiçosa e sugadora da Nação. Estas idéas, expostas pelos politicos inexcrupulosos, desvirtuaram a verdadeira noção que se deve ter respectivamente ao funcionario publico. Se é certo que ha, dentro do Estado e a seu soldo, individuos com falsa noção dos seus deveres *profissionais*, é forçoso reconhecer que nos pequenos burocratas se não pode exigir mais zelo nem mais dedicação. Não é o servente, nem qualquer dos empregados subalternos com categoria de oficial, que deixam de estar no seu posto a tempo e horas. Eles assignam o ponto de entrada e sahida e *são eles que fazem todo o serviço do expediente*. São, realmente, os unicos que trabalham! Quem não comparece, ou comparece, tarde e a más horas, é o chefe da repartição e dai para cima. Esses vão quando querem e saem quando lhes apetece. Se fosse possivel uma selecção rasoavel, justa, seria indispensavel começar pelos chefes de serviço. Ora não é nas mãos deles que o sr. Barros Queiroz colocou o raio jupiteriano que ha-de fulminar o pauperrimo terceiro oficial, paria desgraçado, cujos filhos berram por pão e cuja esposa já não sai á rua, com receio de que a tomem por uma mendiga?...

Basta, por hoje. Mas âmanhã continuaremos a tratar esta questão, pondo nela toda o amor que nos merece a desgraçada classe do funcionalismo publico. Mas não basta o que nós *façamos*. E' forçoso que os interessados, os ameaçados, aqueles que uma catastrofe ameaça, se reunam e se defendam, elucidando o Parlamento e dizendo, «una voce» e no momento proprio:

Senão, não!...

E' da tradição nacional. Já assim se falava aos reis, que, afinal, não eram senão tiranetes.

Porque diabo se não ha-de dizer mesmo, agora?...

UMA FESTA INTIMA

A GRANDE LUCILIA

recita por uma forma divina poesias brazileiras

Escrevo debaixo duma profunda impressão. Aquelas poucas faculdades que nós, os latinos do ocidente, possuimos, para poder, livres de exageros e desequilibrios sentimentais, criticar a frio toda a obra de Arte, acabo certamente de as perder. Ha ocasiões em que um sentido superior nos invade, e aquela primitiva atitude critica da inteligencia é tão fortemente vencida, que só nos restam vagos e atordoados apoios do coração, e sem outra força concreta além da intima e perturbante força dessa mesma razão do sentimento.

Acabo de ouvir Lucilia Simões. Confesso que o simples facto de a ouvir recitar para mim, foi além dum prazer excepcional, uma forma de adquirir uma inteira tranquilidade a seu respeito. Confesso ainda, que quando os jornais anunciaram como um facto que Lucilia voltaria ao palco, e as torrentes dos maiores adjectivos se seguiram ao seu nome, eu fiz a mim mesmo esta pregunta: Haverá o direito de esperar que uma mulher que esteve 12 anos fóra da scena, volte a ela, com o mesmo brilhantismo, como se ha 12 dias deixasse a ribalta?

Eu guardava da Lucilia a vaga, imprecisa recordação da «Estraviada», magra, nervosa, passeando pelo palco uma «raquete» esterica, e trazendo em si, estampada a metempsicose de toda uma geração falida. Hoje a Lucilia é outra. Essa mulher, que volta a scena em plena e vigorosa mocidade, em admiravel equilibrio de nervos, mulher na alma, no corpo, nos sentidos, deixou-me agora a impressão de que conquistará num quarto de hora o seu lugar de primeira entre as primeiras.

Trata-se duma mulher. Duma mulher que está no apogeu de todas as suas faculdades, na plenitude scientifica de todos os seus recursos, no absoluto desenvolvimento desse seu maravilhoso e divino instinto de exteriorisação dramatica a que Henri Bordeaux chamou o «grande instinto humano».

Essa mulher que não sendo bela respira beleza, tem em cada atitude em cada inflexão, em cada gesto a maravilha da maior beleza, de beleza estilisada na sua forma de Arte, superior e completa.

Lucilia recitou as Naus da India, de Santiago Presada.

«As Naus da India quando voltarão...»

Eu não sei o que de misterioso houve nas primeiras palavras da sua voz. Ha sentimentos intimos de raça que se não descrevem, que vivem para maior gloria em cada um de nós. E' esse tenue fio de lusitanismo que nos reune, que paira num sono esquecido de Camões, e floresce numa quadra ingenua de João de Deus, e chora uma guitarra triste de marinheiro, e desabrocha, glorioso e divino na voz de Lucilia, na voz anciosa que interroga num frenito que trespasse, na voz dos sentidos em fogo, na voz humilde e enorme...

As Naus da India, quando voltarão...?

Que dizer ao publico dessa mulher que ele vae adorar como um idolo?

Uma mulher que recitou (recitar é muito mais dificil do que representar) alem daquela poesia o admiravel e criativo de Bilac, «Surdina», pela forma extraordinaria por que Lucilia o fez, é em toda a parte uma actriz de genio, a gloria duma scena, a victoria duma geração.

Lucilia foi — é essa talvez a sua maior força — a grande actriz de duas gerações. Estes 12 anos fizeram nascer outra mulher—e 12 anos separam duas gerações.

Que Lucilia venha depressa; é o publico que lho pede. A sua arte fará bem. A sua voz, o seu coração hão de embelezar esta vida um pouco mais — e nós precisamos cada vez mais de beleza.

* * *

Lucinda e Lucilia apresentaram ontem na Agencia Americana, que a ilustre colega D. Virginia Quaresma dirige, as suas alunas de declamação.

Pretexto para se fazerem ouvir além das discipulas D. Maria Corte Real e Mello de Avila e D. Alda Rodrigues, algumas outras senhoras e homens dos melhores amadores e profissionais de canto. Representou-se «Rosas de todo o ano»—e o dialogo de «Pierrot e Pierrette» de Julio Dantas.

M.elle Corte Real dispõe duma admiravel voz e duma bela mascara e todos os discipulos se apresentaram muito bem, estando a comedia das «Rosas» excelentemente ensaiada como era natural. Lucinda assistiu á representação e com ela muitas senhoras da melhor sociedade.

Lucilia aproveitou, o pedido, o momento para se pôr em contacto com o publico, procurando assim a genial actriz, pouco a pouco, o grande contacto do dia da estreia.

Raros foram os que assistiram ás primicias dessa recitação. Ela teve uma excepcional importancia. Mostrou que Lucilia fez o que só as grandes actrizes podem fazer.

Recitou por uma forma violenta e impecavel, por uma forma equilibrada e superior, sem claro escuro demasiado e sem sobriedade [illegible]. E como se a ouvisse agora, parece-me que ainda tenho nos ouvidos, milagrosa de emoção—com um poder de emotividade surpreendente a sua voz estranha:

«As naus da India quando voltarão...?

Quando voltarão...?»

O HOMEM QUE PASSA

VIDA SPORTIVA

Combates de box no Stadium

Mario Gall e Simeth disputam no domingo uma bolsa de 3.500 francos — Faustino reaparece — um combate de amadores

No «ring» do Stadium, hoje um dos melhores entre nós, realisa-se no domingo, pelas 18 horas, uma magnifica festa de box, cujo programa comporta tres combates, a saber:

Mario Gall, campeão do Sul da França combate com Simeth campeão suisso.

Faustino Pereira combate Luiz Reina e os destinctos amadores Godofredo da Costa Campos e Cezar Rumina fazem um combate de 4 rounds.

Como se vê, o programa está organisado de modo a atrair ao Stadium muita gente, a avaliar o interesse que reina no nosso meio sportivo.

Discute-se principalmente o combate Mario Gall—Simeth porque Mario vai encontrar em Portugal um homem da sua categoria e do seu peso, batendo forte e... quem sabe talvez até mais rapido.

O combate desperta por isso interesse, mas para os boxeurs ha 3500 francos a disputar, além da vitoria, que podem acrescentar á lista que qualquer deles tem e que é bastante notavel.

Devem ser 10 rounds de batalha violenta e ao mesmo tempo de bom box.

Faustino Pereira, o rival de Silva Ruivo, o homem que aspira ao titulo de campeão de Portugal vae encontrar-se novamente com Luiz Reina com quem já combateu e venceu. Consegui-lo ha?

E' dificil fazer prognosticos, porque Reina trabalha seguramente ha um ano, unicamente para uma desforra. Entretanto Faustino que se diz, como de facto é, discipulo de Mario Gall, deve procurar manter os creditos do seu professor e defender o seu nome que ele vê subindo dia a dia. Faustino hoje já tem admiradores. E' um combatente sincero e leal e essas qualidades teem-lhe grangiado a simpatia geral do publico.

Para completar o espectaculo os distinctos amadores continuam a dar o seu valioso concurso. Godofredo da Costa Campos (campeão amador da categoria dos levissimos combaterá com o amador Cezar Rumina que ultimamente no Porto conseguiu impor-se ao publico portuense.

Ambos são conhecedores da nobre arte devendo por isso resultar um bom encontro. O espectaculo comporta tres combates qual deles o mais interessante.

SPORTS ATLETICOS

Concurso de Sports Atleticos (Juniors)

Depois de amanhã, pelas 14 horas, realisam-se no campo de jogos do *Sport Lisboa e Bemfica* as provas de Sports Atleticos para Juniors, organisadas pelo *Sport Lisboa e Bemfica*, com o seguinte programa:

100m velocidade (eliminatorias), lançamento do peso (5 kg), saltos em altura com balanço, estafetas de 3X100m (eliminatorias), lançamento do dardo, saltos em comprimento, 100 metros velocidade (Final) saltos á vara, lançamento da bola de cricket, estafetas de 3X100m (final), luta de tração á corda.

NOTICIARIO

Realisa-se depois de amanhã, organisada pelo Luzitano Club Ciclista uma prova de 50 kilometros em estrada cuja partida será dada do Campo Grande ás 17 horas e meia. O percurso é o seguinte: Campo Grande, Lumiar, Carriche, Odivelas, Caneças, Sabugo, Belas, Queluz, Porcalhota, Carnide, Luz, Paço do Lumiar e Campo Grande.

—Acaba de se organisar um team de foot-ball, capitaneado pelo jogador Manuel Arsenio que tenciona percorrer as provincias.

—Consta que o 1º team do Casa Pia Atletico Club tenciona ir ao Brazil a convite do Fluminense.

Pelas Colonias

Segundo comunicação recebida no ministerio das colonias, o alto comissario em Moçambique determinou que a circunscrição de Guija, no distrito de Gaza, mude de séde, e criou varios postos administrativos no mesmo distrito.

—O alto comissario em Angola vai publicar brevemente um diploma estabelecendo um regimen para a colonisação daquela provincia.

O corpo de marinheiros

Nomeação do comandante interino

O capitão de mar e guerra sr. Pereira Leite foi nomeado para exercer interinamente o comando do corpo de marinheiros.

Os bairros sociais

Um emprestimo ou hipoteca para continuação dos trabalhos

Apesar de terem surgido dificuldades, parece não estar posta de parte a idéa da realisação de um emprestimo destinado ao prosseguimento dos trabalhos dos bairros sociais, sendo possivel que para tal fim venha a ser feita uma hipoteca dos mesmos bairros á Caixa Geral de Depositos.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS—A's 21,30 «Os seductores».
NACIONAL — A's 21,15 h. — «A vida dum rapaz pobre».
AVENIDA—A's 21,30— «O coração manda».
GINASIO—A's 21.30 h.—«O celebre Pina».
POLITEAMA—A's 21,30 h- «Avé-Maria».
APOLO — A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tal».
EDEN—A's 21,30 h.—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Tróiaró».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas-feiras espectaculo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central. Cinema Condes, Salão dos Anjos.

O «Chiado Terrasse»

fechou para obras e vae reabrir com uma nova exploração

Mario Duarte, que encontrámos, diz-nos duas palavras sobre o assunto, prometendo-nos mais informações detalhadas da sua parte, de Luz Veloso e Rafael Gomes, na proxima semana.

Corre ha dias já que uma nova orientação vai ser dada ao Chiado Terrasse e encontrando nós por acaso Mario Duarte, tentámos obter detalhes sobre o assunto.

O antigo artista dramatico e traductor de varias peças de sucesso diz-nos:

—Efetivamente fundamos uma empresa que eu e Rafael Gomes dirigimos e que tem á frente o nome prestigioso de Luz Veloso, a Empreza Dramatica Limitada, cujo primeiro fim é, de acordo com a Empreza Internacional, fazer do Chiado Terrase um teatro confortavel, onde um pequeno grupo de artistas faça arte unida, homogenea, com critério e honestidade. Isto não são promessas vãs. E' a tal encantadora «boite» que faltava em Lisboa.

—Então detalhe...

—Não, por hoje, não lhes posso dizer muito mais, reservando-lhe a prioridade para a semana proxima, em que lhe proporcionarei uma conversa com Luz Veloso e Rafael Gomes.

—A proposito, ouvi dizer que casaram?

—Efetivamente casaram no domingo passado.

—E a companhia está organisada...

—O grupo homogeneo, chamêmos-lhe assim, esta quasi organisado e, esteja certo de que os conjuntos hão de ser perfeitos.

—E peças?

—Nada mais... nada mais por hoje, meu amigo. Eu e o Rafael estamos doidos com as obras... grande palco... camarotes, etc...

—Adeus... adeus.

Noticiario

Entre nós

Rogerio Laroque, a peça de Jules Mary, que no Nacional, está sendo ensaiada por Augusto de Melo, vai ter como protagonista Rafael Marques.

Rogerio Laroque será apresentada com cenarios de Reis, filho e Campos & Oliveira.

—A companhia *Alves da Cunha*, do Ginasio, tem já quasi completamente concluidos os ensaios da nova peça *O Gabirú*, tradução de Jaime Vitor, a qual não será tão cedo representada, em vista do exito recrudescente de *O Celebre Pina*.

—A espirituosa peça *Tratado de Auteuil*, cuja *première*, no Avenida, se destina á festa de Samwel Diniz e ultima recita de assinatura, está assim distribuida, na parte femenina: *Joana de Aubigny*, Palmira Bastos; *Gabriela Avise*, Leonilde Pereira; *Madame Marsay*, Elvira Velez; *Judith Gillier*, Carlota Sande A peça, em portuguez, intitula-se *Guardado está o bocado*...

Reclamos

Nacional

Poucas mais representações dará a interessantissima peça «A vida dum rapaz pobre», que ainda hoje se repete. Aproveite, portanto, estas derradeiras representações quem ainda não foi ver a delicada obra de Octave Feuillet, que tem tido numerosas «reprises», sempre com geral agrado do publico, que muito a aprecia, e com toda a justiça, deve dizer-se tambem.

Movimento maritimo

Entraram hoje no nosso porto os vapores, francezes «Sierra Ventana» de Buenos Aires, Montevideu, Santos, Rio de Janeiro, Babia, Pernambuco e Dakar, com carga diversa, 87 passageiros para Lisboa e 210 em transito; «Amirol Jaureguiberry», de Antuerpia, Hane, Corunha e Leixões, tambem com carga diversa e passageiros para Lisboa e em transito; «Peligrini», de Casablanca com fava; noruegueses, «Bjerk» de Newcastle e «Rogn», de Cardiff, ambos com carvão; «Senator» de Cadiz, Sevilha e portos do Algarve, carga diversa, e «Tela», de Hamburgo, carga diversa, e inglez «Theseus», de Amsterdam e Rotterdam, carga diversa.

A TELEGRAFIA SEM FIOS

Nova descoberta dum sabio francês

PARIS, 5.—O «Matin» faz salientar que ontem, pela primeira vez, graças á nova descoberta de um sabio francês se poude realisar a transmissão de um documento autografo pela telegrafia sem fios da America para a França. —(H.)

ULTIMA HORA

POLITICA

As primeiras noticias do resultado eleitoral fizeram o panico dentro do governo

Isto é historia antiga. Como, porem, ela ainda não está feita, não é fora de proposito deixar aqui um episodio.

Conhecem-se os motivos que levaram o sr. Barros Queiroz a confiar a pasta do Interior ao sr. general Abel Hipolito.

Este ilustre militar deu, sem duvida, provas de bravura e de extrema dedicação á Republica. A sua acção em Flandres não deu ocasião a criticas malevolas, antes pelo contrario, e o seu procedimento em face da Traulitania constituiu um belo exemplo de desinteressado amor á Republica.

Tudo isto não impede, porem, que o sr. Abel Hipolito não seja um jurisconsulto ou, pelo menos, um mediocre conhecedor do direito administrativo, qualidade essencial para o desempenho das funções de ministro do Interior. O bravo oficial estava contra-indicado para tal lugar. O que levou, então o sr. Barroz Queiroz a escolhe-lo? A necessidade de não despertar ciumes entre os evolucionistas que veriam com desagrado e desconfiança a apresentação do nome do sr. Matos Cid, politico primativamente lembrado — e muito acertadamente lembrado — para ocupar o *fauteuil* donde se dita a convencional verdade eleitoral.

O sr. Antonio Granjo, especialmente não transigiria com tal escolha...

Mas as eleições resultaram num desastre para o partido liberal e, portanto, para o governo. O paiz respondeu pela boca das urnas, que não aceitava a salvação por mão dos liberais, mesmo que no panelão do partido fervessem, em conjuncto, os evolucionistas do sr. Antonio Granjo, os centristas do sr. Egas Moniz e os unionistas do sr. Brito Camacho, lugar tenenciado pelo sr. Barros Queiroz.

Alguns membros do governo reconheceram, logo ás primeiras noticias do desastre eleitoral, que a situação do gabinete era insustentavel e que mais valia declarar-se imediatamente a crise do que ir agonisar, aos poucos, perante um Parlamento semi-hostil. Desta opinião era, por exemplo, o sr. Matos Cid, que chegou a arrumar os seus papeis como quem está certo de se conservar, muito pouco tempo, á frente da magistratura portugueza.

O sr. Barros Queiroz, que crê na eficacia e durabilidade das promessas de apoio que constantemente lhe segreda o sr. Antonio Maria da Silva, conseguiu adiar a crise, a pretexto de que convinha saber, por experiencia directa, qual a atitude do Parlamento.

Ficou-se nisso. E agora espreita-se o gesto parlamentar, que e incerto, hesitante, impreciso. Mas ha-de deixar de o ser...

A minoria monarquica dá sinal de vida, pela voz, tonitroante, do sr. Carvalho da Silva

Estreou-se hoje, na camara dos deputados, o sr. Carvalho da Silva, deputado monarquico. Propôs a abolição do subsidio. Tambem quer, segundo se diz, que os ministros andem a pé, proibindo-lhes o uso do automovel.

Estas ambições são incoerentes. A Camara devia ouvi-las serenamente. Entendeu, porem, que era preferivel fazer um principio de *zaragata*, o que tornou felicissimo o ilustre deputado monarquico.

Uma pergunta do sr. Pereira Osorio e resposta do sr. Matos Cid

O sr. Pereira Osorio fez hoje perguntas no Senado acerca dum caso banal, em que se poz em duvida o espirito republicano de determinada resolução do sr. ministro da Justiça. O sr. Matos Cid respondeu demonstrando que a lei fora cumprida.

Cremos que não ha resposta mais adequada desde que é proferida pela boca do ministro da Justiça. E acreditamos tambem que o cumprimento da lei, seja boa ou seja má, absolve de tudo, quaisquer que sejam as consequencias. E ta doutrina é absolutamente republicana. Ha um recurso, quando a lei é má ou contraria ao espirito republicano; é modifica-la. Essa função, no caso sujeito, pertence ao sr. Pereira Osorio e não ao sr. Matos Cid.

Um incidente entre o sr. Agatão Lança e o sr. ministro da marinha

O ilustre deputado sr. Agatão Lança expediu, no uso legitimo do seu direito, um telegrama de propaganda para o Porto, quando se teria o duelo eleitoral. Esse despacho foi julgado ofensivo pelo sr. governador civil do Porto, que reclamou perante o titular da pasta da marinha.

O criterio do chefe do distrito do Porto era manifestamente errado, e competia ao governo fazer-lho sentir. Adoptou-se, porém, o criterio contrario e o sr. ministro da marinha mandou instaurar processo disciplinar ao sr. Agatão Lança.

Este incidente vai dar lugar a um debate parlamentar, consequencia de uma interpelação que o sr. Agatão Lança vai anunciar, se já não anunciou, ao sr. ministro da marinha.

Para mais completa informação diremos que, segundo nos consta, o sr. Lança Cordeiro verberou ao sr. governador civil do Porto a sua parcialidade a favor da candidatura monarquica do sr. Antonio Cabral, proposto por Penafiel em oposição ao sr. Agatão Lança.

Notas politicas

O sr. Abilio Marçal vai apresentar na Camara dos Deputados um projecto sob o aumento de honorarios ao sr. presidente da Republica.

O deputado sr. Abilio Marçal considera mesquinho o insuficiente o que atualmente estão recebendo os altos magistrados da Nação, parecendo, se gundo consta, que o governo tambem em breve apresentará uma proposta para o aumento dos honorarios dos ministros, que serão elevados a mil escudos mensais.

✦ ✦ ✦

O sr. Antonio Mantas tambem em breve apresentará na camara dos deputados um projecto sobre a regulamentação do jogo, e sobre a maneira de se reprimir radicalmente o jogo clandestino.

Por esse projecto de lei serão pedidas responsabilidades aos proprios senhorios dos predios onde estejam estabelecidas as tavolagens.

✦ ✦ ✦

Consta que as Camaras não sancionarão os decretos ultimamente postos em vigor pelo sr. Norton de Matos, alto comissario em Angola.

Diz-se que a atitude das camaras, caso tal facto se venha a produzir, implicará a imediata demissão do sr Norton de Matos, havendo até quem diga que já está indicado o sr. Freire de Andrade para o substituir, que tambem consta recusar o convite.

✦ ✦ ✦

O sr. Celestino de Almeida, ministro das colonias, apresentará, dentro de breves dias, uma interessante proposta sobre a remodelação dos serviços no ultramar.

✦ ✦ ✦

O sr. Eduardo de Sousa, da comissão de inquerito aos abastecimentos, deve apresentar por estes dias o seu relatorio na Camara dos Deputados.

Consta que esse relatorio virá a produzir grosso escandalo.

Boletim de saude

Na semana finda em 30 de Julho ultimo, manifestaram-se em Lisboa 12 casos de defteria, 13 de febre tifoide, 1 de meningite, 1 de sarampo 9 de variola, e no Porto, 1 de defteria e 2 de febre tifoide.

Liceu de Setubal

Pelo deputado, sr. Joaquim Brandão foi apresentado na camara dos deputados um projecto elevando a central o Liceu Nacional da cidade de Setubal.

PARLAMENTO

Nos Deputados

O serviço de automoveis e o subsidio aos deputados

Antes da ordem do dia, o sr. Carvalho da Silva envia para a mesa dois projectos de lei, um no sentido de se fazerem economias nos serviços dos automoveis do Estado, outro extinguindo o subsidio que actualmente é concedido aos deputados. Para justificar estes projectos o orador fez algumas considerações que provocaram uma verdadeira tempestade de apartes a que o sr presidente poe cobro.

O sr. Lopes Cardoso pede informações sobre se na mesa existe já algum projecto identico.

O sr. Presidente:—Existe.

Os projectos são admitidos, mas o sr. Carlos Olavo reputa de inconstitucional o segundo daqueles projectos, pelo que declara que não podia ser admitido.

O sr. João Bacelar pede ao sr. ministro do Interior policia para a Figueira da Foz, prometendo o ministro atender o pedido.

Seguidamente o sr. ministro da guerra mandou para a mesa uma proposta de lei remodelando os serviços no exercito, e a que noutro lugar nos referimos.

Justificando-a, o orador fez algumas considerações que foram interrompidas por se ter chegado á hora de se passar á ordem do dia, sendo eleitas as comissões de previdencia social, negocios estrangeiros, saude publica, recrutamento, pescarias, e divisão de contas.

No Senado

Um novo projeto de amnistia para José Julio da Costa

O sr. Pereira Ozorio, na sessão do Senado, pede explicações ao sr. Ministro da Justiça acerca da nomeação do sr. Costa Gomes para conservador da comarca do Porto, quando é certo que ele tinha sido demitido e castigado. Aproveita estar no uso da palavra para tambem protestar contra a interpretação e latitude que os tribunaes tem dado á lei da amnistia.

O sr. ministro da Justiça respondendo, começa por declarar que nomeou o sr. Costa Gomes, ao abrigo da lei, e que, quanto á interpretação dada pelos tribunais á amnistia, não tem tido intervenção no caso, não tendo até hoje recebido reclamação alguma nesse sentido.

Como a sessão tivesse começado um pouco mais tarde, mais nenhum orador usou da palavra até á hora de fecharmos este extracto, constando nos ter pedido a palavra o sr. Fernandes do Rego, a fim de mandar para a mesa um projecto de lei pondo em liberdade o assasino do ex-presidente da Republica, esr. dr. Sidonio Paes.

POEIRA DA ARCADA

Conferenciaram hoje com o sr. presidente do ministerio, os srs. ministros da Guerra e da Agricultura, dr. Augusto Soares, dr. Fernando Cosa o Belchior Figueiredo, dr. Agostinho Fortes, tenente coronel Pico, etc.

✦ ✦ ✦

O sr. Amilcar de Barros Queiroz, secretario do sr. presidente do ministerio, solicitou do sr ministro da Agricultura a concessão de um subsidio para premios do concurso pecuario que se realisa em Cintra, em 29 do corrente, por ocasião das festas em homenagem á memoria de Latino Coelho.

✦ ✦ ✦

Os agentes de fiscalisação do ministerio da agricultura que foram dispensados do serviço no comissariado geral dos abastecimentos e colocados em suas regiões agricolas da provincia, apresentaram varias reclamações ao sr. ministro da Agricultura a proposito daquela colocação.

✦ ✦ ✦

Uma comissão delegada da União dos Operarios Panificadores de Lisboa conferenciou hoje com o sr ministro da Agricultura sobre interesses de classe.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

O comercio da escravatura — Os maganos de alto bordo : : : As prevaricações do comercio a retalho : : :

Os arrematantes do trafico dos escravos na Guiné compravam os pretos e o ouro a troco de quinquilharias de cobre e latão, panos de algodão e contas. Os negros comprados eram trazidos pelos gentios: seus proprios filhos, diz a crónica (1), e tambem os prisioneiros das guerras intestinas.

Os feitores conduziam-nos a S. Thiago (Cabo Verde), separados os machos das femeas, e ali os vendiam aos casaes.

Em Lisboa, por 1552, o preço de um escravo oscilava entre 45 e 50 mil reis! (2)

De Portugal saía todos os anos para os reinos d'Espanha, assim como para as Indias de Castela, (Philipinas e Antilhas) grande quantidade de escravaria. E muitos dos nossos traficantes andavam a comprar por esse mundo fóra Indios, Bengalas, Jáos, Arabios, Malaios, Malabares, Brazis, Cafres e outros de nações então sujeitas a Portugal.

Nestes ominosos tempos se deve ter gerado o velho proverbio já esquecido: — «sáem cativos, quando são vivos» — talvez lugubre referencia á mortandade que, durante a travessia dos mares se dava nos porões dos navios apinhados de carne humana palpitante, se acaso o anexim não se refere a epocas mais recuadas, em que o vencedor mandava ás vezes passar a fio de espada os vencidos que não conseguiam escapar da povoação conquistada.

A esses comerciantes negreiros chamava o povo — maganos de alto bordo.

O rifão desapareceu com o crime que lhe dava origem, mas no uso ainda subsiste, obliterado e em referencia a pessoas que sabem governar-se, no sentido pejorativo da palavra, seja como fôr:

—Ah! seu magano! diz-se. Um magano de bom gosto! Um maganão!

E lá andavam os mares pejados de navios negreiros a abastecer os mercados de carne humana com que o comercio se propunha enriquecer rapidamente. Mas os naufragios então frequentes eram os modificadores automaticos de tanta crueldade e ambição. Chegou a haver terror.

Bras da Costa escrevia a Garcia de Resende:

«Nesta viagem, e hyda,
o que nela navegar
em se deve contentar
coa vyda.
. . . .
«Nam façamos tal partida (viagem),
antes cavar, e roçar,
de consolho contentar
coa vyda.
«Por passar tãta tormenta,
tempo, e vyda tam forte,
e tam perto sser da morte,
antes nom quero pymenta

Garcia responde-lhe:

«Tenho tam *avorrecyda*
«todarde de marear,
«que nam ey nela dentrar
«nesta vyda (3)
. . . .

Indignado de tanto crime praticado em nome do comercio, o povo criou a superstição, mais tarde ja justificada em leis mal obedecidas, e não ocultava o seu regosijo pelos desastres que aos maganos frequentemente sobrevinham, quer no mar, quer em terra.

E proclamava cheio de convicção:

—Quem quer enricar em hum ano, aos seis meses o enforcam.

Delicado, registra uma outra variante do mesmo tema:

—«Quem em um ano quer ser rico, ao meio o *enforcam*», evidente alusão aos castigos que posteriormente tiveram de ser aplicado aos prevaricantes de maior calibre.

O tempo, porém, foi quem deveras enforcou os negreiros; mas até hoje ainda tem deixadro a estrebuchar os modernos açambarcadores, cujo S. Martinho é provavel que venha tambem a chegar-lhes.

O adagiario antigo levou á posteridade muitos anexins de ditos que bem demonstram o espirito malévolo e traiçoeiro dos comerciantes de outr'ora.

Não era só no alto comercio que se davam as prevaricações. O de retalho seguia o exemplo vindo de cima. Exactamente como na actualidade, sofriam-se vexames e espoliações nas compras por miudo—«á conta de ciganos, todos furtamos.»

Por isso a indignação traduzia-se num proverbio que era um ensinamente:—«quem te honra mais do que sóe, ou te quer enganar, ou ver se pode.»

Já vimos o que foi o credito. O retalhista fugia de vender a rol:—«Não ho nada até amanhã.»

«Pregoa vinho, vende vinagre» praguejavam as molheres do povo ao sahirem da taverna com a infusa cheia da falsificada mistela.

O comercio retalhista incidia sobre duas ordens de artigos:—os comestiveis criados no pais e as mercadorias estrangeiras, já que a industria nacional não achava nem se quer procurava modo de desenvolver-se.

Numa carta de 24 de Agosto de 1456 (4) cita-se o nome de varios artigos que se importavam no Porto, e cujo dizimo (imposto) D. Afonso V concedeu... á sua prima D. Felipa!

Vinham-nos então de fóra açafates, aguilhões, arcas, bonecas, botões de azeviche, cabeleiras, candeias de rezar, cardas para cardar algodão, chales, chaperetas tecidas, chapins, enxaravias de seda e linho, espelhos, «isquinynos» (escaninhos?), luvas, manilhas de ouro, prata e azeviche: ouro fiado, pandeiros, prata fiada, retroz, rocas, seda, sedeiro de seda e linho, veus e muitas outras cousas representativas do trabalho profissional que entre nós era odiado e quasi não se exercia.

De quanto temos vindo a esmiuçar ressalta que, durante os seculos aureos, áparte a obra grandiosa das navegações e descobrimento, as riquezas compradas, trocadas ou saqueadas alem-mar, tudo ia para Flandres, Anvers e Inglaterra que nos davam em permuta as fazendas com que cobriamos as nossas carnes, as colchas com que adornavamos as janelas das nossas casas em dias de procissão, as cadeiras e tripeças em que nos sentavamos, os leitos onde dormiamos, os cobertores, etc.

Tudo, emfim, quanto é produto do trabalho profissional, de lá nos vinha em permuta com o que pirateavamos por esses mares fóra á sombra da chancela real.

Ladislau Batalha

(Continua)

(1) Navegação de Lisboa á ilha de São Tome em 1551, *apud* Coll. de Mem. para a Hist. das nações ultramarinas. II

(2) M. B Branco—*Ordens Monasticas*—II—328 nota.

(3) Cancioneiro Geral — III — 341-345.

(4) Apud. Sousa Viterbo — *As candeias*.

A DOENÇA SUSPEITA

Do Hospital do Rego sairam

hoje quasi todas as pessoas que se encontravam isoladas nos pavilhões

Aos inquilinos dos predios 78 e 88, da rua do Passadiço, que se encontravam isolados no hospital do Rego, foi hoje dada alta, tendo ali ficado apenas, no pavilhão 2, Henriqueta da Conceição Franco e Antero Flavio; no pavilhão 7, Casimira Figueiredo, Ernesto Flavio, Maria da Nazaré Alves, Margarida do Carmo e as irmãs Maria de Lourdes e Maria Candida dos Santos.

O pequeno Ernesto Flavio, hoje transferido para o pavilhão 7, tem experimentado melhoras.

No pavilhão 6 deu entrada, para observação, um individuo atacado de doença suspeita. No pavilhão 2 faleceu Carlota Juvenal Alves, uma das inquilinas do predio 88, da rua do Passadiço. Foi-lhe feita a autopsia, sobre cujo resultado se guarda reserva, realisando-se amanhã o funeral.

As pessoas que hoje tiveram alta sairam do hospital pelas 14 horas. Cá fóra, aguardavam-nas muitas pessoas de familia.

Reforma do Exercito

O sr. general Silveira, titular da pasta da guerra, apresentou hoje na Camara dos Deputados um pedido de autorisação para que o governo possa reformar os serviços do exercito. As bases são as seguintes, resumidamente expostas:

Reorganisação do ministerio da guerra; mantem-se o sistema de promoção para o generalato; a aeronautica será a quinta arma do exercito: os actuais comandos de divisões de exercito serão substituidos por comandos territoriais de registo; o serviço será pessoal e obrigatorio, desde os 17 aos 47 anos de idade; o regulamento para o serviço de remonta será revisto; reorganisar-se-ha a Escola Militar, por forma a haver um unico curso de artilharia; a promoção dos oficiais milicianos far-se-ha pela legislação em vigor, mas não irá alem do posto de capitão; é criado junto do ministerio da guerra, um tribunal de contencioso militar a exploração dos estabelecimentos fabris será modificada, com concurso publico ou limitado.

São estas as caracteristicas essenciais da reforma preconisada pelo sr. ministro da guerra,—unicas que é possivel extrair para este jornal.

A CAPITAL

3853 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Sabado, 6 de Agosto de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

OS OFICIAIS MILICIANOS

Na proposta da reorganisação do exercito, o sr. ministro da guerra, na sua ancia de afirmar autenticos preconceitos de casta contra os oficiais milicianos, inclui um artigo, segundo o qual esses oficiais não poderão ser promovidos senão até á patente de capitão. De ai por diante a sua carreira militar fica cortada, muito embora possam ter dado cada vez mais provas da sua competencia e do seu valor.

Rialmente, não haveria melhor nem mais simples maneira de satisfazer determinados propositos que fazem taboa-rasa de tudo que signifique reivindicações da justiça, direitos adquiridos, principios de democracia e reconhecimento nacional. E embora nós tenhamos a certeza absoluta, a certeza rigorosa, a certeza matematica, de que esta pretensão do sr. ministro da guerra nunca chegará a qualquer especie de realisação, ainda assim não é possivel reprimir um movimento de indignação, mesmo só com o pensamento de que tenha sido possivel exteriorisa-la oficialmente, com a chancela governamental, o que representa um desprestigio para a Republica.

Ninguem ignora que a situação dos milicianos está definida por uma circular do ministerio da guerra, que tem valor duma lei, e que lhes garante a igualdade de direitos com os seus camaradas que pertenciam em 1914 ao exercito permanente. Pois essa circular seria rasgada na cara desses valentes milicianos, que derramaram o seu sangue pela patria; trahir-se-hia um compromisso solene tomado com eles, e que não representa mais do que um acto de justiça, sendo ao mesmo tempo util para o exercito e para a Republica; extinguir-se-hia fatalmente a confiança que deve sempre existir em casos desta ordem, em que dum lado estão os servidores do paiz e doutro o proprio paiz, representado pelo Estado!

Mas que pensa o sr. ministro da guerra? Julga possivel consumar um dos maiores atentados que se podem cometer precisamente sobre uma das questões mais melindrosas que presentemente existem na Republica? Felizmente não estamos numa terra de escravos, e o sr. ministro da guerra disso se capacitará quando a sua malfadada reforma lhe morrer aos pés. Ainda não é desta, nem é crivel que o seja nunca, que o odio dos que não foram á guerra se desmascarará, hediondo e mesquinho, contra aqueles que, não pertencendo ao exercito, foram dos primeiros a marchar contra o inimigo, adaptando-se a uma carreira que não era sua, e que amam agora, pela recordação dos perigos atravessados e pela consciencia dos serviços que nela podem prestar á nacionalidade portugueza.

Ha quem diga que os milicianos podiam regressar ás suas antigas ocupações. Não será facil prova-lo em muitos casos; mas, mesmo que assim fosse, os que deram sobejas provas de competencia e valor militar tinham o direito, e talvez até o direito de permanecer nas fileiras, porque não se devem tirar elementos apreciaveis a um exercito que deles necessita. Em Inglaterra, formaram-se oficiais milicianos quando os militares profissionais já tinham caido, um grande numero nos campos de batalha. Aqui foram os milicianos os primeiros sacrificados, e ninguem sabe mesmo, se não fôra o seu exemplo, qual a sorte que teria tido a nossa participação na guerra.

Não! Os oficiais milicianos deram as suas provas, nem ficaram no exercito senão aqueles que não foi possivel expulsar, depois da paz, depois de terem sido aproveitados durante a guerra. Devem e hão de seguir a sua carreira, sem outra limitação que não seja a da sua conducta e a do seu merito. O sr. ministro da guerra pode chamar a Lisboa novamente todas as divisões com que cercou uma capital onde a tranquilidade se não desmentiu um só momento, que nem assim conseguirá realisar os seus desejos. A Republica não está ao serviço de castas, nem adopta como principio a injustiça.

A feira da Noruega

realisa-se de 4 a 11 de Setembro

De 4 a 11 do proximo mez realisa-se, em Cristiania a feira da Noruega, que o ano passado alcançou extraordinario exito. A ele concorrem compradores de quasi todas as nações da Europa.

O fim da feira é desenvolver a venda de produtos noruegueses, ocupando um lugar importante entre os esforços empregados para ampliar o comercio internacional da Noruega. Oferece aos compradores estrangeiros a melhor ocasião de conhecerem a produção norueguesa nos seus diversos ramos.

Estatistica interessante

GUARDA, 1.—De visita ao sr. dr. Lopo de Carvalho esteve no sanatorio Sousa Martins o professor sr. Correia dos Santos, onde verificou como aquele ilustre clinico admira os belos efeitos da *Vibro-calcina*, como recalcificante natural.

POLITICA

O adiamento parlamentar

Entre liberais e democraticos discute-se, : : : : com calor, esta questão : : : :

O que significa a vinda a Lisboa do sr. Eusebio Leão

Toda a vida politica da Nação está presentemente circulada por esta questão: adia-se ou não o Parlamento?

Se quizermos exprimir, com mais exactidão, toda a verdade, temos de registar que, em principio, já se assentou, nos arraiaes democratico-liberais, que o Parlamento será adiado. Toda a duvida reside apenas no praso do adiamento, que o sr. Barroz Queiroz quer prolongar até 2 de dezembro emquanto que os democraticos não parecem dispostos a uma cumplicidade superior a dois mezes, começando o interregno em 15 do corrente e fechando em igual dia do mez de Outubro.

Por outro lado, o sr. Barroz Queiroz exige que lhe sejam votadas auctorisações varias, sem exclusão de algumas para reformas tributarias. *Neste ponto o desacordo democratico* parece firmar-se numa absoluta intransigencia, com excepção, talvez, das autorisações para negociações de emprestimos, embora *ad referendum* parlamentar.

De tudo isto se conclue quanto é dificil a vida do gabinete. Trabalhado pelas dissenções intestinas que são já do dominio publico, vendo que a opinião publica se pronuncia adversamente ás propostas de finanças, com uma permanente ameaça de alteração da ordem publica, o governo do sr. Barros Queiroz vive numa vida vegetativa, apenas amparado pela benevolencia da minoria democratica, á qual não convem, por forma alguma, uma crise total do gabinete.

Os jornaes da manhã dão noticia do proximo chegada a Lisboa do sr. Eusebio Leão. Este ilustre diplomata vem, provavelmente, na intenção de desenrolar a meada diplomatica que tantas amarguras já causou ao sr. Melo Barreto.

Eis como as coisas se estão passando:

O sr. Eusebio Leão já não é, virtualmente, ministro de Portugal na Italia.

Foi transferido para Madrid. O ministro em Italia é o sr. Henrique de Vasconcelos, para o qual foi dado o «agrement» do governo do Quirinal, excepcionalmente solicitado por intermedio da Legação de Italia em Lisboa. Mas o sr. Eusebio Leão não quer ir para Madrid. Prefere ficar em Roma, de modo que o decreto da transferencia ainda não foi publicado e nós não temos, na Italia, ministro junto do governo do rei Victor Manoel, apezar de termos, oficialmente, nada menos de um par deles!

Apesar de tudo, é certo que o sr. Eusebio Leão tem prestado em Roma alguns serviços altos expostos no despacho telegrafico em que se anuncia a sua viagem a Lisboa. Assim, conseguiu (diz o despacho) a vinda a Portugal do general Diaz, a quem o dá e rimento de glorificação do soldado portuguez. Pode ser que seja isso. E relatando a nossa informação diz que o general Diaz só veio por *ordem do seu governo* e que este só deu tal ordem quando soube que o marechal Joffre vinha a Lisboa.

O que não oferece duvida é que o sr. Eusebio Leão é portador duma carta autografa do rei Victor Manoel para o sr. Presidente da Republica. Foi ele que a arranjou.

O monarcha não queria escrever. Mas o sr. Eusebio Leão insistiu e o rei acedeu, dizendo:

—Olhe que é por ser pedido seu!

E' depois, ajuntou, recordando-se duma frase que ouvira a Damaso Salcé, secretario da Legação de Portugal:

—E tambem para evitar falatorios!...

Quem podia, a este respeito, dizer a ultima palavra seria o sr. Domingos Pereira, que quem foi fez a transferencia... e soube porque as fez.

UMA QUESTÃO IMPORTANTE

A nova lei do inquilinato

evitará abusos por parte dos senhorios e dos inquilinos?

Fizemos hoje esta pergunta ao sr. dr. Catanho de Menezes:

—Constando que v. ex.ª ia apresentar ao Senado uma proposta de lei sobre o inquilinato, não me poderia fornecer alguns elementos elucidativos sobre tal projecto?

A sua resposta foi a seguinte:

—Quando estive na pasta da Justiça, apresentei em principios de setembro de 1914, uma proposta de lei sobre inquilinato, que era o resultado dos trabalhos duma comissão a que presidi, incumbida de elaborar um projecto sobre esse assunto.

«No advento do sidonismo essa proposta estava a ser discutida na comissão de Legislação Civil, na Camara dos Deputados, a que eu pertencia, deixando de ter seguimento essa discussão pela dissolução do Parlamento.

«Mais tarde, quando foi ministro o dr. Granjo foi por este senhor apresentado o projecto que aquela comissão estava a discutir, com algumas modificações que o ministro lhe introduzia, e publicou um decreto que tem o n.º 5411 de 17 de abril de 1919, que é o que actualmente vigora.

«Depois desta foi nomeada uma grande comissão que delegou em cinco ou seis membros o trabalho de elaborar um projecto modificando o actual, a fim de que o ministro da justiça de então, o dr. Lopes Cardozo, o apresentasse ao Parlamento.

«Alguns estudos fez essa comissão, e do suma importancia, que se traduziram na proposta apresentada por aquele ministro, em janeiro deste ano.

«Esta proposta baixou á comissão de legislação civil da Camara dos Deputados, devendo ser relator dele, se me não engano, o dr. Barbosa de Magalhães.

«Foi acerca da necessidade de apressar os trabalhos desta comissão, e para que esta proposta seja o mais breve possivel apreciada pela Camara dos Deputados, em seguida pelo Senado, e depois convertida em lei, que eu me referi outro dia, no Senado, a fim de que terminassem os abusos que por parte dos senhorios e inquilinos excedem, como nunca, todas as medidas.

«Para dois pontos, especialmente chamei a atenção do actual titular da pasta da Justiça; para a desigualdade do tratamento a respeito dos senhorios, que ha muito teem as suas casas arrendadas, e para os que as construiram de novo; e em segundo lugar para os abusos dos inquilinos pelo que toca a sublocações.

«Os proprietarios que construirem de novo, e que, assim, pela primeira vez arrendem as casas, exigem rendas exorbitantes, e os senhorios antigos teem de se restringir ás rendas que existiam antes da guerra. Os inquilinos, por sua vez, complicam e pioram esta triste situação, porque sub-arrendam parte das casas, um quarto até, por quantia muito superior á renda total. E os senhorios, muitos dos quais não vivem na abundancia, e sofrem as terriveis consequencias das circunstancias economicas, assistem impotentes a esta especulação, que redunda só em proveito do arrendatario, porque com isso nem sequer aproveita o Tezouro Publico.

Não tenho, pois, projecto nenhum a apresentar sobre o inquilinato, mas pertencendo á Comissão de legislação civil, no Senado, hei-de envidar todos os meus esforços para que se introduzam no projecto vindo da outra camara, as modificações que porventura forem necessarias, de maneira que o conjunto do trabalho legislativo possa satisfazer tanto quanto possivel, ás justas reclamações de proprietarios e inquilinos.

«O problema é da maxima importancia e por isso urgente a sua solução.

A questão da Alta Silesia

A comissão de peritos elaborou um relatorio para o Conselho Supremo

PARIS, 6.—Segundo diz a Agencia Havas, a comissão de peritos, encarregada de proceder ao exame previo da questão da divisão da Alta Silesia, terminou já virtualmente os seus trabalhos.

Perante a impossibilidade de chegar a uma conclusão unanime e de interpretar os resultados do plebiscito, os peritos resolveram entregar ao Conselho Supremo um relatorio, expondo as diferentes soluções sugeridas com os argumentos favoraveis e desfavoraveis apresentados no decurso do primeiro exame, deixando ao Conselho o cuidado de adotar a solução que lhe parecer mais oportuna.—(H).

Os revolucionarios reunem num café

BERLIM, 6. — A *Freiheit* diz que continua com destino á Alta Silesia o transporte de tropas de auto-proteção e que o ultimo comboio partiu de Potsdam no dia 3 do corrente. O mesmo jornal diz que é num café em Potsdam que os reacionarios fazem as suas reuniões e, onde igualmente se resolve o envio de comboios para a Alta-Silesia.—(H).

ASSUNTOS COLONIAIS

O contrato Hornung é uma inepcia e uma vergonha

e representa para o governo este temeroso dilema: ou exercer a escravatura ou pagar anualmente uma indemnisação á felicissima firma ingleza Sena Sugar Estates Limited

O contracto celebrado entre o alto comissario de Moçambique e a firma ingleza Sena Sugar Estates Limited ficará na historia colonial como modelo das ingenuidades governativas mais prejudiciais ao paiz.

Por ele se comprometeu o governo a fornecer anualmente, durante 20 anos, 3.000 serviçais indigenas á firma referida para que esta aumente no mesmo periodo a produção das suas fabricas em 15.000 toneladas de açucar anualmente. Dá-se o caso que esta privilegiada firma tem as suas principais instalações açucareiras nos territorios da Companhia de Moçambique e que nada se dispõe no contracto acerca do destino a dar aquele aumento de produção, do qual assim não tira o governo interesse algum, resultando um beneficio enorme exclusivamente para a firma em questão que, produzindo mais, mais dinheiro arrecada nos seus cofres.

Não se chegou portanto, a perceber que motivo de interesse publico levou a celebrar tal contrato, pelo qual o Estado nada recebe, nem directa nem indirectamente e se comprometeu a garantir um fornecimento anual de 3.000 pretos, garantia que não pode manter por meios legais, visto que o regulamento do trabalho indigena estabelece, como meio de recrutamento, o contracto para realisar o qual não basta evidentemente a vontade do governo.

Mas se não cumprir aquilo a que de animo tão leve se comprometeu, terá o Estado de pagar uma indemnisação a determinar, facto que se pode repetir anualmente, durante 20 anos, de que resultará, se assim suceder, esse meio muito original de enriquecer a feliz firma.

Deste modo o Estado, vendo-se entre as pontas do cruel dilema de forçar o preto ao contracto de recrutamento ou de pagar uma indemnisação, resolver-se-ha naturalmente pela primeira e rolará assim, para muitos anos atraz, na barbaridade da escravatura. Os inconvenientes de tal situação saltam aos olhos de todos, sendo de mais a mais sabido que ha no estrangeiro, muita gente sempre disposta a pegar no minimo pretexto para menoscabar o nome do nosso paiz.

Isto que agora se fez, vinha sendo inutilmente solicitado ha bastante tempo; sempre as autoridades superiores da provincia se recusaram, e com muita razão, a distinguir com um tão grande favor uma firma extrangeira que mantém os costumes e a lingua do seu paiz em todas as suas dependencias, constituindo assim um poderoso elemento de desnacionalisação da provincia. Pelo contracto em questão vai-se auxiliar poderosamente essa desnacionalisação, fornecendo á firma em 20 anos, 60 mil pretos que aprenderão costumes e lingua que não são os nossos.

Não tem ponta por onde se lhe pegue este malfadado contracto.

A troca dum aumento de produção que é de mero e exclusivo interesse da outra parte contratante o Estado dá-lhe uma garantia para manter a qual comprometera o seu bom nome dando azo a que seja apontado ao desprezo do mundo civilisado.

Essa obrigação de fornecer 3000 pretos por ano, ninguem a poderia contrair visto que a provincia não é muito povoada e os pretos nem sempre estão dispostos a contratar-se. Que fará o governo, num caso desses, se não puder conseguir por contracto os indigenas necessarios e tendo diante dos olhos a indnisação a pagar? Usará da violencia e obrigará o preto a seguir contra vontade?

Ai de nós, que vamos transformar as autoridades de Moçambique em autenticos negreiros!

E esse engajamento de indigenas por contracto é dispendioso. O Estado terá que pagar essas despesas de recrutamento para fornecer gratuitamente os 3.000 pretos do contrato. Felicissima firma!

Para as obrigações que lhe incumbem e que de resto são do seu exclusivo interesse, como é a efectivação do aumento de produção, quando não cumpridas, poderá alegar-se a circunstancia de força maior, facil sempre de encontrar em casos tais e em caso algum, se exceptuarmos as multas por falta de valiação dos indigenas, será a firma obrigada a pagar qualquer indemnisação, mas para o Estado, com respeito á garantia do fornecimento dos 3.000 pretos, quando não seja cumprida, será o governo do paiz obrigado a pagar uma indemnisação a determinar!

Evidentemente um tal contracto não pode nem deve ser mantido.

O governo da metropole tem que o anular, se é que tem poderes para isso, porque, na verdade, nele não se lê nenhuma disposição que torne a aprovação definitiva das suas clausulas dependente do governo do paiz. O contracto tal como vem publicado no Boletim Oficial tem todo o aspecto dum facto consumado. Se assim é, ai de nós que ficaremos acorrentados durante vinte anos a esse estupendo monumento de candura administrativa. E' pagar caro de mais o luxo dum alto comissario muito categorisado, mas inexperiente. Que nos sirva, pelo menos, de lição para o futuro, e, para isso, torna-se urgente definir clara e peremptoriamente quais as atribuições dos altos comissarios, cortando-lhes os vôos em que eles possam precipitar a colonia no abismo dos compromissos demasiadamente pesados e prejudiciais.

Não se limita, porém, a prejuizos de ordem material o contracto que temos vindo a analisar sucintamente. Entra tambem pelos de ordem moral. Na clausula setima a firma ingleza Sena Sugar Estates Limité obriga-se, como arrendataria no praso Angonia, *a não contrariar quaisquer tentativas de colonisação branca que as autoridades de Moçambique hajam por bem ali iniciar.*

Ora essa obrigação significa que nós admitimos que a referida firma ingleza possa opôr-se a qualquer tentativa de colonisação branca em territorio que é portuguez, significa, portanto, que nós admitimos que ela compartilhe comnosco dos direitos de soberania sobre territorios portuguezes. E isso é uma vergonha inqualificavel!

Não póde, pois, o governo da metropole ficar impassivel perante aquele vergonhoso instrumento publico.

O alto comissario excedeu evidentemente as suas atribuições, reconhecendo de modo oficial a comparticipação duma firma ingleza na soberania sobre territorios portuguezes.

E' o que a logica demonstra claramente e o governo metropolitano tem ahi o pretexto para intervir e anular o contracto que representa para ele este temeroso dilema: ou exercer a escravatura ou pagar anualmente uma indemnisação á felicissima firma ingleza.

Daniel Augusto

O CUSTO DA VIDA

Processos de efeito seguro

Em Portugal toda a gente reclama providencias do governo para obter o barateamento da vida,—e o governo teima em publicar decretos e portarias sobre o assunto, que nada conseguem.

Porque é que o governo não adota por exemplo, os processos da Italia para obrigar alguns comerciantes a serem menos gananciosos e a venderem com um lucro razoavel?

Sabe o publico quais são, entre outros, esses magnificos processos?

Dizemos magnificos, porque, na prática, já teem dado otimos resultados.

O governo italiano, constatando que um comerciante abusa, explorando o publico desmedidamente, manda-lhe fechar o estabelecimento por certo numero de dias e aplica-lhe uma pesada multa pecuniaria.

Se o comerciante ganancioso reincide, o estabelecimento é mandado fechar por um periodo de tempo, superior e que pode ir até seis mezes. A multa, é claro, aumenta proporcionalmente...

E para que o publico conheça da «honestidade» do comerciante castigado, noticia nos jornaes a pena aplicada, o que produz o descredito do comerciante, o que para este não é indiferente...

Ora, se em Portugal, em vez de tão numerosos decretos e portarias se imitassem os «processos italianos», talvez as coisas mudassem.

Não lhes parece? Não concorda o sr. Barros Queiroz em que assim é que não é possivel continuar?

Dr. Afonso Costa

Continuará afastado da politica?

Ao contrario do que se tem afirmado, o sr. dr. Afonso Costa, mantem-se no firme proposito de não intervir na politica e nem directa, nem indirectamente nos destinos do seu antigo partido. O ilustre parlamentar, falando recentemente, em Paris, com um vulto em destaque na politica portugueza a mostrou a opinião de que o Partido Republicano Portuguez deve manter-se afastado do poder por algum tempo, não encobrindo o desgosto em verificar que os homens com responsabidades na participação na guerra e que por causa dela tanto sofreram se disponham a colaborar com elementos que tanto combateram essa participação.

Os oficiais da policia

O comissario geral da policia de Lisboa já propôz superiormente a exoneração dos srs. capitão Ferreira e tenente Graça, de oficiais daquele corpo. Os seus indigitados substitutos srs. tenente Barros Queiroz e alferes Bana Junior, não aceitam os cargos, apesar de continuarem a ser muito instados pelo sr. major Esmeraldo.

As propostas de finanças

Continuando a analise da proposta-fôrca do funcionalismo publico

Se bem comprehendermos a engrenagem da proposta que o sr. Barros Queiroz depositou na Camara dos Deputados, a supressão de logares no funcionalismo publico e a creação do quadro de adidos, ficam dependentes da revisão dos serviços publicos. Antes disso, nada se fará. E é logico que assim seja, porque sómente depois de feito esse trabalho é que se pode saber, ao certo, quantos funcionarios são precisos e quaes as aptidões que eles devem possuir.

O artigo 1.º da proposta de enforcamento é, na realidade, um pedido de autorisação, feito pelo Governo ao Parlamento, para que este consinta numa ditadura com poderes vastissimos, que abrangem, nada menos que a revisão de todos os serviços publicos, com a supressão dos dispensaveis, suspensão dos adiaveis e redução dos quadros de funcionarios.

Nunca, neste pais nem noutro qualquer, se pediu tanto a um Parlamento!

E como nós sabemos o que, na pratica, representam estas autorisações, desde já nos pronunciamos contra elas, como é, de resto, da tradição deste jornal. Armado o governo com a arma formidavel duma autorisação de reforma de todos os serviços publicos, o partido liberal terá ocasião de servir a sua clientela politica, arrumando para fóra das secretarias do Estado os funcionarios que não leiam pela cartilha partidaria e alapardando dentro delas, comodamente refastelados á mesa do orçamento, com rancho melhorado, os funcionarios que conseguirem acender uma lampada na redacção da *Lucta* ou de qualquer centro unionista.

Mas ha mais. O artigo 1.º fala genericamente em serviços publicos, sem distinguir os technicos dos outros quaesquer, os autonomos daqueles que o não são, etc.

Nada se diz tambem sobre a forma pratica de reformar esses serviços dando-se apenas ao governo a respectiva auctorisação.

Nós perguntamos, pois, onde está o bom omnisciente ou mesmo o grupo de homens sabios e prudentes que vão encarregar-se desse trabalho de Hercules,—trabalho que consiste em modificar, de fio a pavio, de *fond-en-comble*, todos os serviços propostos, toda a complicadissima maquina administrativa do Estado. Tem o sr. Barros Queiroz a pretensão de ser, só ele sem mais ninguem, capaz de realisar tão complicada reforma?

O sr. Barros Queiroz é, então, um genio potentuso, capaz de arcar o ceu com as mãos. Para ele não ha segredos nos variadissimos ramos do saber humano.

Não é apenas um homem de negocios, com laivos de sciencia financeira. E' muito mais que isso. Sabe tudo. Conhece a medicina e a cirurgia para a reforma dos serviços hospitalares; é versado em higiene para substituir por mais e melhor o pouco e mau que existe em Portugal no que diz respeito aos serviços de saude publica; estudou afincadamente a complicada sciencia pedagogica e está habilitado a reformar as instituições do ensino, desde a modesta instrução primaria até á sciencia transcendente das Universidades e Escolas Superiores; não lhe são desconhecidas, antes pelo contrario, todas as sciencias e todas as artes.

Confie-lhe, pois, o parlamento, o poder discricionario de reformar os serviços publicos do Estado. Ele dará boa conta de si. E dará tambem cabo dos serviços. E sem serviços, não haverá necessidade, dos funcionarios. Vão todos, sem excepção, para o quadro dos adidos!

E continuaremos.

A ESPANHA EM MARROCOS

O que contaram dois sobreviventes

Um jornalista hespanhol, que se encontra em Melilla, transmitiu as suas impressões para o seu jornal, numa extensa cronica, da qual recortamos os seguintes periodos:

Avisámo o general Sanjurjo de que um soldado e um sargento das forças do coronel Araujo estão na caserna dos legionarios. Alcançaram a praia a nado... Vinham possuidos de um alto espirito...

Efectivamente, ali estavam os dois soldados. Não queremos descrever como se encontram. A censura não deixaria passar.

Falam ao general sem emoção, serenamente... Percorreram sessenta quilometros em varias jornadas. Caminhavam de noite e durante o dia estavam ocultos. Sairam da posição mil homens, sob o comando do coronel Araujo.

Muitos foram mortos á espada, não por cobardia, mas sim porque os mouros os tinham aprisionado, e os iniam morto após os ter libertado.

No dia 20 começou o ataque. Atacavam com metodo, correndo a miravelmente ante a posição para a cercar.

Era sete mil o numero de mouros. Durante quatro dias fizeram fogo sem cessar e sem sequer comer na a

Os soldados estavam exaustos; mas resistiam. Julgavam impossivel resistir se não viessem reforços.

A saida da estação fez-se com certas precauções e garantias. O coronel ofereceu dinheiro ao chefe das quadrilhas para que as suas tropas pudessem passar sem ser agredidas. Por parte dos mouros a oferta foi aceite. Sairam, mas logo foram atacados por todos os lados. Num só instante milhares de mouros estavam feridos ou mortos. Escaparam os que puderam, mas a maioria morreu.

Os espanhoes foram mais audazes, mas menos humanos.

Se tentassemos descrever esta parte do relato, a nossa pena vacilava.

O sargento, quando o conta, chora de raiva e diz:

—Quando penso nas coisas que vi nos momentos em que estive estendido, até os cabelos se me põem de pé.

Avançaram silenciosamente, de noite, subindo montanhas, e deslisando pelos barrancos rendidos e feridos.

Ha cadaveres por todos os lados.

—Nossos?—perguntámos.

E, arrependido, calou-se, mudando de conversa

Isto não se repete, disse o sargento,—que se chama Hilario Lopez do 59 de Melilla.

Atacavam-nos cortando-nos a retirada. Se não reagissemos nem um ficava.

O soldado Estevam Corela, tambem do 59, conta-nos tambem como chegou com os seus camaradas a estas plagas. Passaram de noite por Nador, ocultos nos capotes para não serem tão facilmente descobertos. Depois tiveram de se lançar ao mar, para atravessar a povoação. Corella não sabe nadar. O sargento, para o não abandonar esteve exposto á morte.

Avançam os mouros.

Veem cruzar grupos de mouros acima de Zeluan.

Nadando chegaram á praia de Atalayon. Subiram arrastando-se. Pelo caminho cruzavam-se patrulhas.

—Mouros?

Não, espanhois.

Estivemos cinco dias sem comer, mascando unicamente raizes de varias plantas para refrescar a boca...

O sargento não queria entrar em Melilla. Uma vergonha!

Trouxemo-los no nosso automovel. Não podiam andar. Quando o sargento viu os campos de Melilla, depois os navios de guerra e, mais tarde, os fortes, desviou instintivamente a vista. Pensou, sem duvida, nos acampamentos abandonados, nos soldados mortos, nos desaparecidos e pareceu-nos murmurar:

—E' preciso vingal-os!

Pelo Brazil

Carreiras de navegação

ROMA, 6.—O embaixador do Brazil, sr. Sousa Dantas, obteve das companhias de navegação italianas que fizessem escala pelos portos do norte do Brazil.—(A).

A eleição para a presidencia

RIO DE JANEIRO, 5. — O sr. Raul Soares, candidato á presidencia do Estado de Minas é apoiado pela maioria dos municipios.

O sr. José Joaquim de Seabra, candidato dissidente á vice presidencia da Republica, regressou da sua viagem de propaganda a S. Paulo sendo saudado por numerosissimos amigos.—(A).

Arrematação judicial

A' porta do Tribunal da 3.ª vara civel, da comarca de Lisboa, realisou-se hoje pelas 13 horas, a arrematação de todo o primeiro quarteirão da Praça de S. Paulo, que confina com a Ribeira Nova.

Foi arrematado por um grupo de negociantes, representados pelo cabeça de casal, sr. Antonio Lourenço Rodrigues, ao segundo lance de 410.000 escudos.

A fome na Russia

O governo americano e a oferta do governo francez

PARIS, 6.—O *Matin* dá a noticia de que o governo francez recebeu resposta do governo americano ao seu oferecimento para participar no reabastecimento da Russia. Na sua resposta o governo americano diz que acção de assistencia á Russia não tem caracter oficial, mas é simplesmente obra do sr. Hoover, como presidente do comité americano de socorros ás populações necessitadas da Europa. Agradece ao governo francez o seu empenho em cooperar nessa obra de assistencia e julgar-se-ha muito feliz de ver os francezes secundarem os esforços do sr. Hoover.—(H).

VARSOVIA, 6.—O governo polaco resolveu colaborar na eventual acção internacional de reabastecimento das regiões russas devastadas pela fome.—(H).

Uma revista militar

LIMA, 5.—Por ocasião das festas do centenario houve uma grande revista de tropas a que assistiram cerca de 80000 pessoas que aclamaram o presidente Leguia, os delegados estrangeiros com especialidade o general Mangin.—(A).

VIDA SPORTIVA

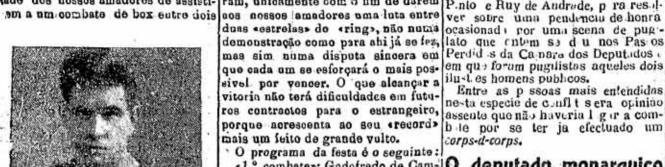
NO «RING» DO STADIUM

Os combates de box de amanhã

Mario Gall contra Simeth — Faustino Pereira contra Reina — Um combate de amadores

Vai finalmente ser satisfeita a vontade dos nossos amadores de assistirem a um combate de box entre dois homens de classe e que se equilibrem perfeitamente pelos seus records. Basta para isso irem amanhã ás 18 horas ao Stadium onde se realisa uma magnifica festa de box que compreende 3 combates, todos eles de real valor. Dois amadores distintos, Godofredo de Campos e Cesar Rumina, disputam um «match» em 4 rounds de 2 minutos com luvas de 6 onças. Depois, Faustino Pereira, que tem trabalhado ultimamente com Mario Gall e que está numa forma esplendida, medir-se-ha com o espanhol Luiz Reina, que diz a toda a gente que vai vencer. Mas Faustino diz a mesma coisa. E' um combate interessante e rijo, porque o espanhol quer consagrar o seu nome no ring e Faustino quer, pelo seu valor, adquirir a classe precisa para em breve disputar o titulo de campeão nacional. Finalmente, Mario Gall, o energico e forte campeão do Sul da França, combate o campeão suisso Simeth, que os entendidos tanto apreciaram no passado domingo, quando ele mostrou a sua superioridade sobre Raivo.

Os combatentes exigiram uma bolsa de 3.500 francos, encargo pesadissimo que os organisadores suportaram, unicamente com o fim de darem aos nossos amadores uma luta entre duas «estrelas» do «ring», numa demonstração como para ahi já se fez, mas sim numa disputa sincera em que cada um se esforçará o mais possivel por vencer. O que alcançar a vitoria não terá dificuldades em futuros contractos para o estrangeiro, porque acrescenta ao seu «record» mais um feito de grande vulto.

O programa da festa é o seguinte:

«1.º combate»: Godofredo de Campos, campeão de Portugal dos levissimos, contra Cesar Rumina, finalista do campeonato do Sul (amadores). 4 rounds de 2 minutos com luvas de 6 onças.

«2.º combate»: Faustino Pereira, portuguez, contra Luiz Reina, espanhol, em 10 rounds de 3 minutos com luvas de 6 onças.

3.º combate: Mario Gall, campeão do sul da França, contra André Simeth, campeão suisso, em 10 rounds de 3 minutos com luvas de 4 onças, disputando-se uma bolsa de 3.500 francos, sendo 60 % para o vencedor e 40 % para o vencido.

A arbitragem destes combates foi confiada ao campeão de Portugal (amadores), sr. Francisco Xavier de Araujo, que gentilmente presta a sua colaboração.

A companhia dos electricos garante um serviço continuo de carros, tanto para a ida como para a volta.

O Campeão do Sul da França, Mario Gall, que amanhã combate contra o campeão suisso Simeth

O portuguez Faustino Pereira, que combate Luiz Reina

Federação Portugueza de Box

A Federação Portugueza de Box lembra novamente aos clubs que se dedicam a este sport, que na proxima segunda feira pelas 21 horas, na séde do G. C. P. na rua Serpa Pinto n.º 4, se realisa uma reunião para eleição dos corpos gerentes e aprovação de estatutos.

NOTICIARIO

Realisa-se amanhã, sendo a partida do Campo Grande, ás 17 horas, a corrida ciclista de 50 quilometros organisada pelo Lusitano Club Ciclista.

No palhabote «Nautilus» que acaba de sofrer uma completa transformação em todo o seu aparelho, vão brevemente começar as aulas de vela sob a direção do actual presidente do conselho director do Club Naval de Lisboa, o sr. Augusto Salgado.

As aulas funcionarão aos domingos a hora que será anunciada, sendo dentro de poucos dias aberta a inscrição de socios que a desejem frequentar.

As aulas de remo e natação continuam funcionando com toda a regularidade.

—No campo de Bemfica realisa-se amanhã o Concurso de Sports Atleticos inter-clubs para «Juniors».

—Na segunda-feira, como já noticiamos, efectua-se a reunião dos delegados de clubs afim de se elegerem os corpos gerentes da F. P. de Box.

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS—A's 21,30 «Os sedutores».
NACIONAL — A's 21,15 h. — «A vida dum rapaz pobre».
S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
AVENIDA—A's 21,30 h.—«Fedora».
GINASIO—A's 21,30 h.—«O cele bre Pinas».
POLITEAMA—A's 21,30 h. — «A Rainha do Fonografo».
APOLO—A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tal».
EDEN—A's 21,30 h. — «Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas-feiras espectaculo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

ULTIMA HORA

POLITICA

O duelo Moura Pinto-Rui d'Andrade

Segundo nos disseram estão reunidas, á hora em que fechamos o jornal, as testemunhas dos srs. Moura Pinto e Ruy de Andrade, para resolver sobre uma pendencia de honra ocasionada por uma scena de pugilato que ontem se deu nos Passos Perdidos da Camara dos Deputados, em que foram pugilistas aqueles dois ilustres homens publicos.

Entre as pessoas mais entendidas nesta especie de conflitos era opinião assente que não haveria lugar a combate por se ter já efectuado um corps-à-corps.

O deputado monarquico Ruy Ulrich não quer o mandato

Parece definitivamente assente que o sr. Ruy Ulrich, deputado monarquico eleito por Lisboa, vai renunciar o mandato, por preferir exercer os logares que desfruta em emprezas subvencionadas ou com contracto com o Estado.

Se, bem que nós não estejamos no segredo dos coulisses dos partidos monarquicos (como é natural) informaram-nos que o gesto do sr. Ruy Ulrich foi visto pouco benevolamente pelos corpos directivos do partido, podendo resultar a irradiação do sr. Ulrich ou a sua renuncia voluntaria á vida politica activa.

Ainda o regulamento das serviçais

Uma comissão de creadas de servir acompanhada de alguns criados de hoteis foi hoje, junto do sr. Governador Civil, protestar contra o regulamento que ultimamente lhes foi imposto.

O sr. Lelo Portela respondeu que não mudaria em nada o que até hoje tem feito e que o numero de criadas até hoje inscritas excedia a 2900, cujo numero é inferior ao total das serviçais que existem na capital.

Julgamento no Governo Civil

No Tribunal dos Açambarcadores, do Governo Civil, realisou-se hoje o julgamento de José Joaquim Mendes, estabelecido com mercearia na rua do Vale de Santo Antonio, que era acusado de ter exposto para venda ao publico chouriço improprio para consumo.

Foi absolvido.

A prosperidade do Brazil

RIO DE JANEIRO, 5.—O presidente do Estado do Rio de Janeiro, sr. Raul Veiga, enviou ao congresso a sua mensagem assinalando a prosperidade economica crescente, os progressos da agricultura e da criação de gados e a estabilidade financeira que permitiu a execução de obras publicas no valor de 12,000 contos, e a redução dos emprestimos interno e externo em conformidade com os estatutos.

O governo prossegue no seu programa de obras publicas, difusão da instrução, saneamento das cidades e assegurará o pagamento do proximo coupon externo apezar das circunstancias desfavoraveis do momento.—(A).

O preço do trigo

Continua, em França, a acentuar-se a baixa

PARIS, 6.—Segundo os jornais, continua a registar-se uma importante baixa no preço do trigo. Na grande sessão da reabertura da Bolsa do comercio, que restabelece a liberdade do comercio de trigo depois de 1914 este cereal foi cotado a 65 francos os 100 kilos, quando se esperava que não fosse para baixo de 80 francos.

Esta baixa permite prever um maior abatimento no preço do pão do que aquele que se havia calculado.—(H).

A utilisação da força motriz das marés

PARIS, 6.—Diz o «Matin» que, depois de 2 anos de trabalhos preparatorios do respectivo comissão, o ministro das obras publicas deu inicio a experimentação da utilisação da força motriz das marés. As experiencias realizar-se-hão na Bretanha, na baía de Abrevrach, onde se fez uma barragem de betão armado de 150m de comprimento, permitindo um deposito de 2 a 3 milhões de metros cubicos de agua do mar. A maré, assim retida, porá em acção 4 turbinas conjugadas com alternadores. O conjunto do sistema poderá fornecer uma potencia de 4.000 cavalos.—(H)

Prisões

O agente Viegas, da 1.ª secção, prendeu hoje Mario Lobo Garcia, acusado de como empregado da firma Avelino Vasques Alvarez com estabelecimento na rua da Prata, 208, ter ali praticado um importante furto de productos quimicos.

O conto do vigario

Tambem foi preso ontem pelo agente M rais, da 1.ª secção, João de Carvalho, rua de Cruz, em Alcantara, 16, 1.º, e José Francisco de Sousa, rua dos Fanqueiros, 177, 5.º, acusados de tentativa de burla pelo processo do conto do vigario.

Isto não pode continuar!...

Emquanto o povo não tem agua para beber, é ela desperdiçada para inutilidades

Durante o ultimo verão, quando todos os paizes tiveram ditadores das subsistencias. Uma vez firmada a paz de Versailles, os ditadores emigraram para a Russia, onde seis milhões de individuos estão com riscos de morrer á fome. Nós somos mais felizes porque, se é certo que ha quem coma pouco, tambem não falta quem devore á tripa forra.

De beber tambem não falta.

A agua é pouca, mas o vinho é muito. E é tanto que os viticultores já não sabem o que hão-de fazer ao precioso licor, inventado por Noé para humilhação de quem o goso das futuras gerações.

Mas o vinho não substitue a agua. E não ha duvida que este brandissimo povo de Lisboa se sujeita á falta dele, com uma resignação verdadeiramente evangelica. Mas é bom não fiar demasiado em tamanha mansidão e nós lembramos ao governo que podia talvez dar-se remedio á situação, olhando com alguma inteligencia para certos abusos.

Apontamos dois. Os elevadores do congresso funcionam por meio de pressão de agua em coluna. Isto quer dizer que, por dia, se dispendem no congresso alguns milhares de litros de agua, quantidade que não é para desprezar numa cidade que corre o risco de morrer á sêde. Pois se os parlamentares deviam dar o exemplo de sacrificio pelo bem publico, sacrificando-se, afinal, se reduziria a subirem a pé os poucos degraus da escadaria que liga o atrio do edificio ao primeiro andar.

O outro remedio seria acabar (enquanto houver estiagem) com as regas das ruas e parques se é que elas se fazem com agua do Alviela.

Na realidade não ha regas. O que se faz é deitar aguas pipas d'agua defronte do Martinho onde todos os dias de se reune a jeunesse dorée da nossa sociedade ociosa. Ora entre luz sofrer do sêde as mulheres e as creanças que arrumam as ruas de bairros e dar ao sofrimento de fatos up-to-date dos nossos elegantes, julgamos nos que não é licita a hesitação e que os poderes publicos se deverão pronunciar pela primeira hipotese. Isto entendemos nós.

Se os leitores entenderem que é conveniente consultar sobre o assunto alguma autoridade de respeito, aconselhamos que se dirijam ao sr. Barros Queiroz, logo que o lobriguem. Ele sabe tudo.

A radio-telegrafia em Lourenço Marques

Deu entrada no ministerio das colonias uma proposta para o estabelecimento de comunicações radio-telegraficas entre Lourenço Marques e S. Vicente de Cabo Verde.

Engenheiro Miranda Guedes

Foi exonerado de inspector das obras publicas de Moçambique, o engenheiro sr. Miranda Guedes, por ter sido nomeado secretario geral das obras publicas e minas da provincia de Angola.

Ministro da Instrução

Partiu hontem para Santarem o sr. dr. Ginestal Machado, ministro da instrução, devendo estar de regresso na proxima segunda-feira.

Tribunal de Justiça Internacional

Os membros do comité de Justiça Internacional Portugueza, á Conferencia de Haia, de qual fazem parte o ex-chefe do Estado, sr. dr. Bernardino Machado, dr. Almeida Ribeiro e Conde de Penha Garcia, apresentaram como candidatos ao Supremo Tribunal os srs. dr. Almeida Ribeiro, juiz do Supremo Tribunal de Justiça, dr. Augusto de Vasconcelos, ex-ministro dos Negocios Estrangeiros, de Portugal, Raymond Poincaré, ex-presidente da Republica Franceza e Olyntho Dantas, ministro das Relações Exteriores do Brazil.

Banhos a creanças

A direção da Junção do Bem, manda amanhã 50 creanças do sexo feminino, para o Sanatorio de Oeiras, para tomarem banhos de mar durante 30 dias.

No proximo mez de setembro segue o 2.º grupo do sexo masculino.

Movimento maritimo

Entraram hoje no nosso porto os vapores alemães «Atlas», de Sevilha e Faro, com carga diversa e «Faro», de Sevilha e Setubal, carga diversa, e inglez «Darino», de Londres e Porto, com carga diversa e passageiros em transito.

Gatunos desenfreados

Queixas á policia

Queixou-se á policia Filipe da Silva, de que Maria Candida lhe furtou uma carteira contendo 85 escudos.

Antonio Tiburcio, estabelecido na R. da Pampulha n.º 3, queixou-se á policia de que lhe furtaram da gaveta do seu estabelecimento uma carteira que continha 200 escudos.

Tambem se queixou Fernando da Silva, encarregado da casa de vinhos da rua Pascoal de Melo 30 e 32, pertencente á firma Fraças & Fraças de que o apanharam distraido lhe roubaram da gaveta nada menos que 600 escudos.

Num electrico roubaram hoje a corrente e o relogio, no valor de 700 escudos, a Manuel Joaquim Lopes, o qual apresentou queixa na policia.

A Hespanha em Marrocos

O que dizem as ultimas informações recebidas de Melilla

MADRID, 6.—Segundo noticias recebidas de Melilla, chegaram ali, procedentes de Nador, varios militares e paisanos.

Os mouros trataram com os defensores do posto que estes lhes fossem entregues, dando-lhes a liberdade. Os refugiados do Nador chegaram a Melilla extenuadissimos, havendo entre eles varios feridos e muitos doentes.

Apenas os espanhois evacuaram a egreja dos franciscanos e a fabrica de farinhas Sakaroula, os mouros destruiram esses edificios. O general Sanjurjo, que tentou aproximar-se de Nador, teve que desistir. Até agora vieram de Nador vinte e tres guardas civis, onze paizanos e cento e cinco soldados.

Durante a noite, as tropas sustentaram tiroteio com um grupo inimigo proximo do Zoco de Abenis car. Os aviadores tem observado grandes movimentos nas forças mouras. O chefe mouro Abd-el-Krim não está em Annual, tendo-se instalado na kabila de Benisair, onde passou revista á harka no Zoco Bauer.

A coluna do coronel Riquelme, depois dum combate assaltou as posições ocupadas pelo inimigo no Zoco-el-Had desalojando-o.

O total das baixas foi de 38 homens recolhendo-se 8 mortos do inimigo e um prisioneiro. Confirma-se a evacuação de Nador e Zeluan.

Nesta posição o fogo que a ocupava depois de entregar o armamento, foi atacada pelo inimigo, morrendo muitos espanhoes.

Uma nota oficiosa do ministerio da guerra desmentiu as declarações atribuidas ao Chefe do Estado Maior Central contra o ministro. (P.)

Junta de Defesa Social

Foram aprovados os seus estatutos

Foi aprovado pela autoridade competente o estatuto da Junta de Defesa Social, instituição que tem como fins: Primeiro, propagar e defender todos os principios estruturais das sociedades organisadas; Segundo, auxiliar todas as causas que interessem á honra, soberania e integridade da Nação Portugueza. Subordinadas á Junta funcionam quatro secções intituladas, Apostolado Social, Voluntarios da Patria, Cruzadores do Povo e Mensageiros da Junta.

Os corpos dirigentes ficaram assim constituidos: presidente, dr. Antonio Cabreira; secretario, Rui Cordovil; procurador, Armindo Teixeira; tesoureiro Oscar de Pratt; arquivista, prior Monteiro Vacondeus; chanceler, Eduardo Severino Oliveira, chefe da 1.ª secção, Zuzarte de Mendonça; da 2.ª Pinto Rodrigues; da 3.ª Francisco Duarte Salvado e da 4.ª Raul de Vasconcelos.

Touradas

Os forcados amadores na noite de terça-feira

Os ferro-viarios do Sul e Sueste organisaram a tourada noturna do 9 do corrente, a favor da conversão do seu cofre de amparo de viuvas e orfãos n'um instituto para amparo e educação de creanças, encontraram no grupo de forcados amadores que vai tomar parte na festa um dos seus mais valiosos elementos, bem digno de figurar ao lado de José Belmonte, o pequeno novilheiro cuja arte e valor tanto entusiasmo despertaram no Campo Pequeno nos dias 13 de junho e 17 de julho. João de Azevedo Coutinho, pegador de excepcional merito, organisou para esta corrida um forte grupo, composto por ele, como cabo, e pelos srs. Mario Sant'Ana, João Figueiredo, Raul Fernandes, Pereira Coutinho, José Valerio, Joaquim Veríssimo e Afonso Burnay.

A nossa ferra dirigida pelo sr. João Casal ferro viario e amador da velha guarda. A cavalo tourearão o notavel amador sr. Vasco Anjos (Fontalva) e os bem apreciados artistas José Casimiro e Ricardo Teixeira. A pé, os artistas do espanhoes «Torerito» e Marrono, da «cuadrilla» de Belmonte, e os nossos Cascata, Rocha, Alfredo Santos, A. Coelho, A. Carvalho, J. Dias e R. Raposo.

A nova iluminação, ensaiada, deu resultado surpreendente. E superior a antiga em poder iluminante e absoluta mente igual.

Setubal

São baratissimos os preços para a tourada de amanhã, em que apresentados artistas e amadores se entenderão com os touros da afamada ganaderia do sr. F. Silva Vitorino. Tourearão a cavalo o distinto Francisco Bento de Araujo e a pé R. Tomé, Custodio Domingos, F. Felix, R. Raposo, Elias Cardoso, Domingos Mesquita e Carlos Filipe. Ha dois grupos de forcados, composto um por empregados da casa bancaria Nunes & Nunes e outro de Setubal, chefiado por J. Alves.

Manuel Vasques e seu filho, dois populares bandarilheiros-amadores, tomarão parte na corrida, bem como «El Gitano», a popular couplista hespanhola, que fará a arriscada sorte de «Al Tancredo».

Ha grandes reduções nos preços dos comboios.

Aliança Mutualista

Liga de Associações de Socorros Mutuos
R. da Cruz dos Poiaes, 33—Lisboa

Na ausencia do sr. Presidente, convido os srs. Delegados de 1920 a reunir em Assembleia Geral, pelas 21 horas de terça-feira, 9 do corrente, a fim de lhe ser presente, discutir e votar o relatorio da Direcção no referido ano e o respectivo parecer do Conselho Fiscal.

Não reunindo a maioria dos delegados eleitos, nos termos dos § 2.º do artigo 14.º dos estatutos terá logar a assembleia no sabado, 20 do corrente, como o estabelecido no § 3.º do mesmo artigo, e á mesma hora, funcionando então com qualquer numero.

Lisboa, 2 de Agosto, de 1921.

O 1.º Secretario da mesa
(a) Alfredo Arthur Bivar

ESTORIL TERMAS

Concertos e chá tango no «Hall» do Estabelecimento Termal

Os concertos-matinées que se realisam aos domingos no «Hall» do Estabelecimento Termal, das 16 ás 18, teem resultado um verdadeiro sucesso para os frequentadores das Termas, e a direcção do Estabelecimento, acedendo aos inumeros pedidos dos aquistas, inaugura amanhã, das 17 ás 19 1/2, um serviço de chá tango que deve resultar igualmente muito interessante.

A CAPITAL

3854 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Segunda-feira, 8 de Agosto de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE. Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

O criterio fiscal

Respondendo, no Senado, ao sr. Julio Dantas que protestava contra o excessivo aumento das taxas postais, aludiu um ministro ao deploravel sistema financeiro que ha muito vigora entre nós, e que, em conformidade com a designação que já aqui lhe temos dado bastantes vezes, apropriadamente classificou de «criterio fiscal».

Esse criterio fiscal consiste principalmente em dois processos. O primeiro é elevar o imposto. O segundo é cercear os vencimentos do funcionalismo. Tanto um como o outro convergem para este fim unico, correspondendo a uma preocupação exclusiva: arrancar dinheiro a toda a gente, por todas as maneiras e a toda a hora.

Semelhante preocupação deu ao ministerio das Finanças funções que o salientam entre as outras secretarias do Estado pela sua actividade ininterrupta. O ministerio das Finanças cobra tudo o que quere e paga tudo o que póde. E' um «guichet» sempre aberto, onde não se pensa senão em pagamentos. Ha momentos mesmo em que não nos podemos eximir á impressão de que só esse ministerio funciona, só ele existe, só ele se move, e os outros, ministerios, alguns dos quais deveriam fomentar a riqueza que o ministerio das Finanças administraria teem a aparencia, pelo menos, da imobilidade constante que melhor se diria a rigidez da morte.

E todavia são esses ministerios, e não o das Finanças, que mais deveriam atrair a nossa atenção pelas suas iniciativas, pelo seu trabalho, pelo seu esforço na grande obra de desenvolvimento de que todos devemos esperar a salvação, porque só das forças vivas do paiz, dos seus elementos da abundancia, das suas fontes de energia, póde surgir-nos a certeza consoladora e revigorante de novos e mais prosperos destinos.

Tal não sucede, porém. Não que se pensa é em estiolar o contribuinte, é em tirar a pele á miseria, permitindo, por suprema ironia, a milhões de victimas de taes exacções um futuro desafogado que nunca se poderia atingir precisamente porque, ao mesmo tempo que se formula essa promessa, se agrava a penuria nacional e se força ao retraimento de todas as classes que se sentem espoliadas.

E' da nossa terra, é das nossas riquezas naturais, que nós devemos arrancar a plenitude que almejamos. E' do desenvolvimento da nossa industria e do nosso comercio, trabalhando-se para equilibrar, pelo menos, a balança comercial, equiparando as exportações ás importações, que nos é licito guardar uma garantia segura de sahirmos da triste situação em que nos encontramos. Ha ministerios organisados para esse fim; ha ministerios cujas atribuições consistem na protecção á agricultura, no incentivo ao trabalho, na expansão do comercio, no aperfeiçoamento da industria, tudo, tudo para se conseguir dinheiro em abundancia, dinheiro abençoado, dinheiro que não seja arrancado á economia da nação, mas sim extraido, como duma inexgotavel mina de ouro, da nossa terra e do nosso esforço, empregado com alegria e compensado com a vida desafogada e prosperal

Mas não! Aqui não ha senão o ministerio das Finanças. Só no ministerio das Finanças está o governo. Só o ministerio das Finanças não descansará sua faina, tirando daqui para por acolá, arrancando a vida por todos os lados na louca preocupação de que assim conseguirá, com essa labuta de esterilidade e de morte, dar vida ao paiz que a perde por todas as veias que ele lhe dessangra.

Eis o resultado do criterio fiscal, tanto criando «superavits» artificiais como procurando artificialmente extinguir «deficits» reais, nova especie de tonel das Danaides que nunca se póde vedar embora sempre se procure inutilmente enchel-o.

Lloyd George e Briand

ocupam-se do Conselho Supremo

PARIS, 8. — Os srs. Lloyd George e Briand conversaram durante a noite sobre as questões a tratar no Conselho Supremo. Hoje de manhã o sr. Lloyd George teve uma conferencia com os peritos inglezes que tomaram parte na reunião preparatoria da questão da Alta Silesia. Sobre a partilha desta região os peritos francezes e inglezes manifestam igual desejo de chegar a uma solução que satisfaça os 2 pontos de vista dos dois governos e segure, ao mesmo tempo, a manutenção da entente cordial. — (H.)

A convenção postal dos Estados Unidos

e assinada tambem pelo Brazil

RIO DE JANEIRO, 8. — O governo brazileiro assinou a convenção postal com os Estados Unidos. — (A.)

Os deveres da Alemanha

A França vigia

PARIS, 8. — E' fora de duvida que a conferencia que vai reunir esta manhã aprovará todas as medidas necessarias para que a Alemanha cumpra tudo a que se acha obrigada. — (H).

NEGOCIO ESCURO

Um milhão de dollars, fóra o resto...

Mau serviço prestado ao sr. Afonso Costa pelos seus amigos — O governo pode tratar directamente com o sindicato americano

Aperta-se a campanha em torno do governo para o forçar á util sanção imediata do famoso credito de 50 milhões de dollars. Como ultimo argumento, como arma decisiva para fulminar o sr. Barros Queiroz, invoca-se o nome do sr. Afonso Costa, proclama-se invulneravel a sua autoridade, reclama-se uma vez mais os serviços prestados por esse estadista ao seu paiz.

Sempre os amigos do sr. Afonso Costa o prejudicaram mais que os odios dos seus inimigos. Envolver o seu nome no escuro negocio que anda em torno das compras feitas a credito na America, insinuar a sua concordancia com todos os detalhes da operação comercial relacionada com a abertura do credito, é prestar-lhe o peor e o mais inconveniente dos serviços. Ele proprio não deixará de o reconhecer. Afastado ha muito da politica activa do seu paiz, tendo recusado sistematicamente, nos ultimos tempos, o concurso da sua inteligencia, do seu prestigio e da sua actividade á obra de reconstituição nacional, é um erro supor que ele praticaria a insensatez de assinalar o seu regresso ás lides da nossa politica pela protecção dum negocio que só pode interessá-lo sob o ponto de vista nacional.

Na entrevista que realisou com o sr. presidente do ministerio, quando da sua ultima vinda a Lisboa, o sr. Afonso Costa manifestou a sua concordancia com todas as considerações feitas então pelo sr. Barros Queiroz acerca da utilisação do famoso contracto. E é ainda prestar-lhe um mau serviço supô-lo capaz de ter mudado tão facilmente de opinião, dizendo a outros o contrario daquilo que tinha afirmado ao sr. presidente do ministerio.

* * *

Faz-se na imprensa a defesa da comissão de dois por cento. Ocultam, porém, e é esta a parte mais grave desse pormenor da questão, que essa percentagem foi solicitada verbalmente por um dos intermediarios, só para o trigo, não se dizendo qual a percentagem a fixar para as compras dos outros artigos. No contracto do carvão, realisado no tempo do gabinete Granjo, e anulado depois por um voto do parlamento, a percentagem era de 5 por cento. Quanto desejavam receber os intermediarios do novo contracto? Não o disseram! Preferiram que os seus lucros ficassem cobertos pelas taxas «despesas inerentes, sem limitação alguma de percentagem, sem que o governo soubesse, mesmo depois de conhecer os preços do mercado americano, por quanto ficavam em Lisboa os artigos importados! Como ha quem defenda publicamente uma operação feita nessas condições?

Diz-se que a comissão é para distribuir por dezenas de casas, francezas, portuguezas, americanas, e não sabemos se de qualquer outra nacionalidade. Pura fantasia. O sindicato financeiro americano receberia a comissão de 1/4 por cento, indo comissão casas comerci is dos Estados-Unidos onde se devia fazer a compra dos artigos. O lucro desses fornecedores deveria ser limitado ao lucro natural permitido pelas condições do mercado. Quem vende trigo, carvão, algodão, não vende para perder. Ganha, e ganha com os preços correntes do mercado. Devia ser esse o lucro legitimo dos fornecedores, tanto mais que o Estado se comprometia a comprar-lhes determinadas quantidades em cada ano. Como não podia comprar a outros comerciantes, tinham eles a garantia dum lucro certo pelos fornecimentos que faziam.

Tudo quanto seja fóra disto é abuso. Tudo quanto se diga para justificar o milhão de dollars, fóra o resto, a distribuir na sua maior parte pelos srs. Manuel do Noronha, Pedro Araujo e Melo Sousa, não passa de poeira lançada aos olhos do publico.

Diz-se que não devemos pôr restrições ao lucro daqueles intermediarios porque o Estado tambem ganha, porque a economia nacional tambem é favorecida.

Em primeiro logar as restrições só seriam injustificadas se se tratasse de lucros legitimos. Não são, porque nem sequer é conhecida a verba que eles podem atingir. Mas ha mais — para isto chamamos a atenção do leitor:

O Estado portuguez não tinha necessidade alguma, *nem tem*, de entregar os seus negocios a um intermediario. Entre o Estado e o Credit International de Anvers, e papel de intermediario na operação a realisar. O governo podia, *e pode, quando quizer*, entender-se directamente com o sindicato americano para estabelecer as condições da utilisação comercial do contracto. A operação encerra vantagens mutuas: para os financeiros e comerciantes americanos, porque lhes permite a exportação de mercadorias, que doutra forma dificilmente teriam compradores garantidos no nosso paiz; para o governo portuguez, porque lhe assegura uma melhoria cambial que facilitará a sua acção no meio financeiro e na situação economica geral.

O governo portuguez pode, *se quizer*, contratar directamente com o sindicato americano libertando-se do usurar dos patriotas que se preparavam para arrecadar um milhão de dollars, fóra o resto.

* * *

Uma ultima observação pretendemos fazer. Um nosso colega da manhã, considerando a operação extremamente vantajosa, diz que o seu completo exito se deve ao sr. Afonso Costa, que tudo fez, tudo conseguiu, num extenuante e colossal esforço para bem servir os interesses do seu paiz. Se assim é, se todas as supostas vantagens da operação se devem ao sr. Afonso Costa, como se justifica o propalado milhão de dollars dos srs. Manuel de Noronha, Pedro Araujo e Melo Sousa?

AS PROPOSTAS DE FINANÇAS

Considerações ao correr da pena

No artigo anterior analisámos muito sumariamente mas o suficiente para boa inteligencia do ponto de vista que adoptámos, a proposta-força, isto é, aquela que tem por objectivo expulsar das secretarias do Estado um certo numero de empregados publicos — sem respeito algum pelos seus direitos e com o certo fito de provocar um estado ainda mais agudo que o presente, da crise economica que flagela a Nação.

Demonstrámos que o artigo 1.º da proposta-força não era outra cousa que uma arma politica, que se pretendia arrancar ao Parlamento, para dela se usar e abusar a favor do engrandecimento do partido liberal, ou antes, daquela facção do partido liberal que é simpatica ao sr. Barros Queiroz. Antigamente chamava-se-lhe unionismo.

A manobra politica oculta na proposta-força ficou revelada. Estamos absolutamente convencidos de que nenhuma influencia será capaz de arrancar a lei ao Congresso. Mas a proposta-força tem ainda outros aspectos condenaveis e, neste artigo, vamos expor um deles, — um, apenas, porque os restantes, que são muitos, fica para outras vezes: Roma e Pavia...

O artigo 2.º da proposta-força manda organisar o quadro dos adidos, composto por todos os funcionarios atingidos pela supressão, pela suspensão e pela remodelação dos serviços publicos, ordenados no artigo 1.º, isto, só por si, era já monstruoso, pela iniquidade com que se iria ferir a parte da classe dos servidores do Estado, que não podem ser agora as vitimas indefesas da furia de nomeações que se desencadeou em alguns dos governos da Republica. Mas a ponta da corda da força não pareceu ao governo suficientemente solida, apesar de tudo. Entendeu que devia, na redacção do artigo, introduzir-lhe uma outra n diação, capaz de habilitar o Poder Executivo a desfazer-se, pura e simplesmente e sem comprovação alguma, do funcionario que lhe não agrade conservar no quadro.

E' para fins inconfessaveis (pois que não é possivel descortinar outros...) que o artigo 2.º da proposta-força perceitua, muito subrepticiamente e com perfida malicia, que *somente passa á situação de adido aquele pess. al que pelas disposições legais actualmente vigentes a ela tiver direito*.

Quere dizer o seguinte, na pratica: Extinguiu-se um serviço qualquer e, pelo quadro fixado, por exemplo, quatro segundos oficiais. Nem todos irão para o quadro dos adidos — *mas somente aqueles que a tal tiverem direito por lei*. Na realidade irão só aqueles que o governo quizer, visto que neste paiz ha leis para tudo, principalmente quando se trata de vexar ou prejudicar os cidadãos. O artigo 2.º da proposta-força põe, portanto, nas mãos do governo a faculdade discricionaria de expulsar dos secretarias do Estado, *sem compensação alguma*, aqueles funcionarios que não comunguem na doutrina do partido liberal, ou daquela facção que é, como se sabe, o velho partido unionista, gloriosamente fundado e mantido pelo sr. Brito Camacho e, nos dias que vão passando, um pouco adormecido, graças nos narcoticos que lhe administra, sempre que póde, o sr. Antonio Granjo.

O sr. Barros Queiroz, ao retirar da mala n.º 1 da sua bagagem financeira a proposta-força do funcionalismo publico, soube muito bem o que fazia e o fim que tinha em vista.

As ambições politicas desvairam os espiritos do mais perfeito equilibrio.

Não admira, pois, que o sr. Barros Queiroz supozesse, por instantes, que a proposta-força era um meio excelente para se conseguir o engrandecimento do seu partido politico. Mas enganou-se. A proposta-força nunca será convertida em lei. E o sr. Barros Queiroz saírá do governo sem ter tocado, mesmo de leve, na estabilidade, legalmente mantida, dum unico funcionario publico.

E ficamos por aqui, que amanhã tambem é dia...

Um estudo estatistico notavel

PORTO, 27 Julho. — O director do Laboratorio Farmacologico de Lisboa, sr. professor Correia dos Santos, tem verificado junto dos medicos principais dos hospitais desta cidade, os resultados previlegiados obtidos com a FERROCALEINA reconstituinte natural, e a ZOMOBIASE e a Farinha Lacto Bulgara, como sobrealimentos. — (C).

A F. N. R. contra os reformistas

O sr. Meira e Sousa responde ao sr. Machado Santos

Sr. redactor: é meu presado amigo. — Porque só anteontem li o que o sr. almirante Machado Santos fez publicar, sobre as ultimas eleições e sobre o papel que pelos desempenhou a F. N. R., impossivel me foi responder com a brevidade necessaria.

Faço-o hoje, acompanhando s. ex.ª tanto quanto possivel, nas suas descrições, as quais, longe de o justificarem, antes o comprometem.

Diz o sr. Machado Santos:

1.º Que a F. N. R. se constituiu á sombra do prestigio de s. ex.ª

E' falso. Pelo que respeita ao Centro 27 de Abril houve até grande dificuldade em o aderir á fusão, precisamente por se tratar do sr. Machado Santos. Na maioria dos socios daquela agremiação politica persistia a ideia de que s. ex.ª desempenhara um papel muito antipatico por ocasião do movimento que deu origem ao titulo desse centro. O sr. Machado Santos longe, pois, de favorecer a fusão antes a comprometendo.

2.º Que á mesma colectividade (F. N. R.) se deu um ideal e um programa completamente diverso do programa e estatutos dos demais partidos.

Ideal, fabricado na olaria de s. ex.ª e que tem provocado comentarios alegres e programa que realmente se distingue dos programas dos outros partidos pelos disparates e incongruencias que contem. Se s. ex.ª deseja, não solho as grandes linhas da apontar, tanto mais que tenho á mão os originais fatos pelo punho do sr. almirante.

3.º Que o programa do antigo partido republicano — o de 91 — é de feição acentuadamente anti-democratica, aproximando-o muito do imperialismo.

Um disparate destes p de intervenção medica, mas enquanto o esculapio não chega eu permito-me o direito de aconselhar a s. ex.ª uns calculos de Prouthon (*Principio Federativo*); Henrique Noguera (*O Municipio no Seculo XIX*); Herculano (vol. 6.º da *Historia de Portugal*); Almeida Garrett (Relatorio elaborado em 1854 que precede um projecto de Codigo Administrativo elaborado pelo grande escritor); Pi y Margall (*Las Nacionalidades*); Paul Clouzec (*La Politique et la Methode*); Seraullt (*Federation Municipale*) e por ultimo Vergé (*Federalisme et Regionalisme*); os quais cuidadosamente lidos, por serem muito substanciosos e suculentos, devem ser tomados em doses muito pequenas, pois que o estomago de s. ex.ª não está habituado a tão fortes alimentos.

E se isto não produzir o resultado devido, então só ha que apelar para os srs. Saúde de Matos e Sobral Cid.

4.º Em dada a F. N. R. em plano C. *Partido Reformista* não podiam continuar inscritos os que não concordaram com a sua *Lei Organica*.

— Trapaça pura. Dada a transformação, estava bem que saissem da colectividade os que discordassem da nova ordem de cousas, mas como a *transformação* não se deu porque só ficou no mundo em Assembleia magna o podia fazer, a conclusão é simplesmente... propria do sr. Machado Santos.

5.º O Conselho Central delegou no seu presidente toda a acção politica.

— Não é verdade. A Comissão Politica delegava no sr. almirante tudo quanto respeitava a assuntos de ordem *muito reservada* e que não podiam ser apreciados e resolvidos por muitos. Sobre assuntos de caracter politico, mas no resto delegava na Comissão Politica que se compunha de 14 associados.

6.º A Comissão Politica não teve numero para deliberar.

— Outra peta. A Comissão não reuniu porque o sr. Machado Santos sabia muito bem que ela estava disposta a pol-o na ordem.

8.º Que a Comissão Central Eleitoral se chegou a tomar qualquer deliberação ninguem deu por ela.

— Outra inexatidão. A prova que tomou deliberações é o facto do secretario desta comissão o dr. Armindo Sampaio ter elaborado um relatorio em que somando-se forças eleitorais da F. N. R., em tudo o parecer de que sem acordo era impossivel conquistar uma só cadeira no Parlamento.

E isto que o sr. dr. Armindo Sampaio sustentou por escrito, disse-o verbalmente o sr. capitão-tenente Arcelo Horta em pleno C. Central.

9.º Que o sr. Barros Queiroz queria apurar-se da influencia da F. N. R. — a influencia da F. N. R. — em todos os circulos sem os menos garantir as candidaturas dos srs. Machado Santos, general Gomes da Costa e Frei tas Ribeiro e que eu o colocara mal contrariando com a presença do mesmo sr. Barros Queiroz.

— Aqui ha outra inexatidão e uma infamia. A que o sr. Santos está desse nol

A influencia da colectividade na provincia viu-se, agravado ainda o caso pela excelente escolha. Com raras excepções o que se apresentou foi uma vergonha. Contudo a verdade é esta: se os tres nomes acima apontados não estão hoje no Parlamento deve-se o facto ao sr. Machado Santos que garantiu que dois e dez e dois e zero e que o sr. Queiroz não acedeu, recusando ao sr. Queiroz as suas candidaturas (sic).

A F. N. R. escolhia os circulos onde tinha elementos e desses o governo nada via, tentando hoje contra os seus vindouros a encontrar forças e reforçar a votação dos nossos candidatos.

Dada a nossa penuria tinha que dar tudo.

Quanto á minha atitude eu fiquei por tal forma envergonhado com o ridiculo a que o sr. Machado Santos nos expunha com os disparates que disse que nem me pude articular mais do que meia duzia de palavras. Emudeci. Dou por testemunha o sr. Barros Queiroz.

10.º — As quotisações não pagas montam a 3.553$00.

— O que prova que s. ex.ª faltou á verdade quando afirmou que a F. N. R. tinha 2.000 associados e que quem poz a questão nos devidos termos, com rigorosa exactidão, fui eu quando sustentei na *Opinião* que a F. N. R. não tinha mais de 800 socios, 900 quando muito.

Ora a extorsão não foi feita se não pagavam as quotas mas os 800 ou 900 que estavam em dia.

11.º — Os donativos recebidos pela colectividade foram todos feitos á invocação do nome do sr. almirante.

— Megalomania pura. A maior parte dos donativos foram obtidos por mim entre velhos amigos de *O Paiz*; e até houve quem desse dinheiro para a F. N. R. por estar nela filiado o sr. general Gomes da Costa, figura de muito maior prestigio no mundo militar do que o sr. Machado Santos que nem hoje dispõe de quatro soldados e um cabo.

Se o dinheiro entrava nos cofres da F. N. R. mercê da influencia do sr. Machado Santos por que motivo não se dirigia s. ex.ª a esses subscriptores, quando eu lhe disse não estar disposto a colaborar nessa bambochata? A influencia do sr. almirante foi tal que nem conseguiu obter donativos para com eles adquirir os cadernos eleitorais e que importavam nuns quinhentos escudos.

12.º Que a renda da casa, agua, luz, empregada estava tudo á sua responsabilidade.

Esteve, visto que era o arrendatario, mas os socios pagavam o bastante para respeitarem os compromissos de s. ex.ª enquanto não faltassem a eles nos tinha o direito de lhes fechar as portas, apropriando-se do que eles tinham adquirido.

Ao mais que s. ex.ª diz, não vale responder, por que não altera em nada o que fica afirmado.

Contudo se s. ex.ª e os seus conselheiros em entender que o incidente deve tomar outro caracter não hesitem.

Eu estou fortemente municiado para os confundir.

Pela publicação destas linhas, muito grato. — *J. Meira e Sousa*.

Maria Judice e "A Capital"

Uma carta da talentosa actriz

Sr. Manuel Guimarães, Director e *A Capital*.

E' com verdadeiro prazer e infinito reconhecimento que venho por este meio patentear a minha gratidão a todos os meus colegas da Imprensa, pelas elogiosas e imerecidas palavras que por *unanimidade* me dedicaram nas suas criticas sobre o meu debute na Arte dramatica, realizado á dias com o original portuguez «Seductora», no nosso primeiro Teatro.

E' certo que, em volta do meu debute se fez um silencio quasi... hostil, que me magoou profundamente! Apenas algumas palavras de pura e mera cortesia ... *e um unico* artigo na *Imprensa da Manhã*, que classificou de heroico! Talvez, devido a esta proposital frieza, a reacção que se lhe seguiu foi enorme, quente e colocada neste sincera.

Seja como fôr, o meu coração exulta e aprecia profundamente comovido a bondade dos meus ilustres colegas e a benevolencia enthusiastica do publico que me aclama todas as noites; facto que avigora na minha alma o desejo de trabalhar e lutar para o desenvolvimento da Arte no nosso Paiz, tanto lirica, como dramatica.

Quem quer que os originais portuguezes. No entanto a empreza Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, tem demonstrado, dedicando-lhes todos os seus esforços e talentos, que tal suposição é errada.

Unamo-nos pois e sigamos o exemplo da França o paiz intelectual por excelencia, e garantamos a nossa arte e incitando os autores portuguezes a produzir, dando-lhes a certeza de que a sua obra não ficará esquecida.

Das colunas desto conceituado jornal, que certamente me acolhe, envio a expressão sincera do meu reconhecimento profundo, ao publico, á imprensa e ao Grande Mestre e insigne ensaiador, o ilustre artista Antonio Pinheiro, que com os seus preciosos conselhos em poucos dias me auxiliou a triunfar no «Seductora» do aplaudido dramaturgo Vasco Mendonça Alves.

Grata a V. pela publicação destas linhas, com toda a consideração, etc.

Maria Judice

Dr. Eusebio Leão

Só amanhã chegará a Lisboa

Ao contrario do que se supunha, sabemos de fonte fidedigna que o sr. dr. Eusebio Leão, que vem a Lisboa chamado pelo governo portuguez, só amanhã chegará a esta capital.

E' esperado no rapido de Medina que chegará pelas 10 horas da manhã.

A obra das reparações é para nós uma obra de expiação e de reconciliação

Diz um deputado alemão

BERLIM, 8. — Em Treheit o deputado independente Crispien, falando sobre as regiões desvastadas, no seu regresso de uma viagem a França, disse compreender a indignação, o pesar e a colera que se apoderam dos francezes ao verem as casas em ruinas e o sofrimento dos habitantes dessas regiões. — A obra das reparações é para nós uma obra de expiação e de reconciliação. — (H).

QUESTÕES POLITICAS

O sr. dr. Alvaro de Castro

declara á "Capital" que deve ser aumentado o subsidio ao sr. Presidente da Republica, e mantidos os subsidios dos parlamentares

No seu quarto de dormir tomos encontrar o sr. dr. Alvaro de Castro, antigo ministro da guerra e chefe do Partido Reconstituinte, que nos recebeu com a sua habitual gentileza, apesar de s. ex.ª estar ainda convalescendo da doença que o reteve no leito.

— Que o traz por cá? — perguntanos o sr. Alvaro de Castro, oferecendo-nos uma cadeira.

— O desejo de conhecer a opinião de v. ex.ª ácerca da questão dos oficiais milicianos, suscitada pela atitude do sr. ministro da guerra...

— Pouco lhe poderei dizer sobre tal assunto — começou s. ex.ª — Em minha opinião, essa questão que vai dar logar a varias interpelações ao sr. general Silveira, é essencialmente politica, e como tal, o sr. ministro da guerra nunca devia mostrar tamanha intransigencia no assunto, o que sériamente prejudicou o governo e o poz em riscos duma imediata recomposição.

«Encarado, pois, o caso, debaixo do ponto de vista politico, o sr. ministro da guerra devia ter acedido aos desejos dos oficiais que estavam frequentando a Escola de Guerra, deixando que eles não prestassem as provas finais da sua competencia, o que, sob o aspecto pedagogico, era absolutamente indispensavel.

— Qual será a atitude do seu partido em tal questão?

— Eu lhe digo: O sr. ministro da guerra vai responder á interpelação que lhe vão fazer na camara, dizendo que se limitou a fazer cumprir o que estava feito e disposto sobre tal assunto. Está muito bem.

«Mas o peor é que o sr. general Silveira achando «tudo» já feito, modificou e alterou o que lhe não convinha...

«Agora, da maneira como a questão está colocada, não vejo maneira alguma de a remediar, não fazendo o que o sr. ministro da guerra fez.

«Demais, a propria Escola do Exercito, ou ante, o seu Conselho Superior, pronunciou-se favoravel a pretensão dos alunos, embora tambem, pelo lado pedagogico, concordasse em que era preciso e de justiça que se fizessem os exames.

E s. ex.ª concluiu, dizendo:

— E sobre este assunto é tudo quanto sei e quanto lhe posso dizer!

— Uma outra pergunta sobre um assunto diverso. — Que pensa v. ex.ª sobre a extinção do subsidio aos parlamentares, proposta pelo sr. Carvalho da Silva?

— E' que tal proposta nem pode ser discutida, por se tratar dum assunto tratado na Constituição, e que não pode, nem deve ser discutido tão ligeiramente. Embora eu seja de opinião que estas camaras têm funções constituintes, não concordo com a maneira como foi apresentada tal proposta, se bem que eu não conheça bem o caso, pois como V. sabe, há já bastantes dias que me encontro retido no leito.

«No entanto, posso-lhe afirmar que não acho justo que se tire o miseravel subsidio de 250 escudos, que actualmente é concedido aos parlamentares e tanto mais mesquinho, por quanto é só no nosso paiz que esse subsidio não é concedido anualmente. Na Inglaterra, por exemplo, o subsidio concedido aos deputados é o suficiente para que eles possam ocupar-se exclusivamente dos afazeres do seu cargo, sem preocupação de especie alguma para arranjarem as verbas necessarias á sua vida.

«Ao sr. Carvalho da Silva fica muito bem a sua proposta, tanto mais que s. ex.ª é um rico proprietario e deve sorrir-se, desdenhoso, da magra quantia que recebe um parlamentar.

«Porém, as nossas camaras são democratas, e é raro o deputado ou senador, que vive desafogadamente, de maneira a dispensar o subsidio concedido pela Constituição.

E o sr. dr. Alvaro de Castro ajuntou:

— De resto, eu estou plenamente convencido de que tal proposta não será jamais aprovada nas Camaras.

— Já que estamos falando de subsidios, não poderá v. ex.ª dizer-me alguma cousa sobre os que são concedidos ao sr. Presidente da Republica e aos membros do governo?

— O que lhe posso dizer é que o subsidio concedido ao sr. presidente da Republica, é suficientemente mesquinho para nos envergonhar a todos.

«S. ex.ª não pode mesmo pagar as exigencias do seu cargo obrigam, tendo mesmo algumas verbas de serem satisfeitas indirectamente.

«E' uma vergonha! uma verdadeira vergonha! E com os membros do governo sucede o mesmo, pois 500 escudos não chegam muitas vezes para as despesas que o protocolo exige, quando se dá o caso de qualquer festa ou recepção diplomatica.

«Essa questão é deveras importante e merece ser ventilada com a ponderação que a sua importancia exige e cumpre pôr cobro á vergonha de se ter o nosso primeiro magistrado numa habitação como a que actualmente ocupa. S. ex.ª necessita urgentemente de ter um Palacio Presidencial, uma especie de «Eliseu», moradia obrigatoria, onde duma forma decente possa receber o corpo diplomatico, o onde possua tambem a sua casa civil e militar».

E terminou aqui a nossa palestra com o ilustre chefe do partido Reconstituinte.

A reorganisação do exercito

Tal como o sr. ministro da guerra a apresentou não pode ser

Sr. Redactor. — Permita-me V. que, abusando do seu acolhimento, eu roube algumas linhas para umas ligeiras considerações.

Foram ontem apresentadas na Camara umas bases para a Reorganisação do Exercito. Decididamente S. Ex.ª o sr. Ministro da Guerra está em maré de ferir direitos adquiridos. Refiro-me só á parte que diz respeito á artilharia, por tal assunto me dizer respeito directamente como oficial de artilharia de campanha.

Diz a base 12.ª da tal reorganisação entre outras cousas o seguinte:

Os oficiais da arma de artilharia constituirão um quadro unico, fundindo-se os dois quadros actualmente existentes e os oficiais ocupar, no quadro assim fundido, os lugares que lhes pertenceriam, como se os quadros não tivessem sido separados.

Para os oficiais habilitados com os novos cursos será levado em conta o tempo de duração de cada curso e a classificação nele obtida para estabelecer a sua situação relativa no quadro comum.

A primeira parte está certa. Os oficiais com o antigo curso que hoja fazem serviço na artilharia de campanha nada perdem por isso, pois as promoções estão feitas de forma que as antiguidades se mantem em relação aos que optaram pela artilharia a pé e os oficiais de artilharia a pé que conheciam o seu curso posteriormente á divisão dos quadros? E os oficiais com o curso de artilharia de campanha?

Os primeiros verão colocar-se á sua direita um certo numero de oficiais que virão atrazar as suas promoções, e segundos verão oficiais mais modernos colocar-se á sua direita e até (pela letra da proposta assim parece poder deduzir-se) verão oficiais mais graduados serem promovidos para serem colocados á sua direita. Será justo? Será razoavel? Será disciplinar?

Vejamos como é que este ultimo facto pode acontecer. Diz a ultima parte da base 12.ª que a situação relativa dos oficiais de artilharia de campanha no novo quadro será estabelecida tendo em conta o tempo de duração de cada curso e a classificação nele obtida. Todos nós sabemos que o curso de artilharia a pé é muito mais longo que o de campanha — 4 anos de preparatorios e mais. Aconteceu que oficiais de artilharia a pé irão colocar-se á direita dos de campanha ainda que estes sejam mais antigos ou mais graduados, (pelo que terão que ser promovidos) visto que teem um curso mais longo.

Suponhamos, porém, que se atendia só ao ponto que um tem mais e outros. Que aconteceria? Aconteceria que dentro do mesmo posto os oficiais de artilharia a pé iriam todos para a direita dos de artilharia de campanha, ainda que mais antigos os segundos, porque teem um curso mais longo. E' disciplinar?

Vimos o problema sob o ponto de vista da justiça e disciplinar. Vejamolo agora sob o ponto de vista financeiro. As bases para a reorganisação foram apresentadas para diminuir despesas. Em que as comprime a junção dos dois quadros? Parece-me que em cousa alguma. Se a artilharia de campanha necessita de um numero X de oficiais e a pé de um numero Y as duas artilharias juntas necessitarão de um numero que não deve ser muito inferior a X mais Y. E essa diferença, que deve ser pequenissima, compensará a série de anomalias, situações falsas, etc., que criará a junção dos dois quadros? Creio bem que não.

Estas razões não terão acudido ao espirito de s. ex.ª o sr. Ministro da Guerra ou de quem organisou tais bases? Sim, certamente. Por que razão então foram apresentadas? Ha uma bastante poderosa que talvez conste do relatorio que precedeu a sua apresentação e que eu desconheço por não estar indicado no segundo dos quatro... da Camara e apenso conhecer o que vem publicado nos jornais. Essa razão apresenta-se em 6 palavras que são: *a artilharia a pé está moribunda*. A artilharia a pé está cheia de oficiais superiores, tem alguns capitães e está á escassez de subalternos. E porquê? Porque ninguem está disposto a gostar um dinheiro em tirar o curso, em perder um tempo imenso para no fim ver passar uma vida de privações com os magros soldos do exercito; porque com menos trabalho se é engenheiro ou se tem qualquer outro curso e se arranja com ele uma posição mais lucrativa e de melhores proventos que a de oficial do exercito.

Salvar a artilharia a pé é o que se propoem com a junção dos quadros. Pois que se salve a artilharia a pé mas sem ferir os oficiais de artilharia de campanha. Ha uma maneira de o conseguir — Entregue-se os for

SERÁ DESTA VEZ?

A questão do pão e o Comissariado

Se o cambio não descer de 8, o Estado não perderá mais um centavo com o preço do pão, diz-nos o sr. Mela e Sabo, secretario do sr. ministro da Agricultura

Volta a agitar-se a questão do pão. O sr. Sousa da Camara, a exemplo do que fizeram os seus antecessores, deseja deixar o seu nome ligado a esta questão magna, tão magna que chegou já a ser uma questão de ordem publica.

Com o preço politico do pão, o Estado tem perdido anualmente, desde o começo da guerra, cerca de cem mil contos.

O primeiro ministro que pretendeu acabar com esse pesadissimo encargo para as finanças publicas foi o sr. dr. Antonio Granjo. Não o conseguiu porém. O sr. dr. Bernardino Machado, ministro que talvez mais se interessou pela questão, não encontrou tambem entre as muitas formulas que o seu arguto espirito engendrou, uma que se pudesse aplicar sem correr o risco de encontrar pela frente um protesto revolucionario em Lisboa e Porto.

Pretendeu o sr. dr. Bernardino Machado dividir pelo paiz cerca de 1es mil sacas de farinha de primeira qualidade que Lisboa e Porto não podiam consumir, dado o exiguo preço porque o povo aceitava o pão. Mas a provincia esquivou-se a pagar para o alfacinha. E a questão continuou aberta. Seguiu-se na pasta da Agricultura o sr. Portugal Durão, e, apesar de muito pouco tempo ter sido ministro, não deixou s. ex.ª de dizer quais os seus pontos de vista sobre o assunto. Queria o sr. Durão um tipo unico mas mais caro, e conceder aos pobres um «bonus» para cada pão, de forma que as familias necessitadas não o comessem mais caro. Mas a tentativa do sr. Portugal Durão, a esperança de que o seu processo viria finalmente terminar com um deploravel estado de coisas que para bem de todos se deve arrumar quanto antes, tiveram a duração das rosas de «Malherbe».

Estamos agora diante de uma nova experiencia. O atual titular da pasta da agricultura levou já ao parlamento uma proposta de lei sobre o assunto.

Não é fóra de proposito, pois, saber-se como tenciona o sr. Sousa da Camara resolver o problema do pão.

E' o sr. Melo e Sabo, secretario do sr. ministro da agricultura quem no-lo vai dizer.

Vamos ter treze tipos de pão

— O sr. ministro da agricultura começou o distinto silvicultor, com a sua proposta de lei pretende criar tres tipos de pão. Rialmente parecem muitos tipos. Mas vejamos:

«O primeiro tipo, que será um pão finissimo, é destinado ás classes abastadas e custará 1$20 cada quilo. E' muito? Mas é justo, porque o terceiro tipo, que será equivalente ao da segunda atual custará apenas $40.

«Com estes dois tipos, e com estes dois preços tão diversos, mister era criar-se um outro, porque os consumidores não estão divididos sómente nestas duas classes de ricos e pobres. Ha os remediados, os que nem são ricos nem são pobres, aqueles que nem desejariam comprar o pão a 1$20 nem aceitariam de bom grado a condenação ao pão de terceira. E por isso se criou um novo tipo, o medio, que custará $80.

«Ora com esta divisão de preços e com os diagramas estabelecidos na proposta, o sr. ministro da Agricultura conta poder extinguir o deficit que o Estado suporta todos os anos, arruinando-se ainda mais.»

Nesta altura lembrámo-nos que em tempos o sr. dr. João Gonçalves tambem projetou uma formula admiravel para resolver a crise do pão. Consistia essa formula em combinar as farinhas de trigo, centeio e milho, e desta maneira conseguir um tipo de pão barato, bom, e... sem dar prejuizo ao Estado. O sr. João Gonçalves chegou até a mandar fabricar alguns desses deliciosos pãesinhos, tão grande era o seu entusiasmo.

Mas... ha sempre um «mas» em todas as coisas, quando o sr. João Gonçalves quiz pôr em pratica o seu adoravel sonho, verificou que não lhe era possivel arranjar nenhuma das farinhas com que pretendia lotar a de trigo.

Por isto preguntámos ao sr. Mela e Sabo.

— Ha trigo para isso?

O sr. Sabo deu uma gargalhada.

— Pois é claro. Se não houvesse farinha não se podia fabricar o pão...

E continuou: «Está já comprada na America grande quantidade de trigo que nos custou a 340 sh a tonelada.

Se o cambio fôr o que se previu, o de 8, o Estado não perderá mais um centavo com o pão. Que mais quere saber?»

O comissariado não será extinto por enquanto!

Aproveitámos a bôa disposição do nosso entrevistado. Interrogámos:

— Que destino vai ser dado ao Comissariado dos Abastecimentos?

— Nada está assente acerca disso. Mas posso assegurar-lhe que, por enquanto, não será extinto. E é facil de se descortinar a razão porquê.

«Como sabe a questão das subsistencias depende das variações do cambio. Hoje, com um cambio regular, a acção do comissariado é muito restrita, mas suponha que amanhã o cambio desce novamente. Então parece que será bem melhor existir o comissariado do que não existir coisa nenhuma e haver necessidade de se criar um novo organismo.

«Alem disso o Comissariado tem ainda uma função muito util que é a dos armazens reguladores que em vez de serem extintos se devem multiplicar».

...tes á artilharia de campanha e deixe-...os estabelecimentos fabris aos oficiais de artilharia a pé nos termos dos bases 8.ª e 16.ª e assim ninguem será lesado. E em França os oficiais de artilharia de campanha bem mostraram que eram capazes de fazer guerra de posições.

De subalternos de artilharia de campanha já os fortes estão cheios. Só falta os capitães, porque os oficiais superiores ainda são todos do antigo curso.

Lisboa, 6|8|921.

Um oficial de artilharia de campanha

ULTIMA HORA

O GOVERNO E A OPOSIÇÃO

Os reconstituintes acusam o governo de os considerar uma dissidencia artificial

Assim o declara o sr. Carlos Olavo

— Como já declarei na Camara, sobre o primeiro projecto apresentado pelo sr. Carvalho da Silva, esté é inconstitucional, porque a sua aprovação implicaria a supressão total do subsidio parlamentar o que é inteiramente contrario á disposição do artigo 19 da Constituição. Esse projecto foi remetido ás comissões que, como eu, votarão certamente, a sua inconstitucionalidade.

«Diz-se que estas camaras teem poderes constituintes, mas isto não é razão para se acatarem projectos de lei que liguem com as disposições que ainda não foram modificadas ou suprimidas.

«De resto, eu acho o subsidio moral e necessario, e falo com tanta mais imparcialidade, quando eu nunca beneficiei do subsidio parlamentar. Em toda a parte o poder legislativo são subsidiados, e estou convencido que em nenhum paiz os parlamentares recebem a miseria que representa o subsidio dos nossos deputados e senadores.

«Acresce que lá foi, na França e na Inglaterra, por exemplo, o subsidio parlamentar é anual recebendo durante toda a duração do seu mandato, enquanto que, em Portugal, o subsidio é pago simplesmente durante as sessões, descontando-se aquelas em que não compareçam.

«Se esses subsidios fôssem falando de subsidios, não nos poderia v. ex.ª dizer alguma coisa sobre os honorarios que os membros do governo actualmente estão ganhando?

— Acho que esses subsidios são absolutamente insuficientes e colocam os politicos em circunstancias de não poderem ocupar o poder, excepto se forem ricos.

«E não lhe falo da situação do sr. presidente da Republica, que chega a ser afrontosa, pelas precarias circunstancias em que é obrigado a viver.

Sobre este assunto nada mais tinhamos a perguntar, e s. ex.ª pouco ou nada mais nos podia esclarecer, e julgamos interessante ouvir o sr. Carlos Olavo sobre a politica geral do governo.

— A esse respeito está anunciada uma interpelação feita pelo sr. dr. Vasco Borges, para a qual o governo ainda se não deu por habilitado. Esse debate politico é muito necessario, visto que a apresentação do governo se limitou a ser uma simples sessão de cumprimentos e de declarações dos partidos, sem que se chegasse a entrar propriamente num debate politico.

«Tem de se discutir, esse debate a inconstitucionalidade da dissolução, as circunstancias verdadeiramente anormais em que foi constituido este governo, a maneira como foi realisado o acto eleitoral, e os atentados que durante ele foram praticados contra a constituição e contra os proprios republicanos, nalguns pontos do paiz.

«Por nossa parte, quero dizer, dos reconstituintes, teremos de censurar o governo, a preocupação que o dominou de esmagar as dissidencias, considerando-nos, a nós, uma dissidencia artificial, sem fundamento nem raizes na consciencia nacional, o que o levou em muitas partes, a praticar violencias contra nós.

«Felizmente, que essas violencias tiveram a vantagem de nos dar lugar a demonstrar que somos, não uma dissidencia, mas um verdadeiro partido, com uma força real apoiada, na massa eleitoral do paiz. E a nossa representação parlamentar ali está a demonstra-lo duma maneira bem evidente.

CRISE MINISTERIAL

Demissão do sr. Antonio Granjo

Contava-se hoje nos Passos Perdidos da Camara dos Deputados — e dava-se como absolutamente certo — que o sr. Antonio Granjo, ministro do comercio, apresentava oficialmente a sua demissão, por incompatibilidade com o sr. general Silveira, ministro da guerra.

O pomo de discordia teria sido (segundo as mesmas versões) a discordancia de vistas entre os dois estadistas, no que respeita á questão dos oficiais milicianos. Parece que houve mesmo um ligeiro conflito, com certa posterior de relações pessoais.

Os pessimistas acreditam que ainda esta semana se declarará a crise total do gabinete.

A este proposito trocámos breves palavras com um dos ministros.

— E' certo que o sr. Antonio Granjo pediu a demissão?

— Ouvi-o dizer agora. Ao certo, não sei nada.

— Mas a noticia surpreendeu-o?

— Nada, absolutamente. Já não ha nada que me surpreenda.

O conselho de ministros reuniu hoje expressamente para tratar da crise que, certamente, se virá a dar por estes dias.

Consequencias da crise provocada pela demissão do ministro do comercio

Entre os politicos era muito comentada a demissão do sr. Antonio Granjo, que todos davam como certa. As consequencias seriam estas: ou a queda total do gabinete ou uma scisão no partido liberal, chefiada pelo sr. Antonio Granjo.

Esta ultima hipotese converter-se-hia em realidade, não já, mas no momento oportuno escolhido pelo sr. Antonio Granjo.

E' evidente que esta atitude do ex-ministro do Comercio determinará tambem a queda total do governo e a formação dum gabinete de concentração, provavelmente presidido pelo sr. Barros Queiroz, se, por acaso, ele fôr aceito pelos grupos parlamentares representados na concentração.

Ao fim da tarde afirmava-se que se faziam diligencias junto do sr. Granjo para retirar o seu pedido de demissão, — diligencias que eram habilmente e tanto quanto possivel neutralisadas pelos antigos ministros.

Para a pasta vaga — se vagar e se houver recomposição — indicava-se o nome do sr. Virgilio Inglez.

Uma declaração do Directorio do P. R. P.

O Directorio do P. R. P. enviou uma nota oficiosa aos jornais, repelindo, mais uma vez, o boato de que o partido apoiaria qualquer movimento revolucionario e declarando que a atitude partidaria estava bem esclarecida no artigo editorial da «Democracia» de hoje.

Uma interpelação

O sr. Rodrigues Gaspar enviou para a mesa da camara dos deputados uma nota de interpelação ao sr. ministro das colonias acerca do contrato Hormung.

Uma inconfidencia e um comentario

Ouvimos nós:

O sr. Julio Ribeiro, director da «Montanha», do Porto, preguntava ao ilustre parlamentar sr. Ribeiro de Carvalho:

— Posso telegrafar a crise, para a «Montanha»?

— Póde. E acrescente que o Granjo não fica...

Um jornal da manhã pedia hoje novo governo, declarando que iria promover, por todas as formas, ao advento ao poder de quem quizesse ajudar-nos. Ajuda-lo a ele, jornal, é claro.

Um gesto... que se não fez

Dizia-se que o sr. Rui d'Andrade, ex-deputado eleito monarquico, iria hoje á Camara dos Deputados ocupar o seu «fauteuil», protestando assim contra o acordão da comissão de verificação de poderes que não reconhece a sua eleição. Parece que o boato não tem fundamento. Foi, pelo menos, o que nos disse um dos seus colegas e correligionarios:

— Não, hoje não vem...

Será então amanhã?...

PARLAMENTO

Nos Deputados

A questão do Douro

Os srs. João Pedro Ferreira e Carvalho da Silva declaram dar o seu voto ás propostas.

O sr. Aboim Inglez sente bastante ser uma nota discordante nos aplausos que teem sido dispensados ás propostas. Não concorda em absoluto, porque elas apenas tendem a socorrer o Douro quando a crise vinicola é geral. O centro e o sul do paiz necessitam neste momento de igual auxilio. Porquê então socorrer só Douro e nada para o resto do paiz? O orador afirma, sem contestação da Camara, que a crise do Douro não existiria se não fosse a desmedida ganancia dos viticultores que na epoca propria não quizeram vender os seus vinhos, ancioros de com eles alingirem fortunas fabulosas.

Então não houve patriotismo da parte dos viticultores que, podendo vender os seus vinhos por preços razoaveis, não o fizeram. Agora apela-se para os nossos sentimentos pa trioticos para gastarmos com esses mesmos viticultores aquilo que tanta falta faz para coisas que bem mais merecem o auxilio do Estado.

O orador termina dizendo que aprovará as propostas mas com as necessarias emendas, para que elas sejam extensivas ás regiões do centro e sul do paiz.

O sr. Constancio d'Oliveira aprova as propostas.

O sr. Manuel de Souza Brazão reclama para a Madeira o mesmo auxilio que se pretende conceder ao Douro.

O sr. Mario Fortes envia para a mesa algumas emendas ás propostas, para serem discutidas quando se entrar na sua discussão na especialidade.

O sr. Plinio Silva pede a palavra para, em negocio urgente, tratar duma questão de trigos havida no distrito de Portalegre.

Consultando a Camara sobre se o sr. Plinio Silva deve ou não usar da palavra, devido a estar-se em sessão prorogada, esta em contra prova manifesta-se em contrario.

O sr. Lopes Cardoso, apesar de não concordar com as propostas, declara aprova-las.

Seguidamente usa da palavra o sr. ministro dos negocios estrangeiros que á hora em que fechamos este extracto está ainda falando. S. ex.ª está pondo a Camara a par do que pelo seu ministerio se tem feito em materia comercial de vinhos com os outros paises.

Notas politicas

A tal doutrina de Braga

O sr. Aboim Inglez, falando hoje na Camara dos Deputados ácerca do auxilio que se pretende dar á crise duriense, reclamou que se estendesse a todos os necessitados do paiz (como, por exemplo, os cultivadores de trigo) os auxilios governamentais.

Houve então um deputado que, com cabeça e chão de razão: ou para todos — ou para ninguem. Já o dizia o sapateiro de Braga. E a formula está hoje catalogada entre os aforismos economicos de constante uso nacional.

O certo é que o sr. Aboim Inglez disse grandes verdades. Entre elas estas: só os que mais gritam é que são ouvidos. E' certo. E se deitam bombas, ainda melhor.

O sr. ministro do Interior deve apresentar amanhã na Camara dos Deputados uma proposta de lei, melhorando as condições de vida da policia civil, sendo aumentos dos vencimentos, em media, de 50 centavos diarios.

Interpelado por um jornalista acerca do boato de demissão do sr. ministro do comercio, o sr. Barros Queiroz, presidente do ministerio, exprimiu-se assim:

— Ha, efectivamente, alguma coisa nesse sentido.

A crise póde considerar-se, pois, como positivamente aberta.

A QUESTÃO DO JOGO

Como se pretende legislar

O jogo nos arredores? — Mas o que é imoral aqui, não o é acolá?

Fala-se ai, ultimamente, em que se vai consentir o jogo nos arredores de Lisboa.

Cá temos outra!

Se está certo que, nesta questão do jogo, nós havemos de andar us apalpadelas...

E' nosso feitio; complicar as cousas, atrapalhar tudo. Não nos valem exemplos, nem colhem raciocinios. Temos em frente de nós um problema simples, cousa para creanças? Pois tornemo-lo dificil, para que a solução seja... divertida; e somos nisso tão eximios, que o facil problema fica... sem solução possivel!

O jogo nos arredores de Lisboa... Valha-nos Deus, já que os homens nos não acodem! Que quer dizer isso? Vejamos:

O jogo deve, ou não deve ser permitido? Se deve, o que tem o local? Sim, digam-no: que é isso de demarcar zonas?

«Aqui joga-se, acolá não»! Isto é ainda uma ideia luminosa dos moralistas. Mas o que é imoral aqui, deixa de o ser acolá? Ou, o que vale o mesmo: há localidades onde a população em tão pouca conta tem a moral, que não se lhe dá de viver na intimidade dum mal necessario de meia tigela!

Sim, que se jogue, por exemplo, em Linda-a-Velha, a dissoluta, mas que fique limpa do... cancro Lisboa, a honesta, a purissima, a santissima Lisboa! Podem os lisboetas transitar, todas as tardes, pelo comboio, a caminho do Estoril, e, ali, num cubiculo infecto ou num palacio faustuoso, passar a noite em roda do pano verde. Pode ir a população toda, pobres e ricos, velhos e novos; acolá, tem liberdade absoluta. Mas só acolá. Que, em Lisboa, ai de quem se atrever a tentar um palpite á roleta!

E ha quem tente defender esta... ratice! Ha quem fale disso muito a sério!

Quer dizer: qualquer terreola de saloios tem o direito de possuir casas de jogo; Lisboa, a capital do país, a cidade mais populosa de Portugal, essa não tem os direitos que tem as populações sertanejas!

Mas nós sabemos muito bem donde isto vem tocado... e os senhores também sabem....

Adiante.

O jogo, ou regulamentado ou tolerado, só se pode admitir como medida geral, para assim corresponder a um dos principais fins que se tem em vista: acabar com o seu exercicio clandestino. Ora, como em toda a parte se joga, a regulamentação ou a tolerancia há-de ir a toda a parte sem que chegar, sob pena de ficarem s como estavamos: livre em Loures, escondido em todos os primeiros andares lisboetas!

O estado de S. Paulo, do Brazil, quando, ha semanas, regulamentou o jogo, fê-lo para todo o estado, e, se alguma restrição se há, é precisamente para as pequenas localidades. E compreende-se: quem joga são os poderosos, e os poderosos não vivem na Porcalhota. Estão nos grandes cidades, nos grandes aglomerados.

Foi ainda pensando assim que o estado de S. Paulo legislou de preferencia para os grandes centros. Lá está o artigo 13, que diz:

«Nas cidades, cuja população exceda 400.0.0 habitantes, poderá ser concedida autorisação em jogo de azar e n grandes clubs fechados, etc.»

Quer dizer: nos fazemos, ou queremos fazer o contrario do que aconselha toda a logica. O que não admira, pois nós, geralmente, racicinamos — para traz...

Dissemos saber muito bem donde vem tocado o preregrino pensamento do jogo nos arredores. Sabe-o toda a gente. A verdade é que ha quem tenha grandes interesses nisso.

E não indiferente o interesse pessoal deste ou daquele. Que cada qual faça o seu... jogo, mas sem prejudicar o interesse comum. Duas razões, principalmente, nos guiam nesta campanha: acabar com o jogo clandestino, que é imoral e perigoso, e reeditar receitas para a Assistencia, pois que não podemos tolerar que os industriais pobres, como, por exemplo, a do jornal, se arranquem pesados impostos, e, a uma industria rica, como é a do jogo se deixe numa faustosa e opipara liberdade!

Ora, a regulamentação nos arredores não acabará com o jogo clandestino. O mais que poderá era tirar-nos os magnificos clubs, que são uma honra para a capital, e dos quais os proprios estrangeiros vindos afirmam que não ha melhor lá fóra.

Querem assim?

Como temos dito, é no proximo sabado que se realisa, no Regaleira-Club, a primeira das grandes festas que, em beneficio das casas de caridade, um grupo de jornalistas leva a efeito nos clubs *chics* da capital.

O programa definitivo será publicado daqui a dias.

A CAPITAL

3855 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Terça-feira, 9 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

Questões militares

Pediu a demissão o sr. Antonio Granjo, ministro do Comercio, e esse pedido resultou da questão dos oficiais milicianos, em que este ilustre homem publico mantinha uma opinião diversa do sr. ministro da guerra, com a qual, todavia, segundo vemos nos jornais, todos os seus restantes colegas se solidarisaram.

A atitude do sr. Antonio Granjo não pode ser por ninguem censurada. Entende o ex-ministro do Comercio, que foi tambem oficial miliciano, honrando a sua farda nos campos de batalha europeus, que o que se praticou com esses seus camaradas não era logico nem justo. Como podia o sr. Antonio Granjo solidarisar-se, portanto, com o sr. ministro da guerra, que pensa duma maneira diametralmente oposta?

Ha exemplos de se subordinar a determinadas conveniencias politicas a voz da consciencia, os dictames da razão. Nunca se aproveitou nada com semelhante sacrificio que não honra aqueles que o impõem ou aceitam. Os homens publicos teem de ter uma coerencia, uma dignidade, uma resolução que os não distinguem das que podem particularmente autenticar as qualidades do individuo.

O sr. Antonio Granjo ficaria diminuido se prestasse o seu concurso a uma violencia que é tambem uma iniquidade e o governo nada lucraria com esse facto porque a opinião publica já lavrou o seu veredictum sobre a questão dos oficiais milicianos.

Entretanto, não ha duvida que o gesto do sr. Antonio Granjo veio demonstrar ainda a sua opinião a gravidade deste incidente que bem se pode denominar historico.

A questão dos milicianos revelou, como a questão Dreyfus, embora duma maneira diversa, que ha uma organisação doente em Portugal como havia ha vinte e tantos anos em França. Essa organisação é o ministerio da guerra.

A falta de toda e qualquer noção de justiça, o espirito de casta, a tendencia para os processos autocratas assinalaram a mentalidade dos dirigentes, no ministerio da guerra francez. Identicos vicios e aberrações se demoram no ministerio da guerra em Portugal.

Tambem aqui se pretende dividir o exercito em castas. Tambem aqui se procura criar uma tribu de privilegiados e um bando de reprobos. Tambem aqui a palavra Republica acoberta uma mentalidade que nada tem de republicana.

Agora mesmo o sr. ministro da guerra trata de fazer vingar uma reorganisação do exercito cujo fito é afastar das fileiras os principais serviços militares um certo numero de oficiais para, á conta deles, melhorar consideravelmente a situação dos que ficarem e que serão os escolhidos, os parasitas, os apaniguados. Nada mais perigoso do que redundar no exercito portuguez uma situação desta natureza.

Estas pretensões, que são absolutamente reais, embora se procure dissimula-las com toda a especie de pretextos, não deveriam nunca ter cabimento num regimen republicano, em que a igualdade de direitos representa um principio tão assente como o da liberdade civica.

Poderão elas prevalecer? Não o acreditâmos, mas que assumem bastante gravidade, prova-o o facto de já terem provocado uma crise ministerial. Quem sabe mesmo se as propostas do sr. ministro da guerra não provocarão até uma scisão partidaria, inutilisando assim o equilibrio politico em que ha tres anos se encontravam os melhores amigos da Republica, reputando-o indispensavel para a perfeita normalidade das instituições!

A situação politica

O que diz «A Republica» acerca da crise — A scisão no partido liberal não será aberta pelo sr. Antonio Granjo

O nosso colega «A Republica» define com suficiente clareza, no seu editorial de hoje, o gesto de demissão do sr. Antonio Granjo. Sabendo-se que «A Republica» reflecte o proprio pensamento do ex-ministro do comercio, entendemos util extratar nestas colunas a parte essencial do artigo.

Sabendo o que deve ao seu partido, o sr. dr. Antonio Granjo, conforme nos informou directamente, não irá hoje á Camara, porque não quere intervir no debate, para não criar ao governo uma situação mais delicada. Se apresentou só ontem a sua demissão, foi justamente para que os cou os se arrumassem de forma a não sobrevirem maiores complicações.

O sr. dr. Antonio Granjo conservar-se-ha assim dentro da disciplina partidaria, porque nunca esquece os interesses gerais do paiz e os seus deveres para com a Republica.

O sr. dr. Antonio Granjo desmente, duma forma categorica, que pretenda abrir a scisão no partido liberal.

A' hora em que fechamos estas notas a situação politica é extremamente obscura. O governo solidarisou-se, parece, com o sr. ministro da guerra; mas, por outro lado, a feição agravante da Camara dos Deputados é hostil a este estadista. Pode, assim, surgir a crise total, perante a posição adversa do Parlamento ao titular da pasta da guerra.

De resto parece que a questão politica virá a ser analisada, em todos os seus detalhes. E' o que se depreende do pedido de generalisação do debate, requerimento que vai feito pelo sr. Vasco Borges e cuo está imente.

VERIFICAÇÃO DE PODERES

Comissões intangiveis, porquê?

Os srs. Aires de Ornelas e Rui Ulrich eram inelegiveis

Parece-nos que se está forçando demasiadamente a nota da intangibilidade das comissões de verificação de poderes. Basta que um deputado se lembre de aludir a qualquer parecer dessas comissões para que imediatamente a Camara, numa gritaria descomposta, principie a clamar que o orador está fóra da ordem.

Porquê? Onde está expressa na Constituição a intangibilidade dessas comissões? Qual é mesmo a disposição constitucional que lhe dá foros de tribunal de ultima instancia?

O que a Constituição diz, no seu artigo 13.º, é que a cada uma das camaras compete verificar e reconhecer os poderes dos seus membros. A lei eleitoral determinou a forma por que essa função se exerce, atribuindo-a ás comissões de verificação de poderes.

Mas estas procedem, evidentemente, por delegação da Camara, não se compreendendo que esta esteja impedida de apreciar os seus actos e até de os anular, quando entender que eles são manifestamente abusivos, ilegais ou lesivos dos legitimos direitos de qualquer candidato. Assim como as comissões anulam os actos praticados nas assembleias de apuramento, assim a Camara, porque é soberana nas suas deliberações, pode dar por irritos e nulos os actos que essas comissões pratiquem, desde que tenha motivos para assim proceder.

Intangiveis, porquê?

A constituição, determinando que a cada uma das Camaras compete verificar e reconhecer os poderes dos seus membros, não impede de forma alguma a apreciação dos pareceres das comissões. Tem ao contrario, se é a cada uma das Camaras que incumbe aquela função, se as comissões procedem como simples delegadas, não faz sentido que não tenham de dar contas dos seus actos á Camara a que pertençam, tanto mais que esses actos são condicionados pelas disposições da lei. Se as comissões abusam, se não cumprem as disposições que lhe limitam a sua função, para onde apelar senão para a propria Camara? E como se pode fazer a prova de quaisquer abusos ou ilegalidades senão discutindo, senão apreciando e expondo os actos das comissões?

Está-se forçando demasiadamente, repetimos, a nota da sua intangibilidade. E bom seria que tal se não fizesse, até no proprio interesse dos membros das comissões, que não desejarão furtar-se a justificar e esclarecer as decisões que tomam.

✦ ✦ ✦

A eleição do sr. Aires de Ornelas não foi validada pela respectiva comissão, que aceitou o apuramento que dá a esse candidato um numero de votos inferior ao dos outros candidatos. Desconhecemos o fundamento das alegações invocadas para impugnar a regularidade do acto eleitoral naquele circulo. Seja ele qual fôr, porém, supomos que o sr. Aires de Ornelas não podia ser eleito mesmo que a sua votação fosse superior a de todos os outros candidatos. O paragrafo 5.º do artigo 3.º da lei eleitoral diz que não podem ser eleitores os que tiverem sido condenados por crime de conspiração contra a Republica. E o artigo imediato diz que só os eleitores são habeis para ser eleitos. Nestes termos supomos que o sr. Aires de Ornelas é inelegivel, pois a amnistia de que beneficiou recentemente não o impede de ter sido condenado por crime de conspiração contra a Republica.

Ignoramos tambem o motivo que levou a comissão a validar a eleição do sr. Rui Ulrich, aguardando que este candidato optasse pelo seu mandato de deputado ou pelo seu cargo de director do Banco de Portugal. Não tinha que aguardar coisa alguma, porque o artigo 5.º da lei eleitoral diz expressamente:

São, porém, inelegiveis para exercer as funcções de senadores ou de deputados os concessionarios, contratadores ou socios de firmas contraciadoras de conceções, arrematações ou empreitadas de obras publicas e operações financeiras com o Estado, directores, administradores, membros gerentes ou fiscais de sociedades por ele subsidiadas, ou que, por conta dele, administrarem alguns dos seus rendimentos, excepto os que, por delegação do governo, representarem nela os interesses do mesmo Estado.

Em face desta disposição o sr. Ruy Ulrich era inelegivel. Tinha de ser chamado o candidato imediatamente mais votado. O procedimento da comissão obedeceu ao proposito de fazer com que se realise novo acto eleitoral para diminuir em um deputado a representação monarquica na Camara? Mau caminho seguiu, nesse caso, a comissão, porque não é com manifestas ilegalidades que o prestigio da Republica é aumentado. E' muito pior, para as instituições, impedir pela violencia a entrada dum só monarquico na Camara, que cumprir rigorosamente a lei, embora do seu cumprimento resulte o acrescimo da oposição parlamentar monarquica.

O sr. dr. Eusebio Leão em Lisboa

O que o traz a Portugal — Portugal visto pela Italia e a Italia vista por Portugal — A politica portugueza — Se me chamassem para formar governo...

Vindo do paiz do sol, onde o azul do ceu é o mais lindo do mundo, do paiz das gondolas romanticas que ora navegam sob o sol doirado, ora deslisam cobertas de branca neve; vindo de Italia, onde, depois da Russia, se vive presentemente a vida social mais intensa, chegou hoje a Lisboa o sr. dr. Eusebio Leão. Ha nove anos e meio que o prestigioso republicano se foi de longada até Roma representar o nosso paiz. O que desde então entre nós se tem passado em materia politica, inutilisando ou desprestigiando aqueles que foram seus companheiros nas lutas republicanas e patrioticas, dá ao seu nome um tão grande valor de oportunidade que as suas palavras não podem deixar de ser ouvidas com a maxima atenção, o maior interesse e todo o respeito.

O sr. dr. Eusebio Leão, a despeito dos seus muitos cabelos brancos que tiranicamente pretendem fazel-o mais velho, e do cansaço causado por uma longa viagem, como é a de Italia a Portugal, traz uma admiravel aparencia de bem-estar. O seu contentamento por se encontrar em Portugal é manifesto. Nota-se-lho no olhar, na voz, nos sorrisos e até, vá lá, na paciencia com que recebe todas as pessoas que o procuram.

— V. Ex.ª pode dizer á «Capital» o que vem fazer a Lisboa? — interrogámos.

— Unicamente tratar de questões de comercio vinicola.

A palavra «unicamente», proferida pelo sr. dr. Eusebio Leão, sugeriu ao jornalista uma duvida. Por isso preguntou:

— E V. Ex.ª volta para Italia ou vai para Madrid?

— Para Madrid? — Não. O meu posto é em Italia, em Roma, e é para onde volto depois de prontos os meus afazeres respeitantes á nossa exportação de vinhos para lá. Mais nada.»

Não sabemos se o sr. dr. Eusebio Leão vem a Portugal por mais algum motivo.

Ficámos absolutamente convencidos de que na realidade o nosso ministro em Roma vem apenas tratar de questões inerentes ao seu alto cargo.

Era natural que depois daquelas palavras o rumo da nossa entrevista se desviasse um pouco, isto é, que o jornalista procurasse noutros assuntos o mesmo interesse das palavras e das afirmações do ilustre diplomata.

— Que opiniões nos pode v. ex.ª transmitir sobre a politica social italiana?

— A minha opinião é que se chegou já ao ponto culminante da luta entre ex-combatentes e comunistas. Quando saí de Italia, estava-se trabalhando com muita vontade no sentido de a paz entre essas duas correntes igualmente decididas, ser firmada. E sei já que realmente as duas correntes contrarias assinaram um acordo pelo qual a guerra civil deixou de existir. Não quero, é claro, afirmar que de oravante a paz seja completa naquele paiz. Nada disso. Nem isso era possivel dado o azedume, o espirito revolucionario com que ainda ha pouco ex-combatentes e comunistas se batiam nas ruas de Bologne e pelas outras terras italianas. Mas desde que essa paz foi firmada, e que o interesse em a firmar existia identico nas duas partes, mister é que se tome esse ato como o cume da barafunda italiana e se espere que, embora lentamente, o povo italiano se vá reintegrando na sua antiga vida, no seu antigo socego.

«A' Russia foram enviados pelos comunistas italianos varios delegados encarregados de estudar as vantagens do sistema dos «soviets» e de observar em toda a sua extensão os resultados que o povo russo tem tirado da pratica de tal sistema. A má impressão que esses delegados de lá trouxeram, aliada á desilusão que os operarios tiveram da sua administração nas fabricas que ha mezes ocuparam, resultou o decrescimento das forças comunistas e a intensificação da actividade socialista.

«Por esse motivo o perigo bolchevista desapareceu já em Italia.

— Mas a Italia poderá rialmente marchar, a despeito do seu desassocego, para um futuro brilhante?

— Porque não? A Italia é um paiz muito rico. Tem admiraveis fontes de riqueza agricola e industrial. Possui uma enorme influencia nos paizes do Oriente. E' o paiz do turismo, por excelencia. Porque não ha de pois marchar para um futuro brilhante? Eu bem sei, continuou o nosso ilustre entrevistado, o que faz com que cá de longe se julgue o admiravel paiz italiano caido na anarquia, incapaz de se guiar para o destino que lhe compete. E' a carateristica das suas lutas politicas e sociais. Mas é bom ver-se que isso depende da indole dos povos; e é necessario saber-se que a par dos insultos que no Parlamento italiano os deputados se jogam mutuamente, não se perdem de vista os altos problemas nacionais.

Este Parlamento que tem sido um dos mais bulhentos, tomou já algumas medidas transcendentes para a vida nacional.

Foi nesta altura que interrogámos o nosso ministro em Roma acerca de assuntos que mais intimamente nos dizem respeito.

— Que impressão se tem em Italia acerca de nós?

— A melhor possivel, como povo, mas muito má como politicos. Em Italia diz-se que nós somos um bom povo, muito hospitaleiro, muito obsequiador, de uma indole admiravel e atraente, que podiamos desempenhar um importante papel no concerto das nações, mas que a politica, como de facto sucede, tudo embaraça, a tudo opõe entrave.

«Apesar disso, porem, não gosamos naquele paiz de uma grande simpatia que a missão militar italiana que veiu assistir á consagração dos nossos herois da grande guerra, e a missão que fez parte da Conferencia Inter-parlamentar do Comercio exaltaram ainda mais, se é que isso foi possivel. Ainda em Italia ha outra impressão a nosso respeito. E' a de que somos o paiz das revoluções. A' mais pequena coisa que ha em Portugal, logo em Italia se diz e se acredita, como de resto sucede tambem nos outros paizes, que entre nós se dão os mais graves e subversivos acontecimentos revolucionarios. Isto apesar dos grandes esforços que eu tenho feito por fazer acreditar o contrario.»

— V. Ex.ª sr. ministro, tem estado longe, ha já muito tempo que não vinha a Portugal. Deve ter visto os nossos acontecimentos politicos desapaixonadamente. A sua opinião tem por isso um grande valor. Que pensa pois da nossa politica?

— Que hei de eu pensar... Que hei de dizer senão que isto não vai nada bem, que não caminha e que a razão é a pouca permanencia dos governos no Poder?

— Se por qualquer circunstancia imprevista v. ex. fosse chamado a organisar um ministerio ou a fazer parte dele, v. ex. aceitava?

O sr. dr. Eusebio Leão hesitou na resposta, e pela primeira vez as suas palavras foram pronunciadas com certa dificuldade.

— Não, eu venho apenas tratar de comercio.

— Bem sabemos. Mas suponhamos a hipotese de o governo cair por circunstancias imprevistas e que v. ex. era chamado a organisar ministerio...

Nova hesitação.

— Não sei... Para governar apenas um ou dois meses decerto que não aceitava. Se pelo contrario, tivesse probabilidades de poder ser governo, o tempo necessario para poder resolver algumas das altas questões que é necessario resolver, então não digo que não...»

As propostas de finanças

Continuando a dissecação da proposta-forca do funcionalismo publico

A quem é que o governo (ou somente o sr. Barros Queiroz, se o preferem) encarregou do ingrato mister de puxar pela corda da forca que ha-de supliciar o funcionalismo publico? Não ousando atribuir-se tão odiosa missão, o sr. Barros Queiroz (ou o governo, se quizerem) arrumou para cima das costas largas dos directores gerais e chefes de serviço o papel pesadissimo de novos Herodes, encarregados da degolação dos inocentes. E' o que diz o § 1.º do artigo 2.º, que textualmente preceitua que fica «cabendo aos directores gerais ou chefes de serviço a responsabilidade da selecção.»

Maravilhoso criterio este!

Maravilhoso, artificioso e, sobretudo, muito comodo!

Efectivamente, se são os directores geraes e chefes de serviços, os encarregados da degolação, imediatamente se conclui que esses funcionarios não são compreendidos na proposta-forca. Não, eles não irão, jámais para o quadro dos adidos.

Pode, na reforma dos serviços do Estado, reconhecer-se a inutilidade da persistencia de qualquer direcção geral ou de qualquer repartição publica. Pode mesmo haver conveniencia de suprimir dum dos muitos ministerios inuteis que se acumulam no Terreiro do Paço. Pode dar-se essa ou outra hipotese semelhante. Mas o que se não pode fazer, á face da letra da proposta-forca, é incluir no quadro dos adidos qualquer funcionario que seja director geral ou simples chefe de repartição. Pois se são eles que escolhem, se são eles que selecionam!

Outra conclusão surge, ainda mais injusta, ainda mais parcial, ainda com mais acentuado caracter de favoritismo perseguidor. E vem a ser que sómente os funcionarios de pequena categoria serão atingidos, visto que os outros, os «gros-bonnets» da burocracia, uma grande parte dos quais entrou para os quadros pela janela do favor politico que não pode ter a força dum concurso publico, saberão prestar-se ao enfileiramento, ou porque são chefes de serviços ou porque tratarão de abrigar-se sob o para-raios da influencia politica, — aquele enormissimo para-raios que já serviu, admiravelmente bem, para os fazer ingressar nas secretarias do Estado.

A proposta-forca é, pois, para os pequenos funcionarios, para os desprotegidos, para aqueles que são, afinal, os unicos ou os poucos que efectivamente trabalham na faina diaria do expediente das secretarias.

Refere-se a proposta-forca, acaso, a estes trabalhadores quando fala hipocritamente, sarcasticamente, em provas de zelo no desempenho das suas funções? Não, não é desses que é preciso ajuizar. O seu destino já está antecipadamente sentenciado. Irão para o quadro dos adidos, porque são pobres e fracos. Por cima deles, e rirem-se, ficarão os directores gerais e os outros chefes, aqueles que todos nós vemos passar na rua do Ouro, aí por volta das 13 horas, a caminho do Terreiro do Paço, dando assim um magnifico exemplo de assiduidade ne serviço. E' que para esses não ha hora de ponto, nem de entrada nem de saida. Os rigores são sómente para os serventes, para os terceiros e segundos oficiais e, um pouco tambem, para os primeiros que não são chefes de coisa alguma. A imoralidade, sob este ponto de vista de assiduidade no serviço, é flagrantissima, mas contra ela não ha reacção alguma, porque os ministros só se sentem fortes com os fracos e subjugam-se, em regra, aos caprichos e á tutela do alto funcionalismo do Terreiro do Paço. Esta é a verdade, doa a quem doer!

Mas quere o governo, realmente, diminuir os quadros? Não ha nada mais facil. Basta fazer cumprir a lei. Obrigar o funcionalismo, grande e pequeno, á frequencia regulamentar das repartições. Dentro de pouco tempo os processos disciplinares por abandono de lugar serão ás centenas, porque uma grande parte dessa alta burocracia exerce profissões diversas e não lhe convem dar ao Estado o tempo que mais lucrativamente emprega fora das repartições. Mas nem o governo ou sómente o sr. Barros Queiroz, que sabem isto muito bem, não querem quebrar o encanto de alma e o prazer do corpo em que vivem os altos funcionarios, — aqueles mesmos que a proposta-forca encarrega da selecção do funcionalismo. Quando, afinal, eles é que deviam ser selecionados!

E continuaremos, que ainda ha muito que dizer.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

Decadencia agricola no seculo XVI — Azeite e mel — Trigo e pão — O seculo das pestes e das fomes — O terramoto de 1531

A agricultura não era mais favorecida. Os imensos esforços anteriormente feitos para desenvolvê-la, fracassaram perante a vertigem das aventuras do mar. Os velhos tempos da cavalaria eram passados.

O antigo Coudel-mór desaparecêra com as coudelarias a seu cargo.

Já ninguem se importava de apurar raças. O tempo das Justas e das Jugadas de canas tinha acabado.

— «Os Fidalgos mancebos e gentis homens em toda a Espanha, «vestidos á Marquesota e á Franceza», como refére um autor coevo, tinham trocado os cavalos por machos e mulas em que passeavam ante as damas».

O Catolicismo preponderante ia-se apossando de terras, a ponto de ter chegado a estar senhor de quasi todo o paiz.

Pior do que isso, porém, deixavam-nas ficar incultas, o que levou D. Afonso II a proibir que as Igrejas e Mosteiros conservassem em seu poder mais bens de raiz do que aqueles que se lhes julgassem necessarios. (1)

Tambem aos Regulares foi proibido adquirir ou herdar mais bens de raiz. (2) São conhecidas as penalidades estabelecidas por D. Pedro I aos que delinquissem em prejuizo da Cavoira.

A lei das Sesmarias, provendo para que acabassem os incultos, foi obra de D. Fernando que nomeou inspectores os «homens bons» para cada logar, a fim de que a lavoira não fosse descurada.

Flandres, Espanha e Alemanha abasteciam-se do nosso azeite de Santarem, Abrantes, Elvas, Beja e outras partes.

Os centros de produção mais abundantes eram Santarem, Moura, Tomar, Estremoz, Lisboa, Elvas e Coimbra.

Pela qualidade e sabor distinguiam-se os azeites de Evora, Alvito, Torres Novas e Montemor-o-Novo, donde costumava ir para a Dispensa Real.

Tambem a cultura das abelhas chegava a tal desenvolvimento que nos dava mel abundante para consumo de todo o paiz.

Daqui se originaria talvez a expressão ainda muito em voga num sentido já bem diverso do inicial: — «dar mel pelos beiços».

Os principais campos de colmeias eram no termo de Lisboa, nos campos de Evora, termo de Torres Vedras e serra do Minde. Por todas as matas de Portugal, enfim, havia «abundantes cilhas de colmeias».

Aqueles mesmos que não o obtinham de cultura, tambem ás vezes apareciam com ele: — «Miguel, Miguel, não tens abelhas e vendes mel».

Egual conceito encontramos expresso neste outro adagio velho: — «Quem cabritos vende e cabras não tem, donde lhe vem?» — com o que parece mostrar-se que nos nossos costumes a probidade agricola nem sempre terá oferecido tanta garantia como seria desejavel.

A industria do mel, porém, diz-nos Duarte Nunes, fôra fraquejando com a posse da Madeira, Cabo Verde, São Thomé e Brasil, que principiavam a fazer-nos concorrencia com o seu assucar.

Faria e Sousa explica-nos que Portugal em tempos de D. Fernando fornecia pão aos estrangeiros. (3)

Não é provavel que isto proviesse da superabundancia, dados os nossos acanhados limites territoriais, mas do espirito de ganancia.

Com efeito D. Afonso III, e depois D. Duarte tinham legislado severamente para que não saisse trigo, farinha ou pão para fora do reino.

Não manteve D. Afonso V a proibição, mas carregou-a com uma dizima pesadissima, como era, naquele tempo, a de uma saca por cada cincoenta para o Erario. (4)

Consultando a legislação de D. Diniz e D. Fernando, vê-se com que cuidado fora tratada a cultura do trigo. Os Concelhos foram compelidos a mandar lavrar os baldios, com severas penalidades a quem se recusasse a trabalhar na lavoira.

Os vadios que andavam a pedir esmolas para a egreja «com caixinhas», diz o cronista, eram açoutados e obrigados ao trabalho.

De maneira que não havia ociosos refere Duarte Nunes de Leão, nem terras vagas, «o que agora (Seculo XVI) nam ha. Polo que estão muitas terras por romper, e que de lavradias tornarão a ser matos.»

Um outro autor antigo, depois de observar que o paul de Salvaterra que rendia apenas em bons anos sessenta moios, já noutro tempo dera aos senhores dele novecentos de renda, lamenta que os muitos vales que a charneca tinha, não dessem muito trigo, só «por falta de regas, embora houvesse agua.»

«E assi a nossa negrigencia nos tira muita fertilidade que poderamos ter» — exclama o autor indignado. (5)

Toda a grande laboração agricola

(1) Brandão — Monarquia Lusitana — P. IV — Liv. 3 — Cap. 2.
(2) Sousa — Provas — I — liv. 3 — n.º 6.
(3) *Epitome* — Parte IV — cap. 7.
(4) *Ord. Aff.* Livro V — Tit. 43.
(5) Mendes — *Sitio de Lisboa*. (1608) — p. 174.

Por terras de além

As grandes calamidades modernas — Um dominio em perigo — A infancia esfomeada

No actual momento as atenções convergem para o Imperio marroquino que continua a ser o calvario dos que tentam invadi-lo.

O unico paiz que ali conseguiu impôr-se foi Portugal que, em victorias sucessivas, criou fortes posições em Arzila, Tanger, Cafim, Azamor, Ceuta e outras posições brilhantes, em algumas das quais ainda se erguem, até servindo de Alfandega, antigas fortalezas por nós alevantadas.

Ainda assim lá encontrámos funebre cemiterio em Alcacer-Kibir.

Não pode a França gabar-se do mesmo, e vale-lhe o ter já mudado de tactica, pois em vez d'invadir cegamente como a visinha Espanha tem pretendido fazer, preferiu fixar-se num ou noutro local donde, com astucia e diplomaticamente, mais do que pelas armas, vai procurando irradiar para a periferia pelo metodo da propaganda persuasiva.

Espanha acaba de sofrer ultimamente novos revezes, com que em nada nos regosijamos; mas poderão acaso servir-lhe de exemplo para que no futuro mude de metodo.

De Sidi-Dris a Mont-Arruit, envolvendo Nador e Zeluan, os desastres teem-se sucedido, semeando desgosto e panico.

Ha oficiais de patente mortos, feridos e prisioneiros. A confusão alastrou; agora surge o apuramento de responsabilidades. Melilla, a formosa, oferece perigo, pois os marroquinos batem-lhe ás portas, e ameaçam invadi-la.

Que vai seguir-se? Redobra o interesse tanto em Espanha, como entre nós e fóra.

A Russia faminta

Milhares de creanças a morrer

Continuam as mais pavorosas calamidades a afligir o antigo imperio moscovita. Como se não fossem suficientemente graves as lutas intestinais a guerra civil, enfim, que ainda mais quere deixar a patria dos *Mujics* em socego para o seu possivel e relativamente facil resurgimento, tambem o tempo veiu agora conspirar com as suas horriveis vagas de calor que queimaram todas as searas do trigo, milho e centeio com que haviam de sustentar-se nesta estação e na vindoura 48 milhões de russos.

Neste numero incluem-se muitos milhares de crianças que expiram de fome abraçadas ás suas mães quasi desnudadas e de restos cadavericos.

Felizmente a solidariedade humana ainda se não extinguiu, e vemos que por todas as nações se tomam medidas para acudir a tão aflictiva miseria. Na propria Russia se votam alguns milhões de rublos para socorro.

Os socialistas na Italia, apoiados pelos seus deputados e secundados pelo proprio governo italiano, levantam um grande movimento de socorro aos esfomeados da Russia.

Tambem a America do Norte se não mostra insensivel, tendo encarregado o sr. Hoover, presidente da America Relief Association para se entender com o governo dos soviets e promover como melhor convier.

A França e a Inglaterra não descuram tão pouco esta importante obra de altruismo internacional, havendo já indicação de que outras nações se aprestam para acudir.

O conflito irlandez

Os litigantes procuram entender-se como bons amigos

Lá se vai arrastando morosamente o velho pleito que ha bons oito seculos traz a Inglaterra e a verde Erin em litigio permanente. Sustenta a primeira que o Reino Unido deixaria de o ser, com desprestigio para a sua hegemonia mundial, se perdesse a sua unidade politica no arquipelago britanico. Contrapõe-lhe a Irlanda que a sua raça, nacionalidade, lingua e tradições são diversas.

Por seculos se contentaram com a simples autonomia. Agora nem já o *Home Rule* com todas as amplitudes possiveis os satisfaz. Querem mais; querem a independencia. Nesta teimosia, de represalia em represalia, teem-se praticado, de parte a parte, verdadeiras barbaridades.

Chega-se a uma especie de *modus vivendi*. Lloyd George propoz treguas, e presidente da republica rebelde aceitou-as. Entrou-se no caminho das convenções e acordos. Já se iniciaram as conferencias. De Valera pretendeu reunir o Parlamento Feniano, mas não dispensa a presença de varios deputados que a Inglaterra mandara prender por crimes politicos.

Concedido. Como se vê, o Reino Unido envida todos os esforços por se entender diplomaticamente com a velha Hisperia, para que se chegue a um acordo satisfatorio para a dignidade e interesses dos litigantes que procuram liquidar o assunto como bons amigos.

Shake hands e até ámanhã.

Cruzada Nacional D. Nuno Alvares Pereira

Desta instituição recebemos e muito agradecemos o convite para a Festa da Patria que nos dias 13, 14 e 15 se realisa na sua séde, bem como a oferta de dez bilhetes para os pobres protegidos do nosso «Jornal».

A sessão glorificativa de D. Nuno Alvares Pereira, o heroi de Aljubarrota, realisa-se no dia 14 em sessão solene

Contra a carestia

PARIS, 9. — O sub-secretario dos abastecimentos sr. Paisant, começou a sua ofensiva contra a carestia da vida, tendo dirigido instruções a todos os perfeitos para combaterem a especulação sobre os generos alimenticios, principalmente a carne e o pão.

Em Charolles persistindo os talhos em não fazerem o abatimento no preço da carne, correspondente á enorme baixa do gado nos mercados, foram os seus proprietarios enviados ao tribunal. — (H).

E se por cá imitassemos os francezes?

PARIS, 9. — Continua a verificar-se a baixa do preço do trigo que se esperava se estabilisasse em 80 francos os 100 kilos. No ultimo mercado de Autun, baixou a 60 francos, com tendencia para maior baixa. Esta baixa relaciona-se com a baixa do trigo exotico, apesar do novo imposto de 14 francos por hectolitro. Na bolsa de New-York o trigo que ha seis meses se cotava a 1 dollar e 98 os 27 kilos, baixou a 1 dollar e 35. — (H.)

E se tambem cá baratease o pão nosso de cada dia?

Sanatorio maritimo do Norte

PRAIA DE VALADARES, 30 — Esteve visitando o sanatorio o sr. professor Correia dos Santos, que verificou como o sr. dr. Ferreira Alves, ilustre director, emprega com exito a FIBROCALCINA na recalcificação dos tuberculosos.

O novo ministro da França em Portugal

Apresentará hoje as suas credenciais

Pela secretaria da guerra foi nomeado o major de engenharia, sr. Augusto Esmeraldo Carvalhais, oficial ás ordens do sr. Presidente da Republica na entrega das credenciais do novo ministro da França, sr. Bonin, que hoje se realisa no palacio de Belem, pelas 16 horas.

começara a decair desde as invasões de D. João de Castela, em que os campos entraram a ser devastados pelos exercitos, e, mais do que isso, pelas pestes.

A de 1438 fôra das primeiras, seguida das de 1481 e 1490. Viera a de 1505 acompanhada de fome e durou bons tres anos. Por ter fulminado muita gente da Alfandega Grande que então funcionava onde hoje está o mosteiro dos Jeronimos, os empregados fizeram um voto ou promessa de um cirio a N. S. da Atalaia, que ficaram considerando a padroeira das alfandegas. (1)

Por ocasião desta horrivel epidemia, informa João de Barros ter havido em Lisboa dias de morrerem cento e vinte pessoas e ninguem querer ir para as armadas com terror, porque andavam «iscados» de peste. Em Palma, fronteiro a Cabo Verde, na armada de Tristão da Cunha os tripulantes morriam e por lá ficavam pelas camaras, por maneira que só depois davam por eles, «comidos os pés de ratos sem se saber ter falecido», (2), o que bem explica porque as febres se desenvolviam tão intensas, mostra como o desmazelo nacional não é moderno nem ocasional, pois nos vem de muito longe.

Numa poesia ferverosa de Luiz Henriques, «Avel Marystela», de 1506, lê-se no final:

«Por tua grande cremencea,
ó rraynha anjelycal,
pydas rrey celestryal
calevante a pestelencea
e fames de Portugal. (3)

Por 1531 deu-se o pavoroso terramoto de 26 de janeiro que durou, com intermitencias, até 2 de fevereiro. Só em Lisboa derrubou mil e quinhentas casas, semeando por todo o país um terror indescritivel que o fanatismo mais veiu agravar com as ameaças de se acabar o mundo.

A chamada Peste Grande, do typo bubonico por apresentar «inchaços», teve principio em junho de 1569 e durou até ao ano seguinte, calculando-se o numero de mortes em cincoenta mil, só em Lisboa!

O povo usava, como ainda usa, atribuir estes flagelos á conjunção de certos planetas, desta vez tornou responsaveis directos os Grandes, os ministros das execuções que tinham pouco antes ordenado que os patacões de mil réis passassem a valer trezentos, os cinco réis real e meio, os tres réis um real, e o real apenas meio!

Sabendo disto com antecipação, pagaram em patacões aos mestres de oficio o trabalho já feito, com o que estes sofreram grande ruina.

Sobreveiu a peste, e logo matou alguns dos que tinham abusado.

Castigo de Deus! logo se seguiram preces e votos a N. S. da Saude, origem de uma celebre procissão que muito modernamente deixou de fazer-se.

Propalara-se que a 10 de Julho haveria um tal cataclismo cosmico, que os montes de Almada, Carmo e Castelo se uniriam todos num só ponto, pelo que todos, a não ser os mais pobres, fugiram num exodo efectivo.

O systema de boatos tambem entre nós é velho! Não se realisou o sonhado cataclismo, mas o mal intensificou-se. Em Julho houve dias de quinhentos e seiscentos casos.

Já não havia onde enterrar, nem quem quizesse enterra-los, pelo que foram a isso obrigados os presos das galés.

Dez anos depois, logo após o desastre de Alcacer Kibir, por 1579-80 nova peste em que se regista, ram quarenta mil mortes só em Lisboa, e vinte e cinco mil em Evora.

«O tempo do mal» é o nome com que o povo denominou a terrivel peste que, principiada em Outubro de 1598, se prolongou durante cinco anos consecutivos, assolando tudo, deixando vidas e abandonando os poucos campos que ainda não estavam de baldio.

Ladislau Batalha

(Continúa).

(1) Para pormenores, confira Oliveira—Historia do Municipio de Lisboa I—464.
(2) Decadas—II—L I—Cap. I.
(3) Que acabe com a peste e com as fomes.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

A questão dos oficiais milicianos

O sr. Pinto da Fonseca, em face dos castigos aplicados aos oficiais milicianos, começa por declarar que não tem em vista outro intuito que não seja chamar a atenção da Camara para as violencias e arbitrariedades que foram vitimas os oficiais milicianos. Envia para a mesa a seguinte moção:

«Considerando que os oficiais milicianos que frequentaram a Escola Militar, no ano lectivo de 1920-1921 estão ao abrigo do art.º 8.º do decreto 2469, de 23 de Junho de 1916;

Considerando que os mesmos oficiais frequentaram a Escola Militar no uso de um direi o consignado no di posto no § 2.º do artigo 6.º do decreto n.º 3836, de 7 de fevereiro de 1918;

Considerando que anteriormente á publicação do decreto 3836 e depois do 2469, nenhuma disposição legal alterou os cursos reduzidos, creados pelo ultimo decreto referido, a cujos cursos devem ser obrigados os oficiais milicianos nas condições já citadas;

Considerando que nenhuma disposição legal impede os alunos da Escola Militar de desistirem dos exames ou cursos que frequentarem;

Considerando que a desistencia de prestarem provas, não é nem pode ser classificada como infração de disciplina, e muito menos prevista pelo n.º 25 do art. 4.º do Regulamento Disciplinar do Exercito indevidamente invocado;

Considerando que na aplicação de penas impostas não foram observadas as disposições de que tratam os artigos 72.º 73.º, 78.º e §§ 2.º e 3.º deste artigo do Regulamento Disciplinar, facto que constitui uma falta grave, cometida pelo superior que puniu os oficiais milicianos alunos da Escola Militar; a Camara resolve:

1.º Que os oficiais milicianos que frequentaram a Escola Militar no ano lectivo de 1920-1921, sejam dispensados de fazer exame, como preceitua o artigo 8.º do decreto n.º 2469, de 23 de Junho de 1916;

2.º Que sejam considerados nulos e de nenhum efeito os castigos aplicados aos mesmos oficiais».

Na mesma ordem de ideias falou o sr. Curios Olavo.

O sr. Ministro da Guerra lê documentos tendentes a demonstrar que o seu procedimento tem sido baseado na lei. Argumenta com as mesmas leis que os oradores citaram para protestar, e mostra com elas que queira seguir fora da lei não foi ele ministro (apoiado dos liberais).

Respondendo ás considerações do sr. Carlos Olavo, diz que pelo facto de muitos não terem ido para a guerra não se conclui que sejam criminosos da guerra.

(Protestos dos democraticos).

O sr. Agatão Lança: Ha muitos que o foram!

O sr. Plinio Silva: Os do 33!

O sr. ministro da guerra refere-se ainda ás reduções dos cursos, alegando que não podia deixar de se fazer.

O sr. Vasco Borges: Simplesmente não foram reduzidos os cursos para general.

O sr. ministro da guerra terminou, dizendo que a disciplina no exercito, enquanto ele for ministro, ha de ser mantida através de todas as contingencias.

Por proposta do sr. Vasco Borges foi o debate generalisado.

O sr. Pinto da Fonseca volta a usar da palavra para rebater as considerações do sr. ministro da guerra.

O sr. Manuel Fragoso lamenta que o sr. ministro da guerra tivesse feito elogios aos oficiais que se recusaram a ir para a guerra, o que provoca aplausos nas bancadas democraticas.

O sr. Torres Garcia fala como oficial miliciano, declarando que se mantiveram no Campo Entrincheirado oficiais que se manifestaram no dezembrismo.

O sr. ministro da Guerra esclarece alguns pontos do seu discurso e premido pelo furor do seu republicanismo, mas uma voz liberal exclama:

—Não pode ser, sr. ministro da guerra! V. Ex.ª não precisa de prestar esses esclarecimentos. A Camara sabe bem quem é o velho republicano Alberto da Silveira.

(Protestos dos reconstituintes).

O sr. Vasco Borges á hora que fechamos este extracto está atacando o sr. ministro da Guerra.

NO SENADO

O projecto de lei do sr. Fernandes do Rego

Após a leitura do expediente, procede-se á primeira leitura do projecto de lei da autoria do sr. Fernandes do Rego, que põe em liberdade, fazendo-se perpetuo silencio sobre o seu crime, os assassinos do ex-presidente da Republica, sr. dr. Sidonio Pais.

O sr. Alves de Oliveira chama a atenção do sr. ministro do Trabalho para o facto de, na ilha de Santa Maria em Ponta Delgada não haver um unico medico, ha cerca de dois anos.

O sr. ministro do trabalho promete tomar imediatas providencias, considerando justissimas as considerações do orador.

O sr. Oliveira Santos envia para a mesa uma nota de interpelação ao sr. ministro do Comercio, sobre o ensino tecnico, dum a maneira generica; o ensino elementar dum a maneira especial.

O sr. Julio Dantas pede á mesa para enviar sem demora á comissão de finanças o projecto de lei, já aprovado na outra Camara, autorisando um credito de 81.500$00, a favor do hospital das Caldas da Rainha. O mesmo orador comunica que ficou constituida a comissão de Instrução do Senado, tendo sido escolhido para presidente o orador, e para secretario o sr. Alfredo Machado.

Amanhã ha sessão á hora regimental.

Dr. Eusebio Leão

Chegou hoje a Lisboa

No rapido de Madrid, chegou hoje a Lisboa, pelas 10 horas da manhã, o sr. dr. Eusebio Leão, nosso ministro em Italia.

Na gare do Rocio era esperado por grande numero de amigos pessoais e politicos, assim como pessoas de sua familia, entre os quais nos lembra ter visto os srs. Ramiro Leão, e seus filhos, dr. Bernardino Roque, Manuel Junior, secretario do sr. Barros Queiroz, e o sr. Garibaldi Barros Queiroz, filho do sr. presidente do ministerio.

A quinzena internacional

Reune de 20 de Agosto a 5 de Setembro proximo em Bruxelas a segunda sessão da Universidade Internacional, com a representação de varias universidades aderentes e associações internacionais além do concurso de professores dos mais distinctos da Grã Bretanha, Italia, França, Romenia, Japão, e outros paizes.

Portugal faz-se representar nesta bela obra, que representará mais um brilhante esforço para a confraternização intelectual dos povos.

Coliseu dos Recreios

Foi hoje reaberto

Procedeu-se esta tarde á abertura do Coliseu dos Recreios, tendo sido rasgados os selos que as autoridades ali haviam imposto ha dias.

Nesta conformidade já dentro de dois ou trez dias haverá espectaculo no recinto do Coliseu dos Recreios.

Movimento da barra

Entraram hoje no nosso porto os vapores inglezes *Arogaaya*, de Southampton, Cherburgo e Leixões, com carga diversa, 69 passageiros para Lisboa e 478 em transit; *Grantelly Castle*, de Londres, com 231 passageiros em transito, e brazileiro *Caxias*, de Hamburgo, Antuerpia e Havre, com carga diversa, 3 passageiros para Lisboa e 761 em transito para a America do Sul.

Em fralda de camisa

Constara a Silverio Mendes Monteiro que sua cunhada Alda Monteiro o andava difamando pela vizinhança.

Mais humorado, e como quem se prezava de não ser para graças, procurou-a ontem á noite, quando ela já estava na sua alcova, e ali mesmo lhe vibrou uma facada.

De vivos de choros e gritos, acudiram-lhe. Assim mesmo em fralda de camisa, foi levada para o posto da Cruz Vermelha, na Praça do Comercio, a receber curativo.

O agressor entregou-se á policia e segue para juizo.

PELO BRASIL

Tribunal de Justiça de Haia

O representante do Brazil já foi nomeado

PARIS, 9. — Foi designado o sr. Clovis Bevilaqua para representar o Brazil no tribunal de Justiça permanente de Genebra.—(A.)

N. R.—Este telegrama vem assim confirmar a noticia por nós dada outro dia sobre o Tribunal Arbitral de Justiça Permanente de Haia, que passou para Genebra á desharmonia da Sociedade das Nações, no qual indicámos os nomes dos juizes portuguezes, ao Tribunal, assim como indicámos o sr. Clovis Bevilaqua como representante do Brazil.

A lei da imprensa

E' fielmente cumprida

RIO DE JANEIRO, 8 — Em conformidade com a nova lei do descanso semanal o pessoal da imprensa não trabalhou ontem, não se tendo publicado os jornais da tarde de ontem e os da manhã de hoje.—(A.)

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preservações digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos esgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbiologicamente pura, não contém colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, goza de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Dipherico, e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel que pode beber-se pura quer misturada com vinho.

Notas politicas

Afinal, ha ou não ha crise? Sae ou não sae o sr. ministro da guerra?... (A nota oficiosa do directorio do P. R. P.)

São quasi 15 horas. Na Camara dos Deputados ainda não começou a chamada. E nos Passos Perdidos andam de cá para lá, a fingir que passeiam, alguns parlamentares e jornalistas. Dir-se-hia que não ha crise...

Dir-se-hia que não se aproxima um debate politico que veiu decidir da sorte do governo ou, pelo menos, da do sr. ministro da guerra.

Finalmente a sessão abre, com meia duzia de espectadores nas galerias.

O debate sobre o caso dos oficiais milicianos foi iniciado pelo sr. Pinto da Fonseca, democratico. O leitor encontrará, na secção respectiva, o resumo do debate parlamentar.

Aqui ha lugar, apenas, para alguns comentarios.

E' muito provavel que o governo não sofra grande coisa com esta pequena batalha. Hão-de pronunciar-se alguns discursos. O sr. ministro da guerra defender-se-ha, segundo o plano que ja ha dias aqui expozemos. E, no final, o governo ficará no seu logar, adaptando-se uma plataforma que amenise, senão reparar de todo, a injustiça praticada contra os oficiais milicianos.

Se os acontecimentos não desmentissem esta simples previsão de factos, a posição do sr. ministro da guerra, dentro do governo, ficará instavel, apesar de tudo. Ha por isso quem acredite que o sr. ministro da guerra tem o firme proposito de abandonar o poder, qualquer que seja a atitude do Parlamento perante os factos em debate.

Nesta ultima hipotese a crise, iniciada com a demissão do sr. ministro do Comercio, pode estender-se a todo o gabinete e mesmo complicar-se acima de qualquer previsão. A nota oficiosa do Directorio do P. R. P., houtem publicada, é, a este respeito, a de uma transparente eloquencia...

✦ ✦ ✦

O sr. presidente do ministerio fez-se representar pelos srs. tenente Barros Queiroz, chefe do seu gabinete e Antonio Bana Junior, seu secretario na recepção ao sr. Eusebio Leão, ministro de Portugal em Roma, que hoje chegou a Lisboa, pelo rapido de Medina.

✦ ✦ ✦

O ex-ministro do comercio, sr. dr. Antonio Granjo já hoje se despediu dos funcionarios da sua secretaria.

OS GATUNOS Á SOLTA

Calçado roubado, na totalidade de 15.00 $00

A policia da 1.ª secção está tratando de uma burla de calçado no valor de 15.000$00 de que foi vitima uma firma do Largo do Terreirinho.

Foi encarregado de investigar o caso o habil agente Ferreira da Silva.

Um furto de sedas nos Armazens do Chiado

A policia prendeu Antonio Suzano, empregado dos Armazens do Chiado, acusado de ter ali cometido um furto de sedas no valor de 12.000$00, indo vende-las a Rosalina Ferreira, rua da Prata n.º 52, a quem foram apreendidos 300$00 em dinheiro.

No rapido do Porto

Apresentou ontem queixa na policia Elisa do Carmo Dias, moradora na rua Antonio Augusto de Aguiar, 40, 2.º de que, ao desembarcar do rapido do Porto, na estação do Rocio, lhe furtaram uma mala de mão com joias, no valor de 50:000$00.

O roubo do Barreiro

Regressou hoje do Barreiro o agente Armelim que foi ali para tratar de um roubo de joias no valor de 2.000$00, por arrombamento, de que foram vitimas Luiz José Pereira e Nuno Pereira. O mesmo agente prendeu, como autores do furto, Joaquim Eduardo e José Baptista, os «Toniças», que, interrogados pelo agente, confessaram o crime. Os larapios foram entregues no tribunal do Seixal.

A ordem do corpo da policia vai elogiar o habil agente pela forma inteligente como descobriu o roubo, sem para isso ter indicios.

Prisão de um assassino

A policia prendeu Antonio Ferreira, de 38 anos, de Alvaiazere, morador nos Olivais, acusado de ter morto Julio Gonçalves na terra da sua naturalidade.

Aliança Mutualista

Liga de Associações de Socorros Mutuos

Estão patentes, por espaço de 15 dias, no exame dos srs. delegados de 1920, os livros de documentos que se referem á gerencia do referido ano.

Lisboa, 6 de Agosto, de 1920.

O 1.º Secretario da mesa

(a) Alfredo Arthur Bivar

Os professores secundarios

Podem continuar nas suas funções mesmo com o limite de idade

Tendo-se recebido no ministerio da instrução o processo para aposentação requerida pelo sr. dr. Antonio Xavier Pereira Coutinho, professor da faculdade de sciencias de Lisboa, o sr. ministro da instrução mandou que se lhe oficiasse, no sentido de aproveitar-se dos regalias concedidas pelo artigo 4.º do decreto de 21 de Janeiro de 1911 que permite que os professores, apesar de terem atingido o limite de idade, 70 anos, possam continuar no exercicio de funções, desde que o consintam o seu estado fisico e tendo em vista a sua alta competencia intelectual e literaria.

Maria Ana Carolina dos Santos e sua filha, Maria Charlotte Urbasse, Antonio Mineiro de Almeida, Adelina Fonseca dos Santos e Francisco Eduardo dos Santos e seus filhos, Maria Monica Urbass de Almeida Santos e Francisco Fonseca dos Santos, participam o falecimento de sua bisneta, neta, sobrinha e filha Maria Sofia Urbass A. Fonseca dos Santos, cujo funeral se realisará amanhã 10 do corrente ás 11 horas da estação do caminho de ferro do Rocio para o cemiterio dos Prazeres.

VIDA SPORTIVA

Os ultimos combates de box no Stadium

Simeth vencedor de Mario Gall

Por falta de espaço não pudemos dar hontem aos nossos leitores os resultados dos combates de box realisados no passado domingo no Stadium.

A organisação, em que colabora «Os Sports», foi bôa como teem sido as anteriores dos mesmos promotores.

Num combate de amadores, Godolfredo Campos afirmou novamente as suas magnificas qualidades de pugilista vencendo com facilidade o seu adversario que se viu obrigado a desistir para evitar o K-O. Esta atitude, que não se pode desculpar aos profissionais, compreende-se perfeitamente nos amadores e é mesmo a mais logica, demais num combate amigavel.

Faustino Pereira, oposto ao espanhol Luiz Reina, pouco teve que fazer para pôr o adversario fóra de combate: apenas dois «rounds» em que manifestamente se patenteou a sua superioridade, sob todos os pontos de vista.

O «clou» da festa foi o combate Mario Gall-Simeth, em que a grande maioria dos nossos amadores teve uma forte desilusão, pois não esperava a vitoria do campeão suisso. O arbitro, o amador Xavier de Araujo, deu ao fim dos 10 «rounds» do combate a vitoria ao suisso Simeth, decisão esta que agradou quasi plenamente. Mario Gall preocupou-se demasiado com o K-O e, assim, abriu por vezes demasiado a guarda, deixando entrar o adversario, para responder; mas Simeth, que esquiva maravilhosamente, duma forma que entusiasmou todo o publico, livrou-se sempre dessas respostas e foi acumulando pontos sobre pontos, isto em quasi todos os «rounds» excepto os dois primeiros.

São diferentes os estilos dos dois boxeurs.

Mario Gall preferindo o jogo do «corps-à-corps» onde emprega os seus socos curtos e fortes, Simeth usando do jogo largo. Contudo quer-nos parecer que não será muito facil qualquer deles pôr o outro K-O por que se equilibram perfeitamente. Mario Gall não tinha ainda sido vencido entre nós, mas a derrota de domingo não diminui o seu valor visto que lhe foi infligida por um autentico campeão.

O publico vaise acostumando a estas festas que são realmente interessantes, demais quando os organisadores são honestos e elaboram os programas com combates equilibrados.

UM PASSEIO NO TEJO

O vapor "Vitoria" faz as suas experiencias, que deram o melhor resultado

D[illegible] s'nfecção ao Cabo da Roca

Ante-ontem, por volta da uma hora da tarde, embarcaram no Posto Maritimo de Desinfecção a bordo do vapor *Vitoria*, da casa Santos Amaral, L.da, algumas dezenas de pessoas, convidadas para assistirem ás experiencias de se barco, que ficará pertencendo á nossa marinha mercante nacional. Com um dia de calor sufocante como o de ontem, bem merecem os agradecimentos dos seus convidados aqueles que lhes proporcionaram uma fuga de algumas horas da fornalha em que Lisboa esteve transformada, mercê do calor ardente que durante todo o dia caiu.

O passeio fez-se rio abaixo, vendo-se a bordo muitas senhoras, representantes do alto comercio de Lisboa, oficiais de marinha, o engenheiro Avila, da casa Caldeiraria e Forjas, que fez as reparações que o *Vitoria* sofreu e varias pessoas das mais conhecidas nas classes preponderantes lisboetas. O *Vitoria*, largando do molhe, dirigiu-se para meio do rio, e, depois de fazer a sua experiencia de velocidade, encaminhou-se para a barra. Nessa altura o passeio começou a ser deslumbrante, sobretudo para quem nunca tivesse visto a cidade envolta na poeira baça em que os grandes dias de calor a sufocam, e que faz amortecer todas as grandes saliencias, como se uma neblina incipiente pretendesse adensar-se cada vez mais para a fazer desaparecer de todo.

Os montes escalvados do Outra Banda parecem aqui e além desvendar por um incendio e o sol é tanto que a vista quasi se recusa a afastar-se da agua, atraida pela frescura enticiosa que dela se desprende e que se acentua mais e mais á medida que o barco avança na direcção do Bugio. As povoações ribeirinhas aparecem lentamente. Pelas poucas praias não se divisa vivalma. E' a hora morta em que o Sol cae a pino e em que cada um procura o seu refugio de sombra, onde o ar seja menos denso e o organismo possa adivinhar uma ilusão de sensação de frio. Pedrouços, Oeiras, Cascaes, os Estoris vae ficando a pouco e pouco para traz. O *Vitoria* entra em pleno mar. Ha vaga e nem quanto lá na cidade distante o calor aperta, aqui, defronte do Cabo da Roca, altaneiro, denegrido, de focinho em lamina de faca, ha frio.

Serve-se um *lunch*, ha gelados e o *Vitoria*, obliquando para o Sul, da uma volta perfeita, deixando ao longe o promontorio imponente e retomando o caminho da barra. Ha chicotadas d'agua, que veem salpicar todo o convez. A pele, batida pela poeira liquida e pelo vento rijo, contrae-se, dando a impressão de que passamos de repente dum verão torrido ao inverno gelado. Durante minutos a viagem é perfeita. O vinho do Porto anda de mão em mão. Fazem-se brindes, trocam-se saudações. Que o *Vitoria* seja feliz nas suas viagens, levando por esse mundo além mais um exemplo vivo de que em Portugal nós se dormem e de que não faltam energias e iniciativas que se empenham em concorrer para a prosperidade deste paiz.

De terra veem batendo d'ar quente. As duas margens faiscam. Caminhamos para o vulcão... A's sete horas, o *Vitoria* vem ao ponto donde saira. Os convidados saltam para terra. Quem puesera recomeçar! O Sol tão dardeja e lá longe nos visões do Cabo Raso, ha frio. E o regresso á cidade é a ser doloroso. Estonteia.

A CAPITAL

3856 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quarta-feira, 10 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Depois da guerra

Apresentou ontem as suas credenciais ao sr. Presidente da Republica o novo ministro da França em Lisboa. No discurso com que acompanhou essa entrega o sr. Charles Bonin teve ensejo de referir-se a Portugal em termos que não são apenas os da maior correcção protocolar, mas que tambem revelam um largo conhecimento da historia do nosso país e das virtudes da nossa raça.

Antigamente, estas cerimonias não tinham de forma alguma o cunho que presentemente revestem. Apagadamente decorriam como apagada era a sua expressão formalista. Agora, não. Nós podemos ter o prazer e o orgulho de constatar que já somos bastante conhecidos lá fóra, tendo duma vez para sempre passado aos dominios da historia as falsas noções que erradamente circulavam a nosso respeito.

Ficou celebre aquela menção que apareceu na Exposição de Paris de 1867 como etiqueta duns leques que faziam parte da representação portuguesa: «Eventails faits par les sauvages de l'Algarve». Estavamos então em pleno periodo monarquico, cujas vantagens não cessam de nos ser exaltadas por creaturas que entendem ser o progresso uma simples flôr de retorica.

Agora já se sabe em todo o mundo que os portuguezes não são selvagens, assim como tambem já se sabe que o nosso país não está enfeudado á Espanha. Sabe-se que somos uma nação livre e independente; e tão apaixonados pela justiça e pela liberdade, que não a essencia das mais belas civilisações, que não hesitamos em entrar na luta gigantesca em que por vezes pareceu invencivel o imperialismo germanico.

O sr. Charles Bonin já estivera em Portugal, e tendo de ocupar cargos diplomaticos no Extremo Oriente e na America em muitos pontos encontrou vestigios da nossa grandeza e do nosso genio. Mas foi a intervenção na guerra que definitivamente levantou o nosso país no conceito internacional. Foi um admiravel feito que nos garantiu o futuro e revelador da existencia dum povo que merecia ser, como realmente se tornou, um autentico valor europeu.

Por isso o nome de Portugal é pronunciado com enternecimento. Por isso a toda a hora estamos recebendo demonstrações de excelente conceito em que nos teem as maiores nações do mundo. Por isso aqui teem vindo altos representantes dos povos aliados, por isso aqui recebemos a visita das suas esquadras, e na propria linguagem diplomatica, habitualmente correcta, mas pouco expansiva, se instila uma emoção e se patenteia uma simpatia que são para nós testemunhos insofismaveis da boa situação que grangeámos á custa dos nossos esforços.

Pode dizer-se que, depois dos grandes dias dos seculos aureos, em que Portugal foi, mercê das suas navegações, um dos maiores agentes da civilisação universal nunca o nosso país levantou tão alto o seu nome, nem nunca teve razões para se julgar seguro dos mais brilhantes destinos.

O projecto do sr. Carvalho da Silva

Não é verdade que a Camara lhe tivesse recusado a urgencia

O sr. Carvalho da Silva apresentou na sessão de sexta feira dois projectos de lei: um sobre o subsidio dos parlamentares, o outro sobre os automoveis do Estado. O «Correio da Manhã», referindo-se ao caso, tem afirmado mais duma vez que a Camara negou áquelles projectos a urgencia que o seu autor requerera. Ainda hoje insiste nessa afirmação. Ora, o «Correio da Manhã» está mal informado. A urgencia foi imediatamente votada para os dois projectos, sem que se quer fosse impugnada por qualquer dos membros da Camara.

As observações do sr. Carlos Olavo, usando da palavra sobre o modo de votar, foram no sentido de chamar a atenção do presidente da Camara para o artigo 19 da Constituição, que preceitua o subsidio parlamentar. Assim, o projecto era inconstitucional. Nem devia ser aceito pela mesa, pois, admitindo mesmo que o actual Congresso tenha poderes constituintes, o que havia a fazer, constitucionalmente, era propor a revogação ou modificação do artigo 19, num projecto de revisão constitucional, e só depois disso a Camara podia tomar conhecimento da materia contida no projecto do sr. Carvalho da Silva.

Esta é que era a boa doutrina, que o sr. Carlos Olavo quiz recordar, com tanta mais autoridade, quanto é certo que nada o interessa pessoalmente a existencia do subsidio, visto que não o recebe. O sr. presidente da Camara entendeu, porém, que devia aceitar o projecto e submeter a sua urgencia á votação. E o certo é que a Camara aprovou a urgencia, tanto para esse como para o outro projecto do sr. Carvalho da Silva.

MANDATOS SUBTRAIDOS...

O sr. Aires de Ornelas é inelegivel

Isso não justifica, porém, que a comissão sancionasse todas as irregularidades cometidas no circulo da Covilhã

O «Correio da Manhã» responde ás considerações que fizemos ontem na «Capital» ácerca da inelegibilidade do sr. Aires de Ornelas. Não consegue demonstrar, porém, o contrario do que nós afirmámos. Diz que a lei se refere a individuos condenados pelo crime de conspiração e que o sr. Aires de Ornelas foi condenado por rebelião. Poor a emenda que o soneto... A conspiração é o acto preparatorio da rebelião, e por isso mesmo a esta corresponde, na lei, uma pena mais grave. Se são inelegiveis os individuos que conspiraram, ainda com maior razão devem estar impedidos de entrar no parlamento aqueles que levaram os efeitos da conspiração até á pratica da rebelião contra os poderes constituidos.

O espirito juridico serve ás maravilhas para as mais extravagantes conclusões. E' impossivel, porém, utilisá-lo para demonstração de que são inelegiveis os que conspiram e podem entrar no Parlamento os que se revoltam.

Diz ainda o «Correio da Manhã» que a amnistia importa «perpetuo silencio», e o sr. Aires de Ornelas foi amnistiado. Sabe muito bem o orgão monarquico que a amnistia não foi votada no sentido amplo da palavra. Para que ela não signifique o esquecimento do crime bastam as restricções contidas na propria lei. Pelo mesmo acto de rebelião que motivou a pena do sr. Aires de Ornelas foram impedidos de viver no territorio continental alguns dos outros condenados. A amnistia, tal como foi votada, representa uma cessação de penas, em determinadas condições, e não o perpetuo silencio sobre os crimes abrangidos nas disposições da respectiva lei.

Se colhesse a argumentação do «Correio da Manhã» para anular os efeitos do artigo 3.º da lei eleitoral, com os mesmos fundamentos teriamos de assistir á reintegração dos militares e dos funcionarios civis que beneficiaram da concessão da amnistia. Não sucedeu assim porque a lei, nos termos em que foi votada, impedia o «perpetuo silencio» que seria a razão da elegibilidade do sr. Aires de Ornelas.

Não temos duvida alguma de que esse candidato, á face da lei, era inelegivel. Isso não nos leva, porém, a defender o procedimento da comissão relativamente aos resultados do acto eleitoral naquele circulo. Perante os factos narrados pelo «Correio da Manhã», a comissão devia, pelo menos, ordenar um inquerito para o apuramento da verdade. Não era dentro dum gabinete da Camara que se podia averiguar o fundamento das graves afirmações feitas pelos candidatos prejudicados na assembleia de apuramento—dada principalmente a forma irregular como essa assembleia funcionou.

Não é só o «Correio da Manhã» que se queixa, reflectindo o protesto dos eleitores monarquicos. Tambem a «Democracia», orgão do partido democratico, numa entrevista com um seu correligionario, publicada dias depois das eleições, narrava factos da mais alta gravidade, para demonstrar que os candidatos eleitos tinham visto o seu mandato subtraido pelas irregularidades cometidas. Nestes termos é estranho que o inquerito se não fizesse, inclinando-se a comissão precisamente para os candidatos que menor votação tinham obtido nas assembleias eleitorais.

Estes processos não prestigiam a Republica. Verifica-se que o espirito partidario dos membros das comissões prevalece muitas vezes sobre todos os principios de justiça, sobre as mais claras e expressas disposições da lei.

As propostas de finanças

Um leitor de «A Capital» sugere um meio eficaz de expurgar o quadro do funcionalismo publico

Recebemos a seguinte carta, a que damos publicidade, com prazer:

Sr. Redactor:—A campanha inicia da por esse jornal em defesa do funcionalismo publico merece todo o aplauso.

Em todo o caso, sem espirito de menosprezar o esforço de «A Capital» e antes no intuito de fortalecer as razões já expostas, permita-me que lhe diga que não basta criticar. Ou diremos, mais propriamente, que criticar sub-entende apontar remedios aos males demonstrados. A proposta do sr. Barros Queiroz é inexequivel. Isto diz tudo. Já ai se demonstrou que ela é tambem impatriotica, por que não passa dum projecto de favoritismo politico, imaginado em favor do partido liberal e em desfavor de todos os outros partidos da Republica. Já tambem se evidenciou que não resultaria, da sua aplicação, integra e inflexivel, economia apreciavel para as avariadas finanças do Estado, visto que das malhas da lei havia de escapar o peixe grande e apenas ficaria preso o carapausinho miudo, que é, na hipotese, o indefeso servente ou o triste terceiro oficial.

Que resta, pois? Sugerir outro processo de selecção, por forma a que os quadros sejam reduzidos realmente reconhecida como é, por todos, a necessidade imediata de limitar ao minimo as despesas do Estado. Mas isto tem de se fazer com criterio, com espirito de justiça, com impecavel imparcialidade. E' forçoso desistir de transformar uma medida que deve ser puramente administrativa em arma politica deste ou daquele partido. Tal atentado não se levará a efeito sem os mais veementes protestos. E como é tradição dessa jornal dar ideias aos politicos que teem por oficio servirem-se delas, vou expor-lhe as bases em que entendo que poderia levar-se a bom termo a expurgação do quadro do funcionalismo civil, com redução do numero de funcionarios e consequente economia para o Estado. Eis o meu pensamento:

Entendo que não é licito ao Estado lançar arbitrariamente á margem o funcionario que ele contratou e que aceitou o contrato confiado nas leis que regem as relações mutuas do Estado com o seu funcionario. Nestas condições só admito que o funcionario abandone o serviço do Estado «por um livre arbitrio», salvo, é claro, as restrições da lei, liquidadas em processo regular.

Eis, portanto, como eu entendo que deveria ser redigido o primeiro artigo da lei:

Artigo 1.º—O funcionario do Estado que pretenda abandonar o serviço publico deverá requerê-lo ao governo que deferirá ou não a petição conforme lhe convier.

Aos funcionarios cuja separação do serviço fosse aceita dar-se-hia uma compensação equitativa, representada por um titulo de divida publica com renda vitalicia. O capital desse titulo seria igual de 10 a 20 vezes o seu ordenado de categoria, estabelecendo-se uma tabela em que se tivesse em atenção o tempo de serviço e a idade do separado. Para o serviço dessa verdadeira divida do Estado seria criado um imposto pago pelos empregados, que preferirem continuar no serviço do Estado. E assim, sem encargo algum para o tesouro publico, reduzir-se-hiam os quadros numa determinada quantidade que se veria se era ou não suficiente. Nesta ultima hipotese estudar-se-hia outra formula e sobre esta outra e outra,—o tantas quantas fossem necessarias para conseguir um exito completo.

E' claro que seria indispensavel não fazer novas nomeações num largo periodo de anos.

Sem isso todo o esforço resultaria inutil e até contraproducente. E, a proposito verifico com desgosto (mas não com surpresa) que no ministerio dos Estrangeiros está aberto um concurso para novos funcionarios, o que é um sarcasmo e uma irrisão.

Eis o meu modo de ver esta questão. Não sei se «A Capital» a perfilhará. Mas perfilhe ou não parece-me util publicar esta carta, para que os interessados digam, se quizerem, da sua justiça. De v. etc. (a) *Francisco Xavier, 3.º oficial.*

Satisfazemos a vontade do nosso amavel correspondente, sem prejuizo da continuação da nossa critica á monstruosa proposta-forca.

Boas novas

No gabinete dos «reporters» do Governo Civil foi recebido o seguinte telegrama:

LAS PALMAS, vapor Cunene, comandante e oficiais do vapor Cunene, seguem bem e saudam suas familias. Guedes, Pinto, Mano, Americo Soares, Salcedas, Azevedo, Silva Junior, Tavares, Abreu, Felecíano, Ricardo, Carvalho, Angelo, Mafra e dispenseiro.

TEORIA ESTRANHA

Comissões intangiveis!

Um direito dos deputados que a Meza da Camara está coartando

O sr. Jorge Nunes, presidente da Camara dos Deputados, recebendo do candidato por Elvas, sr. Rui de Andrade, um requerimento protestando contra a sua exclusão da Camara, despachou no sentido de que as decisões das comissões de verificação não admitem recurso. Já ontem dissemos o suficiente para provar que nada impede, nem na Constituição, nem na lei eleitoral, que a Camara se pronuncie sobre os pareceres das comissões. Mas o que é absolutamente inadmissivel é a intangibilidade que as comissões se arrogaram. Não se trata já de modificar ou anular os seus pareceres, mas simplesmente de os discutir. Com que fundamento pode o sr. presidente da Camara negar a palavra a qualquer orador que queira, no uso legitimo do seu direito, discutir aqueles pareceres? Nem o regimento da Camara, nem a Constituição, nem a lei eleitoral aparece qualquer disposição que possa coartar aos deputados aquele direito. Tem sido um abuso, o que se tem feito—o modo abuso, reconhecemos, para que os membros das comissões se dispensem de justificar os seus actos.

Os fundamentos alegados pelo sr. Rui de Andrade devíam ser discutidos na Camara, quando mais não fosse para que, verificando-se as pessimas consequencias do funcionamento das comissões, tal como estão constituidas, a lei fosse alterada nesse ponto, transferindo-se a sua função para outra entidade que mais garantias desse de imparcialidade e de respeito pela justiça.

Ao poder legislativo compete modificar as leis, reconhece o sr. Jorge Nunes no seu despacho. Como as poderá modificar se, como neste caso acontece, lhe é negado o direito de tomar conhecimento dos resultados da sua aplicação?

A independencia dos poderes do Estado não impede que amanhã um parlamentar aprecie qualquer acordão dos Tribunais, inclusivamente para justificar a necessidade de se alterar a organização judiciaria, provando que qualquer acordão não teria respeitado, por deficiencia da lei, os legitimos direitos de qualquer das partes litigantes. Só as comissões de verificação de poderes são intangiveis! Só os seus actos, por mais irregulares que sejam, por mais abusivos que se manifestem, são indiscutiveis dentro da propria Camara!

Essa doutrina não pode prevalecer. E' indispensavel que não prevaleça, concede-se a todos os deputados o direito de se pronunciarem sobre os fundamentos invocados pelas comissões nos seus pareceres.

NA ORDEM DO DIA

EXAMES

A significação do exame e o acto de ser examinado. A nossa instrucção primaria. As creanças, os examinandos e os professores. Anedotas de exames. A menina «tarlatana» e o menino «á maruja».

Em toda a minha vida, desde o primeiro grau do Colegio Universal para ambos os sexos (R. da Barroca, 282, 4.º D.) até ao Exame de Estado na Universidade de Lisboa (E. N. S.), sinceramente, muito aqui para nós, só fiz um exame digno desse nome—o exame de instrucção primaria, o grande exame das comoções, do fato á maruja, branco, puro, de colarinho «á manhã», das imensas folhas de papel mata-borrão, dos muitos lapis aparados dos dois lados, da regua de cavinete, da caixa dos escaninhos com rotação e tampa graduada, (que eu tinha melhor que todos os meninos), das borrachas, mole e dura, dos aparos 404, das grandes comoções, enfim!

Todos os outros exames não teem ambiente. Ne meu espirito ficou gravado, indelevelmente, perduravelmente, esse ambiente luminoso e quente do Liceu de S. Domingos, onde esperei horas a decisão irrevogavel da minha primeira prova de responsabilidade tecnica.

Estou a ver o presidente, calvo, de panamá, colete branco, corrente de ouro, barbicha e anel de topazio. Sinto ainda na cara o beijo da professora, suado, convicto, e o cheiro a pó de arroz barato, a sabonete mau de capilista, que trazia um menino que ficou em frente, de meias verdes e radiantemente vestido «á homem», com bengala de castão e muitos aneis de pedras... Lembra-me como se fosse hoje que me beijou, comovida, uma menina, toda em tarlatana vermelha, florida e repolhuda como uma rosa silvestre, imensa de folhos, picadinha de sardas e pejada de travessas e pregos e ganchos e fitas como uma pregoeira de quermesse de provincia, daquelas que nunca saem nas fitas.

Essa menina beijou-me comovida porque a salvei com a audacia propria do meu sexo, passando-lhe numa tira de papel a conta misteriosa duma conta de dividir.

Encontrei depois vagamente pela vida fóra essa menina de tarlatana, cujas sardas augmentaram color, velamento da idade e a quem varias vezes ensinei novamente operações duma aritmetica, mais complicada, mais duras e mais misteriosas...

Mas do tempo iluminado e bom em que eu vivi de perna á vela e de fato á maruja, guardo ainda, com ternura e reconhecimento, a lembrança desse beijo comovido, todos dentro do sistema metrico da minha colega do acaso, e todos já preocupados sentidos por mim...

* * *

As professoras da instrução primaria dividem-se em duas castas, as gerais, de que retiro prudentemente os leitores destas linhas:

As professoras bonitas *perturbadoramente* e as professoras feias *assustadoramente*. Não ha meios termos. Essas professoras teem duas maneiras de conseguir a aprovação dos alunos: Ou os preparam *bem* ou se atiram *bem* aos examinadores. Em qualquer dos casos vencem, mesmo quando o seu unico recurso é... deixarem-se vencer.

* * *

Um dia presidi a exames de instrução primaria. Era minha colega, á direita, na mesa do jury, uma professora bonita e fresca como uma romã. Muito afogueada, muito espevitada, muito senhora de si. Perguntava a todas as creanças e a proposito de tudo *porquê?*—eram os seus mania *os porquês*, dizia ela, e insistia muito—em que os *porquês* eram perguntas á inteligencia e davam o melhor resultado.

Como estava calor mandei vir uma gasosa. A proposito (?) segundo dizia a professora, interrogou:

—Em que estado se podem apresentar os corpos?

—A creança, imediatamente:

—Solidos, liquidos e gasosos!

—A professora—Porquê?!

Eu baixo ao ouvido da professora: porquê?!

* * *

Ha dias, num exame de admissão aos liceus o professor manda o aluno ler um trecho intitulado: *As Invasões francezas.*

O aluno lê: «Quando teve lugar esta operação militar... etc.» O professor: Que operação foi essa? O aluno, distraido, mas cruel e imparcial como um verdadeiro historiador: Da subtracção...

* * *

A professora, no mapa, quasi de costas para o aluno, muito rotunda e reluzentemente em evidencia: Qual é a serra mais alta de Portugal?

O aluno, muito...

—Então, menino, vamos lá... O menino nunca comeu queijo, nunca ouviu falar numa serra...

—O aluno, olhando a professora, sugestionado, a expressão iluminada de repente:

—Serra do Rabaçal!

O HOMEM QUE PASSA

OFICIAIS MILICIANOS

A questão não ficou ontem resolvida

Continuará até que justiça seja feita

A questão dos oficiais milicianos não terminou com o debate ontem travado na Camara. Continua e continuará pendente até que justiça seja feita. Para a aprovação da moção do sr. Fernandes Costa invocam-se razões de disciplina. Apesar disso, as declarações de voto que a acompanham provam que a situação do ministro da guerra se tornou insustentavel. Para que a moção fosse aprovada tiveram de sair da sala deputados que a rejeitariam se estivesse presente. Repetiu-se ontem o inverosimil episodio do governo numa questão que se dizia ser de disciplina militar—só por isso o governo obteve a estrondosa vitoria que os seus correligionarios estão celebrando. A prova que a questão continuará, temol-a hoje nestas palavras do nosso colega *A Republica*:

> «Era só o que faltava—que a maioria parlamentar deixasse permanecer nas fileiras os oficiais milicianos, como numa situação de favor, como numa especie de asilagem ou assistencia. Os oficiais milicianos não são mutilados morais. Teem o direito de erguer a cabeça, altivamente, nobremente, acusadoramente; e nós temos a obrigação de os colocar acima das nossas dissenções, dos nossos despeitos, dos nossos interesses partidarios».

Vamos ver como isso se faz, para se izarmos até que ponto se deixa de considerar os oficiais milicianos «como numa situação de favor, como numa especie de asilagem ou assistencia».

Lêr amanhã:

"Os Sports"

No Cabo Carvoeiro

Traineira que se vira

CABO CARVOEIRO, 10.—Hoje pelas 8 horas da manhã, devido ao forte vento N. W. a W. desta estação semaforica, virou-se a traineira de que é mestre Joaquim Nicolau, de Peniche, sendo pedidos socorros para essa localidade. Foi ao local o vapor «Portugal 6.º» que conseguiu salvar a tripulação, com excepção de 3 homens que desapareceram.—(H.)

AVIAÇÃO NO ALTO MAR

Por ares nunca dantes navegados...

20 horas, na Brazileira do Rocio. Encontrámos o comandante sr. Gago Coutinho, conhecido dos leitores da «Capital» pelas suas entrevistas aqui publicadas, a uma mesa rodeado dum com alguns amigos. Discutia com calor a grande gloria de os portuguezes, no proximo ano, aniversario da independencia do Brazil realisarem o raid aereo ao Rio de Janeiro, iniciando assim, os descendentes de antigos navegadores, a primeira viagem aerea da Europa para a America do Sul, que os portuguezes descobriram, povoaram, e por fim libertaram. Concluia-se que as despezas a fazer, umas dez mil libras, podiam, de direito, ser custeadas pela colonia portugueza do Brazil, bastando que dez mil portuguezes concorressem com uma quota de libra cada um, o que tornaria a subscrição essencialmente popular. E mostrava-se assim, economicamente, que Portugal ainda «bole» cá neste mundo.

O comandante sr. Gago Coutinho, homem de mais de 50 anos, já muito branco, vem ao encontro da pergunta que lhe iamos fazer...

—Admira-se decerto de me ver, já com tantos cabelos brancos, ainda interessado pessoalmente em aventuras de aviação... E' que ainda tenho o espirito «antigo», aventureiro, sofrego do sport intenso do alto mar, que a marinha de vela já não nos pode proporcionar, porque já nem ha barcos de vela de recreio, para viagens longas. Fui um grande apaixonado deste sport, e é curioso que, tendo eu sido o encarregado da navegação da primeira viagem do «Pero d'Alenquer», antigo «clipper» de vela inglez, o fui tambem do primeiro hidro-avião que fez a viagem aerea á Madeira.

—Como sabe, é exactamente a esse respeito que o venho entrevistar. Os jornaes de sport ainda não se ocuparam dessa sua extraordinaria viagem aérea...

—Nada lhe poderei contar que seja novidade. Já eu e os meus tres companheiros, Sacadura, Bettencourt e Soubrian, em jornaes e conferencias temos explicado, quasi esgotando o assunto, o que foi essa encantadora viagem, para os que lá foram; porque os nossos amigos que souberam da nossa partida e ficaram em terra, como os camaradas da aviação e até as autoridades de marinha, não socegaram enquanto não chegou o telegrama da Madeira, dando noticia da nossa feliz viagem em sete horas e meia.

—Foi uma grande aventura, não ha duvida?!

—A parte mais aventurosa, do contingente da viagem, resultava de que o nosso hidro-avião, o 4018, era um aparelho pesadissimo, pois que carregado ia ás seis toneladas, incluindo uma de gazolina. E contudo só levava combustivel para doze horas isto é, á escassa para cobrir as 540 milhas de Lisboa á Madeira. Tinhamos portanto, como condição nova, que não exigiam os outros raids aereos anteriores, que ir fazendo pelo caminho navegação cuidada, para em qualquer altura da viagem sabermos com suficiente aproximação a nossa posição sobre o mar, e podermos, em presença de um vento contrario, resolver sobre se seria mais prudente continuar, ou se era mais aconselhavel voltar para traz, ou arribar a Lagos.

Era esta novidade do raid á Madeira o que interessava particularmente a quem, como eu, já fizesse, por mar a por terra, tantas viagens na dependencia de observações astronomicas...

—?

—Refiro-me á determinação da posição geografica por meio da astronomia, tão necessaria no mato africano, quando não temos carta para nos guiar, como tambem no mar, a bordo dos navios, o no ar, fora da vista de terra foi essa tal dificuldade que me tentou no raid aereo á Madeira, e assim me apresentei como navegador e fui aceito. E' portanto ácerca da nossa navegação que o poderei informar melhor.

—Inventaram então alguns processos de navegação desconhecidos no estrangeiro?

—Não, propriamente. Fez-se uma navegação adaptada da que se costuma fazer nos navios. O nosso rumo era determinado pela bussola, e esta corrigida por observações do sol. A direcção e força do vento eram determinadas á miado, por meio de «boias de fumo...»

—Boias de fumo?!

—São um recurso quasi indispensavel para a navegação aerea no alto mar. Um flutuador de cortiça sustenta uma lata soldada, cheia de fosforeto de calcio. A lata é aberta e atirada ao mar: ao entrar-lhe a agua o fosforeto produz um gaz fosforoso, que se inflama espontaneamente, dando um fumo branco, que fica no mar a marcar o sitio por cima do qual se passou. As azas do avião são graduadas, e pelo que a boia desceu para um ou outro lado, determina-se quanto o vento nos fez abater; e daqui se conclue facilmente a direção e velocidade real com que avançamos.

—E é isso o bastante para se ir onde se quer?

—Esta é a parte mais simples da navegação. Fora disso, levávamos, como os navios, cronómetro e sextante, e íamos constantemente observando o sol. Como voavamos baixo, a cerca de 100 metros de altitude sobre o mar, serviamo-nos da linha do horisonte. E tinhamos assim uma ideia tão precisa da nossa posição, que passámos por cima dos tres paquetes que naquela tarde, de 22 de março passado, e iavam na carreira directa Lisboa-Madeira. Por isso não sofremos a anciedade que seria de esperar, porque, para o fim da viagem, o sol ia-nos dizendo, quasi milha a milha, o nosso avanço. Avistámos a ilha do Porto Santo quando o sol nos punha a 30 milhas desta.

—Era necessario tanto rigor?

—Não, nem nada parecido. Como era a minha primeira viagem larga, e timidez de principiante levou-me a um rigor exagerado. Fomos topar não com a ilha da Madeira pela prôa, que já seria bom, mas com a ponta de S. Lourenço da mesma ilha, como iamos os vapores. Ora, para que a nossa viagem não falhasse, bastaria que o nosso desvio não passasse de 30 milhas para um ou outro lado do rumo. Em lugar das 15 observações do sol, que se fizeram durante as seis horas que passámos sem ver terra, bastar-nos-iam 3 ou 4; e mesmo, se não as tivessemos podido observar o sol, eu creio que se iria lá só á bussola, tendo o cuidado de navegar em zig-zag no fim da viagem, por causa das duvidas.

—Foi assim melhor, não é verdade?!

—Sem duvida. Se durante toda a viagem o ceu tivesse estado pesado de nuvens, teriamos decerto passado um mau bocado, pelo menos na ultima hora antes de se avistar terra, por isso que não teriamos podido, como fizemos, aproveitar o sol para corrigir o nosso rumo, e estariamos receiosos de que a gasolina nos não chegasse para procurarmos o arquipelago, logo que tivessemos coberto a distancia.

—Eram esperados na Madeira?

—Por pouca gente, porque a viagem foi mais rapida do que se supunha, foi de resto uma surpreza. Mas receberam nos e festejaram-nos com uma excessiva gentileza, e com um entusiasmo quasi louco... como se tivessemos caido do ceu misteriosamente, dando um salto desde Lisboa sem se poder saber como! E, em presença do nosso sucesso, passaram a achar isso de voar tão simples e banal, que todos lá no Funchal queriam voar comnosco! Até tivemos que lhes dar alguns voos de propaganda, com jornalistas, sportmens, senhoras...

—A' volta foram infelizes. Um desastre em que iam ficando todos queimados...

—Foi já em Porto Santo. Quando iniciámos o vôo para voltarmos para Lisboa, estava um belo dia, com bonança de oeste, fraca de mais. De maneira que o «descolar» foi feito com um vôo tão baixo e pesado, que alguem recalmou, ou refrega de cima de terra, tornou a atirar para a agua aquele passaro de 6.000 kilos de peso Como já iamos correndo a 25 metros por segundo e a «coque» estava em mau estado, ensopada de agua, deu-te muito tempo que tinha passado a nado abriu agua. Era avaria sem importancia, facilmente reparavel em Porto Santo; mas a agua inflamou alguma coisa do fogo mal soldada, e assim pegou o fogo na gazolina; e com ela ardeu o aparelho, salvando-se só os motores. Falta de experiencia, afinal, com as boias de fumo, que até agora ainda não tinham incendiado outro aparelho.

—E' portanto um sport bom arriscado, o aviação?!

—Olhe relativamente, nem tanto como seria de esperar. A guerra tornou o bastante seguro. Riscos ha em toda a parte: Não conhecendo as revoluções, a gente, neste «front» de Lisboa, está constantemente em risco de morte pelos «azes» de camions ou automoveis. Ainda o outro dia quando eu ia a ler o meu jornal (por signal que era a «Capital»), ia sendo esmagado por uma moto, cujo «aviador» não conseguiu parar, invadindo em velocidade o passeio, e estilhaçando o banco em que eu estava sentado, donde mal tive tempo de saltar. E o homem da moto nem ao menos me pediu desculpa...

—Pensa em futuras viagens aéreas do alto mar?

—A aviação maritima não possue agora aparelhos proprios para navegação fóra da costa; de maneira que se não pode abalançar a viagem mais larga, que agora lhe está indicada (e que deveria, talvez, fazer anualmente) como seria, ir á Madeira, de lá continuar para os Açores, e por fim fechar o circuito para Lisboa. E' verdade que esta ultima parte da viagem já foi feita pelos americanos, mas com o mar balisado por destroyers, ao passo que nós a teriamos que fazer, como o da Madeira, com os nossos proprios de aviação, que, de resto, não teria probabilidade de falhar a terra, a qual, neste caso, não é uma ilha isolada no meio do alto mar, pelo...

Por terras de além

A hegemonia do Pacifico—O Imperio da Paz? Ressurgem as eternas lutas balcanicas

Está denunciado o tratado de aliança entre a Inglaterra e o Japão. E tal caso, aparentemente tão simples, arrasta consigo um problema dos mais graves a resolver nos tempos moder nos, qual é o da hegemonia do Pacifico.

O litigio tem de vir a resolver-se dentro de um prazo relativamente curto, entre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e o Arquipelago Nipponico. São tres grandes potencias que diplomaticamente teem vindo a debater o assunto, enquanto não chegar a oportunidade de o resolverem pelas armas.

O paiz que dominar no oceano Pacifico ditará a lei em todo o oriente asiatico e terá influencia preventura suprêmacia em todo o ocidente americano.

Não convirá aos Estados Unidos perder a importancia mundial que acabam de conquistar com a sua intervenção na ultima Grande Guerra.

Tão pouco a Inglaterra, velha rainha dos mares, consentirá em descer da sua posição tradicional com prejuizo da sua antiga colonia. Garantida estava enquanto pelos interes es reciprocos foi aliada do Sol Nascente. Mas esse pacto caducou, e tardará que cheguem a novo acordo cujas bases, aliás, terão de ser já bem diversas.

Por outro lado, o Japão que, desde 1884, tem levado uma vida prodigiosa de engrandecimento, derrotando a China primeiro, a Russia em seguida, apoderando-se de Porto Artur pelas armas, anexando a Formosa e a ilha Sacalien, dominando enfim a peninsula da Coréa, resignar-se-ha a deixar que outrem lhe venha empanar estes belos horisontes de gloria, este delicioso sonho de grandezas?

E a despeito das proximas conferencias da Paz com que todos parecem estarem de acordo, cada qual trata de se armar até aos dentes, e os tres litigantes do Pacifico revêem os seus orçamentos e disfarçadamente se aprestam para a guerra... pacifica!

Vão acabar as guerras?

Parece que da ultima Grande Guerra as Potencias sairam tão saturadas do pacifismo como a soldadesca que de lá regressou mutilada de braços e pernas, cegos e estropiados.

Ao mesmo tempo que se apressam os trabalhos para a Conferencia Internacional, destinada a conseguir-se o desarmamento das Nações, é uma delas—a Alemanha—acaso a mais belicosa e a mais temivel, a principiar a der provas exteriores do seu grande desejo de que se torne possivel uma paz eterna.

Assim se explica que ultimamente anar cem em distribuição nas ruas de Berlim, sendo recebido pelo povo com grandes manifestações de entusiasmo e aplauso, um curto manifesto onde se lia em letras muito grandes e muito vivas, a seguinte frase:

—Nie wieder Krieg! que traduzido significa o seguinte:

—Nunca mais uma guerra!

E coincidindo com este facto isolado, aparece nos a França já de acordo com a America, para que a proxima conferencia internacional para o desarmamento se realise em um em 11 de novembro proximo.

Tudo bem sintomatico?

Realisar-se-ha agora o sonho patriota do malogrado Nicolau da Russia?

Gregos e turcos. O mar de Marmara em jogo

Lá pelos Balkans não ha maneira de pôr termo aos conflitos e guerras seculares. De ta vez esmurram-se gregos e turcos, numa ancia de se manterem e aguentarem no equilibrio balcanico.

A contenda derime-se na Asia Menor, mas o objectivo oculto é a posse hegemonica do mar de Marmara.

A principio a fortuna sorriu aos helenos, graças á superioridade numerica, e também qualitativa do material adepato.

Eram apenas um 90000 turcos contra 178,000 gregos! 50 canhões contra 300 canhões gregos, 900 bocas de fogo menores, além de um parque de aviação e 7 secções, cada uma formada por 4 tanques de guerra, ou fossem 28 tanques!

Mas as cousas mudaram; o equilibrio de forças restabeleceu-se.

Agora é o ponto onde neste momento se decide o pleito. Sera ali que vae ferir-se a batalha decisiva?

As medidas que se vão tomando parecem rigorosissimas. Ao mesmo tempo que o governador turco de Angora transferiu a sua residencia para Sivas, mais fóra o mais seguro, os kemalistas, informados de que os gregos preparam desembarque de tropas em Akat-Chair, apressam-se a tomar posições, reforçando os postos e fortificando-se melhor.

E' o eterno pleito da velha Anatolia. Quem vai sair vitorioso?

O essencial é que os privilegios já extintos por parte de Constantinopla não se estendam até ao mar de Marmara.

menos, desde o cabo Finisterra até S. Vicente.

—E ás nossas colonias, não seria tambem interessante ir?

—Eu lhe digo, acho essas viagens de um interesse moderado. Devemos lá ir mais tarde; mas, por agora, não ha só o incentivo da dificuldade palpitante... A viagem á Guiné seria uma viagem costa a costa, com étapes, e provavelmente mais morosa do que a de um vapor. O mesmo se pode dizer da viagem a Angola por S. Tomé. Mas ha outra viagem aérea que me parece urgente fazermo-la nós, antes que outros a façam...

—?

—A viagem ao Brasil. Os europeus ainda não pagaram as visitas aéreas dos americanos, atravessando o mar de cá para lá em avião. A meu ver, é aos portuguezes que pertence fazer primeiro essa grande viagem, mostrando assim no Brasil que, a par de bons caixeiros e bons patrões de lancha, de bons autores e bons escritores, continuamos ainda a ser bons e avançados navegadores.

—E existem aeroplanos proprios para essa viagem tão larga?

—Creio que os ha, mas não em Portugal, está claro. Só temos por agora um quesito talvez mais importante: aviadores decididos... Por isso eu ainda agora falava em se adquirir o que nos falta, o aparelho proprio, e quanto antes melhor, para que os outros o não façam antes de nós.

—E' uma viagem decerto bastante arriscada?

—Não tanto talvez como parece, pelo menos para os hidro-aviões, pois pelo caminho não ha campos de aterrissagem. E' preciso cuidar atentamente na preparação do aparelho e do motor. Eu, pessoalmente, creio que em cada dos probabilidades, ha só uma de nos perdermos no mar...

—Então podemos esperar que acabará por fazer essa viagem tão interessante?

—Olhe, desejo-o vivamente. Se eu lá fôr, ao Brasil, posso-lhe até, desde já, prometer outra entrevista, e em varios capitulos, porque só um será destinado a descrever-lhe as minhas impressões ao cortar o Equador para o hemisferio sul, e ao passar entre as terras de Santa Cruz e S. João, na entrada da baía do Rio de Janeiro. Até podemos já combinar o titulo, que será, «Por ares nunca dantes navegados». Só o prazer que essa nossa entrada faria aos portuguezes do Rio, merece bem que corramos o risco da aventura. Nós damos o nosso esforço: creio bem que eles rapidamente cobririam a subscrição, com a mesma expontaneidade com que noutro tempo tanto dinheiro deram para a compra da canhoneira «Patria».

Noticias ultramarinas

MACAU

Justa e honrosa homenagem

O Leal Senado da Camara de Macau na sua sessão de 4 de Junho ultimo, nas suas atribuições e que o Governo da Metropole dera a sua aprovação ao plano de obras para a construção do Porto exterior, victoriando a sua imediata execução, e conhecendo quanto o Governador de Macau se empenhara para se realisar aquela aspiração, quasi secular, resolveu por unanimidade proclamar o sr. Governador Henrique Monteiro Correia da Silva «Benemerito de Macau» e mandar colocar o seu retrato no salão nobre dos Paços do Concelho em sinal do reconhecimento para com o mesmo Governador.

S. TOMÉ

Segundo comunicação recebida no ministerio das Colonias, o governador de S. Tomé reduziu os quadros do funcionalismo da provincia, ao minimo, a fim de que os encargos do cofre da mesma sejam diminuidos.

ULTIMA HORA

Notas politicas

A posição politica do sr. Antonio Granjo

Nos circulos parlamentares era hoje comentado, com calor, a rectificação que o sr. Antonio Granjo enviou ao *Diario de Noticias*, desta manhã. O ilustre ex-ministro do Comercio declarou, muito perentoriamente, que era sua opinião que o sr. ministro da Guerra violara a lei no caso dos oficiais milicianos. Esta declaração, tão abertamente feita por um politico de tão elevada categoria do seu partido, era interpretada como uma declaração de franca oposição ao governo, visto que este se solidarisara com o titular da pasta da Guerra.

Até que ponto, porém, irá essa oposição? Esta era a interrogação geralmente posta e a qual cada um respondia ao sabor das suas paixões partidarias ou simplesmente das seus desejos.

Alguem nos disse que o sr. Antonio Granjo se reservava para expôr nitidamente as suas opiniões e definir a sua atitude logo que na Camara dos Deputados se inicie a discussão da proposta de lei com que se pretende resolver definitivamente a questão, que não ficou fechada, dos oficiais milicianos.

O sr. Antonio Granjo apareceu nos Passos Perdidos um pouco antes das 16 horas, sendo muito festejado pelos seus amigos politicos.

O sr. Agatão Lança pronuncia um eloquente discurso

O sr. deputado Agatão Lança falou hoje na Camara dos Deputados, dizendo-se de passagem, muito bem, não só na forma como tambem no espirito profundamente republicano de que foi revestido o seu discurso.

Não admira, pois, que fosse ouvido com muita atenção, tendo produzido sensação a argumentação que apresentou contra todos os facciosismos politicos praticados por altos funcionarios da Republica.

A eleição de Aveiro

Ainda hoje a respectiva comissão de verificação de poderes não deu parecer sobre a eleição de Aveiro.

Afirma-se que o sr. deputado Lopes Cardoso tenciona levantar a questão em sessão, se porventura, a resolução da comissão ainda demorar.

O sr. Belchior de Figueiredo e a sua acção no dezembrismo

O sr. Belchior de Figueiredo aproveitou uma parte da sessão de hoje para explicar ou justificar a sua acção no periodo historico do dezembrismo. Essencialmente, o sr. Belchior de Figueiredo declarou que participou, efectivamente, do movimento dezembrista, mas que, tres dias depois de elevação ao poder de Sidonio Pais, já estava em aberta oposição ao falecido chefe do Estado; quanto á prisão dos srs. Afonso Costa e Augusto Soares a sua intervenção foi apenas no sentido de garantir a vida destes dois homens publicos.

A Camara, que esta ouvindo com atenção o sr. Belchior de Figueiredo, não mostra, todavia, uma grande benevolencia á justificação já produzida. O debate, porém, ainda continua.

Quem será o novo ministro do comercio?

Dois nomes foram lançados quanto á substituição do sr. Antonio Granjo na pasta do Comercio. Um deles foi o do sr. Abeim Inglez e outro o do sr. Fernandes Costa. Ora, segundo a versão mais provavel, colhida entre os parlamentares governamentais, nenhum destes dois homens publicos será chamado a desempenhar essa alta função, o primeiro por ser muito intimamente unionista e o outro extremamente evolucionista.

O sr. Barros Queiroz inclina-se, parece, para o criterio de preencher a pasta por um parlamentar mais moderado, que sirva de ponto de união entre as duas principais facções do partido liberal. Este caso, entretanto, parece que ficará resolvido esta noite, em audiencia do directorio do partido liberal.

Foi eleito por Cabo Verde o deputado sr. Carlos de Vasconcelos, presentemente, o senador o sr. Augusto de Vera Cruz, que recentemente se filiou no Partido Reconstituinte.

O sr. ministro da Agricultura vai no proximo domingo ás Caldas da Rainha inaugurar a exposição pecuaria agricola.

De regresso de Inglaterra, França e Belgica é esperado por estes dias em Lisboa o sr. almirante Leote do Rego.

A Secretaria do Interior forneceu á imprensa a seguinte nota oficiosa: «A excitação popular que nos ultimos dias tem havido em Portalegre, contrariamente ao que a imprensa tem dito, não é devido á falta de pão, mas sim ao facto da população não querer aceitar a mudança do preço, que era de 32 centavos e passou para 70 centavos».

O tratado de comercio com a França

O sr. João Chagas talvez venha a Lisboa

Parece que as negociações para o tratado de comercio com a França não tem caminhado com a desejada rapidez, constando que o governo francês não tomou ainda conhecimento da contra-proposta do governo português, por ele não ter sido ainda apresentada pelo nosso ministro em Paris. E' possivel que o sr. João Chagas venha brevemente a Lisboa, a fim de conferenciar acerca do assunto com o sr. ministro dos negocios estrangeiros.

PARLAMENTO

Nos Deputados

A sessão decorre agitada.—O sr. Agatão Lança irrita-se.—Os liberais agitam-se.

O sr. Agatão Lança inicia o debate e insurge-se contra a forma como se procedeu durante a sua eleição. Chamado pelo sr. ministro da Marinha logo que chegou a Lisboa, foi elogia lo pelo seu republicanismo, mas logo censurado pela forma por que dirigiu a propaganda da sua candidatura, ao que respondeu como cumpria a um oficial. Mas instauraram-lhe um processo.

Referindo-se á situação dezembrista, desperto manifestações de pouco agrado, pois a Camara principiou a irritar-se pelo que teve de encerrar o seu discurso, mandando para a mesa uma proposta de aumento de pensão á viuva do tenente Lucas.

Nos termos que não o convenceram. Responde-lhe o sr. ministro da Marinha.

Houve proposta para generalisação do debate, mas foi regeitada.

O sr. Agatão Lança insiste e persiste, com o que se estabeleceu grande barafunda, obrigando o presidente a ameaçar de pôr o chapeu na cabeça. (Muitos apoiados).

Volta a falar o sr. Lança que acusa o ministro de insuficientes esclarecimentos.

—O sr. ministro, esclamou ele, não podia mandar-lo procurar.

—O sr. ministro, em aparte:

—Apenas mandei saber o que dentro da lei havia ácerca do caso de v. ex.ª

Os liberais:—Apoiado! apoiado!

O orador:—Apoiado, não! Não apoiado!

Os liberais:—Apoiado, sim!

O orador:—Então já que é apoiado, vou dizer tudo!

Na bancada dos liberais, com grande agitação:—Venha tudo! Venha tudo!

O orador:—Eu posso dizer a v. ex.ª que no ministerio da marinha se andou á procura de uma disposição da lei para eu poder ser punido. E sei tambem que o sr. Major General da Armada lhe disse que nem ele sabia em que artigo as suas faltas estavam previstas.

O orador mostra-se exaltado; o Presidente chama-o á ordem.

O orador continuou com a mesma exaltação, dirigindo-se asperam nte ao ministro da Guerra a quem declara não dever continuar á frente da sua pasta.

A' hora de encerrarmos, está no uso da palavra o sr. Belchior de Figueiredo.

No Senado

O porto de Lagos

O sr. André de Freitas envia para a mesa um requerimento solicitando que seja convertido em lei um projecto pelo qual são criados os lugares de sub-delegado de saude, guarda-mór e farmaceutico, da ilha do Corvo, a expensas do Estado. Es e projecto já foi aprovado na outra Camara na ultima sessão legislativa.

O sr. Julio Dinas pede ao sr. ministro da Justiça para chamar a atenção do sr. ministro da Instrução, para a situação em que se encontra a Escola Primaria Superior de Leiria, mandando encerrar e sindicar, em vez de, deste ano, por motivo de divergencias entre professores, sem que até hoje o inquerito se concluisse. E' preciso—diz—para dignidade dos serviços de instrução publica, que essa situação cesse, nomeando-se imediatamente novo sindicante, que seja o quinto, e investindo-se nas funções o director, a fim de que os exames se realisem ainda este mez.

Aproveita o ensejo de se encontrar no seu lugar para dizer que o porto de Vila Nova de Portimão, que apesar dos seus reclamações e instantes que teem sido feitas, está completamente assoreado, pod ndo já passar-se a barra a pé, durante o outro lado do rio. E' indispensavel, que se inicie desde já os trabalhos de dragagem, para o que da o rendimento dum imposto lançado, cuja receita pode computar-se em 200 contos. Aproveita a ocasião de se construir um pequeno porto de abrigo em Lagos.

A' hora de encerrarmos esta extração, a sessão continua.

A questão da Alta Silesia

No Conselho Supremo — Uma proposta de Lloyd George

PARIS, 9. — O Conselho Supremo aprovou, em consequencia das sugestões do sr. Lloyd George a resolução seguinte:

«Em vista das dificuldades devidas á situação ao centro da parte da Alta Silesia conhecida pelo nome de zona industrial, das comunas urbanas que deram fortes maiorias á Alemanha e das comunas suburbanas ou rurais que deram a maioria á Polonia, tendo em vista egualmente a necessidade de conciliar na medida do possivel esta situação com os principios estabelecidos no tratado de Versailles, a comissão de peritos, para encarar a junção dos altos Comissarios e convidada a examinar de novo a questão e a apresentar um relatorio em que pelas razões economicas ou topograficas possam separar-se das grandes comunas urbanas visadas mais acima, e quais os limites do fronteira que não são aquelas indicados que dá estas com egualmente necessarias á existencia comercial e á prosperidade dessa região».

Depois desta resolução os peritos puzeram-se ao trabalho. Continuarão pela noite adiante e amanhã de manhã o estudo dos problemas nas bases fixadas.—(H.)

MARROCOS

Em maus lençoes

MADRID, 10.—A situação do general Navarro na posição do Monte Arruit parece ser cada vez mais critica. A unica bebida de que dispõe é gelo, que diariamente lhe levam os aviões. O ministro da Espanha em Tanger foi informado de que os indigenas percorrem as tribus do Riff mostrando no ponta de uma estaca a cabeça do general Silvestre e o boato que circulou nos ultimos dias de que o general Silvestre não foi morto mas que se encontra prisioneiro da harka.—(H).

Em preparativos

MADRID, 10.—Comunicado oficial. Segundo as ultimas noticias recebidas esta manhã de Monte Arruit; as hostilidades tinham cessado completamente; o inimigo parece agora menos numeroso. Os rifenhos atacaram no dia 7 o blockhaus de Meijes, na região de Tetuan e no decurso a retirada sobre Souk-el-Arba, a guarnição do blockhaus teve alguns mortos e feridos. O comandante da região de Tetuan não liga importancia alguma particular a este ataque e afirma que não ha nada que justifique o mais pequeno alarme.—(H).

Melilla cercada pelos mouros

PARIS, 10. — Os espanhoes estão empregando gases asfixiantes que receberam de Melilla. Os mouros, sabedores disto, concentraram os prisioneiros espanhoes nos pontos onde os gases são empregados.

Sabe-se que a situação dos espanhoes é muito critica, com a cidade completamente cercada, reinando grande desorientação. Os soldados acompanham esta desorientação com a desmoralisação.—(H.)

De Portimão

A linha ferrea de Portimão para Lagos

PORTIMÃO, . — Consta que no fim do corrente mez ficam concluidos os trabalhos de serralheiro na ponte do caminho de ferro para Lagos; agora faltam dois quebra-marés e efetuar a via cerca de um metro. Consta que em setembro, será a inauguração da nova estação deste troço. O ramal de Lagos está pronto só faltando as travessas para assentar as linhas.

O general da divisão retira para Evora

PORTIMÃO, 10. — Retirou para Evora o general da divisão, sr. Gomes da Costa, que ardou neste concelho visitando as principais localidades.—(H.)

No Laboratorio Farmacologico

Visita dos srs. ministros do Comercio e do Trabalho

Realizou-se hoje, pelas 12 horas, a visita dos srs. ex-ministro do Comercio dr. Antonio Granjo e o ministro do Trabalho sr. dr. Lima Duque ao Laboratorio Farmologico de J. J. Fernandes & C.ª, da Rua Alves Correia.

Os ilustres visitantes foram recebidos pelo director pr fessor sr. Cunha e pelo dr. Rolleon, e pelos srs. Correia dos Santos e Costa Fernandes.

Apreciaram bastante o incremento que se tem dado á industria farmacotechnico; que tem posto fóra do mercado productos extrangeiros, tais como a *Fibrocalcina* recalcificante natural, a *Zimibiasés*, extracto de carne, *Farinha Bulgara*, granulados de Iodo (I dal) e outros productos. Causou uma excelente impressão o aproveitamento de um espaço tão limitado, para o funcionamento de maquinas tão interessantes, como são as de granulados, emulsões, comprimidos, os de 15 000 pastilhas por hora. Foram observados as microscopias culturas puras de fermentos Lurgeros emprega os na Lacto-biasé.

Foi oferecido um copo de agua aos visitantes, trocando-se afectuosos brindes. Tambem visitaram o laboratorio os srs. Aboim Inglez, Scares Fonseca, deputado Julio Cruz, Matos Cruz, Albino Fo jaz de Sampaio, Lourenço Rodrigues, Rafael Duque, etc. Os visitantes deixaram consigna das as suas admiraveis impressões no livro dos visitantes.

Movimento Cooperativista

O proximo Congresso Internacional das Cooperativas

A grande Guerra Mundial, no mesmo tempo que apressou um movimento geral de desagregação dos organismos sociais talvez já caducos, trouxe-nos em compensação uma febre reconstrutiva que principia a exteriorisar-se num grande desenvolvimento das faculdades intelectuais e na aplicação dos conhecimentos humanos á criação de novos organismos de aperfeiçoamento.

E' assim que dentro de doze dias, ou seja de 22 a 25 do corrente, reunirá com grande interesse e entusiasmo na cidade de Bâle, o Congresso Internacional das Cooperativas da Aliança Internacional Cooperativista, para apreciar os trabalhos da Aliança Internacional Cooperativista, rever o Estatuto, nomear o Conselho Central, e mais apreciar e resolver sobre os seguintes:

1.º—Direito Internacional no seu aspecto cooperativista.

2.º—As novas directorizes do Movimento Internacional Cooperativista, fixadas pela Conferencia Internacional Nouvelle de Paris.

3.º—Relações a estabelecer entre os Sindicatos e as Cooperativas.

4.º—O cooperativismo na Sociedade das Nações.

E' de supor que Portugal, onde o movimento cooperativista vai assumindo uma certa importancia, se faça representar neste Congresso com os seus delegados.

Exposição de gado

Da Associação Central da Agricultura Portugueza acabamos de receber um convite que muito nos penhora, para assistirmos á inauguração da Exposição Agricola-Pecuaria que vai realisar-se nas Caldas da Rainha no proximo domingo, 14, com a assistencia do sr. Ministro da Agricultura.

Deve ser uma festa assás simpatica pelo seu alto significado social.

A policia assalta os clubs

e, mais uma vez, sem resultado nenhum

A policia andou mais uma vez, durante a noite passada, na faina de encontrar jogadores em frente do pano verde. Foi ao Regaleira, ao Max-im's, ao Montanha, ao Ritz, ao Palais Royal, aos Patos, etc. E, é claro, não encontrou coisa alguma.

Quer dizer: continua a comedia a comedia lhe chamamos, porque sabemos muito bem que, por muita que seja a tenacidade e perspicacia do sr. capitão Albuquerque, ele nunca encontra ninguem em flagrante...

Em alguns clubs ontem assaltados jogava-se, temos quasi a certeza disso. Pois a policia não viu cousa alguma.

E ha-de assim suceder sempre. A policia de Londres confessou, um dia, depois de tentativas desesperadas, que era impotente para reprimir o jogo. E a policia de Londres é a melhor policia do mundo.

Os improficuos assaltos ás casas de Lisboa só militam em favor da regulamentação. Tantas tentativas inuteis se hão-de realisar, que acabaremos todos por nos convencermos de que o que ha a fazer é regularisar o jogo.

O que é lamentavel é que os agentes da autoridade se portem, nessas casas, com uma incorreção desmedida. Ontem, por exemplo, em varios clubs, chegaram a apalpar as pessoas que tranquilamente ceiavam ou dançavam.

Isso é um desafôro, e não nos parece que seja ordem do sr. capitão Albuquerque. Um club onde só entra gente de categoria não pode estar sujeito ao regimen de qualquer hospedaria suspeita. Nem quem ali vai pode tolerar, sem indignação, que um policia lhe meta as mãos nas algibeiras, como a gente de má nota surpreendida em coito de ladrões!

Tenhamos juizo. Entre a policia quantas vezes quizer, nessas casas que não nos dá cuidado. Mas façam-no como quem entra em casa alheia. Aqui chamamos a atenção do sr. capitão Albuquerque, na certeza de que meterá na ordem os seus subordinados.

Alfandega de Lisboa

Leilão

Quinta-feira, 11, ás 2 horas, no armazem de leilões desta casa fiscal, proceder-se-ha á venda de 20 sacas de café, parte da carga dos vapores ex-alemães.

Sexta-feira, 12, no mesmo local e hora serão vendidas mercadorias demoradas e arrestadas que constam: de botões para calçado, 28 sacas de tapioca, uma pedra litografica, papel para cigarros, frascos vasios, vinho engarrafado, tabaco picado roupa usada e outras que serão presentes no acto do leilão.

Alfandega de Lisboa, 6 de agosto de 1921.

O escrivão
Alfredo Marcolino de Almeida

A CAPITAL

1857 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: C. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Quinta-feira, 11 de Agosto de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

A situação da Espanha

Um dos argumentos com que os adversarios da participação na guerra durante anos pleitearam contra nós foi o de que a Espanha, nossa visinha, seguira uma politica internacional oposta, conservando-se na neutralidade, apesar dos vinculos da raça que a uniam a alguns dos povos aliados, que dessa politica recolhera vantagens que eram a prova do acerto com que os seus homens de governo a tinham conduzido.

A Espanha não derramara o seu sangue nos campos da batalha; a Espanha enriquecera emquanto os outros povos se depauperavam; a Espanha tinha intactas todas as suas forças para quaisquer contingencias graves que o destino das nações lhe infligisse.

Não ha duvida de que a Espanha não derramou, como Portugal, o sangue dos seus filhos nos campos de batalha, assim como não ha duvida que o valor da moeda espanhola augmentava, ao passo que descia o valor da nossa moeda, como descera o das moedas franceza e italiana, como desceu o da propria libra. Mas o que já sofre duvidas é que o caracter da Espanha, as suas energias, as suas forças, tivessem aumentado com o acto de renuncia dum paiz a comparticipar dos perigos e das glorias da raça a que pertence.

Durou a guerra, passou a guerra. A Espanha não se bateu junto dos aliados, a Espanha abandonou a latinidade em perigo. O valor da peseta subiu, mas não o acompanhou o valor da alma nacional. Nem se formou uma maior coesão do patriotismo espanhol, que tem na Catalunha a sua Irlanda, e o recente desastre de Marrocos não suscita no paiz do Cid os antigos heroismos que referviam no seu peito quando ela sabia bater-se por todas as causas grandes e nobres.

No inicio da conflagração mundial apareceu na imprensa de Madrid um artigo que provocou vivas discussões. Intitulava-se esse artigo «Neutralidades que matam». Esse artigo foi atribuido a um antigo diplomata que chefiara a legação da Espanha em Paris, e no numero das neutralidades que matavam incluia-se a neutralidade da Espanha perante a guerra europeia.

Era a ocasião da Espanha iniciar aquilo que ha muito tempo lhe falta, uma politica internacional. Porque a Espanha, num ponto de vista, segue a mesma rotina dos seus costumes. Não assimila, não progride, não compreende, talvez, a impossibilidade em que hoje se encontram os paizes de viver inteiramente isolados. A Inglaterra que tinha como principio o chamado «esplendido isolamento» reconheceu um belo dia que esse esplendido isolamento a expunha a uma ruina. Foi então que Eduardo VII, o mais diplomata de todos os soberanos europeus do seu tempo, lançou as bases da «Entente Cordiale» com a França, donde devia derivar a «Triple Entente» que susteve durante muito tempo o maior combate da guerra.

Eis a Espanha no seu isolamento, a Espanha da neutralidade, que nesse momento se debate com um fracasso terrivel de que é muito natural resultar a sua total expulsão de Marrocos, a Espanha que não pode contar com ninguem, e contra cujos interesses na terra marroquina é bem manifesta a má vontade da França e da Inglaterra. A Espanha foi neutral, a Espanha não tem alianças; mas a Espanha, depois de sufocar com a elevação enorme da peseta, que não lhe permite a exportação dos seus principais productos, vê-se agora em presença dum Alcacer-Kibir, que se não pode arrebatar-lhe a independencia, a confinará, segundo todas as probabilidades, e duma maneira definitiva, no seu territorio continental.

Os projectos do sr. Carvalho da Silva

As nossas informações continuam a assegurar, ao contrario do que diz o «Correio da Manhã», que a Camara votou a urgencia para os dois projectos de lei do sr. Carvalho da Silva e não apenas para o que se refere aos automoveis do Estado. Não se trata, pois, do meio equivoco do «Correio da Manhã», mas sim de equivoco inteiro.

Quanto á maneira como na pratica se traduz a urgencia, está expressa nas disposições regimentais: dispensa de publicação no «Diario do Governo» para o efeito da admissão e envio imediato dos respectivos projectos ás comissões. E acabou a urgencia...

No Brazil

Uma epedemia que desaparece

RIO DE JANEIRO, 10.—O ministerio da Agricultura comunicou que em consequencia do desaparecimento da epizootia que ha tempos devastou o gado em varios Estados brazileiros, já tinham sido derogadas por todos os paises as medidas de precaução adoptadas nos respectivos portos contra o gado daquela proveniencia.—(A).

As propostas de finanças

Posta de parte, por iniqua, a proposta-força engendrada pelo sr. Barros Queiroz, é forçoso encontrar uma nova formula para redução dos quadros do funcionalismo

Um leitor de *A Capital* expoz ontem, nestas colunas, uma idéa que pode servir de base á lei da expurgação do funcionalismo publico. Não quer isto dizer que *A Capital* perfilhe incondicionalmente a idéa do sr. Francisco Xavier, mas é certo que, com algumas modificações, pode sobre essa base, fazer-se alguma coisa de util. Vejamos.

Diminuir o numero de funcionarios e conseguir assim uma razoavel diminuição nos orçamentos de despeza dos diversos ministerios,—eis o *desideratum* a atingir. Entendemos, porem que isso tem de ser conseguido sem prejuizo de legitimos direitos adquiridos, sem sacrificio inutil imposto a quem quer que seja e sem augmento de despeza para o Estado, mesmo quando esta seja transitoria.

Agradamos-nos, portanto, que se licenceiem os empregados do Estado assim o requeiram, dando-se-lhes como compensação ou indemnisação um titulo de renda vitalicia.

E' esta a idéa fundamental ontem exposta.

Simplesmente não estamos dacordo em dois pontos, que são os seguintes:

O capital do titulo de renda vitalicia não pode ser de 10 a 20 vezes o ordenado de categoria do funcionario licenceado ou separado ou, mais claramente, não e para ser invariavelmente a prova todas as hipoteses. Em certos casos, cremos mesmo que no maior numero deles, a multiplicação por 10 a 20 do ordenado da categoria produziria uma quantia ridicula e rendimento irrisorio. O resultado pratico seria que poucos funcionarios se aproveitariam da lei e, desde que eles fossem poucos, a providencia legislativa cairia por si, visto que se não atingia o resultado que se visava, que era, em ultima analise, a redução no minimo do quadro do funcionalismo civil. O multiplicador tem de ser mais elevado, principalmente tratando-se de funcionarios de inferior categoria, com ordenados insignificantes.

A quotas sobre este aspecto, tem de ser estudada com muito criterio estabelecendo-se uma especie de tabela ou encomendando-se ao sr. Inocencio Camacho uma formula matematica, visto que este ilustre homem publico se criou nessa especialidade.

Tambem não estamos de acordo em que os funcionarios não separados paguem, todos, um imposto para o serviço da divida contraida pelo Estado e de cujos titulos são tomadores os funcionarios licenciados. Não, isso não! Mais impostos sobre o funcionalismo é aumentar infalivel e cruelmente a já cruciante vida economica da burocracia. E' forçoso encontrar outra solução. Não nos parece dificil.

Mas, por hoje, não é possivel prolongar mais estas razões.

Por terras de além

Como se trabalha na Alemanha
Uma marinha mercante que ressurge
Colera, fome e peste na Russia

Como os vencidos triunfam — Numeros que falam, corações que vibram — Poucas palavras e muitas obras

E' tempo de falarmos da Alemanha —a nossa inimiga de ontem.

Neste momento todas as atenções da Europa se dirigem para aquela vencida que parece vencedora, em vista dos progressos que vai realisando.

Era antes da guerra a mais bem fornecida de marinha mercante, a seguir á Inglaterra—conta 3 500.000 toneladas. O primeiro golpe que se procurou vibrar-lhe foi a apreensão quasi total dos seus navios cuja tonelagem logo ficou reduzida a umas pobres 350.000 toneladas—apenas 10 0|0 da sua antiga tonelagem.

Daqui tinham de sair para o seu imenso serviço de cabotagem umas escassas 120 000 toneladas, ficando as restantes 230.000 na amarração para não serem apreendidas ou terem de ir para o fundo! Tudo uma situação miseravel muito abaixo daquela em que nos encontramos. Contudo, eles, os vencidos, procuram vencer pelo esforço, pelo trabalho e pela dedicação de todos, enquanto nós, os vencedores, tendo adquirido uma verdadeira frota mercante, nem sequer a aproveitamos, como convinha, e deixamo-nos asfixiar em intrigas, contendas mesquinhas e verborreia doentia!

Eis a diferença.

Até 30 de junho de 1919 as 350.000 toneladas do fim da guerra alemã, logo subiram a 419.000 toneladas. Um ano depois, em 30 de junho de 1921 já a tonelagem se elevou a 653.000! Um aumento de 56 0|0, só em 12 mezes.

Como se operou o milagre?

Com duas cousas importantes, embora relativamente faceis que por la sobejo, e a nós nos falta:—juizo e trabalho!

Na Alemanha, depois da guerra, governador e governantes estão de acordo unanime num ponto para eles essencial:—a restauração da Alemanha—em nada inferior, antes muito superior á que caiu perante a grande coligação mundial.

O Governo criou uma subvenção de 11.970 milhões de marcos para auxiliar a reconstrução da sua marinha mercante,—tanto como quasi trez milhões de contos da nossa moeda—distribuidos da seguinte forma:

	Milhões de Marcos
Á disposição das Companhias Construtoras em 1919	600
Idem em 1920	3.170
Em deposito e á ordem no Reederei Treuhand Gesellschaft	3.500
Para o Reichstag mandar aplicar como e quando julgar oportuno	4.700

Para poder utilisar estes beneficios os Armadores e Construtores desenvolveram paralelamente uma actividade desusada, aumentando o numero de estaleiros, aperfeiçoando os metodos de produção, fornecendo-se em grande de todo o material necessario ao fabrico de vapores de longo curso.

Com estas garantias da subvenção o governo obrigou os Construtores a construir num praso limitado, pelo menos 2.500,000 toneladas, sob condição de que 90 por cento sejam construidos nos estaleiros alemães.

Fervet opus! a azafama de trabalhar, produzir, engrandecer atingiu as proporções de uma febre patriotica. Antes de dez anos depois da guerra, contam possuir uma frota mercante superior á destruida, e mais valiosa do que outra qualquer do mundo!

Paralelo com este esforço gigante, entregam-se com afinco a um outro não menos importante—o do antecipar e saldar toda a sua divida de guerra, para se libertarem do *Contrôle* europeu.

E se, agora que a guerra acabou, nós imitassemos os nossos inimigos de ontem?

Porque não vamos reformar e valer as nossas finanças, regularisar as nossas relações mercantes com as colonias, ampliar os serviços da cabotagem, desenvolver o trabalho e aumentar a produção?

Não seria preferivel apertar o funcionalismo e a discutir programas minis eriaes?

Os «mujics» agonisam. Os desvarios da miseria. O ditador dos viveres Maximo Gorki

O terror na Revolução franceza foi cousa ligeira em comparação do que neste momento vai pela Russia.

Dada a perturbação geral de todas as funções sociaes, como logica consequencia da mais monumental Revolução de que ha memoria nos anais da historia moderna, o que está sucedendo era previsto, o que em nada lhe tira a qualidade de horroroso.

A Russia inteira neste momento encontra-se alarmada — governador e governantes—em presença do concurso simultaneo dos maiores flagelos—peste, cólera e fome.

Faz lembrar um regresso ás torturas da Idade Media!

As aldeias onde já não ha possibilidade de resistir, enviam delegados seus a escolher outras aldeias mais prometedoras.

E lá vão centenas de familias de camponezes que abandonam as suas cabanas onde nasceram e se crearam, em vagas humanas, como se fossem caravanas infelizes do Sahara, atravez dos aridos *estepes* ou das carbonisadas charnecas á busca de pão.

Se não o encontram, novo exodo se segue, e nestes funebres trajetos, nem todos que partem, chegam ao seu destino, ficando por aqui e por ali alguns cadaveres que a fome nem tempo dá para enterrar.

Na regiao do Samara o cólera faz em media 400 victimas por dia. Maio registou nesta area 20.000 creanças atacadas durante o mez de Maio. Isto pouco era afinal, porque em Junho o numero de crianças miseravelmente minadas pela fome e pela colera elevou-se a 60 000!

Que nos dirão as estatisticas de Julho? Simplesmente horrivel!

A Maximo Gorki, o ditador dos viveres, foi confiada a espinhosa missão de combater os flagelos, até que lhes ponha termo.

Consegui-lo-ha? E' o que ele mesmo não acredita.

Os proprios paes se veem forçados a abandonar os seus filhos, crendo que a Assistencia os protegerá melhor, para que não morram de fome.

De varios pontos se dirigem em massa para a fronteira polaca, a caminho de Varsovia, alguns centenares de familias russas, que afinal teem de sustentar rudes e ingratos combates contra as forças sovietistas que querem embargar-lhes a saida.

O movimento de socorro internacional está-se organisando por toda a parte com entusiasmo delirante.

Noticias Ultramarinas

Lourenço Marques

RIO DE JANEIRO, 11.—Foi criado um consulado brazileiro em Lourenço Marques e nomeado para desempenhar as funções respectivas o sr. João Cohen.—(A).

India

Foi ordenado ao governador da India que faça a transferencia para Angola do major sr. Pinto de Magalhães que vai desempenhar nesta provincia o cargo de chefe da repartição de emigração.

POLITICA

A ordem dos trabalhos parlamentares — O minimo que o governo necessita que o parlamento lhe dê — Mas, então, quando entrarão em ferias os já fatigados parlamentares?...

Os amigos do governo empenham-se em obter do Congresso algumas indispensaveis leis, sem as quais a vida do governo, mesmo no interregno parlamentar, se afigura extremamente dificil. Por isso ficou assente que a ordem dos trabalhos parlamentares da camara dos deputados seja a seguinte:

1.º—Questão do Douro;
2.º—Regimen cerealifero;
3.º—Duodecimos.

Mas será isto, realmente, o minimo de que o governo precisa? Entretanto, para se conseguir a votação, nas duas camaras, destas leis, é forçoso contar com muitas sessões, principalmente se surgirem questiunculas politicas, apaixonadoras, extenuantes e demoradas.

Já pozemos em duvida que o governo apenas necessite, para já, das tres leis citadas. E tão a questão dos oficiais milicianos, que continua sem solução, ha-de perpetuar-se, ficando a fermentar, durante as férias, com grave risco da disciplina e da ordem, como toda a gente sabe e só o governo parece ignorar?

Eis o que se nos não afigura util... E tanto assim que já ontem se afirmava que na camara dos deputados seria hoje ressuscitada a questão.

Mas ha ainda outro aspecto do problema. E a crise financeira?...

O sr. Barros Queiroz declarou, muito claramente, na Camara dos Deputados que, se não fossem votados já novos impostos, o governo se veria forçado, dentro de poucos mezes (quem sabe se de poucos dias!...) a pedir autorisação para aumento de circulação fiduciaria. Isto seria um desastre! O Parlamento, porém, parece não o compreender, porque a maioria fez manifesta abstenção na discussão do Douro,—e fê-la, afirma-se, para livrar o governo, durante alguns dias, da discussão da crise politica.

O horizonte politico continua, pois, obscuro. Veremos se na sessão de hoje da Camara dos Deputados ele é esclarecido, mas duvidamos.

Ainda a inelegibilidade do sr. Aires de Ornelas

Não vale a pena prolongar mais tempo esta discussão. O «Correio da Manhã» insiste em que o sr. Aires de Ornelas é elegivel. Nós sustentamos que não faria sentido a inelegibilidade dos individuos condenados por conspiração desde que pudessem entrar no parlamento os que tivessem sido condenados por rebelião.

De resto, não foi esse o fundamento invocado para anular a votação que o sr. Aires de Ornelas alcançou. Preferiu-se fechar os olhos a todas as irregularidades e violencias praticadas durante o acto eleitoral, porque não havia apenas o proposito de excluir o sr. Aires de Ornelas, mas tambem o de substituir o candidato republicano sr. dr. Adolfo Coutinho pelo sr. Campos Melo. Não bastava, para isso, considerar inelegivel o sr. Aires de Ornelas. Era preciso saber o que se fez.

Em Espanha

O governo demitir-se-ha amanhã

MADRID, 11.—O governo pedirá a sua demissão amanhã, devendo o sr. Maura, que foi chamado com urgencia a Madrid, chegar amanhã á tarde. E' opinião geral que será o sr. Maura quem presidirá ao novo gabinete. Diz-se que o sr. Alendesalazar está resolvido a não aceitar toda e qualquer proposta que o rei lhe faça para acompanhar o futuro governo. —(H.)

Confirma-se a noticia

Da Havas recebemos o seguinte importante telegrama:

MADRID, 11.— O sr. Alendesalazar apresentou a demissão do gabinete. O Rei aceitou o pedido encarregando o sr. Maura de formar ministerio.

COISAS DA CAMARA

Os moradores de Campolide queixam-se

Do sr. Nicolau Pereira recebemos ontem uma carta na qual se solta o brado do queixume, pela forma como ali são feitos os despejos da Penitenciaria.

Sr. redactor.—Venho junto de V. e junto do seu conceituado jornal *A Capital*, para protestar contra mais uma violencia da estupenda edilidade camararia de Lisboa, que mais uma vez vem afrontar os pacificos moradores do Campolide.

O caso resume-se no seguinte:

Os despejos da Penitenciaria, como toda a gente sabe, desaguavam directamente no rio, mas ultimamente desaguam perto do Aqueduto das Aguas Livres, no rio que confina com este.

Ora isto é um desastre para nós, moradores deste sitio que nos vemos obrigados a aspirar os cheiros mais pestilentos que se pode imaginar.

Daqui solto o grito da minha indignação e comigo está todo o pacifico povo da capital; disso estou certo.

A V. sr. redactor, cabe fazer-se eco dos queixumes dum bairro inteiro.—De V. muito grato, etc. etc.—*Nicolau Pereira.*

Em redor de uma caderneta

Os aventais em guerra
A "sopeira" de hontem e o seu "guita"

A noticia fresca do momento é a caderneta da serviçal, que saiu ontem dos prélos para a mesa do sr. Governador Civil. S. Ex.ª que teve uma lucta homerica com as sopeirinhas de Lisboa, que imaginavam a caderneta infamante, como um atestado publico de galanter a activa, digamos assim, venceu afinal, quando diz o dito: Continuamos no jogo das peras», e, muito especial nonte, neste caso em que estamos em foco tinha razão em não ceder da sua autoridade.

Essa caderneta, da qual os nossos olhos foram os primeiros olhos profanos a desvendar os misterios, vem proteger, com a mesma eficacia, o contractante e o contractado.

Esse decantado e combatido livrinho mostra, afinal, que não é tão mau como supunham os interessados. Nós sempre pensámos que é melhor esperar o mal, para evitar desilusões, e e pela força de exagerar o nosso receio que o que mais temiamos nos causa sempre uma agradavel surpreza. Creio que assim acontecerá agora ás nossas sopeironas e só ficarão refractarias a uma boa impressão aquelas cuja consciencia estiver inquieta.

Em todos os rebanhos ha ovelhas ranhosas, como diz o vulgo, e é para essas que o pastor olha com mais atenção, não vão elas estragar as outras.

Ultimamente, tem havido tantos roubos feitos por essas tais ovelhas dos rebanhos das nossas serviçais, continuemos o paralelo, que este livrete impunha-se urgentemente. Se qualquer caso de furto se der, o autor será facilmente identificado, pela impressão digital que cada caderneta imprime, além do retrato, que seria só por si insuficiente, para dar uma prova segura. Todos os artigos são elaborados muito explicitamente e destacam-se entre eles o 5.º e o 6.º, que proibem ao serviçal ter outra morada que não seja a dos amos que serve e ter fóra do domicilio um movel qualquer, onde possa guardar quaisquer objectos, sem licença dos patrões.

E' verdade que esta disposição não acaba com os receptadores, mas um de salvaguardar a propriedade dos patrões é evidente e lá estão as impressões digitais, com a sua denuncia insosmavel, para obrigar a reflectir os criados infieis, antes de darem largas á sua cobiça.

Ora, se ha serviçais indesejaveis, tambem ha amos, que não teem a verdadeira noção dos seus deveres para com os seus empregados.

Muitos ha que por motivos futeis, por caprichos ou birra, despedem um creado, de repente, sem quererem saber se a creatura tem para onde ir e se ir se ocupar com o prejuizo causado pelos dias sem trabalho, que se seguem até novo colocação.

E dahi o «paragrafo unico» que obriga o amo, sob multa de 10$, a prevenir o serviçal com 15 dias de antecedencia, quando não lhe convier conserval-o, que é justamente o mesma obrigação do creado para o patrão, exarada no artigo 13.º, perdendo a soldada de um mez, se o não cumprir.

Já veem que para aqueles dispostos a proceder honestamente a caderneta nada tem de vexatorio. E' uma formalidade, e nada mais, que só aproveita á classe, servindo de espantalho aos que gostam de meter fóice em ceara alheia, na justissima acepção da frase.

Não era com certeza a sopeira graciosa, com o seu lenço de seda e chailo traçado, a sopeira dos tempos da guarda municipal, que faria esta guerra de aventais por um simples livrinho, cheio de boas intenções. Que lhe importava, se para ela a vida era o passeio aos domingos com o seu «guita» desempenado e folgazão.

Mas tem graça, que num regimen, onde tudo tende a nivelar-se, mesmo que seja preciso descer, tem graça que seja a nossa sopeira a entidade mais recalcitrante ás leis da egualdade.

Essa aristocratisou-se, atirou com o avental por cima dos fachos, prautou chapelinho e enfiou nas pernas meias de seda, pendurou nos hombros capas de setim e já não lhe serve a farda da guarda republicana, que substituiria a municipal, para companheira de recreio. Agora só lhe servem os «pontos» dos clubs, extasia-se nas marcas dos modernos «fox-trots».

Aquela sopeira que fazia a fortuna dos revisteiros só aparece agora como evocação retrospectiva nos nossos palcos, e ainda assim em caricatura apenas.

Vamos perdendo todos os caracteristicos da nossa vida nacional.

A sopeirinha com o seu lenço ou a sua mantilha sobre os cabelos arrepiados, sem pó de arroz e cheirando ainda a refogado, era, certamente, uma das curiosidades desta Lisboa, hoje sensaborona e incolor.

O «guita» e a «sopa», duas figuras decorativas da vida lisboeta, que se sumiram na voragem dos tempos, mas que afinal perduram, como simbolos do amor simples e rude, um amor bem portuguez.

Mercedes Blasco.

A questão de Marrocos

Continuam as pelejas

MADRID, 11.—Comunicado oficial de Melilla.—Os soldados que conseguiram fugir da posição de Monte Arruit, referem que estando o general Navarro em negociações com os chefes da «harka», inimiga, a posição foi atacada de repente, por um bando de salteadores e malfeitores, que foram detidos nas suas façanhas pelos chefes da «harka», que conseguiram impor a sua autoridade. Os mesmos chefes protegeram tambem o general Navarro e um grupo de oficiais e soldados, conseguindo recolhe-los em casa de um desses chefes. Ignora-se a sorte dos restantes espanhois que ocupam a posição. —(H.)

Festas do Condestavel

Interpretando o alto significado historico da data de 14 de Agosto, data memoravel da Batalha de Aljubarrota, o «Nucleo de Resurgimento Nacional» convida a Academia e o Povo a associarem-se ás demonstrações patrioticas que se realisarão no dia 14, em homenagem ao Condestavel.

O N. R. N. oficiou á Academia do Rio de Janeiro, saudando-a e congratulando-se pelas provas de estima e alta consideração por Portugal, expressas na comemoração da memoravel data portugueza da Batalha de Aljubarrota, que vai festivamente realisar.

Um desastre grave

Rebenta uma caldeira no deposito dos Barbadinhos. — Um homem morto e trez queimados

Hoje, ás 6 horas da manhã, rebentou uma caldeira no deposito da Companhia das Aguas, na Calçada dos Barbadinhos, resultando ficar gravemente queimado por todo o corpo o fogueiro Bernardino Pinto, de 25 anos, solteiro, natural da Covilhã, e residente no Alto dos Toucinheiros, 16, o qual recolheu em estado gravissimo á enfermaria de Santo Alberto do Hospital de S. José, onde faleceu horas depois.

Tambem ficaram levemente queimados nas pernas e braços os chegadores Manuel Santareno, residente no Alto dos Sete Moinhos, 20; Manuel Tavares, residente na rua do Sol a Rato, 97, 3.º, que tambem receberam curativo no Banco do mesmo hospital e recolheram a casa depois de devidamente tratados.

Dr. Fernandes Costa

O novo ministro do Comercio tomou hoje posse

O sr. dr. Fernandes Costa tomou já posse da pasta do Comercio, na presença do chefe do governo, de quasi todos os ministros, do ministro de Portugal em Roma, parlamentares, amigos politicos e particulares, funcionarios da sua secretaria, etc. Discursou em primeiro logar o sr. Barros Queiroz, lastimando ver-se privado da colaboração do sr. dr. Antonio Granjo, não porque este divergisse da orientação do governo e do partido, mas por uma questão de coerencia pessoal. Felicita-se, porem, por ir ter por colaborador o sr. dr. Fernandes Costa, seu velho amigo e velho republicano liberal. Tem a certeza de que pelos seus elevados dotes ele honrará na pasta do Comercio, o seu partido e a Patria.

Fala em seguida o sr. Granjo agradecendo as amaveis referencias do sr. presidente do ministerio e declarando que não saiu do governo por não concordar com a sua orientação, mas apenas para manter a sua coerencia na questão dos milicianos. De resto conserva-se ao lado do governo, do partido liberal e dos ministros, fazendo inteira justiça ao caracter, lealdade e modos de ver do sr. ministro da guerra. Saúda o seu sucessor e felicita o chefe do governo pela acertada escolha do sr. Fernandes Costa para a pasta do Comercio.

Por ultimo o novo ministro agradece as saudações que lhe dirigiram; confessa não estar nas condições de assumir neste momento tão espinhoso cargo, mas a sua maior bôa vontade, com os recursos de que puder dispor e com a inteligente cooperação dos funcionarios do ministerio, fará por honrar o governo, a Patria e a Republica.

Inglaterra e França

Protestos de confraternisação

LONDRES, 11. — Correspondendo ao apelo dirigido em 14 de Julho pelos intelectuais e sabios franceses aos seus colegas ingleses pedindo a estes a sua colaboração directa, intima e continua, os ultimos dirigiram aos primeiros uma resposta em que declaram partilhar cordialmente do seu ponto de vista tendente á continuação da cooperação franco-ingleza, que ganhou a guerra e é mister que continui do futuro para assegurar uma paz duradoira. A resposta acrescenta que os ingleses não esquecerão nunca a grandeza dos sacrificios da França, cujas perdas humanas e materiais são maiores do que as de qualquer dos aliados. Estes são obrigados a não poupar qualquer esforço tendente a garantir a França contra todo o ataque dos antigos inimigos.—(H)

Miserias de Lisboa

A ignominia dos abortos

O que a este respeito nos declarou o sr. dr. Tovar de Lemos

—Oiça dizia-nos ha dias o sr. dr. Tovar de Lemos, sub-delegado de saude nos Anjos, a questão dos abortos, a meu ver, devia ser no jornalismo objecto duma campanha formidavel.

Não calcula o que por ahi vai! Só na minha area é rarissimo o dia em que não aparece pelo menos um feto, e por vezes o numero atinge maiores proporções.

—A que atribue v. ex.ª isso?

—Principalmente á miseria.

Mas, se observarmos bem, teremos tres factores mais principais: Primordialmente a miseria em que vivem determinadas creaturas. Supunhamos uma creada de servir. Nos primeiros tempos da sua gravidez pode trabalhar, mas depois o seu estado prolonga-se, e fica incompativel com o serviço.

Chega-lhe a hora fatal, mas logo a atemorisa a idéa de que para o futuro o filho é um impecilho que a não deixa trabalhar. Pensa em entregal-o a uma ama, mas isso custa-lhe por uma questão de amor materno. E quem lhe pagaria a despeza? Chegaria o seu ordenado para se sustentar a si e pagar a ama do seu filho? Evidentemente que não.

Assim a triste idéa dum aborto nasceu neste cerebro.

Na perspectiva desta desgraça ocorre recorrer á parteira a que nós podemos nestes casos apodar de *abortadeira*.

São umas criminosas. Quando não praticam, concorrem com a sua indignidade profissional para este flagelo dos abortos.

Entram como terceiro factor, os governos que não fazem cumprir a lei. Sabe-se que a pena aplicada no crime de aborto é de vinte e oito anos de degredo.

—E essa medida não é observada?

—Infelizmente não, como todas as coisas importantes ao nosso paiz.

Mas, repito-lhe, a imprensa no seu alto papel de moralisadora, tem o restricto dever de combater, aniquilar essa tremenda falta de moralidade e dignidade, cujas tristissimas consequencias ninguem parece ver, embora ninguem as desconheça. No nosso paiz onde os braços são poucos, esta verdade calamidade representa um sensivel abaixamento na população, o que não deixará de se fazer sentir com todas as suas funestas consequencias.

—Tudo isto pela incuria, se não inepcia governamental...

—Talvez... Se não fora o deploravel atraso da civilisação no nosso paiz nada disto poderia dar-se. E' certo que o governo podia tomar varias medidas de combate, como nos estrangeiro onde estes crimes são severa e rigorosamente reprimidos.

As Casas de Protecção, os Asilos de Infancia como os da Mendicidade são apagados, quasi desconhecidos entre nós.

Mais uma vez lhe digo que a causa principal dos crimes de aborto, não é a parteira nem tampouco provem só da incuria dos poderes publicos.

E' que a miseria em todas as suas manifestações alastra pavorosamente por todo o paiz.

—Mas para socorrer essa miseria podiam abrir-se novas casas de Mendicidade...

—Não é suficiente. O que mais convinha era intensificar a construção das «*Maternidades*».

Eu penso isto como relator do Conselho Regulador da Assistencia e neste sentido tenho trabalhado com os meus colegas.

O sr. ministro do Trabalho, Lima Duque, trabalha presentemente num projecto que tenciona apresentar ao Parlamento e que merece todo o nosso aplauso. Pensa em intensificar quanto possivel por todo o pais a construção das *Casas de Recolhimento* e as *Maternidades Secretas*, que ainda não existem entre nós, destinadas unicamente a recolher creaturas impedidas de dar livremente a luz em virtude dos convencionalismos sociais.

As *Maternidades Secretas*, existem em grande escala nas principais cidades do mundo, como na Alemanha, na America do Norte e noutros paizes.

A missão das *Maternidades Secretas*, continuou o dr. Tovar de Lemos conquanto se considerem um pouco imorais, são de grande proteção. Já em tempos existiu entre nós uma coisa semelhante a que se chamava *A Roda*.

As *Maternidades Secretas*, sustentam os filhos, educam-os e protegem-os enquanto o julgam necessario.

E assim nos despedimos do distinto sub-delegado de saude.

Os nossos artistas

Cacilda Ortigão e Tomaz Lima são ovacionados no teatro brazileiro

RIO DE JANEIRO, 11.—A ilustre cantora Cacilda Ortigão e Tomaz Lima obtiveram um estrondosissimo sucesso no Teatro Lyrico que estava repleto.—(A).

Academia de Recreio Artistico

Da Academia de Recreio Artistico, com séde na rua dos Fanqueiros recebemos e agradecemos cinco senhas para o bodo que esta Academia dará no proximo dia 14 do corrente, a fim de as distribuirmos pelos pobres nossos protegidos.

Nos dias 14 e 15 do corrente realisa esta colectividade grandiosas festas em comemoração do seu 66.º aniversario, com bailes, feira franca, e uma Festa da Flor

Theatros e Cinemas

As transformações do Chiado Terrasse

Petite boite d'art.—Novas peças e novo elenco

Luz Veloso, a ingenua do ant'go D. Amelia, seu marido Rafael Gomes e Mario Duarte dão-nos informações mais detalhadas

Entramos no Chiado Terrasse para aquilatarmos o andamento das obras de que, em conversa rapida com Mario Duarte ha dias demos conta aos nossos leitores, e que visavam tornar o Chiado Terrasse num teatro elegante, no dizer do antigo artista, uma «petite boite d'art».

No meio da poeira que a desmanchar o palco os operarios faziam, na azafama duma obra que empreitada obriga a pôr prompta em menos de 2 mezes, encontrámos Mario Duarte e rompemos:

—Será agora a ocasião de cumprir o prometido?

—E' agora, responde-nos; ainda que incompletamente dar-lhe-hei mais detalhes, ou antes que lhes daremos visto que justamente Luz Veloso está lá em baixo nos camarins com o Rafael Gomes, e assim V. poderá ouvi-los.

—Isto tudo anda a desmanchar...

—Mas esteja certo que tudo estará prompto a tempos de abrirmos a 1 de Outubro. O nosso constructor Ezequiel Lopes não nos deixará ficar mal.

E apresenta-nos ao velho mestre Ezequiel, encarregado da transformação da casa.

—Efectivamente o Chiado Terrasse é um grande recinto onde pode fazer-se um confortavel teatrinho, constatámos.

—E havemos de vencer, diz-nos Mario Duarte cheio de convicção, daquela convicção que o anima em todas a iniciativas. Em toda a parte as iniciativas desta ordem teem tido foros de exito. No Brazil, Christiano de Souza com quem falei ha dias, fez tentativa identica no Rio de Janeiro, transformando um animatografo no Trianon—petite boite—, onde ganhou uma fortuna e ao qual ainda acorrem as primeiras familias do Botafogo a primeira sociedade carioca, Leopoldo Froes, Alexandre de Azevedo que se seguiram a Christiano de Sousa na exploração do Trianon, teem tido igual exito.

—Mas os preços são só ao alcance da alta sociedade?

—Não. Os preços são ao alcance de todos e, ainda mais, acabaremos com a locação; os bilhetes custam tanto comprados de dia como á noite.

Tinhamos chegado junto de Luz Veloso que, com seu marido fazia projetos. Apresentados, á distinta actriz, com palavras de grande elogio para a imprensa, que diz venerar, sauda-nos gentilmente:

—Que seja bem vindo o representante da opinião. Que deseja desta sua poeirenta casa?

—Venho para a entrevista que Mario Duarte já lhe anunciou. Quais são os projectos? Sei que e a diretora de scena e ensaiadora e como tal a responsavel dos trabalhos scenicos. Coisas bonitas?

—Sim, muitas temos em mente, mas detalha-las absolutamente já, era não ser coerente e nós queremos anunciar apenas a verdade e havemos de levar ao fim tudo que prometermos ao publico. Posso, no entanto, desde já, afiançar-lhe, que pelo arduo trabalho e pela grande vontade de fazer um pouco de arte, havemos de chegar ao bom resultado artistico e material. Grande unidade e cuidado. Desde o botão da bota até á fita do chapeu, desde o bibelot, até ás paredes falsas da scena, tudo será cuidado. Honestidade sem vôos, mas honestidade garantida. Porque não ha de o publico brindar-nos com a sua cativante presença, se tudo quanto vamos fazer, será para ele e será como disse, gentilmente feito.

—Naturalmente vão abrir assinatura?

Responde-nos Rafael Gomes.

—Sem duvida, mas para a cumprirmos integralmente! E assim a nossa assinatura será aberta por seis recitas, no momento de a anunciarmos aberta, comprometer-nos-hemos a dar seis determinadas peças, preenchendo essas recitas.

—Isso é otimo, objectamos, porque o publico tem sido tão ludibriado com promessas...

—Pois será assim, meu amigo, assegura-nos Mario Duarte, o publico saberá o que vai ver, quando comprar os seus lugares para as seis respectivas recitas.

—E tambem daremos recitas da moda, acode Luz Veloso, provavelmente ás segundas-feiras, as quais, como as de assinatura, serão para a sociedade elegante, e sempre que pudermos nessas recitas poremos em scena uma peça em um acto a acompanhar a do espetaculo. Quem sabe se as nossas gentis espectadoras quererão apresentar-nos os seus trabalhos dramaticos num acto?

—E a respeito de originais?

—A esse respeito, diz Mario Duarte, não podendo logo no principio da nossa iniciativa abrir grandemente os braços aos principiantes para lhes permitir as primeiras provas, pensamos procurar o escritor mais recentemente discutido em teatro.

—Qual? Rafael Gomes responde-nos:

—O Dr. Alfredo Cortez, o autor da tão pleiteada «Zilda».

—Nós não queremos apreciar aqui, se o dr. Cortez, é o auctor dramatico que se impõe, mas o que sabemos é que é o mais recentemente discutido. Pois o dr. Cortez, sem nos prometer em absoluto a sua colaboração, cuja resposta no entanto, nós teremos até ao fim do mez, acolhendo a nossa ideia com palavras cheias de sinceridade, disse-nos: «Se fosse com simpatia pela ideia do vosso empreendimento, que eu fizesse a peça, desde já me comprometia, mas como é com assunto aplicavel á vossa explendida iniciativa... No entanto, eu vou pensar e como a simpatia é forte, a ideia virá e eu terei o prazer e a honra de colaborar tambem no exito da «boite»! Estas palavras são mais um incitamento.

—Mario Duarte acrescenta:

—João Bastos vai falar com os seus primorosos camaradas de trabalho, a celebre parceria, para nos dar um original para a epoca carnavalesca que, com a revista em um acto no genero de «Petite revue», que por epocas identicas o antigo D. Amelia punha em scena, e que será original de Henrique Roldão e Roberto Salles, intitulando-se «Dito e feito», formará espectaculo.

—Para finalisar, e artistas? E outras peças?

—Esse é ainda um pouco o nosso segredo, diz-nos a distincta actriz no que se refere a um certo grande artista... e a uma outra... que nós esperamos nos façam algumas das peças... Mas do pequeno grupo já fazem parte: Clemente Pinto, um novo cheio de talento; Maria Clementina, de que conto fazer uma interessante actriz e que é já uma radiosa esperança, Joaquim Miranda, o actor que, no Brazil, fez uma carreira brilhante junto de Cristiano de Sousa; Alice Pereira, que se estreia em Lisboa e que durante anos foi uma das boas figuras da Companhia Maria Falcão, e outros...

Eu e o Rafael, já se vê...

E voltando-nos para Mario Duarte desfechámos-lhe á queima roupa:

—E você resistirá á tentação de recordar os tempos idos?

—Não, não; responde-nos, eu estou afastado... não posso...

—Deixe-o falar, acode o casal artista a um tempo, ha de fazer uma peça...

—Como quem cala consente...

—Vamos ás peças.

—Principalmente italianas, diz Luz Veloso.

—Sim, está cá o Mario Duarte...

—E olhe que é teatro que se parece mais com a nossa maneira de ser e que os nossos artistas melhor representam. Mas isso fica para outra vez, apesar de já termos mei- de metade do repertorio escolhido e o que é mais, traduzido, copiado e pronto a meter a ensaios. Vá lá uma indiscrição: peça de abertura Mario e Maria de Sabatino Lopez.

Terminam assim a nossa conversa com os tres amaveis empreendedores da nova «petite boite d'art», depois de examinarmos a planta feita de acordo com a Empreza Internacional, pela qual se vê que o elegante futuro teatro terá uns vinte camarotes, frizas, balcão, e comoda plateia, fechando com um hall envidraçado.

Duvidas que surgem a proposito da «première» de «Rogerio Laroque»

E' no sabado, 13, que sobe á scena, em «première», a peça franceza—Rogerio Laroque—tradução anunciada como do senhor Acacio Antunes.

Aqui surge uma duvida. O senhor Luiz Ferreira diz-se tradutor da peça, e mostra-se-nos queixoso de não ver aplicada com igualdade a letra do decreto de 10 de Maio de 1919 que não permite que assinem traduções para o Nacional individuos que não tenham anteriormente feito representar naquele teatro alguma peça original.

O sr. Luiz Ferreira aceita de boamente a lei, mas insurge-se por não a ver cumprida para todos, e só para ele.

A este proposito, cita varias excepções referidas a autores que no Nacional teem assinado traduções, com menos respeito pela lei citada, e outros que ali teem feito ilegalmente a sua estreia.

Não deseja a «Capital» intervir directamente no assunto, mas muito para desejar seria que os interessados e acaso alvejados viessem á barra tirar a limpo duvidas desta ordem, que não são das mais edificantes.

O film do campeonato do mundo de box

Sabemos que o exclusivo do importante film do campeonato do mundo de box realisado na America entre Jack Dempsey e Georges Carpentier, foi adquirido por uns conhecidos sportsmen que não são alheios ao jornal «Os Sports».

Actriz contratada

Foi contratada para a companhia dirigida pela a grande actriz Lucinda Simões, para a proxima epoca de inverno no Teatro Politeama, a novel actriz Georgina Cordeiro, que este ano terminou o seu curso com distinção da Escola na Arte de Representar.

ULTIMA HORA

Notas politicas

Tres interpelações, nada menos, estão prestes a entrar em discussão

Como se sabe, ao governo, por diversos ministerios, foram anunciadas algumas interpelações. Para tres delas já os titulares das respectivas pastas se deram por habilitados. O sr. presidente da camara dos deputados estava hoje na disposição de as marcar para amanhã, antes da ordem do dia. Se a camara, como por vezes acontece, fizer continuar a discussão politica pelo tempo destinado á ordem do dia, mais tempo será necessario para a discussão e votação dos problemas julgados indispensaveis e que são, pelo menos, a questão duriense, o novo regimen cerealifero e os duodecimos. Pelo visto as ferias serão para as calendas gregas...

A agravar tudo isto já se vai dizendo que a oposição reconstituinte abandonará a camara, desinteressando-se da discussão e votação dos duodecimos. Se assim fôr, pode dar-se a hipotese de nunca se conseguir numero legal para a camara funcionar. A confusão, então, será espantosa.

Os dissidentes do sr. Domingos Pereira continuam na mesma posição politica

Um jornal noticiou que o grupo dissidente chefiado pelo sr. Domingos Pereira, seria dissolver, pretextando-se para isso uma pretensa falta de apoio do seu chefe durante o periodo eleitoral.

Informámo-nos a este respeito com o sr. Vasco Borges, que nos declarou o seguinte:

—Desminta absolutamente.

—A posição do grupo é então a mesma que era?

—Completamente a mesma, inalteravelmente a mesma.

A acção dos parlamentares catolicos

Já se escreveu que a principal reivindicação dos parlamentares catolicos dirá particularmente respeito ao ensino. O que nos dizem, porem, é que somente depois das ferias é que os catolicos levantarão a questão, contando, para a resolver favoravelmente para eles, com grande numero de deputados do partido liberal, principalmente daqueles que pertenceram ao extinto unionismo. Alguns parlamentares republicanos comprometeram-se, aliás, a ajudar os catolicos dando-lhes garantias disso em troco da votação que lhes foi dispensada. Afirmando-nos que ha, até, documentos escritos.

✦ ✦ ✦

Na sessão parlamentar de amanhã o sr. dr. Antonio Granjo levantará a questão dos oficiais milicianos, levando tudo a crer que a questão se generalisará.

O sr. Plinio da Silva atacará mais uma vez o sr. ministro da guerra, no que será secundado pelo sr. Carlos Olavo, sendo opinião de varios parlamentares, alguns deles liberais, que o sr. general Silveira não se aguentará na posse da sua pasta.

Por uma conversa que surpreendemos entre alguns deputados liberais, amigos politicos do sr. Granjo, soubémos que contra o sr. ministro da guerra existe uma grande má vontade, devido ao facto de s. ex.ª não se subordinar á disciplina partidaria, havendo até quem ameace de deixar o partido se o sr. Silveira dele não saír.

✦ ✦ ✦

O sr. dr. Mattos Cid apresentará em breve uma proposta de lei introduzindo algumas modificações na lei do inquilinato, alterações que foram feitas, segundo nos informaram, de acordo com o sr. dr. Catanho de Menezes.

✦ ✦ ✦

O sr. Rui de Andrade já não tenciona sentar-se nos «fauteuils» parlamentares, como era sua primeira intenção, pois parece que constou a s. ex. que, se tal fizesse, alguem lhe chegaria a roupa ao pêlo...

✦ ✦ ✦

Falando alguem no nome do sr. Carvalho da Silva deante do sr. Antonio Granjo, s. ex. perguntou muito inocentemente:

—Quem é esse sr. Carvalho da Silva?... Será o presidente da Associação dos Logistas?...—e logo apoz—E ele é deputado?!...

✦ ✦ ✦

Alguem perguntava hoje, no Senado, porque seria que o sr. dr. Catanho de Menezes abandonava o hemiciclo, cada vez que o sr. Fernando Rego pedia a palavra...

✦ ✦ ✦

Consta que o sr. ministro das colonias apresentará ao parlamento algumas modificações na lei que regula as atribuições dos altos comissarios da Republica.

Bacalhau pôdre

Respondeu hoje no tribunal dos açambarcadores no Governo Civil—João Mendes Moraes com estabelecimento de mercearia na rua do Sol ao Rato, 105, acusado de ter exposto á venda bacalhau improprio para consumo.

Não é crime de falsificação. Mais nos parece de envenenamento publico!

Calçado de graça

José Ferreira, morador na rua Damasceno Monteiro, 80 2.º foi tambem preso por furtar calçado no valor de 60 escudos ao sr. Adelino Alegre, da Rua da Mouraria, 95.

Angra do Heroismo

Deixou o cargo de capitão do porto de Angra do Heroismo, o capitão de fragata sr. Rodrigues Bastos.

PARLAMENTO

Nos Deputados

A questão do Douro

A sessão continuou ás 15 horas, com o sr. Jorge Nunes na Presidencia. Põe-se em discussão o art. 4.º da proposta, falando sobre ele os srs. ministro da Agricultura e Plinio Silva.

O artigo foi aprovado.

Os artigos seguintes 5.º e 6.º são aprovados sem emendas.

O art. 7.º é aprovado com uma emenda.

A sessão continua.

No Senado

Preside á sessão o sr. Augusto Barreto, secretariado pelos srs. Pessanha das Neves e Mendes dos Reis.

Aprovam a acta 35 senadores.

Antes da ordem do dia

O sr. André de Freitas envia para a mesa um projecto de lei que se refére aos contratos realisados entre o Estado e os adjudicatarios de obras publicas.

Codigo administrativo

O sr. Alfredo Portugal (liberal) depois de dirigir as suas saudações ao sr. Presidente do Senado e a toda a Camara, começa por dizer que lhe causou verdadeira estranheza, a dissolução da Comissão encarregada de elaborar e preparar um projecto do Codigo Administrativo, feita por decreto de 27 de Julho ultimo, que fôra creada pelo decreto de 12 de Agosto de 1919. Espraia-se em considerações sobre a confusão de disposições em vigor que embaraçam e dificultam a administração distrital, municipal e das freguezias.

O orador refere-se ainda aos Codigos 1878 e 1896, e ainda ás leis n.º 88 de 7 de Agosto de 1913 e 621 de 23 de Junho de 1916, que regula a vida dos corpos administrativos, e péde finalmente que se cumpra o art. 85 da Constituição Politica da Republica Portugueza. Termina as suas considerações pedindo que a nova comissão a nomear, se o sr. ministro o fizer, seja composta de 3 membros apenas, para que sejam mais proficuos tambem os seus trabalhos.

Entre o orador e o sr. Jacinto Nunes trocam-se algumas explicações sobre o mesmo assunto.

Respondendo, o sr. ministro do Interior (...) Hipolito) declara ter mandado uma circular para as Camaras, a fim de que elas se manifestassem sobre este assunto, e, reunidas as respostas, com outros trabalhos que já existiam, poder então nomear uma comissão apenas de tres membros para a elaboração dum Codigo.

A' hora de fecharmos este extracto a sessão continua.

Filha que roubou a mãe

Foi presa Maria Gonçalves sem residencia, por ter furtado a sua mãe Belmira da Gloria, rua Victor Bastos J. A. P. objectos de ouro e prata no valor de 240$00.

A pesca do atum

Os armadores da pesca do atum reclamaram contra o despacho do sr. ministro da Marinha que mandou levantar a armação denominada R... maihe, que lança na costa do Algarve.

Os referidos armadores vão no proposito de recorrer para os tribunais, caso a sua reclamação não seja atendida.

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS—A's 21.30 «Os seductores».
S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21.30 h.—«O celebre Pina».
POLITEAMA—A's 21,30 h.—«A Rainha do Fonografo».
APOLO—A's 21,30 h.—«A' procura do badalo».
EDEN—A's 21,30 h.—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Tróiaró».
GIL VICENTE—Aos domingos, segundas e quintas-feiras espectaculo.

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Acudindo á Russia esfomeada

Organisam-se os socorros internacionais

PARIS, 11.—O sr. Briand expoz, a questão do auxilio á Russia. «O governo francez, disse ele, pensou que esta reunião de nações não poderia desinteressar-se da grande desgraça que fere o povo russo. Todos os aliados, e a França particularmente, não devem esquecer o auxilio que a Russia lhes prestou durante a guerra. O sr. Briand propoz que os aliados se juntem em grandes sociedades humanitarias, sem que, todavia o seu concurso tenha caracter oficial.

Sugeriu ainda que os aliados se associem ao esforço americano da Associação de Socorros para entrar em relações com o povo russo, com o auxilio do governo tcheco-slovaco. O sr. Lloyd George mostrou-se de acordo com o sr. Briand sobre a necessidade de levar socorros ao povo russo. Expoz, contudo, as dificuldades do problema, pois que perto de 25 milhões de pessoas foram atingidas pela fome e pelo colera.

Será muito dificil levar socorro á Russia se o seu governo não der facilidades ás organisações da Cruz Vermelha. Será preciso, sobretudo, transportar trigo que existe em determinadas regiões da Russia para outras menos afortunadas. O sr. Bonomi prometeu a colaboração da Italia e, do mesmo modo, o representante do Japão.

O sr. Harvey, representante americano, declará que estava á disposição dos aliados para prestar todos os esclarecimentos uteis sobre as intenções do comité americano, presidido pelo sr. Hoover. O sr. Japão sugeriu a nomeação de um comité especial, encarregado de tomar todas as medidas uteis. Finalmente, o Conselho resolveu provocar a constituição de uma comissão internacional, encarregada de estudar a possibilidade de levar socorros ás populações russas atingidas pela fome.—(H.)

Salão Central

Os famosos «Cavaleiros da Lua» estão a despedir-se do publico. Hoje, ainda teremos os tres penultimos episodios da afamada pelicula de aventuras, o que constitue mais um sucesso para os seus protagonistas os ilustres artistas Art Acord e Heldred Moure. O resto do programa é preenchido pelo encantador drama de Gorge Ohnet, «O grande industrial», trabalho colossal da eminente tragica Pina Menichelli.

Amanhã duas soberbas estreias: o 18.º e ultimo episodio, intitulado «A ultima proeza», dos «Cavaleiros da Lua», e «A bela francesinha», um drama delicioso do repertorio da formosissima e genial actriz Carmela Mierse.

LOTARIAS

O gordo saiu desta vez no numero 6721—40 contos.

O feliz que comprou o 4954 está a esta hora a rir-se com 6 contos. Ao 7199 couberam 2 contos. Com um conto se regosijará aquele que tiver o 8564. O resto são premios de consolação.

Vida Sportiva

BOX

Reunem hoje novamente os dirigentes da Federação Portugueza de Box

Na sede do Gimnasio Club Portuguez, reunem hoje pelas 21 horas, os dirigentes da Federação Portugueza de Box juntamente com os delegados dos clubs.

A reunião tem por fim eleger a nova direcção e aprovar os regulamentos e estatutos.

NO ESTORIL

Uma festa de natação em piscina

No proximo domingo realisa-se na piscina do Estoril uma festa de natação organisada pelo Club Nacional de Natação e Casa Pia Atletico Club cujo programa de provas é o seguinte:

Jogo da barra—C. N. N. e C. P. A. C.; Corrida de estafetas—(equipes de 10 nadadores); Saltos artisticos C. N. N. e C. P. A. C.; Corridas de velas para nadadores C. N. N.; Lucta de de tracção a 4 nadadores C. P. A. C.; Demonstração de «water-polo» C. N. N. e C. P. A. C.

Tomam parte nesta festa cerca de 40 nadadores».

Os socios do C. N. N. e do C. P. A. C. apresentando a sua cota do mez de julho teem um desconto de 30 por cento na compra dos bilhetes

NAUTICA

O Club Naval de Lisboa vae promover um passeio á Arrabida

O Conselho director do Club Naval de Lisboa, com o fim de proporcionar aos seus associados um dia agradavel, resolveu promover no dia 21 do corrente um passeio á Arrabida para o que, fretou já um dos melhores vapores, para conduzir os socios e familias.

Os bilhetes podem requisitar-se desde o dia 15 na secretaria do Club.

Na Capital do Norte

Vae realisar-se no dia 21 uma regata entre o Club Naval de Lisboa e Club Fluvial

Motivada ainda, pelas questões levantadas quando das regatas do Campeonato de Portugal de Remo, a direcção do Club Fluvial Portuense endereçou ao Club Naval de Lisboa o seguinte oficio:

«A Direcção do Club Fluvial Portuense, toma a liberdade de convidar o Club da digna presidencia de V. Ex.ª a fazer-se representar nas regatas que se levarão a efeito no dia 21 do corrente, para disputa da Taça «Labor et Libertas», cujo regulamento e boletim de inscrição enviaremos por estes dias.

Este convite, a que se pode chamar repto, é a consequencia da nossa conduta no Campeonato Nacional de Remo, obrigando a nossa tripulação a retirar de Lisboa pelas razões apontadas no seu protesto dirigido á Federação de Remo.

Desde já podemos garantir a V. Ex.ª que os barcos serão absolutamente iguais e serão dadas todas as facilidades aos dignos associados desse Club que nos derem a honra de aceitar o nosso convite, devendo a sua adesão ser-nos enviada até ao dia 14 do corrente».

Temos informações para garantir que o Club Naval aceita o repto, devendo por isso correr no Porto no dia 21 do corrente.

NOTICIAS

Novas

O conhecido atleta Maurice Deriaz, que atualmente está em Paris, desafiou por intermedio do jornal «Os Sports» todos os lutadores do mundo para um match de luta livre a realisar em Portugal.

—Fundou-se em Portimão um novo club de natação que será patrocinado pela Liga Portugueza dos Clubs de Natação.

—Realisa-se no sabado no Sporting Club de Portugal, uma assembleia geral que promete ser concorrida.

—Partiu na terça feira ultima de Paris o magnifico boxeur francez Chassagne.

Velhas

A proxima epoca de foot-ball iniciar-se-ha no mez de Outubro com um desafio entre Portugal e Espanha.

—Não está ainda assente o dia da partida do Imperio Lisboa Club para Espanha.

—A Assembleia da Associação de Foot-ball de Lisboa deve efectuar-se e 20 a 25 deste mez.

—No dia 14, realisa-se na vila do Barreiro uma festa de sport, com o seguinte programa:

Corridas de 100, 1.500, 5.000 metros, saltos em altura, com corrida, saltos á vara, box, em que toma parte Faustino Pereira; luta greco-romana, forças combinadas, jogo do pau e desafio de foot-ball entre um team do Barreiro e o team dos «Onze Amigos», de que fazem parte Armenio, Bastos, Pimenta, Rio, Crespo, Alfredo Augusto, Peixinho, João Morais, Jesus, Victor Gonçalves e Francisco Correia.

—Não se realisa no domingo a festa de box no Stadium.

A CAPITAL

3858 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R.Norte,5,1.º; Impres.R. da Bica,71 | LISBOA — Sexta-feira, 12 de Agosto de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

A apatia do governo

Na reunião do Grupo Parlamentar Democratico foi aprovada uma moção, que o sr. João Camoezas apresentou, e segundo a qual aquele grupo resolve apraticar os atos necessarios a conduzir o governo ao abandono da sua inexplicavel apatia, levando-o a encarar de frente os instantes problemas da administração publica, cuja seleção é a cada momento mais imperiosa.

Embora não nos seja de maneira alguma agradavel constata-lo, o facto é que esta moção se justifica.

Constituiu-se, com efeito, o actual governo nas mais favoraveis condições. Tinha por si uma grande corrente da opinião publica, que desejava ver o poder finalmente isento da predominante influencia democratica, sem ser necessario recorrer a novas e contraproducentes tentativas revolucionarias; tinha por si as esperanças depositadas nos homens publicos que se encarregavam da direção do Estado e que ainda não estavam gastos por nenhuma acção governativa; tinha até por si a maior parte, pelo menos, do partido democratico, desejosa de retemperar-se na oposição, porque no seu seio haviam ocorrido dissidencias graves, e precisava mostrar que esse partido não tinha a ambição de ser como que o dono exclusivo da Republica. Todas as circunstancias davam ao governo do sr. Barros Queiroz força e autoridade para encarar de frente os mais inadiaveis problemas de administração, entre os quais avulta, necessariamente, o da carestia da vida.

Mas que tem feito o governo?

Triste é dize-lo: nada. Ou, antes, o que tem feito só tem concorrido para o desprestigiar e incompatibilisa-lo com a propria opinião que com tanta simpatia o acolheu.

Com efeito, que outra cousa não foi senão uma medida repulsiva a atitude tomada pelo sr. ministro da guerra na questão dos oficiais milicianos?

Não só se cometeu um acto que ofendeu a sensibilidade moral do paiz inteiro, como dele derivou a saida do sr. Antonio Granjo do governo, que assim perdeu um dos seus elementos mais prestantes e mais ilustres.

Estamos então condenados a não vêr o governo preocupar-se senão em perseguir oficiais dignissimos, a quem a Patria e a Republica devem os mais altos serviços, ou a procurar reduzir á miseria o funcionalismo publico, cabeça de turco para todos os governos que não teem a coragem e a isenção de arrastar com os grandes especuladores, cuja acção está reduzindo a sociedade portugueza positivamente ao desespero?

Não pode ser. O grupo parlamentar democratico tem, neste ponto, toda a rasão. A apatia do governo, em relação a tudo quanto é essencial á nossa vida é absolutamente inexplicavel. Somos insuspeitos, falando assim, porque nenhuma má vontade nos move contra o governo, tendo discordado apenas do seu procedimento para com os oficiais milicianos. Mas não podemos ocultar a nossa decepção na presença duma tal inercia, que vai deixando encaminharem-se os problemas nacionais para tremendos desenlaces.

Por essa parte, é inegavel que uma grande parte do partido democratico tem procurado sustentar o governo, apesar de com isso ir de encontro á opinião de muitos dos seus correligionarios. A essa parte pertence o apresentante da moção, o sr. João Camoezas que no seu jornal, «A democracia», tem expendido desassombradamente o parecer de que se deve deixar governar os liberais. Mas ha coisas em que se não pode transigir, e a salvação nacional é uma dessas.

Nos Balkans

LONDRES, 12. — Segundo noticias de Athenas o ex-rei Fernando da Bulgaria intentou ha dias penetrar em territorio bulgaro, o que não conseguiu fazer por ter sido descoberto pelo pessoal aduaneiro. A «Westminster Gazette» que esta tentativa se relacionava com o «complot» recentemente descoberto para derrubar do governo o sr. Stanbolisky.

ANGORA, 12. — Em conformidade com a decisão tomada de evacuar esta cidade, trata-se de remover os documentos da Assembleia Nacional e os archivos publicos para Cesarêa. — (H).

Movimento maritimo

ESPICHEL, 12. — Navega para o norte um couraçado sem bandeira. — (H).

Bairros Sociais

Os empregados e com moradores dos Bairros Sociais, em reunião, resolveram distribuir por todo o paiz um manifesto em que se façam certas reclamações que reputam convenientes acerca do assunto.

UMA REVELAÇÃO GRAVE

O governo tem de intervir!

Está indicado o caminho da fronteira aos estrangeiros que perturbam a vida nacional

Chamamos a atenção do governo para a extraordinaria revelação feita hoje num jornal da manhã. Estamos sofrendo as desastrosas consequencias duma consideravel depressão cambial. A libra custa novamente perto de 40 escudos. Se o cambio continua a firmar-se, não tarda que a divisa sobre Londres entre novamente na casa dos 5.

Não pretendemos analisar agora até que ponto tem influido na baixa a reacção provocada pelo desmentido que os factos trouxeram a afirmações imprudentemente feitas. Limitamo-nos a dizer ao governo que é indispensavel que a revelação a que nos referimos seja convenientemente apurada em todos os seus detalhes.

A situação do paiz não pode continuar á mercê de especulações de qualquer especie.

Diz-se que a descida do cambio é devida, talvez, «á mais fraudulenta manobra de que ha memoria no nosso paiz». O governo tem o dever de imediatamente tomar as providencias que essa afirmação reclama. Impõe-se o completo esclarecimento da acusação, para se averiguar se ela repousa em algum fundamento serio e, neste caso, serem castigados implacavelmente os criminosos.

Não se trata duma afirmação vaga, mas da possibilidade da existencia dum facto concreto: a tal manobra fraudulenta que teria feito descer o cambio de 8 a 6. O governo, pelos seus elementos de informação, pode proceder ás indagações necessarias para o apuramento da verdade. Se a suposição é falsa, que venha o desmentido oficial, terminante; se é verdadeira, que não se faça demorar o mais implacavel dos castigos para os autores e cumplices da criminosa manobra.

Em assunto tão grave, do qual pode depender a salvação ou a ruina do paiz, é intoleravel que o espirito publico seja sugestionado com atoardas tendenciosas, com falsas informações, com ameaças inspiradas em fins ocultos.

No artigo onde aparece a extraordinaria revelação diz-se que os «autores da ignobil pouca vergonha ou passam a fronteira a galope ou não ha forças humanas que os livrem do mais sombrio dos quartos de hora.»

Não sabemos se a referencia á passagem da fronteira significa que a suspeita recai sobre qualquer estrangeiro que esteja causando graves perturbações na vida nacional. Se assim é, mais uma rasão para o governo agir imediatamente, não esperando que o criminoso ou criminosos passem a fronteira, tomando ele a iniciativa de lá os conduzir pelas mãos da policia, se outra pena mais grave não tiver de ser aplicada.

Isto é que não pode continuar: a vida da nação á mercê de especulações criminosas. Não se compreende que um jornal possa sem, mais materia de manobras fraudulentas para a descida cambial, aquilo que o governo não mostra ignorar. Demasiadamente tem sido perturbada a regularidade da vida economica nacional por toda a casta de campanhas, noticias falsas, especulações revoltantes. O resultado de todo esse choque de interesses ilegitimos, de todo esse jogo em que a vida da nação está em causa, mostra-se na depressão cambial que se vem acentuando por forma assustadora.

O governo tem de intervir. São estrangeiros os responsaveis por esse mal? Fronteira, se não for antes aconselhada a deportação após julgamento sumario! São nacionais? Cadeia com eles! Nenhumas contemplações! Campra o governo o seu dever que não lhe faltará o apoio entusiastico da opinião publica para as medidas energicas que a situação está exigindo.

O ENCARECIMENTO DA VIDA

O sr. Peres Trancoso, antigo comissario dos abastecimentos

diz-nos que para debelar a crise que estamos atravessando se torna necessario tabelar os generos

Na «Bijou» fomos ha pouco procurar o sr. Vasco de Vasconcelos, a quem queriamos entrevistar sobre a atitude dos populares perante a actual situação politica, pois constou-nos que o Partido Popular ia em breve entrar num nova fase de actividade e propaganda.

O sr. Vasco de Vasconcelos não se encontrava, infelizmente para nós, no conhecido *mentidero* politico, e seguimos Avenida abaixo, pensando no assunto que deviamos escolher para o nosso artigo quotidiano.

Proximo a «Abadia» encontrámos o sr. Peres Trancoso, antigo comissario dos Abastecimentos, e julgámos interessante colher a opinião de s. ex.ª acêrca do encarecimento progressivo dos generos alimenticios.

—Que nos diz v. ex.ª acêrca do encarecimento da vida, agora que o cambio está um pouco melhor?

O sr. Peres Trancoso sorriu-se e, depois de meditar um momento na resposta a dar, disse-nos pausadamente:

—O encarecimento dos generos alimenticios só se pode explicar pela criminosa especulação que o alto comercio está fazendo porque, V. não o ignora, joga-se mais na venda desses generos que na propria Bolsa!...

«P. de lá compreender-se o motivo porque o assucar aumentou de preço repentinamente, estando a libra cotizada a quarenta escudos!

«Demais, eu sei muito bem que esse assucar foi comprado com o cambio da divisa 9, e portanto a alta desse genero só se pode atribuir á ganaciosa especulação dos vampiros do comercio, que não perdem jámais a ocasião de sugarem os magros cobres das suas victimas, que neste caso somos todos nós, em geral.

—Como pensa V. Ex.ª que se poderia remediar essa tremenda situação, reprimir os abusos dos pouco escrupulosos comerciantes?

—Continuando a tabelar os generos indubitavelmente—respondeu-nos logo sr. Peres Trancoso.

«O Estado devia adquirir os generos, tabela-los, e vende-los directamente ao publico por intermedio dos seus armazens reguladores, obrigando os comerciantes que tambem os quizessem adquirir a forneceu-los ao publico ao preço da tabela.

—O que, naturalmente, faria com que os generos tabelados viessem a faltar no mercado...

—Enganou-se!—fizeram vivamente o sr. Trancoso—E um erro que é esse que o tabelamento traz semelhantes consequencias, pois v. sabe bem que durante o tempo em que eu fui comissario dos abastecimentos, os generos existiam em abundancia, faltando unicamente o azeite, e esse mesmo por culpa dos proprios ministros, pois aconteceu que, por varias vezes, sem ordem minha, deram ordens contrarias ás minhas. Os grandes comerciantes de azeite tinham a protecção dos governantes e eu pouco poderia fazer.

Mas, mesmo assim, veja v. o que aconteceu com o sr. Alfredo da Silva, que apezar do seu enorme poder foi obrigado a entregar-nos todo o azeite que possuia.

«No entanto, todas essas minhas medidas provocaram os odios de muita gente, e eu recebi inumeras cartas ameaçando-me de morte, como ainda as recebo hoje, pois creio que se falou já em mim para ocupar de novo o cargo de comissario dos abastecimentos.

«Mas, fique v. certo, não é por medo, bem entendido, mas eu não aceitaria mais esse alto cargo que tantos dissabores me acarretou. Eu gostava e queria ser autónomo no desempenho do meu lugar, e isso não convinha aos governantes.

—E a respeito da questão do pão?...

—Sómente lhe poderei dizer o que v. já sabe: que o pão é cada vez mais ordinario e intragavel.

«Eu, pelo menos, não o posso comer, e sirvo-me de bolacha para o substituir.

«O governo compra o trigo a 80 centavos para o vender a 40 centavos, o que no ano passado lhe deu um prejuizo de 80 mil contos, e este ano acontecerá o mesmo, estou bem certo.

«Pode ser que o contracto dos 50 milhões de dollars venha beneficiar a nossa situação economica, se for a uso ele for bem feito e estudado com criterio. O futuro nos dirá o que ha de util e proveitoso nesse contracto!...

E sorrindo dum modo que bem demonstrava a incredulidade de s. ex.ª nos resultados beneficos do contracto, o sr. Peres Trancoso apertou-nos a mão e lá foi caminho de sua casa.

A Espanha em Marrocos

500 soldados que estavam em Arruit vão para Burriaguel

MADRID, 12. — Parece que 28 oficiais e soldados da posição de Mont Arruit conseguiram reunir-se ao general Navarro, achando-se 11 oficiais em casa dos chefes da «harka» 500 soldados dos que se achavam em Mont Arruit foram levados para a kabila de Burriaguel, outros estão em Benisidel, achando-se os restantes em Nador. O emissario indigena, que veiu a Melilla propor o resgate do coronel Ortiz, da posição de Mont Arruit, acha-se prisioneiro da kabila de Quebdane.—(H).

Soldados dispersos

MELLILA, 12 — Supõe-se que estejam salvos, mas dispersos, 700 soldados que ocupavam o Mont-Arruit. Com o fim de evitar que entrem na praça mouros dos aduares rebeldes o general Cavalcanti instalou-se com as suas forças no Zoco das encostas do fortin *Rainha Regente*. Nas posições avançadas ha tranquilidade.

DOIS DEDOS DE PALESTRA

O dr. Julio Dantas e "O Reposteiro Verde"

As amendoas de D. Beltrão -- Um rebuçado de jornalista — Uma promessa que promete

Um colega da tarde, entrevistando ha tempo o sr. Cunha Leal, disse que o logoso ex-ministro das Finanças era extraordinariamente inventivel até o infinito. Não sabemos se o colega entrevistou alguma vez o sr. dr. Julio Dantas. Se não o entrevistou aconselhamo-mo-lo a que o faça, porque não perderá o seu tempo. O sr. dr. Julio Dantas é o politico portuguez mais entrevistavel.

Reclamamos para s. ex.ª mais esse titulo, que se não é de gloria, tambem não é para se desprezar.

Mas porque é o dr. Julio Dantas o politico mais entrevistavel?

Porque s. ex.ª abordado por nós para nos falar sobre politica, conseguiu prender-nos a atenção já por duas vezes e durante largo tempo, sem quasi nos dizer cada sobre o assunto que nos levou a procura-lo.

Bem estudado o dr. Julio Dantas, reconhece-se que s. ex.ª tem uma divisa, divisa que se esforça por não trair nunca:—«Amendoas de D. Beltrão de Figueirôa»—.

O jornalista preguntou.

—Qual é a opinião de v. ex.ª acerca da constituição das atuais camaras?

Repare o leitor na resposta, e depois diga-nos que não é uma amendoa, uma das amendoas deliciosas amendoas que D. Beltrão oferecia á sua amada prima e com que ele tho tapava a boca mal lhe adivinhava uma confissão de amor.

—Terei nisso o maior prazer, tanto mais que o meu partido tem empenho que o publico compreenda qual é a sua atitude perante a atual situação. Desejo mesmo ser agradavel ao meu amigo dizendo lhe o que penso sobre o assunto. Que diabo, somos ambos jornalistas... havemos de nos entender... Mas sobre a minha obra de que eu mais gosto, devo dizer-lhe que não gosto de nenhuma».

Reparou o leitor? Já viu uma retirada mais artistica?

O sr. dr. Julio Dantas, afirmando a um jornalista que não gostou de nenhuma das suas obras era mais que certo que lhe desviaria a atenção, como de facto nos sucedeu.

Mas teria o ilustre escritor falado verdade?

Seria possivel não gostar das suas obras, daquelas obras que constituem acontecimentos quando veem a publico, e que tem sido o mobil porque tantas mulheres se lhe teem rendido?

Afirmamos já ao leitor que o dr. Julio Dantas mentiu, com sua licença.

—Creia que não gosto das minhas obras. Todas elas teem falhas. E o que é mais interessante é que as grandes falhas das minhas obras ainda ninguem deu por elas!

—Pode v. ex.ª dar-nos um exemplo?

—Isso não. Sobre esse ponto peço-lhe que não me interrogue.

E continuando:

—Não julgue que falo assim por «snobismo» ou por vaidade. Não.

O leitor repare agora nesta transição que o nosso ilustre entrevistado foi o proprio a preparar:

—Isto é, ha uma porque tenho um certo fraco...

—Qual?

—Pela «Patria». E tambem um pouco pelo «Reposteiro Verde». Sim, «O Reposteiro Verde» tem-me dado um certo praser, um certo orgulho. Calcule que em Espanha fizeram dele tres traduções. A primeira «La Cortina Verde» que era a que tinha os direitos de tradução. «A segunda «La Cortina Roja» que se representou no «Princeza» de Madrid, e a terceira «La Cortina Blanca».

«A proposito dessas traduções,— continuou o sr. dr. Julio Dantas,— recebi um admiravel documento que possuo e que teria o maximo prazer em mostrar-lho (agradecemos e aceitámos para a primeira ocasião) assinado por Enderis, Vicente, Galdoz, Quintera, Benavente, Carrillo, etc.»

E agora o nosso ilustre entrevistado diz já decamedianite:

—Ou! o «Reposteiro Verde»... Ele foi até á Grecia... E, levado por Kolondi, aquela soberba, divina mulher, que é a estrela dos teatros do Oriente até Constantinopla.

E continuou, sempre com aquela serenidade que o carateriza:

—Veja lá, meu amigo, se não é melhor falarmos destas coisas do que de politica, dessa coisa enfadonha.

Nesta altura voltámos á carga com a politica. Foi s. ex.ª que nol-a lembrou.

—Bem vê, eu tenho grandes responsabilidades, visto que sou «leader» de um partido, tenho que lhe falar com uma certa precisão. Por isso mesmo (e o amigo certamente se não zanga, porque, diabo!, sendo nós ambos jornalistas havemos de nos entender) peço-lhe que espere até amanha. Olhe: até talvez lhe traga alguma coisa escrita. (Outra amendoa?) E' claro que não é por duvidar da fidelidade com que o amigo certamente reproduziria as minhas ideias...

Desta vez cabia a nós o direito de adoçar a boca ao sr. dr. Julio Dantas.

—Até agradeciamos a v. ex.ª. Isso seria uma felicidade. Nem falamos mesmo mais sobre o assunto.

Restada a conversa sobre «O Reposteiro Verde» derivou depois ela para assuntos de teatro. Segundo o nosso entrevistado a grande epoca do nosso teatro foi aquela em que pontificaram D. João da Camara e Marcelino de Mesquita.

Gil Vicente foi um caso esporadico, como outros se deram em outros seculos.

—Bem, sr. doutor, então amanhã...

—Sim, senhor, sempre ás ordens do meu amigo.

Nota curiosa. Esta entrevista foi feita no Senado da Patria e no espaço compriendido entre os dois grandes reposteiros verdes por onde se entra. Teria havido influencia de local?

O Potentado de Santo Amaro contra os interesses do publico?

Lemos com surpreza nos jornais uma prevenção ao publico em que a Companhia dos Electricos pretende fazer oposição ao livre transito das carruagens que uma nova Sociedade Portugueza de Camionagens, com organisação cooperativista, vae pôr na rua para serviço dos seus accionistas, e não do publico em geral como parece deprehender-se.

Não temos procuração de uns nem de outros, mas na nossa missão de bem defender os interesses da população em geral, somos a dizer que as novas carruagens, que temos lido e sabemos, serão de uso particular, como outros quaesquer automoveis ou trens de praça, pois não pode delas servir-se quem quer, mas os donos— que serão os accionistas.

Demais, no nosso entender, o que a Companhia dos Electricos teria a fazer, primeiro que tudo, seria bem servir o publico, como se determina no seu respectivo contrato, e não interromper nem permitir que se interrompa tão a miudo a circulação dos carros como tem sucedido.

A nosso ver, numa capital como Lisboa, a cima de todos os privilegios e prerogativas, ha que respeitar os interesses ofendidos e prejudicados de quando a quando por causa dos caprichos de salarios de operarios e aumento das tarifas.

Depois da Companhia se ilibar das suas faltas, serão por ventura atendiveis quaesquer reclamações que não briguem com o direito constituido, e as regalias do povo lisbonense.

Não estará o povo ainda farto de não ter conduções, ou ver-se obrigado a paga-las pelos preços exorbitantes e caprichosos das traquitanas que nos exploram em ocasião de gréves?

A questão da Alta Silesia

O plano industrial de Lloyd George

PARIS, 12.—A comissão dos peritos entregou de manhã o seu relatorio, que conclui pela existencia em toda a bacia industrial de 16 zonas inseparaveis, das quais 10 claramente polacas e 6 alemãs, achando-se entre estas ultimas Beuthen, Kattowitz, Gleiwitz, Zabrege e Kœnigshutte.

O sr. Lloyd George propoz o traçado aprovado pelo delegado italiano, o qual, deixaria a Alemanha o triangulo industrial, com excepção da parte leste de Kattowitz e á Polonia Moklowitz, Schoenwald, Deutschegzernen, e Myslowitz com as suas minas e as fabricas de zinco.

O traçado do sr. Lloyd George, na parte industrial da Alta Silesia, corresponde completamente á linha primitiva Percival-Demaris, que atribuia á Polonia os distritos de Rybnick, e Pless, muito extensos, mas dificilmente exploraveis e pouco produtivos, deixando á Alemanha Beuthen, Zabrege, Gleiwitz, e outros centros industriais em plena exploração.

O projecto anglo-italiano, depois de examinado, será presente ao conselho de ministros de amanhã e o sr. Briand entregará ao sr. Lloyd George, antes da sua partida para Londres, a resposta do gabinete francês.

A fraca maioria de votos a favor da Alemanha não justificaria em caso algum a atribuição á Alemanha da totalidade ou quasi totalidade da região industrial.

O projecto, que põe tudo isto em relevo, opta pela intangibilidade da zona.

PARIS, 11. — Chamado por causa das negociações irlandesas, o sr. Lloyd George deve voltar para Londres no dia 12. O sr. Lloyd George propoz um novo traçado da fronteira, que o sr. Briand submeteu á apreciação dos peritos franceses. No final do conselho de ministros francês, que se deve realisar de madrugada, o sr. Briand tornará a encontrar-se com o sr. Lloyd George. Depois da sua partida as negociações, por parte da Inglaterra, serão conduzidas por Lord Curzon.—(H.)

As propostas de finanças

Continuação da analise-critica á proposta-força do sr. ministro das Finanças, respeitante ao funcionalismo publico

Na serie de artigos que temos publicado, condenando a proposta força, abrimos um parentesis destinado á exposição de ideias que podiam servir de base a uma lei inteligente, capaz de produzir, automaticamente, a redução do funcionalismo publico. Comprimos assim o dever de apontar os males e indicar os remedios. Se nos limitassemos a atacar, pura e simplesmente, a obra do sr. Barros Queiroz, poderiamos, com justa razão, ser invectivados de facciosos, incapazes de produzir nada util e apenas aptos para o desempenho do facil e comodo papel de «bota-abaixo», inexcrupulosos e irresponsaveis. Não, isso não! Nunca «A Capital» adoptou, como programa politico, a formula da destruição «á outrance»; é, pelo contrario, tradição deste jornal substituir o que é mau pelo que é bom, segundo, evidentemente, o nosso criterio, que pode ser errado, mas é sempre exposto com boa fé, clareza e inexcedida coragem moral. No presente caso já cumprimos com o dever que impõe a consciencia a um verdadeiro critico. O resto não é comnosco, porque, feliz ou infelizmente, não somos legislador nem membro de qualquer outro poder do Estado.

Posta a questão assim, julgamos ter adquirido suficiente força moral para a condemnação, que continuamos a pronunciar, da proposta-força, em tão má hora enviada pelo sr. Barros Queiroz á Camara dos Deputados.

E' interessante verificar que nenhuma voz se levantou, ainda, para defender as ideias e principios expostos na proposta-força. Pelo contrario: todos os jornais a condemnaram, a maior parte expressamente e uma minoria guardando sobre ela um silencio que é significativo, sem deixar de ser prudente... Se, portanto o sr. Barros Queiroz lesse jornais, já a estas horas teria retirado do Parlamento a desgraçada proposta-força, com o pretexto, aliás muito digno, de que ia reforma-la em bases novas.

O sr. Barros Queiroz não ignora, por certo, o proverbio latino que reconhece a fatalidade do erro humano; e, mesmo que fosse doentiamente vaidoso (que não é), não se iria capaz de imaginar-se subtraido ás leis humanas desde que subiu a ingreme escada, tão escorregadia desse modesto Olympo que se localisa no Terreiro do Paço.

E' possivel, todavia, que o sr. Barros Queiroz não leia jornais, como, aliás, já tem acontecido com outros estadistas, mais ou menos feitos á pressa. Nesta ultima hipotese, singular desilusão está reservado ao chefe do governo! E virá a ser que, quando menos o esperar, rugirá em torno de si a opinião publica, reclamando contra a proposta-força, — e por tal forma que o sr. Barros Queiroz ver-se-ha obrigado, não a retirar apenas a proposta-força, mas a ir para o ostracismo politico, ele... mais o seu governo. E note que não falamos em rocha Tarpeia nem nela acreditamos!

O nosso conselho (que, mesmo sem nos ser pedido, temos o direito e até o dever de dar ao governo da nação) é que seja retirada a proposta-força, não para ser inutilisada mas sim para ser remodelada, em bases novas, justas e equitativas. Não servem aquelas que já foram expostas nas colunas de «A Capital»? Se não servem imaginem outras, quem souber e puder — e quem, principalmente, tenha obrigação de o fazer. Mas não basta condenar, sem dizer porquê, as ideias dos outros. E como nós estamos persuadidos que não é para desprezar uma formula que não sobrecarrega o Estado nem prejudica os funcionarios, instamos com o governo para que nela medite.

Entretanto e antes de mais nada, retire o aborto antes que ele entre em decomposição, que é como quem diz, em discussão. Veja o governo que não melhor amigo do que aquele que a tempo avisa!...

Maravilhas da Sciencia

Uma das maiores conquistas scientificas da Grande Guerra—A ligação aerea do mundo—As viagens de longo curso pelos ares—Milhares de sacos numa hora!

As modernas aplicações da sciencia no progresso vão sendo de tal maneira assombrosas, que não nos dispensamos de lhe dedicar de quando a quando algumas referencias.

Hoje ocupar-nos-hemos da conquista dos ares! não já uma quimera como a fantasiou o nosso Luiz de Gusmão, nem um brinquedo como o pensou, embora já com propositos scientificos, o velho Montgolfier.

As primeiras tentativas deveram-se em verdade ao brazileiro Santos-Dumont, mas a guerra foi o factor que apressou os melhoramentos mais fundamentais da aviação.

Os zepelins estão um pouco postos de parte, por serem dispendiosos e de mais dificil manejo, embora possam vir a utilisar-se no Comercio, com certas modificações, para transporte de maior tonelagem.

Por agora triunfou o mais pesado. São os aeroplanos, nas suas variantes, os que batem o record da navegação aerea.

O que ha neste momento de mais interessante são as multiplas aplicações destes aparelhos e os seus usos praticos á vida planetaria, até agora não previstos, e que premitem esperar grande avanço em varios ramos do progresso e da civilisação.

A's modernas espirações já não basta o uso das aeronaves para transporte de passageiros, serviço de correios ou lançamento de explosivos em caso de guerra.

Os novos horisontes da aviação

Quer-se mais, e muito mais se vai conseguindo. Agora pretende-se explorar metodicamente a fotografia aerea em auxilio ás sciencias astronomica, meteorologica e topografica, e tambem ao cinematografo.

Ainda por aqui se não fica. Ha que organisar um serviço de rondas, policiamento e patrulhagem aerea. Trata-se tambem de aplicar as aeronaves á fiscalisação dos mares, criando-se flotilhas aereas de socorro e salvamento a naufragos em todas as latitudes e longitudes oceanicas.

Os grandes inventos principiam por uma insignificancia, que o estudo aturado e o tempo se encarregam de ir transformando em colossos. Quando o sabio grego Solon pela primeira vez verificou que o ambar batido com uma pele de gato atraia os corpos leves—«electron», electricidade—, haveria alguem capaz de prever que vinte seculos depois—na actualidade—esta grande força de actividade viria a ser capaz de iluminar cidades, mover navios, animar os mais poderosos maquinismos, e transportar gente e mercadorias atravez do mundo em comboios de velocidade vertiginosa?

Ninguem.

Todavia tudo isto se tornou uma realidade que já nem sequer nos impressiona.

As grandes carreiras postais e comerciais aereas — O percurso regular e periodico de 3.372 kilometros pelo ar

O serviço comercial e postal aereo vai atingindo o desejavel grau de perfeição. Europa já tem alguns serviços internacionais de correio aereo rasoavelmente bem montados.

Nos Estados Unidos acha-se em plena e próspera actividade uma linha comercial aerea para passageiros e encomendas entre Cabo Hueso e Habana, realisando assim o estreitamento de relações entre o Estado da Florida e a Capital da Republica Cubana.

Para isto se construiram aeronaves adequadas, com a amplitude de 30 metros e munidos de motores Liberty da força de 400 cavalos.

São verdadeiros navios que fluctuam nos ares, oferecendo segurança, até mesmo nos casos de serem forçados a descer ao mar, onde tem condições de fluctuar e navegar.

Os passageiros nesta carreira já não vão confinados dentro de uma barquinha acanhada. E' curioso saber-se que esta nova Companhia de Navegação Aerea creou nos seus aparelhos a maior soma de comodidades confortaveis com o actual estudo do problema.

Os passageiros do ar nesta empresa teem salão com, fauteuils, aparelhos para encosto, mesa para jogos de cartas, xadrez e outros, além de iluminação para de noite!

Assim se chega a viajar pelos ares, quasi sem se dar por isso!

Não faltam, porem, na America do norte varias outras empresas aereas a ligar as principais capitais dos diversos Estados, em serviço regular, com horario definido e condições de segurança.

A linha de navegação aerea entre S. Francisco e Nova-York, destinada a ligar o Atlantico com o Pacifico, é actualmente a maior do Novo Mundo.

Uma verdadeira maravilha, pois faz um percurso aereo de 3.372 kilometros.

Os grandes estadistas modernos preocupam-se deveras em elaborar um futuro Codigo Internacional de legislação aerea, para o que será provavel que venha a ser convocado um Congresso Internacional para assentar as bases gerais deste grave problema. Tambem a Diplomacia se ocupa neste momento com a conveniencia ou inconveniencia de ligar diplomaticamente os Estados todos do mundo por um serviço oficial e internacional aereo.

A industria acelerada. Milhares de sacos por hora

Descendo agora dos ares para a terra, a fim de descansar das emoções recebidas, falemos de uma cousa muito mais modesta, mas não menos util e proveitosa.

Trata-se de uma nova maquina inventada e já em aplicação para fazer sacos de papel de qualquer tamanho, forrados de pano ralo, e aplicaveis a assucar e outros artigos do comercio a retalho.

O essencial desta nova maquina é o pouco espaço que ocupa—91 centimetros por 2 metros e 74—e a facilidade de a pôr a funcionar. Basta para isto um motor de um cavalo-vapor, e a intervenção de um só rapaz ou ra-

VIDA SPORTIVA

Provas de Natação

Os Campeonatos de Lisboa organisados pela liga no correio a disputar se no domingo

Inicia-se no domingo, pelas 12 horas, na doca de Alcantara, os campeonatos de 100 metros de 400 metros, de bruços, e de 800 metros, em estilo livre, cuja organisação está a cargo da Delegação de Lisboa da Liga Portugueza dos Clubs de Natação.

Para a prova de 400 metros estão inscritos: pelo Sport Algés e Dafundo, os srs. Rodrigo Bessone Bastos, A. Pela, José Ferreira, Ramiro Vit, Monteiro e Anastacio Mosal; pelo Casa Pia Atletic Club, os srs. Silva Marques e Reis Pinto; pelo Sporting Club de Portugal, N. N.; e pelo Clube Nacional de Natação, o sr. Gustavo Pereira da Costa.

A' prova de 800 metros concorrem: pelo Sport Algés e Dafundo, os srs. Rodrigo Bessone Bastos, Basilio dos Santos e Alves Miguel; pelo Sporting Club de Oeiras, o sr. Manuel Silva Gomes.

Realisa-se tambem uma prova de 100 metros para nadadores *juniors* e outra de 60 metros para os outros das escolas de natação do G. C. P., S. A. D., C. P. A. C. e C. N. N.

O juri destas provas é constituido por delegados dos clubs concorrentes e representantes da Liga Portugueza dos clubs de natação.

CICLISMO

A prova dos 50 kilometros do Lusitano Club Ciclista — Um comunicado oficial

Da direcção do Lusitano Club Ciclista recebemos com o pedido de publicação o comunicado que segue:

«A' comissão de Sport que constituia o juri da nossa prova de 50 quilometros, realisada em 7 p. p. pede por este meio a declaração do seguinte:

Na vespera de se realisar a corrida dois membros do juri, trocando impressões na U. V. P. com alguns corredores que sportivamente se chamem *Os favoritos* eles lhe declararam que os 50 kilometros eram *terriveis* e que o menor tempo em que se podiam fazer era de 2 horas e tal.

Ora com tais declarações, o juri, tomando-os como verdadeiras não podia de maneira nenhuma contar com uma surpresa pois que julgando o tempo de 2 horas suficiente para a prova, compreendeu 5 minutos antes da dita ou seja depois e chegados os 2 primeiros corredores que fizeram o tempo em 1,40m,30, isto é o segundo e 1.º em 1,40m, é o motivo da não comparencia do juri á chegada o que contamos não acontecer mais em futuras corridas, mesmo que tivessemos trocado impressões com alguns corredores nos as tomaremos como bases.

E' lamentavel que factos destes venham a publico; estes só demonstram apenas, a falta de interesse pela maioria dos «competentes» que hoje imperam no sport.

NAUTICA

Os clubs protestam pelo aumento excessivo de contribuições

O Conselho director do Club Naval de Lisboa acaba de dirigir-se ao Club Fluvial Portuense pedindo-lhe a sua adesão bem como a de todos os Clubs Nauticos do paiz, á representação que vai entregar ao sr. ministro das finanças e ainda ao Parlamento, contra as novas contribuições lançadas sobre a marinha de recreio que a conservarem-se como estão, vão obrigar os Clubs a fecharem as suas portas e ainda a desaparecerem os poucos barcos de recreio que ainda existem entre nós.

E' necessario pois, que os clubs nauticos do paiz não aboiem as medidas que o C. N. L. vai tomar, com o fim de valorisarem e tratem do assunto.

ATLETISMO

O «Criterium» do Casa Pia

No domingo, pelas 16 horas, no Campo de Palhavã, terminam as provas do concurso de sports atleticos «criterium» organisado pelo Casa Pia Atletico Club.

Box na Figueira da Foz

Consta-nos que os organisadores dos ultimos combates de box que se tem efectuado entre nós, pensam ir á Figueira da Foz, realisar uma importante festa, na qual tomará parte o campeão do Sul da França, Mario Gall e outros boxeurs de categoria.

Chassagne em Lisboa

Confirma-se a nossa noticia de ontem sobre a vinda a Lisboa do magnifico boxeur francez Chassagne que segundo parece encontrará Mario Gall.

Consta que uma tripulação hespanhola disputará a prova o que a unirá mais ainda.

A direcção do Club Naval espera conseguir, da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, passagens a preços reduzidos, para quem quizer assistir as regatas.

A Travessia do Tejo por equipas

Parece que o Club Naval de Lisboa pensa realisar a sua travessia do Tejo por equipes.

Federação Portugueza de Box

Eleição de corpos gerentes

Realisou-se hontem na sede do G. C. P. a eleição dos corpos gerentes da F. P. B. que deu o seguinte resultado:

Presidente, Francisco Nobre Guedes; Conselho technico, Francisco Xavier de Araujo, Miguel Silveira e Humberto Caldas; Conselho administrativo, Julio Cesar de Carvalho para tesoureiro; Ivo Ferreira para secretario e Raul Bastos para vogal.

No dia 15 realisa-se a posse.

Na Figueira da Foz

As regatas da «Taça Vitoria»

Realisam-se na Figueira da Foz, nos dias 17 e 18 de setembro proximo, as regatas da «Taça da Vitoria», adquirida, por subscripção, entre os representantes de todas as nações aliadas, e cuja organisação está a cargo da Associação Naval 1.º de Maio, de Figueira.

Disputa-se na de desta importante prova, o Club Naval de Lisboa o seu detentor, em 1919 e 1920, tendo corrido contra a Associação Naval de Lisboa, Ginasio Club Figueirense e Associação Naval 1.º de Maio da Figueira da Foz.

Esta regata, constitui uma brilhante festa, que atrae á formosa praia da Figueira uma numerosa assistencia de banhistas, assim como de sportsmen, que de Lisboa e Porto ali ocorrem para assistir a essa importante prova de remo. O conselho director do Club Naval recebeu dessa cidade a comunicação de que um grupo de gentilissimas senhoras acaba de se constituir em comissão para promover um brilhante baile em honra da tripulação vencedora.

...pariga de 15 anos para produzir 2500 sacos em cada hora de trabalho.

Requere pouca sciencia para se pôr a funcionar, regula o tamanho dos sacos conforme se deseja, e pode multiplicar muito a produção, levando o numero de operadores e aumentando a rapidez dos movimentos.

Uma grande maravilha na ordem mesmo das cousas pequenas.

ULTIMA HORA

Notas politicas

Hontem, na reunião dos parlamentares democraticos, foram feitas revelações da mais extrema gravidade

Não vamos seguir, neste brevissimo relato, a ordem cronologica que foi adotada na discussão dos parlamentares democraticos hontem reunidos para a definição da atitude politica do grupo Inverieres nos, pelo contrario, essa ordem, por nos parecer mais interessante sob o ponto de vista do leitor — unico que nos preocupa e guia.

Comecemos... pelo fim.

O «clou» da sessão foi o discurso pronunciado pelo sr. coronel Manuel Maria Coelho, politico de destaque e, conjuntamente, administrador da Caixa Geral dos Depositos. E' por esta ultima circunstancia uma personagem com autoridade especial em assuntos financeiros.

E foi de assuntos ou negocios financeiros que se tratou. Segundo as nossas informações, que são precisas e dignas de credito, o sr. coronel Manuel Maria Coelho reve ou ao grupo que existia um *complot* de homens de negocios, interessados em manter a depressão cambial.

O sr. coronel citou nomes, um deles de personagem com alta representação oficial. Nestas condições, o sr. Manuel Maria Coelho expoz a opinião de que não seria possivel, por imoral, continuar a dar apoio, mesmo platonico, a um governo que protegia negocios ou negociatas.

Estas foram, essencialmente, as revelações do ilustre parlamentar, com afirmações mais precisas, mais concretas e mais pormenorisadas do que por nós são expostas.

Outra questão, que se tratou, foi a do adiamento dos trabalhos parlamentares. Ha um pormenor curioso: apenas o sr. Pereira Osorio, senador, se pronunciou a favor do adiamento. Os outros parlamentares, por unanimidade, regeitaram a medida, que, aliás, seria muito do agrado do sr. Antonio Maria da Silva.

Esta ultima circunstancia confirma a convicção de muitos politicos quando asseguram que a influencia do sr. Antonio Maria da Silva, junto do seu partido, não é tão decisiva como geralmente se crê.

O governo foi, aliás, atacado com crueza, especialmente pelo sr. Portugal Durão, que se mostrou impiedoso na exposição dos erros governamentais e até daquilo que ele proprio classificou de crimes.

Esta atitude do grupo parlamentar democratico, conjugada com os boatos de que toda a cidade tem conhecimento, é preciosa para aqueles que tenham empenho ou necessidade de prever a sequencia dos acontecimentos politicos.

E' de notar que o sr. Antonio Maria da Silva não assistiu á reunião, sendo tambem estranho que o mesmo fizessem quasi todos os outros membros do Directorio.

As relações luso-brasileiras

O sr. senador Julio Dantas felicitou hoje o sr. ministro dos estrangeiros pela reabertura da Agencia Financial do Rio de Janeiro. Este facto — acrescentou o sr. Julio Dantas — será, muito provavelmente, o inicio duma era nova, *dissolvendo-se os atritos existentes entre os dois governos.*

O sr. ministro dos estrangeiros, em resposta, não ratificou estas ultimas afirmações do ilustre senador sr. Julio Dantas, o que deixa a impressão de que (contra desmentido então produzido) houve realmente um momento em que não foram cordiais as relações entre as Necessidades e o Itamaraty.

Um discurso do sr. Vasco Borges

O sr. Vasco Borges, ilustre deputado dissidente, pronunciou hoje um excelente discurso de oposição valendo-se, habilmente, de lhe caber a palavra para comprimentos ao novo titular da pasta do comercio. A parte mais interessante do discurso do sr. Vasco Borges foi um formal ataque ao sr. Eusebio Leão, ministro de Portugal em Italia. Nesta ordem de ideias o sr. Vasco Borges perguntou por que motivo o conde Sforza, ministro dos Estrangeiros da Italia, se recusou assistir a um chá oferecido pelo sr. Eusebio Leão ao corpo diplomatico.

Outras revelações foram feitas pelo sr. Vasco Borges, mas, neste logar, não convém reproduzi-las. O leitor as encontrará, resumidas, no extrato parlamentar.

O que não oferece duvida é que o sr. Vasco Borges prendeu a atenção da camara, deixando mal ferido o sr. Eusebio Leão. Não será possivel, naturalmente, reproduzir, ainda neste jornal, a resposta do sr. Melo Barreto, ministro dos estrangeiros, cuja eleição pelo sr. Eusebio Leão é demais conhecida, talvez mais por acto reflexo do partido unionista que por convicção ou sentimento proprio.

Prisão dum gatuno

Burlou em 300$00 uma casa de penhores

A policia prendeu hoje Antonio Batista, C. do Poço dos Mouros, A. B. loja, por ter burlado em 300$00 uma casa de penhores sita na rua Eugenio dos Santos 49, 1.º, de que é proprietario Joaquim Bolo Carvalho, rua de S. Cristovam, 32.

PARLAMENTO

Nos Deputados

O sr. Vasco Borges faz uma interpelação sobre a questão politica

O sr. Almeida Ribeiro estranha que se esteja em sessão prorrogada ha já tantos dias e interroga a mesa sobre o motivo porque não se trata de dar andamento ao projecto de 27 de abril de 1920 alterando o funcionamento das sessões do Congresso, em sessões publicas e sessões privadas.

O sr. Presidente informa, quanto ao primeiro caso que não é com ele e no segundo que na altura devida o projecto entrará em discussão.

O sr. Aboim Inglez propõe que a sessão seja prorrogada até domingo, utilisando-se os dois dias de descanço para se tratar da questão cerealifera.

O sr. Carvalho da Silva invoca o regulamento dizendo que tal se não pode fazer.

O sr. presidente concorda, mas a camara é quem resolve.

O sr. Aboim Inglez justifica-se lembrando a importancia do assunto.

Nesta altura o sr. Presidente do Ministerio apresentou á Camara o novo ministro do comercio sr. Fernando Costa; o sr. Carvalho da Silva faz votos por que s. ex.ª seja agora mais feliz e se demore mais tempo no poder do que quando organisou ministerio; o sr. Antonio Granjo faz votos por que esteja no poder o tempo suficiente para poder cumprir o seu programa; o dr. Vasco Borges aproveita a ocasião para fazer algumas considerações sobre a obra do governo.

O sr. dr. Vasco Borges faz uma verdadeira interpelação ao sr. presidente do ministerio sobre as questões dos cambios, exportações, negociações diplomaticas e outras, demorando-se principalmente com a questão comercial entre Portugal e Italia.

A proposito pergunta ao sr. ministro dos Estrangeiros porque foi que o conde de Sforza não assistiu ao chá que o sr. Eusebio Leão ofereceu em Roma ao generalissimo Diaz de regresso do nosso país. Lê á Camara uma entrevista concedida por aquele diplomata a um jornalista e critica o pelas informações nela contidas.

Quando eu fui ministro dos negocios Estrangeiros, diz, se quiz algumas informações de Roma elas me foram enviadas pelo sr. dr. Pedro Martins.

O orador depois de fazer o elogio do sr. dr. Duarte Leite chama ainda a atenção do sr. ministro dos Estrangeiros para varios assuntos. Termina dirigindo palavras asperas para o governo que fez as peores eleições de que ha memoria.

(Agitação na sala).

O sr. Vitorino Guimarães faz votos por que o sr. ministro do Comercio possa contribuir para o engrandecimento da Republica.

O sr. Lopes Cardoso pregunta se ó sr. Fernandes Costa perfilha a obra do sr. Antonio da Fonseca.

O sr. Presidente do Ministerio. Já disse á Camara que s. ex.ª segue a obra do sr. Antonio Granjo que era por sua vez a do sr. Antonio da Fonseca.

O orador continua, dizendo que não percebe bem como o sr. Antonio Granjo tivesse sido substituido pelo sr. Fernandes Costa ó que não achava plausivel que isso tivesse sucedido, como li nos jornais, pelas ideias do sr. Antonio Granjo ir escrever uma peça de teatro. (Risos).

O sr. João Camoezas: — Pregaram-lhe uma boa peça!

O orador pergunta ao governo se foi certo a eleição de Aveiro ter sido preparada duma maneira vergonhosa como se tem dito, no gabinete do sr. governador civil de Aveiro.

O sr. Mario de Aguiar acha justos todos os elogios feitos ao novo ministro, mas lembra que se esta em sessão prorrogada e se não pode perder tanto tempo com questões politicas. Chama a atenção do governo contra certos atentados que ultimamente se teem praticado no Porto contra os monarquicos.

A sessão continua.

No Senado

O sr. dr Julio Dantas lamentou que o sr. presidente do Ministerio não tivesse dado conhecimento ao Senado da Recomposição Ministerial; o sr. José Maria Pereira, Herculano Galhardo e Julio Dantas congratulam-se com o facto da Agencia Financial ter voltado ao estado anterior; o sr. Simões Machado chama a atenção para a epidemia de tifo que grassa em Vila Real; o sr. Herculano Galhardo chama a atenção do ministro do Comercio para as pessimas condições em que se encontra o deposito de agua dos Barbadinhos.

A sessão continua.

POEIRA DA ARCADA

Realisou-se hoje demorada conferencia entre o sr. presidente do Ministerio e os srs. Inocencio Camacho, governador do Banco de Portugal; Bento Mantua, chefe da 1.ª repartição da direcção geral da fazenda publica; dr. Moura Pinto, Ferreira da Rocha e Belchior de Figueiredo. Depois realisou-se outra conferencia entre o sr. Barros Queiroz e os srs. ministro da Agricultura e comissario geral interino dos abastecimentos e por fim o ex-ministro do Comercio, sr. dr. Antonio Granjo conferenciou com o Chefe do governo.

✦ ✦ ✦

Parte na proxima segunda-feira para o norte, no goso de 60 dias de licença, o sr. dr. Antonio Rico, chefe do gabinete do sr. ministro da Agricultura. Tambem segue para o norte, o engenheiro agronomo sr. Melo e Sabo secretario do mesmo ministro, e apresentaram-se ao serviço os secretarios srs. Alfaro Cardoso e alferes Calixto Morgado.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro da Agricultura concedeu 150$ para premios da exposição pecuaria que se reabria em Sintra em 27, 28 e 29 do corrente.

✦ ✦ ✦

O sr. Antonio Augusto Ferreira de Macedo foi provido definitivamente no cargo de chefe de divisão dos serviços administrativos da Biblioteca Nacional.

✦ ✦ ✦

O sr. João Pereira Martins de Lemos foi nomeado professor da 15.ª cadeira da Escola de Belas Artes de Lisboa.

Incendio violento

Desasseis casas a arder — Frontal que desaba — Familias sem abrigo

Esta manhã, pelas 6 horas, apareceu a arder, parte da vila Dias em Xabregas, onde residem bastantes familias na sua maioria de operarios dos diversos estabelecimentos fabris das proximidades.

O incendio começou no 1.º andar 23, onde mora o cabo da guarda fiscal Joaquim Antunes Barata, que ha dias se ausentára de casa, com destino á terra, tendo o sinistro tomado proporções assustadoras, destruindo 16 habitações, chegando por fim a desmoronar-se o frontal da parte do edificio que se compunha de rez-do-chão e primeiro andar.

A origem do fogo é bastante misteriosa, sendo absolutamente inverosemivel a afirmação que dizem ter o fogo começado no madeiramento do telhado, em consequencia de faulhas de comboio.

O que está provado, até agora, é o incendio ter começado na habitação do guarda fiscal, e em virtude da falta de agua, e ainda pela circunstancia da propriedade ser bastante velha.

Os prejuizos incidem sobre o corpo central, na ala direita de quem entra na vila, indo do beco dos Toucinheiros.

Como é de calcular são importantes os prejuizos que estão cobertos pelas companhias Fenix, Fomento Agricola, A Lisbonense, Garantia, Atlantica e Europa.

Miserias de Lisboa

A ignominia dos abortos

Palavras autorisadas

A nossa local de hontem, com este mesmo titulo e sub-titulo, foi assunto dalgumas conversas, reflectiu-se extraordinariamente em alguns cerebros com o aplauso unanime de todos os nossos leitores.

Assim é que o sr. dr Faria de Castro nos escreve uma carta a que gostosamente damos publicidade, por consistir não só um autentico documento ao que ora dizemos, como tambem pela prasenteira coadjuvação que este ilustre clinico e amigo d'*A Capital* nos vem prestar nesta propaganda *quão moralisadora como de alto valor combativo.*

São as seguintes as honrosas palavras do sr. dr. Faria de Castro:

Sr. redactor: Como velho amigo e leitor do seu conceituado jornal, a qual rendo neste momento as minhas mais calorosas homenagens, venho escrever-lhe e divagar um pouco acerca da interessante local do numero de hontem, em que sob o titulo de, *Miserias de Lisboa*, e talvez iniciando uma campanha quão moralisador como de alto valor combativo, o seu jornal procura extinguir esse terrivel flagelo dos abortos.

Esse mal cujas consequencias aterradoras recaem sobre nós todos, porque nós todos temos o dever de combater, extinguir, reprimir os males do país, só agora foi levantado pelo seu jornal, como se só agora se reconhecesse a necessidade absoluta de o combater.

As razões do aborto, deixe-me dizer-lhe, só as devemos atribuir, como disse o sr. dr. Tovar de Lemos, á pouca civilisação do nosso povo. Quanto mais não fosse, bastava que as mulheres portuguezas tivessem um pouco de amor maternal, mas a mulher portuguesa, conquanto tenha uma intensa sensibilidade e sensualismo moral, não tem aquele profundo sentimentalismo que tão bom seria. Ela não conhece o seu papel na sociedade, ela ignora o seu factor preponderante nas classes sociais, ela não sabe que é a principal mentora do sexo oposto.

Quanto a mim é preciso, é necessario, é mesmo urgente imo abrir-lhes os olhos e mostrar-lhe o profundo abismo em que mergulham.

Combata-se não a população portuguesa, mas sim o mau raciocinio das mulheres do povo.

Sem outro assunto creia-me grato, amigo, etc. etc.

Anibal Faria de Castro

Conferencias

Amanhã, 21, no Centro Escolar Republicano de Santos, á rua de S. João da Praça pelas 21 horas, presidida pelo sr. dr. Magalhães Lima, sendo conferente o sr. engenheiro José de Jesus Pires, com assistencia de varias agremiações que foram convidadas.

Uma gentileza

Recebemos nos escritorios da nossa Redação e muito agradecemos a amavel visita que immensamente nos penhorou, do senhor Charles-Eugenes Bonin, ilustre Ministro Plenipotenciario e Enviado Extraordinario da Republica Franceza ao nosso paiz.

Cordialmente lhe retribuimos os nossos agradecimentos.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

S. LUIZ — A's 21,30 — «De Capote e Lenço».

GINASIO — A's 21,30 h. — «O celebre ...».

AVENIDA — A's 21,30 h. — «Guardado está o bocado...»

POLITEAMA — A's 21,30 h. — «A Rainha do Fonografo».

APOLO — A's 21,30 h. — «A' procura do badalo».

EDEN — A's 21,30 h. — «Pé de dança».

SALÃO FOZ — A's 20,30 e 22,30 — «Tróiaró».

GIL VICENTE — Aos domingos, segundas e quintas-feiras espectaculo.

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

«Gente de Paz»

E' este o titulo da revista que brevemente entra em ensaios pela empresa Augusto Gomes, do teatro Apolo, original do nosso colega na imprensa, A. Victor Machado e Fernando Ferreira.

A revista, que nos dizem estar polvilhada de graça sem pornografia, e «charge» politica sem agressão, e musicada pelos maestros Luz Junior e Vasco Macedo.

Os titulos dos seus quadros, são os seguintes: 1.º acto, 1.º quadro: «Idéas novas... processos velhos»; 2.º «A' espera do Berbiculho» 3.º «Lixo Nacional» 4.º «Prato do dia» 5.º «Sentimento Luzitanos». 2.º acto; 6.º «Rei quises e novidades» 7.º «Campos em flor» 8.º «Terra Portugueza, (apoteose).

Contracto entre actores

Fechou esta tarde contracto com a Empreza Dramatica, Limitada, pertencente á Companhia Luz Veloso, que explorará o Chiado Terrasse, e de acordo com a Empreza Antonio Macedo, o actor Teodoro dos Santos.

Educação moderna

Realisou-se hontem a conferencia do sr. Araujo Regallo

Nas salas da Academia Sportiva realisou ontem o nosso colega de redacção, sr. Araujo Regallo, a sua primeira conferencia, subordinada ao tema «A Educação Moderna».

O ilustre conferente salientou com rigor, o papel ocupado pela mulher na sociedade moderna, e aquele que ela verdadeiramente deveria ocupar.

O conferente foi escutado com muito interesse pela assistencia que era numerosa, tendo sido muito cumprimentado.

EXAMES

Faculdade de farmacia

Terminaram o Curso desta Faculdade os seguintes alunos: dr. Raul de Carvalho e Manuel Pinheiro Nunes, distinctos; João Porfirio, aprovado.

CLUB MILITAR NAVAL

Conferencias e sessões

Do Club Militar Naval recebemos e agradecemos um convite para a sessão que este Club projecta efectuar na proxima terça feira 17, pelas 21 horas, na qual quatro oficiais da armada farão conferencias, salientando as mais importantes e urgentes necessidades da Marinha portuguesa, assistindo o sr. Ministro da Marinha parlamentares, homens politicos etc. etc.

A CAPITAL

3659 — 12.° ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.°; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sabado, 13 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Simbolos da Patria

Solemnisa-se amanhã a grande figura do Condestavel, e para esse fim já desde o ano passado a Republica decretou que fosse este dia de feriado oficial. E' mais um vinculo que prende o Portugal de hoje ao Portugal do passado, é mais um elo que afirma a continuidade nacional. Tudo quanto concorra para robustecer no espirito publico o culto da Patria é util, é necessario, talvez devamos dizer ainda mais: é urgente.

Nós não podemos esquecer que, acima de todas as nossas paixões, acima mesmo dos nossos principios mais amados, se levanta um poder mais alto, e que é o da consciencia nacional, determinando que em todas as nossas acções nunca esqueçamos que a Patria nos contempla e que o nosso dever é sempre prestigial-a e engrandecel-a, e nunca comprometel-a ou prejudical-a.

Para isso nada mais revigorante do que a memoria dos grandes homens que á Patria consagraram o seu esforço, que a ilustraram pelo seu genio, que a engrandeceram com as suas virtudes, e entre esses nenhum mais gentil, nenhum tão bela, tão pura, tão heroica e tão sublime como a de D. Nuno Alvares Pereira.

Ha paizes que teem, como o nosso, encarnações supremas do ideal da sua raça. A França, berço de tantas extraordinarias figuras historicas, celebra, acima de todas, a de Joana d'Arc, a humilde pastorinha de Domrémy, que, apesar de fraca, ignorante e inculta, soube libertar o seu paiz do estrangeiro conquistador. Nós temos a figura de Nuno Alvares, tão intrepido que foi heroe e tão bondoso que foi Santo, e em bravura e bondade sublimadas se incarnou de preferencia o brazão de Portugal.

Seria mais do que um erro, seria um crime pretender quebrar nesta admiravel tradição de oito seculos de existencia a continuidade historica que a autentica como uma das mais resistentes que se teem formado no mundo.

Houve um tempo em que, sem representar verdadeiramente uma intenção de dissolução desses laços, se falou na formação duma patria nova. Era uma expressão excessiva. O que se queria dizer era que Portugal devia ingressar em novos moldes de civilisação e progresso. Mas é preciso ter muito cuidado com certos termos que se prestam a acepções muitas vezes diversas das que lhes deram aqueles que as empregaram. A patria é sempre a mesma, e tanto se revelou no passado como se revela no presente e ha de revelar-se no futuro. Todos nós, portuguezes, a reivindicamos em bloco, e tanto a prezamos e nos gloriticamos de ser seus filhos, ao recordar as grandes datas de 1385 e de 1640, como nos orgulhamos, de maneira egual, ao rememorar a data não menos gloriosa de 5 de outubro de 1910.

Em Nuno Alvares Pereira vemos uma figura simbolica da Patria, como a França considera a sua Joana de Arc. Tambem o aceitamos em bloco.

Admiramos a sua bravura e a sua santidade. Ambas eram do seu tempo. Em ambas se refletia esta inocente e ingenua alma portugueza, tão forte nas batalhas da vida como enlevada nas aspirações do ceu.

De 1385 até aos nossos dias muitas transformações politicas e sociais se teem efectuado na terra portugueza. Isso, porém, em nada afecta o espirito nacional. Nenhuma forma de governo, nenhuma organisação social, é incompativel com caracteres tipicos da raça. Pelo contrario. Pelo heroismo e pela virtude chegamos ás maiores concepções da liberdade e da justiça. São as duas grandes colunas do templo da Patria em que só não rendemos o culto os que forem maus portuguezes.

Noticias politicas de Espanha

MADRID, 13.—O sr. Maura que, como se sabe, foi encarregado de formar gabinete, conferenciou esta tarde com os srs. conde de Romanones, La Cierva, marquez de Alhucemas e presidentes do senado e do congresso, e mostrava-se ai um mais horas gabinete com o resultado das suas gestões. E' proposito do sr. Maura formar um gabinete com representantes de todos os grupos conservadores e liberais.

MADRID, 13.—O sr. Maura espera ter hoje ás 4 noite formado gabinete.

MADRID, 13.—Esta constituido o ministerio da presidencia do sr. A. Maura:

Estrangeiros, Gonzalez Hontoria; Guerra, La Cierva; Interior, Coelho; Portugal; Finanças, Cambó; Justiça, Francos Rodrigues; Obras publicas, Maestre; Instrução, Silió; Trabalho, Matos; Marinha, marquez de Cortina.—(H).

Cruzada Nacional D. Nuno Alvares Pereira

A festa da Patria

No quartel do Carmo foi hoje pelas 15 horas distribuido um bodo a mil pobres.

O FAMOSO CONTRACTO

As afirmações da "Capital"

foram hontem absolutamente confirmadas na Camara pelo sr. presidente do ministerio

As palavras que o sr. presidente do ministerio ontem proferiu na Camara dos Deputados, em resposta ás interrogações do sr. Vasco Borges sobre o contrato dos 50 milhões de dollars vieram confirmar inteiramente tudo quanto n'*A Capital* se escreveu sobre o assunto. Para o demonstrarmos não temos mais que transcrever algumas das afirmações que fizemos.

Escrevemos n'*A Capital* em 7 do mez passado:

«O contrato não consiste apenas na abertura do credito, porque esse facto nada significa desde que o governo não declare, por uma forma expressa, que aceita as condições propostas para o fornecimento dos artigos a adquirir no mercado americano. Só se o governo reconhecesse a idoneidade bastante para uma adjudicação dessa natureza. Ele que declare, em nota oficiosa, que já aceitou aquelas condições! Ele que informe o publico de que considera suficientemente acautelados os interesses do Estado no texto das negociações realisadas em Paris por intermedio da sociedade de Anvers! Ele que o diga—e nós acreditaremos.

Não fez ontem o sr. presidente do ministerio essa declaração.

No dia 13, ha precisamente um mez, escreviamos novamente:

«Insiste-se na afirmação de que o governo já fechou as negociações relativas á compra de trigo, carvão e algodão, pela abertura do credito de 50 milhões de dollars. Podemos continuar afirmando que essa noticia carece de fundamento.

Precisamente porque as condições comerciais da operação não foram ainda esclarecidas por forma a ficarem bem salvaguardados os interesses do Estado e da economia geral no paiz é que a questão se encontra hoje colocada nos mesmos termos em que estava ha duas semanas.

Reputamos esta informação de origem absolutamente segura, como podemos tambem afirmar que os intermediarios ainda não garantiram por uma forma insofismavel que os preços dos artigos a adquirir serão realmente os preços em vigor no mercado americano, porque lhes acrescentam «despezas inerentes» cuja origem e importancia não determinaram ainda.

Estes são os factos, insusceptiveis de qualquer desmentido».

E de tal forma eram, na verdade, insusceptiveis de qualquer desmentido, que o sr. presidente do ministerio ontem declarou que ainda aguarda que os fornecedores americanos lhe façam a proposta concreta, definitiva! Evidentemente, se a proposta fôr vantajosa, o governo aceita-a, se não fôr, repele-a.

No dia 22 de julho escreviamos:

«Continua a fazer-se uma confusão prejudicial com a atitude do governo perante o contracto dos 50 milhões de dollars. Pelos esclarecimentos vindos a publico, é facil depreender que as negociações entaboladas se referem á utilisação dos creditos. Sem possuirmos quaisquer informações oficiosas, sobre o assunto, visto que o governo ainda não julgou oportuno fazer declarações precisas e terminantes, supomos no entanto que se trata ainda de saber o preço real das mercadorias e artigos a adquirir, determinando-se duma forma clara quais são as «despezas inerentes» a que a proposta se refere. Pretender que o governo aceite, de olhos fechados, aquilo que os intermediarios propõem, não é, com certeza, defender os interesses do Estado.

O sr. presidente do ministerio confirmou ontem as nossas palavras, dizendo que se tem trocado correspondencia para a fixação das condições em que os fornecimentos poderão ser feitos. Como nós afirmámos havia negociações entaboladas para a utilisação do credito.

O que o sr. presidente do ministerio não quiz dizer, mas nós garantimos, sem receio de nenhum desmentido, é que o sr. Manuel de Noronha lhe pediu, para o trigo, uma percentagem minima de dois por cento, querendo que essa comissão e outras ficassem abrangidas nas «despesas inerentes» mencionadas numa clausula. Dai resultava que não haveria, de facto, qualquer limitação aos lucros dos intermediarios.

Em poucas palavras: *A Capital* afirmou que a assignatura do contracto para a abertura do credito não obrigava o Estado á sua utilisação comercial—e que esta utilisação dependia do esclarecimento duma das clausulas da operação, para que o Estado soubesse qual o preço exacto por que vinha a adquirir os artigos importados da America.

O esclarecimento deve constar da proposta definitiva que o sr. presidente do ministerio declarou esperar dentro de poucos dias. Ou os intermediarios encolhem as garras, e a abertura de credito é utilisada; ou persistem no seu plano de aumentar fabulosamente as fortunas que já possuem—e o governo só terá, neste caso, um caminho a seguir: dispensar os seus «bons oficios» e negociar directamente com o sindicato financeiro americano.

Os honorarios do Chefe do Estado

Serão aumentados para 60 mil escudos?

Assinada por vários deputados, vai ser apresentada no Parlamento uma proposta de lei aumentando para 60 mil escudos os honorários do sr. Presidente da Republica, e concedendo-lhe uma verba variavel para as despesas de representação.

Tambem nos informa alguem que muito de perto priva com o sr. dr. Alvaro de Castro, que s. ex.ª tencionava apresentar na Camara uma proposta de lei, pela qual os chefes do Estado são obrigados a viverem dentro do Palacio de Belem, ou noutro qualquer préviamente escolhido para tal fim.

Se tal facto fôr verdadeiro, como julgamos, os deputados que apresentarem essa proposta merecem os maiores louvores, pois não podemos compreender a indiferença das Camaras perante a situação mesquinha e deprimente do sr. Presidente da Republica, que tem actualmente 24 contos de subsidio!

Chega a parecer incrivel que num paiz onde se têem esbanjado as mais importantes verbas em futilidades, num paiz onde se têem nomeado comissões e comissarios auferindo centenares de escudos, muitas vezes sem nada produzirem de util, se conceda ao primeiro magistrado da Nação a miserável, a ridicula soma de 24 contos anuais!

Ainda ha dias, no desempenho da nossa profissão, fômos á residencia particular do sr. Presidente da Republica e observámos a triste scena de ver-mos s. ex.ª servido pela vulgar creadinha que qualquer burguez tem em sua casa!...

Qualquer diplomata estrangeiro que se lembre de ir cumprimentar o chefe do Estado á sua residencia particular, ha de trazer de lá a bem pé-sima impressão de nos julgar inferiores aos mais pequenos estados do mundo, se fizer juizo pelo que observar na residencia de s. ex.ª, a começar pela creada que lhe vem abrir a porta!...

E o sr. dr. Antonio José de Almeida nada mais pode fazer, pois até nos consta que s. ex.ª tem gasto uma boa parte da sua fortuna pessoal desde que ocupa o seu alto cargo de Chefe do Estado.

E' simplesmente ridiculo! O sr. Presidente da Republica não pode, evidentemente, sem prejuizo próprio oferecer um «chá», um banquete diplomático, porque não tem verba para o fazer!

E' indecorosa, repetimos, a situação do nosso Chefe do Estado, e as Camaras devem olhar para êsse facto que nos apouca e envergonha aos olhos do estrangeiro.

O paiz pode pedir a um cidadão o sacrificio da propria vida, mas nunca lhe poderá exigir que sacrifique o bem estar da familia, o futuro dos seus filhos!

E a continuar este estado de coisas, estamos certos de que qualquer Presidente da Republica, não sendo nós, virá a arruinar-se por completo, vendo-se impossibilitado de assegurar o futuro de seus filhos.

E não é só com o sr. Presidente da Republica que tal facto se dá.

Os ministros estão actualmente recebendo o subsidio de 500 escudos mensais!

E' simplesmente ridiculo! A miseravel quantia que recebem não lhes chega, sequer, para comprarem uma casaca e dois pares de luvas!

Um ministro conhecemos nós, o sr. dr. Ginestal Machado, que antes de ocupar o seu alto cargo de ministro da instrução, auferia, como reitor do liceu de Santarem e membro do conselho fiscal dos caminhos de ferro, a soma de 800 escudos mensais.

Pois agora, como ministro, perdeu esses vencimentos, para receber 500 escudos, que mal chegam para s. ex.ª poder manter a sua casa em Santarem! E o sr. dr. Ginestal Machado, segundo nos informaram, não tendo casa em Lisboa, foi obrigado a ir hospedar-se no «Hotel Francfort», onde paga mensalmente, e pelo menos, a quantia de 400 escudos, restando-lhe apenas cem para as suas despesas quotidianas!...

Perguntamos nós: como poderá s. ex.ª apresentar-se decentemente numa recepção diplomatica, em qualquer festa ou acto oficial, sem prejuiso próprio?

Já não é conveniente que um ministro esteja alojado num hotel de 2.ª ordem, o que pode dar lugar a vários e possiveis incidentes, quanto mais não pode êle apresentar-se decentemente, como sucedeu no Congresso Luzo-Espanhol, por ocasião da ida de s. ex.ª ao Porto!

O ministro da instrução espanhol trazia 70 contos para despesas de representação, e igual quantia possuia para tal fim o presidente do Congresso, mas o nosso ministro levaria, quando muito uns ...700 escudos para todas as despesas!...

Tambem, e por esse motivo, s. ex.ª pouco se demorou na capital do Norte, regressando a Lisboa, sem ter ao menos oferecido um simples almoço aos nossos ilustres visitantes!

Que triste opinião fariam de nós os congressistas espanhois!

A carrapata de Marrocos

MADRID, 13. — As noticias de Marrocos dizem que a situação não mudou. Foi suspensa a partida das tropas de Alicante e Saragoça que hoje deviam seguir para ali. O conselho de estado aprovou hoje o credito de 134 milhões de pesetas, destinadas ás despezas de Marrocos.—(H).

Intensifica-se o trabalho no Brasil

RIO DE JANEIRO, 13.—O primeiro contingente de emigrantes, composto de antigos soldados do general Wrangel, foi já todo empregado no Estado de S. Paulo, em trabalhos agricolas.

O segundo contingente era composto de individuos que nunca tinham sido agricultores e, como isso é contra as disposições do contracto, foi reembarcado no vapor «Provence» com destino á Europa.—(A.)

O culto das letras

BUENOS AIRES, 12 — O distinto poeta francez Paul Fort, vindo de Montevideu, acompanhado de sua esposa e de seu filho, foi recebido por distintas personalidades das letras, artes e impresa e por um representante do ministro da França que lhe fizeram um acolhimento entusiastico.

O ilustre poeta realisa hoje a sua primeira conferencia.—(A)

POLITICA

Os srs. Eduardo de Sousa e Agatão Lança estão de acordo, mas o governo...

O sr. deputado Agatão Lança denunciou, no seu ultimo discurso parlamentar, gravissimas irregularidades praticadas no circulo de Penafiel pelo sr. Governador Civil do Porto, a quando e durante o periodo eleitoral. As afirmações do jovem tribuno são confirmadas hoje pelo sr. Eduardo de Sousa, em carta publicada na «Manhã.»

Conclue-se de tudo isto que um candidato da maioria governamental confirma as acusações que o governo não perfilhou. Esta circunstancia não deixa de ser um indicio para julgar da boa ou má harmonia entre o governo e os seus mais directos amigos

Irlanda

LONDRES, 13.—O gabinete britanico ocupar-se-ha amanhã de manhã da resposta do sr. De Valera. Não haverá qualquer declaração relativa aos negocios irlandezes até 3.ª feira, dia em que deve ser publicada a resposta dos «sinn feiners». O general Macready, chefe das tropas britanicas na Irlanda e o vice-rei partiram de Dublin esta manhã por terem sido chamados a Londres.—(H).

O dr. Eusebio Leão vai para Roma

No ministerio dos Negocios Estrangeiros, onde ontem procurámos informações seguras ácerca do destino que vai ter o sr. dr. Eusebio Leão, foi-nos garantido que s. ex.ª, ao contrario do que se tem dito, vai realmente para Roma logo que os seus afazeres em Lisboa estejam concluidos. A não ser que o atual governo caia, podemos, pois, garantir que o nosso ministro em Italia não irá para Madrid.

Lloyd George em Londres

LONDRES, 12. — O sr. Lloyd George chegou a esta capital ás 20 horas e dirigiu-se imediatamente para Downing Stteet. Diz se que ainda esta noite irá visitar o rei.—(H).

A HELIOTERAPIA

Riquezas naturais a aproveitar

Devemos ampliar e construir sanatorios maritimos — Resultados obtidos com os banhos de sol superiores aos de Leysin

Um paiz que se encontra numa situação economica como o nosso, deve procurar o aproveitamento de todos os seus recursos naturais para produzir riqueza. Já dissemos ha dias, a proposito da visita realisada ao sanatorio maritimo do Norte, que as condições climatericas do nosso paiz permitem obter resultados superiores com a helioterapia, do que em qualquer outro sanatorio dos paizes estrangeiros. E não só no sanatorio do Norte, mas tambem nos do Outão e de Carcavelos, confiados á tecnica de distintos helioterapeutas se confirma o erro que cometem os doentes, que saem do paiz, para se tratarem da tuberculose ossea e de outras doenças que carecem da luz do sol e dos ares do mar.

Como são poucas as pessoas que conhecem os efeitos obtidos com os banhos do sol, digamos resumidamente em que consiste a helioterapia. A cura pela acção da luz do sol foi organisada em França; mas quem estabeleceu os principios hoje adoptados foi o dr. Rollier, cujo metodo, empregado em Leysin, sanatorio suisso a 1.500m de altitude é o que se segue geralmente por toda a parte.

A cura pelo sol é baseada sobre a acção dos raios corados ou luminosos e dos raios quimicos ou obscuros, do espectro solar.

Cada onda luminosa, cada onda obscura é uma força especial, actuando sobre a materia, por forma diversa. Quando um feixe de luz branca actua sobre o corpo do animal, conduz-se da maneira seguinte:

Uma parte desse feixe reflecte-se no espaço; uma segunda parte penetra no organismo através da pele. Os raios vermelhos são excitadores do sistema nervoso e inteiramente tonicos, são vaso-dilatadores e produzem uma congestão passiva muito favoravel á defeza do organismo contra as intoxicações causadas pelos microbios.

Parece que os raios alaranjados, amarelos e verdes augmentam o numero dos globulos vermelhos e presidem á formação da hemoglobina. Os raios quimicos, do azul ao violeta são destruidores dos fermentos, das diastases e dos microbios, assim como das suas toxinas.

Os raios obscuros ultra-violetas parecem produzir reacções quimicas de natureza antiseptica e microbicida.

Os banhos do sol são empregados com exito no tratamento cirurgico das tuberculoses ganglionar, ossea, articular; no molde Pott, tumor branco das articulações, nas peritonites, nas feridas abertas, lupus.

Além disso, os banhos de sol, a temperaturas baixas, tambem se empregam como tonicos nas doenças cronicas, que carecem de uma acção estimulante das funcções da pele, anemia, linfatismo, neurastenia, atonia intestinal, enterocolite muco-membranosa, obesidade, reumatismo cronico.

A hora mais propicia para os banhos do sol é ás 10 h. ou das 15 ás 16. Começa-se por um banho de 5 minutos de duração e vai aumentando 5 minutos por dia, até chegar a 1 hora.

O banho de sol pode ser geral, ou local.

A cura tem de ser prudente, suave e progressiva, adaptada a cada individuo e prolongada suficientemente. O banho geral é empregado nas afecções medicas e o banho local nos cirurgicos. Todavia o sr. dr. Ferreira Alves, director do sanatorio maritimo de Valadares, emprega quasi exclusivamente o banho geral. Resguarda-se apenas a cabeça.

A helioterapia exige precauções especiais, para se evitarem os acidentes, que por vezes se dão na cura solar directa e as manifestações variaveis sobre a pele dos diversos individuos.

Não tenham pois medo de apanhar sol, nem lhes cause impressão, quando vejam os trabalhadores do campo permanecer algumas horas trabalhando sol a sol.

Desde que a adaptação se faz gradualmente, a acção da luz do sol só tem vantagens para a saude do individuo. Vejam como os gatos e outros animais instintivamente aproveitam os banhos do sol, para se tonificarem.

Mas a acção da helioterapia tem de ser combinada com os ares do mar, em grande numero de doenças. E assim nós temos vantagens excecionais sobre os outros paizes. E' por isso que pena nos causa vermos tão mal aproveitados os recursos riquissimos com que a Natureza nos dotou! Quantos sanatorios maritimos poderiamos nós possuir, que com certeza se encheriam de doentes de todos os paizes, que aqui viriam procurar a cura, que não podem encontrar com tamanha facilidade nos sanatorios estrangeiros!

J. Correia dos Santos.

As propostas de finanças

Quanto mais se examina a proposta-força mais se firma a convicção de que ela deve ser posta de parte, pura e simplesmente

O sr. Barros Queiroz, provando como homem inteligente que é, a repulsa que a sua proposta força ia provocar, quiz cautelosamente atirar com a agua para fora do seu capote, empurrando o odioso da execução para cima das costas dos directores gerais e chefes de serviço.

Se a expurgação do funcionalismo civil fosse possivel—que não é—dentro do programa imaginado pelo sr. presidente do ministerio, a sua execução fracassava inevitavelmente, tal a incoerencia com que o sr. Barros Queiroz redigiu a famosissima proposta. Já mostrámos a influencia negativa que teriam os directores gerais e chefes de servico, unicos competentes, segundo a proposta-força, para a organisação do quadro dos adidos . . . á força. Entretanto cuidou o sr. Barros Queiroz, com especial empenho, em pôr junto desses altos funcionarios uma sentinela vigilante, um revisor cuidadoso e partidariamente interessado, por forma a que, no final, a obra de elliminação burocratica fosse perfeita no que se refere aos sacratissimos interesses do partido de que o sr. ministro das Finanças é luminar valioso.

E é por isso que no § 2.° do art.° 2.° da proposta se dá á Secretaria Geral do Conselho Superior de Finanças a faculdade de organisar o mapa geral dos adidos — daqueles mesmos adidos já agravados na seleção feita pelos directores gerais e chefes de serviço. Ha aqui, manifestamente, uma duplicação de trabalho, duplicação que só é explicavel pela intenção de dar a ultima palavra ao Secretario do Conselho Superior de Finanças, arvorando-o em fiscal revisor da obra já feita. Singular missão, que só uma estreita visão politica seria capaz de inspirar!

Mas ha mais ainda.

Mais e melhor. Parece impossivel, mas é verdade!

Não contente com as atribuições conferidas á secretaria do Conselho Superior de Finanças, o sr. Barros Queiroz não esteve com meias medidas e inventou, de pé para a mão, um dictador que pronunciasse a ultima palavra acerca da sorte dos funcionarios. E o dictador seria o secretario geral do Conselho Superior de Finanças. E' o que diz expressamente o artigo 3.° da proposta força, que impõe aos adidos que queiram escapar á força a obrigação de prestarem provas de competencia perante o referido secretario geral. De modo que o sr. Barros Queiroz tem em tão alta conta a sapiencia enciclopedica deste funcionario que o julga competente para ser unico juiz do saber alheio, qualquer que seja o ramo dos vastissimos conhecimentos humanos a que ele respeite. O sr. Secretario Geral do Conselho Superior de Finanças é, dest'arte, capaz de certificar acerca da competencia dum engenheiro, dum mestre dobras, dum escrevente de cartorio, dum medico, dum astronomo ou dum sapateiro.

O sr. secretario geral do C. S. F. é, na opinião do sr. Presidente do Ministerio, um Deus com os seus principais atributos: Omnisciencia e omnipotencia.

Ora isto é, simplesmente, muito e muito ridiculo...

Por terras d'além

A Alta-Silesia—Em que se procura esclarecer o confuso problema—Finanças e comesaina

Como de todos é bem sabido, após a guerra criou-se o novo estado politico Tcheco Slovaquia, e restituiu-se a independencia á velha e ulcerada Polonia.

Por algum tempo, após a Grande Guerra, o interesse de esmagar a Alemanha perdurou unanime, o que vem pôr em litigio o destino a dar á Alta Silesia, que, como se sabe, está encravada entre o leste alemão, o oeste polaco e o norte slovenho.

O que determinou o litigio foram as regiões orientais da Alta Silesia que são focos formidaveis da grande actividade industrial moderna.

Mas quanto mais longinqua nos vai ficando a memoria da ultima Grande Guerra, tanto mais se vão diferenciando os interesses dos varios Estados que constituiam a Entente e a Triplice. Esta diversificação tem chegado a criar interesses diversos e opostos entre os antigos aliados.

Demais, sente-se e compreende-se que a Grande Industria alemã abre um vacuo importante no equilibrio internacional, tanto economico como financeiro.

E agora o veremos! os amigos de ontem feitos adversarios de hoje!

Jogo de interesses. O Hotel da Barafunda... internacional

Todo o problema da Alta Silesia oscila a dentro dos reciprocos interesses materiais e principalmente politicos dos Estados litigantes.

Se se concedem os centros industriais á Alemanha, como quer a Inglaterra com a sua proposta para a linha demarcante Percival-Marins, os alemães terão o melhor da região, ficando á Polonia uma nesga reduzida de valor problematico.

Seria a victoria alemã, o rapido renascimento prometedor de graves ameaças de desforra.

Os polacos, por seu lado, propondo a chamada linha Korfanty, só procuram arredondar o seu territorio por leste, conseguindo anexar Strelitz, Lublinitz, Gleivitz, Tost e tudo mais que de melhor existe, para o moderno desenvolvimento industrial.

Não desagradariam as propostas á Inglaterra, já que para si não pode haver aqueles territorios. Reagem porém os teutões, alegando razões inteiramente ponderaveis, e Lloyd George, para conciliar... não contenta. A neutralidade... diplomatica!

Apresenta até um triangulo... conciliador! o triangulo Tarnovitz-Gleivitz Kattovitz com que todos concordam, mas que ninguem aceita nem vota, porque o triangulo diabolico passaria disfarçadamente toda a bacia industrial para os alemães.

Contudo a França, que não deseja malquistar-se com os inglezes, mas não dispensa o auxilio polaco, porque estremece só á lembrança de um renascimento germanico, a modos de conciliação propõe a chamada linha Sforza, intermediaria, mas inquestionavelmente concebida, pois, embora alargasse os territorios a conceder á Alemanha, deixava ficar de fora e para os polacos os centros industriais.

O sr. Lloyd George não tem agora tempo para resolver

Evidentemente, a Entente acaba de receber uma rude prova neste debate.

A Italia que, antes da guerra, fazia parte da Triplice Aliança, com facilidade, durante a guerra, se bandeou para a Entente, alegando coisas justas, como sucede em geral com todas as alegações.

O que, tudo bem ponderado, mostra que as convenções feitas em tempo de paz, não servem para os tempos de guerra.

Mas a inversa tambem é verdadeira, o que tambem se prova com a incapacidade da Entente para solucionar a contento de todos o problema da Alta Silesia. E' que a experiencia dos tempos vai revelando que Solidariedade, Patriotismo, Igualdade e semelhantes continuam a ser meros valores convencionais que actuam e procedem em função dos interesses a debater.

E os interesses, agora como sempre, estão acima de tudo, porque, independentemente da vontade de cada um, obedecem ao instinto da propria conservação—o egoismo humano, que em excesso é vicio, mas se torna numa grande virtude, quando exercido dentro de certos limites.

Por forma, que nestes conflitos internacionais, os assuntos que se debatem só são brancos quando não convém que seja encarnados, pretos, amarelos ou de farta-côres.

A Conferencia, reunida em 8, não permitiu chegar a acôrdo, mas no animo dos representantes, e estava lá a nata flor da Diplomacia, levou a coragem de um rompimento.

Lloyd George pretextou negocios urgentes da Irlanda que o chamavam a Londres... Lord Curzon concordou!... Briand saudou o ilustre estadista britanico... Bonomi não se mostrou agastado... Hayashi, o notavel diplomata niponico, que faz esforços neste momento pela vitoria germanica no pleito silesiano, tambem se mostrou conciliador, contanto... que os seus desejos triunfem.

A Ultima Ratio—Vai falar a Liga das Nações—E a ê la res. I-V. u-se não resolver nada

E' certo que Inglaterra e França não se entenderam, acerca da Alta Silesia, e as outras nações não se entenderam melhor.

O fracasso geral verifica-se pela quasi unanimidade dos representantes á Conferencia em apelar para a Liga das Nações, com aquela ansiedade e ultima esperança com que os tuberculosos apelam para um reconstituinte... sem calembourg!

O caso agora vai ser com a já periclitante Liga das Nações. Ela é que vai dizer a ultima, se não fôr a penultima ou antepenultima palavra!

Em todo o caso o espirito conciliador mais uma vez se revela.

Os delegados francez, inglez e italiano mostram-se conciliadores e declarem concordar com o veredictum, se não se insurgirem.

Mostra-se o Japão reservado, porque tem razões muito especiais para insistir em que a exploração industrial da Alta Silesia fique aos alemães, ao passo que os Estados Unidos aproveitando o pretexto de não fazerem parte da Liga das Nações, lavam do assunto as suas mãos, como fez Poncio no Santo Sinodo.

Só a França se mantem hesitante e periclitante, por ser aquela cujos futuros destinos se jogam em jogo entre Inglaterra e Polonia... *non coem balance.*

Tristezas, porém, não pagam dividas e vá de disfarçar por meio de conversações, entrevistas... almoços... jantares...

Discursos e flores em profusão...

A Silesia no seu logar, Alemanha entregue ao trabalho...

A vida são dois dias...

VIDA SPORTIVA

«O professor de Educação Fisica, no inteiro e perfeito desempenho do seu dever, não é só um instructor, um professor, é tambem um educador.»

Dr. Franklim Nunes.

TIRO

Resultados da prova por equipes organisada pelo Gimnasio Club Portuguez

Terminou no ultimo domingo a prova de tiro por equipes inter-clubs organisada pelo Gimnasio Club Portuguez cujos resultados foram os seguintes:

1.º—«Club Internacional de Foot-Ball». Sr. Antonio Augusto Silva Martins, Antonio Soares Arede Ferreira, Albert Maria Bravo e Francisco Antonio Gonçalves.

2.º—«Sociedade de Tiro n.º 1 (U. A. C. P.)»: Adolfo Ferreira Lima, Jorge Francisco de Carvalho, João José Cunhais Grilo e Armando Fernandes.

3.º—«Sociedade de tiro n.º 3 (G. C. P.)»: Joaquim Silva Martins, Carlos Marrola, Francisco Jorge de Carvalho e Eduardo Mendonça.

4.º—«Sociedade de tiro n.º 2 (G. P.)»: Antonio Duarte Menez, Antonio Rial, Dario Canus e Francisco Paulo Santos Mendonça.

5.º—«Casa Pia Atletico Club»: João Henriques, Joaquim Soares Cenço, Ernesto Silva e Julio Correia Felix.

Passeio nautico

Que promove lo o Club Naval de Lisboa no dia 21 do corrente

Promovido pelo Club Naval de Lisboa realisa-se no proximo dia 21 um passeio á historica Serra da Arrabida, para os socios daquele club e suas familias, no vapor «Victoria» da Parceria.

Durante o passeio na Serra, serão os excursionistas acompanhados de alguns socios do club que conhecem a região, facilitando assim a visita a um dos mais pitorescos lugares da costa de Portugal.

A venda de bilhetes para socios e convidados, começa na segunda-feira na sede do Club Naval, Cães do Gaz.

FOOT-BALL

Varias noticias

Parece que a assembleia da A. F. L. realisar-se-ha de 20 a 25 do corrente.

—Não está ainda assente a partida do Império Lisboa Club para Vigo.

—Segundo informações que recebemos directamente do capitão do 1.º team de foot-ball do Casa Pia Atletico Club, está posta de parte a ideia desse club ir ao Brazil e conforme os Fluminense. Varios teem dito ecos da noticia mas o sr. Candido de Oliveira disse-nos: *«Não sei de nada, apenas sobre a visita ao Brazil, conheço o que tenho lido nos jornais»*.

Noticias

Tovas

Chegaram hoje a Lisboa os boxeurs franceses Chassagne, Goffim e Charles Cod cu que se devem apresentar brevemente nas reuniões de box, organisadas do colaboração com o jornal «Os Sports».

Nas Provincias e Arredores

CASTELO BRANCO—O desafio entre o Grupo Foot-Ball de Castelo Branco e a Escola Profissional de Reforma de S. Fiel, que se realisou no domingo ultimo, no campo de Montalvão deu cidade, em que apoz 1 hora de jogo alcançaram igual classificação decorreu com bastante entusiasmo, apesar do insuportavel calor.

Entre os dois grupos foi resolvido realisar brevemente em S. Fiel a prova de desempate. Ao grupo da Escola de Reforma (instalada no ex colegio de S. Fiel) que aqui deixou a melhor impressão e mereceu os mais justos elogios pelo seu excelente metodo de jogadores, agradecemos a gentileza da visita ao correspondente de «A Capital».

Continua sendo muito concorrido por todas as classes sociais o Parque Desportivo desta cidade, onde todos os dias se jogam os melhores e mais variados desportos.—(C.)

ESPOZENDE—No domingo, 14 do corrente, realisa-se-ha em Espozende no campo da Junqueira, um desafio de foot-ball, entre o 1.º team do «Fão Foot-Ball Club», e um grupo mixto de Viana do Castelo.

Tambem no mesmo dia jogarão o «Espozende Sport Club», com o 3.º team do «Foot Ball Club do Porto».—(C.)

BARREIRO—Promovidas pelo Foot-Ball Club Barreirense realisam-se no domingo 14, grandes festas com o seguinte programa: «Corridas de 100, 1.500, 5.000 metros, saltos em altura com corrida, saltos á vara, box, em que toma parte Faustino Pereira; luta greco-romana; forças combinadas, jogo de pau e desafio de foot-ball entre o team do club e o team dos «Onze Amigos», de que fazem parte: Arsenio, Bastos, Pimenta, Rio, Crespo Alberto Augusto, Peixinho, João Morais, Jesus, Victor Gonçalves e Francisco Correia.

O ultimo numero do programa é a corrida de bicicletas.

Parece que a estas provas, tanto de Lisboa como da provincia, é grande o numero de concorrentes.

Abrilhantam esta festa duas bandas de musica, uma do Seixal e outra do Lavradio.—(C.)

No Estrangeiro

Aviação

Na Alemanha acaba de se constituir uma companhia de navegação aerea denominada «Lloyd Estfolda», com o capital de 4.000.000 de marcos, com os escritorios em Berlim.

O seu fim é assegurar os transportes aereos entre a Alemanha e a parte da Prussia que fica isolada pelo territorio polaco.

Ciclismo

O pequeno «Tour de France» disputado na dias no Parque dos Principes em Paris, foi ganho pelo ciclista francez Barthélemy em 1 hora, 44 minutos, 8 segundos e 4/5.

A inscrição foi de o to belgas e tres francezes e a distancia e de 6 quilometros.

Automobilismo

Os americanos acabam de ganhar a prova automobilista «Grande Premio de França», em concorrencia com os francezes. O primeiro foi Murphy que cobriu os 5 7 quilometros e 880 metros em 4 horas, 7 minutos, 1 segundos e 2/5.

Box

O grande emprezario americano de combates de box, Tex Richard, trabalha com entusiasmo para efectuar um novo e contro de Georges Carpentier com Tom Gibbons, considerado um dos mais serios concorrentes de Carpentier, para o titulo mundial pesos-pesados, que será disputado em Madison Square Garden, no fim do proximo mez de outubro, na America.

—Tambem se pensa fazer encontrar o actual campeão do mundo de box, Jack Demps y com Willard.

Club Militar Naval

Esta instituição, tendo considerado o estado de decadencia a que entre nós chegou a marinha de guerra, e para tomar deliberações adequadas, promove para o dia 16 no Arsenal da Marinha ás 21 horas uma sessão para a qual recebemos convite que muito agradecemos, em que quatro oficiais se propõem tratar de algumas das mais importantes e urgentes necessidades da Marinha.

Estão convidados, além do sr. ministro da Marinha os parlamentares, oficiais do exercito, Camara Municipal e homens publicos de todos os partidos.

Touradas

José Belmonte trabalha na festa de Alfredo dos Santos

Já não trabalham amanhã, 13 no Campo Pequeno, na festa de Alfredo dos Santos, os novilheiros Calvache, e F. Rondon o, impedidos pelo governo espanhol de transporem a fronteira, por se estar travando o conflito de Marrocos, e acharem-se na edade do serviço militar.

Em substituição trabalham o novilho José Belmonte, cujos meritos são bem conhecidos, com os seus dois magnificos peões «Torerito» e M rroco. Tomam parte Roberto de Vasconcelos e o grupo de forcados amadores de João Coutinho, bem como o cavaleiro José Casimiro e os bandarilheiros Cadete, Rocha, Alfredo, Jaime Dias, «Cantuano» e Plus Flores.

A corrida é dirigida pelo actor Amarante.

Alcochete

Promete ser ruidosa a inauguração da nova praça de Alcochete.

Amanhã, segunda e terça feira, preparam-se grandes festas e corridas importantes, havendo transport pelos vapores da Parceria.

Na primeira e terceira corridas lidam-se 20 touros e na segunda dez.

ULTIMA HORA

O SUBSIDIO DO CHEFE DO ESTADO

O sr. dr. Sousa Costa

declara-nos que é miseravel e deprimente o subsidio concedido ao sr. Presidente da Republica e aos membros do governo

Devendo ser em breve apresentado ao Parlamento um projecto de lei, aumentando para 60 mil escudos anuais o subsidio do sr. Presidente da Republica, achámos interessante colher a opinião de alguem a esse respeito, escolhendo para nosso entrevistado o ilustre escritor sr. dr. Sousa Costa.

Fomos encontrar s. ex.ª no seu gabinete, no Tribunal do Comercio, e depois dos cumprimentos do estilo, fomos direitos ao fim que ali nos levara.

—O que pensa ácerca da dotação do sr. Presidente da Republica?

—Se ela é suficiente ou insuficiente em relação ás necessidades do primeiro Magistrado da Nação, não é verdade?

—Isso mesmo.

—Penso que é insuficientissima. Nem insuficientissima, porque chega a ser miseravel. E' deprimente para o prestigio de quem a recebe, que não pode desprender-se da influencia de certas temporalidades, e para a dignidade de quem assim a mantem, ilegitimamente, desumanamente.

Para a vermos bem, á sua altura, basta lembrarmo-nos de que era a do primeiro Presidente, a de 1911.

Com a moeda de hoje desvalorisada mil por cento relativamente a de então, o Presidente que tinha 24 contos em 1911, em 1921 tem 2 contos e quatrocentos escudos—o vencimento dum chefe de repartição no regimen normal da moeda.

—Dois contos e quatrocentos — avançamos nós — tendo de pagar casa do seu bolso, criados, automoveis...

—Nem que de facto, para estar em boas contas com a Constituição, que lhe proibe ter familia, o chefe do Estado fosse celibatario, e não vestisse senão da *Feira da Ladra*, e não comesse senão das Cosinhas Economicas, poderia viver de tais proventos. E o que eu admiro, o que sinceramente me espanta é que haja alguem de tão pronta abnegação, de tão alto espirito de sacrificio, que suba o calvario da Presidencia, sob o insulto permanente dos fariseus da politica, bebendo dia e noite o fel e vinagre da intriga e das sedições, sem compensações economicas — essas que garantissem no sacrificado uma transfiguração lenitiva á sombra das economias encadeiradas.

Hoje, meu amigo, com a libra na casa dos quarenta escudos, e a velha mercadoria na dos sessenta por libra a dotação de 24 contos para o Chefe da Nação representa uma vergonha nacional.

—E a dotação de 6 contos anuais para cada ministro do Estado?

—A principio é o mesmo, são as mesmas as condições. Se seis contos por ano é o orçamento de qualquer merceeiro da Madragôa, e não estucou nunca as costuras duma casaca, e nunca pagou aos amigos o jantar do *Avenida-Palace*. Miseria, a mesma miseria.

—A dos deputados?

—Quanto aos deputados o ideal seria exercicio sem vencimento. Quem se sujeita a amar, sujeita-se a padecer. Mas o ideal é teoria, anseio, sonho. E como os factos, se não navegam acima dos sonhos, correm por via de regra as mesmas aguas, chocando-os frequentemente e fazendo-os naufragar; os factos dizem-nos que aquele sonho, nesta epoca, nos levava diretos ao predominio duma casta, aos perigos duma pesada oligarquia.

O encargo de legislar, em tais condições, tornar-se-ia exclusivo dos endinheirados. E os endinheirados, os que não conhecem a necessidade, não acreditam nela — agravá-la-iam, em vez de procurar acudir-lhe.

Ora, o que são 250 escudos mensais para quem não tiver mais nada — ou pouco mais? Eu poderia dizer-lho, meu amigo. Mas o meu amigo ia dizê-lo, por sua vez, no seu jornal.

E eu concluiria assim para transformar em Helena chorando sobre a sua propria ruina, uma bôa duzia de Pais da Patria, dos mais elegantes ainda no enterro da vitoria que os poz em S. Bento. Com franqueza: só gosto da lagrima quando ela julga que o riso é crepitar de fogo e vem para o apagar...

POEIRA DA ARCADA

O conselho de ministros reuniu hoje na secretaria das Finanças, ocupando-se especialmente de assuntos de ordem publica.

✦ ✦ ✦

O sr. Atilio Sironi, ministro da Italia em Lisboa ofereceu hoje no palacio da legação um almoço intimo ao sr. Eusébio Leão, ministro de Portugal no Quirinal.

✦ ✦ ✦

Está definitivamente assente que as reprises publicas não fun ionarão 2.ª feira passando assim para se dia do funcionario correspondente ao feriado de amanhã.

✦ ✦ ✦

O sr. Arnaldo Carrosso da Cunha, professor do quinto grupo do liceu de Angra do Heroismo foi transferido em concurso, para o de Leiria.

✦ ✦ ✦

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana finda em 6 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 14 casos de difteria, 5 de febre tifoide e 6 de variola, e no Porto 1 de difteria e 2 de febre tifoide.

INCENDIO A BORDO

Entrou hoje no Tejo o vapor alemão «Felmiana», procedente do S. Rafael e Oran, com carga diversa. O navio que desloca 800 toneladas destinava-se a Hamburgo, tendo arribado ao nosso porto por trazer fogo em um dos porões. Foi para a Cova da Piedade, onde imediatamente começaram os trabalhos para a extinção do incendio.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Consorciaram-se no dia 16 de Julho, na paroquial igreja do Sacramento, a ex.ma sr.ª D. Maria Laura Alexandrino da Silva, Pereira e o ex.º sr. dr. Francisco Venancio da Silva, distinto tenente-medico do Ultramar, filho do ex.º sr. Coronel Francisco Xavier da Silva e da ex.ª sr.ª D. Maria da Conceição Barbuda e Silva, residentes em Pangim, India Portugueza. Foram padrinhos, por parte da noiva, a ex.ª sr.ª D. Izabel da Costa Pereira e seu marido o ex.º sr. tenente coronel Costa Pereira, e por parte do noivo, a mãe da noiva, a ex.ª sr.ª D. Maria Alexandrino da Silva e o engenheiro civil ex.º sr. Mariano Silvestre Azevedo. Na «corbeille» da noiva viam-se artisticas e valiosas prendas. Os noivos foram em viagem de nupcias para Sintra, seguindo depois para o norte.

Soma e segue

Queixou-se á policia Antonio Coelho, Travessa do Meio n.º 1 1.º, de que tendo ao seu serviço Maria Pereira, esta, aproveitando a sua ausencia, lhe furtou varios objectos no valor de 300$00, fugindo para Ovar.

Mais roubos

Foram presos, Manuel de Oliveira, sem residencia, por fazer parte duma quadrilha de salteadores que ultimamente teem feito roubos e assaltos na area do Coelas, e Ignacio Adelino da Conceição, Vila Dias, 9, 1.º por ter furtado uma gravata e peças de joias no valor de 10$00 a João Lopes, morador na rua da Vila, 17, loja.

Notas politicas

O governo está reunido em conselho, preocupado especialmente, com dois casos graves

O gabinete reuniu esta tarde em conselho, no ministerio das colonias, com a presença dos titulares das diversas pastas. Segundo as nossas informações, os ministros estudam ainda a solução a dar á questão dos oficiais milicianos, questão que se prende com o problema da ordem publica — a avaliar, é claro, pelos insistentes boatos que teem corrido.

Na questão dos oficiais milicianos — que já foi tratada na camara dos deputados, mas não ficou resolvida — ainda não foi possivel encontrar, apesar de todos os esforços para tal empregados, uma formula que satisfaça plenamente o sr. ministro da guerra, inflexivel, especialmente, no que respeita ao aspecto disciplinar do incidente da Escola Militar. Ora, como é sabido, já foi isto que determinou, pelo menos como causa imediata, a demissão, a pedido, do ex-ministro do comercio, o ilustre parlamentar sr. Antonio Granjo. Se o sr. ministro da guerra continuar a manter-se irreductivel pode dar-se nova crise, agora não apenas parcial.

A's 16 horas o sr. ministro do Interior sahiu da sala onde se reunia o conselho e dirigiu-se ao seu gabinete, sahindo pouco depois para tomar o automovel e seguia para a residencia particular do Chefe de Estado.

Ao conselho assistiram os altos comandos da força publica.

A's 18 horas intensificavam-se na Arcada os boatos de crise ministerial, cujos fundamentos não podemos averiguar.

As revelações do sr. coronel Manoel Maria Coelho

Segundo ouvimos um parlamentar aposicionista fará perguntas ao governo, na sessão de terça feira proxima da Camara dos Deputados, acerca dos conceitos expostos pelo sr. coronel Manoel Maria Coelho, á quando da reunião dos parlamentares democraticos. O pensamento do ilustre Administrador da Caixa Geral dos Depositos tornou-se, como é sabido, do dominio publico por virtude da nossa noticia hontem aqui publicada.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

Em que a vinha derrotou o trigo

O vinho e o louro—A antiga escassez agricola

Evidentemente o seculo das gloriosas navegações foi para nós simultaneamente o seculo dos mais desastrosos flagelos materiaes, para não falar nos espirituaes a que teremos de nos referir, porque foram os mais perniciosos.

Assim vinham os flagelos sismicos e demograficos mais agravar a situação, já de si aflitiva por um infinidade de doutros factores, entre os quais os dos empreendimentos maritimos com que tivemos de salvar a civilisação o oriental á custa da propria ruina.

Em tempos de João II um novo erro veiu piorar a já de si gravosa situação. As terras que nos restavam de mantimento foram convertidas em vinha, por modo que os estrangeiros, desde então até á actualidade, tiveram de passar a fornecer-nos do proprio trigo, de que dantes nós os abastecíamos.

A cultura da vinha tornou-se uma febre de ganancia. Os nossos vinhos em abundancia chegaram a ser considerados dos melhores e mais afamados os do Alvor, Vila Nova de Portimão, Lagos e Evora, especialmente os do sitio de Paramanha.

Na conta dos vinhos finos entravam os brancos de Beja e os palhetes de Alvito, Vila dos Frades e Alcaçovas.

Os de Alcochete e Caparica destinavam-se á exportação para Flandres e outras partes da Europa, alem dos que saiam para abastecimento das nossas armadas e fornecimento para as Indias Orientaes, Angola, Guiné, Mina e Brazil.

O povo dizia com disvelo: —«queijo do Alemtejo e o vinho de Lamego».

Vendia-se então em Lisboa o vinho mau pelo preço do bom. Sobre o assunto havia opinião bem definida: —«menos vale ás vezes o vinho que as borras».

E' ditado velho que o bom vinho não ha mistér ramo, com que certamente se alude ao costume que ainda subsiste nas provincias e até nos arredores de Lisboa, de pôr um ramo de louro espetado á porta das tabernas.

Tambem se lhe faz referencia figuradamente, no conhecido proloquio:—«num lado se vende o vinho, no outro se põe o ramo»— tudo alusões já inconscientes á vetusta tradição que na velha Roma e Grecia andava ligada ao loureiro, tido por arvore sagrada, que no Monte Aventino teve um bosque donde se foi buscar o louro para as festas e consagrações pagas.

De louro se coroava a figura alegorica da Victoria. Desde a mais alta antiguidade, desafiando os seculos, chegou até á moderna Europa a expressão já consagrada: — «os louros da gloria».

Dirigindo-se D. João II, diz a Crónica (1), a um homem que, para não cheirar a vinho, mastigara uma folha de louro, perguntou-lhe:

—Fulano, debaixo desse louro, a como vale a canada?

No povo subsistem varias superstições vindas de remotos tempos, relativas ao loureiro. Todos conhecem o velho costume das lavadeiras trazerem as fressuras ramo de louro para defumar as casas e praticar certos sortilegios familiares.

Acreditava-se, e ainda não falta quem acredite que o louro, depois de bento, guardado da festa dos Ramos, preserva das trovoadas. O camponio continua a confiar em que não ha raio que se atreva com o loureiro.

Deixando, porém, esta embora reduzida digressão relativa ao louro verifica-se que, tudo bem ponderado, as cousas de ha quatro e cinco seculos em Portugal, guardadas as distancias do tempo, passavam-se tal qual hoje.

Tudo então se reduzia á solução dos problemas até agora insoluveis e cada vez mais agravados do pão, vinho e trabalho.

De D. João III em diante, a escassez dos alimentos, especialmente pão, chegara ao extremo pelo atrazo dos trabalhos agricolas.

Só assim se explica a abundancia de leis protectivas e regimentos acerca da distribuição do pão, multas pela venda a estrangeiros, etc. (2)

A decadencia agricola a que chegámos nos fins do seculo XVI é reconhecida e deplorada pelos coevos e pelos que de mais perto tiveram conhecimento dos factos.

De França, Flandres, Inglaterra, Dinamarca, Polonia, Alemanha e doutras muitas provincias septentrionais, diz-nos Oliveira, vinham-nos trigo, carne, queijos e varias mercadorias mais.

Um outro autor coevo pasma de que até mesmo ovos em grande quantidade nos viessem de França, alem de queijos, manteiga e presunto, assim como trigo, cevada e centeio, que ele considerava as cousas mais necessarias e de facto mais perigosas.

Informa o autor citado que era tanta a quantidade que vinha de França e Alemanha, que lhe parecia impossivel produzir a terra lá tanto, nem cá gastar-se tudo. (3)

Não foi a nossa administração colonial por esses tempos mais feliz. Procurámos aclimatar as culturas de umas regiões noutras, para logo destruirmos a obra realisada, tudo como mero expediente para opôr á concorrencia que já os estrangeiros principiavam a fazer-nos nas terras de além.

Assim adoptavamos já naqueles tempos, a mesma norma de proceder moderno, sempre casual, automatico, sem metodo nem nexo, só com recurso aos expedientes de ocasião, e por forma a deixar em suspenso o latentes, os mais graves problemas que se apresentam.

(*Continúa*).

Ladislau Batalha

(1) De Garcia de Rezende — 1798—Cap CLIII.

(2) *Extravagantes*, de Duarte Nunes.—Parte IV tit. IX todo.

(3) Mendes — Sitio de Lisboa —17— pag. 180.

Theatros e Cinemas

Medalhões

Rafael Marques

Com a «première» nesta epoca da peça Rogerio Laroque faz hoje a sua festa artistica no Teatro Nacional o ilustre actor Rafael Marques, um dos poucos que tem sabido conquistar o seu lugar de destaque á força de vontade e inteligencia.

Rafael Marques é hoje o nosso melhor «centro», sabendo respeitar as mais delicadas rubricas dos personagens, cuidando com amor dos detalhes, dispensando uma notavel inteligencia nas exteriorisações, dá-nos em cada nova figura uma prova concreta do seu muito valor teatral e mostra-nos as suas faculdades de actor moderno, culto e inteligente.

Entrou para o teatro pela mão do grande Mestre Augusto Rosa e, passando longos anos numa aprendizagem paciente e seguinte, tem vindo, devagar mas seguro, firme nos passos conquistados, senhor do seu trabalho e sem o perigo de uma queda brusca.

Disfructa hoje um dos melhores lugares no nosso teatro Nacional, lugar que soube tomar com honra, e que é uma justa homenagem ás suas belas qualidades de ator.

O nosso colega Armando Ferreira enviou ao actor Antonio Gomes a seguinte carta:

Ex.mo Sr. Antonio Gomes—Lisboa

Meu caro amigo:—Tendo tido conhecimento que v. ex.ª já não é o emprezario do Salão Foz na proxima epoca de inverno, mas sim um contratado de outra empresa, venho comunicar-lhe que fico por esse motivo liberto do compromisso que pessoalmente tomára consigo para fazer um trabalho genero revista para o mesmo Salão.

E' ás ordens—(a) *Armando Ferreira*.

Aos srs. Construtores civis e proprietarios —Lembramos, pela sua duração, beleza e economia o emprego do cimento metalisado que toda a população de Lisboa está admirando num dragão que ornamenta a fachada do café «Italia», na rua 1.º de Dezembro.

Uma festa no Regaleira Club

em favor das casas de caridade

E' amanhã, que no Regaleira-Club, se realisa a primeira das festas de caridade que um grupo de jornalistas promove nos grandes clubs de Lisboa.

O sr. Artur Aires, proprietario e gerente do Regaleira, não só pôz á disposição dos nossos camaradas as sumptuosas salas do seu club, como, ele proprio, com uma inexcedivel boa vontade, se empenhou em colaborar nessa obra benemerita.

Ao seu concurso se deve, em grande parte, o explendor que essa festa terá.

Constará de trez partes, a primeira das quais é constituida por numeros sportivos, em que tomam parte:

Em pesos e alteres, Borges de Castro, N. N. e Mario Costa; em paralelas, Angelo Mendonça e A. Castelar; forças combinadas, Carlos Moreira e J. Silva; luta, A. Silva e Claudio de Oliveira; esgrima, Prazeres e N. N.; box, Oliveira d'Araujo e Abel Cunha.

Tomam tambem parte na festa do Regaleira os seguintes lutadores:

Simeth, suisso; Arthurs, francez; Mario Gall e Abel Cunha.

A segunda parte é constituida por um concerto musical, sob a regencia do distinto violinista F. Remartinez.

Terminará essa festa de beneficencia por um sarau artistico e literario, em que tomarão parte, obsequiosamente, varios artistas dalguns teatros de Lisboa.

A CAPITAL

3860 — 12.° ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.°; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA—Segunda-feira, 15 de Agosto de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

A questão militar

A reforma do exercito que a Republica decretou em 1911, isto é quando o espirito republicano se encontrava animado das suas maiores pujanças, é uma lei que dignifica as instituições democraticas, e o tempo não tem feito senão pensar que acertadamente andaram os que a procuravam formular como uma base essencial da Republica.

A grande lição da guerra demonstrou que não se pode continuar a seguir o velho sistema de apenas se contar, para os conflictos entre nações, com os exercitos permanentes, tais como eles eram antigamente constituidos. Actualmente as guerras não se travam só entre esses exercitos, mas entre povos. A ideia de organisar a defesa nacional sobre a base da participação de todos os homens validos recebeu na campanha ha pouco terminada a solemne sanção dos factos.

Foi a Revolução Francesa que primeiro fez intervir, de maneira decisiva, o povo nas pugnas em que se joga a sorte das nacionalidades. De ai em diante as guerras tomaram outro caracter, e embora se tenham resolvido, porventura, com uma violencia maior, não ha duvida que teem sido mais rapidas, e por isso mesmo menos devastadoras.

A conflagração mundial que de 1914 a 1918 abalou o mundo, durou pouco mais de quatro anos, e foi evidentemente o maior esforço belico que a humanidade actual podia tornecer. Mas já desapareceram as recordações das guerras que na historia marcaram periodos mais longos de incessante batalhar, como a guerra dos Cem Anos, para não remontarmos a uma antiguidade mais remota.

O povo entrou dentro do quadro militar. A organisação miliciana foi um facto em toda a parte. Tambem nós a estabelecemos na reforma de 1911, que o sr. ministro da guerra agora procura começar a anular com o seu projecto em que tantas cousas retrogradas se notam.

A reforma militar de 1911 foi uma reforma republicana. Ditou-a o espirito vivaz duma propaganda que fortalecera a consciencia dos luctadores pela conquista da liberdade e pelo futuro da patria que ainda não se acentuára na alma dos vencedores. O seu defeito é não ter sido executado inteiramente, ao que se tem oposto a falta de recursos com que o Estado luta. Mas isso não quere dizer que se resgnem as suas disposições em que se autentica um criterio progressivo, para se regressar a uma legislação tão boa ou peor do que a monarquica.

Pode que dizer-se hoje, como nunca, o exercito é profundamente republicano. Não se lhe podem, pois, adaptar senão aquelas normas em que o espirito republicano patentemente resida. O contrario só pode ser prejudicial á ordem, á disciplina e á propria segurança da Patria.

André Brun

Chegou a Lisboa

Tivemos o prazer gratissimo de abraçar o nosso querido amigo André Brun, jornalista ilustre e antigo companheiro de redacção de *A Capital*.

Ainda a morte de Paulo Barreto

A colonia portugueza depõe uma corôa no tumulo do saudoso escritor

BELEM (Pará) 16. — A colonia portugueza desta cidade enviou uma rica corôa de bronze para ser deposta no tumulo do grande escritor e brilhante jornalista Paulo Barreto, como homenagem de gratidão pelos serviços que prestou aos portuguezes residentes no Brazil.—(A).

A agressão a um omnibus

Foram os garotos que atirar m pedras e não os «apaches»

PARIS, 16.—Desmente-se a noticia da agressão dos apaches no auto-omnibus no boulevard Saint Michel, em Montmartre. Foram os garotos que atiraram pedras; o condutor, que os ameaçou de revolver em punho, foi ferido.—(H)

Bolsa Automobilista

Inauguração das suas amplas instalações

Na passada quinta feira 11 a convite da acreditada firma Lisbon, Motor, C.° Ltd. assistimos á inauguração oficial da Bolsa Automobilista de Lisboa, cujas instalações ocupam cerca de 3000 metros quadrados.

Este importante estabelecimento, cujos fins são expostos na nossa pagina de anuncios, tem por director tecnico o proficiente engenheiro sr. Miguel Paiva de Vilhena, que em assuntos de automoveis é uma autoridade reconhecida.

Como valiosos cooperadores tem este ilustre mecanico, os srs. Eduardo ...ticou, engenheiro, e o pratico de muito merecimento Mr. Paul Condat, que dirige as oficinas.

No stand, cuja entrada é pelo numero 122 da R. S. Sebastião da Pedreira, tem actualmente cerca de vinte automoveis de turismo, camions, omnibus e motocicletas das melhores marcas.

O inquerito aos Abastecimentos

O que nos diz o sr. Eduardo de Sousa, membro da comissão de inquerito ao Comissariado dos Abastecimentos

Nas ruinas do Carmo, quando o bispo de Portalegre proferia o seu eloquente e brilhante sermão, démos de cara com o antigo deputado e nosso amigo, sr. Eduardo de Souza.

O antigo e ilustre parlamentar que, pela primeira vez, não conseguiu ser eleito, fazia parte da comissão de inquerito ao Comissariado dos Abastecimentos, tendo sido até o redactor do relatorio, e estava naturalmente indicado para nos declarar o resultado da sindicancia.

Deixámos acabar o sermão e seguimos o sr. Eduardo de Sousa para fóra das ruinas do magestoso convento do Carmo.

— Então, sr. Eduardo de Sousa, o que ha a respeito do inquerito ao Comissariado dos Abastecimentos?

— Um cigarro dos seus, antes de mais nada...—e o sr. Eduardo de Sousa acende o «Absulla», aspirando duas fumaças beatificamente.

E começando:—A comissão a que pertenço já enviou para a Camara dos Deputados o seu relatorio, que é bastante longo, um documento de 50 paginas. Custou-nos a concluir a sindicancia, mas sempre conseguimos pôr a claro as inumeras poucas vergonhas por ali se praticaram!...

—?...

Sorrindo ante a nossa impaciente curiosidade, o sr. Eduardo de Sousa sorri-se e satisfaz-nos:

— Esse relatorio versa, principalmente, sobre os seguintes assuntos:

«*Importação* de carnes congeladas, o que muito e muito elucidará o publico sobre as manigancias praticadas sobre essa importação.

«Processo relativo ás falsificações de guias de açucar, em que a Comissão de inquerito vem a concluir por enviar *para* o Tribunal varios individuos implicados nesse... «negócio!...»

«Sobre este caso muito lhe poderia dizer, mas é melhor aguardar a pronunciação das camaras e da justiça sobre o assunto.

«E' um verdadeiro sudário de ronbalheiras escandalosas!

«A seguir a estes, temos nós o processo relativo á liquidação da Moagem com o Estado, que é ainda um outro e maior «churrilho» de manigancias e espertezas dos senhores moageiros, tendentes todos a defraudar o Estado.

«Sobre este caso, chegámos nós a concluir por determinar o pagamento dos juros dos dinheiros do Estado, importancias com que a Moagem negociou durante algum tempo!...

«A seguir trata o relatorio do celebre caso Rugeroni & Rugeroni, outra manigancia em que estão envolvidos varios individuos de bastante categoria.

—E a conclusão a que chegaram?...

—Responsabilisamos a Direcção dos Transportes Maritimos pelo pagamento das quantias que indevidamente pagou em duplicado, pelo transporte de mercadorias, ás firmas Rugeroni e a Viviani.

E o sr. Eduardo de Sousa exclamou:

—E o relatorio trata ainda de muitos e muitos casos, não teem outro termo, que varias individualidades praticaram para defraudar o Estado.

«Se V. soubesse tudo quando a esse respeito se poderia dizer!...

E o nosso amavel entrevistado acaba por concluir:

—Mas é melhor esperar as determinações das Camaras sobre esses casos, e então muito e muito terá V. para dizer no seu jornal.

Um aperto de mão e despedimo-nos do antigo parlamentar, correndo a redigir estas ligeiras notas.

O paquete "Quelimane,,

Encalhou na baia de Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 15.—O paquete «Quelimane», antigo paquete alemão «Kronprinz», que segue para Lisboa, encalhou na baia de Moçambique a 9 milhas do litoral e será provavelmente posto a fluctuar no dia 18, por ocasião da maré cheia. O paquete portuguez «India» que deve partir na 6.ª feira, levará os passageiros do «Quelimane», o qual não corre perigo algum.

N. R. — A hora já um pouco adiantada recebemos da Havas o telegrama seguinte, o qual vem alegrar-nos um pouco, pois que o «Quelimane» já vem a caminho de Lisboa.

LOURENÇO MARQUES, 15. — O paquete «Quelimane», que foi posto a fluctuar inesperadamente, continuou a sua derrota para Lisboa, mas o carregamento, que se compunha principalmente de sementes oleaginosas, teve de ser lançado ao mar.—(H.)

Nun'Alvares

Assim lhe chamavam os coevos, quando na sua sinceridade lhe festejavam as façanhas com cantigas que a tradição conservou, mas de que o povo portuguez parece estar esquecido.

Triste sintoma! Os mortos governam-nos pelo exemplo. Ai dos povos que abandonam as suas mais gloriosas tradições para se entregarem á mercê, isentos de aspirações, sem objectivo, sem destino definido. Ai desses!

O dia de ontem foi deveras comemorativo, faltando-lhe apenas aquele fervor de entusiasmo e de confiança que tanto avigora o animo.

E' que o povo pouco sabe da sua historia, porque pouco se lhe tem dito. O tempo desperdiça-se entre nós na esterilidade de uma politica enervante e gafada que só serve a corroer-nos as energias e a deprimir-nos o caracter, mais do que ele já está.

E na politica charra teem alguns, ignorante ou maldosamente, querido enliar a comemoração de uma das mais altas figuras da Historia Nacional em ligação com um dos mais decisivos feitos da nossa Independencia.

Não! nem o nome de Nun'Alvares, nem a memoria da batalha de Aljubarrota admitem a menor insinuação ou malsinação de intenções.

Nem é festa monarquica nem republicana, mas pura e exclusivamente nacional.

Se não fôra Nun'Alvares Pereira, que o mestre de Aviz, reconhecendo-lhe os altos meritos, nomeara Governador das Armas do Alentejo, e fizera membro do seu Conselho, a nossa vida de Estado autónomo teria desaparecido, a nossa Independencia sumira-se.

Não houveramos ido sucumbir 193 anos depois em Alcacer-Kibir, é certo; mas tambem, submetidos ao poder de Castela, não houveramos firmado a nossa importancia perante o Mundo, dependo-lhe aos pés novos Continentes que não teriamos podido descobrir, nem sequer antever.

Eis a suprema importancia do facto que se comemorou ontem com o desdém alvar de alguns, a indiferença inconsciente de muitos, e o justo e bem merecido entusiasmo de poucos.

O nome de Nun'Alvares deve ser inseparavel do de João das Regras, o jurisconsulto eminente que no Conselho dos Tres Estados soube defender victoriosamente a prioridade do Mestre de Aviz ao trono vago pela morte de D. Fernando e entregue á regencia da Rainha viuva, a antiga esposa de João Lourenço, e amante do Conde de Andeiro.

Ligando o nome dos dois herois das Armas e das letras, que em vida souberam calar o odio que os separava para, em sincera harmonia, se concertarem para a defeza da Patria ameaçada, apresentamos aos actuais politicos, pela mão da historia, o mais formidavel exemplo de abnegação, valor e convicções a seguir perante as calamidades quasi invenciveis que neste momento ameaçam subverter Portugal.

De Atoleiros a Aljubarrota, daqui a Valverde, já por terras dentro de Espanha, levou o montante de D. Nun'Alvares Pereira de vencida os inimigos da Patria, defendendo-a com o punhado de valentes que o acompanhavam nos seus terços embriagados de valor e de coragem.

Não é a derrota da visinha Espanha o que nós comemoramos, mas o bom exemplo do ardor na defeza do solo nacional. E este exemplo tanto nos aproveita a nós como aos que comnosco confinam. Não se trata de uma comemoração de guerra, mas um anhelo de paz.—A festa de D. Nun'Alvares não constitui um grito de odio, mas um cantico de amor que Portugal envia a todos os povos nesta hora solemne em que está prestes a realisar-se mais uma Conferencia para o desarmamento.

A Capital associa-se á bela comemoração de ontem, á qual dá o significado que aí fica, lembrando a todos os portuguezes, sem selecção de confissões politicas, a alta conveniencia de nunca consentir que por modo algum se dê a esta Comemoração nacional qualquer aspecto de facciosismo politico, que só serviria para mais nos aviltar, denegrindo e conspurcando um dos nomes mais gloriosos da heroica historia do nosso querido Portugal.

AS PROPOSTAS DE FINANÇAS

Um arauto exotico

O sr. Barros Queiroz não desiste da proposta-força—Os seus mais dilectos amigos aconselham-lhe uma intransigencia absoluta—As consequencias hão-de ver-se...

Os jornaes de hontem anunciaram, festivamente, que o sr. ministro das Finanças se desinteressava da proposta-força, deixando ao Parlamento a liberdade de se pronunciar como entendesse. Hoje, logo ás primeiras horas da manhã, um arauto exotico apregoou na cidade que era inexata a noticia que o sr. Barros Queiroz não desistia e que o funcionalismo publico tinha de se curvar á vontade do governo. E o arauto exotico vociferava, a proposito, ameaças ao funcionalismo, com mosteiros para o nosso lado. Vamos a que é util e desprezemos (por emquanto...) o que é... desprezivel.

Acreditamos na versão lançada a publico pelo arauto exotico. E crêmos nela por duas razões:

1.ª—Porque é asneira;

2.ª—Porque está no feitio dos nossos homens de Estado.

Expliquemo-nos:

Sustentar, contra a opinião publica e com prejuizo para o Estado, o parto laborioso da proposta-força, é proprio da feição intransigente dos nossos politicos, todos mais ou menos educados na formula do *vae-ou-racha*. Nas democracias de cultura extensiva e intensiva os homens de Estado surgem de todas as classes, bastando as demonstrações da sua competencia para os fazer destacar e florir. Mas, desgraçadamente, nós somos uma democracia com tremenda percentagem de analfabetos e a selecção faz-se (ou tem-se feito) em sentido negativo. Não é preciso saber, basta ter audacia.

A ignorancia atrevida impõe-se ao vulgo, que, na sua insuficiencia, não sabe distinguir o trigo do joio. Triunfa o mediocre. E, uma vez triunfante, julga-se intangivel, não respeitando coisa alguma e muito menos a opinião alheia. Só ele tem razão. Só ele sabe. Podem demonstrar-lho, pela mais rigorosa logica, pelo mais irrespondivel raciocinio, que nada do que fez é aproveitavel. Ele não se convence. E só se dá por vencido quando a sua força, emprestada pela Nação, esta responde com uma reacção capaz de o aniquilar.

Não dizemos que o sr. ministro das Finanças esteja precisamente neste caso. Mas ele sofre da influencia do meio.

O sr. Barros Queiroz não desiste, pelo que se leu hoje, da proposta-força. Já lhe demonstramos, a ele e ao publico, que nenhuma utilidade resultaria se o monstruoso projecto fosse convertido em lei. Nenhuma utilidade, absolutamente nenhuma. Nem sob o ponto de vista de redução da despeza nem sob outro qualquer. Apezar de nada nos obrigar a isso demos-lhe uma sugestão para a substituição da proposta-força. Mas o sr. Barros Queiroz, que põe todas as esperanças de engrandecimento do seu partido na proposta-força, não desiste dela e teimosamente quer convertê-la em lei.

Não o conseguirá. Ha-de cair embrulhado nesse farrapo de papel, se antes disso outras causas o não obrigar m a abandonar o poder. De nada lhe valer a ref[...] á ultima hora á do seu arauto exotico.

Bem avisado andaria o sr. Barros Queiroz se se resolvesse a retirar, com simplicidade e sem acompanhamento da musica celestial do arauto exotico, a proposta-força. Condemnada pela opinião publica, repudiada por toda a imprensa a proposta-força não subreviverá á analise das comissões parlamentares, se estas não derem demonstrações duma subserviencia fóra de todas as marcas. E' este o nosso parecer. Mas, como já dissemos, é exposto em pura perda, porque o sr. Barros Queiroz não é homem para ser convencido.

Recebemos, sob este caso, algumas cartas. Dar-lhes-hemos publicidade, a começar ámanhã.

Feira de Lisboa

Deve realisar se em Abril proximo, como se depreende dos «pour-parlers» havidos sobre o assunto.

Os srs. Lisboa de Lima e Saldanha Carreira procuraram o sr. Fernandes Costa, que atualmente sobraça a pasta do Comercio, a fim de saberem se estava resolvido a manter os principios estabelecidos pelo seu antecessor.

Recebidos com todas as deferencias, foi-lhes declarado por s. ex.ª que manteria na integra as resoluções do sr. Antonio Granjo, que contava apresentar uma proposta para que a Feira de Lisboa se realisasse em Abril do proximo ano devendo dahi transitar para a feira do Rio de Janeiro que se realizará em Setembro, devendo para aquele efeito aprovar-se um credito de 250.000 escudos.

UM CASO A RESOLVER

A dotação presidencial e a Constituição

Antes de mais nada é necessario resolver se o actual Congresso tem poderes constituintes

Reconhece-se a necessidade de aumentar a dotação presidencial, de tal modo ridicula e mesquinha, que o Chefe do Estado se vê na impossibilidade de sustentar a representação a que é obrigado pelo seu cargo. O Presidente da Republica não pode, na verdade, continuar alojado num modesto andar de qualquer avenida, com uma creada provinciana a abrir a porta ás visitas que o procuram: diplomatas, ministros, altos funcionarios civis e militares.

E' ridiculo. Ha funções que obrigam a exterioridades dispendiosas, mesmo sem opulencia nem fausto. O Chefe do Estado, que representa a nação nas relações externas, não pode dispensar-se de viver com certo conforto, nem de sustentar a representação inerente ao cargo que exerce. Não o tem feito até hoje porque a sua dotação não lho permite. E' indispensavel aumenta-la, e não se dirá que seja uma quantia muito elevada, para o desempenho condigno das suas funções, a verba de 60 contos.

Ainda não vimos, porém, nenhum dos jornais que teem tratado do assunto, encara-lo sob o ponto de vista constitucional. E certo é que a Constituição dispõe, no seu artigo 45, que «o Presidente perceberá um subsidio que será fixado antes da sua eleição e não poderá ser alterado durante o periodo do seu mandato».

Assim, a primeira coisa a fazer, para se tornar possivel o remedio do mal apontado, é o Congresso resolver se tem ou não poderes constituintes.

A revisão é feita de dez em dez anos, mas nos termos do paragrafo 1.° do artigo 82, foi antecipada de cinco anos. Essa antecipação invalidou a revisão ao fim dos dez anos? Eis o que o Congresso tem de resolver, inclinando-se para qualquer das duas interpretações. Se se considerar que a revisão feita ao fim dos cinco anos não impede a revisão neste momento, em que já dez anos decorreram sobre a promulgação do estatuto constitucional, é necessario que o artigo 45 seja alterado num projecto de revisão, e só depois disso será possivel fazer o aumento da dotação do sr. Presidente da Republica.

Pensa-se tambem autorisar o Chefe do Estado a viver num dos palacios nacionais. E' da maior conveniencia, na verdade, que assim seja, mas ainda para isso é necessario eliminar da Constituição o paragrafo unico daquele mesmo artigo, que preceitua que «nenhuma das propriedades da nação, nem mesmo aquela em que funcionar a secretaria da Presidencia da Republica, pode ser utilisada para comodo pessoal do presidente ou de pessoas da sua familia».

Foi um erro da Assembleia Nacional Constituinte essa disposição, tanto mais que o facto do Presidente da Republica viver num dos palacios não aumentava em coisa alguma as despesas do Estado. Pretendeu-se depois remediar o erro, por meio da ficção dum arrendamento pago pelo Presidente. Mera ficção, na verdade, porque se a importancia do arrendamento correspondesse ao valor de qualquer dos palacios, a dotação do presidente não chegava para o pagamento da renda da casa.

O sr. dr. Antonio José de Almeida não quiz aceitar essa formula, adoptada pelos seus antecessores. Só iria viver para o palacio de Belem se fosse possivel ao parlamento, dentro das disposições constitucionais, tomar uma resolução nesse sentido. Isso não se fez, e s. ex.ª continuou na sua modesta habitação da avenida Antonio Augusto de Aguiar, indo a Belem receber os diplomatas e presidir aos conselhos de ministros como qualquer funcionario publico vai á sua repartição.

Para decôro, não diremos já do regimen republicano mas da propria nação, urge que essa situação se modifique. Não se pode obrigar o Chefe do Estado a uma vida tão modesta que se aproxime da pelintrice. E' ele que representa a nação e dirige a politica externa, o que o obriga necessariamente a despesas de representação que não cabem na dotação mesquinha que recebe.

O homem do colete amarelo

Beldemonio numa das suas cronicas sempre tão cheias de sugestiva elegancia e de perturbadora emoção inventou um dia, com o melhor sorriso deste mundo — o homem do colete amarelo. Quem era o homem do colete amarelo—perguntarão V. Ex.as. Nada mais simples. Apenas um excelente burguez que tinha o condão de adivinhar os dias em que andavam mulheres bonitas na rua. Era certo. O homem do colete amarelo descia o Chiado na luz doirada das cinco horas, alto, bem vestido, elegante, uma flor no peito, as luvas amarrotadas sobre a bengala pomme d'or de Prevost? Não havia duvida. Era dia de mulheres bonitas. Pois eu tenho a impressão de que o homem do colete amarelo aparece hoje todos os dias na rua.

Lisboa foi considerada durante muito tempo pelos estrangeiros que tiveram a honra de a visitar—uma cidade de mulheres feias. Não sei bem até que ponto seria justificavel esta opinião, eo mesmo tempo tão inquietante e tão decisiva; sei apenas que Lisboa é hoje, incontestavelmente, talvez mais do que Paris e de certo mais do que Londres onde existe essa coisa espantosa que são as velhas inglezas—uma cidade de mulheres bonitas. A que deverá atribuir-se, segundo as melhores probabilidades, esta transformação? Que mão invisivel e misteriosa teria convertido a cidade num viver buliçoso de «professional beauties»

Como as mulheres minha deliciosa leitora! ignorem precisamente aquilo que toda a gente sabe vinho hoje conversar consigo para tranquilidade do seu espirito e da sua curiosidade—enquanto você enterrada no seu cadeirão Brougham, com um livro no regaço, baloiça no ar um pequenino pé calçado de camurça branca, e emquanto eu sinto passar-me pe os olhos a nudez coleante dos seus ombros, a polpa doirada das suas espaduas; a revoada branca das suas mãos Não, minha amiga, não. Lisboa nunca foi — e você sabe-o melhor do que eu por experiencia propria—uma cidade de mulheres feias, com os estrangeiros, principalmente os loiros e d slavados descendentes de John Bull, desdenhosamente supunham e talvez ainda hoje inveros milmente supunham mas foi durante certo tempo um pouco por instinto, muito por ofício, uma cidade de mulheres recolhidas e recatadas. A beleza em Portugal durante seculos longe de se revelar como uma joia: escondeu-se como um pecado. A bandarrinha do seculo XVIII não abria uma rótula, não assomava a uma janela, passiva os dias, de mantéu de róca e de chapins de Valença, rodeada de frades moços e de creadas velhas, a bordar lençoes de trez ramos: apenas se mostrava á cidade em dia de procissão.

A lisboeta do seculo XIX, a lisboeta ingenua e graciosa do tempo de Garret e do Passeio Publico como mais tarde a alfacinha ultra-romantica do tempo de Soares de Passos e do *Noivado do Sepulcro* não passou, na melhor das hipoteses duma encantadora boneca cheia de camafeus e de timidez, cheia de topazios e de candura, que quando não ia de sége para a missa ou para o serão da senhora marqueza—ia tão recatada, tão embiocada, tão aferrolhada dentro das suas de baeta e das capotas de palha de Italia que nem o diabo podia ver, na nevoa de oiro do sol, se ela era bonita ou feia. Só mais tarde quando a Lisboa velha farta de frades e de virtude desejosa de renovação e de pecado começou a vestir de Paris, a calçar de Paris, a falar de Paris como se trouxesse Paris na caixa de rapé ou no bolso da casaca—só então é que a alfacinha elegante, recortada pelos figurinos francezes, se revelou um pouco a cidade. Arlequim sorriu; D. Juan exultou; casou o *vieux-marcheur* de profissão e, na luz doirada da tarde, um homem surgiu farejando, palpitando, seguindo, de nariz no ar, a primeira rapariga bonita: era o eterno homem do colete amarelo. E a lisboeta que até então era apenas bonita para Deus e para um ou outro primo que a cortejava de perto—passou a ser bonita para *tout le mond et son pére*. Depois a moda na sua ditadura impecavel e as vezes tão perigosa foi desvendando a mulher; todos os descrentes foram forçados a reconhecer, com maior ou menor evidencia, que a alfacinha possuia uma linda cara, uns lindos ombros, um lindo cólo, uns braços bem feitos, umas pernas bem feitas, umas uncas bem feitas, que não ficava a dever nada ás francezas, nem ás italianas, nem ás espanholas, nem ás inglezas, que tinha essa graça envolvente, esse encanto penetrante, esse perturbador sorriso que fazem num abrir e fechar de olhos dum homem um noivo, dum noivo um marido, dum marido—um genro.

E' ver hoje, ás cinco horas, o Chiado. E' passar uma tarde no Garrett. E' parar um instante na rua do Ouro. E assistir, dum pequenino camarote, ao *rendez-vous* da cidade. Por toda a parte revoadas de mulheres bonitas brancas, flexiveis, inquietas duma elegancia exquisita e provocante, sem amplidão, é certo, sem um dado, talvez, sem grandes lindos salientes e decisivas—mas seguramente duma distinção frivola, esguia, elastica, nervosa, quasi desordenada, desse distinção futil surpreendida, com raro encanto, nas bonecas pintadas das porcelanas de Wedgewood, marcada a largos traços, nas paginas dos caricaturistas actuais, moldada toda ela na ondulação paradoxal, vertiginosa do tango, do tango, do maxixe, do furioso, do jazz-band, do fox-trot, das danças modernas. Poucas mulheres sabem amar como as portuguezas, poucas mulheres sabem vestir como a lisboeta. E afinal, por mais que se afirme o contrario, ainda hoje não foi possivel provar que o habito deixou já de fazer

O problema da viação

Os velhos e os novos transportes de passageiros — E paranças que se vão

Já lá vai a epoca das caleirinhas, das seges e dos omnibus. Os char-à-bancs fizeram o seu tempo. Tambem a velha empresa dos carros americanos, puxados a mulas em roncein... toncorrencia com os da Lusitana, do Ch... ra e outros, terminou a sua missão com o advento da Companhia dos Electricos.

Cada uma destas empresas, desde as mais antigas às mais modernas, foram outras tantas esperanças que se desvaneceram.

Tambem o actual sistema de viação em Lisboa, a despeito de toda a confiança que o publico nele depositava, de esvair, graças à insuficiencia dos serviços e outras contrariedades que a miude sobrevêem inesperadamente e nos impedem de chegar a termo das correrias, com grave prejuizo dos negocios e afazeres de cada um.

O que mais desespera o publico é a instabilidade e até falta de garantia neste ramo de transportes.

Com efeito, ainda que se arranje logar num carro, o que não é sempre, sucede, com certa frequencia, cair à frente um burro ou auto-preso, nos uma carroça a impedir o transito, quando não é a corrente que se interrompe, e nos que se fundem ou a pessoal que vai para a greve!

Conhecido o mal, aplica-se o remedio. — A camionagem moderna

De ha muito vem o publico aborrecendo-se de tal estado de cousas, mas tambem não falta quem se preocupe com o remedio a aplicar.

As eternas lutas e desavenças politicas entre Electricos, Municipios e Governo podem deixar os amadores destes torneios de linguagem, mas são incapazes de satisfazer as necessidades que urgem.

Precisa-se de ideias praticas e sobretudo realisações efectivas. O essencial é andar, e depressa, sem demora nem interrupções: parar é morrer.

Ha que viver, ha que luctar; quem melhor lucta é quem melhor e mais depressa se move.

Os que se sujeitam a paragens e delongas sucumbem, são vencidos; outros mais velozes os excedem e passam-lhe adiante.

Que importam privilegios e prerogativas?

Perante a sciencia não ha excepções. A utilidade publica prefere tudo — até mesmo dentro da lei, sem transgredir convenios e escripturas.

A nova Sociedade Portugueza de Camionagens, ao que nos dizem, já em formação, deve de um modo positivo vir resolver o até agora complicado problema da viação acelerada dentro de Lisboa, pelo metodo inglez e americano da simplicidade, sem dispendio de palavras, nem gasto de discursos, substituindo tudo isto valendo-se apenas pelo transporte pratico, efectivo, constante e metodico.

Aplicado o sistema das Cooperativas ao automobilismo nos seus formulos mais modernos, pode e deve em breve bem servir o publico muito a seu contento, para o que já dispõe de 25 belos Camionagens novos, na primeira installação situada no Dafundo, é já prontas a funcionar, além de muitas outras em construção, brevemente a caminho de concluidas.

Vae ficar em breve resolvido o problema da viação

Ao que nos informam, a nova Cooperativa está prestes a funcionar. Confiamos em que se esforçará para bem corresponder á esperança que nela se deposita.

A longa vitalidade, só o publico, nela mais que esta pode garantir com a sua protecção.

Não permitem os privilegios em virtude do publico se sirva avulso dos novos veiculos. Mas todos poderão utilisá-los, sem terem de se sujeitar às mil contingencias referidas, inscrevendo-se como subscriptores, a troco de uma quantidade, aceitavel se for modesta como convém e ainda melhor inscrevendo-se tambem como socio da nova cooperativa, o que lhes aumenta os direitos e regalias.

Só deste modo poderá Lisboa ficar ao abrigo das infelizes contingencias a que as greves de electricos e outros factores a teem reduzido. O publico, desse vez, ficará livre da exploração dos preços exorbitantes a que o locomotivos e pouco decentes transportes improvisados nessas ocasiões, o sujeitam.

Demais, não sendo obrigada a linhas fixas, a moderna camionagem de passageiros com facilidade poderá desviar-se dos obstaculos que se lhe oponham, por modo a garantir a certeza dos horarios, não só á partida como á chegada.

A nossa maior aspiração, enfim, é cremos que a de todo o povo de Lisboa, é que de uma vez para sempre fiquemos ao abrigo de todos os incomodos e vexames que experimentamos nos meios de transportes, e que têm mostrado, com tantos incomodos, transtornos e prejuizos.

Só o sistema cooperativista pode resolver o problema, e parece-nos deveras viavel recorrer-se a ele enquanto o progresso não nos trouxer solução melhor.

o mongo — e de evitar as constipações. As toilettes, apezar de terem tocado o ultimo grito da Paveia, da transparencia, da simplicidade, não deixavam talvez por isso mesmo de favorecer um quasi nada mais se é possivel ainda, a graça ressumante, luminoso, bulhosa e mordaz da alfacinha do nosso tempo. Depois a ménida-da-moda passou do dia na rua — para que a vejam bem. E olhá-la a descer o Chiado, saltitando, voltando-se, desaparecendo, sorrindo, parando aqui um instante defronte duma montra, detendo-se além um momento a conversar com um rapaz, sempre muito alegre, muito fragil, muito viva, perseguida, adorada, cortejada de perto — por todos nós. E eu quasi a jurar, minha deliciosa leitora, tanto nós os desejamos sem os ter, que Deus hoje castiga os homens, pelos seus pecados horrivelmente, deliciosamente — com mulheres bonitas.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

AVENIDA — Guardado está o bocado... — (*Traité d'Anteuil*) tres actos de Verneuil, tradução de Avelino de Almeida : : : : :

Peça

Não tive hontem tempo de folhear os vinte numeros da «Comedia ilustrada» afim de arranjar aquela facil erudição sobre os detalhes da representação original do «vaudeville» que o Avenida nos deu — erudição que tão bem sabe aos nossos leitores e tão bem arrumadinha fica nestas colunas das noticias criticas...

O que eu escrevo é portanto uma impressão imediata e pessoal.

De conheço, mas afirmam-me, que a peça foi em Paris, ha bastante tempo, no «Gymnase», — ou por um ach... va mais) al aquela observação dos cartazes portuguezes di... ha uma duzia de anos, que dizia — (Genero Palais Roy I). Assim já as boas familias de meninas — aspirantes sabiam como que tinham a haver-se...

Trata-se duma espirituosa e viva «pochade», cheia de graça do «boulevard», de leveza, daquela tradicional leveza de Paris que se não explica por palavras, mas que toda a gente compreende e aspira como um perfume vago e conhecido.

Ora as peças desse genero são de adaptação impossivel ás plateias portuguezas. Esse espirito que fusca sutil em cada «double-sens» fra c zou cada sorriso de malher, na graça de cada «toilette», — fica, posto ali á portugueza, com 50% de desconto no valor inicial da mercadoria. E' uma amostra sem valor...

Lastimo portanto que os recursos da companhia do Avenida se apliquem sem ante-hontem á noite, a uma obra que naturalmente resultaria «gauche» no seu conjuncto.

A Tradução

O sr. Avelino d'Almeida passa com toda a justiça — por ser hoje um dos primeiros criticos de teatros portuguezes — senão mesmo o primeiro.

A' sua cultura inteligente em literatura teatral, ao seu contacto com uma alta elite, e á agudeza natural do seu senso artistico devemos todos nós das mais brilhantes paginas de critica contemporanea e que é já tempo de dar todo o merecidissimo valor.

Pode dizer-se mesmo que so sr. Avelino de Almeida e a uns quantos homens da sua geração se deve o apuramento do gosto em certo publico e a exigencia que dia a dia se vai notando no trabalho dos que chegam ao ciclo dos artistas modernos de nosso teatro.

Um trabalho, pois, de Avelino de Almeida, merece toda a atenção e todo o cuidado de analise. A tradução de hontem é, no seu todo, das mais justas do eminente jornalista teatral. Raras vezes se tem dado melhor na nossa lingua o sabor alegre e sensual do espirito gaulez.

Certamente que algumas expressões chocaram vivamente a platea. As palavras *piadirica* (pronunciada pelos labios paradoxalmente frescos da sr.ª Palmira Bastos) e *péga* e *bor racheirões* pela boca do sr. Carlos Santos irritaram mesmo alguns pitueiras, mas isso mostra o desconhecimento do que seja traduzir uma peça.

Transportar para outra lingua um original não é tirar-lhe os defeitos, prejudicar-lhe a cor local, limar-lhe as arestas, enfraquecê-lo.

E' ser justo e dar a impressão mais paralela possivel.

Foi isso que fez Avelino de Almeida, e fez bem.

O *Vaudeville* é aquilo. Outra coisa seria atraiçoar o «argot boulevardier».

Mais uma vez mostrou portanto o tradutor a sua probidade artistica dando ao trabalho um forte cunho pessoal, um brilho e uma viveza que muito contribuiram para o sucesso e alegria com que decorre o espectaculo.

Desempenho

Samwel Diniz fazia a sua festa. Muitas palmas, meia duzia de palminhos amigos, flores frescas no palco e mais um guia cómico, que, pouco adiante aos louros já colhidos pelo novel actor» (sic). A ação do sr. Samwel Diniz é por vezes um pouco cortado, e apesar da distinção e da inteligencia das intenções, monotonisa-se um pouco. Entre o *estilo* e o *amaneiramento* vai um passo pequeno, pequenissimo. E' preciso que aquele distinto actor tenha isso em conta.

O sr. Carlos Santos tem na peça de ontem um trabalho admiravel. Actor de multiplos recursos apraz-me hoje focar as valiosas modalidades da sua forma dramatica.

Do «Pedro Cruel» ao «Edmond Janvier» Carlos Santos marca dois extremos decisivos.

E, apesar do seu fisico o atraiçoar ás vezes, é um grande actor em toda a parte. A caricatura d'outem foi magistralmente marcada e não só se presenta melhor aquele genero, em parte nenhuma.

Judicioso, muito á vontade e sóbrio, Cosimiro Tristão bem e o ponto satírica.

A sr.ª Palmira Bastos, que tinha na peça 23 anos, representou com a sua costumada tecnica e sobendo perfeitamente o seu papel. E' justo antes de mais nada salientar esse ponto — ponto que para a distinta artista não tem necessidade de se fazer ouvir. No entanto o seu trabalho na «Joana d'Albuquerque» como reso o programa, tam bem nada menos que uma grande carreira.

Mais toilete da Pilar ou da Martin, mais cabeleira loura (por signal que era muito estupa) e criamos outros no «Mont martre» ou nem de «compra» na prima estouvada do reportorio romantico.

Impossivel de exagero a sr.ª Elvira Velez. Leonilde Pereira e Carlota Sena — uma muito gorda outra muito magra.

O scenario do 3.º acto, com uma mobilia Luiz XV de «europe» vero, abominavel. No 2.º acto uma varanda ao ar livre com moveis de mogno polido, — a pedir chuva.

O HOMEM QUE PASSA.

Aviso a um difamador

Um insigne canalha, cujo nome, por si só, é uma ignominia, permitiu-se, ha dias difamar-me no imundo papel onde cospe a sua baba peçonhenta. «O d'Aveiro», assacando sobre mim e o major Filipe de Sousa aquele rosario de torpezas e de infamias com que o bilitre pretende, semanalmente, conspurcar ora uns, ora outros.

O formidavel mariola, demontado pelo desprezo e pela repulsa gerais, procura vingar-se desse desprezo e dessa repulsa, enxovalhando tudo e todos.

Não pode o grotesco salafrario ser chamado á responsabilidade das suas torpezas. E' um desqualificado, que uma junta militar, ha anos, poz fóra do exercito e proteje nos na sargeta da sua vida crapulosa, já então de toda a gente conhecida.

Audando de boca em boca as mentiras morais deste incomensuravel bandalho, que medrou na infamia, encaneceu na infamia e ha-de morrer na infamia.

Todos se afastam dele pelo pavor do contacto com tal estrumeira. Todos receiam ser contaminados por tanta podridão.

Existem, porém, desinfetantes energicos; e porque nele confio, desde já aviso o torpissimo vilão de que, onde quer que o encontre, lhe arrancarei as orelhas, forçando-o previamente a limpar a lama das ruas com a face desvergonhada.

Não recuarei perante o perigo duma infecção, nem perante a idade do safardana.

Os ratoneiros da honra alheia não teem idade. Quando os saltam ao caminho, não ha que curar se são novos, se velhos: avisam-se simplesmente de que se lhes vae bater, e bate-se-lhes.

Sousa Marques

Excursões

O Grupo Excursionista União dos Dez. — Realisa no proximo domingo, 21, o seu costumado passeio a Leiria, Batalha e Caldas da Rainha.

ULTIMA HORA

Memorias de Aljubarrota

Uma biblia e uma pá

Na Biblioteca Nacional de Lisboa existe o primeiro volume duma *Biblia* que pertenceu ao rei D. João I, de Castela, e se conservou por longos tempos no Convento de Alcobaça, para ter sido encontrada entre os muitos despojos da batalha de Aljubarrota.

A tradicional pá com que Brites ou Brites de Almeida, a celebre padeira por al junha — a Pisqueira — matou sete castelhanos que se tinham escondido dentro do forno, existiu por muito tempo sobre a verga da porta da Egreja matriz.

Pinho Leal viu-a em 1834. Ainda lá existe? Onde pára? porque não vem para um museu?

NOTICIAS DE VERA CRUZ

A Exposição Internacional no Rio de Janeiro

A nossa participação

RIO DE JANEIRO, 15. — Os embaixadores de Portugal e Inglaterra, os ministros da Suissa, Grecia e Dinamarca conferenciaram com o ministro dos estrangeiros, sr. Azevedo Marques sobre a participação dos seus respectivos paizes na Exposição Internacional de 1922, dando lhes o referido ministro esclarecimentos minuciosos sobre o projectado certamen. — (A.)

Em Moscou

A crise dos soviets

RIGA, 15. — Assiste-se em Moscou á ultima fase da lucta travada entre os membros do governo dos «soviets». Confirma-se a demissão de Trotsky da comissão da guerra, tendo tambem Dzerzinsky apresentado a demissão de comissario do interior. Os comunistas extremistas esquerdas teem-se demitido dos seus cargos com a ideia de provocarem uma crise governamental de que os extremistas tentariam aproveitar-se para constituirem um novo governo. — (H.)

Movimento Cooperativista

Federação Nacional das Cooperativas. — Em 4 de Julho findo a direcção da Federação Nacional das Cooperativas, acompanhada de grande numero de delegados, avistou-se com o sr. ministro do Trabalho, junto do qual foram levados pelo Administrador Geral do Instituto de Seguros Sociais Obrigatorios, que havia tomado a iniciativa de regular um projecto de lei de credito ao Cooperativismo Nacional, fundamentando-se nas disposições da lei que aumentou a circulação fiduciaria em duzentos mil contos.

Declarou-se então o sr. ministro do Trabalho partidario dum, decidido auxilio ás cooperativas e á sua Federação, prometendo avistar-se, sem demora, com o sr. presidente do ministerio, e dar depois uma resposta.

Como se tivesse passado mais de um mez sem ter sido obtida qualquer resposta a F. N. C. oficiou ao sr. dr. João Luiz Ricardo, pedindo a sua intervenção junto do referido ministro, respondendo-lhe ontem aquele funcionario, dizendo, em resumo, o seguinte:

«Sobre o auxilio a prestar ao cooperativismo, tenho a honra de comunicar que sua Ex.ª o ministro do Trabalho aguarda ainda a resposta de S. Ex.ª o ministro das Finanças sobre a forma de realisar esse auxilio».

Mutualidade e Seguro social

Pedem-nos a comissão de defesa do Mutualismo a publicação de um representação que dirigiu ao sr. ministro do Trabalho.

A escassez de espaço apenas nos permite dar um resumo do teor do documento.

Diz, que entre as medidas propostas por uma Comissão nomeada em Abril está a creação de uma bela scientifica que venha regularisar este ramo dos serviços. Com esta medida contase a vários dos horrores do pauperismo. Pede tambem isenção de portes do correio para a correspondencia das Associações.

Pro domo nostra lembraremos que o publico, auxiliado o Instituto dos Seguros Sociais pode obter vantagens intimamente superiores ás que resultem do esforço quasi improficuo das mais generosas iniciativas particulares.

Os gatunos á solta

Vítimas que'ixas á policia

Queixaram-se á policia Catherine Larronda Gomes, R. Rodrigo da Fonseca, 24, 1.º, que a sua creada Leopoldina lhe furtou objectos no valor de 80$00; José dos Santos, rua Santa Marinha, 5, 4.º, de que lhe furtaram a carteira com 1.050$00; Antonio de Matos, travessa do Açougue, 8, 1.º, de que lhe furtaram ... Santos lhe furtou objectos no valor de 25$00; Maria Julia Gaspar, rua Renato Batista, 61, cave, que lhe furtaram uma trouxa de roupa no valor de 10,$00; Rosa de Jesus, travessa do Hospital, 12, 1.º, que, vizendo em mancebia com Joaquim de Almeida, este lhe furtou objectos no valor de 400$00 e partiu-lhe todos os moveis que tinha em casa.

Duas prisões

A pedido de Antonio Pedro Rodrigues, P. da Armada, 32 e 34, foi preso Antonio dos Santos, Vila Teixeira, 25, acusado por aquele de lhe furtar do seu estabelecimento generos no valor de 30$00. Tambem foi preso Francisco Lima, da rua de S. Pedro Martir, 20, 3.º, por ter entrado no escritorio do Entreposto de Santa Apolonia e furtar de um armario a quantia de 80$00.

Associação Crista da Mocidade

Realisa-se amanhã o ... solemne da sede da Associação Crista da Mocidade, que ultimamente sofreu grandes modificações, e para o qual estão convidados alguns elementos oficiais.

«A Capital» agradece o convite que lhe foi feito.

Maravilhas da sciencia

Quão longe se andava da realidade, quando se chamava ao seculo XIX o seculo das luzes! Toda a luz do seculo passado, embora nos vislumbrasse com os seus reverberos, na realidade era apenas um palido clarão no meio das mais densas trevas.

Tudo, que, ainda ha poucos anos, nos envaidecia e orgulhava, como a ultima meta do progresso, principia a compreender-se que era apenas um pequeno passo vacilante, tremulo, como o da creança nas suas primeiras tentativas de equilibrio.

A viação electrica evidencia-se ronceira. Virá a estar para as futuras aplicações da radioactividade e outras energias que se vão descobrindo, como o antigo carro de bois estava para as carroagens, «dog-carts», aranhas, «tilburis» e outras viaturas puxadas a cavalos.

O mesmo diremos dos balões, com todos os seus melhoramentos, mero brinquedo de creanças em comparação dos modernos zepelins, biplanos, hydroplanos, e aviões que atravessam os ares em todos os sentidos, fazendo já o serviço do correio internacional, conduzindo passageiros e preparando-se para o seguro, rapido, facil e comodo transporte de mercadorias atravez dos espaços, em desafio a Icaro e parodia á passarola do Luiz de Gusmão.

A velocidade atingida no seculo passado pelos grandes transatlanticos comparada com a de hoje, vem revelar-nos a sua insuficiencia com que afinal nos deixavamos extasiar, mal prevendo o grande atraso que se continha naquele progresso.

A alta mecanica, a alta engenharia todo isso estava apenas no A B O dos conhecimentos modernos.

Que importancia tiveram esses primeiros cabos submarinos a ligar a Europa com Africa, quando se antevê a possibilidade, praticamente já em via de realisação, de ligar o mundo inteiro, os Continentes, os Oceanos, os Polos, tudo pela radiotelegrafia já aplicavel ás maiores distancias?

Simplesmente maravilhas!

A aliança aerea da Polonia com os Estados Unidos

Está resolvido! Vai a Polonia ficar ligada radio-telegraficamente com os Estados-Unidos por meio de uma instalação gigante de comunicações directas e quasi instantaneas, entre Varsovia Dantzig e Nova-York.

Com estas novas instalações que só os mais recentes inventos no genero vieram tornar possiveis, muito mais vão estreitar-se as relações industriais e comerciais entre os dois paizes.

Ao mesmo tempo o preço das comunicações terá de baratear consideravelmente pela supressão de estações intermediarias que obrigam a transcrições fastidiosas, ás vezes estropeadas, em consequencia da intervenção de maior numero de pessoal.

A questão da Irlanda

A resposta de De Valera a Lloyd George

LONDRES, 15. — Informa o secretario do partido sinn-feiner que na resposta de De Valera ao sr. Lloyd George que lhe foi comunicada para Paris em aviáo, nada ha que justifique a retirada precipitada do primeiro ministro da capital franceza. Essa resposta dá margem a continuarem as negociações entre os dois. A pressa com que De Valera deu a sua resposta é devida a precisar aguardar a decisão formal da Assembleia republicana irlandeza, por ter conhecimento individualmente com os seus membros e conhecer já a sua opinião. — (H.)

O dreadnought Mina Geraes

O governo brasileiro desmente oficialmente o boato da sua venda

RIO DE JANEIRO, 15. — E' oficialmente desmentido o boato, que correu com certa insistencia, de que o governo tencionava vender o dreadnought «Minas Geraes». Longe de alienar qualquer das unidades da marinha de guerra, o governo está, pelo contrario, na disposição de fazer tudo quanto caiba dentro das disponibilidades pecuniarias do Brazil para aumentar o material naval, pretendendo com toda a razão e justiça manter o primeiro logar entre as potencias maritimas da America do Sul. — (A.)

Sports & Educação Fisica

«A base de todo o progresso intelectual ou social é a saude, a capacidade fisica da Nação».—**Dr. José Guilherme Pacheco de Miranda.**

Sporting Club de Portugal

A assembleia geral de sabado aprovou uma moção de desconfiança á direcção

Realisou-se no sabado ultimo, na séde do Sporting Club de Portugal, uma assembleia extraordinaria para modificações a fazer nos estatutos do club.

Antes da ordem da noite, foi discutida a atitude que o actual presidente da direcção sr. Soares Junior, tomou para com o redactor principal do nosso colega «Os Sports».

Um diario da manhã de ontem, relatando o que se passou, diz:

«Para aprovação de modificações a efectuar nos estatutos, reuniu ontem, pelas 22 horas, a assembleia geral do Sporting Club de Portugal, sob a presidencia do sr. dr. Pedro Navarro.

Antes da ordem do dia foi calorosamente discutido um incidente havido entre um jornal da especialidade e o director do club, resultando, da forma como decorreu a discussão, a apresentação duma moção de desconfiança á direcção, moção que foi aprovada por grande maioria.

A sessão foi interrompida cerca da meia noite, devendo prosseguir na proxima sexta-feira, pelas 22 horas.

O incidente deve produzir grande sensação nos meios sportivos, receando-se a saida do club de alguns elementos de valor.»

Por nossa parte, dizemos apenas que, saida a actual direcção, estamos convencidos que nenhuns «elementos de valor» sairão do club, como aquele nosso colega informa.

COMBATES DE BOX

A festa de domingo no Stadium

Os mesmos organisadores das ultimas festas de box, procurando dar ao publico espetaculos de interesse e cheios de emoção como o ultimo que se realisou no Stadium, vão efectuar no proximo domingo nova festa com um soberbo programa.

Sabe-se já que o conhecido pugilista Faustino Pereira, rival de Silva Ruivo, bate-se com um homem conhecido nos grandes centros sportivos. Trata-se do boxeur francez Chassagne que se encontra em Lisboa desde sexta-feira da semana passada.

Chassagne declarou aos organisadores que desejava bater-se com Mario Gall mas estes preferem primeiro opô-lo a Faustino Pereira.

Vamos na mesma tarde presenciar um combate entre dois pesos pesados Arthus e Gilles este campeão de França (amador de 1920).

O programa deve incluir tres combates profissionais e para isso os organisadores esperam hoje um telegrama do Porto a fim de apresentarem ao publico um campeão do norte contra um francez que já tem bastante simpatia do nosso publico.

NATAÇÃO

As provas de hontem na doca de Alcantara

Realisaram-se hontem pelas 12 horas na doca de Alcantara, as provas de natação, organisadas pela Liga Portuguesa dos Clubs de Natação, cujos resultados foram os seguintes:

A corrida de 400 metros foi ganha pelo sr. Mario da Silva Marques (do Casa Pia Atletico Club), seguindo-se os srs. Bessone Bastos (do Sport Algés e Dafundo); Pereira da Costa (do Club Nacional de Natação); Augusto Reis Pinto (do C. Pia A. Club) e o sr. Antonio Pala (do Algés-Dafundo).

Seguiu-se a corrida de 50 metros para principiantes, cujos classificados foram os seguintes: 1.º Raul Neves (aluno da Casa Pia); 2.º Moutinho de Almeida e Florencio (ambos do Algés-Dafundo).

A corrida de 100 metros para juniors foi ganha pelo sr. Luis Saccadura (do Algés-Dafundo), classificando-se em 2.º e 3.º lugares os srs. Fonseca (do Club Nacional de Natação) e Joaquim Marques (do Casa Pia A. Club).

Terminou a festa por uma corrida de 800 metros entre os srs. Bessone Bastos e Basilio dos Santos, ficando aquele vencedor.

No Estoril

No Estoril, realisou-se hontem tambem como tinhamos noticiado, com larga concorrencia as provas de natação na piscina do Parque do Estoril, promovidas pelo Club Nacional de Natação e pelo Casa Pia Atletico Club.

Na corrida de estafetas, por équipes coube a vitória ao Casa Pia, por uma volta e um quarto, ficando vencedor o mesmo club no jogo da barra.

A corrida de velas acesas foi ganha pelo sr. Antonio Pinto da Silva, do Club de Natação; e da luta de tracção, a equipe capotaneanda pelo sr. Mario da Silva Marques, do Casa Pia.

No desafio de «water-polo» coube a vitória á équipe do Club de Natação por dois «goals» a um.

Passeio Nautico

Realisa-se no proximo domingo

Está despertando interesse o passeio nautico que o Club Naval de Lisboa realisa no proximo domingo á Serra da Arrabida, no vapor «Victoria» da Parceria.

A procura de bilhetes tem sido grande e pode fazer-se na sede do Club, cais do gaz.

TIRO

O XXI Concurso Nacional

Reuniu no dia 2 deste mez no Ministerio da Guerra, o jury nomeado para o proximo Concurso Nacional marcado para o mez de Outubro.

Foram nomeadas as varias comissões, trataram-se varios assuntos preliminares e trocaram-se impressões sobre modificações a fazer no programa.

Consta-nos que na proxima reunião serão modificados alguns artigos do programa a saber:

Aumentar os premios pecuniarios e marcar antecipadamente as suas quantias e numero de premios de cada prova; marcar antecipadamente o numero de objectos de arte que serão distribuidos nos grupos A e B da prova «Gomes Freire», estabelecendo uma percentagem segundo o numero dos concorrentes; a escolha dos premios será de forma a dar maior liberdade aos premiados, deixando-os num unico lote, modificando a ordem de chamada, mas seguindo o criterio do regulamento; fazer a verificação das armas, sempre que os atiradores comecem o fogo; haver o maior cuidado na marcação e conferencia dos alvos; haver armas, se não novas, pelo menos rectificadas, e em quantidade suficiente; obter munições especialmente carregadas e varios outros detalhes que muito concorrerão para o bom funcionamento do concurso.

Agora para que ele tenha um brilhantismo superior a todos os anteriores, será necessario que todos aqueles que tão patrioticamente teem concorrido com premios, o continuem fazendo e todos os outros compreendam o alto significativo da pratica do Tiro, concorrendo tambem, pois irão assim premiar o esforço daqueles que praticando o sport, de todos o mais patriotico, serão tambem amanhã os melhores defensores da Patria.

Uma carreira de tiro reduzido no Sport Lisboa e Bemfica

Inaugurou-se hontem no Sport Lisboa e Bemfica a nova carreira de tiro reduzido facultada aos socios do club sob a direcção do capitão Ferreira.

Consta-nos que em fins de setembro este club vai organisar um concurso inter-socios.

Um campeonato da Sociedade de Tiro n.º 1

Começou hontem a ser disputado na carreira de Pedrouços o campeonato anual da Sociedade de Tiro n.º 1. A prova continua nos dias 21 e 28 do corrente.

Georges Carpentier na America
Um inquerito

O nosso presado colega «Os Sports» acaba de abrir um interessante inquerito: Trata-se de saber qual foi o «bijou» que os americanos ofereceram a Carpentier, durante a sua estada na America. O «Times» num numero de «Os Sports», de hontem, escreve isto:

«Nem um só dos leitores se aproximou, sequer, da verdade! A tal distancia ficaram dela e em tal quantidade foram as suas respostas, que nos é impossivel publicá-las... a não ser que abdicassemos dos anuncios.

Confesso que esperei mais sagacidade. E' não desanimar.

Damos hoje um detalhe elucidativo: Podemos garantir que a questão é tão excepcional que a propria madame Carpentier a desconhece.»

Noticias

Novas

Deve realisar-se por todo este mez a assembleia geral do Gimnasio Club Portuguez.

—Realisa-se na proxima sexta-feira nova assembleia geral extraordinaria no Sporting Club de Portugal.

—Encontra-se no Luso devendo regressar amanhã o nosso amigo Manuel Carabe.

—O 1.º team do Foot-Ball Club do Porto recebeu convite do Pontevedra Atletico Club para ir jogar a Pontevedra no dia 21 do corrente. Ao que parece o team portuense aceita o convite.

Nas provincias e arredores

PORTIMAO.—Está-se organisando em Portimão um novo club de nadadores patrocinado pela Liga Portugueza dos Clubs de Natação.—C.

VIANA DO CASTELLO. — Está despertando interesse a prova de natação que o Aviz Atletico Club desta cidade, leva a efeito no dia 20 de Agosto por ocasião dos Campeonatos Nacionaes de Natação que a Liga Portugueza realisa em Viana.

O mesmo Club, que institue o «Escudo de Vianna» para essa prova, convida todos os clubs do paiz a quem não poude dirigir-se particularmente, a fazerem-se representar nessa prova, enviando um oficio á sua séde em Viana.—C.

Estrangeiro

Natação

No dia 7 deste mez realisou-se em Anveres um desafio de «water-polo» entre as equipes representativas da Belgica e França vencendo esta por 3 goals a zero.

Box

Só nos fins de outubro se deverá realisar o encontro entre George Carpentier e Tom Gibons para o titulo mundial dos pesos meios pesados em virtude de Carpentier ter de repousar trez mezes pelo menos.

Aviso aos clubs

Toda a correspondencia relativa a esta secção, deverá ser enviada para os nossos escriptorios todos os dias até ás 12 horas.

«A Capital que tem sido dos diarios de Lisboa, aquele que mais desenvolvimento dá aos sports, volta novamente a ampliar a sua secção defendendo com todo o entusiasmo a pratica de todos os sports e o desenvolvimento das nossas agremiações sportivas

Miserias de Lisboa

E' necessario que nos ajudem nesta campanha

A iniciativa ha dias tomada pel'«A Capital» em que este jornal encetou uma campanha, altamente moralisadora para a população, dizemo-lo com orgulho, — tem sido unanimemente aplaudida pelo nossos estimaveis leitores, comquanto não tenha ainda merecido aquela atenção que os poderes publicos lhe deveriam dedicar, porque a questão que temos tratado nestas colunas, se tivérmos, como licitamente esperamos, o exito que deveremos ter, constitue um dos mais altos assuntos para o paiz.

Ela tende unicamente a reprimir esse tremendo desastre dos abortos que, arrastando para todos nós dificuldades de toda a ordem patenteiam a nossos olhos o doloroso fenomeno da diminuição da natalidade, o que bem mostra em numeros estatisticos, precisos, claros evidentes, o ultimo censo da população.

Num paiz como o nosso, não é de extranhar, que se não dê ás campanhas da imprensa, devido valor nem o carinho e atenção que merecem, porque desgraçadamente a politica absorve e quasi aniquila tudo e todos.

Entretanto não esmorecemos. Havemos de continuar a nossa formidavel campanha de combate na certeza de, ter trabalhado um pouco para a patria e para a humanidade.

O que é necessario é que nos ajudem.

Tratando-se duma questão deveras moral, o concurso de quem quer que sejá valoroso e util.

A nosso lado contamos com o sr. dr. Tovar de Lemos que não hesitou em colaborar comnosco nesta civilisadora missão, assim como o sr. dr. Faria de Castro que ainda ontem nos dirigiu palavras puramente desvanecedoras.

Hoje mesmo temos mais uma carta do sr. Assis Correia, cujas palavras constituem a verdade documentada do que dizemos, e transcrevemo-la na integra:

—Sr. redactor: A campanha levantada pelo seu jornal, tão moralisadora como humanitaria, leva-me a contar-lhe um caso verdadeiramente desolador.

Em minha casa entrou ha dias uma criada de servir, de nome Augusta, ainda bastante nova, e, segundo cuido, dos seus vinte anos aproximadamente. Não tinha familia, e aos domingos pedia sempre licença, para passear, fugindo assim, por algumas horas, á nostalgia atroz de quem trabalha.

Ao fim de tres meses começámos a notar que o ventre se lhe elevára em grandes proporções, o que nos levou a interrogal-a, sem todavia receber dela uma confissão.

Um dia despediu-se e foi ao hospital de S. José, pedir para ser internada. Pediram-lhe esses documentos que a burocracia sempre exige, como é de uso no nosso paiz. Não conseguiu nem a documentação exigida, nem a internação necessitada.

Nesse meio termo encontrou uma «amiga» que se comprometeu a «socorrê-la», debaixo de muito segredo e a troco de algumas duzias de escudos. Escusado será dizer-lhe: Esta mulher foi a desgraça desta pobre rapariga.

E a policia? Não ha? Existe, sim mas almoça pachorrentamente, sobre uma mesa de pinho, entre as vitualhas das ordens e decretos, os enormes proventos das sua péssima administração.

De v. etc.
Assis Correia

Os comentarios tornam-se desnecessarios. A consciencia falará ao leitor, melhor de que a nossa pena de jornalistas.

UMA LINDA FESTA
— NO —
Regaleira-Club

Em favor das casas de caridade

Relisou-sea ante-hontem, como tinhamos anunciado a primeira das grandes festas que um grupo de jornalistas está promovendo nos clubs elegantes de Lisboa.

Abriu a serie o Regaleira, cujo proprietario, o sr. Artur Aires, tomou a peito dar-lhe toda a sua colaboração concorrendo poderosamente para o esplendor com que decorreu até ao fim.

Pena foi que a direção do Ginasio-Club recusasse os aparelhos, que lhe foram pedidos, para os trabalhos sportivos executados, note-se bem, por alguns dos seus socios! E' seu socio tambem o proprio diretor do club, que, como se calcula, ficou aborrecido com a recusa, assim como os nossos camaradas promotores, que acharam aquilo inqualificavel, tratando-se duma festa de caridade.

Enfim, esse ligeiro incidente em nada prejudicou o brilho da festa, pois outra entidade amavelmente cedeu os aparelhos pedidos, assim como igualmente em nada influiram as varias visitas da policia, que durante toda a noite não descansou na sua faina...

Nunca, nas sumptuosas salas do Regaleira, transitou uma tão numerosa assistencia, o que prova que, para os que se divertem não é indiferente a situação dos pobres. Foi uma festa de arte e de elegancia, com numeros hilariantes e numeros enternecedores, mas em que se frisou bem que se tratava de uma festa humanitaria, pois rendeu um conto, seiscentos e vinte escudos, que vão ser entregues ao sr. governador civil.

Todas as despesas feitas, inclusivé uma suculenta ceia servida aos artistas, foram pagas pelo sr. Artur Aires, a quem os jornalistas nos pedem para agradecer, em nome dos pobres.

A proxima festa a realisar será no Ritz-Club, coincidindo isso com a inauguração duma linda explanada que mais embelesará aquela já opulenta casa.

Agora um apelo á policia.

Cêrca das duas horas, quando a linda festa atingia o auge do entusiasmo, dois individuos, que haviam bebido em excesso, pretendiam, á viva força, entrar no Regaleira, e, como o continuo o não permitisse, um deles agrediu-o, o que, é claro, o resolveu a defender-se como poude e soube.

Dizem-nos que esses individuos são os srs. dr. Almeida Ribeiro e Alexandre Miranda.

E' lamentavel que a policia, que em toda a noite não larga os clubs, não tenha meio de evitar, cá fóra, essas scenas. Cá fóra, sim, é que é manter a ordem, que, lá dentro, mantem-a os que lá estão.

Assim é que é, mas não o parece entender desse modo a policia.

Paciencia.

COMPANHIA DE SEGUROS

A LUSITANA

(Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada)

CAPITAL 500.000$

Avenida da Liberdade, 14

LISBOA

Relatorio do Conselho de Administração

Senhores Acionistas:

Vimos submeter à vossa apreciação o balanço e contas da gerencia do ano findo.

Apezar das indemnisações terem atingido uma verba apreciavel, o aumento da receita de premios faz prever que a reconstituição d'A LUSITANA poderá ser atingida, se continuar a seguir nos seus processos a orientação adoptada depois do seu con r cio com A NACIONAL.

A' 4.ª pr s ação da cha ada de capital deixaram de concorrer até agora 2.176 acções na importancia de Esc. 10.880$00.

Lamentamos com o maior pezar a perda do Ex.mo Sr. Conde de Verride, nosso antigo presidente, e aqui prestamos a mais sentida homenagem de respeito e saudade á memoria de tão leal amigo.

Lisboa, 10 de Maio de 1921.

Pelo Conselho de Administração:

O Presidente,
Antonio Vasconcelos Corrêa
O Administrador-Delegado,
Alberto Hipolito Pereira de Araujo
O Director,
Fernando Brederode.

Balanço em 31 de Dezembro de 1920

ACTIVO

Acidentes no trabalho		18.826$28
Accionistas		28..260$00
Bilhetes de Tesouro	128.000$00	
Emprestimos s/ apolices	5.961$92,5	
Hipotecas	2.500$00	
Papeis de Crédito	88.751$94	225.213$86,5
Caixa	399$57,5	
Coupons do 2.º semestre	5.045$08	
Depositos á ordem	23.905$33,5	29.349$99
Companhias Resseguradas	6.334$56,5	
Correspondentes	52.745$60,5	
Devedores e Credores	26.695$83	
Fracções de premios a cobrar	1.370$23	
Gastos recuperáveis	1.030$19,5	88.176$42,5
Chapas e Bandeiras	411$54	
Impressos	2.015$38,5	
Móveis	2.240$00	4.666$92,5
Comissões antecipadas	36.31 $48	
Gastos de Instalação	5.550$00	
Letras a Receber	8.382$99	
Prémios por cobrar	15.875$52,5	66.222$99,5
Carteira de Seguros	157.868$97	
Prejuisos anteriores a 1919	81.144$80	
Prejuisos de 1919	53.188$15	292.201$92
Caucionados	77.665$80	
Cauções em Titulos	14.032$00	91.697$80
		1.098.616$20

PASSIVO

Capital		500.000$00
Flutuação de valores	53.448$60	
Reserva Matemática	250.876$94	
Reserva de Garantia	7.164$26	311.489$80
Caixa de Previdencia dos Empregados	856$96	
Dividendo	402$00	
Segurados	2.378$97,5	
Reserva de Seguros Vencidos	57.820$93	
Resseguradores	9.006$98,5	70.468$85
Nacional (A)		166.908$03
Caucionantes		49.749$52
		1.098.616$20

Desenvolvimento da conta «Ganhos e Perdas»

DEBITO

Contribuições		9.924$10
Despesas Gerais	23.305$65	
Impressos	1..3$04	23.468$69
Despesas especiais de cada ramo		4.355$56,5
Encargos de Dividas		8.001$73,5
Comissões liquidas de resseguros		80.206$24
Indemnisações liquidas de resseguros		90.332$91,5
Aumento nas Reservas técnicas: Reservas Matemáticas	48.525$30	
Reservas de Garantia	1.113$12	49.638$42
Aumento na Reserva de Seguros Vencidos		16.675$92
		232.598$58,5

CREDITO

Carteira de Seguros		14.276$02
Diferenças de cambio		4.844$31
Dividendo prescrito de 1914		246$75
Rendimentos	7.730$51	
Juros das Reservas técnicas	8.396$12	16.126$63
Prémios liquidos de resseguros		106.628$00
Custo de apolices		471$87,5
		232.598$58,5

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Acionistas:

Tendo procedido ao exame do relatorio e contas apresentados pelo Conselho de Administração, somos de parecer:

1.º Que aproveis o relatório, balanço e contas apresentados pelo Conselho de Administração;

2.º Que deis um voto de louvor ao nosso Director, Ex.mo Snr. Fernando Brederode, pelo zelo e inteligencia com que geriu os negocios d'A LUSITANA.

Lisboa, 18 de Maio de 1921.

O CONSELHO FISCAL
Bernardo Homem Machado (Conde de Caria)
Artur de Carvalho Ravara
Jayme Salazar de Sousa (Secretario)

A CAPITAL

3861 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Terça-feira, 16 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Mais uma violencia

Segundo noticiam os jornais, vai ser já discutido por estes dias mais proximos, no parlamento, a proposta de lei com que o governo vai agravar as contribuições industrial e predial rustica e urbana.

Nesta ultima estabelece-se uma inovação, relativamente ao periodo da vigencia da Republica. E' a resurreição do imoralissimo imposto, conhecido pela designação de decima da renda de casas.

Desde largos anos, ainda no tempo da monarquia, que este imposto tem sido alvo dos mais justos ataques, porque não se trata de tributar uma fonte de rendimento mas sim uma fonte de despesa.

Na Republica este imoralissimo tributo foi suprimido. Restabelece-se agora e ainda com uma caracteristica mais odiosa: a de que, por meio desta nova disposição, se pode conseguir o despejo da habitação ocupada pelo inquilino que não pague, por qualquer motivo, a decima!

A isto nunca se chegara. A decima podia ser relaxada, o contribuinte poderia ser penhorado nos seus bens se a não satisfizesse, mas ninguem o podia pôr no meio da rua, enquanto não pagasse ao senhorio.

Agora, não. Aquilo que desde o periodo da guerra se tem procurado acautelar, isto é, que por qualquer forma os inquilinos sejam postos na rua, para o senhorio poder elevar a renda das casas duma maneira fabulosa, vae tornar-se possivel pela mais vexatoria de todas as leis!

E' o que se conclui do artigo 3.º da proposta e § unico do artigo 4.º da mesma proposta.

Diz o artigo citado:

«Nos predios arrendados a dinheiro, o proprietario será tributado pela importancia da renda e o arrendatario pela diferença entre essa importancia e o rendimento colectavel multiplicado pelo coeficiente que lhe fôr aplicavel.»

E o § unico do artigo 4.º determina:

«O proprietario terá o direito de exigir do rendeiro o pagamento das partes da contribuição de que trata este artigo, constituindo motivo justificativo do mandado de despejo a recusa deste pagamento, depois da citação feita, e pedido do proprietario, pelo juizo das execuções fiscais».

Ao menos não se pode dizer que não seja claro e explicito o texto da proposta. O inquilino fica debaixo das forças caudinas. Não só pela trapalhada da diferença a que se refere o artigo 3.º com a multiplicação por um coeficiente que ninguem conhece, pode ficar pagando mais pela decima do que pela renda da casa, como ainda a proposta faculta o despejo da casa, sacrificando assim aquilo que se entendera nunca sacrificar, ou seja a segurança da habitação para os inquilinos antigos. Esta segurança estabelecera-se para favorecer sobretudo os inquilinos de recursos mais modestos. E vão ser eles as primeiras vitimas.

Deve notar-se ainda que, quando acabou a decima da renda de casas, raro foi o senhorio que não aumentou aos inquilinos essa renda na importancia igual ou superior áquela que o inquilino pagava ao Estado, porque ela foi incluida na sua contribuição.

Não ha duvida. O governo foi bem infeliz com algumas das suas propostas, visto que nelas parece observar-se o proposito de carregar os pobres aliviando até os ricos. Não é um criterio republicano, e de ai o sentimento de revolta que está despertando na opinião.

ALTA SILESIA

A Sociedade das Nações vai dar o seu veredictum

PARIS, 16.—Nos meios diplomaticos apreciam-se as tendencias que se podem manifestar no Conselho da Sociedade das Nações para o «veredictum» que ha de resolver a questão da Alta Silesia. Pela composição do Conselho calcula-se que a Inglaterra continue a ter a preponderancia que se manifestou no Conselho Supremo, pois ali estarão 6 representantes da Inglaterra; Italia e Japão, a que havera a juntar os representantes da Hespanha e da China que se supõe serão favoraveis ao ponto de vista inglez. Os representantes da Belgica e do Brazil supõe-se que sejam os unicos favoraveis ao ponto de vista francez.—(H).

Candidatos á Presidencia do Brazil

RIO DE JANEIRO, 16. — O sr. José Joaquim Seabra, candidato dissidente á vice-presidencia da Republica, regressou da sua viagem de propaganda no Estado da Baia, sendo recebido por numerosos amigos e admiradores.

Diz-se que o sr. Artur Bernardes, candidato á presidencia da Republica virá a esta capital no proximo mez de setembro assistir a um grande banquete dado em sua honra.—(A.)

As propostas de finanças

UMA CARTA

No proximo numero faremos a critica das ideias sugeridas pelo novo correspondente de "A CAPITAL"

Iniciamos hoje a publicação das cartas que, sobre este problema do funcionalismo publico, nos teem sido dirigidas.

Desde já dizemos que não concordamos, em absoluto, com as soluções abaixo expostas e que não nos dispensamos de expôr, amanhã, os fundamentos da nossa discordancia, que, aliás, só apenas relativa.

Por enquanto, discordancia absoluta só temos pela proposta-forca do sr. Barros Queiroz, que teimosamente o governo pretende converter em lei. Pois não o conseguirá!...

Sr. Director da «Capital». — Todo o funcionalismo deve estar grato á «Capital» pela forma como tem analisado a proposta-forca apresentada pelo sr. ministro das finanças.

Inegavelmente desde 1914 houve farto bodo distribuido pelas clientelas politicas, fazendo-se nomeações de funcionarios desnecessarios e urge emendar quanto possivel esse desperdicio, o que pode e deve ser feito respeitando interesses creados e evitando-se assim a miseria de muita familia, o que seria fatal se fosse aprovada a proposta tal como foi apresentada.

Todos reconhecem a necessidade de comprimir as despesas que se fazem com o funcionalismo e ainda mais com o exercito, principalmente com as praças de pret, desnecessarias em tempo de paz, e que representam braços, na sua maior parte, a seu pezar mesmo, roubados á agricultura, onde tanta falta fazem.

Pelo que respeita ao funcionalismo que é o nosso caso, poderia sem grande prejuizo para a classe, e ainda com vantagem para bastantes fazerem-se grandes economias imediatamente e ainda maiores em futuro relativamente proximo se se adoptarem os seguintes alvitres:

1.º—Os quadros efectivos do funcionalismo serão reduzidos a 50 % dos actualmente existentes;

2.º—Ficarão adidos os mais modernos de todos os nomeados depois de 1914, conservando os actuais vencimentos se preferirem conservar-se ao serviço até terem vaga nos quadros efectivos;

3.º—Serão mandados apresentar á junta medica os funcionarios que pelos respectivos chefes de serviço forem julgados decrepitos, ou doentes;

4.º—Os que pela Junta medica forem julgados incapazes de serviços serão imediatamente reformados englobando-se-lhe o actual vencimento de categoria com a subvenção diferencial e sofrendo o desconto da sexta parte dos vencimentos totais, como dispõe a lei das aposentações;

5.º—Os funcionarios que forem por esta forma aposentados continuarão a descontar para a caixa de aposentações até completarem 30 anos de antiguidade de serviço;

6.º—Será concedida a aposentação a todos os funcionarios que tenham completado 30 anos de serviço e o requeiram ficando com os mesmos vencimentos no n.º 4 e acrescidos de mais 5 0|0 por cada ano quando tenham mais de 30 de serviço publico;

7.º—Serão dispensados de todo o serviço os funcionarios a quem esta situação convenha e o requeiram, abonando-se-lhe 50 0|0 dos actuais vencimentos e subvenção;

8.º—Os funcionarios que a seu pedido forem dispensados do serviço serão demitidos se não se apresentarem quando chamados ao serviço;

9.º—Aos funcionarios que ficarem nos quadros efectivos será englobada no vencimento de categoria a actual subvenção diferencial, sem novos descontos;

10.º—Não se farão novas nomeações enquanto houver funcionarios fóra dos quadros efectivos;

11.º—Quando sejam creados novos serviços para o preenchimento dos respectivos logares abrir-se-ha concurso entre os adidos de egual ou identica categoria que se encontrem ao serviço;

12.º—O quadro dos adidos será comum a todos os Ministerios e serviços por forma a poderem melhor ser aproveitados.

Com a maior consideração

De V. etc.

Um funcionario

Telefonema parlamentar

—Está lá?
—Aqui é da *Capital*, e d'ahi?
—Parlamento
—Cuspité. Queira dizer...
—Não, quem fala deve ser quem chama.
—Quem chama responde. Sempre assim foi.
—Vamos ao que importa. Queira dizer...
—Estamos num perigo...
—Sério! Ha gente suspeita nas galerias?
—Não, senhor, estão quasi ás moscas.
—Pois? Não trabalha o elevador de entrada?
—Isso era o menos. Subia-se pela escada.
—Que será! O Jacinto Nunes não traz camelia?
—Qual historia!
—Ou será o filho que não se entende na presidencia com a barafunda...
—Se fosse isso... Mas pior... muito pior...
—Cahiria o Governo?
—Ainda não, mas está para isso.
—Então o que ha?!... Revolução na forja?... Falta de numero?...
—Isso seria o ideal por excelencia... Não reunindo hoje, ficava para amanhã.
—Só se fôr o terramoto ou o diluvio...
—Muito pior... Vamos fechar automaticamente...
—Sim?!... Nova dissolução, querem ver!...
—Quem dera... A cousa ainda é pior... Um escandalo!...
—Diga... diga...
—Os Parlamentares que estão aqui empenhados para a defesa formidavel da Patria e da Republica, estão todo pedindo licença...
—Vão para as aguas...
—Parece que sim, e isto vai para as malvas...
—Nesse caso o Governo ainda não cai desta...
—Cai.
—Como assim?!...
—Tambem cai automaticamente... E' o ideal... Camões ainda dizia:
«Outro poder mais alto se alevanta.»
—Bons tempos. Agora já não se alevanta nada e vai caindo tudo... de podre.

Precisamente quando o dialogo principiava a interessar, cortaram-nos as meninas do telefone a communicação, enquanto o contínuo do Parlamento foi cortar... as unhas.

O Rei Pedro da Grecia

O seu estado de saude é cada vez peor

BELGRADO, 16.—A's 8 horas da manhã de hoje o estado de saude do Rei Pedro agravou-se: já durante a noite o estado geral foi sensivelmente mais grave.—(H).

Miserias de Lisboa

A TRISTEZA DOS ABORTOS

Continuaremos na nossa campanha

Cada dia que passa, nova alegria e satisfação colhemos.

De todos os lados nos chegam adesões de varios leitores e até a de uma senhora que de todo nos envaidece.

Em palavras breves, mas claras e precisas, «Uma sua leitora» patenteia-nos a sua adesão, ao mesmo tempo que nos dá incentivo para a continuação desta campanha de moral e civilidade.

Segue-se essa carta, de cuja publicação não prescindimos:

Sr. redactor:—Tenho acompanhado com o mais vivo interesse a campanha pelo seu jornal levantada sobre a triste questão dos abortos.

Sem sombra de lisonja, creio poder afirmar que foi o seu jornal o primeiro de toda a imprensa que mais linda campanha tem levado a efeito porque ela é de um alto significado moral civilisador e educativo. Estou bem certa que os frutos que dela colher a pena que orgulhosamente a levou a efeito, serão os mais honrosos e justos.

Continue pois, na certeza da minha inteira coadjuvação; e ficar-lhe hia bastante grata pela publicação destas linhas a de v. etc.

Uma sua leitora

Depois desta ainda mais uma carta recebemos, dum nosso amigo particular, a que só amanhã daremos publicidade, por falta de espaço.

A PESTE

Está irradiando em varios pontos da Africa

Segundo noticias recebidas nas estações oficiais a epidemia de peste na Guiné franceza longe de declinar tem-se exacerbado, sendo presentemente de 18 a média diaria de casos em Dakar. A molestia que havia desaparecido da Guiné portugueza reapareceu ali, tendo sido constatados alguns casos, embora em pequeno numero. Tambem em Cabo Verde se deram uns casos de molestia suspeita, tendo sido determinadas ja as mais rigorosas medidas tendentes a evitar a difusão da molestia.

A eterna questão dos Bairros Sociais

O que a este respeito nos disse o antigo ministro sr. Domingos dos Santos

Dos novos deputados que logo no começo da actual sessão legislativa pediram a palavra para tratarem de varios assuntos, o sr. José Domingos dos Santos, antigo ministro do Trabalho que tanto se evidenciou na questão dos Bairros Sociais, foi um dos que mais atenção despertou, por ter pedido a comparencia do sr. Lima Duque, actual titular daquela pasta, mostrando assim que urge ter urgentemente tratar da questão daqueles Bairros. Ontem, encontrando-nos com este deputado, interrogamo-lo sobre o assunto.

—V. Ex.ª tenciona tratar de algum caso referente aos Bairros Sociais?

—Na primeira ocasião.

—E pode dizer-nos qual é o assunto de que vai tratar?

—De varios. Como sabe o sr. engenheiro Estevão Pimentel foi suspenso das suas funções de membro do Conselho de Administração dos Bairros, devido ao inquerito que áquele Conselho por mim foi ordenado. Ha pouco o sr. Pimentel pediu a sua reintegração nos serviços dos mesmos Bairros e o sr. ministro do Trabalho despachou do seguinte modo, como não podia deixar de ser:

«*Deferido nos termos da lei*».

—Ficou reintegrado,—dissemos.

—Não. Nem podia ser. O caso foi levado ao Conselho Superior de Finanças, mas esta entidade não resolveu o caso a contento daquele funcionario.

«Devido á dissolução do Parlamento acou dissolvida a comissão de inquerito, visto que era formada quasi exclusivamente por deputados que agora não vieram ao Parlamento.

«Ora eu desejo pedir ao sr. ministro do Trabalho que a comissão de inquerito seja reconstituida ou nomeada uma outra, de forma que o inquerito prossiga e se ultimem os seus trabalhos o mais breve possivel, já porque é necessario saber-se o que ha de imoral naqueles serviços, já porque é uma grande injustiça demorar-se a reabilitação daqueles que inocentemente estejam envolvidos neste triste caso.

—Na opinião de v. ex.ª apurar-se-hão as responsabilidades?

—Estou convencido de que algumas se hão de apurar.

—E alem da documentação que v. ex.ª em tempo apresentou no Parlamento, em resposta ao ataque do sr. Dias da Silva existirá mais alguma de igual valor?

—Pois ha—responde-nos o antigo ministro—a que eu apresentei foi apenas um pano de amostra.

Pode v. ex.ª tambem dizer-nos porque não continuam as obras nos Bairros?

—Por falta de dinheiro.

—Portanto já os Bairros nos custaram dez mil contos...

—Não. Dez mil contos foi quanto o Parlamento autorisou que se gastasse, mas por emquanto ainda só—ainda só!—se gastaram sete mil.

—Ainda restam portanto trez mil contos...

—Trez mil contos como quem diz, autorisação para o ministerio do Trabalho contrair um emprestimo de mais trez mil contos, o que é bem diverso.

—Nesse caso...

—Nesse caso ainda ha *autorisação* para mais trez mil contos. Mas a Caixa Geral dos Depositos, não sei porquê, ainda não se resolveu emprestá-los apesar das tentativas do sr. Lima Duque. E é tudo quanto lhe posso dizer sobre os Bairros.»

Um aperto de mão, duas palavras amaveis e o sr. Domingos dos Santos desapareceu numa das portas que dão ingresso á sala das sessões.

PELA RUSSIA ESFOMEADA

De todos os lados e por toda a parte recresce o movimento internacional para angariar donativos com que acudir a tantos milhões de russos, mulheres e creanças que discorrem famintos e andrajosos pelos campos e povoações da Russia, ainda mais victimados pelo furor do tempo do que pelas violencias da Revolução.

Essas horriveis vagas de calor que pairaram temerosas sobre toda a Europa redobrar ainda intensidade no extremo leste, por maneira que as imensas searas, as deliciosas colheitas de trigo, milho, cevada, centeio e outras, alem das leguminosas — tudo ardeu pavorosamente num inconsciente rancor de impiedade com que a prometedora cohorte de creanças que no futuro poderiam restaurar a velha Moscovia, e restituir aos slavos um pouco mais da felicidade que neste momento lhes falta, deixou-se definhar, emagrecer, reduzir enfim ao estado de pobres esqueletos animados...

Maximo Gorki, o velho heroe e martir, fez á Europa um apelo que não ficou inutil. Com efeito por França, Inglaterra, Alemanha e outros estados se conjugam esforços para acudir á maior calamidade dos tempos modernos.

A iniciativa particular procura por todos os meios corresponder. O operariado do mundo inteiro, pode assim dizer-se, concerta-se, quanto em suas forças cabe, para obter donativos:—brilhante exemplo de solidariedade social e altruismo humano!

A Conferencia Internacional de Socorros iniciou hoje os seus trabalhos

GENEBRA, 16.—Abriu hoje nesta cidade a conferencia internacional de socorros a Russia esfomeada, debaixo da presidencia do sr. Gustavo Ador com 30 membros das sociedades da Cruz Vermelha e nove governos representados.—(H).

POLITICA

O governo perante o Parlamento — Atitude dos democraticos — E os reconstituintes, que farão?...

A sessão de hoje terá a particular significação, talvez decisiva para a vida do governo, e importante pelo menos no que respeita á normalidade constitucional. Expliquemo-nos com mais clareza:

O Congresso é formado, na sua grande maioria, por provincianos. O partido liberal viu-se forçado a aceitar as pretensões legisliferas dos seus correligionarios sertanejos — sem que, com esta expressão, queiramos diminuir o seu valor intelectual e moral. Pelo contrario: fartos e refartos de lisboetas estavamos nós todos!

Mas os provincianos não se adaptam facilmente á vida de Lisboa, que é para eles (e tambem para nós...) uma aldeia grande, com muito calor, mau pão e pessimo vinho. Dai a nostalgia das suas habitações campesinas, da borôa perfumada e do puro vinhito de uva, cantando alegremente no copo, ao sair, rutilante, da classica cantora. Lisboa arrasa-os!

Não admira, pois, que entre a maioria liberal lavrasse fundo, desde ha tempos, o desejo dumas ferias. Os representantes do povo, uma vez satisfeita a vaidade que os forçou á candidatura, dão ao diabo as obrigações civicas e de boamente as trocariam pela tranquilidade da vida campesina, onde cada um deles já tem que contar ás familias e aos amigos, ainda que não sejam senão aquelas historias de casos que só acontecem aos outros...

Por isso (repetimos) a sessão de hoje pode ser decisiva. Os legisladores da maioria comparecem? Então tudo irá bem ou... menos mal. Mas se, por desgraça do governo, os parlamentares preferirem continuar em suas casas, o repouso já iniciado com estes dois ultimos dias feriados, então arderá Troia, cairá o Carmo e a Trindade, porque os seus compadres democraticos não deixarão de reclamar contra a falta de numero.

Quanto á atitude dos reconstituintes não pode ser duvidosa. Vitima do pronunciamento militar que elevou ao poder o partido liberal, eles não deixarão de fazer sentir, ao paiz e a quem de direito, que, para se chegar ao resultado pratico dum Congresso que não funciona por falta de numero... não valia a pena mudar de governo a Nação. E terão assim de acordo com a logica e com Ofenbach.

Pensa-se em dar remedio á falta de numero no Congresso

Encontrámos esta manhã um politico do partido liberal, homem publico de destaque, não só por ter já sido ministro como porque é ainda alto funcionario do Estado. Alguns minutos de palestra.

Referencias vagas a Nun'Alvares. E, por fim, entrámos na politica:

—Sim (dissémos nós, continuando a ordem de ideias do nosso interlocutor), se é certo que não haverá numero, torna-se impossivel o funcionamento do Congresso. E' um beco sem saida, para o governo!

—Não, não é.

—Como não?...

—Eu lhe digo.

E o politico liberal expoz assim o seu pensamento, reflexo, talvez, do do proprio governo:

—Não ha razão alguma de ordem moral para que as deliberações do Congresso sejam validas sómente quando forem votadas pela maioria do «quorum». Nesse ponto não estou de acordo com o regimento, que obedece, aliás, a uma velha usança. Deve modificar-se. As leis devem ser votadas «pela maioria dos parlamentares presentes». De modo que, assim, haveria sempre numero...

—Efectivamente.

POR TERRAS DE ALEM

A Exposição de Leipzig

De 6 a 12 de Março findo realisou-se em Leipzig a chamada Feira da Primavera, de caracter um pouco internacional.

Foi visitada por 125:000 pessoas entre as quais se contavam 25.000 estrangeiros.

A despeito da crise importante que se atravessa, o poder tecnico-industrial dos expositores afirmou-se desta vez por um modo insofismavel.

A industria textil revelou progressos consideraveis, assim como as industrias tecnicas, especialmente machinismos, ferramentas e veiculos de toda a qualidade.

Centenario da Independencia do Brazil

No aviso enviado pelo Ministro brazileiro da Justiça ao seu colega das Relações Exteriores, faz-se minuciosa referencia á proxima Exposição Nacional e Comemorativa do Centenario da Independencia do Brazil, que se realisará de Setembro a Novembro do proximo ano de 1922 no Rio de Janeiro.

O governo reservará no recinto do certame uma area com as dimensões convenientes para cessão aos governos e industriais estrangeiros que queiram tomar parte no certamen, erguendo por conta propria pavilhões destinados a exibições de productos originais dos seus paises.

O governo brazileiro está no proposito de proporcionar todas as facilidades possiveis para que a Comemoração represente mais uma prova do adiantamento e progressos do Brazil.

A exposição admitirá provas e exemplares relativos á lavoura, pecuaria, pesca, industria extrativa e fabril, transporte maritimo, fluvial, terrestre e aereo, serviço de comunicações telegrafo-postais, comercio, sciencias e Belas Artes.

Portugal far-se-ha representar condignamente. A este assunto nos referimos hontem.

O mundo, após a guerra, parece renascer das suas proprias cinzas. O futuro é dos que mais e melhor trabalharem. As exposições internacionais são o *ring* industrial onde os que trabalham se propõem alcançar o *record* do aperfeiçoamento.

Do Porto

Partiu para Lisboa a Comissão da Associação dos Proprietarios

PORTO, 16.—Partiu hoje no rapido para Lisboa a comissão delegada da Associação dos Proprietarios, que com os delegados da sua congenere lisbonense, vai conferenciar com os ministros das finanças e justiça, acerca da revisão das matrizes prediais e de modificações na lei do inquilinato.—(H).

Aljubarrota no Brazil

RIO DE JANEIRO, 16.—As festas da comemoração da batalha de Aljubarrota foram brilhantissimas. As sessões solenes realisadas em varias agremiações portuguezas e brazileiras, especialmente na Academia, foram muitissimo concorridas. Foram pronunciados vibrantes discursos e mais uma vez se manifestou a cordealidade de relações que reina entre portuguezes e brazileiros.—(A.)

Pelo paiz visinho

O Conselho de ministros ocupa-se da questão de Marrocos

MADRID, 16.—O conselho de ministros, reunido esta noite, resolveu por unanimidade ratificar a sua confiança no alto comissario espanhol em Marrocos. Numa nota oficiosa diz que o conselho se ocupou da questão de Marrocos. Na opinião do governo o litoral da zona espanhola de Marrocos deve considerar-se sempre como um penhor indispensavel para a segurança e independencia da Espanha. O protectorado deve ser objecto de constantes esforços para realisar esse desideratum e para o conseguir completamente vencer-se-hão todas as resistencias, bem como para a reparação do revés grande e doloroso que sofremos na zona de Melilla. Alem da questão de Marrocos, o governo tratará tambem de resolver os grandes e urgentes problemas economicos e financeiros e para isso convocará as cortes em Setembro.—(H).

A Russia vae reconhecer a sua divida externa

HELSINGFORS, 16.—Surgiram discussões muito violentas no Conselho dos comissarios do Povo, a proposito da regulação das antigas dividas contrahidas pelo imperio russo. Os extremistas combateram com encarniçamento o ponto de vista de Lenine favoravel ao pagamento dessas dividas.

Diz-se que publicará brevemente um decreto reconhecendo essas dividas, que teem sido o principal obstaculo para as potencias reconhecerem oficialmente o governo dos soviets. Afirma-se, ainda, que Krassine partira brevemente para Londres com o fim de negociar um emprestimo sobre a base do reconhecimento dessas dividas.—(H).

Todos gregos á cerca das operações militares da Grecia

ATENAS, 16.—Os representantes da França e da Inglaterra pediram ao ministro dos estrangeiros para lhes prestar informações complementares sobre as futuras operações do exercito grego na Anatolia.—(H.)

Imprensa Brazileira

Do Brazil recebemos e muito agradecemos a remessa de novos jornais com que fica estabelecida a permuta.

Desta vez chegam-nos o jornal da ultima hora—«Boa Noite»—alcançando de 8 a 24 de julho p. p. e tambem «A Patria» de 15 a 24 do mesmo mez.

Bem redigidos, energicos e combativos, ja contam dois anos de existencia, podendo dizer-se que longa vida lhes está assegurada.

—Tambem agradecemos á revista carioca «Teatro e Sport» que por vezes se refere com graça aos artistas do nosso teatro.

Como nós aprendemos até morrer, ela veiu ensinar-nos que o sr. Melo Barreto fez anos no dia 3 de julho de cada ano, Antonio Gomes a 14, Henrique Alves a 20 e Ana Pereira a 27.

E' o que se chama andar... a par.

Gazeta Teatral—Recebemos e agradecemos os numeros 16 a 36 do jornal brazileiro «Gazeta Teatral», de que é director o sr. Archimedes Soutinho, e qual se refere, em palavras justas e de saudade, á morte do nosso saudoso ator Joaquim de Almeida.

Maravilhas da sciencia

O alternador Alexanderson e o novo amplificador magnetico

Tendo-nos ontem referido á maravilhosa comunicação radiotelegrafica que vai ligar sem fios e numa relação quasi instantanea Nova York com Dantzig, ou seja a America com a Europa, resta explicar aos que se interessam pelas cousas da sciencia o modo como tal milagre se poude operar.

O segredo destas maravilhas da comunicação a grandes distancias reside no emprego de um novo aparelho a que o seu autor deu o nome de Alternador Alexanderson.

Com ele podem desenvolver-se correntes capazes de arremessar as ondas radiograficas até ás estações mais longinquas.

Quem realisa este assombro da conquista do espaço sob o ponto de vista da velocidade é um outro aparelho chamado—o Amplificador Magnetico — anexo ao mesmo sistema.

Até aqui, a transmissão trans-oceanica pelo sistema manual não conseguia mais do que 140 letras por minuto.

A nova transmissão automatica, sem fios e sem estações intermediarias vae permitir por minuto a transmissão de 400 letras!

Verdadeiro assombro do progresso no instante em que escrevemos, porque não tardará que novos progressos venham demonstrar que este maximo atingido não será mais do que um minimo, em relação ao muito que o futuro reservará ás gerações que se nos seguirem!

O circuito Japão-America — A fuga dos espiritos perante a sciencia

Novas ligações já se preparam para em breve aproximar o Japão, Honolulu e S. Francisco da California num grande circuito.

Inglaterra não tardará a unir-se radiotelegraficamente com a America, Africa, Australia e Oriente.

E porque os outros Estados, nesta luta gigante de concorrencia pelo «intercourse» mundial, não quererão deixar-se aniquilar, é rigorosamente certo que não tardará muitos anos que o Globo Terrestre será comparavel a um carretim de linhas onde se enrolarão milhares de kilometros de comunicações radiotelegraficas a trazerem-nos de instante a instante, numa simultaneidade vertiginosa, noticias inteiras e completas de tudo que fôr ocorrendo por toda a parte, no mesmo momento em que as ocorrencias se forem dando.

A sciencia aplicada reserva-nos, pois, surprezas inesperadas e impossiveis de previsão.

Estas primeiras e vacilantes aplicações da radiotelegrafia ás grandes distancias já permitem prever com segurança que a navegação aerea será poderosamente auxiliada, e os metodos de guerra transformar-se-hão mais uma vez, pela possibilidade de dirigir os exercitos e comandar as batalhas de muito longe.

Tambem os fenomenos telepaticos acham uma interpretação natural, e os espiritos de Alens Kardec que neste momento ainda trazem louca muita gente, cada vez irão fugindo para mais longe, nas azas subtis do amplificador magnetico e do alternador de Alexanderson.

Liberato Pinto

Não se realisou hoje o julgamento disciplinar deste senhor, tendo ficado transferido para o proximo dia 18, quinta feira.

Anarquista perigoso

RIO DE JANEIRO, 16.—A policia expulsou do territorio brazileiro, por indesejavel, visto ter-se manifestado anarquista perigoso, o portuguez Julio Tomaz Pena.—(A.)

Pessoal dos Tabacos

Uma comissão de operarios reformados da Companhia dos Tabacos voltou hoje a procurar o sr. presidente do ministerio para instar por melhoria de reforma. Foi atendida pelo secretario do chefe do governo sr. Pedro de Carvalho.

Boa viagem

Partiu para S. Pedro do Muel o engenheiro agronomo, sr. Melo o Sabo, secretario do sr. ministro da agricultura, e está desempenhando as funções de chefe do gabinete do mesmo ministro o sr. Afonso Cardoso Gardé.

Teimando

O sr. dr. D. Antonio Pereira Coutinho, respondendo á solicitação do sr. ministro da instrucção para que continuasse no exercicio do cargo de professor de botanica da faculdade de sciencias de Lisboa, embora tenha atingido o limite de idade, agradeceu a atenção do sr. Ginestal Machado comunicando, porém, que não altera a sua decisão de aposentar-se.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

Pão e trigo.—Quem não tem farinha, escusa peneira.—As falsificações.—Trigo de cizirão

Os vicios inerentes a toda esta série de males e erros a que temos vindo a referir-nos, são claramente corroborados pelos testemunhos do tempo.

O pão já não podia chegar para abastecer-nos. Os campos passaram a cultivar-se muito menos, as indiligencias para fazer crescer as culturas pouco podiam valer. As colheitas estão ... em comparação do que podiam dar, porque ... epocas, porque muitas terras iam passando a ... tinham ... e ... foreiras ás igrejas, mosteiros, hospitais e outros lugares pios que os deixavam incultas.

O autor que vamos seguindo (1) enumerando os causas da decadencia a que chegaramos, ao cabo de tanta glori a, fala-nos das terras que os portugueses ... descobriram novamente e sus quais, como menos trabalhosas, posto que mais arriscadas, se deram *os homens plebeios de Portugal, pouco sofredores de trabalhos manuais e como homens de mais opinião que procuram serem ricos e honrados mais em breve.* Donde veo haver menos obreiros para a lavoira, e por isto preço que os lavradores ficam achando maior a despesa que a colheita.»

O mesmo confessa que havia maior falta de obreiros para lavrar a terra a outros oficios de mãos, atribuindo a criação de escolas e colegios que se foram acrescentando.

Eram as Escolas dos Jesuitas e a casuistica da Universidade a fazerem os hypocritas e a ... os que a celebre carapuça dos Bacharéis de que nos fala Sá de Miranda.

Pau e jurisprudencia! nisto se consubstanciavam então os nossos mais graves problemas da metropole.

A expressão — pão — emprega-se em varios sentidos. Tomando a materia pela forma, diz-se—uma terra de pão—querendo significar o trigo de que ela se faz: «por muito pão, nunca mau ano.»

A's vezes a ironia era pungente, quando se apresentava em afirmativas contradit rias.

No seculo XVII ainda se dizia, porque o vemos registado:

—Muito trigo tem meu pai em um cantaro!

Em verdade, trigo moido ou empeiga representava uma verdadeira preocupação das coisas mais ..., ... duvida de o obter e arrecadar: «Deus me dê pai e mãe no Vilo, e em casa trigo e farinha.»

O essencial era ter os arcas cheias e que ninguem o soubesse:

«Farinha apurada, não ta vejo nem nosso sobrinho.»

E a sentença a nos que não a possuiam vinha noutro adagio: «quem não tem farinha, escusa peneira»—o que bem conforma que falar, peneirar e ... eram trabalhos caseiros, como ainda hoje em Africa Central se vê o fabrico da chamada —fuba de milho—e nalguns lugares das nossas provincias.

Nem todo o cereal era considerado bom. Manifesta-se o preconceito nas que a nosso lugar nos referimos, contra os linhos (Açores e Madeira).

—Pão na mão, arca chea, barriga ... vasia.

Já no seculo XVI o povo se queixava de carestia d... geral:

—Es o pão pela hora da morte!

Tomaram-se tal ... cepções não se ... agora, como não faltam quem pense.

Ainda actualmente se repete muito nas cidades:

—Todo o branco não é farinha.

Por isso se aconselhava aos lojistas que trocavam o trabalho pela folia:

—Fazo boa farinha e não toques dozina.

Na epoca que está decorrendo, o pão falsifica-se com a faculdade de que os moageiros abusam, de modo que os ... tais farinheiros. A' falsificação autorisada ainda então se não unha ... cheg... do.

Mas o povo, pela experiencia, já se ia precavendo quando dizia:

—«Trigo de cizirão, pequena massa, mas grande pão.»

Ainda se ... uma leguminosa denominada do ... joio ... bem ... tur ... tudo.

O joio e a ervilhaca tambem eram aproveitadas na farinação: «Não há trigo sem joio».

E' que as dificuldades em materia de abastecimento de trigo não são d'agora; vem do tempo das navegações.

No seculo XIV (1360) vendia-se o trigo no mercado a cinco réis o alqueire, e o salario dos que viviam do seu braço—aruaces ou trabalho e os ganhavam e mediatrez réis dia nos, tanto como dois alqueires e meio.

Seculo e meio depois (de 1521 a 1695) o alqueire de trigo que baixara a quatro réis, subiu até cento e vinte réis; preço de verás fabuloso para aquelas epocas.

A fome de 1630 viera agravar a situação, elevando o preço do alqueire de sessenta réis. Findava calamidade não voltou ao preço anterior, mas fixou-se em cento e cincoenta réis, até por 1648.

Um seculo depois (1748) passou para trezentos e quarenta réis. Já nos principios do seculo passado (de 1811 a 1817), (2), com grande aflição dos povos, o preço do alqueire de trigo oscilava entre dez e quinze tostões, sem que contudo a relação entre o preço do trigo e o salario se mantivesse, como em 1360, pois os salarios não iam além de seis tostões.

Noutros tempos era muito frequente na boca do povo:—quem sei o que digo quando pido—acaso resposta ... às imposições das padeiras, porque eram mulheres e não homens, como hoje nalgumas terras, principalmente nas capitais, as que moiam, amassavam, cosiam no forno e vendiam o pão.

Já na velha lenda nos aparece, como tipo de coragem, uma mulher do povo—a padeira d'Aljubarrota.

Encontramos em Delicado e noutros anexiristas, adagios varios que o confirmam:

Assim se dizia num sentido que nos esapa:—Azafama, padeiras, que minha mãe quere pão.

E' esoutro: «Pão de padeira, nem farta, nem governa.»

O velho anexim — «pôr alguem a pão de padeiras—revela-nos quanto suplicio sofreriam aqueles que viviam dessa refeição, o que alias era frequente em seculos de tanta calamidade.

Por isso se dizia: «Ano caro, padeira em todo o cabo (sempre).

Tambem era frequente ouvir-se, com egual intuição: «andar a pão emprestado, 10 se pô ... ou tambem: «pão alheio caro custa.»

Andava-se actualmente, todos fogem de andar às sopas de alguem, para não terem de comer... o pão que o Diabo amassou, atiram a uma lenda donde ... a ... ainda teremos de nos referir, sem que com isso queiramos indicar possibilidades de distribuir do pão ao povo compadre grande falta no novo ... estabelecimento.

Mas nem tudo eram rosas para a profissão... Bem o mostra igualmente a tradição transmitida em anexins: «de Todos-os-Santos ao Natal, perde a padeira o cabedal.»

(*Continúa*).

Ladislau Batalha

(1) Duarte Nunes de Leão—Descripção de Portugal, Cap. XXXIV. Ed. 1610.

(2) «A pau da ...»—Manuel Bernardes Branco —Hist. das Ordens Monasticas, II 328.

ULTIMA HORA

Notas politicas

A falta de numero na Camara dos Deputados—3 os orçamentos não se discutem nem se votam?...

Vão-se realisando os prognosticos que expuzemos dos conductor os politicos religi os esta manhã e que vão na primeira pagina deste jornal. O «quorum» da Camara dos Deputados é de 54 parlamentares. Hoje já e stava na mesa uma dezeito pedidos de licença, que a Camara concedeu, talvez porque é da praxe nunca negar estas concessões.

Certo é, porém, que, se tais licenças continuarem a ser pedidas e concedidas, e houver quem devidamente fiscalize o numero dos parlamentares presentes, dificilmente se conseguirá numero para votações. Os orçamentos não se discutirão nem serão votados.

Enfim, com a boa vontade de todos, sem inclusão dos reconstituintes, para hoje sempre se conseguiu numero, pelo menos para votação da acta, que á mesma altura em que fechamos esta Nota.

E' mais que provavel que todos estejam de acordo...

O espirito que preside ás discussões na Camara dos Deputados mais se inundou se verificou hoje no Senado. O «leader» reconstituinte sr. Julio Dantas terminou hoje um discurso com as seguintes palavras:

«...E faço votos para que a vida do governo seja duradoira e prospera, porque os parlamentares do meu partido e o meu partido nenhum interesse teem em lhe dificultar a existencia.

E' ainda há quem julgue precaria a vida politica do gabinete!...

Os Transportes Maritimos ainda hão de dar que falar...

Dizia-se hoje nos Passos Perdidos que, em breves dias, seria levantada no Parlamento a questão dos Transportes Maritimos do Estado, que já por vezes tem dado lugar a brava controversia. Entre os parlamentares mais apaixonados por este problema, figura o sr. deputado Agatão Lança, que parece possuir uma documentação interessante, a maior parte da qual lhe tem vindo ... corcio.

A taça de prata dos oficiais do exercito

O ministerio da guerra instituiu um premio de honra—uma taça de prata—para ser disputada anualmente por «équipes» de oficiais do Exercito de todas as unidades.

A taça fica sendo propriedade da unidade que seja vencedora durante tres anos. A primeira taça foi ganha tres vezes pela Escola Militar e portanto é já propriedade dela. A segunda foi ganha, no ano passado, por uma unidade da G. N. R. e pela primeira vez.

A primeira taça, no fim de cada campeonato, recebia a inscrição da unidade e bem assim os nomes dos oficiais que compunham a «équipe», gravados na propria taça.

Pois bem. A taça que foi ganha, no ano passado, por uma unidade da G. N. R. não tem inscrição alguma pelo que o ministerio da guerra não permite que se taça a referida inscrição.

Na presente quinzena vão disputar-se, outra vez, a taça, concorrendo unidades da G. N. R. e bem seria que antes de começar o campeonato fosse feita a referida inscripção. Parece haver má vontade do M. G., pois que o passado um ano e que a taça foi entregue á G. N. R. sendo necessario recorrer á influencia particular, indo por mais duma vez um membro da equipe vencedora á inspecção de infantaria reclamar a entrega da taça.

Calçar bem e não pagar

Apresentou queixa na policia Henrique Antonio Ramos, com sapataria na Avenida Almirante Reis, 9, de que Antonio Campos, empregado do sr. Alexandre Soares, arquitecto da Camara Municipal de Lisboa, foi á referida sapataria pedir calçado no valor de 80$00, dizendo ser para a esposa do patrão o que era falso, de saparecendo para parte incerta. E as outras? vendeu-as?

Partido nacionalista

Do nosso colega «Alma Nacional» recebemos a gravemente o programa que vae servir de estandarte do partido nacionalista, já em organização.

Será mais um que vem a filtrar-se como tantos outros, todos cheios de galhardia e garbo, prontos a servir a Patria—que nunca pela sua dona—a Patria—que se propõe libertar dos gr... presos dos seus vicios—e que... ... camaradagem ... estado ... á sociedade ... ... todas as virtudes que o povo exclama.

Vozes ... encomios! é mais um cantico do pe... como *Gloria in excelsis*.

Os novos impostos

provocam reclamações

Tiveram hoje uma larga conferencia com o sr. ministro da justiça, nos Passos Perdidos, as direcções das Associações dos Proprietarios do Norte e Sul. As duas comissões protestaram contra o aprovação do art. 4.º da proposta de lei dos coeficientes.

O sr. ministro da justiça prometeu comunicar a sua colega das finanças o comunicação que lhe foi feita.

A apresentação das direcções ao sr. ministro da Justiça foi feita pelo deputado sr. Carvalho da Silva.

PARLAMENTO

Nos Deputados

A' hora regimental, o sr. Presidente, dr. Jorge Nunes, abre a sessão. A acta é o expediente são lançados. Depois fazem parte inumeros pedidos de licença (mais 18) de varios deputados que não podem comparecer.

O sr. Presidente informa que nos dias 17 a 19 se reune em Socolmo a 19.ª conferencia Inter-parlamentar de Comercio. Propõe sendo aprovado que a nosso paiz se faça representar no nosso ministerio naquela capital.

Começa-se a ler o relatorio da comissão de inquerito ao extinto ministerio das subsistencias.

Mas o sr. O'Neill Pedrosa propõe, sendo tambem aprovado, que se dispense a leitura e se ... ... pela publicação no «Diario do Governo».

Põe-se em discussão o projecto de lei do sr. Agatão Lança, aumentando a pensão a viuva do tenente Cassis.

O sr. Freitas Ribeiro diz que o projecto não pode ser discutido por trazer aumento de despesa.

O sr. Presidente informa que só com o parecer da comissão do sr. ministro da Finanças o caso poderia ser arrumado.

O sr. Ministro do Interior mandou para a mesa a proposta já conhecida aumentando os vencimentos á Policia.

O sr. ministro da Marinha manda para a mesa duas propostas de lei, uma aumentando os subsidios de embarque á marinhagem, outro melhorando a situação dos sargentos musicos da armada.

O sr. ministro da Instrução manda para a mesa uma proposta de lei, isentando do imposto de registo o legado do sr. Rocha Cabral, ao seu ministerio, para fundação de um estabelecimento de ensino. Diz, a proposito, alguma palavras de elogio ao procedimento daquele grande patriota.

O sr. presidente interrompeu seguidamente a sessão para conclusão de listas para a eleição de varias comissões.

A' hora que fechamos este extracto esta-se procedendo a essa votação.

No Senado

Preside o sr. Augusto Barreto secretariado pelos srs. Pessanha das Neves e José Varela, aprovando a acta 32 senadores.

O sr. presidente lê no Senado uma carta do sr. Afonso de Lemos solicitando a sua demissão do vice presidente desta Camara, mas por divergencias havidas entre ele e o seu partido, mas por questões mui to particulares.

Discordando dessa solicitação pronunciaram-se os srs. José Maria Pereira, Julio Dantas, Pereira Ozorio, Duas do Andrade, Vicente Ramos e em nome do governo, o sr. presidente do ministerio.

O sr. Afonso de Lemos pede para retirar da mesa o seu pedido de demissão, e que lhe é concedido, sendo s. ex.ª nesta altura, aclamado por todos os senadores.

Antes da ordem do dia

O sr. Pereira Osorio declara ter pedido escusa de vogal da Comissão Verificadora de Poderes, pelo facto de não concordar com a valiação da eleição de senador por Castelo Branco.

Obras no porto de Tavira

O sr. Mendes dos Reis censura o abandono a que os poderes publicos teem votado o progresso dos recursos do pais, especialmente do distrito do Algarve, que ele orador, representa no Parlamento.

Refere-se ao assoreamento do porto de Tavira, inutilisado para o trafego maritimo dos produtos do pais, elogiando a atitude da Camara Municipal de Tavira, que tendo já estudos e orçamentos feitos, pretende com os capitais de que dispõe e a troco dum pequeno auxilio do Estado, valorisar o porto e desenvolver o comercio local. Manda para a mesa um projecto de lei, autorisando a Camara de Tavira a abrir um canal, fazer ancoradouros, cais e dragagens, projecto que deseja calorosamente quando fôr discutido.

A sessão continua.

O conto do vigario

Está generalisado por mil processos varios, qual deles mais engenhoso, qual deles mais hábil.

Adoptam-no homens, mulheres e crianças, sem distinção de côres, raças, nem nacionalidades. Praticam-no os grandes e os pequenos, os nobres e os plebeus.

A posteridade terá de erguer uma estatua ... ... «Conto do Vigario» na actual sociedade ... ... como se ... ... domínio ou.

O Conto do Vigario é como Deus, está hoje por toda a parte. Encontra-se no lar domestica, na tenda, no hotel e no lupanar.

Tão adorado é pelo ultimo dos rufiões como pelo mais ... dos funcionarios do Estado.

A quem vem tantos e tão repetidos ... ... a tão grande que ... vigario, que é tão grande que ... ... não ... ...

Deixam ... ... mais insignificantes ... ... Vicarias que lhe fazem ... ... o dos mais ... ... Companhias ... ... a ... dos «dollars», ... mais general ... ... Seculo XX!

G. N. R.

A Guarda Republicana acaba de fazer um apelo para preencher os efectivos das suas unidades, a mais muito incompletas, com praças alistadas voluntariamente, sempre superiores ás praças vindas directamente do exercito por imposição de serviço.

São varias as regalias de que disfrutam as praças alistadas na G. N. R.

—Dentre se de terem feito meio ano de serviço em Lisboa, podem ser transferidas para as localidades de provincia onde haja aquartelamento e que mais lhes convenha.

—Podem os analfabetos aprender a ler e adquirir generos nos Centinas da Guarda.

—Teem direito á assistencia medica para si e para suas familias.

—Recebem gratificações por serviços remunerados nos Teatros, Cinematografos, Praças de Touros, etc.

Não se pode dizer que não ofereça estas regalias, incluindo Reforma, etc.

Cronica do furto

Queixaram-se á policia: Artur dos Santos Junior, rua dos Fanqueiros, 234, 4.º, de que gatunos lhe furtaram a carteira com 140$00;

Cassiano Silverio, com casa de penhores na rua do Salitre 198, que os gatunos entraram no seu estabelecimento por arrombamento e lhe furtaram objectos no valor de 360$00.

Augusto de Vasconcelos de Sá, morador em Telheiras de Cima (Quinta de S. Vicente) que os gatunos lhe furtaram uma porção de roupa no valor de 150$00.

—Carolina Correia, Avenida 5 de Outubro, 61, que tendo vivido em mancebia, com Joaquim dos Santos, rua Maria da Fonte, 3, 1.º este a pôs fóra de casa, recusando-se a entregar-lhe os seus objectos no valor de 150$00.

Foram presos:

—Maria Adelaide, sem residencia, por furtar uma carteira com 30$00 a Manoel da Silva Ferreira, C. do Livramento, 1, pateo.

—José Artur Patrocinio, rua Particular, á rua Maria Pia 6, B, por furtar calçado no valor de 36$00 á firma Victorino M. Silva, Suc., n.º C. da Estrela 102, e José Francisco do Amaral, sem residencia, por furtar uma prancha de madeira no valor de 25$00 no Mercado Geral de Gados.

Pelas colonias

Segundo noticia recebida no ministerio das Colonias, estão muito adiantados os trabalhos para a construção de novas linhas ferreas em Angola e acham-se em via de conclusão as reparações dos existentes.

—Vai ser reorganisada a corporação de policia de S. Tomé.

Salazar Moscoso

Assumiu hoje o cargo de primeiro comandante da escola de recrutas da armada o capitão de mar e guerra sr. Salazar Moscoso.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

NACIONAL—Rogerio Laroque—5 actos de Jules Mary. Trad. de Acacio Antunes.

O vigoroso actor sr. Rafael Marques escolheu para a sua festa artistica, no Nacional, a indigesta e velha peça que fez as delicias dos nossos pais no tempo da pacata Lisboa do passeio publico e dos bicos de gás.

Lastimo deveras que o sr. Rafael Marques envergasse a mascara tisica do sr. Jaime Cortezão o quizesse representar o protagonista do impossivel drama de «luca e algeidar».

Basta elucidar os leitores com este detalhe: morrem nada menos de 5 pessoas, a saber: uma assassinada, outra de morte natural, outra não se sabe com quê, em scena, apertando a garganta (talvez calôr) e ainda mais duas, para acabar, a tiros de revolver. E, no fim disto tudo, ainda tem o protagonista que se safar para a America, não se podendo dizer que o resto dos personagens fiquem felizes.

Como tecnica teatral é claro que a pestetavel obra enferma dos males como dos peores trabalhos daquele genero: longos e estupidos monologos em aparte, meninas que ao 5.º acto são creanças e no 5.º mulheres, lugares comuns de literatura e de situação, tiradas furiosas, forçadas, descritivos de cadaveres, bandidos vesgos e toda a fauna dos dramalhões ao velho «Principe Peral» no tipo do «Jack, o estripador» e do «João José».

A intrepretação, sem negarmos ao sr. Rafael Marques aquele valôr que tem, o qual é o de ser um correcto actor de «centros», e mesmo um gala de alta comedia muito apreciavel,—devemos afirmar que foi absolutamente primitiva.

As «tiradas» de lagrimas na voz já não comovem as nossas plateias—e muito felizmente. E' preciso que nos deem Arte—mas arte boa, sentida, nobre, elevada. Ora a representação de «Rogerio Laroque» se exceptuarmos a pequena Marieta de Freitas e o actor que faz de advogado (ignoro o seu nome) tudo o resto ficou aquem do Club Estefania...

Que diacho! Olhem que aquilo pas sa por ser o primeiro teatro oficial de declamação!

Aquele «assassassino!» da sr.ª Albertina de Oliveira é uma coisa simplesmente comica.

Aquelas portas com fechaduras que são despertadores do Grandela! Mas, enfim, meus amigos, aqueles dois personagens comicos que atravessam a peça são os unicos verdadeiramente dramaticos!

Ao senhor Rafael Marques que deploravel ideia esta de vir com um calor destes ressuscitar o velho «Rogerio Laroque», para afinal só conseguir mata-lo ainda mais, enterrá-lo mais fundo.

O espirito de Jules Mary jamais lhe perdoará, pode crê-lo.

Emfim, p. e. não pode dizer que deu um «tiro» teatral, deu-lhe «tres» e afinal na premiére o seu inimigo, segundo consta, não se disparando a pistola... morreu de susto... e o publico a rir.

O HOMEM QUE PASSA

VIDA SPORTIVA

No Teatro S. Luiz

NOVOS COMBATES DE BOX

Para maior comodidade do publico os organisadores dos combates já marcados para o proximo domingo, resolveram efectua-los no Teatro de S. Luiz. Isto evita a deslocação do publico para o Lumiar, em que se perdem umas poucas de horas, e os combates não perderão o seu valor sportivo, visto que será montado um ring com as condições necessarias. A plateia do S. Luiz é grande e comoda e a geral comporta tambem bastantes centenas de pessoas.

A festa, que se realisa em matinée, é das melhores que entre nós se tem levado a efeito. Fazem a sua estreia tres profissionais franceses de consagrado nome e com records esplendidos.

Gilles e Arthus, dois pesos apenas, vão proporcionar um encontro que há-de resultar interessante e duro; Gilles, mais leve, mas mais agil e talvez mais scientifico, foi ainda no ano passado campeão dos amadores franceses, Arthus, forte e musculado, tem a vantagem do peso e do «envoi».

Outro combate põe em frente de Faustino Pereira, o francês Chassague, que será um rude adversario porque é scientifico e bate forte. Contudo Faustino, que é actualmente um discipulo metodico de Mario Gall, com quem muito tem aprendido, há-de esforçar-se por dominar o francês, porque isso lhe convem imenso. O programa é completado ainda com outro combate de não menos valor, entre Cadieu, o nosso conhecido boxeur que está de novo entre nós, e Tavares Crespo, que ultimamente no Porto venceu Jean André no seu debute como profissional, e que foi um dos vencedores no campeonato de amadores deste ano, onde se afirmou um fighter perigoso para homens do seu peso.

Com um programa destes, valorisado com tres assaltos equilibrados e disputados por boxeurs autenticos, de certo não faltarão os nossos amadores no proximo domingo á tarde á festa no teatro S. Luiz.

Aviso aos clubs

Toda a correspondencia relativa a esta secção, deverá ser enviada para os nossos escriptorios todos os dias até ás 12 horas.

«A Capital que tem sido dos diarios de Lisboa, aquele que mais desenvolvimento dá aos sports, volta novamente a ampliar a sua secção defendendo com todo o entusiasmo a pratica de todos os sports e o desenvolvimento das nossas agremiações sportivas.

A CAPITAL

3862 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71 | LISBOA — Quarta-feira, 17 de Agosto de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

As nossas questões

As nossas questões giram sempre num campo tão limitado que certamente promoveria o assombro dos estrangeiros se eles conhecessem perfeitamente os processos que a tal respeito empregamos.

Agora mesmo, por exemplo, não vemos, nas polemicas publicas, senão visarem-se personalidades, mercê de interesses particulares ou de rancores e paixões de caracter não menos particular. E' é isso que faz com que ouçamos bradar que vamos ser enfeudados ao ouro alemão, por causa duma questão de cambios, ao mesmo tempo que nos ferem os ouvidos outro clamor não menos ruidoso apodando como desnacionalisados os que contra essa presumivel influencia levantam as mais violentas campanhas.

No fundo, ninguem trata de se justificar. O que se procura simplesmente é ferir o adversario, e se para lhe tirar os dois olhos se tiver de perder um, o que ficar zarolho sentir-se-ha feliz por vêr o seu inimigo completamente cego.

Mas estaremos nós numa epoca em que todas as forças, todas as energias, se devem consumir em pugnas tão mesquinhas?

Enquanto nestas estereis luctas nos empenhamos, debatem-se lá fóra as mais graves questões que podem interessar ao futuro da humanidade inteira. Não podemos ser alheios a essas questões, cujo reflexo pesará nos nossos destinos. E todavia, é como se elas não existissem. Os nossos jornais, além do seco laconismo dos telegramas, quasi lhes não dedicam a minima atenção.

Entretanto a verdade é que, no momento em que escrevemos, a coesão dos aliados, quasi por fim reduzida ao entendimento da França e da Inglaterra, ameaça desfazer-se em presença das duas teses opostas que os srs. Briand e Lloyd George na realidade professam, entendendo que é preciso reduzir a Alemanha a uma impotencia absoluta, pensando o outro que melhor será para os interesses universais permitir que ela respire e se levante.

Conforme a decisão tomada, assim o futuro se desenhará por um aspecto mais definido. Mas a questão é quasi insoluvel, porque enquanto a Inglaterra encara o assunto pelo prisma do desenvolvimento industrial e comercial, a França o vê pelo prisma politico, que lhe ensina não poder deixar readquirir novas forças a sua já tradicional inimiga, visinha ao pé da porta, enquanto que da Inglaterra a separam o mar e uma poderosissima esquadra.

Quem sabe o que o dia de amanhã nos reserva? A intima conformidade de pensamento das grandes potencias aliadas não só pouia garantir a paz ao mundo, como facilitar o caminho de todos os progressos duma civilisação comum. Mas a verdade é que essa conformidade de pensamento deixou de existir, começando pelo afastamento da America. Actualmente, estamos reduzidos, como antes da guerra, á «Entente Cordiale», que nem é uma aliança, entre a França e a Inglaterra, e até essa força corre risco de se perder!

Nada disto preocupa os nossos estadistas, os nossos partidos, a nossa imprensa. Nessa mesma questão que, embora de caracter mais circunscrito, merecem todavia influencia na marcha dos negocios internacionais. Nem a Grecia que reclama Constantinopla, nem a Irlanda que se não satisfaz com as propostas de Lloyd George, e quer a todo o custo não consentir a minima dependencia politica da Grã Bretanha, nem os desastres dos espanhois em Marrocos, onde parece que será definitivamente dominada qualquer intrusencia dos nossos visinhos.

A grande questão em Portugal é agredir ás cegas quem contrarie os terminados interesses ou choque determinados faciosismos. E nesta, fixa, sem grandeza nem utilidade, vamos ficando para traz, sem a consideração que poderiamos ter e cuja perda nós proprios parecemos apostados em justificar.

Sarah Bernhardt doente

Adoeceu quando estudava uma peça de Gabriel d'Annunzio

PARIS, 17 — O estado de saude de Sarah Bernhardt, que atualmente se encontra na Inglaterra, causa certa inquietação entre os seus admiradores.

A sua doença é devida a um incidente que sofreu quando estudava «La Gloria» de d'Annunzio, em virtude da qual foi submetida a uma operação. — (R.)

N. R. — O telegrama que recebemos hoje do nosso correspondente especial, vem surpreendernos, Conquanto nada de positivo saibamos sobre a doença da grande atriz, queremos crêr que o telegrama que acima inserimos contem um pouco de exagero, porque até hoje os telegrafos ainda nada transmitiram.

Por vezes varias a grande artista da França tem estado atacada de diversas enfermidades, a que por natureza é sujeita.

A sua perda seria para todos aqueles que alguma vez a admiraram em só instante que fosse, motivo de profundo sentimento.

TRABALHOS PARLAMENTARES

A votação dos orçamentos

Seria uma mistificação antes do Congresso se pronunciar sobre as propostas de finanças

O grupo parlamentar democratico resolveu, segundo informam alguns jornais, insistir pela votação dos orçamentos antes do adiamento dos trabalhos parlamentares. E' natural que esta resolução desperte aplausos, tão condenado tem sido nos ultimos tempos o sistema dos duodecimos, arvorado em regra permanente da vida financeira do Estado. Não nos dispensaremos, no entanto, de lançar sobre esse entusiasmo laudatorio o balde de agua fria de algumas reflexões amenas, para que tal resolução seja encarada no seu exacto significado.

Foi um erro, na verdade, pôr de parte nos ultimos anos a votação dos orçamentos. A autorisação de despesas e receitas, representada pelos duodecimos, é uma abdicação deprimente do poder legislativo, que assim se dispensa de exercer qualquer fiscalisação nas contas publicas. Sem orçamentos, não ha forma de apreciar a marcha da vida financeira do Estado, entregue ao arbitrio do poder executivo e ás decisões das repartições de contabilidade. Duodecimos e creditos especiais são dois cancros a esfrangalhar a nossa vida publica.

A quem se deve atribuir a culpa desse erro? Foi em 1918, ao chamado periodo dezembrista, que, pela primeira vez, dentro da normalidade politica republicana, o parlamento se julgou dispensado de fazer a votação da lei orçamental. Mas, em 1919, tinha já terminado aquele periodo, e o parlamento não votou os orçamentos. Não lhe teria sido dificil fazel-o, com um pouco de boa vontade, desde a abertura do Congresso, cerca de 20 de maio, até o fim de junho. Nem nesse ano nem em 1920, o parlamento dissolvido fez a votação dos orçamentos, apesar de funcionar quasi ininterruptamente.

Até o fim de maio deste ano, epoca em que foi dissolvido, esse parlamento não passou da discussão dum dos orçamentos de despesa. E' agora que as pressas se revelam, é neste momento que se manifesta o amor das sagradas disposições constitucionais que ordenam a sanção legislativa das contas publicas, sabendo-se que já passou mez e meio do ano economico que devia ser regulado pelo orçamento de precisão a votar até fins de junho!

Foi mau, na verdade, que o orçamento se não votasse dentro do praso constitucional. As pressas, agora, redundam numa mistificação, porque a primeira obrigação do parlamento consiste em evitar as propostas de finanças. Só depois se torna possivel elaborar cuidadosamente os pareceres orçamentais.

Como é que se pode votar, nesta altura, o orçamento das receitas? Quais são as receitas do Estado até ao fim do ano economico corrente? O parlamento desiste de os aumentar? Não pode ser, porque nesse caso, com formidaveis «deficits» de gerencia por liquidar, dos anos transactos, teriamos a inevitavel falencia do Estado. Sem determinar o seu aumento, por meio da votação de propostas de finanças, como pode o Congresso aprovar o orçamento das receitas?

As mesmas duvidas aparecem quanto aos orçamentos de despesas de varios ministerios. Toda a gente concorda em que é indispensavel a redução das despesas publicas. Como se faz essa redução? Quais são os serviços que ela atinge? Eis o que o parlamento tem de dizer, para marcar as bases dos orçamentos de despesas de todos os ministerios.

O que se impõe, como o leitor vê, não é a discussão precipitada, extemporanea, sem suficientes elementos de analise, das propostas de lei orçamentais. O que está indicado ao parlamento é a discussão das propostas de finanças que estão pendentes do seu voto, porque só depois disso é que se torna possivel uma conscienciosa fixação das receitas e despesas do Estado.

SANATORIOS MARITIMOS

Aproveitemos as nossas riquezas naturais

O sanatorio do Outão mal aproveitado

Quem conheça o incremento que se tem dado na França, Suissa e Alemanha ao desenvolvimento dos sanatorios maritimos e de altitude, onde se encontram todas as comodidades para atrair os doentes, não poderá deixar de insistir, para que em Portugal se aproveite essa enorme fonte de riqueza, como muitas outras, que por ai estão abandonadas.

Visitámos ha dias o sanatorio maritimo do Outão e ali sentimos, com toda a magua de patriotas, quão grande é a indiferença dos portuguezes pelo que a Natureza nos proporciona de aproveitavel.

O sanatorio da Guarda não se aproveita melhor, porque a Assistencia Nacional não possui capital para a sua ampliação. Não pode receber mais doentes. Mas o sanatorio maritimo de Outão, que reune condições excepcionalissimas, pela sua situação explendida, abrigado pela montanha dos ventos do Norte, constantemente exposto ao vento da Costa, banhado de luz do sol, no verão e inverno, o que não interrompe o tratamento pela helioterapia, possui do enfermarias extensas, bem iluminadas, com capacidade para receber centenas de doentes, e com uma direcção technica competente e dedicadissima, como é o sr. dr. Mendes Dordio, como se explica pois que nesse riquissimo sanatorio haja apenas em tratamento umas cem creanças?

E' certo que a Assistencia Nacional não pode aumentar o numero de doentes por ela socorridos, visto que em face da carestia da vida, os seus recurssos não o permitem. Mas os doentes pensionistas, que vão para Leysin e Berck Plage, porque motivo não hão-de preferir o nosso sanatorio de Outão?

Não nos parece que os doentes tomem por si a iniciativa de irem para o estrangeiro. Ha certamente clinicos que os aconselham a tomar essa resolução, o que é condenavel sob o ponto de vista patriotico e lamentavel sob o ponto de vista technico. Eu desejaria saber, que motivos de ordem technica levam a aconselhar de preferencia Berck Plage, ou Leysin, e a pôr de parte o sanatorio do Outão ou o do Norte, da Praia de Valadares?

Quando é que lá fóra, no tratamento dos diversos casos de tuberculose cirurgica, se pode contar no inverno, com banhos de sol, nas condições que aqui se obteem? No Outão é raríssimo ver um dia de nevoeiro.

Os franceses teem construido na praia de Berck sanatorios que permitem receber em media uns dez mil doentes, não só da assistencia de Paris, mas de todo o mundo.

Ali se encontram os dois grandes mestres rivais os drs. Menard e Bollot, assim como em Leysin ha o celebre dr. Rollier, que tem o metodo seguido em toda a parte no tratamento pelos banhos de sol.

Mas os grandes mestres não podem realisar milagres; teem de proceder dentro dos recursos que a Natureza lhes proporciona e não podem empregar banhos de sol quando ele se apresenta encoberto.

Onde é que encontram condições climatericas que permitam obter resultados tão assombrosos, como os que nos mostram as estatisticas do Outão, Carcavelos e Valadares?

E' por isso que nós, portugueses, na grande maioria, não sabemos as riquezas que possuimos, senão quando temos ensejo de as confrontarmos realmente com as dos paizes estrangeiros.

Só quem nunca tenha visitado os nossos sanatorios maritimos, é que poderá praticar a monstruosa acção de aconselhar a ida de doentes tuberculosos para os sanatorios estrangeiros.

Poder-se-hia ainda supôr que entre nós apesar da riqueza do clima, nos falte organisação, higiene, conforto. Não senhores. No Outão nota-se, que ali preside uma direcção technica modelar. Por toda a parte ha aceio, o que nos causa admiração, como é possivel mantê-lo, com tão pouco pessoal, para edificio tão extenso e com tão numerosas dependencias.

E' preciso fazer-se a corrente no sentido do aproveitamento das nossas riquezas naturais. Para esse efeito devem contribuir todos os portuguezes. E os individuos que teem a profissão de medicos, informem-se primeiro do que valem os nossos sanatorios, antes de aconselharem aos doentes para se tratarem no estrangeiro

J. Correia dos Santos.

Conferencias ministeriais

A comissão de agricultura da camara dos deputados conferenciou hoje com o sr. ministro da Agricultura, sobre a proposta de lei relativa ao regimen cerealifero, pendente daquela casa do Parlamento. Assistiu á conferencia o comissario geral interino dos abastecimentos.

Conferenciaram hoje, com o sr presidente do ministerio os srs. drs. José da Silveira Viana e Gonçalves Teixeira.

Malas Postais

para o Brazil e Argentina

Pelo vapor «Orcana» são expedidas amanhã malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da Caixa geral e fechando os registos ás 9.

Recalcificação dos tuberculosos

«Setubal», 14 — O professor sr. Correia dos Santos, director do Laboratorio Farmacologico de Lisboa, visitou o sanatorio do Outão, onde teve ocasião de verificar como o ilustre director sr. dr. Mendes Dordio tambem emprega a «Fibrocalcina» com exito na recalcificação e a «Zomobiase» na super-alimentação dos tuberculosos. — (C).

As propostas de finanças

A CARTA DE HONTEM

não merece, fundamentalmente, o apoio incondicional de «A Capital»

Dissemos hontem que as ideias expostas por um dos nossos correspondentes não mereciam o nosso incondicional apoio sendo certo, todavia que poderiam servir de base de estudo. Vamos dizer, sucintamente, quais são os principais pontos da nossa divergencia.

Entendemos, em primeiro lugar, que não é licito nem é moral nem é proveitoso aos interesses do Estado impôr a qualquer funcionario o abandono do seu emprego. Não é licito porque briga com as leis, á sombra das quais ele adquirira o seu lugar; não é moral porque favorece uns em prejuizo dos outros, os protegidos e os desfavorecidos que o não são; e não aproveita ao Estado porque lhe criaria uma atmosfera de inimizades permanentes e duradouras, só por si capazes de anular quaisquer pretensos beneficios da violencia praticada.

Como corolario destas premissas facilmente se conclue que a selecção do funcionalismo só é licita, moral e proveitosa para o Estado se for feita na base do voluntariado, isto é, como resultando de petições feitas ao Estado pelos proprios interessados, — livremente feitas, na plenissima posse do seu direito.

As ideias aqui expostas, ha dias, pelo 3.º oficial sr. Francisco Xavier satisfazem plenamente a estas condições e mereceram, por isso o nosso apoio; na carta hontem publicada, subscripta por *Um funcionario*, ja parece a coacção e, nesse particular, a nossa discordancia com o signatario é irreductivel. Dizemo-lo assim, francamente, lealmente, rudemente, porque estamos habituados a escrever como pensamos, não atraiçoando jamais as tradições de independencia politica de *A Capital*. Temos um partido a que devemos obediencia. Ele é constituido por todos aqueles cidadãos que pensam como nós. Esses são os nossos partidarios. Os outros já o não são embora sejam correligionarios se como nós, são republicanos.

A verdade é que ainda não apareceu formula melhor que a do sr. Francisco Xavier. Mas é possivel que apareça e, se isso se der, terá boa acolhida neste jornal. Entretanto iremos estudando a proposta-furca... para acabar definitivamente com o aborto.

Boas novas

E' sempre grato receber noticias de um velho amigo de quem temos grata memoria.

Assim nos sucedeu, quando hoje mesmo recebemos carta do sr. José Campos, a dar-nos informações da sua vida.

Em sucessivos «trips» de artista tem visitado os principais museus e palacios da França, devendo brevemente partir para a Belgica, Holanda e Italia, onde tenciona demorar-se em excursão artistica.

Venturas lhe desejamos.

O mundo dos espiritos

Regresso á velha Feitiçaria correcta e aumentada

Uns por fraqueza de animo ou debilidade intelectual, outros por intenção malévola, principia a ressurgir entre nós a monomania espiritista a perturbar o socego dos lares e semear ás vezes a discordia nas familias.

A suposta evocação dos espiritos volta a estar em voga. Allan Kardec torna a ditar a lei. As almas do outro mundo evocadas pelo sr. Lacerda parece que se preparam para escrever mais uma vez no cerebro alucinado dos que acreditam, e tambem, e muito principalmente, dos que fingem acreditar, ou dos que vivem á sombra destas estapafurdias crendices com que engrolam dinheiro, joias, penções e outros valores.

Já se distribuem pasquins a convidar ás experiencias de cartomancia e outras feitiçarias de clarividencia, em que se promete tratar do mal da inveja, levantar sagas, e curar doenças que provenham de bruxaria. Adivinha-se tudo pela conjunção dos astros e pelos signos do Zodiaco!

Não faz lembrar as antigas prescrições dos jesuitas conhecidos por «Monita Secreta» e vulgarisadas depois em tradução com o titulo ironico de «Preço das drogas á venda na botica do Papa?»

Já se marca o preço das consultas, informa-se sobre a posse de «mediums» dos mais afamados (hystericas?), e até se promete reembolso de mil escudos em caso de falharem as informações. As consultas já principiam a ter tabela. Ha de trez e de cinco escudos! Por 2$50 enviados adeantadamente, remete-se uma resposta. O belo negocio! 2500 reis por uma estampilha de tostão, um envelope e uma folha de papel!

O pior é que estas megéras sugestionam as familias e semeiam a discordia, ao mesmo tempo que preparam a miseria.

Insinuam-se no animo debil das mulheres. Mães e filhas acodem á sugestão das mezas girantes e outras experiencias que não passariam de comicas, se não fora os resultados preversos que ás vezes delas se colhem.

Os espiritos fracos quasi enlouquecem; perde-se o amor dos parentes que divergem de opinião. E' o regresso á intolerancia!

Acontece frequentes vezes irem sahindo das casas, á formiga e ás escondidas, valores reais para supostas consultas e malevolas experiencias. Daqui resultam queixas, ralhos, agravenças...

Não haverá modo de entravar o desenvolvimento desta desnaturada religião dos espiritas, que entorpece, atrofia e bestifica os crentes, ao mesmo tempo que dissolve os laços de familia!

Voltaremos ao assunto.

O SUBSIDIO PARLAMENTAR

O sr. Carvalho da Silva insiste na proposta que apresentou, cortando o subsidio parlamentar. — Não posso aprovar as medidas financeiras e economicas dum governo tão desgovernado!...

Apoz a discussão suscitada pela proposta do sr. Carvalho da Silva, cortando o subsidio parlamentar, o que a maioria dos deputados reputa de inconstitucional, embora alguns sejam tambem de opinião que estas camaras teem poderes constituintes, e entre esses o sr. dr. Alvaro de Castro.

Uma entrevista que tivémos ha dias com o deputado sr. Carlos Olavo, s. ex.ª declarou-nos que não reconhecia poderes constituintes nas camaras, em absoluta discordancia com o seu chefe politico, embora fosse tambem de opinião, como o declarou no Parlamento, de que achava imoral cortar o subsidio parlamentar.

Todos nós sabemos que dentro das camaras, grande parte dos parlamentares não teem os meios suficientes que lhes permitam viver na capital sem o magro e miseravel subsidio que ora recebem, habitando alguns deles na provincia, e obrigados muitas vezes a manterem a familia com a maior decencia.

Por isso achámos interessante ir colher a opinião do sr. Carvalho da Silva, a quem fomos encontrar no Hotel Aliança, jantando em companhia do deputado sr. Bernardo de Matos.

— Que me quere V.? Jantar?... — E o sr. Carvalho da Silva ofereceu-nos uma cadeira junto da mesa. Agradecemos o convite e replicamos:

— Apenas queremos saber a opinião de v. ex.ª acerca da atitude com que o Parlamento acolheu o seu projecto.

O sr. Carvalho da Silva sorri-se e exclama:

— Nada lhe posso dizer nesse sentido, meu caro amigo. Sómente lhe direi que esperava a atitude dalguns parlamentares, a quem os escudos do subsidio muito vão beneficiar, o que certamente me atacarão o projecto. Pois se já me chegaram a dizer que tudo isso era para obstrucionismo!...

«Chamem obstrucionismo a um projecto de grande economia para o Estado, ao corte dum subsidio que, sob todos os pontos de vista, é imoral e indigno dum representante da Nação!

V. Ex.ª insiste então no seu projecto?

— Indubitavelmente! — exclama s. ex.ª, — O subsidio, para honra de nós todos, tem de acabar, e eu farei todos os esforços para o conseguir.

— Uma nova pergunta sobre um novo assunto: — Que impressão tem v. ex.ª acerca do modo como tem corrido a sessão parlamentar?

— Uma das coisas que mais me comoveu e impressionou, foi certamente aquela scena de familia que se deu na camara com o Partido Liberal!...

«Que paz! e que harmonia!... Os amigos do sr. Granjo, antigos evolucionistas, atacaram os unionistas que, pela voz do sr. Moura Pinto, declarava inconstitucional o projecto de lei do sr. Pedro Pita, dispensando os oficiais milicianos dos exames e amnistiando os punidos disciplinarmente.

E s. ex.ª acrescentou, rindo com gosto:

— E ainda ha quem diga que não reina a maior cordialidade e harmonia no seio do Partido Liberal!...

Um áparte do deputado sr. Bernardo de Matos:

— Aqui o sr. Carvalho da Silva trata os republicanos como nós tratamos as cocottes no Maxim's!...

E o sr. Carvalho da Silva, continuando, diz:

— Tambem me comoveu a declaração do sr. Fernandes Costa, dizendo que o governo não era clerical nem tinha entendimentos com os clericais, mas unicamente composto de excelentes republicanos! Acho muito bem e v.?...

«Olhe que isto não vai nada bem, meu caro amigo, e até na parte das propostas de finanças do sr. Barros Queiroz, lhe posso afiançar que o comercio em geral não pagará os impostos ordinarios, quanto mais aqueles a que o sr. Tomé nos quere obrigar!...

«Eu sou de opinião que se devem crear receitas, sempre que seja possivel, e reduzir ao minimo as despesas, mas não compreendo a economia do modo como o sr. Barros Queiroz quere fazê-la.

«Calcule v. que, nas Escolas Gerais, e segundo uma carta que hoje recebi, existe uma Escola Primaria Superior onde estão matriculados oito alunos, e onde existem nove serventes!

«E isto, áparte os professores que me consta serem tambem numerosos!

E o sr. Carvalho da Silva concluiu:

— Como quere v. que eu aprove as medidas financeiras dum governo tão desgovernado?...

POLITICA

O governo empenha-se na votação, quanto antes, dos duodecimos

A sessão da Camara dos Deputados de ontem funcionou com a benevolencia ou cumplicidade das oposições que não consentiram que não. O *quorum* é de 54 deputados e a Camara encontra-se desfalcada com duas duzias de pedidos de licença, fóra aqueles que, naturalmente, ainda hão de vir.

A continuar-se assim, a Camara não terá *quorum*, como muito bem ja acentuou o seu ilustre Presidente sr. Jorge Nunes. Por isso é que o governo resolveu queimar todos os cartuchos para fazer aprovar os duodecimos indispensaveis para se aguentar até dezembro, visto que prevê que o Parlamento não poderá funcionar, dum instante para o outro, por falta de numero para votações.

Facilmente conseguiria este «desideratum» se não fosse a obstinação do sr. ministro da Guerra, que não quere ouvir falar em concessões no caso dos oficiais milicianos. Mas, por outro lado, ha parlamentares de todos os lados da Camara empenhados em resolver o problema dos oficiais milicianos e, por isso, muito provavel é que a comissão respectiva se apresse a dar parecer sobre o projecto que hontem lhe foi remetido, com nota de urgencia segundo a resolução da Camara. Se o projecto vier á discussão renovar-se-ha o debate politico, agora agravado com a atitude do sr. Antonio Granjo e seus amigos, claramente adversa á orientação do sr. ministro da guerra, reivindicada, como ontem foi, por eles, a atitude de francos-atiradores.

Tudo isto (e o mais que se não sabe mas se sente) vão na atribulada vida governamental e pode despertar no sr. Barros Queiroz um impulso irresistivel de alijar o pesado fardo de um governo impossivel...

O julgamento do sr. Liberato Pinto

Os leitores viram, muito provavelmente, publicadas em varios jornais (e até neste, reproduzido duma nota da Armada) as seguintes noticias:

O sr. Liberato Pinto vai ser julgado;

O julgamento será no dia 25;

Mas já não é;

Porque ficou para o dia 30;

Mas tambem não é no dia 30;

Porque ficou para epoca incerta.

E, em torno destas noticias, outras a comporem o ramalhete, como, por exemplo, pormenores sobre novos documentos, etc.

Afinal, nada disto tinha o menor fundamento. Não se marcou dia para julgamento e, por esta razão, até qualquer Acacio afirmar a que não houve adiamento. E a historieta dos documentos novos, deferimentos ou não, não tem tambem qualquer resquicio de veracidade.

O que ha, é só isto: o processo continua a ser instruido, vagarosamente, é claro, como é proprio dos negocios urgentes, entre nós. O general sr. Tamagnini, que preside á instrução, tem estado doente, o que tem sido causa, muito lamentavel, do atrazo na instrução dos autos.

O governo não tem tido a menor interferencia neste caso — desde que a instrução foi entregue a quem de direito. Em todo o caso ha quem julgue que esta inacção é, de resto, muito propria a demorar a conclusão do processo do sr. Liberato Pinto — como parece ser o pensamento oculto do proprio governo...

Nova fase na organisação combativa dos Grupos de Defesa da Republica

Não é segredo para ninguem que os Grupos de Defesa da Republica se dividiram por ocasião da organisação do partido popular, chefiado pelo sr. Julio Martins. Um certo numero deles preferiram a obediencia aos corpos directivos do novo partido que a sujeição ao directorio do P. R. P. Mas o partido popular encontra-se em desagregação e os Grupos que a ele aderiram voltem a aproximar-se do P. R. P. Conseguirá o sr. Julio Martins evitar a «débacle»? E o directorio do P. R. P. aceitará docemente, a submissão dos antigos rebeldes?...

DO TEATRO E DA VIDA

Descobre-se um actor

que todos ouvem e ninguem vê. — O sr. Tarquinio Vieira que deixou as leis pelas rabulas de teatro faz um creado gago no Gimnasio. — O grande sonho do palco. — Fala-se de grandes figuras que veem do nada: Harold, Coquelin, Adelina e Estevão Amarante...

Em teatro ha duas formas de vencer. Ou pelo talento histrionico, fulgurante, evidente, dominador duma forma absoluta, ou pelo talento de viver, de conquistar simpatia, meio, publico, empresarios, amigos, que enchem primeiro meia duzia de fauteils e depois alastram, a pouco e pouco, e são a plateia, e tomam o «promenoir», e atingem os balcões e invadem os camarotes, e são toda a gente. Em qualquer dos casos, no entanto, é preciso «sorte».

Esse factor sem o qual o maior talento, por um detalhe infeliz, por um acaso «gauche», por uma «mala-pata» imprevista, sossobra escorrega, resvala, perde o sangue frio e a confiança, a esperança e a fé, — a fé sem a qual não ha arte forte, nem talento moço, nem vitoria nobre.

✦ ✦ ✦

Contaram-me hontem um caso edificante, e como o leitor — sobretudo este leitor despreocupado do jornal da noite, este leitor bem disposto dos intervalos de espectaculos, tem decidida simpatia pelos assuntos de teatro, — conversemos sobre ele um pouco.

O sr. Tarquinio Vieira é uma creatura educada, um rapaz que dispõe dum fisico bem proporcionado e uma voz boa. Além disso, é homem com uma cultura pouco vulgar em gente do povo, pois fez o curso completo de letras, e entrou na Faculdade de Direito, que abandonou pela mais decidida paixão pelo teatro. Sucedeu isto já ha anos e o que é mais curioso é que esse artista — que o é pela forte vontade que demonstrou, abandonando uma carreira superior — não tem feito senão rábulas minimas em que ninguem ainda deu por ele.

A primeira frase que solto é esta: Se esse homem tem talento na primeira rábula que lhe distribuiram o poderia provar.

Ora eu entendo justamente o contrario. Fazer bem uma rábula insignificante é precisamente fazê-la de forma que se não dê por ela.

Nada mais errado, suponho, do que fazer um papel de natureza, apagado, e exageral-o de modo que as atenções se foquem demasiado sobre ele e o equilibrio do conjuncto se perca.

Daí se conclue que se ainda ninguem reparou no sr. Tarquinio Vieira, é justamente porque ele tem tido a ombridade de não exagerar com petulancia as intimas rábulas que lhe teem distribuido, buscando-lhe sobre si uma popularidade forçada.

Mas, eu que nunca na minha vida falei áquele senhor, que mal o vi no palco e que só por acaso sei dos detalhes da sua vida, venho defendê-lo e chamar sobre o seu nome a atenção justamente porque calculo quanto é dificil em teatro vencer-se, não sendo mulher bonita, ou não se sendo homem com o feitio de lisonja e de transigencia que as victorias da vida e até da arte geralmente requerem.

Pois o sr. Tarquinio Vieira parece-me, sinceramente, alguem capaz de fazer muito mais que as rabulas que o acaso da direcção artistica do Ginasio lhe fiz chegar ás mãos.

Por outro lado pelo que me contam o mesmo sr. Tarquinio Vieira, é dos tais feitios impossiveis em teatro.

Uma especie de Joaquim de Almeida, irrequieto, subversivo quasi conflituoso.

Isso é o peor que pode ter um actor. O teatro tem que ser uma casa de disciplina, o teatro é sempre, até, uma das grandes expressões de hierarquia: se o teatro é a vida em ponto pequeno... Desde a principal figura ao ultimo figurante de fundo, todos teem o seu papel a cumprir, e ao espectador tanto o incomoda um erro deste umilde comparsa como uma «gaffe» da estrela de primeira grandeza.

A disciplina é pois a primeira condição em teatro. Dum disciplinado com boa vontade pode fazer-se um actor sofrivel. Dum indisciplinado com talento não se faz coisa nenhuma.

✦ ✦ ✦

Mas para que o sr. Tarquinio Vieira não desanime e para que o director de scena do Ginasio medite, vou-lhe falar de quatro grandes e desencontradas figuras de teatro: Harold, Coquelin, Adelina Ruas e Estevam Amarante...

Harold é hoje o actor que ganha mais. Passou acima de Charles Chaplin. Ganha uma fortuna num mez.

Sabem como entrou no Cinema?

Diz-nos a «Picture Shows»:

Harold era marçano e tinha a paixão do cinema. Um dia zangou-se com o patrão da loja onde estava e foi, logo de manhã, oferecer-se a uma companhia. Na antecamara do gabinete do director estavam algumas dezenas de pessoas, esperando por ele para, como Harold, se oferecerem. Este entrou, sentou-se e um pouco envergonhado abriu as folhas enormes do «Morning News» que lhe taparam a cara. Mas, para ver quando entrava o director, abriu no jornal uma janelinha quadrada, pela qual espreitou quem passava.

O director entrou e viu o «homem da janelinha». Mandou-o chamar antes de qualquer pessoa e preguntou-lhe: O que quer o senhor? O que sabe fazer? Que habilidades tem?

Harold respondeu: «Meu caro co-

Por terras d'além

O eterno Problema da Irlanda—Lloyd George e os Sinn-Feiners—Fracassam as negociações

A eterna questão da Irlanda volta a ocupar uma posição de destaque no taboleiro da politica internacional.

Conta oito seculos de existencia esta questão. Durante todo esse tempo tem vindo permanentemente travada uma intensa luta entre os irlandezes que clamam direitos etnicos á sua independencia, e os inglezes que não querem consentir em privar-se da qualidade de Reino Unido, nem se conformam em que as suas ilhas deixem de ser todas britanicas.

O problema podia de ha muito estar, embora provisoriamente, solucionado, se no decorrer dos tempos a Inglaterra tivesse consentido em conceder á verde Erinn a ampla autonomia a que evidentemente tem jus, como povo trabalhador, de civilisação adiantadissima, possuidor de lingua propria e senhor de uma bela literatura.

Mas, longe das concessões pedidas, longe de aprender com espirito pratico os trabalhos de Gladstone e outras tentativas conciliatorias, o trabalho secular do leopardo britanico através das idades tem sido para estrangular a Linda Hesperia, afogar-lhe na garganta as suas tradições celte-ligericas que lhe aproximam de nós os costumes e até a lingua.

Já quia Inglaterra ultimamente conceder uma autonomia ampla, já se propoz fazer a conciliação dos catolicos com os protestantes irlandezes... Baldado empenho! E' tarde, muito tarde. A esta hora a Irlanda, após uma revolta gigante que prosegue cheia de represalias, proclamou a sua Republica, elegeu deputados para o seu Parlamento e nomeou o seu presidente, por nome De Valera.

Aguarda apenas o seu reconhecimento, o que depende de um facto da politica internacional que venha trazer á America do Norte ou a outro qualquer Estado Europeu, o desejo e conveniencia de ser desagradavel á Corôa Britanica.

Lloyd vae, George vem

Entretanto teem-se repetido de lado a lado represalias horriveis.

Dublim arde em chamas ás vezes; ao crepitar das labaredas, já se teem seguido as explosões e os morticinios...

Simplesmente horrivel. Donde pode vir o direito moral para reprimir os morticinios da Armenia?

Visto que de represalias se trata, seria licito acreditar que De Valera, o Presidente rebelde fosse encarcerado como o tinham sido o lord-maior Cork, jejuador emerito que procurou com a vida comprar a libertação da sua patria.

Não foi, porém, o que sucedeu.

Muito diversamente, De Valera não foi preso. Pelo contrario, rodeado de consideração é chamado a fazer um pacto de tregua, a fim de pacificamente se estudar o assunto.

De Valera declarou que consentiria na suspensão de represalias, e ajudaria a Inglaterra no estudo da solução possivel a dar ao complicado problema, «sub-conditione» de serem soltos alguns deputados irlandezes presos, porque o Verde Erinn não se dispensava de reunir... o seu Congresso.

Aceita a proposta, tudo sinal visto de uma certa debilidade no tratar desta questão, Lloyd George, deixados todos em estado, foi para Paris a conferenciar no Conselho Supremo ácerca dos destinos da Alta Silesia, onde não menos complicados são os problemas que se debatem.

A impossibilidade de chegar a acordo tornou-se evidente, como já vimos em artigo anterior. E tudo ficou, quasi, num adiamento do Conselho que ficou substituido por troca de impressões entre os representantes das nações em bem servidos «lunchs», banquetes e «five o'clock teas», onde a alma se expande muito mais á vontade, livre dos convencionalismos do Protocollo.

Não póde o ilustre diplomata sr. Lloyd George imiscuir-se nesta expansão de opiniões, protextando a urgencia do seu regresso a Londres para solucionar, senão resolver definitivamente o complicado caso da Irlanda.

Condições boas e conclusões más

Tal é a situação no actual momento. Lloyd George, de regresso, apreciou a resposta ás propostas de acordo apresentadas aos sinn-feiners em nome do Governo Britanico.

Estas reduziam-se ao seguinte, em letras redondas:

A Inglaterra está no proposito de conceder uma ampla autonomia, ficando portanto a cargo da Irlanda tanto a materia fiscal como a administração, serviço militar e policial, para defesa interna e externa da sua ilha, contanto que continuasse a reconhecer o Dominio Inglez e lhe aceitasse a defesa naval dos mares e costas.

Sabe-se que os Sinn-Feiners recusaram as propostas, alegando que só tratarão amigavelmente com a Inglaterra, como de igual para igual, depois que lhe seja reconhecida oficialmente a Independencia, ainda acompanhada de garantias internacionais para a sua integridade e neutralidade.

De Valera, apoiando estas resoluções dos Sinn-Feiners, não só regeitou «in limine» todas as propostas, mas propoz por sua vez a evacuação imediata das tropas inglezas.

Não nos descrevem os telegramas o estado de alma de Lloyd George, ainda mal tornado a si das contrariedades do Conselho Supremo, quando lhe foi aplicado este vesicatorio doloroso.

E pergunta a si proprio se para isto teria regressado do outro lado da Mancha.

Parece que a resposta concreta foi que não lhe seria licito apresentar á Corôa propostas para a sua ruina.

E despediu-se cordealissimamente, embora seja de prever que as relações devem ter ficado um pouco dificeis.

E agora voltará para o Conselho Supremo? As represalias recomeçarão mais violentas?

...hor, quero entrar para o cinema mas nunca descobri quem soubesse ser coisa alguma. Com respeito a habilidades... sou miope!»

Dai a uma semana Harold comecava a primeira série comica.

6 mezes depois era o 2.º director e hoje tem duas companhias e 6 10 vezes milionario.

✦ ✦ ✦

O pai Coquelin trabalhou numa feira e varreu o palco da Comedia. Adelina Abranches estreou-se no teatro do Rato e bateram-lhe por ter sido mal no dia da estreia, e Estevam Amarante, essa grande figura do nosso teatro ligeiro e essa verdadeira gloria scenica da geração de hoje, começou do nada, do absolutamente nada.

Não teve padrinhos, não teve «mestres», não teve quem lhe desse a mão, (talvez, quem sabe se teve algum que o ensinasse) ... o seu caro amigo, ele lá foi subindo.

Moralidade do caso:

Sr. Tarquinio Vieira, se está convencido que sabe «representar», aprenda agora ... a saber «viver»...

O HOMEM QUE PASSA

Touradas

Alcalarcho, rei dos ferros de palmo— Diogo ... ègo, cabo dos forcados

Não será arriscado dizer-se, sem melindre para os outros lidadores, que a maior animação às touradas do domingo no Campo Pequeno, vae ser causada pela espada alcalarena e pelo novo grupo de forcados amadores que se apresenta, divididos a pegar sob a chefia de Diogo Rêgo; um bom pegador de Santarem, os seis touros de João Coimbra. Já em duas corridas o novo publico ouviu e os assombrou.

Custodio Domingos, beneficiado da tarde, tem uma e s garantida. Tem simpatia, organizou um belo cartaz em que, alem dos elementos já citados e dos peões do espada, figuram o distinto cavaleiro amador sr. Francisco Ferreira, e o ... profissional Rufino da Costa e os bandarilheiros T. Rocha, Rodrigo Lar..., Jaime Dias, A. Carvalho e Malague...

Setubal

No domingo, magnifica corrida por amadores porque nem tudo é possivel, ... sucesso mais apreciado ... ser que por aqui ... se repetem as arenas ... corridas que ... sempre ... os ... sr. Jr. ... de Andrade ... e sr. ... a ... do ... a ... da Filarmonica de Palmela, que conta com quatro ... e um valente grupo de forcados chefiado por João Coutinho, pegador admiravel.

Dr. Costa Santos Doenças dos olhos. Consultas das 1 ... ás 17 horas — R. N. do Almada ...

ULTIMA HORA

Notas politicas

Antes de abrir a sessão na Camara dos Deputados

O sr. Plinio Silva, ás 14 horas e meia:

—E' a hora de fazer a chamada...

O sr. Carlos Olavo, que acaba de entrar na sala:

—E não chegou-se agora e já pode que se abra a sessão?

Que vai agora? Quem o disse?

—Foi um continuo.

—Pois ele não é!

«Corps-à-corps», tal qual num ringe. O sr. Carlos Olavo atira-se a tese. O sr. Plinio Silva, saindo da sala:

—Sr. Carlos Olavo, eu vou para os Passos Perdidos.

Seguem os dois ilustres parlamentares. Mas, nos Passos Perdidos, o conflito não se renovou, graças á intervenção de amigos comuns.

Ouviu-se ainda esta frase do sr. Carlos Olavo:

—Tirem-se, Tirem-se daí, se querem ver onde vai parar a cara desse tipo!

E poz-se em atitude de pugilista. Vozes:

—Deixem-se disso!

—Não vale a pena!

—De mais a mais, se são amigos...

—Pois somos!...

O incidente fica encerrado.

Eram 15 horas menos um quarto.

Depois de abrir a sessão, na sala dos Passos Perdidos

A's 15 horas e um quarto: O sr. Ribeiro de Carvalho é o auctor dum artigo hoje publicado no *Republica*, artigo de violentissimo ataque ao sr. Manuel Alegre.

Falámos com este antigo parlamentar, tranquilamente sentado num dos *divans* da sala:

—E certo, dr. que escreveu uma carta ao sr. Ribeiro de Carvalho?

—E' verdade. Vou ler-lh'a.

A carta desafia o sr. Ribeiro de Carvalho para um encontro, parecendo tratar-se de convite singular.

—E o Ribeiro de Carvalho?...

—Mandou-me dizer que a resposta viria depois. Eu espero um quarto de hora... Eram 15 horas e 35 minutos.

Em plena sessão

São 15 e 45 minutos.

O sr. Lopes Cardoso, nas bancadas da esquerda, troca palavras animadas com o sr. Antonio Maria da Silva. Ha gestos de aparente exasperação.

Na bancada da imprensa:

—E' um conflito!

O sr. presidente da camara:

—Tem a palavra o sr. Lopes Cardoso.

Era o momento de falar o «leader» reconstituinte, na comemoração da morte do Rei da Servia.

O sr. Lopes Cardoso, absorvido na troca de impressões com o sr. Antonio Maria da Silva, não toma a palavra.

O sr. presidente repete:

—Tem a palavra o sr. Lopes Cardoso.

Afinal o sr. presidente dá a palavra a outro deputado.

Os srs. Antonio Maria da Silva e Lopes Cardoso parecem mais serenos. O segundo destes ilustres homens publicos retomou o seu lugar habitual.

O sr. presidente da camara:

—Tem a palavra o sr. Lopes Cardoso.

O «leader» reconstituinto pergunta:

—E' sobre o rei Pedro, não é?

E profere algumas palavras de protocolar sentimento.

Eram 16 horas.

A falta de numero

La surgiu hoje, na Camara dos Deputados, levantada pelo sr. Presidente do Ministerio, a questão da falta de numero. Falaram os chefes do governo e os srs. Antonio Maria da Silva e Plinio Silva. Como resultado pratico imediato foram negados alguns pedidos de licença. Isto será suficiente para manter o quorum indispensavel ás votações?

Os oficiais de Justiça no Parlamento

Uma comissão de oficiais de Justiça esteve hoje no Congresso, conferenciando na sala dos Passos Perdidos da Camara dos Deputados, com alguns representantes da nação. Tratava-se, segundo parece, de ter aprovação rapida para um projecto de lei elevando os tripos dos emolumentos e salarios judiciais; a atmosfera parecia muito adversa á adopção desta medida.

Os membros da comissão não ocultavam o receio de que tal atitude podesse ter como consequencia o agravamento do conflito latente entre a classe e os poderes publicos.

✦ ✦ ✦

Assinada por grande numero de comerciantes, vai ser apresentada na camara um protesto do comercio de Lisboa contra os impostos que o sr. Barros Queiroz quer crear, e que lhe sobrecarregam a sua já dificil situação economica.

✦ ✦ ✦

O sr. Hermano de Medeiros e o sr. Abilio Marçal, ao que nos consta, enviou ... uma proposta de lei autorisando para a 1.500 escudos mensais o subsidio dos ministros.

Tambem nos consta que vai ser em breve discutida uma proposta dum preço de pão ..., aumentando para 300 escudos mensais o subsidio parlamentar, que por esse proposta passaria a ser anual.

Pelas nossas Colonias

Foram reorganisados os serviços da marinha colonial da India, na orla que se sujeita á sua administração em ..., ficando com o seguinte pessoal: um primeiro tenente, com 4192$00 anuais, um primeiro tenente engenheiro maquinista com 3 645$00 um cabo fogueiro com 1.218$70; um cabo marinheiro com 1.168$80, e primeiros e segundos marinheiros.

✦ ✦ ✦

Tem sido indeferido grande numero de pedidos de concessão de terrenos em Angola.

✦ ✦ ✦

Pelo alto comissario em Angola foram demitidos dos lugares de sub-director dos serviços de agrimensura da provincia o sr. Antonio M... e Gusmão, de agrimensor o sr. Costa Campos. A mesma autoridade dissolveu a Camara Municipal do Ambriz e mandou proceder a uma sindicancia aos actos dos seus ... creadores.

A questão da Alta Silesia

Lloyd George ocupa-se dela, assim como de socorros á Russia

LONDRES, 17.—O sr. Lloyd George defendeu na camara dos comuns a tese já sustentada no conselho supremo a respeito da Alta Silesia. Para ele é provavel que a Sociedade das Nações envie á questão da Alta Silesia uma comissão de jurisconsultos ou arbitros para se chegar a uma solução. Para o orador a segurança da França depende do desarmamento da Alemanha e das reparações das ruinas causadas á França e de certos de que qualquer agressão que a atingir injustificadamente país, quisquer que sejam os primeiros resultados alcançados.

A Conferencia do Desarmamento

Briand assistirá

PARIS, 17.—O sr. Briand comunicou ao embaixador dos Estados Unidos, sr. Myron T. Herrick que irá á conferencia de Washington, salvo qualquer obstaculo imprevisto. O governo francez recebeu o convite do governo americano para a conferencia. O presidente Harding e o senador Lodge como representantes da America á delegação á conferencia do desarmamento.—(H).

As festas de Munich

realisam-se com grandes cerimonias

BERLIM, 17.—Referindo-se á festa dos antigos oficiais bavaros da guarda, de Munich, o «Freiheit» diz que os oficiais estavam de grande uniforme. Depois da missa os membros da familia Wittelsbach sairam da igreja e ... Os policias de Munich assistiram também ao serviço religioso e percorreram as ruas da cidade, com a musica da Reichswer á frente.

O ex-kaiser tinha enviado um telegrama de felicitações aos oficiais. Os jornais da ... congratulam-se pelo facto de terem tomado parte na cerimonia de Tannenberg ... e da marinha republicana.—(H).

Feliz noticia

Já se acha em vias de restabelecimento a esposa do nosso prezado amigo e colaborador, sr. José Lopes Bispo, com o que deveras nos congratulamos.

Os torpedeiros ex-austriacos

O «Patrão Lopes» irá busca-los a Veneza

Deve partir ainda no presente mez para Veneza o navio de guerra «Patrão Lopes», que vai buscar os dois ultimos torpedeiros ex-austriacos cedidos pelos aliados a Portugal e que, como se sabe, ainda ali se encontram.

Visita ao cruzador "Republica„

Os oficiais do 2.º batalhão de artilharia de costa visitam amanhã o cruzador «Republica».

Mais um crime de aborto

Esta manhã, num caixote de lixo colocado á porta do predio n.º 3 da rua Francisco Sanches, foi encontrado um feto ... de ... tres ... talvez do predio, imoral e sem vergonha, ... se ...

A policia fez-lo remover para o Necroterio.

A gréve dos creados

Na eminencia de mais uma perturbação

Porque os creados dos cafés, restaurantes e hoteis contam declarar-se amanhã em greve, como protesto contra a força dos livretes e cartões de identidade.

Contam que os patrões estarão ao lado das suas reclamações. O pessoal espera por em cheque o Governo ... ou ... para a sua demissão.

E trevistámos rapidamente um dos criados do Suisso que nos disse que se espera que amanhã rebente o movimento, pelo que se limitou a dizer os generos que julgou indispensaveis para hoje.

Parlamento

Nos Deputados

Aberta a sessão pelo sr. dr. Jorge Nunes e com ... 34 deputados, o sr. Rodrigo Fontinha manda para a mesa um projecto de lei tendo a evitar que o local de Vianna do Castelo vá á praça incluindo a dos ... das antigas congregações religiosas.

O sr. Carlos Olavo interroga o governo acerca das queixas que foram ... jornal do Evo a «A Democracia do Sul» e quere saber se o governo tem tomado algumas responsabilidades, pois o caso impressionou a opinião republicana daquele distrito.

O sr. Plinio Silva, salientando a gravidade da que tão cercalifera, que ha pouco ... de Aviz, Portalegre, Elvas, Arraiolos, etc., diz que já ha dias se ocupou do assunto, sem que a maioria por ele se tivesse interessado.

Um voto de sentimento pelo rei da Servia

O sr. Presidente propõe um voto de sentimento pela morte do rei Pedro da Servia, e suspenso da sessão por dez minutos.

Continuando os trabalhos, a camara procede seguidamente á eleição de varias comissões.

No Senado

Após a abertura da sessão, á qual presidiu o sr Augusto Barreto e secretariaram os srs Mendes dos Reis e Pessanha e Neves, é a acta aprovada por 34 senadores.

Antes da ordem do dia

Falecimento do rei da Servia

O sr. presidente comunica ao Senado o falecimento do rei da Servia, propondo que na acta da sessão seja exarado um voto de pezar pelo infausto acontecimento.

Associam-se a esta homenagem os srs. Melo Barreto, em nome do governo, Pereira Osorio, em nome do P. R. P., Julio Dantas em nome do P. R. N., Dias de Andrade em nome dos catolicos, Vicente Ramos em nome dos independentes, e J. Maria Pereira em nome do P. R. L.

Foi aprovado por unanimidade.

Feira de Lisboa

O sr. Pereira Osorio referindo-se a uma local publicada num jornal, sobre a realisação da Feira de Lisboa, fazendo prever essa noticia, a pretensão de que o governo ira conceder para a sua realisação subsidio, protesta contra o facto caso ele venha a dar-se uma vez que o Porto, organisou a sua feira sem subsidio algum.

Museu Camilo Castelo Branco

O sr. Silvas Machado envia para a mesa um oficio da Camara Municipal de Vila Nova de Famalicão, solicitando ao ministro do comercio, a conclusão imediata do troço de estrada que liga aquela vila a S. Miguel de Seide, afim de que os amigos do grande romancista Camilo Castelo Branco, ali organisaram, seja facil de ser visitado.

Pedindo documentos

O sr. Herculano Galhardo insta junto do sr. ministro do Comercio para que lhe sejam fornecidos documentos há ja bastante tempo requisitados, acerca do estudo do problema dos transportes, Transportes Maritimos e Caminhos de Ferro do Estado.

A sessão continua.

Assuntos financeiros

Projecta-se negociar na America cinco a seis milhões de obrigações alemãs

PARIS, 17—Na exposição dos projectos para o orçamento especial das despezas recuperaveis em cumprimento do tratado para o ano de 1922, conta-se que os recursos resultantes da fracção das ... cambiais alemãs, que pertencem a França, são ... insuficientes; por consequinte ... encarado o desconto de uma parte das obrigações alemãs pelo venda dos titulos nos mercados estrangeiros e de ...

A mesma exposição declara que ... portante ... o ... estrangeiros os titulos da divida de guerra alemã, a qual se converterá em divida internacional ordinaria.

Prevê-se possivel a negociação na America de 5 ou 6 biliões das obrigações alemãs durante o ano de 1922. O total das despezas previstas para 1922 ... 7.153.620.742 francos contra 3.294.809.997 em 1921, ou seja a diminuição de 1 bilião e 1/4 que aumentará em 1923.

Contrariamente aos anos anteriores o orçamento especial não ... nenhum recurso proveniente de emprestimos novos.

As receitas compreendem a titulo provisorio os compromissos de credito ... dos ... ao prevê ... o ... da Alemanha, que são aproximadamente em 4 e meio biliões para 1922. Alem disso o governo ... de quantidades de obrigações alemãs.—(H).

Aliança Mutualista

Liga de Associações de Socorros Mutuos

Rua da Cruz dos Poiais, 38—LISBOA

Na ausencia do sr. Presidente, convido os srs. Delegados de 1920, a reunir em Assembleia Geral, pelas 21 horas de terça feira, 9 do corrente, a fim de lhe ser presente, discutir e votar, o relatorio da Direcção do referido ano e o respectivo parecer do Conselho Fiscal.

Não reunindo a maioria dos delegados eleitos, ficando desde, e conforme o § 2.º do artigo 14.º dos estatutos, terá logar a assembleia no sabado, 20 do corrente, como e estabelecido no § 3.º do mesmo artigo e á mesma hora, funcionando então com qualquer numero.

Lisboa, 9 de Agosto de 1921.

O 1.º Secretario da mesa

(a) Alfredo Artur Bivar.

Novo estabelecimento Fabril

A Companhia de Moagem Lisbonense é a fabrica mais perfeita e moderna do nosso paiz

De ha muito que não assistiamos a uma festa tão entusiastica e significativa como a da inauguração da fabrica da Companhia de Moagem Lisbonense, ante-hontem efectuada nos Olivais. Festa admiravel, cheia de simplicidade e de justiça, serviu para consagrar o esforço herculeo de alguns homens de inteligencia e de iniciativa, á frente dos quais se encontra o sr. João Castanheira de Moura. A Companhia de Moagem Lisbonense, pela sua instalação modelar, pela organisação meticulosa de todos os seus serviços, pela competencia inexcedivel dos seus cooperadores, e sobretudo, pelo tacto administrativo da sua direcção, que se compõe, além do sr. Castanheira de Moura, dos srs. Jeronimo Antonio Pereira e Agostinho Rodrigues da Bela, representa uma obra de tal significado e importancia e de tal valor industrial que não ha palavras com que possamos descrevê-la. Basta dizer-se que se trata do estabelecimento da especialidade mais bem montado do paiz, podendo, sem receio de confrontos, colocar-se a par dos melhores organismos congéneres da Europa. Os seus maquinismos, tudo quanto ha de mais moderno e de mais pratico, foram fornecidos pela casa suiça Buhler Frères e montados sob a direcção do distintissimo engenheiro catalão D. José Pratt, que tem sido de uma dedicação e actividade dignas dos maiores encomios.

O edificio onde a fabrica está funcionando, num magnifico terreno dos Olivaes, com acesso para o Tejo, é, sob todos os pontos de vista, modelar, tendo a construção sido feita sob a direcção do mestre construtor, sr. José Rodrigues Martinho. Pode afirmar-se com toda a segurança que não ha estabelecimento fabril da especialidade tão bem montado com mais inteligencia em Portugal. Todas as operações se fazem com a maior rapidez, e, ao mesmo tempo, com a maior simplicidade. Os diversos serviços são dirigidos por pessoas habeis e competentes, entre as quais se conta o tecnico moageiro, Lino de Almeida, que é considerado uma verdadeira autoridade na materia. A fabrica foi montada para a produção diaria de 100.000 kilos de farinha, podendo, no entanto, produzir, no mesmo espaço, o dobro da quantidade e adaptar-se á fabrica de bolacha e massas alimenticias.

Obra elevadamente patriotica, representando um verdadeiro milagre, não só pelo curto lapso de tempo em que foi levada a efeito, como pelo capital relativamente pequeno que nela foi empregado, merece o aplauso de todos os que se interessam pelo progresso e engrandecimento da sua terra. A festa inaugural decorreu da maneira mais entusiastica, usando da palavra varios oradores, que saudaram unanimemente os corpos gerentes do novo e importante organismo pelo seu esforço inteligente e rasgado espirito de iniciativa, salientando, como o verdadeiro iniciador da grandiosa obra, o considerado industrial sr. João Castanheira de Moura, a cuja persistencia se deve a criação do modelar estabelecimento fabril. A' festa assistiram representantes da alta finança, entre eles o sr. dr. Carlos Barbosa, da casa Pinto & Sotto Maior, figuras do comercio, da industria e do movimento associativo, exteriorisando todos a sua admiração pela perfeição e rapidez com que a obra foi executada.

Theatros e Cinemas

CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21,15—«Rogerio Laroque».

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».

GINASIO—A's 21,30 h.—«O coleiro Pinas».

AVENIDA—A's 21,30 h.—«Guardado está o bocado».

POLITEAMA—A's 21,30 h.—«A Rainha do Fonografo».

APOLO—A's 21,30 h.—«A' procura do bedelo».

EDEN—A's 21,30 h.—«Pó de dança».

SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trévaré».

GIL VICENTE—As 21,30 «Depois do Degredos».

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Reclamos

Entre nós

Nacional

Promete ser atrahentissimo o programa da *recita classica*, unica, que vae efectuar-se no Nacional, e na qual tomam parte os principais artistas daquele elegante teatro.

Avenida

Para recita extraordinaria e unica entrou em ensaios, no Avenida, a famosa tragedia de Marcelino Mesquita, *Pedro, o cruel*, retomando o actor Carlos Santos o seu papel de protagonista.

A CAPITAL

3863 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quinta-feira, 18 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

A composição do parlamento

Na «Rep blica» de hoje publica o deputado s. José de Sousa Varela uma interessante estatistica em que fixa a côr politica actual e passada dos diferentes legisladores. Essa estatistica organisou-a o sr. Sousa Varela para responder ao sr. Nunes Loureiro que classificara o parlamento actual de «camara talassa.»

Devemos dizer que da estatistica do sr. Sousa Varela resulta que o sr. Nunes Loureiro tinha razão.

Com efeito, que desejava o sr. Nunes Loureiro acentuar com a sua classificação que impressionou o sr. Sousa Varela?

Queria acentuar evidentemente, não que o parlamento actual fosse um parlamento monarquico, mas sim um parlamento cuja maior parte se compõe de antigos monarquicos.

O sr. Sousa Varela encarregou-se de justificar esta afirmação.

E' assim que nos 152 deputados de que actualmente se compõe a primeira camara ele consegui averiguar que são antigos monarquicos, autenticos, genuinos, nada menos de 46. Quer dizer: mais de terça parte da Camara é constituida por creaturas que até ao dia 5 de Outubro de 1910, o dia do triunfo, não tiveram ocasião de reconhecer a crapula da nobreza e a doutrina sã da liberdade da Republica, cuja propaganda era todavia feita há mais de quarenta anos por alguns dos maiores espiritos de que Portugal se tem podido orgulhar.

Destes 46 deputados, antigos monarquicos, reconhecidos e averiguados, cabem 22 ao partido democratico, que tem ao todo 51, 19 ao partido liberal que tem 74; 4 ao partido reconstituinte, que tem 12, e 1 ao grupo dissidente que tem 5.

Mas ha mais.

Existem ainda 6 deputados, distribuidos pelos diversos partidos, exceptuando o dissidente, que não foi possivel, por mais excavações historicas a que o sr. Sousa Varela procedeu, averiguar qual era a sua politica antes de 5 de Outubro. E' misterio que naturalmente prezará para as idades vindouras, mas a verdade é que não podem ser considerados republicanos de toda a vida. Assim, nos 46 que a Republica não conseguiu influenciar senão nos tempos do poder, temos de acrescentar mais estes 6, o que prefaz 52.

Mas há mais ainda. Se a respeito destes ultimos deputados, não foi possivel descobrir as suas antigas convicções politicas, outros há que o sr. Sousa Varela não afirma ter verificado que realmente não tinham politica nenhuma antes do 5 de Outubro. Estes inolitos cidadãos andam por uns 10. Deles, 9 pertencem ao partido liberal, e 1 ao democratico.

Temos, pois, que existem nos partidos republicanos 62 deputados que ou foram monarquicos, ou não se sabe o que eram, ou não eram cousa nenhuma, no tempo da monarquia.

Como temos ainda que contar com 4 monarquicos e 6 catolicos, chega-se finalmente á conclusão de que dos 152 deputados que constituem as suas funções só são republicanos de toda a vida, 84.

Dir-se-ha que os republicanos de fé inalteravel possuem ainda assim uma maioria de 16 deputados sobre os outros.

Isso, porém, é muito problemático porque o sr. Sousa Varela arranjou uma categoria especial para os actuais deputados que pertenceram á Constituinte, e considerou-os a todos republicanos de toda a vida. Ora a verdade é que na Constituinte existia ao lado dos republicanos de toda a vida uma bonita quantidade de adesivos.

Parece-nos, pois, que o sr. Sousa Varela só deu razão ao sr. Nunes Loureiro nesta estatistica que deve ser muito consoladora para os republicanos que andaram durante vinte, trinta e quarenta anos trabalhar para um Republica de principios. Mas não ha duvida que ela veio prestar um grande serviço, porque explica muitas das atitudes dos parlamentos da Republica, e, duma maneira geral, de toda a politica do regimen.

Boas novas

No gabinete dos reporters, do Governo Civil, foram recebidos os seguintes telegramas:

Radio, 13, ás 17.—Os oficiais do vapor «Quelimane» bons, continuando viagem. Medico, Rato, Jordão, Posvolo, Alberto, Santos, Carvalho, Vaz, Padua, Raul, Lopo, Gonçalves, Fonseca.

Radio, 13, ás 17.—Pessoal cozinha, padeiros do vapor «Quelimane», seguem. Abel, Carrico, Henriques, Ferraz, Nazaré, Carlos, Ventura, Pompilio, Sousa, Salvador, Alvaro.

Radio, 13, ás 17.— Tripulação do convés, do «Quelimane», segue bem. José, Caetano, enfermeiro, Augusto, Sintra, Cabinda, Póvoa, Bexiga, Penedo, Aguiar, Benció, Rodrigues, Baptista, Carvalho, Dias, Custodio, Cerveira, Oalante, Grilo, Pereira, Tomé, Simões, Pachito, Candido, Viriato, Moreira

AS PROPOSTAS DE FINANÇAS

A proposta-força

O funcionalismo publico deve precaver-se contra a possibilidade de um golpe de surpreza...

Já aqui demonstrámos, duma forma categorica e que torna impossivel qualquer contestação, que, aliás, não apareceu, nem mesmo no orgão oficioso do governo — já demonstrámos que a proposta-força, imaginada e redigida em hora infelicissima, pelo ilustre chefe do governo, obedece a um fim oculto, embora transparecendo nas entrelinhas do tão famoso documento. Emfim, logo desmascarado quando analisámos o artigo 1.º da proposta-força, reduzia-se a usar da lei como uma arma destinada a fazer o engrandecimento do partido unionista.

Supomos nós que, denunciando o perigo que ameaça os outros partidos da Republica, a proposta-força será posta de parte, indo ocupar o seu justo lugar no arquivo onde são guardados os documentos demonstrativos da decadencia intelectual da nação. Mas que o funcionalismo não durma, apezar de tudo! Porque nós sabemos que tudo se prepara para arrancar ao parlamento, um pouco de surpreza, algumas autorisações para reforma de serviços publicos. Estará a proposta-força incluida nessas autorisações? Isso é que nós não sabemos. Mas não nos surpreenderia que, repentinamente, o funcionalismo publico se visse perante a força do facto consumado, tendo depois de recorrer a um esforço maior e, porventura, a grandes sacrificios para se furtar ao atentado com que o governo o pretende ferir. O aviso aqui fica feito e muito a tempo. Jámais se poderá dizer, com verdade, que o nosso dever não foi cumprido!

Continuemos, porém, imperturbavelmente, a critica da proposta-força, analisando os seus varios artigos. Em todos eles é evidente um grande espirito de hostilidade ao pequeno funcionario, como se fôra ele o responsavel exclusivo das desgraças da Patria. E' assim que se lhes oferece, enquanto estiverem na situação de adidos, os magros cobres dos seus ordenados de categoria. Isto sarcasmo chega a ser cruel. Pois há alguem que ignore que os ordenados de oste goria dos pequenos funcionarios são uma irrisão, incapazes de impedirem que alguem morra de fome, mesmo lentamente?

Não, mil vezes não! As economias a fazer não estão na pobreza do funcionalismo, pobreza que a proposta-força, uma vez convertida em lei, transformaria na mais cruciante miseria. Quere o sr. ministro das finanças, chefe do governo, saber onde pode fazer economias? Nós lho dizemos, apenas com dois exemplos de verdadeira delapidação dos dinheiros publicos. Ora oiça, faça favor:

A nossa marinha de guerra é o que todos sabem e nem merece ser recordado, porque, demais a mais, é doloroso fazê-lo. Pois nós sustentamos, para os altos comandos das esquadras (!) nada menos de 14 almirantes. Disto se não gaba a poderosa Gran-Bretanha.

Agora, o outro exemplo. Sabe o sr. ministro das Finanças quanto ganha, no fim de cada ano, um juiz das execuções fiscais?

Nada menos que vinte contos. Isto, sómente: vinte mil escudos! E, se duvida, nós facilmente lho demonstraremos.

Em casos destes — e ha muitos outros... — é que seria util que o sr. ministro das Finanças demonstrasse a sua energia e a sua competencia.

Queimar, porém, as pestanas no estudo de propostas de lei que só ferem os pobres e os fracos em prejuizo dos ricos e fortes e até mesmo da propria Nação,—isso, sr. Presidente do ministerio, é ingloria tarefa, impropria dum homem que triunfou, pelo proprio esforço, na vida ingrata dos humildes. Se os ouvidos do sr. Barros Queiroz não sofressem daquela surdez especial que por vezes acomete os homens guindados a inacessiveis alturas (inacessiveis nos comuns do vulgo), ha-de sentir, por força, a justiça do grito clamoroso da multidão:

— Abaixo a proposta-força!

Mas, se não ouvir, pior para ele...

Acabamos de receber nova carta do «Um Funcionario». Amanhã a publicaremos.

Reminiscencias da Grande Guerra

Um grande acto de justiça
Os heroes obscuros

Foi em 17 de fevereiro de 1917. A canoa da picada «Maria da Encarnação» saira ao mar. Ouviu tiros longiquos a principio, mas que cada vez se aproximavam mais, até que se viu já muito perto o dorso de um formidavel submarino alemão. Seguiu-se um tiro seco do canhão, sinal que tinham avistado a canoa e se preparavam para metê-la no fundo. A ideia de render-se não sorriu ao denodado mestre da barca, por nome Francisco Lopes Fernando.

—A todo o pano! ordenou ele com voz estridente.

Houve receio de ser alcançado pelos tiros na fuga desesperada em demanda do Cabo Espichel, mas a coragem do mestre não desfaleceu um instante.

Na audaciosa retirada, não só conseguiram iludir os ardores do submarino pirata, mas ainda salvaram de caminho a tripulação de um palhabote que se acabava de afundar, varado pelas balas inimigas.

«A Capital» referiu o caso minuciosamente na ocasião da ocorrencia.

O arrojado cabo do mar Francisco Lopes foi louvado por Leote do Rego, então no comando. Lá continua honradamente na labuta do mar, sem outra esperança no futuro, quando as forças lhe escassearem a ponto de o impossibilitar.

Veiu até ao nosso escritorio apresentar-nos as suas razões e desejos que nos parecem inteiramente justos.

Que quer ele? Nem favor nem pensão. Aspira apenas a uma melhoria de posição, em qualquer cargo do mar, adequado á sua capacidade e aptidões que são bastantes.

E' um caso de justiça. Aí o pomos gostosamente.

IRLANDA

Contra o dominio

DUBLIM, 18. — O sr. De Valera, discursando na Assembléia dos sinn-feiners (Dail Eivreann) declarou que as condições britanicas para a paz na Irlanda eram absolutamente inaceitaveis, principalmente pelo motivo de dividirem a Irlanda em 2 partes e não poderem considerar-se como equivalente ao estatuto dos dominios. Acrescentou que a nação irlandeza constitui uma nação separada que deve libertar-se do dominio da Inglaterra até pela força, se necessario fôr. —(H).

A GRÉVE DOS CREADOS

O que nos diz o sr. Governador Civil

Serão expulsos do paiz os creados estrangeiros que não retomarem o trabalho

Os creados estão em gréve. E segundo parece, não ha quem leve a melhor com eles.

As «sopeiras» teimam em não aceitarem o uso do «carnet» e não ha ninguem que as convença a transijir, nem mesmo a máscula energia do sr. Lelo Portela.

Os creados de cafés e restaurantes, solidarios com as creadas, declararam tambem a gréve, e eis-nos sem o classico e habitual café, á mercê do João, da Brazileira, e do Gomes, do Suisso.

— Que dirá o sr. Governador Civil a tudo isto?— e dirigindo-nos a nós proprios esta pergunta, encaminhámo-nos para o Governo Civil, rindo-nos do ridiculo da questão.

— O sr. Governador está?— perguntámos ao contínuo, aquele velhote que todos conhecem, de olhar vêsgo, simpatico, mais politico do que o seu governador.

Esperamos um momento. O sr. Lelo Portela dava-nos a honra do nos receber.

Entrámos e fomos encontrar s. ex.ª a telefonar:

—Está lá?... Está?... Ah! és tu, ó João?... Olha, diz á senhora que não venha hoje, porque ha gréve dos creados, e não temos onde ir jantar!...

E num aparte:

—Estou vendo que tenho de ir comer á Sintra!...

E para nós:

—Então que o traz por cá? A gréve dos creados, aposto?...

—Acertou, sr. governador —dissémos nós. —Pode-nos dizer o que pensa fazer a este respeito.

—Está questão de gréve está posta sob o aspecto politico, e eu creio que é tudo devido ás ordens dimanadas do Comité do Sindicato Operario, como eles lhe chamam, tanto mais que os creados de cafés e restaurantes, hoteis, clubs, etc., nada teem com o uso do livrete, que se refere sómente aos creados domésticos, aos creados de casas particulares.

«Ainda ha dias me apareceu aqui uma comissão composta por alguns creados, e entre eles um de restaurante que quis em disse que nada lhes tinha a explicar pois a questão não era com eles, nem o uso do «carnet» os atingia.

Eu, os homens puzeram isto neste pé, e eu, asseguro-lhe, estou disposto a não recuar uma linha na atitude que tomei, tanto mais que já perto de 3 mil serviçais requere ram as cadernetas, mostrando-se por tanto de acordo com a minha disposição, que é tudo quanto ha de mais justo.

E enérgico e decidido, o sr. Lelo Portela exclamou:

—O que eu não permito, e estou disposto a reprimir, é que individuos estrangeiros, como o são a maioria dos creados de cafés e restaurantes, venham para Portugal fazer de agitadores, perturbando a ordem publica e dando ocasião a que eu seja obrigado a usar dos meios violentos para os fazer entrar no caminho da ordem.

«Estou decidido a pô-los todos na fronteira, se acaso não retomarem o mais depressa possivel, os seus misteres, e para isso vou fazer chamar ao meu gabinete o sr. consul de Espanha.

Já por ocasião da chegada do Soldado Desconhecido eles tentaram fazer a gréve, o que não conseguiram, mas desta vez estou resolvido a reprimir, tanto quanto possivel, os abusos desses senhores.

«Alguns deles, uns quatro, que para ahi falaram de bombas e queijandas violencias, estão já na fronteira, e a policia tem ordens expressas para capturar todos aqueles que lhes queiram seguir o exemplo.

E concluindo, o sr. Lelo Portela, diz-nos:

— E para terminar dir-lhe-hei que tudo está o melhor encaminhado possivel, e que conto resolver esta questão muito brevemente, e sem dar motivos a protestos de qualquer das partes interessadas no assunto, tanto mais que eu garanto, em absoluto, a liberdade de trabalho.

TRISTE DESILUSÃO

O noivo duma americana é uma mulher

NOVA-YORK, 18.—Uma senhora americana, Mary Holdonaectz, apresentou aos tribunais uma denuncia contra seu noivo, Jack Brown, reclamando o pagamento de prejuisos e danos, por não cumprir a sua palavra de se casar com ela.

Segundo declarou a denunciante, conhecera Jack Brown no ano passado, no hotel Monticello, a 60 milhas de Nova-York, e passearam juntos, muitas noites, á «luz da lua». Num destes passeios, Jack prometeu contrair matrimonio com ela, enquanto com o seu trabalho ganhava o dinheiro suficiente para as necessidades de ambos. Jack teve necessidade de se ausentar por motivo das suas ocupações profissionais, e, segundo Mary, as suas cartas foram diminuindo a pouco e pouco, até que por completo cessaram.

Mary conseguiu saber a morada dos pais de Jack e escreveu-lhes pedindo para a informar a respeito do noivo. A resposta dada por estes surpreendeu profundamente a pobre noiva, pois, declararam-lhe que não tinham nenhum filho.

Das investigações a que, como consequencia desta noticia, procedeu Mary, chegou á convicção de que o seu noivo era... uma mulher.

A demandante entregou ao Tribunal os retratos de Jack, que o representam como um jovem imberbe, de rosto inteligente, olhos vivos, e cabelo preto apartado ao centro. Nega que seja mulher e diz que nunca conheceu Carolina Shieikes, que, segundo se diz é o seu verdadeiro nome.

A solução do caso será hoje levada ao Tribunal que resolverá a denuncia de Mary Holdonawetz.—(H.)

Historia das religiões

Subordinado a este titulo, prepara o professor Ladislau Batalha, nosso colega nesta redacção, um curso publico para o inverno, constituido por serie e sub-series, em que, num dos salões de Lisboa, sem espirito de combate e somente com objectivos de vulgarisação de conhecimentos, fará o estudo da origem das religiões, desde o animismo inicial até ás mais completas religiões da actualidade.

Ao que nos dizem, deve ser um interessante trabalho de erudição, pois o conferente propõe-se mostrar as operações do espirito para se passar do animismo ao politeismo e deste ao monoteismo, estudando e comparando a este proposito as mitologias americana, vedica, grego-romana e escandinava.

UM ASSUNTO MOMENTOSO

O Parlamento deve quanto antes ocupar-se da questão dos trigos

O que sobre o assunto nos disse o deputado por Portalegre sr. Plinio Silva

Uma das questões pendentes do Parlamento que mais interesse estão despertando no paiz é a dos trigos. No Alemtejo tem já havido alteração da ordem publica, e se o Parlamento não fixar quanto antes o preço dos trigos, não se sabe até que ponto as coisas chegarão nalguns concelhos onde a questão está mais irritada.

O deputado sr. Plinio Silva, eleito por Portalegre, esteve ha pouco no seu circulo indagando da verdadeira situação em que aquela questão ali se encontra.

Estava pois indicado o seu nome para dizer á «Capital» o que ha sobre o assunto.

—Não posso, começou o distinto deputado, assim de pronto fornecer-lhe uns numeros interessantes que coligi na minha viagem ao Alemtejo, onde fui por causa da questão dos trigos. Todavia posso dizer-lhe duma maneira geral no que ela se resume.

«Havia, fixado por lei, para os trigos o preço de $36. Mas esse regimen caducou em junho, sucedendo estar-se presentemente a viver-se do Deus dará.

«Existe uma comissão fixadora do preço do trigo, e essa comissão, no desempenho das suas funções estabeleceu, se bem me não estou em erro o preço de $72 para cada quilo desse cereal. O povo porém não aceitou este aumento, na maioria das terras do Alemtejo, e dahi as alterações da ordem em alguns pontos. E' claro que por este motivo surgiu uma questão complicada, como a do se vender o pão pelos preços mais varios e muito diferentes dos dos outros.

E assim tem sucedido já haver concelhos que teem deixado de fabricar pão, como sucedeu em Elvas durante dois dias. Ora o sr. Ministro da Agricultura continuou o nosso entrevistado tem na Camara uma proposta de lei no sentido de regular a questão. E' por isso que se pede, e eu já há muito que ando instando nesse sentido, que essa proposta seja discutida quanto antes.

Compreende-se, não é verdade?, que não pode ser viver-se assim por mais tempo. Os actuais preços são uma grande embrulhada com que já ninguem se entende, e nem em todos os pontos a questão se pode arrumar do mesmo modo porque no Crato o Partido Republicano Portuguez o conseguiu.

—Como foi?

—Entendeu-se com os manipuladores no sentido de aos pobres ser por eles fornecido um pão mais barato, vendendo para os outros pelos preços que quizessem.

Deste modo nos falou o sr. Plinio Silva. A avaliar pelo que se passa no Alemtejo com o preço do pão, ve-se que não será facil ao governo exiguir o deficit que todos os anos, desde a guerra, tem tido.

ESPANHA

Socego geral

MADRID, 18. — Ha tranquilidade absoluta em toda a Espanha e tambem em Melilla e nas demais portos; no Marrocos espanhol ha apenas alguns tiros soltos. O general Berenguer tem estado em Tetuan a conferenciar com os notaveis indigenas e regressou a Melilla esta noite. O conselho de ministros aprovou por unanimidade as instruções que vão ser dadas ao general Berenguer. Em Melilla os rebeldes fazem frequentes tiros de peça, mas sem resultado, pois as pontarias são muito mal feitas. Prosseguem as negociações para resgatar os prisioneiros e conjuntamente varias mulheres e crianças.—(H).

Coisas de Marrocos

MADRID, 18.—Dizem de Marrocos que se abriu uma subscripção para os soldados de Melilla. O alto comissario felicitou os oficiais de esquadrilhas de aviação pela sua brilhante acção durante os dias tristes em que todos estavam sob a pressão da enormidade do desastre.

Chegaram a Melilla forças da guarda civil.

Confirma-se que o sargento de artilharia Eliseu Calderon, da guarnição de Bunofara, quando estalou a rebelião moura, depois de se bater heroicamente, vendo que não podia manter-se e não querer de abandonar as munições, fez explodir o paiol da polvora.—(H).

MADRID, 18.—De Tetuan dizem que chegou a Rio Martin a bordo do Giralda o alto comissario que desembarcou, se dirigiu á sua residencia acompanhado por todos os altos funcionarios. O alto comissario acompanhado foi todas as autoridades espanholas foi visitar o Kalifa, felicitando-o pela celebração da Pascoa mussulmana.—(A).

A agricultura reclama

Uma grande comissão de lavradores e moageiros de Vila Franca de Xira, acompanhada pelo administrador do concelho e por um deputado do circulo, conferenciou hoje, demoradamente, com o sr. ministro da agricultura, ácerca da proposta de lei estabelecendo um novo regimen cerealifero. Tambem uma comissão de lavradores e moageiros de Beja, acompanhada pelo comissario distrital dos abastecimentos, conferenciou com o sr. dr. Sousa da Camara sobre o mesmo assunto.

Assalto ao Banco do Peru

LIMA, 17.—Noticias do Iquito confirmam que o capitão Cervantes com 100 homens se apoderou de 23 mil libras esterlinas ao Banco do Perú. Londres prendendo as autoridades e fugindo do Perú, reclamando do Brazil e da Colombia liberdade de passagem na fronteira.—(A).

AÇUCAR CUBANO

HAVANA, 17.—Um sindicato americano comprou todo o stock de açucar existente por 250 milhões de dollars.—(A).

Monstruosidade economica

Consiste em consumir recalcificantes e extractos de carne extrangeiros, se temos no paiz a «Fibrocalcina» e a «Zomobiase» recomendados, como se sabe, pelos directores dos sanatorios e dos serviços da Assistencia Nacional.

SUBSISTENCIAS E CAMBIOS

Uma entrevista com o sr. Portugal Durão

Os governos podem fixar o cambio—diz-nos o antigo ministro da Agricultura

Pioraram os cambios, e o custo da vida, que num dado momento nos deu a impressão de estar descrevendo a trajectoria cujo fim seria um mar de rosas, agravou-se. De novo surge entre nós o grave problema da carestia da vida; de novo aparecem as dificuldades para o normal abastecimento do paiz.

A pasta da Agricultura volta a estar em fóco; o Comissariado dos Abastecimentos mais uma vez vai exercer as funções de um grande organismo economico.

Está tudo mais caro, outra vez. Mas haverá razão para tal?

E o governo não poderia evitar este novo agravamento da vida?

Ha dias no parlamento o sr. Presidente do Ministerio declarou que os governos não podem melhorar os cambios, e consequentemente o custo da vida e em resposta os democraticos afirmaram que sim. O sr. Peres Trancoso que tanto se evidenciou com a sua politica dos abastecimentos ha dias, fezendo declarações neste jornal, afirmou que já se estavam tornando necessarias medidas coercitivas para o comercio.

De tudo isto se deduz que Governo Parlamento e Partidos e pessoas se começam agitando, marcando os seus logares nas responsabilidades do mal que se avisinha.

O sr. Portugal Durão, cujas opiniões sobre a politica dos abastecimentos são autorisadas, acaba tambem de falar ao paiz, por intermedio da «Capital», firmando a sua opinião e fazendo algumas interessantes declarações.

Ei-las:

«O custo da vida é uma função do cambio.

Portanto o seu agravamento não nos deve surpreender. O governo, interessado-se por esse problema, poderia encontrar os meios necessarios para evitar esse agravamento. Esses meios seriam as medidas tendentes a fixar o cambio.

«Não é certo que o governo não possa fixar o cambio. Pode.

E se não possesse, pouco seria o valor do ministro das Finanças aplicando-se exclusivamente a exercer uma acção fiscal. Se o proprio governo declara que ha manobras cujo fim é o agravamento do cambio, como é que pode afirmar que o contrario é impossivel? Em todos os tempos o cambio foi motivo de lutas entre banqueiros e governos; aqueles pretendendo agraval-os, estes defendendo-os.

«E' claro que eu não quero dizer que o governo procurando melhorar o cambio fosse lançar á voragem alguns milhares de libras, não. O resultado seria muito pior. Mas o governo pode acompanhar todas as alterações do cambio, e numa luta continua, persistente, inutilizar a acção dos jogadores da Bolsa. Porque não se procede assim é que eu não sei.

—E sobre abastecimentos?

—As minhas opiniões são as mesmas. Os tabelamentos não servem para nada. Porque, genero tabelado é genero desaparecido. E não é esta a solução.

«O que é necessario é promover o seu barateamento sem provocar o seu desaparecimento. Para isto só ha entre nós um processo capaz de dar resultados proficuos,—utilisar na distribuição dos generos alem dos armazens reguladores, todas as cooperativas e os armazens de viveres a retalho. (E' claro que se trata dos generos adquiridos pelo Comissariado ou ministerio da Agricultura). Porque entre nós o problema dos abastecimentos é mais complicado devido ás deficiencias na distribuição. Quem ignora que os armazens reguladores, em numero de nove no periodo agudo da crise, apenas serviram para aumentar a especulação? Para as bixas iam apenas as pessoas que andam sempre na rua, o que só por si justifica a improficuidade dos armazens, e alem disso sucedia familias inteiras adquirirem nessas «bixas» grandes quantidades de generos que depois vendiam por preços muito superiores. Um bom negocio para essa gente. Emfim; para que amanhã não surjam dificuldades que nos atormentem é necessario tratar-se quanto antes do problema dos cambios, e, para qualquer eventualidade pensar-se já a serio na forma de se fazer face ao perigo da crise das subsistencias no caso de ela aparecer.»

Um entre-acto

(do Gaulois)

Lloyd George. — Uma vez que nos achamos num intervalo do Conselho Supremo, e visto que o representante da França tambem cá se não encontra, consente-me, sr. Visconde Hayashi, que lhe dirija uma pergunta?...

Hayashi (sorridente). — Com todo o gosto... Queira dizer.

Lloyd George. — Sorri-se? Ora pois, queira escutar-me; trata-se exactamente daquele sorriso benevolo e fino que há pouco lhe surprendi, na ocasião em que o sr. Briand estava a falar... V. Ex.ª parecia escutá-lo com especial atenção... e não desprezava os olhos de cima dele... Serei ousado perguntando o que foi que tanto o impressionou no raciocinio que ele estava fazendo?...

Hayashi. — Meu caro amigo, vou responder-lhe com franqueza... sou como membro do Conselho Supremo, encarregado dos interesses politicos do paiz que represento, mas como japonez, como japonez de longe, e que aprecia os negocios da Europa através do espaço.

Lloyd George. — Eis um excelente ponto de vista que nos ajudará a reflectir...

Hayashi. — Pelo visto destaco-me pelo pensamento da nossa aliança o torno-me num destes prudentes Orientais, cujo cerebro diverge tão profundamente do de V. Ex.ª, por mais que nós esforcemos por imitá-lo... Porque, em verdade, os senhores, no fundo, estão todos de acordo com o espanto desse francez doutro tempo: «Como é possivel ser-se japonez?»

Lloyd George. — Os francezes são frivolos.

Hayashi. — Isso é que se pensa na Europa, porque eles proprios não se cansam de dizê-lo.

E é por isto, Lloyd George que não desdenho alguns momentos de conversação...

Lloyd George. — Folgo!

Hayashi. — Antes do tudo, cumpre-me expor-lhe a impressão que me ficou da sessão a que acabo de assistir, e também da guerra.

Os francezes, inglezes e italianos, davam-me a impressão de velhos adversarios no louvavel empenho de esquecer agravos passados...

Lloyd George. — (com vivacidade): —Protesto...

Hayashi. — E' porque V. Ex.ª não aprecia convenientemente o caso... Note que eu trato o caso como simples observador...

Lloyd George. — E' que, muito ao contrario, eu sinto pela França uma tal paixão, que alguns dos meus compatriotas até m'o censuram...

Hayashi. — Ha nisto o seu pensamento intimo, Lloyd George, que eu desconheço; ha tambem a sua atitude, a sua linguagem... Afirmo-lhe que um japonez qualquer, contanto que fosse dotado de bom senso, ou um homem que caisse da Lua na nossa epocha, não teria recebido impressão diversa da minha. Ele teria dito la consigo: — Ora aqui está uma gente que hade custar a reconciliar-se, um terrivel foi a guerra que fizeram uns aos outros!...

Lloyd George. — Deixe-se arrebatar da mais pelo seu humor natural, Hayashi. Muito pelo contrario, nós temos todos sido aliados leais e dedicados contra o inimigo comum que acabamos por vencer, do que nos sentimos eternamente orgulhosos...

Hayashi. — (depois de hesitar): —Seria capaz de jurar, Lloyd George, que não lamenta já hoje um pouco de o ter vencido mais do que convinha... e de ter determinado no mundo uma catastrofe que excede as suas previsões?

Lloyd George. — A segunda parte, concedo... Fui surpreendido pelas consequencias da guerra e pela brusca transformação do planeta, onde nos habituamos a viver... Na minha opinião, isto é deploravel, com efeito.

Teria sido preferivel não mudar senão o estritamente necessario, e as revoluções geograficas são as piores de todas...

Mas enquanto ao mais, engana-se. A derrota dos exercitos alemães ficará sendo uma das glorias da Inglaterra... assim como tambem da França...

Isto nunca mais se apagará da memoria.

Hayashi. — Mas, nesse caso, porque renuncia diante da logica da sua acção? Quando me recordo da historia inglesa, verifico que a sua nação tem sempre sido implacavel para com os seus inimigos...

Tem sempre tido a justo preocupação de completar as suas victorias, porque uma victoria incerta é como uma ferida que não cicatrisa...

E' o grande metodo romano... o de Cesar com Vercingetorix... o vosso a respeito de Napoleão...

Desta vez os senhores não o adotam com a Alemanha, a despeito de luta cruenta que contra ela sustentaram...

E' o que causa admiração nos Orientais, de alma candida, como eu.

Lloyd George. — Não me sinto embaraçado para lhe responder, Hayashi. Eu não encarrego a Alemanha por ser Alemanha, nem porque de mim se apoderasse o espirito germanico...

Mas esta guerra causou tantas ruinas no meu paiz, de tal maneira nos ameaçou a industria, o comercio, e todas as fontes da vida, que ainda estremeço... A minha imaginação não concebe que ela possa recomeçar... e eu quero ir até á causa, como diz Hamlet.

Hayashi. — Pelo que vejo, os senhores pressentem uma causa de guerra futura numa Alemanha enfraquecida e desarmada?

Lloyd George. — Certamente, e com tal reduzida ao desespero, lançando novamente a Europa em perturbações.

Hayashi. — Que raciocinio tão extraordinario! Um ser, seja qual fôr o que se encontra, só é perigoso quando tenha meios de pre-

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

Os adagios da fome — O pão e o interesse — O pàdinha e o pãosinho — Entra-se com a Justiça — Os velhos Juizes de Aldeia

Os habitos de abstinencia religiosa não seriam das coisas mais agradaveis para as padeiras.

Era vulgar este adagio: «Um dia de jejum, tres dias mau para o pão».

Parece que a padaria tinha as suas epocas.

Um anexim antigo—«ao verão taberneira, ao inverno padeira»—cujo intuito me escapa, confirma que o consumo do pão era muito naturalmente maior no inverno que no tempo quente.

Mas o habito e tambem a fome criaram uma serie de adagios, outras tantas revelações do estado moral do povo portuguez na epoca a que nos estamos referindo.

Sabe-se que na casa onde não ha pão, todos ralham e ninguem tem razão—ditado velho, gerado na indispensabilidade do uso do pão nos nossos costumes.

O ideal da abundancia estava no pão que podia servir de religião aos conductos chamados—povo—acompanhado de alguma outra coisa:—«pão e queijo, meza posta he».

—Pão molle e uvas, as moças poe nudas e ás velhas fira as rugas.

—Papas sem pão, abaixo se vão.

Ainda modernamente se diz num sentido figurado e de intuito pejorativo—«por a pão e laranja».

Referente a um velho supplicio leal, ouve-se a frase—«a pão e agua»—, e os trabalhadores ruraes nalgumas localidades alimentam-se, á hora do descanso, com pão e azeitonas, pão e cebola, pão e fructo.

Em tom de encarecimento pergunta-se:—«Quem terá as mãos quedas á pão fresco e beringelas?»

A supremacia do pão no nosso regimen alimenticio evidencia-se em anexins de ditos, cuja enumeração leteria muito longe:

—«Tanto pão como um polegar, torna a alma ao seu lugar».

Ninguem se confirmavo que houvesse meza sem pão, nem exercito sem capitão. Considerava-se indispensavel pão que sobre, carne que baste e vinho que falte.

A clausula do vinho não seria agradavel a muitos, por isso se teria generalisado est'outro proverbio, já quasi esquecido:—«Por carne, vinho o pão, deixo quantos manjares são».

Embora o fanatismo nos tivesse obliterado as faculdades revolucionarias, ainda lamuriavamos contra as iniquidades sociais que vêem de todos os tempos:—«homem pobre, depois de comer, ha fome».

Tambem se observava com amargor que a fome chega á porta do oficial (funcionario), nao pode lá entrar».

Entendia-se que o interesse era o que movia o homem e tambem os animais:

—«Bolo com o rabo o cão, não por ti, senão pelo pão».

A mulher sujeitava-se a maus tratos do marido, contanto que ele o sustentasse:—«Seja o marido cão o tenha pão».

E' certo que—«a boa fome não ha mau pão»—e mesmo—«á mingua de pão, boas são as tortas»—, porque já naqueles tempos se dizia que quem tem fome, cardos come, e tambem—«bocejo longo, fome ou sono».

Já o padre Antonio Vieira proclamava, num sermão dos mais celebres, que tudo neste mundo se agita á busca do pão.

Cada qual continua a cuidar, antes de tudo, da sua situação economica: —«bom ho saber que pão te hade manter»—porque, ainda que insuficiente o inconveniente—«o pão de vela tambem tufa»—adagio que actualmente só se emprega em sentido figurado, em alusão aos que querem ser ou parecer mais do que podem ou devem.

O pão, desde tempos remotos até á actualidade, tem tomado ainda toma denominações varias. Alem do nome generico, na provincia chamam-lhe ás vezes—bôla ou bolo: Em Tabeaço o pão é—poia—, e na Covilhã e noutras terras tem o nome de—pada.

O diminutivo de pada emprega-se no sentido de regueifa, e encontramo-lo num anexim pejorativo, entre o numero daqueles que o autor das *Inferinidades da lingua portugueza* entendia não deverem dizer-se:—«he muito seu pàdinha».

Actualmente, para significar que um mancebo é muito afectado na linguagem, janota em exagero e meliluo no tracto, o nosso povo costuma dizer que ele é... muito pãozinho.

Os serviços de Direito não embaraçavam menos o desenvolvimento da sociedade portugueza, desde epocas remotissimas.

Sem fundamento definido, antes resultante do eclectismo juridico que desde a velha Lusitania se vinha fazendo do Codigo Widigotico e da legislação romana em competencia com o direito consuetudinario, o regimen foraleiro e os caprichos dos reis e seus jurisconsultos, tanto a lei como a administração publica sempre entre nós teem vindo a obedecer mais ao arbitrio e ao capricho do que ao metodo dos legisladores.

Do modo como a justiça se aplicava entre nós, fala o antiquissimo adagio portuguez:—«cedo o verde pelo seco e paga o justo pelo pecador».

Sobre a garrulice dos antigos juizes, corregedores, desembargadores do Paço, e mais uma infinidade de funcionarios, cujas atribuições ficavam sempre confusas, por mais que os numerosos Regulamentos procurassem defini-las, é bem eloquente este expressivo ditado cuja memoria o autor das *Infermidades* nos conservou:—«disse as tres mil leis».

E talvez o povo não exagerasse, pois entre o simultaneo afluxo de tão variados direitos em concorrencia, devia ser dificil escolher e atinar com as leis aplicaveis a dados casos.

Por ser motivo se tornaria então corrente que—«mais são os casos que as leis»—, querendo com isto significar a confusão que não permitia atinar com a lei aplicavel.

A justiça dos homens era tão falaz como a do hoje. Já preponderava o favoritismo, e as competencias escasseavam:—«por falta do Homens, fizeram o meu pai Juiz». (1)

Tambem se dizia ironicamente:—«meu caminho leva o Juiz quando vai para a força»—o que bem justifica os casos de prevaricação, ao mesmo tempo que deixa ver que a lei o punia... ás vezes.

Efectivamente encontramos uma lei, onde se legisla em tempos de D. Afonso V, contra os Juizes *«que recebem peita por julgar e acerca da parte que lha dá ou prometez».* (2)

Delicado registou:—«Juiz da Aldeia, quem o deseja que o seja».

O motivo de anexim deve ter sido o peso das influencias que não permitiam a livre administração da Justiça, e autorisavam as represalias:—«arrenego da terra onde o ladrão leva o juiz á cadeia».

Todavia este caso era tão frequente, que achou expressão no chamada sabedoria das Nações:—«Juiz de Aldeia, hum ano mande, outro na cadeia».

(Continúa).

Ladislau Batalha

(1) F. R. I. L. E. L.
(2) Ord. Af. Livro III-Tit. 128

ULTIMA HORA

Notas politicas

O problema da falta de numero

A's 14 horas e 45 minutos o sr. presidente da Camara dos Deputados, verificando falta de numero para votações, enuncia que vai interromper a sessão, até chegarem alguns retardatarios. Não se fez assim, porque o sr. Almeida Ribeiro aproveitou a ocasião para dirigir ao chefe do governo algumas palavras.

Vê-se, pois, que a falta de numero continua a ameaçar o regular funcionamento do Poder Legislativo. A usança impôs a presença dum determinado numero do legisladores quando se trate de votações. E' a usança o mais dada. Porque, se realmente as votações valessem pelo numero de votantes, tanta razão ha para se exigir uma maioria absoluta, como mais ou menos, ou mesmo a totalidade. E' puramente uma convenção. E tanto assim que, para ouvir, qualquer numero serve, e para resolver sobre o que se ouviu servem mesmo os que nada ouviram. Pois não seria mais racional que as votações se fizessem, validamente, com os legisladores presentes, exactamente pela mesma razão que não impõe numero certo para o debate?

Uma amabilidade da mesa da Camara dos Deputados

O sr. presidente da Camara dos Deputados e os seus colegas da mesa surpreenderam hoje os jornalistas com uma grata amabilidade. Temos, para o serviço, mais algumas carteiras. Pela nossa parte, muito agradecidos.

Os oficiais de justiça

A comissão de melhoramentos desta classe esteve ainda hoje, na sala dos Passos Perdidos, da camara dos deputados, instando por providencias legislativas que acudam á crise que a aflige. A comissão é tenaz e incansavel. Esperanças de bom exito não lhe faltam. Mas os srs. legisladores não se apressam. Pois deviam fazê-lo, ainda que não seja senão para evitarem ter mais tarde de passar pelas forcas caudinas. E' certo, todavia, que os altos poderes do Estado já se habituaram a essas situações...

A redução do funcionalismo, segundo o sr. Ferreira da Rocha

Discursando hoje na camara dos deputados, o sr. Ferreira da Rocha proferiu as seguintes palavras, tanto mais para registar quanto é certo que o sr. Ferreira da Rocha é um dos mais ilustres parlamentares da maioria:

«Se fosse possivel — que não é! — reduzir os quadros do funcionalismo publico e se fosse possivel suprimir dos quadros dez mil funcionarios, efectivar-se-ia uma economia orçamental de vinte mil contos—quantia insignificante, absolutamente ridicula no montante enorme do deficit.»

Estas eloquentes palavras são a mais formal condenação da proposta-forca do que é infeliz autor o sr. presidente do ministerio e ministro das finanças.

POEIRA da ARCADA

A direcção da Associação dos estudantes da Escola de Medicina Veterinaria procurou hoje o ministro da agricultura para tratar de interesses de classe.

✦ ✦ ✦

O director do Instituto Superior Tecnico e o professor, sr. Charles Lepierre conferenciaram hoje com o sr. ministro do comercio sobre assuntos que interessam aqueles estabelecimentos.

Procissão proibida

O sr. Governador Civil de Lisboa, depois de ouvir o administrador do concelho do Seixal, resolveu não permitir a realisação da procissão que se devia efectuar no proximo domingo, com o fim de evitar possiveis alterações da ordem publica.

Segundo nos informam, o sr. Leio Portela nunca autorizou a realização de qualquer manifestação religiosa, deixando isso ao criterio dos administradores dos respectivos concelhos.

Sabemos tambem que foi o administrador do concelho de Almada, que, quem autorizou uma manifestação ali, quem autorisou que ela fosse ali a procissão, e não o sr. Governador Civil, que apenas se limitou sancionar a sua autorização.

Criadas de servir

NOTA OFICIOSA

Do governo civil recebemos a seguinte nota oficiosa:

Tendo-se declarado a grève dos creados de hoteis e restaurants, alegando como motivo o regulamento ultimamente publicado, devemos informar do seguinte:

Esse regulamento diz apenas respeito aos serviçais domesticos em casas particulares e não aos que estão em casas industriais como hoteis e restaurants,

Considerando, portanto, este movimento de caracter puramente politico, pois lhe falta uma razão de ordem economica, o sr. Governador Civil está disposto a reprimi-lo imediatamente e a garantir a liberdade do trabalho.

E tendo mais conhecimento de que essa grève foi movida por individuos estrangeiros, s. ex.ª está resolvido a mandar por na fronteira esses individuos ao abrigo da lei que proibe a cidadãos estrangeiros imiscuir-se na vida interna do nosso país.

✦ ✦ ✦

Na generalidade os cafés e restaurants acham-se quasi todos encerrados, notando-se portanto uma deficiencia de movimentação, com especialidade no Rocio.

A questão da Alta Silesia

Loyd George e Briand

PARIS, 17.—Recebendo esta noite os representantes da imprensa, o sr. Briand fez declarações a respeito da Alta Silesia, dizendo que o conselho da Sociedade das Nações encontrará sem dificuldade uma solução em harmonia com a letra e o espirito do tratado.—Pela minha parte, continuou o presidente do conselho, tenho plena confiança nele e ao tomar assim uma vez mais que o governo francês, digam o que disserem, não tem nesta questão nenhum «parti pris». Um jornalista pediu ao sr. Briand que respondesse ao discurso do sr. Lloyd George, por isso que não o pode fazer perante a camara, que está em ferias.

O sr. Briand declarou então que o discurso do sr. Lloyd George é identico ao que ele pronunciou no conselho supremo, mas não entraque em nada a tese francesa.

E' erradamente, acrescentou o sr. Briand, que o sr. Lloyd George atribuiu a nossa atitude e o nosso unico cuidado á segurança do paiz.

O que exclusivamente nos preocupa é, como a ele, a ideia da justiça e a execução do tratado.

Os pontos de vista diferem na maneira de interpretar o artigo 88 e sobretudo o espirito em que foi resolvido o plebiscito.

Olhando para um mapa da Alta Silesia e tendo em consideração os resultados da votação, vê-se que a parte ocidental do lado da Alemanha é de maioria alemã e que a parte do lado da Polonia é de maioria polaca.

Logo no principio, continuou o sr. Briand, a França propôs que a partilha se fizesse segundo esta constatação, que é bem dificil sustentar que seja uma violação da letra e do espirito do tratado em seguida o sr. Briand falou ao que se chamou a região industrial. A tese francesa sustentava que a mina dava lugar a fabrica, cujo fim era desenvolvê-la e prolonga-la: era toda a região mineira que as considerações economicas do artigo 88 deviam encarar.

Ora se se fizeram as contas, os votantes desta parte da Alta Silesia que são polacos, teem incontestavelmente a maioria. Convir-se-ha que este raciocinio estava em harmonia com o tratado e que a França podia sustenta-lo sem faltar á equidade, mas a delegação ingleza não quiz conformar-se com ele. Referindo-se ao trabalho dos peritos, continua o sr. Briand, vê-se que a França tinha razão quando dizia que a região industrial é divisivel.

Conciliação provavel

PARIS, 18.—As ultimas declarações do sr. Briand, a respeito da questão da Alta Silesia produziram a melhor impressão, continuando a esperança de que o desacordo dos vistos entre a Inglaterra e a França cessará brevemente.—(H.)

Vai reunir a Sociedade das Nações

PARIS, 18—O concelho da Sociedade das Nações reunirá provavelmente em Genebra no dia 25 do corrente para examinar a questão da Alta Silesia. O sr. Briand recebeu o embaixador dos Estados Unidos, a quem informou de que a França aceita o convite para a conferencia de Washington o confirmou que o representante da França será ele.—(H.)

Reforços para a Silesia

ROMA, 18.—O conselho de ministros resolveu mandar dois batalhões de reforço para a Alta Silesia.—(H.)

Provincias ultramarinas

Foram creados postos militares Oio e Mariapha, provincia de Angola.

✦ ✦ ✦

O alto comissario em Angola fez a concessão de locais para lançamento de armações de pesca á valenciana, em Mossamedes e para a instalação de serviços da pesca da baleia no mesmo districto.

✦ ✦ ✦

Foi posta em execução, em Angola, uma nova tabela de fretes e passagens para os navios da frota do Estado ao serviço daquela provincia.

✦ ✦ ✦

Foram nomeados administrador da circunscrição do Huambo, o sr. Victorino Nogueira; director de fazenda adjunto de Angola, o sr. Reis Gamboa; oficial ás ordens do alto comissario em Moçambique o capitão sr. Antonio Pedro Fernandes.

Os gatunos á solta

«Queixaram-se á policia». — José Antonio Frade de Sousa com loja de fazendas, no Campo Grande, 8, que os gatunos entraram no seu estabelecimento e lhe furtaram fazendas no valor de 1.763$00.

João Rodrigues Lago, rua Nova do Carvalho 38, que seu filho de 19 anos João Rodrigues, se ausentou de casa, levando-lhe 100$00 em notas do Banco de Portugal, 100 duros em moedas espanholas e 140$00 em diferentes moedas.

Leopoldina Calhau, moradora no bairro Catarina J. L. F. que sua creada, Luiza Pereira, lhe furtou objectos no valor de 50$00.

Manuel Antonio, Campo Grande, A. S. de que os gatunos lhe furtaram a quantia de 30$00.

Elisa Alves, L. de Santa Cruz 14, 2.º que Eusebio Luiz de Paula sem residencia, lhe furtou objectos no valor de 85$00.

Manuel Francisco Rocha, rua Morais Soares, 5 que os gatunos entraram na sua residencia furtando-lhe objectos no valor de 70$00.

Parlamento

Nos Deputados

Cerca das 14,30 o sr. dr. Jorge Nunes reabre a sessão pondo em discussão a proposta sobre os duodecimos.

Como os deputados presentes sejam poucos e nenhum esteja inscrito, o sr. Presidente declara ter de interromper a sessão. Mas o sr. Almeida Ribeiro pede a palavra e chama a atenção do sr. Presidente do Ministerio, pelo que a sessão prossegue. Depois do orador ter feito algumas considerações no mesmo sentido das anteriormente feitas, usa da palavra o sr. Antonio Maria da Silva, que analisando a proposta do governo, faz varias considerações sobre a nossa politica financeira e sobre a sua acção nos varios ministerios de que fez parte.

Dirigindo-se ao sr. ministro das finanças diz que o governo deve agir na questão dos cambios, e que se ele orador estivesse no governo faria ditadura no sentido de comprimir as despesas. Tem visto com desgosto, declara, que outros teem autorisado verbas que ele negou por reconhecer a sua desnecessidade, e sabe que na Praça muitos cavalheiros de «industria» teem feito o seu jogo criminoso na baixa dos cambios, mas espera que o sr. presidente do Ministerio saiba agir. Do seu partido pode o governo esperar todo o auxilio para o cumprimento das promessas que o sr. Barros Queiroz fez no tempo da propaganda. Vota os duodecimos.

O sr. Ferreira da Rocha em resposta ás considerações anteriormente feitas pelo sr. Portugal Durão, faz um interessante discurso dizendo que a situação cambial em Portugal não pode ser resolvida pelas mesmas leis como são lá fóra nos outros paizes, porque o caso entre nós ha que proceder com elementos diversos, isto é, com os mesmos que os depreciadores do cambio põem em jogo. Respondendo ao sr. Mario de Aguiar que atacou a administração republicana o orador lembra o que foi a administração monarquica e salienta que depois da guerra Portugal não podia deixar de sentir as alterações economicas e financeiras que os outros paizes sentiram.

O sr. Mario de Aguiar em aparte: Mas foi o proprio sr. Presidente do ministerio quem declarou ser criminosa a administração republicana.

O orador: Não é assim. O sr. Presidente do Ministerio nunca falou desse modo. O sr. Ferreira da Rocha faz ainda algumas considerações sobre o que disseram os srs. Alberto Xavier e Almeida Ribeiro, depois do que o sr. dr. Vasco Borges usa tambem da palavra. Começa o orador por dizer que depois da resolução da Camara em não conceder licenças, sob pena de o Parlamento ter de fechar, resolveu logo comparecer ás sessões.

Seguidamente entra na apreciação da proposta fazendo varias considerações sobre a nossa situação financeira e dizendo que se o governo lançasse no mercado alguns milhares de libras, com as reservas indispensaveis, parece-lhe que não seria dificil conseguir-se um cambio entre 10 e 12.

O sr. Mario de Aguiar em nome da minoria monarquica, a hora em que fechamos esta extracto está justificando uma moção que mandou para a meza atribuindo á administração do regimen as dificuldades financeiras do momento. São 17,15.

No Senado

A sessão é presidida pelo sr. Augusto Barreto, secretariado pelos srs. Pessanha das Neves e Mendes dos Reis. Aprovam a acta 33 senadores.

Antes da ordem do dia

Lei da Separação

O sr. João Garcia chama a atenção do sr. ministro da justiça para as consequencias da portaria de 4 de junho ultimo, relativa ao cumprimento dos artigos 30 e 31 da lei da Separação, e que representa o sequestro das capelas particulares.

O sr. Ministro da Justiça declara que essa portaria, representa apenas a regulamentação dos artigos 30 e 31 da lei da separação. Afirma a sua imparcialidade no assunto e o respeito que teve pela opinião catolica do país.

O sr. Julio Ribeiro requere que o relatorio da sindicancia aos Transportes Maritimos do Estado, seja publicado no Diario do Governo.

Foi concedido.

O sr. Pereira Osorio refuta algumas das considerações do sr. João Garcia acerca da explicação da lei da Separação.

Esquadra americana

O sr. José Maria Pereira, requere urgencia e dispensa do regimento, o que é concedido, para a discussão do projecto de lei, abrindo um credito especial para pagamento de despezas com a recepção feita á esquadra americana.

Foi aprovado sem discussão.

Funcionarios administrativos

Tambem o sr. Catanho de Menezes requere urgencia e dispensa do regimento para o projecto de lei, mandando pagar aos funcionarios das administrações dos concelhos e bairros, a contar de 1 de setembro de 1920 a ajuda de custo que lhe foi expressamente concedida no § unico do art. 3.º da lei 1173, de 4 de junho de 1921, nos mesmos termos e condições do art. 17 do decreto 7089.

Foi aprovada.

Aviação militar

Baixou á Comissão de Guerra o projecto de lei autorisando o ministro da Guerra a abrir um credito de 1.000 contos destinado á Aviação Militar.

A sessão continua.

Correio para Madeira e Las Palmas

Pelo vapor inglez «Ardeola» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira e Las Palmas, sendo ás 13 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 11.

Touradas

Aldegalega

A tourada da proxima segunda-feira

Em beneficio do Orfanato de Aldegalega e por ocasião das tradicionais festas da Senhora da Piedade, realisa-se na proxima segunda feira, 22, uma deslumbrante corrida de touros á antiga portugueza, com todo o aparato proprio destes torneios.

Serão lidados dez corpulentos e bonitos touros puros, generosamente cedidos por um lavrador benemerito e o pessoal de lide, composto em parte por distintos amadores, é o seguinte:

Cavaleiros—Os amadores srs. Francisco de Almeida, José Julio da Veiga Marques Junior, os artistas José Casimiro e Justiniano Gouveia; banderilheiros, os srs. D. Carlos de Mascarenhas, F. Oliveira, D. Pedro de Bragança, Gama Lobo, Mario Luiz Lopes e Lopes da Silva, e os profissionais, encarregados de auxiliar a lide, A. Salgado, Alfredo dos Santos, Rodrigo Largo e R. Raposo; forcados, os amadores srs. João Azevedo Coutinho (cabo) Mario Sant'Ana, Raul Fernandes, Pereira Coutinho, Joaquim Verissimo, E. Simões, A. Burnay e N. N.; campinos os amadores srs. Diogo Julio Mendonça (abegão) Antonio Marjal, Julio Nepomuceno Junior e Cristiano Mendonça Junior.

Como neto, figurará o menino Faco Viana; como carocas os srs. Abilio da Silva Carlos Sousa e Amadeu Augusto dos Santos; como papagaios, os srs. Carlos Saraiva e Sousa e Manuel da Costa Moura.

O amador da velha guarda sr. Cristiano de Mendonça dirigirá a lide desta brilhantissima tourada, que vae levar a Aldegalega uma concorrencia desusada e de certo resultará animadissima.

VIDA SPORTIVA

SPORT LISBOA E BEMFICA

Realisa-se no proximo sabado, 20 do corrente, pelas 21 1|2 horas, no Salão de Festas deste club, um sarau desportivo para a distribuição de premios aos vencedores dos campeonatos de Sports Atleticos para seniors e juniors, levado a efeito por este club.

O programa do sarau, consta de cortezias e assalto de florete por duas gentis meninas, combate de box, assalto de espada franceza, forças combinadas, exercicios em paralelas, jogo de pau, etc.

Aviso aos clubs

Toda a correspondencia relativa a esta secção, deverá ser enviada para os nossos escriptorios todos os dias até ás 12 horas.

«A Capital» que tem sido dos diarios de Lisboa, aquele que mais desenvolvimento dá aos sports, volta novamente a ampliar a sua secção, defendendo com todo o entusiasmo a pratica de todos os sports e o desenvolvimento das nossas agremiações sportivas.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21,15—«Rogerio Laroque».
S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21,30 h.—«O cobre Pinas».
AVENIDA—A's 21,30 h.—«Guardado está o bocado...»
POLITEAMA—A's 21,30 h.—«A Rainha do Fonografo».
APOLO—A's 21,30 h.—«A' procura do badalo».
EDEN—A's 21,30 h.—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trèfaròn».
GIL VICENTE—ás 21,30 «Depois do Degredo».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasso, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

judicar. Os senhores deixam armas ao seu inimigo, a pretexto de que ele não lhes faça mal... Eu prefiro ser ameaçado por uns inimigos sem armas... E' assim que raciocina a França e nunca serão capazes de conseguir que ela raciocine de outro modo...

Queiro notar, Lloyd George, que neste momento não lhes falo como homem do Estado, aliado do seu paiz, a que no Conselho Supremo terá acima de tudo exactamente a mesma opinião que o seu paiz... Estou a falar-lho como japonez, dotado de uma inteligencia primitiva, á maneira dos nossos antepassados do tempo do Imperador Shiumo, sem me prender nas subtilezas da politica europeia...

E certifico-lhe, Lloyd George, que V. vae ao encontro da verdade e da natureza humana...

Quando um homem tem no seu passado as violencias que a Alemanha tem no dela, não deve deixar-se adormecer cheio de confiança. O mesmo se dá com um povo em presença do outro... a França em frente da Alemanha... aliás e o renascimento de outro 1914... Nenhuma consideração de comercio nem de industria prevalece a esta lei...

Alfredo Capus
(da Academia Franceza)

Literatura infantil

Ampliando a sua acção educativa e moralisadora, vai a Revista Infantil publicar uma serie de trabalhos literarios destinados ás creanças e todos de intuitos identicos aos da Revista, sendo o primeiro a sair a comedia «Uma lição».

A CAPITAL

3664 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escriptorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sexta-feira, 19 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

A VERDADE

O sr. Barros Queiroz pôs, ante ontem, a questão financeira no parlamento duma maneira que está provocando vivos comentarios,—mas á qual não é licito negar que não faltou clareza e decisão.

Pode-se acusar o sr. Barros Queiroz de não tomar certas medidas relativamente a uma especulação cuja existencia ele proprio confessa e condena; pode-se dizer que se não foi inteiramente pessimista ao desenhar o futuro da patria pareceu, todavia, esquecer as vantagens de toda a especie que nos trouxe a intervenção na guerra, umas, de caracter moral, já patentes, outras, de caracter material, que mais tarde ou mais cedo se hão de efectivar. Não se pode, porém, desconhecer que o chefe do governo diria a verdade ácerca da situação presente.

Por manobras politicas, ou obedecendo a planos de determinados grupos financeiros, pretendeu-se, dum dia para o outro, capacitar o paiz de que estava iminente uma situação esplendida, devendo receber milhões e milhões de libras que de pobre o converteriam em opulento. Essa verdadeira chuva de ouro seria o resultado do famoso emprestimo de 50 milhões de dollars, negociado pelo sr. Afonso Costa com a America, e do pagamento de muitos biliões de marcos que nos caberiam na primeira entrega aos aliados, da indemnisação global que a Alemanha lhes deve pagar. Sobre estes biliões de ouro realisar-se-ia tambem desde logo, sem qualquer especie de embaraço, um grande emprestimo externo, igualmente negociado pelo ilustre estadista que preside á nossa delegação á Conferencia da Paz.

Com base nestas promessas magnificas, promoveu-se uma alta do cambio, chegando-se a marcar prazo para se atingir uma determinada divisa. A verdade é que, aparte a meia duzia de especuladores que costumam pescar nas aguas turvas, o desejo geral da sociedade portugueza é a regularisação dos cambios. Dahi, ter essa campanha contado com um factor moral que realmente exerceu uma influencia cujo resultado foi ter subido o valor do escudo portuguez, e a vida barateado na mesma proporção.

Isto tudo, porém, repousava sobre as mirificas promessas dos nossos grandes exitos financeiros no estrangeiro. Só a realisação dessas promessas podia assegurar as vantagens já obtidas para a economia da nação. Esses factores materiais eram pois indispensaveis para garantir o impulso dado pelo factor moral.

A verdade, porem, disse-a o sr. Barros Queiroz, e essa verdade desmentia que se abusou do que não passava ainda de esperanças apresentando-as como certezas absolutas e de realisação imediata.

Assim, o credito dos 50 milhões de dollars não foi ainda efectuado, parecendo que, alem de fortes exigencias na parte comercial, teem os interessados encontrado dificuldades no maquinismo financeiro da operação com a America. E quanto á indemnisação alemã, sabe-se que da primeira parte, agora entregue aos aliados, já foram atribuidas duas cotas á Inglaterra e á Belgica, não tendo a propria França recebido até agora a importancia que lhe pertence, o que fez com que em Paris se manifeste já um desgosto bem acentuado.

Quanto ao emprestimo externo, que se dizia seria negociado com a Inglaterra, e de que está igualmente encarregado o sr. Afonso Costa, como vemos pelas declarações do sr. Antonio Maria da Silva, publicadas no «Diario de Noticias» de hoje, escusado será dizer que é prematuro tudo quanto se diga, visto faltar ainda a base para essa operação que seria a primeira parte da indemnisação que temos de receber da Alemanha.

Acerca da Inglaterra só se sabe que temos pago em Londres mais de metade do emprestimo que nos fez antes da nossa entrada na guerra. Esse emprestimo deve hoje estar reduzido a 1 milhão de libras; mas continua, sem amortisação e vencendo juro, a nossa divida de guerra que é de 16 milhões de libras.

Como se vê, a situação é bem diversa do Eldorado que desenharam ao publico os arautos da imediata melhoria financeira e economia do paiz, e é ai compreender-se, até certo ponto, o que se está passando, visto terem faltado os factores materiais que deveriam consolidar o facto moral. Essa melhoria ha de dar-se, mas seguindo o movimento que em todo o mundo se observa. Não quer isto dizer que não possamos realisar contratos como o dos 50 milhões de dolars, mas que não devemos esperar a indemnisação alemã. Simplesmente, só quando estas operações forem realisadas é que se póde verdadeiramente contar. Fazê-lo antecipadamente é precipitação que pode ser desastrosa.

POLITICA

O Partido Comunista e a Confederação Geral do Trabalho.—O partido socialista

Como é sabido organisou-se recentemente em Lisboa um centro irradiador de politicos socialistas, destinador á fundação e consolidação dum partido comunista, reflexo das modernas ideas que nos veem da agitação das sociedades do Oriente. O partido comunista encontrou boa acolhida entre os elementos mais avançados do operariado, já inclinado á adopção dos meios extremos, como claramente o denunciou a quando da sua adhesão á 3.ª Internacional, no Congresso Socialista do Porto. E' certo que essa demonstração foi um pouco atenuada com a adopção da acção intervencionista nos governos burguezes, mas nem por isso deixou de impressionar a sociedade portugueza.

O partido comunista está empenhado na sua organisação combativa; sendo notaveis, pelo menos em numero, as adhesões que os corpos directivos chegam, oriundas principalmente das provincias ao sul de Lisboa.

A lucta de ideas não podia deixar de se reflectir dentro da organisação da Confederação Geral do Trabalho. Esta agremiação que, durante muito tempo, manteve a hegemonia na movimentação das massas operarias, já hoje não dispõe da mesma influencia, que se viu forçada a repartir com o partido comunista, pela atracção que este exerceu na grande maioria dos sindicalistas, podendo mesmo generalisar-se essa atracção a todas as forças e individuos realmente combativos.

A C. G. T. não é aliás, combatida pelo partido comunista; mas a C. G. T. é dissolventemente trabalhada por dissenções intestinas, consequencia imediata da discussão que entre si fazem as correntes anarquistas filiadas nos dois agrupamentos.

Diremos, por ultimo, que o partido comunista não está alheado, antes pelo contrario, do movimento evolutivo das ideas socialistas no estrangeiro.

Quanto ao partido socialista portuguez que se propunha, parece, colaborar com os governos burguezes considerando-se, dentro da Republica, como um partido constitucional, diremos apenas que a sua vida é, neste momento, absolutamente inglorio, quasi não se dando pela sua existencia. Grave erro cometeu o governo não se entendendo com os dirigentes do partido, a fim de que lhe não faltasse a representação parlamentar! O resultado é que o operariado é atraido para outro campo de acção, fatalmente perturbador da boa marcha dos negocios publicos e origem, mais tarde ou mais cedo, de despesas consideraveis para o tesouro nacional.

Um congresso pan-africano em Lisboa, Londres, Bruxelas e Paris

Os homens de côr residentes em Lisboa preparam-se, com actividade, para uma fecunda colaboração no congresso pan-africano, que brevemente vai reunir.

O congresso é mundial, devendo celebrar-se conjuntamente em quatro cidades da Europa, e que são Londres, Bruxelas e Paris, e, talvez, Lisboa. Os negros portuguezes empenham-se, realmente, em que uma das secções do congresso funcione em Lisboa, argumentando que Portugal, continental e colonial, é uma das nações onde maior população negra existe.

O movimento pan-africano é dirigido, em Lisboa, por duas grandes organisações de africanos e que são o Partido Nacional Africano e a Liga Africana de Lisboa, o primeiro mais numeroso e, talvez, mais importante que a segunda.

Para o congresso pan-africano ha, já, a adesão de 25.000 negros de todos os paizes do mundo. O congresso será, pois, a maior assembleia de homens que resa a historia. As resoluções que adoptar e que não poderão deixar de ser a sintese das aspirações de libertação da raça africana, hão de influir, forçosamente, nas futuras sociedades...

Os temporais no Mediterraneo

Barcos naufragados

PARIS, 19.—Noticias de Marselha dizem que, em consequencia das violentas tempestades que ali se teem feito sentir, teem naufragado alguns navios, entre eles o barco de pesca «Ciudad de Patras», que foi a pique a cento e cincoenta milhas do porto de Sargesse.

Considera-se perdida a sua tripulação, que era de dez homens.—(E.)

AS PROPOSTAS DE FINANÇAS

OUTRA CARTA

Onde "Um Funcionario" defende as ideias que já expôz e condemna com argumentos de valor, a acção perseguidora do sr. ministro das Finanças

Noma entrevista, concedida pelo sr. Barros Queiroz a um dos nossos colegas, é confirmada a versão de que o ilustre chefe do governo e ministro das Finanças não desiste de ver aprovada e convertida em lei a proposta-força. Repetimos, pois, o que hontem dissemos:

Organize o funcionalismo a sua defesa!

E, por hoje, limitamo-nos a dar publicidade a uma nova carta, em que «Um funcionario» diz da sua justiça:

Sr. Redactor: Publicou a «Capital», de terça-feira 16, a minha carta, o que muito agradeço, com alguns alvitres para a compressão dos quadros do funcionalismo. Escreveu v. que não concordava em absoluto com as soluções por mim propostas e que na «Capital» se diriam os fundamentos da discordancia e efectivamente li hoje que v. entende que se não deve impor a qualquer funcionario o abandono do seu emprego, a não ser quando livremente pedido.

Vejo que afinal estamos simplesmente de acordo em tudo, porque dos meus alvitres consta, no n.º 7, que serão dispensados do serviço os que assim o requeiram e no n.º 2, diz-se que os funcionarios considerados adidos que preferirem continuar ao serviço conservarão os seus actuais vencimentos. Portanto só passariam á disponibilidade com 50 % quem essa situação conviesse e parece certo que a muitos conviria, pois já hoje, em vista da deficiencia dos ordenados, alguns teem empregos particulares, ou industrias e comercio proprios que dificilmente se harmonisam com os seus deveres de efectividade dos serviços publicos; e muitos outros procurariam ocupação mais lucrativa se, como ajuda tivessem a garantia dos 50 % dos vencimentos da inactividade.

Além dos dois citados alvitres apresentam outros que os completam, sem alterar o seu espirito, a não ser para os funcionarios que pelos respectivos chefes de serviço sejam considerados decrepitos ou doeates (n.º 3), mas ainda estes teriam de ir á Junta Medica e só quando fossem dados por incapazes de serviço se lhes daria a reforma, mas, ainda acautelando-lhes os interesses, pois se hoje aos reformados se desconta a sexta parte do vencimento fixo e metade da subvenção diferencial, pelo n.º 4 dos meus alvitres ser-lhes-ia descontada a sexta parte do vencimento e subvenção englobados, o que é justo por serem os vencimentos insignificantes e a maior parte a subvenção. Por exemplo: Um 3.º oficial vence 50$00 mensais e de subvenção 135$00, dos quais 5$00 são descontados para a Caixa de aposentações e imposto de rendimento, portanto equitativo e indispensavel seria o desconto da aposentação, pela sexta parte, incidir sobre o total dos proventos actuais, porque o corte de metade da subvenção seria a miseria com a carestia da vida infelizmente sempre crescente.

Estou portanto de acordo com V., nem de outra forma, como funcionario que sou, deveria ser, no desejo de ninguem ser ferido nos seus legitimos interesses, a não ser quando lhes convenha o serem dispensados do serviço, estejam no caso de serem reformados por invalidos, ou ainda se requerem a reforma por terem os competentes anos do serviço e assim lhes convenha.

O facto de pelos meus alvitres passarem a adidos 50 % dos funcionarios actuais é o meio de serem atingidos tambem os grandes e de fechar a porta a novas nomeações enquanto não passarem todos aos quadros efectivos.

Pelo que respeita ao alvitre do 3.º oficial sr. Francisco Xavier custaria ao Estado centenas de contos de réis, para o que não chegaria os córtes nos adidos.

Com surpreza li tambem hoje na «Capital» que consta vai ser proposto que os ministros passem a receber 1.500$00 escudos mensais, ou sejam 18 000$00 escudos anuais e os deputados 300$00 escudos mensais, ou sejam 3.600$00 anuais (parece que tambem vão ser aumentados os proventos do sr. Presidente da Republica, mas quanto a este muito justamente), o que quere dizer que os autores das propostas de finanças e os deputados que as hão de aprovar pretendem já talhar para si melhor fatia e até os deputados querem que lhes paguem anualmente, isto é, mesmo nos meses em que as Camaras estão fechadas!!

As economias fazem-se no pequeno funcionario; estas darão para os dirigentes que serão aumentados, directores gerais, chefes de repartição, peixe graudo, escapará, sem pelo menos se lembrarem da facil moralidade do sapateiro de Braga!...

Não posso acreditar em infamia de tal quilate, para honra do regimen; a proposta-força do sr. Barros Queiroz não deve vingar.

O que de tudo isto se tira é unicamente que se pretende arrancar violentamente ao paiz pesadissimos impostos para atenuar o enorme deficit de 300:000 contos, producto de pessimas administrações e, para dourar a amarga pilula, como lhes falta auctoridade para exigir tão pesados sacrificios, simples poeirada, que nada dará, pensa-se em lançar na miseria parte do funcionalismo, que eles nomearam.

Esmiuçando bem chegar-se ha á conclusão de que o numero do funcionalismo não é excessivo, o que está é mal arrumado, ha serviços onde faltam carteiras e ha outros aonde faltam empregados, como por exemplo nas contabilidades dos ministerios em que se faziam serões e hoje estão deixando atrazar os serviços, no ministerio das Finanças, Estatistica, Correios, aonde ha um exercito de meninas, vendendo selos, etc. etc.

Chega-se a pasmar de se julgar que são eminentes estadistas quem nada mais sabe do que se está vendo a todas as horas, numa situação em que a nação precisava de gente de mais largas vistas e bom criterio.

Não sei se na «Capital» terá cabimento tão longa carta, mas se não o merecer, será um simples desabafo para com v. se tiver a paciencia de a lêr.

Com toda a consideração de v. etc.

Um funcionario.

A QUESTÃO DO DIA

A gréve dos serviçais

O que nos diz o Lourenço, creado do Café Suisso

A gréve dos creados, ontem declarada, ultrapassou toda a espectativa, tendo sido o assunto obrigado de todas as conversas, como pudemos observar, e motivo de critica á intransigencia teimosa do sr. governador civil.

A maioria dos hoteis e restaurantes fecharam as suas portas, vendo-se os hospedes em palpos de aranha para conseguirem tomar as suas refeições, o que deu ocasião a que se formassem compridas «bichas» ás portas de meia duzia de restaurantes abertos ao publico...

Ontem, o sr. governador civil enviou uma nota oficiosa aos jornais, declarando que o regulamento só dizia respeito aos serviçais domesticos, em serviço nas casas particulares, e não áqueles que prestam serviço nos hoteis e restaurants, declarando mais que encarava a gréve unicamente sob um aspecto politico.

A este respeito julgámos interessante colher a opinião dum dos grévistas, e para isso fômos procurar quem nos dissesse alguma cousa servindo-nos o acaso na pessoa do conhecido Lourenço, do Café Suisso.

—Então, Lourenço, que nos contas tu a respeito da gréve?...

O Lourenço, cidadão natural de Mondariz, distrito de Pontevedra, esboça um sorriso, um tanto enleado, e replica-nos:

—Nós estamos cançados de protestar contra a atitude inexplicavel do sr. governador civil, que continua intransigente sobre a imposição vexatoria do livrete, e vimo-nos obrigados a declarar a gréve, como protesto mais eficaz contra as prepotencias daquele senhor.

«Ultimamente, e como que para coroar a perseguição que tem movido á nossa classe, o sr. governador civil proibiu a liberdade de reunião, contra todos os direitos que a Constituição da Republica Portugueza confere aos cidadãos!

«A nossa classe é uma das mais humildes e ordeiras, não tendo nunca dado motivos á atitude que contra nós está sendo adoptada, e jámais se lançaria na gréve se não fossem as disposições humilhantes do tal livrete a que nos querem obrigar.

—Mas—objectamos nós—segundo uma nota oficiosa do sr. governador civil, o uso do livrete limitava-se sómente aos serviçais domesticos, empregados em casas particulares...

Lourenço sorri-se com bonhomia, e diz-nos com um modo protector:

—O sr. governador civil julga-nos ingenuos, mas duma ingenuidade infantil!...

«Pois o senhor não compreende que isso tudo é mais uma esperteza de s. ex.ª!.. O que ele quere é evitar as consequencias desastrosas que o nosso movimento produzirá, tão justo e motivado é, para mais tarde nos obrigar ao uso humilhante do celebre *carnet*!...

E com um clarão, nas suas pupilas pardas, Lourenço exclamou:

—Nem de mim, nem dos meus colegas, conseguirão levar a melhor.

E' orgulhoso:

—Nós não somos portuguezes nem espanhois: somos galegos!

Ouvimos sem pestanejar a tirada do nosso Lourenço, que continuou:

—De resto, para o senhor vêr a que ponto chega o... criterio do sr. Governador Civil, basta dizer-lhe que, depois de varias «démarches» feitas junto do sr. Lelo Portela, s. ex.ª prometeu-nos substituir o livreto pelo bilhete de identidade, promessa que ainda não realisou, colocando-nos na situação em que ora estamos.

—Mas consta que a vossa gréve já está «furada»?...

—E' falso!—exclama indignadamente o Lourenço, apoplético e esboçando uma expressiva mimica—*Os* meus camaradas estão e estarão solidarios, e não retomarão o trabalho sem que seja anulada a ordem que nos obriga ao uso do tal livrete.

E o Lourenço concluiu:

—Pois se as proprias... cocôttes, ás centenas que por ahi pululam, rojando sedas, não teem livro, quanto mais uma classe honesta, composta de individuos laboriosos, desejosos de ganhar pelo trabalho a sua vida!...

E num gesto desdenhoso, cuspindo de esguicho, o creado grevista terminou:

—Ora o senhor Governador Civil!

Por terras de além

Os dois grandes problemas da actualidade.—Inglaterra não dispensa a limitação dos armamentos.—Irlanda não transige antes da independencia lhe ser reconhecida

A Conferencia de Washington para o desarmamento das nações

Está novamente na tela da discussão o *casus belli* entre America do Norte e Japão. Já aqui se fez referencia a esta temerosa ameaça que impende sobre a Europa como flagelo desolador.

Certamente que as relações entre os dois Estados nem sequer chegam a estar resfriadas. Mas o problema da hegemonia do Pacifico continua latente e é objecto de graves preocupações entre as duas formidaveis potencias.

Uma terceira, porém, se apresenta, que, sem ser o *tertius gaudet* da fabula, não pode assistir indiferente á marcha dos acontecimentos.

O facto de ter caducado o tratado de aliança anglo-japoneza não tem o poder de desinteressar a Inglaterra do assunto, visto ser a nação europea que mais ligações tem com todo o Oriente, incluindo não só as suas colonias, mas até a China, Sião, Annan e tantos outros Estados.

Demais, a tremenda guerra industrial entre Nipon e America pode e deve com toda a probalidade, determinar violações territoriais e conflitos em paizes neutros e em regiões vassalas da França e da Inglaterra.

Esta impelida por tais considerações segue com a maior atenção os resultados da Conferencia Internacional reunida em Washington para o desarmamento geral das Nações, e procura mesmo influir tanto quanto possivel nos seus resultados finais.

Não é propriamente o desarmamento geral o que a Inglaterra deseja, nem tal lhe conviria, visto os seus largos dominios, alguns em eminente rebeldia.

Mas insta, envidando os maiores esforços, para que se consiga a limitação dos armamentos, muito principalmente a construção de mais unidades navais.

São sintomaticas as palavras consignadas pelo almirante Murray Sueter, membro do Parlamento britanico, num artigo notavel que publicou ultimamente no *Sunday Illustrated*:

—«Se os membros da Conferencia de Washington não conseguirem impôr a limitação geral dos armamentos, com grande desgosto teremos de informar os Estados-Unidos e o Japão que estamos habilitados a construir muitos mais dreadnoughts do que eles».

God save... poor Europe.

Agrava-se a questão irlandeza—As negociações

A questão da Irlanda ameaça neste momento agravar-se. Não é propriamente a falta de razão irlandeza o obstaculo, mas os interesses de Inglaterra hão de leva-la a queimar os ultimos cartuchos antes de ceder ás imposições dos «sinn-feiners».

A aspiração da liberdade e independencia dos povos está modernamente no animo de todos, e neste assunto a propria Inglaterra tem dado belos exemplos com o regimen de amplo *self-government* que concede aos dominios e colonias que estão sob a sua alçada.

O caso da Irlanda, porém, não é precisamente o mesmo que o doutras regiões longinquas. A Hesperia faz ha oito seculos, embora contra vontade, parte do Reino Unido. Entre ela e a grande Ilha Britanica ha o mar chamado da Irlanda. Esta é parte integrante do Arquipelago.

Não se dá neste caso o mesmo, nem sequer cousa parecida com o que vai nas Grandes e Pequenas Antilhas, nas Celebes ou nas Filipinas.

A separação politica de quaisquer partes componentes do Arquipelago Britanico põe em perigo a sua integridade e até lhe ameaçaria o valor como fiel da Balança politica do mundo.

Mas nem por isso, e talvez até por isso mesmo, a Irlanda não desiste das suas pretensões, que, pelas circunstancias que se desenham, parecem na eminencia de se agravar novamente até á pratica das mais atrozes violencias e represalias.

Como é sabido, Lloyd George propoz á Verde Erinn treguas para se entrar em negociações. Tratou directamente com De Valera, o Presidente da nova Republica ainda não reconhecida pelos Estados, fez-lhe propostas que reputou aceitaveis. Consentiu em que estas propostas fossem estudadas pelo Parlamento Sinn Feiner.

Solicitado para que desse liberdade a alguns membros do Parlamento Sinn-feiner que se achavam presos, a fim de poderem tomar parte nos debates, acquiesceu.

E, feito isto, aguardou *feia* e serenamente os resultados que não se fizeram esperar muito.

A Inglaterra, nas suas propostas, foi até onde podia ir, sem desprezo dos seus interesses politicos, em materia de concessões, deu tudo, concedeu tudo, reconheceu tudo quanto não implicasse com a sua integridade moral e politica perante o mundo.

Só reservou para si o direito do *contrôle naval* nas aguas irlandezas, a delimitação das forças de terra na Irlanda, e a responsabilidade proporcional desta na divida nacional ingleza.

A resposta dos Sinn-Feiners

Não tardou muito a resposta. Para os Irlandeses o problema tem uma simplicidade que aos ingleses não convém. E' a esta mesma simplicidade que a imprensa ingleza continua a chamar confusa.

O sr. De Valera diz que o seu paiz, só poderá realisar a felicidade por meio de uma separação politica, livre de complicações imperialistas. Entende que não poderá haver paz sincera e autentica entre Inglaterra e Irlanda, a não ser por meio de uma separação amigavel, mas completa.

Termina por estas solemnes e assás significativas palavras:

«A tarefa de realisar uma paz honrosa incumbe essencialmente á Inglaterra e não á Irlanda. Nós não temos condições a impor. A unica cousa que reclamamos é que deixem de nos atacar».

Eis tudo.

Pelas ultimas noticias vê-se que o conflito promete agravar-se, embora Lloyd George se mostre receoso. Por isso já fez saber que não considera as negociações interrompidas.

Ainda mesmo que na Irlanda se rompam as treguas e recomecem as hostilidades por parte dos Sin-Feiners, será a estes mesmos que a Inglaterra apresentará queixa e convite a que restabeleçam a ordem.

E depois? perguntamos nós.

Em ultimo caso renovar-se-hão as represalias, desta vez acompanhadas de bloqueio naval.

A carga do "Cheruskia"

Uma inundação de sabios.—Assyriologia barata.—Classificação e interpretação

Volta um jornal da manhã a reviver a malfadada questão, que só tem servido para evidenciarmos a absoluta incompetencia nacional em assuntos que se prendam com os problemas mais transcendentes da Historia das Idades Classicas.

Desta vez aventa-se que os sabios alemães se propõem vir decifrar as inscripções cuneiformes, cuja decifração, aliás, já fôra tambem prometida a um outro sabio francez, que até já tinha autorisação para vir a Portugal, tambem sem despezas.

Esta preocupação absoluta e até primordial da interpretação das esculpturas assiriacas é mais um testemunho publico da nossa crassissima ignorancia em materia de Orientalismo.

A classificação é tudo. A interpretação cuneiforme, parte secundaria que só aproveita mais de perto á solução ou ao preenchimento das muitas lacunas historicas em aberto na Historia de Ashur, vem depois, e só em ultimos e rarissimos casos é indispensavel á classificação.

Isto mesmo, já um dos nossos redactores mostrou directamente ao sr. Ginestal Machado, a quem procurou para este fim, e em comunicado que enviou á redacção do jornal «A Patria» e ali foi publicado.

Se ao menos viessem a publico os nomes desses sabios ilustres que ahi veem de França e da Alemanha!

Em todo o caso já em Lisboa houve quem tentasse a fundo ocupar-se do assunto e resolve-lo tambem gratuitamente e com o concurso das entidades mais ilustres.

O seu concurso não encontrou atmosfera, porque um assunto muito mais elevado preocupava nesse tempo os nossos eruditos estadistas...

Andavam todos atarefados... com as eleições!

Sic itur ad astra...

De Além-Atlantico

No mez passado imigraram para o Rio de Janeiro 515 portuguezes

RIO DE JANEIRO, 19.—No mez de julho, ultimo, entraram neste porto 143 imigrantes otomães, 103 espanhoes, 258 italianos e 515 portuguezes.—(A).

E nós lutamos com a falta de braços.

A cotação do nosso escudo

RIO DE JANEIRO, 19.—Cotação do café, 18$000; cambio s/ Londres, 7 15/16 e 8; valor do escudo portugues, 850, 925 réis (A.)—

O FEMINISMO EM INGLATERRA

Não se trata das sufragistas. Desta vez foi a Camara dos Comuns que por unanimidade aprovou uma moção em que se propõe que, decorridos trez anos de um periodo transitório, as mulheres sejam admitidas nos serviços da Administração Publica com os mesmos titulos e as mesmas condições que os homens.

As funcionarias admitidas terão a mesma autoridade e serão submetidas aos regulamentos vigentes, mas só decorridos os tres anos receberão ordenados iguais aos dos homens.

Se entre nós se tivesse adoptado semelhantemente um periodo transitório a respeito das dactilografas das nossas repartições, talvez algumas das que por lá estão, dactilografassem um pouco mais, e conversassem um pouco menos.

Do interior

PORTIMÃO, 19.—A camara de Portimão poz em circulação 12 contos em cedulas de 5 centavos com a vista da vila e estação do caminho de ferro.

—Tem estado fundeado ha 4 dias neste porto o torpedeiro n.º 2 da marinha portugueza.

—Preço dos figos, 15 k. 5$00, uvas 15 k. 1$50, alfarroba 15 k. 1$50, amendoa dura 15 k. 10$00 e 25$00.—(H.)

PRAIA DA ROCHA, 19.—Continuam bastante animadas as noites no casino, com o sexteto e baile até á 1 hora. O hotel está cheio de hospedes.—(H.)

Inglaterra

Adiamento das Camaras

LONDRES, 19—As duas camaras adiaram as sessões até 18 de outubro mas com a faculdade de convocação do Parlamento durante o interregno se necessario fôr, sendo imposta esta faculdade pela incerteza sobre os negocios da Irlanda.—(H).

No Egipto

Um tremor de terra

PARIS, 19.—Segundo noticias recebidas de Asmara (*), manifestou-se ha dois dias, naquela povoação, um violento tremor de terra.

Resultaram quatro pessoas mortas e vinte feridas pelas derrocadas.—(E).

(*) Colonia italiana situada nas margens do Mar Roxo.

Uma excursão pelos hoteis e cafés

A' vol d'oiseau.—A gréve permanece a meio pau.—Nem furada nem por furar

Continua a gréve, apesar dos aspectos externos que permitiram a muita gente supôr que ela já estivesse furada...

Com efeito, num passeio de observação ligeira, foi-nos possivel notar que varios dos hoteis da cidade e alguns restaurantes que hontem interromperam a laboração, estão funcionando, como sejam a Brazileira, a Chave de Ouro, o Café Colonial, o Grande Café de Italia, o Leão de Ouro, e tambem a Leitaria Luso, o Hotel Continental, o Francfort Hotel, e outros.

Mas no Avenida Palace havia guarda republicana, o que nos levou a inquirir.

Soubemos então que, embora alguns creados se vissem levados pelas circunstancias a regressar ao serviço, os patrões trataram de restabelecer a normalidade, admitindo o pessoal novo que julgaram indispensavel.

Assim sucedeu no Avenida Palace.

Com efeito, onde a substituição não foi possivel, continuam os estabelecimentos fechados.

Tal é o caso com os cafés Martinho, Suisso e Abadia que até agora ainda não abriram.

A maior parte das casas que reabriram, são aquelas em que os proprios donos e caixeiros servem, tornando-se a esses mais facil preencher qualquer vaga com gente estranha.

E' licito, portanto, conjecturar que, ainda que a gréve não esteja muito doente, tambem não se haja muito sã.

Eusebio Leão

Ao que consta o sr. dr. Eusebio Leão voltará a reocupar o seu logar em Italia, nos principios de setembro

A fome na Russia

Socorros urgentes

GENEBRA, 19.—O sr. Nansen aceitou as funções de Alto Comissario da acção internacional, de socorros á Russia, e a comissão mixta convidou o governo e as organisações de socorros a nomearem os seus representantes na comissão internacional de socorros prevista na conferencia do Conselho Supremo. Os tecnicos em materia de socorros internacionais serão convidados a agregarem-se á comissão.—(H).

Os delegados da Belgica e da Italia

PARIS, 19.—O governo belga designou para a comissão de socorros á Russia o antigo ministro sr. Delacroix, o antigo consul em Petrogrado sr. Charlier e secretario da defesa dos interesses belgas na Russia o sr. Witmour. O governo italiano designou o senador Ciraolo e os deputados Funarola e Turatti.—(H).

Todos de acordo em Riga

WASHINGTON, 19.—O sr. Hoover anunciou que se estabeleceu em Riga acordo completo entre os delegados americanos e bolchevistas para a prestação de socorros á Russia.—(H).

Turcos e Gregos

ATHENAS, 19.—O comunicado oficial diz que prossegue o avanço do exercito grego sobre Angora tendo atingido a linha de alturas a leste de Louhalitz, e de Sivrihissar, a ponte de Fetoglo sobre o rio Sangarios e Amoreon. Forças consideraveis de cavalaria inimiga foram repelidas para leste. O inimigo destroe na retirada as pontes e estradas.—(H.)

Os socialistas na Alemanha

MUNICH, 19.—A comissão de Finanças do Conselho Municipal de Munich aprovou a moção dos socialistas independentes convidando o presidente do Reich e o reichstag a reclamarem a supressão do estado de sitio na Baviera.—(H.)

ULTIMA HORA

VIDA SPORTIVA

3 valiosos combates de box

Tavares Crespo, o forte boxeur portuense, faz em Lisboa a sua estreia como profissional

Caprichando em apresentar um vasto programa, os organisadores da festa de box que no domingo se vai realisar no teatro de São Luiz não olharam a encargos e marcaram treз combates de profissionais de valor e que vão despertar medido interesse entre os nossos amadores.

Faustino Pereira, que nós veremos no certo muito em breve disputar o titulo de campeão de Portugal á Silva Ruivo, tem continuado os seus treinos com Mario Gall e está melhorando de forma que o coloca em condições de se bater contra o forte boxeur francez Chassagne.

Tavares Crespo, que no Porto se apresentou já como profissional, faz entre nós a sua estreia como tal, lutando contra Cadieu um homem que lhe vai certamente opôr grande resistencia. Mas Tavares Crespo é muito rapido, muito energico, lança-se com coragem ao ataque, e estas condições hão-de dar-lhe vantagens para poder vencer o francês. São estilos diferentes e portanto dificil se torna saber qual dos dois ganhará. Crespo venceu há duas semanas Jean André, mas, na opinião dos tecnicos do box, Cadieu é superior a Jean André.

Dois boxeurs pesados cujos recordes garantem a sua sciencia, porque comportam vitorias sobre homens de classe, vão combater em 10 rounds. E' a primeira vez que se combatem e a primeira vez tambem que se apresentam em Portugal.

O teatro de São Luiz tem todas as condições para estas festas, porque possui uma vasta plateia e a geral e o promenoir comportam algumas centenas de espectadores.

Os bilhetes de ring são postos á venda amanhã na bilheteira do Teatro.

Carreira de tiro

Realisou-se ontem quinta-feira a inauguração da carreira de tiro do Sport Lisboa e Benfica, concorrendo ali grande numero de socios e de senhoras.

Em fins de setembro deve realisar-se um concurso de tiro.

Federação Portugueza de Remo

A convite da Direcção da Associação Naval de Lisboa, reunem pelas 21 horas e meia da noite na sua séde, Largo do Calhariz 29, na proxima segunda feira, 22 do corrente, os delegados de todos os clubs nauticos federados na Federação Portugueza de Remo, para eleição dos corpos gerentes da mesma Federação, e aprovação definitiva dos seus estatutos e regulamentos. Para esta reunião foram convidados todos os clubs a enviarem os seus delegados.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21.15 — «Recita Classica — Monologo do «Vaqueiro» e a farça de «Inez Pereira» de Gil Vicente, e o 3.º acto d'«A Castro».

S. LUIZ — A's 21.30 — «De Capote e Lenço».

GINASIO — A's 21.30 h. — «O celebre Pina».

AVENIDA — A's 21.30 h. — «Guardado está o bocado...»

POLITEAMA — A's 21.30 h. — «A Rainha do Fonografo».

APOLO — A's 21.30 h. — «A' procura do badalo».

EDEN — A's 21.30 h. — «Pé de dança».

SALÃO FOZ — A's 21.30 — Stevenson e Frizzo.

GIL VICENTE — ás 21.30 «Depois do Degredo».

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Noticiario

Amanhã, do Nacional, prossegue na sua carreira o Rogerio Laroque, peça que está de novo, causando enorme sensação com as suas scenas impressionantes, que despertam no publico o maior interesse e produzem grande entusiasmo.

Reclamos

Nacional

E' esta noite que, em cumprimento da lei, se realisa neste teatro a recita classica, extraordinaria e unica, cujo programa será interpretado por varios artistas daquele teatro, e, tambem, por diversos alunos, premiados, da Escola d'Arte de Representar.

Representar-se-hão «O monologo do Vaqueiro», de Gil Vicente, traduzido do castelhano para portuguez, por Afonso Lopes Vieira, e interpretado por Julio Soares; o 3.º acto de «A Castro», tragedia sobre os amores de Inez de Castro, escrita no seculo XVI, por Antonio Ferreira e adaptada á scena moderna por Julio Dantas, e a «Farça de Inez Pereira», de Gil Vicente, equalmente adaptada á scena contemporanea, por Marcelino Mesquita.

N'A Castro, os papeis de D. Inez e D. Afonso serão respectivamente desempenhados por Emilia Fernandes, aluna laureada do Conservatorio e Rafael Marques e na «Farça» tem, tambem, os papeis de maior destaque esse artista e Ilda Stichini.

Avenida

E' a grande atração teatral da actualidade, no que se refere a espectaculos divertidos, o do Avenida, com a graciosissima peça «Guardado está o bocado»...

Palmira Bastos, com os artistas da sua companhia, mantém o publico em constante gargalhada, nas caprichosas scenas de que a comedia está recheiada, e que são cheias de imprevisto e originalidade.

Hoje, no Avenida, repete-se «Guardado está o bocado»... que é, incontestavelmente, a peça em voga.

Touradas

A festa de Custodio Domingos

No domingo, no Campo Pequeno, cai toda a nossa melhor «aficion», que não quererá deixar de apreciar uma vez mais o arrojo e arte do matador de touros *Alcalareño*. Tambem é motivo de grande atração nesta corrida o novo grupo de forcados amadores que se apresenta, composto por destemidos rapazes.

Os artistas portuguezes são alguns dos melhores que temos e a lide será dirigida pelo antigo forcado amador e inteligentissimo aficionado sr. Luiz Pimentel.

Notas politicas

Um nucleo de resistencia parlamentar

O sr. Plinio Silva, ilustre parlamentar democratico, acalenta a ideia de formação dum grupo de deputados que se conjuguem para uma obra eficaz de ressurgimento economico, dentro do Parlamento.

Já hoje se esteve a redigir a lista dos parlamentares que, possivelmente, darão a sua adesão á ideia do sr. Plinio Silva, que, diga-se de passagem e em abono da verdade, é, dentre os parlamentares atuais um dos que mais se preocupa com a boa marcha dos negocios publicos.

A ideia do sr. Plinio Silva não é novo, porque já na legislatura bruscamente terminada com o golpe de Estado se pensou no mesmo.

Não foi possivel, então, efectivar coisa alguma, porque o partidarismo a todos prende por identicos laços; ha-de, agora, acontecer o mesmo, não da restando, no final, que o pensamento generoso do sr. Plinio Silva.

A falta de numero

Pelo que hoje se viu na Camara dos Deputados, a questão da falta de numero, para votações resolve-se por uma forma simplicissima e não se faz caso disso.

Quiz o sr. presidente da Camara interromper os trabalhos porque — disse — não havia numero para votações. Logo o sr. Ferreira da Rocha objectou que, tratando-se de sessão prorogada, a falta de numero só seria verificavel a requerimento singular. O sr. presidente Jorge Nunes conformou-se, aparentemente *à contre coeur*. E, com 33 deputados presentes, votou-se um dos artigos da proposta dos duodecimos, — apesar do *quorum* ser de 55 deputados.

Ninguem protestou, nem mesmo a oposição monarquica. *Il y a avec le ciel des accommodements*, ou, em portuguez rude e velho, Deus é bom mas o diabo tambem não é má pessoa...

Enfim, é perfeito o acordo. O governo, que se dizia não possuir senão uma insignificante maioria, encontra-se fortalecido com a unanimidade.

A questão das aguas de Lisboa, no Parlamento

O sr. O'Neil Pedrosa, relator da proposta de lei interessando a Companhia das Aguas de Lisboa, redigiu já o seu parecer, que foi para a mesa. A proposta entrará brevemente em discussão. O parecer conclue, sucintamente, assim:

A divida actual da camara, de cerca de dois mil contos fica para ser paga em 25 anuidades, sem juro. A Camara e o Estado ficam com dois terços da agua disponivel, gratuitamente;

O preço da agua é fixado por uma comissão presidida por um juiz do Supremo Tribunal, anualmente.

A remissão pôde fazer-se daqui a 25 anos ou daqui a 35 anos;

O governo facilitará á Companhia um emprestimo pela Caixa Geral dos Depositos, para obras de maior abastecimento de agua.

So a proposta fôr aprovada o preço da agua deve subir duma forma apreciavel.

A aquisição dum codice que está em Italia — Oposição condicional do sr. ministro das Finanças a uma despesa superflua

O sr. deputado Alves dos Santos apresentou um projecto de lei autorizando o governo a dispender até 50 contos para se comprar, em Italia, um codice contendo documentos de valor para a historia da nossa nacionalidade.

O sr. ministro das finanças, ouvido pela Camara a convite do sr. Alves dos Santos, desenvolveu-se em elogios ao codice, mas ponderou que se tratava dum aumento de despesa a que se opunha, terminantemente, a lei travão.

Em todo o caso, noutra ocasião talvez a compra se fizesse, sendo preferivel autorisar o governo a negociar, quando surgisse a oportunidade, etc., etc.

Possuir o codice (agora falamos nós) seria coisa excelente... se o dinheiro sobrasse. Mas não ha, conforme as boas contas. Fiquemos então sem o codice porque (como se dizia no velho regimen) onde não ha, El-Rei o perde. Isto sem irreverencia para os reis, que, na realidade, nunca perdem, visto que... com teu amo não jogues as pedras.

O que nós desejamos é que se puzesse um entrave intransponivel a novas despezas superfluas, qualquer que seja o motivo ou o pretexto para que se façam. E deviam ser os parlamentares da maioria os primeiros a compreenderem a necessidade do assim se fazer.

Conferencia do desarmamento

WASHINGTON, 19. — A China fez a comunicação oficial de ter sido tado tomar parte na conferencia do desarmamento. — (H.)

INCENDIO

Hoje pelas 13 horas declarou-se incendio num primeiro andar da rua da Graça, 98, D., onde residia o sr. Joaquim Victorino, bombeiro municipal n.º 149.

Parece que o fogo principiou na roupa da cama, donde se propagou aos outros trastes e divisões da casa.

A esposa do dono da casa, de nome Teresa de Jesus, com 26 anos de edade ficou muito queimada na mão, sendo logo levada ao Hospital onde recebeu curativo.

Entre irlandezes

PARIS, 19. — De Valera mostra-se ancioso por chegar a um acordo com o Wstor, declarando que fará tudo pelos irlandezes do norte e muito menos pela Inglaterra.

Poeira da Arcada

Satisfazendo um pedido telegrafico, o sr. Amilcar de Barros Queiroz, secretario do sr. presidente do ministerio, solicitou do sr. ministro do trabalho um subsidio para o Asilo Cruz, em Valença, afim de vestir e calçar 10 velhinhos que alberga, visto que o seu minguado rendimento não lhe permite essa despesa, tendo fechado as suas contas com o *deficit* de 2.000$.

O vapor *Funchal* da Empresa Insulana de Navegação, é esperado no Tejo amanhã de tarde, de regresso dos Açores e Madeira.

O sr. ministro das colonias determinou aos governos das diversas provincias ultramarinas que dispensem do serviço os funcionarios reformados e aposentados que tinham sido chamados a efectividade. Varios governadores, porem, telegrafaram ao ministro dizendo que os serviços virão a ser fortemente prejudicados se esses funcionarios fossem dispensados sem que outros os substituam.

Deve ser distribuida amanhã a «Ordem do Exercito» da segunda serie.

O conselho de ministros foi convocado para reunir-se na secretaria das finanças pelas 15 horas de amanhã.

Conferenciaram hoje com o sr. presidente do ministerio, os srs. ministro da marinha, dr. João Ulrich, dr. Malva do Vale, Abelard de Vasconcelos, Antonio Maria de Oliveira Belo e Urbano Rodrigues.

Novas da America do Norte

A ressurreição dum morto

NEW-YORK, 19. — Um rico agricultor de Kent, Jorge Davidson, sucumbiu repentinamente, deixando sua mulher, Bertha Swann, na mais inconsolavel desolação. O medico tinha verificado o obito, em consequencia duma lesão cardiaca.

O cadaver achava-se em camara ardente e a viuva recebia, coberta de lagrimas, a visita de pessoas que lhe iam apresentar pesames e ver pela ultima vez o grande agricultor.

Alguns destes ficaram para velar o morto, e comentavam com saudade a morte de Davidson cujo caracter, bondoso e jovial havia conquistado a estima e a simpatia de quem com ele privava.

A certa hora da noite, os visitantes retiraram-se, permanecendo a velar o seu amigo, outro agricultor do sitio, Henry Sackton, que tinha grande intimidade em casa por ser parente proximo de Bertha Swann.

Estavam ambos falando do morto, achando bom que ele morresse, dando assim mais liberdade aos seus amores clandestinos, ignorados de todos.

Neste momento sentiu-se na alcova um ruido estranho.

Aterrados correram ao quarto onde permanecia o morto, para se certificarem que Davidson continuava estendido e imovel no seu leito.

Tranquilisados, porém, riram-se dos seus temores e reataram o dialogo interrompido, o qual a pouco e pouco foi adquirindo caracteres de ternura.

Quando os dois enamorados se achavam embebidos no seu mais doce colloquio viram com espanto que o morto aparecia na sala, segurando na dextra o seu inseparavel revolver.

A mulher fugiu horrorisada e o homem arrojou-se da janela á rua.

Momentos após, muita gente acudiu aos gritos de aflição encontrando o «amigo do morto» estendido na via publica num lago de sangue.

Subiram a escada e encontraram Bertha com o cranio fraturado por ter chocado contra o corrimão, e em cima, na sala, Davidson sentado num «maple» com a pistola sobre a mesa, talvez pensando em matar-se. — (E).

Em Marrocos

Agitação entre os mouros

MADRID, 19. — Tudo indica um novo ataque dos mouros.

A praça de Melila está preparada para fazer face a qualquer eventualidade.

Reforços militares

PARIS, 19. — Os espanhois reuniram em Marrocos 86.000 homens. O general Weyler afirma que a derrota de Melila foi devida a imprevidencia.

Parlamento

Nos Deputados

Reaberta a sessão ás 15 horas, com a presença de 34 deputados apenas, a camara aprovou um certo numero de emendas ao projecto dos duodecimos, e cujo teor vamos dar em extracto na impossibilidade de o fazer-mos na integra.

No art. 1 é abolido o poder executivo da responsabilidade pela publicação do decreto 7578, que continua em vigor. Rectificam-se os duodecimos anteriormente votados, o presente-se sobre o modo de escriptura-los.

Os 3 duodecimos votados para os encargos orçamentais até Novembro são representados pelas seguintes quantias:

Minist. das Finanças, 38:043.731$24; Ministerio do Interior, 12:334.946$69; Ministerio da Justiça e dos Cultos, 1:478.297$16; Ministerio da Guerra, 21:917.582$72; Ministerio da Marinha, 12:505.456$82; Ministerio dos Negocios Estrangeiros, 2:249.276$27; Ministerio do Comercio e Comunicações, 10:212.079$78; Ministerio das Colonias; 1:774.372$29; Ministerio da Instrução Publica, 8:771.797$48; Ministerio do Trabalho, 5:887.246$16; Ministerio da Agricultura, 1:970.276$29.

Impede o governo de fazer novas promoções ou preencher vagas na metropole, nem nos civis, nem no exercito, nem na armada, salvo certos casos previstos. O governo fica autorisado a dispender até á quantia de 500 contos correspondentes aos duodecimos concernentes aos mezes de Julho a Setembro da verba inscrita na proposta orçamental do Ministro das Finanças.

As emendas autorisam tambem a dispender 100 contos na acquisição de objectos da coleção Azmeil para os nossos museus. E' licito aplicar 50 contos para compra de cereais e outros generos.

No ministerio das Finanças abre-se um credito a favor da Marinha, Guerra e Negocios Estrangeiros no valor de 7780 contos com que se satisfará despesas relativas a 1920-1921, e á diferença de cambios liquidados pela Direcção Geral da Fazenda Publica em pagamentos efectuados no estrangeiro em conta dos mencionados ministerios.

A distribuição será a seguinte:

—Marinha — Cap. IV — art. 34 — 3580 contos.

—Guerra, Cap. V art. 51 — 600 contos.

—Negocios Estrangeiros, Cap. VI, art. 27 — 3600 contos.

A cobrança dos rendimentos publicos para 1921—22 — continua a efectuar-se nos termos das leis vigentes.

A sessão continua a esta hora de encerrarmos este extracto.

No Senado

O sr. Pereira Osorio pergunta ao sr. ministro dos estrangeiros por que motivo está ausente do nosso consulado no Rio de Janeiro, o respectivo consul.

O sr. ministro dos estrangeiros responde que muito em breve estará restabelecida a normalidade daquele consulado, estando o consul portuguez em gozo de licença.

O sr. Julio Ribeiro volta a referir-se ao levantamento do cerco de pesca de revez, do atum, de Ramalhete, lamentando que até hoje lhe não tenham sido fornecidos os documentos que sobre o assunto pediu.

O sr. ministro da Marinha declara estar disposto a ser interpelado sobre o assunto, afirmando mais uma vez ter procedido dentro da lei.

O sr. ministro dos estrangeiros requer urgencia e dispensa do regimento para os seguintes projectos:

«Aprovando para ratificação, o tratado de paz com a Austria.»

«Aprovando para ratificação, os tratados assinados entre Portugal e a Grã-Bretanha, a aplicação das disposições do tratado de extradição de outubro de 1892.»

«Aprovando, para ser ratificado, o acordo, sobre a conservação ou restabelecimento dos direitos de propriedade industrial, atingidos pela guerra.»

«Aprovando, para ser ratificada, a convenção para a criação em Paris, de um Instituto Internacional do Frio.»

«Elevando ao quintuplo as taxas de mercadorias e navegação para os paizes que nos aplicam tratamento desfavoravel.»

A sessão continua indo entrar-se na ordem do dia, que consta da interpelação do sr. dr. Julio Dantas ao sr. Ministro da Instrução Publica, sobre instrução popular.

A QUESTÃO DO JOGO

Como deve ser estabelecido

nas zonas de turismo, em algumas praias e nos grandes centros

Ultimamente tem-se falado ahi na instituição do jogo em certas praias e termas, dizendo-se até, parece que com fundamento, que ele ia ser regulamentado nesse sentido.

Os leitores da «Capital» conhecem o nosso modo de ver acerca do jogo, e nada se deu que fizesse modificar a nossa opinião: já que não podemos reprimi-lo, regulamentemo-lo.

Estas palavras são, para nós, um programa.

Ora se nós reconhecemos que o jogo é irreprimivel, não podemos, «ipso facto», aprovar a ideia de o estabelecer nas praias, em detrimento dos grandes centros, pois isso, além de mais, é já a proibição.

O jogo nas praias, sim, está bem. Foi consentindo-o que os belgas fizeram a sua Ostende, mudando-a de pobre aldeola de pescadores, que era, na mais linda praia do norte da Europa.

O estrangeiro, antes de determinar as praias para onde vai, informa-se acerca das distracções que encontrará; e uma das distracções mais preferidas pelo estrangeiro é o jogo.

Depois, as nossas praias, em geral, estão votadas a um abandono incrivel, é preciso desenvolve-las, dar-lhes melhoramentos materiais, e isso só com o jogo se pode consentir.

Ainda ha dias a «Gazeta da Figueira» aplaudia, entusiasticamente, a campanha dos jornais de Lisboa em favor do jogo; naturais da Figueira da Foz incitam-nos a que continuemos a pugnar por esta causa, dizendo:

— A Figueira poderia ser uma rival feliz das mais concorridas praias de toda a Europa, pois tem todas as condições para isso. Mas álem-lhe o jogo, pelo menos durante tres ou quatro anos, para que se possa construir alguns casinos. Se assim não fôr não passará do «pé de pescoguiro» como se diz por lá...

Veuha pois o jogo nas praias, mas não nas praias sòmente, porque, a fazerem-no, ficariamos na mesma, sempre a fazer assaltos alta noite, e sempre o jogo a escapar-se pelas *malhas da rêde policial*.

Pois que se fala em regulamentação, é de bom proposito estudarmos a questão dos locais. Em nosso entender, o jogo deveria ser estabelecido em todas as zonas de turismo, de preferencia, embora se abrissem excepções, consentindo-o ainda em outras localidades onde se reconhecesse essa necessidade.

Ora as zonas de turismo, em Portugal, estão ha muito determinadas. Entram nelas o Estoril, Lisboa, Algarve, a Figueira, Coimbra, etc. Isto é precisamente os locais onde mais se joga.

Que o jogo é prejudicial nos grandes centros, dizem os que militam em favor das praias e termas. Mas dá-se precisamente o contrario. O homem rico habita os centros populosos, só muito raramente se isola nos pequenos povoados.

O homem rico quer bulicio, movimento, necessita de viver em contacto com o teatro, com o casino, com o «boulevard», enfim, para patentear a sua riqueza, as suas carruagens, os seus cavalos.

Esta é a verdade, pura e nua. Ora, ao homem rico é que não é nocivo o jogar, porque tem muito dinheiro. O estado de S. Paulo, no Brazil, regulamentando o jogo, fê-lo precisamente para os centros populosos. Lá está o artigo 13.º, que o autorisa nas cidades com mais de quatrocentos mil habitantes; e o estado de S. Paulo inspirou-se noutros regulamentos, e só promulgou a lei depois dum longo estudo.

Repetimos: regulamentar, ou ao menos tolerar o jogo, pois que o não podemos suprimir; mas, precisamente por esse motivo, nada de o restringir tanto que se pareça com uma proibição.

Em Lisboa joga-se, jogou-se sempre, é já uma tradição. Pois deixem jogar, pois disso alguns beneficios nos vêm, para Assistencia, em dinheiro (que tão preciso é, para a propria cidade, uns belos clubs que nos honrem, que são a unica coisa de bom, de comodo e de moderno, de civilisado, que construirá na capital a nossa geração!

A CAPITAL

3865 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sabado, 20 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

Situação extrema

A' medida que os dias passam, agrava-se consideravelmente a situação financeira e economica do paiz, e, por mais doloroso que seja constata-lo, não são as medidas de já apresentadas ao parlamento pelo actual governo que parece de molde a modificar essa situação.

A verdade é que, quando julgavamos o governo decidido a tomar medidas viaveis e energicas—e as medidas viaveis são as que não dificultem ainda mais a vida das classes pobres, sendo as medidas energicas, cuja necessidade é indiscutivel, aquelas que reprimam a ganancia dos especuladores e obriguem os que enriqueceram escandalosamente a pagar ao Estado alguma cousa do que extorquiram á miseria da nação—a verdade é que em vez dessas medidas, só ouvimos da parte do governo expressões de desalento e confissões de impotencia.

E' Portugal um paiz que nunca lançou impostos especiais aos novos ricos, e todavia o que o governo sabe é ameaçar o funccionalismo publico e fazer votar impostos que agravam o publico, ainda aquele que menos recursos possue, como é o da nova lei do selo.

Fez-se isto, para quê? Vai-se conter inexquivelmente, iniquamente, cruelmente, o vencimento dos oficiais do exercito e do funccionalismo militar, sabendo-se perfeitamente que, em media, não ha oficial nem funccionario que ganhe mais de 250 escudos por mez, o que mal chega para não morrer literalmente á fome. Para quê? Para grangear a confiança dos especuladores, dos ricaços que semeiam o dinheiro ás mãos cheias para satisfação dos seus prazeres e dos seus vicios, da canalha doirada que ri dos sofrimentos populares e despreza, quando não odeia, o seu proprio paiz.

E' a estas creaturas cuja opulencia é o fructo duma extorsão, que o governo oferece o sacrificio dos pobres, dos desvalidos, dos que vivem numa miseria, com vezes mais confrangente do que a da pobreza que estende a mão á caridade publica, porque tem de fingir que vive com desafogo; é a estas creaturas que se oferece em holocausto o sofrimento ignoravel de milhares e milhares de familias para que suas exorbitancias consintam em dar ao Estado algumas migalhas do que tiraram á sociedade portugueza!

Pois os que estão debaixo, todos os rigores, todo o furor de economias, partindo de homens que se julgaram perdidos se tivessem apenas os magros vencimentos dum funccionario publico. Para os que estão debaixo e não podem resistir, todo o peso da regeneração dum paiz que eles não poderiam comprar nem que quisessem ao Estado tudo o que dele recebem.

Para esses tem o governo a lei, tem a autoridade, tem a força, e por isso legalmente os levará á miseria absoluta. Mas para os outros, para os ricos, para os influentes, para os especuladores, confessa-se impotente, e insinua a aplicação da justiça popular.

Isto não é certo, isto é zombar com o sofrimento publico, isto é fugir ás responsabilidades, no que elas teriam de nobre, pelo proposito de salvação publica que as justificaria, para assumir as tristes responsabilidades do que o poder isenta os que são momentaneamente seus detentores.

Não é assim que se resolverá o problema portuguez, creia-o o governo, assim como é certo que certas complacencias facilmente tomem o caracter de cumplicidades.

PASCAL

Um dos maiores genios scientificos

Passou ontem o 259.º aniversario da morte de um dos mais extraordinarios genios que teve a humanidade.

Blaiu Pascal, dos 13 para 14 anos, descobriu por intuição as trinta e duas primeiras proposições de Euclides cujo livro ele nem sequer tinha visto.

Aos 16 anos publicou um Tratado das secções conicas que Descartes, tendo-o, nunca quiz acreditar que fosse feito por uma creança daquela idade e aos 23 anos expoz a Teoria do barometro.

E' bem conhecida a contribuição de numerosos conhecimentos novos que aquele assombroso talento deu ás sciencias fisicas.

Dedicado á sciencia, pouco caso fez dos sofrimentos fisicos, vindo a morrer com 39 anos de idade, tendo sofrido toda a vida de varios males, especialmente de dôres de cabeça que nunca o largavam.

Nos ultimos anos da sua vida dedicou-se á religião com o mesmo fervor com que tinha cultivado as sciencias.

SELO DA ASSISTENCIA

Amanhã, 21, dia comemorativo da promulgação da Constituição da Republica, é obrigatorio o selo da Assistencia, de 1 centavo, em todas as correspondencias destinadas ao continente e ilhas, aliás ficarão retidas durante dois dias nas respectivas estações.

Tambem em cada telegrama será colocado o selo de dois centavos.

União Liberal

Sessão Comemorativa da Revolução de 1820

A União Liberal promove no dia 24 do corrente, pelas 21 1/2 horas, na séde da Sociedade Promotora da Educação Popular, uma sessão comemorativa da memoravel revolução liberal de 1820. Presidirá o sr. dr. Magalhães Lima, devendo nela fazer uso da palavra, além doutros oradores, os srs. dr. Daniel Rodrigues, Jaime Souvela e Joaquim Domingues.

AS PROPOSTAS DE FINANÇAS

Um "guet-à-pens"

Emquanto o funcionalismo dormia sobre a defeza dos seus interesses, não se descuidou o governo...

Recebemos a seguinte carta:

«Sr. Redactor. — Razão tinha V. quando hontem disse:

Organize o funccionalismo a sua defeza!

E' certo que, por emquanto, não é demasiado o sacrificio que se pede (ou, mais propriamente, que se exige ... o impõe...) ao funccionalismo civil. Entretanto por este pano de amostra se vê já de quanto o sr. ministro das finanças é capaz em se tratando de tirar a pele ao povo.

Subrepticiamente, sem alarde nem alarme, com pésinhos de lã, o governo fez votar hontem, na Camara dos Deputados, este artigosinho, que vai custar ao funccionalismo muito e muito dinheiro:

Emquanto não fôr publicada a lei da receita e despeza da Republica no ano economico corrente ou enquanto não fôr aprovada a revisão dos respectivos quadros, nenhuma promoção será feita nem preenchida qualquer vacatura pelo poder executivo nos quadros metropolitanos do pessoal civil ou militar, do exercito ou da armada, salva a resolução em contrario do conselho de ministros, com voto afirmativo do ministro das Finanças, declarando-se assim, expressamente, no respectivo despacho.

Isto é o primeiro acto da tragedia contida na celebre proposta-força. Desta não desiste o sr. ministro das finanças, porque a julga indispensavel para poder engrandecer o seu partido. Por isso ele lá diz que a providencia da suspensão de promoções é sómente «emquanto não fôr aprovada a revisão dos respectivos quadros». Os pequenos funcionarios podem, assim, considerar terminada a sua carreira — quando ela apenas começava. O Estado, contratando-os, burlou-os. Para atrair os cidadãos ao serviço publico, o Estado deu-lhes esperanças de promoções. Esperanças sómente? Não: certezas! E agora, repentinamente, corta-lhes inexoravelmente a carreira, condenando um 13.º oficial ou 2.º oficial a vegetarem, até ao fim da triste vida, na situação infima da burocracia. E' uma injustiça. E, o que é mais, uma injustiça inutil, porque o problema da redução dos quadros poderia e deveria ter outra solução, honesta e inteligente, como já aqui foi demonstrado á saciedade.

E' todavia certo que o «guet-à-pens» algum resultado dará, no ponto de vista da economia das despezas publicas. Um brevissimo exame do orçamento geral de despeza facilmente o confirma. E se o funcionalismo se resignar á medida draconiana que lhe é imposta, entendemos que nada mais é preciso para se conseguir o «desideratum» da redução dos quadros e consequente economia. Vejamos:

O Estado dispende com o funccionalismo civil cerca de 80.000 contos, acrescidos das subvenções que ascendem a 110.000 contos; total, 190.000 contos. Se a lei estiver em vigor, inflexivelmente, durante dois anos, pode admitir-se, sem receio de exagero, antes pelo contrario, que 20 % dos actuais funcionarios terão desaparecido dos quadros, a grande maioria, é claro, levados pela morte. Uma tal redução, em todos os quadros do funcionalismo civil, trará uma economia de 20 % sobre 190.000 contos, ou sejam 38.000 contos.

Junte-se agora a esta quantia, já bastante apreciavel, a economia a fazer, por processo identico, nas forças militares de terra e mar, e não será demais concluir que, automaticamente, desaparecerá do orçamento geral de despeza uma soma não inferior a 80.000 contos.

Se era esta a força moral que o sr. Barros Queiroz dizia ser indispensavel para poder arrancar a camisa ao contribuinte, deve o ilustre homem publico estar satisfeito.

Devo fazer notar ainda outra circunstancia. Como já disse as subvenções absorvem a quantia enorme de 110.000 contos. Mas as subvenções são provenientes da vida cara e da desvalorisação do escudo. Quando estes dois factores deixarem de actuar, tão dolorosamente, na economia nacional, as subvenções no funcionalismo desaparecerão, naturalmente: cessa a causa, cessa o efeito.

E que o fenomeno há-de vir a dar-se, a seu tempo, não podemos duvidar. Logo, dentro de dois anos, o funcionalismo não custará á Nação mais de 42.000 contos, realisando uma economia de 148.000 contos, soma de 38000 contos economisados por efeito da lei e 110.000 pela supressão das subvenções. E assim, para extinção do deficit de 300.000 contos concorrerá o funcionalismo publico com a cifra de 74.000 contos anuais, metade da economia realisada em dois anos.

Mas todas as coisas tem o seu lado fraco. E nós vamos expo-lo:

A providencia não é nova.

Já no tempo da monarquia, quando o falecido Carrilho ditava a lei, na Companhia Portugueza dos Caminhos de Ferro se adotou medida semelhante. A breve trecho, porém, continuaram as nomeações, embora se mantivesse a cessação de promoções.

Resultado: anarquia geral nos serviços.

O que eu, por agora quero acentuar, é que deve por-se de parte a proposta-força, — no caso, é claro, do funcionalismo se resignar a sofrer a lei do esfola...

Um funcionario

Guerra Junqueiro e a sua glorificação

PORTO, 20 — Agravou-se o estado de saude de Guerra Junqueiro, inspirando cuidados a sua vida.

O telegrafo transmitiu-nos hoje esta cruel noticia.

Em Portugal não ha ninguem que se lembre ou ouvi-la não sinta uma nuvem de tristeza envolver-lhe os pensamentos e o coração.

Não ha ninguem em Portugal que não conheça e não ame Junqueiro. Quem lhe não leu e adorou «Os Simples» «A Patria» a «Oração á Luz» a «Morte de D. João», decorou e cantou-lhe «O Melro», «Tragedias Infantis» e a «Morena».

Os seus versos são cantados em todo o Portugal. «O mar tambem tem amantes» já ouvimo-lo cantado na mais reconditа aldeia da Beira por raparigas enamoradas que, ao som do harmonium, evocavam com o sentimentalismo do Poeta maximo, saudosos momentos de amor. Todos conhecem Junqueiro, todos amam enternecidamente Junqueiro, homens e mulheres, velhos e crianças.

Só os politicos, os patriotas mais ingratos, parecem esquecidos de quanto devem ao grande Obreiro da Imortalidade da Patria.

Ha muito já que a alma do Povo anda pedindo, quasi implorando, aos politicos e aos governos, um pouco de interesse por Junqueiro. Ha muito que se pede a sua glorificação.

Um jornal de Lisboa chegou até a proceder a um inquerito sobre o modo como essa glorificação deveria ser feita. Alguns homens de letras, alguns artistas se chegaram a pronunciar. Mas o jornal em questão esqueceu-se tambem, mais empenhado com outros assuntos.

Foi o brilhante escritor Sousa Costa quem apresentou o mais belo programa. A glorificação, segundo ele, deveria ser feita á mesma hora em todo o Portugal, nas escolas e nas egrejas, nas cidades e nos campos. As crianças cantariam os versos do Poeta da Raça, os sinos tocariam elegias, cujos écos encheriam de suave, de mistica alegria todos os corações, toda a Patria portugueza.

Seria sublime!

A alma do Povo por-se-hia em contacto com a alma do Poeta, e este elevá-la-hia até Deus.

Dessa comunhão de sentimentos a Patria rejubilaria. Porque os homens haviam de se esquecer muito das suas miserias e o Povo caminharia mais fortalecido e mais seguro dos seus destinos para o Futuro.

E os politicos não ligaram importancia!

O telegrafo comunica-nos hoje a noticia pungente de que a vida de Junqueiro corre risco.

Todos os portuguezes oram neste momento por Ele.

Se a oração de um Povo pode salvar a vida de um Homem, Junqueiro será salvo e haverá tempo de reparar o grande crime.

Lêr amanhã:

"Os Sports"

A questão da Irlanda

A Camara Ingleza adia os seus trabalhos para 18 de outubro

LONDRES, 20.—Depois do debate sobre a questão da Irlanda, que não deu resultado algum definitivo, a camara dos comuns aprovou o adiamento dos seus trabalhos para o dia 18 de outubro, nas condições formuladas pelo sr. Lloyd George.—(H.)

Os editores e as letras nacionais

A questão das franquias

Temos seguido com o maior interesse a luta gigante que neste momento vai travada entre os editores e o Estado, para a atenuação do agravamento inicuo da franquia postal.

E' uma luta titanica á qual os autores, poetas, escritores, professores e Academia, não devem ficar estranhos, pois este gravame brutal da estampilhagem para o porto de livros, é uma verdadeira espada de Damocles sobre a cabeça dos que pretendem aprender, estudar, ler para seu uso, e produzir para uso e instrução dos outros.

Os pais não poderão mais arcar com o custo dos livros para a educação dos filhos, os autores não mais escreverão, visto não haver editores que lhes publiquem as obras.

No proximo numero voltaremos ao assunto que assume as proporções de campanha patriotica.

Ao que nos consta, o sr. Antonio Mantas vai apresentar ao parlamento uma proposta para reduzir o preço das taxas. Conhecemos bem s. ex.ª para estarmos convencidos que não descurará as publicações, jornais, revistas, livros, brochuras, cujas taxas, não devem nem podem ir além um ceitil do que estava pela lei anterior.

A protecção ás letras nacionais primeiro do que tudo.

VIDA DE BASTIDORES

Uma actriz que ainda brinca com bonecas

Fala-se de Marilia de Freitas, uma gentilissima creança de 13 anos, cheia de encanto e inteligencia.—A Companhia Infantil.

Marilia de Freitas é uma encantora pequenita, morena olhos negros e vivos e um sorriso cheio da mais iluminada graça, — da graça dum captivante, timido, perfumado e gentil desabrochar de mulher.

Filha do distincto actor do Nacional sr. Eduardo de Freitas, que é um dos mais cultos elementos do nosso teatro, nascida e creada no ambiente do palco, compreende-se que o seu instincto scénico, tão preco-

Marilia de Freitas — *a mais pequena actriz de Portugal e uma gentilissima creança de 13 anos*

Desenho de Leitão de Barros

cemente se tivesse educado, de forma que as suas interpretações se tivessem conseguido livrar daquela soma de inconsenvavel ridiculo que costuma cobrir as creanças obrigadas a contracenar em palcos grandes com gente crescida, com a qual, por todos os motivos, estabelecem um vivo e desagradavel contraste.

* * *

Fomos encontrar a pequena actriz sentada a um cantinho do seu camarim, cheia já de polvs brancas (com este calor!) e pronta a entrar em scena no 4.º acto do «Rogerio Laroque».

Um irmãosito traquina faz as honras da casa e a pequena actriz toda surpreendida no inesperado duma entrevista de jornal e no primeiro embaraço da visita, ruborisa-se, esconde uma costura minusoula que deve ser uma camisa de boneca, e retoma um ar deliciosamente grave, daquela infantil «coquetterie» que teem certas creanças, e que é o mais seguro e gentil prenuncio de encanto do seu sexo.

—Eu queria entrevistá-la.

—A mim?!

—A si... sim. Ora diga-me quantos anos tem?

Mais senhora de si, a minha minuscula entrevistada pronuncia cheia de importancia:

—Treze anos!

—Bravo! Está uma senhora...

—E' esta a primeira peça que faz?

A expressão de Marilia fez-me logo arrepender da pregunta, mas era já tarde... E, com uma certa desilusão na voz, acrescentou:

—Não... então não se lembra? Já fiz a «Pecadora», a «Vida dum rapaz pobre», «Um divorcio» e agora «Rogerio Laroque».

Estreei-me na «Alma Forte», o senhor nunca me tinha visto?

Fiquei passado. Realmente... sim, recorda-me... Mas só este interpretar no «Rogerio Laroque» me tinha sugerido o arranjo destas linhas, ou porque Marilia de Freitas fosse nela melhor que das outras vezes ou por que só agora a tivesse visto bem.

Foi pois com embaraço que acrescentei: Gosta muito de teatro?

«Sim, gosto imenso». e os seus olhos negros, todos se iluminaram de novo.

—Tenciona ir para o conservatorio?

Do fundo da porta uma cabeça de mulher, insinuante e um sorriso agradavel—era a mãe de Marilia—interveio:

«Não, isso não! O pai vai-a guiando, e... hade ir andando.

Nós tememos das «estrelas» oficiais»...

Não pude deixar de intimamente lhe encontrar rasão, mas propunha-me defender toda uma teoria sobre a utilidade flagrante da Escola de Arte de Representar quando a pequena Marilia, num «shake-hands» alegre e sacudido me interrompeu:

—Boa noite e... muito obrigada! Já estão a tocar, tenha paciencia.

E' «agasalhou-se» mais naquelas peles brancas que lhe davam um ar de postal ilustrado no 4.º acto do «Rogerio Laroque».

* * *

Entrei na frisa a pensar nestas pequenas actrizes e na precocidade que se exige a uma creança para que ela exteriorise sentimentos que não sente na idade em que justamente a natureza ainda não deu os recursos da dissimulação, e em que tudo é, ou deve ser, expontaneo, franco, rigorosamente natural...

Cheguei a pensar que é quasi um crime fazer interpretar por um debil coração de creança, sentimentos de ternura doentia, de desgraça, de maldade, de dôr...

Quem sabe se esses caracteres, em plena plasticidade de gestação se não amoldarão mais do que convém ás expressões infelizes dum papel de acaso.

Que ao menos, ao fazer representar creanças, se lhes distribuam papeis de clara e transparente emotividade, de saudavel e iluminador existencia...

Esses velhos dramas como o «Rogerio Laroque» devem ter sobre a alma das creanças o efeito que sobre os corpos exercem os ambientes contaminados—e essas decomposições morais não exalam menos pestilencias...

Então antes reorganisem as companhias infantis, que são bandos floridos de creanças, a que a precocidade ou a educação fizeram desabrochar antes de tempo e que são por isso flores mais raras e mais preciosas.

E, ao que parece, uma grande companhia infantil se está organisando.

Bôa, má?

Falaremos disso qualquer dia.

No entanto seja-nos licito desde já lamentar que essa encantadora Marilia de Freitas e o seu irmãosito Rogerio—um tão insinuante petiz—não sejam das primeiras figuras dessa companhia.

Se por um lado são justos os receios de Eduardo de Freitas sobre as influencias prejudiciais e vicios de arte que pode adquirir uma creança, ainda que de talento, metida numa companhia infantil, por outro lado eu não hesitaria em dar já hoje a essa pequena a independencia artistica necessaria para ela desempenhar primeiros papeis entre actores da sua altura, da sua edade, da sua iluminada e graciosa frescura e que—como ela—ainda brincassem com bonecas...

O HOMEM QUE PASSA

BAIRROS SOCIAIS

O fornecimento de cantaria lavrada Pedra de Vila Verde e Pero Pinheiro

No interesse superior da estetica citadina e tambem para relembrar ao Estado mais uma vez a conveniencia de evitar gastos desnecessarios, que pequenos regatos fazem grandes ribeiros, vamos chamar a atenção do sr. ministro do Trabalho para um caso que certamente não será do seu conhecimento.

A comissão administrativa dos Bairros abriu no dia 11 concurso para fornecimento de cantaria lavrada. Na sua proposta pedia duas qualidades de cantaria, uma de Vila Verde e a outra de lioz de Pero Pinheiro.

Aberto o concurso foi provido e adjudicado, mas tambem o governo e a estetica dos Bairros ficaram prejudicados.

Até agora, toda a cantaria para o Arco do Cego tem sido escolhida das pedreiras de Vila Verde, por ser de boa qualidade, sã e homogenea, com a vantagem de custar 40 por cento mais barata do que a de Pero Pinheiro.

As cantarias adjudicadas subiram a cento e tantos contos, com o risco das casas do tipo C, ao qual vão ser aplicadas, ficarem com o aspecto de drogaria pelas cores diferentes das pedras empregadas, sem gosto nem estetica, enquanto o fornecimento, com maior vantagem, se poderia obter por 60 ou 70 contos apenas.

Não pretendemos insinuar que tal facto resulte de favoritismos escandalosos, que, estamos certos que não houve. Mas basta ás vezes a falta, erro, ou lapso dos arquitectos para prejudicar o Estado em centenas de contos, sem utilidade para ninguem.

Todavia nos proprios concursos ha a clausula que permite fazer a sua anulação e abrir novo concurso mais em harmonia com os interesses do Estado.

E' para este caso que desinteressadamente pedimos a atenção do ilustre portador da pasta do Trabalho que, estamos certos, mandará investigar e providenciar, sem que se torne necessario voltar ao assunto.

O problema da Irlanda

Lloyd George nega-se a declarações á imprensa

LONDRES, 20.—Um redactor do *Presse Association* tentou esta tarde falar com o primeiro ministro britanico, sobre a questão da Irlanda e o documento que ultimamente pronunciou De Valera.

Lloyd George negou-se a uma entrevista, limitando-se a responder: «Neste momento o melhor é nada dizer-mos nada sobre este assunto».—(H.)

UMA VERGONHA

Os doentes em Santa Marta não teem onde lavar-se

Chamamos a atenção do sr. ministro do trabalho

Não ha que vêr, em Portugal só se trata a sério daquilo que dá vontade de rir. O que interessa ao publico põe-se de parte, com enfado, com desprezo. Queremo-nos referir ao que se passa nos Hospitais Civis.

Já sabia-mos que era um cáos o que havia em questões do administração nos hospitais.

Mas francamente nunca supozemos que além da má administração houvesse tambem uma grande falta de higiene e de humanidade como a que se observa naqueles casas de beneficencia.

No hospital do St.ª Marta causa nojo dizel-o, não ha uma casa de banhos nem uma tina onde os doentes se possam lavar. Apenas existe em todo o Hospital uma unica banheira que os empregados utilisaram para uso proprio.

Um doente que se queira banhar não o pode fazer porque não tem onde. Se quizer lavar os pés tambem não o pode fazer, porque não ha no Hospital uma unica tina reservada para esse fim. Custa a acreditar mas é assim mesmo. Ha pouco, uma pessoa de familia de quem escreve estas linhas, hospitalisada naquela casa de tratamentos, se quis lavar os pés teve de o fazer numa torneira.

Simplesmente espantoso!

Ha nos Hospitais Civis dinheiro para tudo, para todos os desmandos, para todos os estragos, para todos os luxos, para cobrir coisas fantasticas como o estupendo, fantastico «gasto» de medicamentos que os doentes nunca tomam.

Não ha com que comprar uma tina, com que mandar fazer uma casa de banhos.

Suprema ignominia, suprema condenação da administração daquelas casas de beneficencia!

E já que estamos com a mão na massa, como soi dizer-se, tratemos tambem deste outro assunto a que é preciso pôr cobro: deficiencia de alimentação dos doentes.

Se ha dinheiro para comprar automoveis para os directores dos hospitais, se ha dinheiro para moradias proprias, com todos os confortos, para os mesmos directores, justo é de supor que haja tambem dinheiro para alimentar convenientemente os doentes hospitalisados.

Não sucede isso. Os doentes hospitalisados nos hospitais de Lisboa, passam verdadeiros tormentos, com a má alimentação que lhes dão, e muitas vezes esperam, demoradamente, por esse facto, o restabelecimento da sua saude. Um caos e uma vergonha. Um medico com quem ha algum tempo falámos, disse-nos:

—Nós vemo-nos forçados a não pedir para os doentes o tratamento mais conveniente, porque da cosinha, não o mandam.

Umas vezes não ha leite, outras não ha carne, outras não ha manteiga, outras não ha ovos, outras não ha assucar. Não ha nada. Um pavôr.

E o pão? Sim, o pão. Calcule o leitor que para os doentes do estomago e intestinos nunca se deixou de dar o pão de 2.ª mesmo quando era intragavel.

Os Hospitais!

A Administração dos Hospitais!

Mas não haverá ai quem meta aquilo na ordem?

E não haverá tambem um ministro que olhe com mais carinho, com mais amor pela saude publica, pelo tratamento daqueles que ali se acolhem na ansia de recuperar a saude? Vamos a ver.

A aproximação Luso-Brazileira

Faz hoje precisamente um ano, que no auge da campanha nativista se inaugurou no Rio de Janeiro, com o mais carinhoso concurso a exposição do eminente artista Roque Gameiro e da sua filha D. Helena.

Por esse facto estes artistas foram hoje muito filicitados não só por compatriotas como por criticos brazileiros que se não esquecem desta data.

Com efeito esse maravilhoso certame dos Roque Gameiro foi um grande laço de união entre portuguezes e brazileiros. Como se sabe por essa ocasião a colonia portugueza comprou alguns trabalhos a Roque Gameiro e a sua filha para oferecer ao presidente Epitacio Pessoa e sua esposa.

Por outro lado M.me Epitacio Pessoa distingue a sr.ª D. Helena Roque Gameiro com a alta honra dum chá intimo no palacio do Catete — honra tanto mais para apreciar quanto é certo que aquela senhora e diplomata jámais o concedeu a artista estrangeiros. Daqui, pela data de hoje felicitamos os dois artistas Gameiros, autenticas glorias da arte mundial e desvanecidas glorias portuguesas.

INSTRUÇÃO PUBLICA

O emprestimo de 30 mil contos

Os Bairros Universitarios e a criação de novas escolas primarias—As Universidades de Lisboa e Porto irão ter edificios proprios?

O sr. dr. Ginestal Machado, ministro da Instrução, vai pedir um emprestimo de 30 mil contos para desenvolver a instrução e para construir dois bairros universitarios em Lisboa e Porto, á semelhança do conhecido *Quartier Latin*, em Paris.

Contraindo esse emprestimo, o sr. dr. Ginestal Machado resolverá um dos mais importantes problemas, que até agora não se tem podido solucionar, umas vezes por falta de dinheiro, outras vezes por falta de iniciativa.

Impõe-se a construção de novas escolas, tanto primarias como secundarias, porque, forçoso é confessa-lo, a instrução em Portugal está muito atrazada, e só depois da Republica alguma coisa se tem feito em prol do seu desenvolvimento.

Criaram-se as escolas moveis, que até agora pouco ou nada teem produzido, por falta, muitas vezes, da educação pedagogica dos proprios professores. E' uma triste verdade! A maioria dos professores das escolas moveis não tiveram nunca a mais elementar preparação para exercerem o seu mister, e o resultado tem sido o aumento assustador do analfabetismo, que nos coloca, sob esse ponto, com um dos paizes mais atrazados.

Da provincia deslocam-se, todos os anos centenares de rapazes que, em Lisboa e Porto, veem cursar os liceus ou as Escolas Superiores, sem que, até hoje, ninguem a não ser tivesse pensado nas dificuldades com que esses estudantes vão deparar na falta e no preço exagerado das habitações.

Quando não tem a felicidade de encontrar uma daquelas *republicas* que foram nos nossos tempos do estudante existiam em Coimbra, e onde os rapazes se aglomeram, distribuindo equitativamente por todos o preço do quarto, eles encontram-se em sérios embaraços para resolver a questão, porque as fantasticas somas que hoje se pede por um quarto e respectiva pensão.

E' essa dificuldade que o sr. minis-

tro da instrução pensa em debelar, projectando a construção de dois bairros universitarios, onde os alunos e professores possam viver sem as dificuldades com que actualmente lutam, e mantendo uma convivencia que muito os viria beneficiar.

Segundo nos declarou o sr. ministro da Instrução, numa entrevista que publicámos na «Capital», s. ex.ª tenciona aproveitar os terrenos anexos aos que a Escola Medica possue no Campo Grande, local que oferece todas as condições higienicas favoraveis a tal projecto, e sendo acessivel, não só pelos electricos como tambem pelo comboio.

Estamos certos de que o Parlamento autorisará tal emprestimo, pois não se pode compreender que num paiz onde se gastam fantasticas quantias em ninharias e politiquices, pouco ou nada se tenha feito para debelar o terrivel mal que nos assola—o analfabetismo!

Numa nação de 6 milhões de habitantes, só uma terça parte sabe lêr! E' vergonhoso!

A instrução em Portugal tem sido, sob todos os governos muito descurada, mas é muito para louvar a altruista iniciativa do sr. dr. Ginestal Machado.

S. Ex.ª tenciona tambem, e dentro das margens que lhe conceda o emprestimo de 30 mil contos, construir um edificio proprio para a Universidade de Lisboa, que actualmente funciona numa dependencia da Faculdade de Sciencias, que por sua vez está num edificio que para esse fim é já acanhado.

Se os parlamentares quizerem cooperar na empreza a que o sr. dr. Ginestal Machado deitou ombros, votando o emprestimo dos 30 mil contos, estamos certos que muito e muito beneficiará a instrução com tal facto, já pela realisação dos projectos que deixamos registados, como tambem ainda com a criação de varias escolas primarias, que actualmente são em numero insuficiente.

VIDA SPORTIVA

Os combates de box de amanhã no teatro de S. Luis

Chassagne contra Faustino Pereira—Gilles contra Arthus—Tavares Crespo contra Cadieu

Amanhã, ás 15 horas, vai ser satisfeita a curiosidade dos nossos amadores em presencear os combates de box que se realisam no ring armado no palco do teatro São Luis.

Faustino Pereira ainda hoje nos afirmou que vai convencido de vencer o francês Chassagne, não temendo os seus soccs, que todos dizem ser fortissimos. Não nos admira que Faustino vença porque muito tem aproveitado dos ensinamentos de Mario Gall, que se tem esforçado por pôr em bôa forma o «challenger» no titulo de campeão de Portugal. Mas Chassagne não é um boxeur sem nome; pelo contrario, conta no seu record valiosas vitorias, quer aos pontos, quer por K.-O. sobre homens de classe. Con-

O boxeur portuguez Faustino Pereira que amanhã combate contra o francez Chassagne

cluí-se, pois, que vai ser uma luta renhida, em que se não pode com segurança indicar o vencedor.

Além do Faustino, outro português toma parte nesta festa. E' Tavares Crespo, um portuense que se afirmou no ultimo campeonato de amadores, onde venceu o campeão do sul. Também no Porto, ha 3 semanas, fazendo a sua estreia como profissional, venceu o nosso conhecido Jean André.

O combate de Crespo, amanhã, contra Cadieu, constitui certamente uma prova para se avaliar melhor do seu valor. Cadieu é superior a Jean André e portanto vai tentar a desforra do desastre do seu compatriota.

Num combate de pesos pesados, Gilles, antigo campeão amador francês, bateu-se com o campeão de Languedoc, Arthus, mais pesado, batendo mais forte; mas Gilles espera que a sua sciencia triunfe do poder do adversario.

Todos estes matchs são em 10 rounds de 3 minutos cada. Os pesados e meios-medios jogam com luvas de 6 onças; Cadieu e Tavares Crespo com luvas de 4 onças.

NATAÇÃO

Club Nacional de Natação

O Conselho Tecnico deste club, reunido em sessão de 17 do corrente, deliberou fazer a seguinte alteração no horario das escolas, começando a vigorar na proxima segunda-feira:

Escola (de cinto), ás segundas, quartas e sextas, das 7 ás 9, sendo os instructores obsequiosos os srs. Pereira da Costa e Manuel Antunes; ás terças, quintas e sabados, das 17,30 ás 19,30, sendo os instructores obsequiosos os srs. Rossado dos Santos e George Black.

Escola de Aperfeiçoamento, ás terças, quintas e sabados, das 19 ás 21, pelos instructores obsequiosos os srs. Ramalhete Serra, Rossado dos Santos e George Black; ás segundas, quartas e sextas, das 17,30 ás 19,30, pelos mesmos instructores.

Ha grande animação para a proxima festa organisada por este club no dia 4 de Setembro proximo, defronte do seu posto na Doca de Alcantara, lado norte.

O programa, que está sendo elaborado, consta já de corridas entre os alunos das escolas deste ano, além de corridas para os nadadores juniors e seniors, havendo tambem varias provas de gimkana e um desafio de Water-Polo.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21.15—«Rogerio Laroque».
S. LUIZ—A's 21.30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21.30 h.—«O celebre Pinto».
AVENIDA—A's 21.30 h.—«Guardado está o bocado...».
POLITEAMA—A's 21.30 h.—«A Rainha do Fonografo».
APOLO—A's 21.30 h.—«A' procura do badalo».
EDEN—A's 21.30 h.—«Tic-tac».
SALAO FOZ—A's 21.30—«Stevenson e Frizzo».
GIL VICENTE—ás 21.30 «Depois do Degredo».

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Noticiario

Entre nós

A popularissima peça «A vida dum rapaz pobre» ainda vai á scena, no teatro Nacional, na noite de 2.ª-feira 29. Depois, não tornará a representar-se.

—Tendo passado ontem o aniversario natalicio de José Alves da Cunha, reuniu o ilustre artista, num almoço intimo, em sua casa, um limitadissimo numero de amigos seus, decorrendo a festa entre as mais afectuosas manifestações de apreço e estima, em sua homenagem.

Reclamos

Nacional

Tem causado verdadeira sensação, neste teatro, a famosa peça de Jules Mary, «Rogerio Laroque», cujo entrecho se desenvolve, até final, no mais impenetravel misterio. As suas scenas arrebatadoras, empolgantes, dominam, por completo, o publico, realçando-as, com um esplendido desempenho, os artistas Rafael Marques, protagonista, Palmira Torres, Albertina de Oliveira, a pequenina Marilia de Freitas e Augusto Melo, que encenou esplendidamente, e «Rogerio Laroque», Erico Braga, Lino Ribeiro, Mario Santos, Zenoglio e Nascimento.

O «Rogerio Laroque» é uma peça de grande aparato, que está apresentada com todos os requesitos e com magnificos scenarios de Reis, filho e Campos & Oliveira.

Hoje, que a sensacional peça se repete no Nacional, deve ter de novo, o elegante teatro uma enorme concorrencia.

Da Outra Banda

Imposto ad-valorem.—Falta de assucar

ALMADA, 19.—A comissão executiva da Camara Municipal, na sua ultima sessão, deliberou protestar perante o Congresso da Republica contra a pretendida abolição do imposto «ad-valorem», que tem sido aplicado a contento de todos e protestar contra a inclusão do nosso concelho no projecto que cria o distrito de Setubal, atendendo a varios inconvenientes que irá expor.

A mesma comissão vae requisitar açucar ao Comissariado dos Abastecimentos.

Reclamações justas

Chama-mos a atenção da auctoridade de administrativa para o grande numero de cães vadios que infestam as ruas de Mutela e outras, e para o facto de algumas mulheres que cozinham ao ar livre no caes do Ginjal, conduzirem á cabeça fogareiros acesos.

Torna-se tambem indispensavel coibir o abuso que se pratica com a lavagem de carros e automoveis junto do chafariz de Cacilhas, gastando-se a agua que se destina á população e que muitas vezes escasseia.

Nota-se aqui a falta de franquias depois de encerrada a estação telegrafo-postal.

Touradas

«Alcalareño», o artista sem rival em ferros de palmo

Amanhã, na festa de Custodio Domingos, no Campo Pequeno, trabalha o espada que nesta temporada maior cartel tem feito em Lisboa, José Garcia «Alcalareño», artista e valente com o capote e a muleta, inimitavel em bandarilhas.

O nosso publico vaé amanhã novamente emocionar-se com a lide do afamado espada.

Os cavaleiros serão o aplaudido artista Rufino da Costa e o distintissimo amador sr. Francisco Barreiros; os bandarilheiros são «Alcantarilla», da cuadrilha do espada, o Tomás da Rocha, Rodrigo Largo, beneficiado, Jaime Dias, A. Carvalho e «Malague o».

Apresenta-se um novo e destemido grupo de amadores de forcados, composto pelos srs. Diogo Rego (cabo), Rebello de Andrade, José Queiroz, Mota Beixoto, Luiz Muñon, Homero Florindo, José Ribeiro da Silva e Celestino Gonçalves. O competentissimo aficionado sr. Luiz Pimentel dirigirá a lide.

A corrida começa ás 17,30.

Setubal

Os lidadores que tomam parte na corrida que amanhã se efetua em Setubal, em beneficio da Filarmonica de Palmela, são os seguintes distintos amadores:

Cavaleiros:—Srs. Alfredo Maia Lima, João Gama, Antonio Durão e Julio de Aragão.

Bandarilheiros:—Srs. Gama Lobo, Saldanha Vaz, João Malhou, Muñoz Crespo, D. Antonio de Bragança (Lafões) e Lopes da Silva.

Forcados:—Srs. João de Azevedo Coutinho (cabo), Mario Sant'Ana, Raul Fernandes, Pereira Coutinho, Joaquim Verissimo, Ernesto Simões, A. Burnay e N. N.

Campinos, que recolherão a cavalo os touros dos cavaleiros:—Estevão de Oliveira e José Joaquim Pino.

Os amadores serão auxiliados pelos artistas Tadeu, F. Felix, Candido Mendes, «Puntarete» e «Alfarero». A lide será dirigida pelo sr. Nuno Pombal.

O capataz Bageim, conhecido setubalense, pegará um dos touros.

Haverá preços de passagem reduzidos e para os logares de sol o modico preço de um escudo.

Livros e Revistas

Anais das Bibliotecas e Arquivos

Sobre a nossa mesa de trabalho temos duas interessantes publicações, das quais nos apressamos a dar parecer, conforme cumpre.

O nosso jornal passa a fazer apreciação critica, mais ou menos dilatada, conforme fôr de justiça, a todas as obras de que recebermos dois exemplares, para a Biblioteca da «Capital».

A Biblioteca Nacional de Lisboa encetou o ano passado uma publicação intitulada—«Anais das Bibliotecas e Arquivos».—E' uma publicação trimestral das mais interessantes de Portugal pela profusão de informações de caracter bibliografico, biblioteconomico, arqueologico, e consequentemente historico. Já vai no sexto numero, relativo a Abril-Junho corrente.

Faz um extracto dos livros que pertenceram ao Infante Santo, continua o catalogo biografico dos obras existentes na Biblioteca Nacional, e do Leilão da livraria de Samodães, o mais importante dos que se teem realisado em Portugal, o que ainda conta.

A c...teem concorrido emissarios estrangeiros a fazer aquisição de exemplares rarissimos, como foi por exemplo o «Missal Bracarense» de Nicolau da Saxonia, 1498, arrematado por 40 contos, e tantos outros.

—Tambem recebemos os primeiros numeros do novo «Jornal de Sciencias Naturaes», publicação trimestral referente a Janeiro Junho de 1921.

A absoluta falta de espaço obriga-nos a aciar para o proximo numero algumas considerações.

ULTIMA HORA

Uma festa de homenagem ao director da Policia de Investigação

Brindes e saudações

Na festa de homenagem ao sr. dr. José Reis Junior, director da policia de investigação realisada no governo civil, assistiram varios chefes e a corporação, usando da palavra o agente Teixeira, o chefe Alfredo Maria e o sr. Silva Tavares, servindo-se mais tarde um copo de agua.

Ao «toast» foram levantados varios brindes.

«A Capital» associa-se a esta comovedora manifestação de agrado e simpatia pelas qualidades que exornam o homenageado.

Instrução Militar Preparatoria

«Por determinação do sr. Coronel Director da Instrução, realiza-se amanhã, domingo, 21, o penultimo exercicio do actual periodo de instrução que se encerra no ultimo domingo deste mez, sendo reservado para ferias todo o mez de Setembro proximo. O exercicio realisa-se no campo, devendo para isso comparecer todos os alistados das 1.ª e 2.ª secções amanhã, pelas 5 horas da manhã, no quartel do Regimento de Sapadores Mineiros, fazendo-se acompanhar de todo o rancho frio. Depois de devidamente armados e equipados, ser-lhes-ha passada revista pelo sr. Coronel Director. Os caracteiros compareceráo com os respectivos instrumentos e os ciclistas com as suas maquinas.

As faltas a esta formatura serão rigorosamente punidas, rogando-se tambem a comparencia de todos os srs. oficiais e sargentos instructores. No proximo dia 28 (domingo) realiza-se um exercicio geral como prova final militar do actual periodo para se fazer o apuramento e classificação dos alistados.»

Trasladação dos restos mortais do Embaixador de Espanha em Stockolmo

MADRID, 20.—O ministro dos estrangeiros comunicou que em Stockolmo se efetuou a trasladação dos restos mortais do embaixador de Hespanha, assistindo ao acto o governo e todo o corpo diplomatico, sendo prestadas ao cadaver as honras do estilo.—(A).

Encalhe dum vapor em Algeiras

ALGECIRAS, 20.—Encalhou o vapor «Vicente Ferrer» que conduzia tropas e cavalos cujo transbordo foi feito felizmente com relativa facilidade, não havendo desastres pessoais a lamentar.—(A.)

Ainda a Alta Silesia

GENEBRA, 20.—Calcula-se que o exame do problema da Alta Silesia pelo Conselho da Sociedade das Nações reunirá nesta cidade no dia 29 durará umas 3 semanas.—(H.)

O CONFLITO GREGO-TURCO

Os gregos avançam e procuram concluir as operações antes do fim de Setembro

ATHENAS, 20.—O exercito grego continua a avançar rapidamente sobre Angora, a fim de concluir as operações antes do fim de Setembro e não ver embaraçadas as suas comunicações com os primeiros rigores do inverno. Os kemalistas retiram sem resistencia diante das forças gregas, tendo já abandonado Angora não só o governo nacionalista mas tambem as forças que a guarneciam. As forças gregas que avançam no sector norte ganharam em um só dia 80 quilometros.—(H).

CABO VERDE

Pede-se a reabertura do porto de S. Vicente ao comercio e navegação

Efectuou-se hoje demorada conferencia entre os srs. ministro das Colonias, governador de Cabo Verde e senador sr. Vera Cruz, acerca dos casos graves ultimamente ocorridos naquela provincia que determinaram o encerramento temporario do porto de S. Vicente á navegação. O sr. Vera Cruz pediu imediatas providencias e a reabertura daquele porto.

—Afim de acudir á crise com que o arquipelago de Cabo Verde está lutando, foi determinada a realisação dos seguintes trabalhos, para o que foram já aprovados os respectivos projectos e orçamentos: Construção de edificios escolares na cidade da Praia, na importancia de 35.400$ e de uma ponte-cais no porto da mesma cidade, por 39.000$.

Foi tambem autorisado o dispendio da quantia de 145.000$ em obras publicas.

POEIRA DA ARCADA

O conselho de ministros reuniu hoje efectivamente na secretaria das finanças, tratando de assuntos parlamentares e de administração publica. Faltaram os srs. ministros da Marinha e do Comercio, por terem seguido respectivamente para Espinho e para a Figueira da Foz.

Os funcionarios militares e civis aposentados, que por decreto do sr. ministro das Colonias forum destituidos das suas funções, estão elaborando um protesto contra o facto, protesto que tencionam apresentar ao sr. Presidente do Ministerio.

Está exercendo as funções de director geral das colonias do Ocidente, o sub-diretor sr. Fernando Machado.

Foi reorganisada a missão religiosa de Milinpor, India, sendo nomeados tres missionarios para dela fazerem parte.

Vai proceder-se á revisão das pautas aduaneiras das colonias com excepção de Angola e Moçambique.

A remoção das barracas de Algés

Uma comissão de interessados procurou hoje o sr. ministro do comercio, para solicitar que seja prorrogado até ao fim da epoca balnear o praso para a remoção para o bairro Soares das barracas de habitação e de venda de comidas e bebidas da praia de Algés.

Uma outra comissão de moradores desta localidade procurou tambem o sr. dr. Fernandes Costa para solicitar que aquela remoção se faça desde já, pois que as barracas são removidas e levadas para o referido bairro nas mesmas condições em que se encontram na praia, sendo taisas as alegações apresentadas pelos que se interessam pela sua permanencia ali.

Na ausencia do ministro, as comissões foram recebidas pelo seu secretario sr. Benjamim Neves, que ficou de transmitir os pedidos ao sr. Fernandes Costa.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Na sua casa da Calçada da Tapada 107, r/c, faleceu o sr. Joaquim Gomes pae do sr. Alvaro Martins Gomes, empregado na casa L. Dargent e membro dos corpos gerentes da Sociedade Promotora de Educação Popular. O funeral deve realisar-se amanhã, domingo, 21 do corrente, pelas 11 horas, para o cemiterio da Ajuda.

A direcção da Sociedade Promotora de Educação Popular pede a todos os seus socios que honrem este acto com a sua presença.

Pela direcção
Antonio Joaquim de Oliveira
Presidente

Por terras de além

A produção mundial do trigo—Centeio, aveia, milho e cevada

Desta vez falaremos primeiro do pão, que é das coisas que mais interessam a humanidade.

Não seria facil, nem sequer possivel realisar uma estatistica real ou mesmo aproximada da produção total do mundo.

Mas, por calculos gerais relativos á possivel distribuição dos trigos, dos paizes produtores pelos mais deficitarios, torna-se viavel organisar a estatistica não mundial, mas global de certos Estados agricultores.

Assim o fez o Instituto Internacional de Agricultura, com séde em Roma numa nota donde respigamos alguns apontamentos curiosos e interessantes.

Avaliada em milhões de quintais, a produção global do trigo no hemisferio septentrional, e referido principalmente aos paizes da Europa (não incluindo a Russia e contando a India) este ano é representada por 466, enquanto o ano passado foi de 473, ou seja sete milhões de quintais a menos.

Esta inferioridade provém das colheitas terem fraquejado este ano na India Ingleza, mercê de causas que não sabemos se foram de ordem meteorologica ou politica, pois os anicos por lá estiveram e continuam agitados.

Feita esta rectificação e excluindo dos calculos as Indias, o resultado é inverso, isto é, 399 milhões de quintais este ano contra 370 o ano passado, ou seja uma vantagem de 7 por cento este ano.

Enquanto a centeio, Belgica, Bulgaria, Espanha, Finlandia, Alsacia-Lorena, Grecia, Hungria, Canadá e Estados Unidos, devem produzir este ano uns 44 milhões de quintais, ou seja 4 por cento mais do que em 1920.

Pelo contrario, diminuiu consideravelmente 10 por cento, a colheita da aveia que este ano não passará de 284 milhões de quintais na Bulgaria, Espanha, Finlandia, Grecia, Canadá, Alsacia-Lorena, Estados Unidos, Algeria e Tunisia.

O centeio subirá a 120 milhões de quintais, representativos de 4 por cento mais que no ano passado.

Finalmente tambem a colheita do milho este ano fica 5 por cento abaixo da do ano anterior, pois não passará de 793, quando em 1921 atingiu á fabulosa cifra de 821 milhões de quintais.

Estes numeros fornecidos pelo Instituto não são desoladores nem tão pouco consoladores por deficientes, como afinal não poderiam deixar de ser.

Bem fazem os nossos Estadistas que ligam tão pouca importancia aos serviços estatisticos, que até os dias sam andar atrazados alguns anos. Abençoados sejam! a vida são dois dias!

A divida externa da Russia

E' bem sabido que um dos actos mais violentos a seguir á implantação da Republica dos Sovits foi o repudio de todas as dividas externas, seguida da apreensão ao haver dos Bancos estabelecidos em Petrogrado.

Logo isto determinou certa irritação geral nos Estados atingidos, principalmente na França que tinha convertido em fundos russos todos os bens das suas Instituições de Previdencia, Hospitais, Asilos, Orfãos, Viuvas, etc.

Como reclamar e contra quem, no momento em que a Russia estava entregue aos azares de uma revolução formidavel que ameaçava subverter todo o existente, na intenção de crear electricamente, em mutação á vista, uma nova ordem de coisas, em que as mulheres passariam a ser homens e vice-versa, as crianças passariam a nascer já homens; os velhos a morrer crianças, tudo o poder de decretos e a toques de «Knut»!

Entretanto esta violencia custou enormes sacrificios á patria de Lafayete, e aos Aliados manifestaram todas as tendencias a solidarisar-se com ela no assunto em questão.

Foi em 25 de Novembro do ano passado que a França enviou uma nota a Inglaterra, ponderando que as questões comerciais não podem em absoluto separar-se das questões financeiras, e mostrando a impossibilidade de se tratar financeiramente com um Estado como a Russia, emquanto ele não honrar os compromissos anteriormente tomados pelos seus governos.

Com isto se mostravam concordes os varios paizes atingidos pelas prepotencias da Revolução bolchevique.

Em 22 de Março do mesmo ano o sr. Lloyd George declarava solenemente no Parlamento Inglez reconhecer os direitos especiais da França com quem se declarou solidario, o que motivou uma comunicação amistosa e congratulatoria em 31 do mesmo mez.

Tinha, porém, Inglaterra, a despeito destas belas disposições, celebrado em 16, isto é, uma semana antes das suas declarações no Parlamento, uma convenção anglo-russa que veiu causar serias apreensões á França e determinar uma outra nota em 6 de Abril, pois da leitura desta convenção, especialmente, o art. 9.º parecia fazer-se consignação á Inglaterra dos bens e haveres do Banco Russo, unica segura garantia da divida franceza.

Novas declarações se fizeram de parte a parte, sem que fosse possivel chegar-se a acordo, pelo que houve reclamações e consultas que a propria França poz nos tribunais e mais estações superiores inglezas, em cuja decisão Lloyd George mostrou não ter muita esperança.

Assim se teem continuado as relações anglo francesas, ainda mais comprometidas com a dissidencia a proposito da Alta Silesia, facto a que já nos referimos.

Estas relações, sem serem tensas, nem sequer graves, tambem não podem merecer o titulo de amistosas, representando uma situação que mais vem dificultar o prosseguimento e conclusão das multiplas questões que estão neste momento postas perante a Europa.

Não é dificil prever a influencia que tudo isto vai ter nas deliberações finais da Conferencia do Desarmamento, caso deveras para ponderar, já que serão essas deliberações as de que depende o futuro da Europa.

A par ou a guerra niponico-americana está suspensa da ultima palavra que nessa Conferencia fôr pronunciada.

A garantia da futura paz europeia resultará do desarmamento. Se Washington o votar, ó pan-germanismo, tanto como o pan-slavismo, o perigo amarelo e o navalismo britanico passarão á historia dos grandes pesadelos sociais, já afastados para longe com o despertar para o Progresso e para o Trabalho pacifico.

De contrario...

«Deus super omnia» como dizia o general Pimenta de apagada memoria.

A CAPITAL

3866 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Segunda-feira, 22 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Destruição

A's nossas mãos veio ter um pequeno folheto de oito paginas que se intitula: «A Sabotagem». E' seu autor Henry Desmoulin, traduziu-o Sergio Principe, e é editado pelo Grupo Revolucionario Acção Livre. Não tem indicação de tipografia, foi publicado já este ano e em Lisboa.

O folheto «A Sabotagem» tem o seguinte sumario: «Sua aplicação na Industria grafica. Suas causas e efeitos. Formas de a pôr em pratica. Os seus resultados imediatos. A conveniencia do «roubo» nas oficinas e as vantagens da gréve surda.»

Devemos confessar que este sumario é atraente. Resta vêr se o texto lhe corresponde.

Pois não ha duvida de que corresponde, e senão veja-se este trecho que dá uma idea geral dos intuitos que inspiraram o folheto:

«Destruir, eis o objectivo!

Os efeitos da sabotagem quando, como dissemos, bem posta em pratica, são de terriveis efeitos moraes e materiaes para o patrão.

Lança-o numa desorientação caotica e labirintica, não sabendo, ou antes, sabendo de mais, mas não tendo a coragem de o afirmar claramente, as rasões dos seus revezes continuos: maquinas partidas, formas empasteladas, moldes para rolos com ferrugem, tinta pelo chão, papel estragado, espalhado, sujo, trabalho mal executado, rolos cortados, facas de guilhotina estaladas, etc, tudo isso ao fim do ano dá um prejuizo fabuloso ao patrão, com a vantagem de augmentarmos a productividade a quem vive da manufactura dos artigos por nós sabotados e por consequencia do desenvolvimento das outras industrias. Os resultados imediatos desta arma são, como dissemos acima, terriveis.»

Em seguida o folheto ensina a maneira de pôr em pratica tão beneficas teorias:

«Uma caixa de tipo empastela-se facilmente. Bastam dois camaradas conhecidos. A um escapa-se-lhe a caixa das mãos, e o trabalho está feito. São preferiveis para este genero de sabotagem as caixas bem cheias e de cursivo.

Basta o «esquecimento» duma chave de cunhos ou outro qualquer instrumento em cima da cremalheira duma maquina de cilindro. Ao dar a rotação, a maquina estalará imediatamente. Belo, heim? Explendido, quando nós depois contemplarmos a nossa obra, «sem termos culpa» do sucedido.»

Os grifos são do proprio folheto, o qual dá ainda muitas outras receitas para destruir o material tipografico e de impressão, acabando por dizer que «o roubo é tambem de grande utilidade.»

Claro está que a esta palavra «roubo» dá em seguida o folheto uma explicação, baseada na velha formula de Proudhon, segundo a qual a propriedade é que seria o roubo, muito embora, como no caso presente, quem torna a de outrem em propriedade sua, pelo processo simplista de lhe deitar a mão, passa tambem a ter uma propriedade que roubo igualmente seria, dentro dos proprios criterios extremistas.

Como se vê, o folheto em questão ameaça apenas a industria da tipografia. Mas é evidente que se esta propriedade não é respeitada, as outras o não serão tambem. Tudo leva a crer que este pequeno folheto não seja mais do que um elo da cadeia com que se pretende estrangular a sociedade actual, destruindo todos os meios de acção do seu comercio e da sua industria, para a levar a uma abdicação total perante a vontade ferrea dos que se supõem os novos senhores do mundo.

Se todas as classes sociais, para as quais a lei não é um espantalho, nem a ordem uma abstração, nem o direito uma quimera, não refletirem na necessidade de obstar a uma destruição universal, merecerão a sorte que as espera, e que será ainda mais tragica do que a da sociedade antiga, esmagada pela invasão dos barbaros.

O Brazil vai contrair um emprestimo para o Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 22.—O Estado do Rio vai brevemente contrair um emprestimo interno de 200 mil contos, a 7%, tipo 97, para ser amortisado no curto prazo de 10 anos.—(A.)

Maria Eugenia de Araujo Regallo

Realisou-se hoje, pelas 11 horas da manhã, o funeral da sr.ª D. Maria Eugenia de Araujo Regallo, filha do comerciante sr. Jorge de Araujo Regallo e prima do nosso colega de redacção sr. Araujo Regalo.

O funeral constituiu uma grande demonstração de pezar, estando nele representado largamente o comercio e a imprensa.

Os seus restos mortais, encerrados em urna de mogno, ficaram depositados no jazigo da familia Vidal, tendo-se realisado varios turnos.

A toda a familia os nossos sentidos pezames.

Belo exemplo de patriotismo

O ilustre medico dos hospitais, sr. dr. Artur Forte de Lemos, que usava extractos de carne estrangeiros, passou a usar o «Zomoblasos», logo que teve conhecimento dos seus resultados [illegible] pelos [illegible] do país.

Por terras de além

Espanha e Marrocos. — Reminiscencias do Passado. — As guerras de conquista. — Modificação de processos

Não correm muito favonios os tempos para a nossa visinha Espanha, empenhada em continuar, em pleno seculo XX, as façanhas heroicas dos seculos de descoberta e conquista.

Nessa obra gloriosa nos distinguimos nas epocas em que á Peninsula incumbia a missão historica de crear expansibilidade aos trabalhos de Civilisação que a Reforma e a Renascença iam realisando na Europa.

A obra ficou completa. Nela colaboraram comnosco o mais brilhantemente possivel os espanhoes.

Ja lá vai tudo isso muito distante. Desse passado restam-nos apenas uns retalhos no Oriente, dois grandes tratos de territorio na costa e contra costa africana, separadas pelo grande macisso central de que o *ultimatum de 1890* nos privou, e alguns arquipelagos dispersos ao longo da Costa Ocidental da Africa.

Não foram os nossos visinhos mais felizes. Encerrado o periodo Cavaleiresco, tambem para eles ficou fechado o cyclo heroico.

As terras onde Almagro, Pizarro, Cortez e tantos outros imperavam incontestados, reassumiram a sua anterior independencia, *não sob a forma* dos extintos imperios, mas ao impulso das modernas correntes da Civilisação Ocidental.

E As Filipinas e Antilhas foram-lhes arrebatadas n'uma guerra infeliz com os Estados Unidos que, em todo o caso, já restituiram a independencia ás [illegible].

Que resta desse passado heroico e glorioso?

Invadidos como nós por novas correntes de sciencia, industria e trabalho, para as quais não estavamos preparados, ficou-lhes a atestar as memorias do passado as ilhas de Fernando Pó e Ano Bom ao longo do golfo da Guiné, e umas posições, como Ceuta que lhe legámos, as ilhas Chafarinas, Melilla e certas posições que teem ido adquirindo pelas armas, visto que os marroquinos não estão resolvidos a acatar a letra dos tratados de partilha celebrados nas chancelarias da Europa.

As correntes modernas de colonisação e assimilação dos povos

Tal é o caso. Não temos que nos regosijar com os ultimos desastres sofridos pela nossa visinha Espanha. Maior do que aqueles, os sofremos nós em Alcacer-Kibir, tão grandes que nos conduziram á perda da Independencia. Já anteriormente em D. João III, por um erro gravissimo da politica de então, abandonaramos as praças numerosas que ocupavamos em Marrocos, para irmos explorar minas no Brazil, que tambem de ha muito nos fugiu.

Evidentemente a epoca das conquistas territoriais passou. A transmissão territorial de Estado para Estado ainda se consente por convenção o acordo em tratados internacionais. Porem a conquista pura, com todas as caracteristicas antigas, desapareceu.

Os ultimos casos foram os da ocupação do Dahomey e a conquista de Madagascar nos Hoves.

Modernamente, já em espirito, está unanimemente aceita pelas nações a reconstituição dos Estados, respeitando-se as tradições e as afinidades etnicas.

Nisto se funde o reconhecimento da Tcheco-Slovaquia, a independencia da Finlandia e da Polonia, provavel autonomia da Manchuria, a desanexação da Corea, e tantos outros.

A lucta da Irlanda, á qual os povos assistem numa neutralidade absoluta, obedece ao mesmo principio. A numerosos casos identicos estamos assistindo noutras partes do globo, a atestar que o caminho do futuro para humana não se realisará por anexações, mas por desanexações.

Assim o entende tambem a França que substituiu em Marrocos a sua acção guerreira pela tentativa de assimilação persuasiva, e porventura procurando cruzamentos que venham no futuro a garantir a solidariedade dos descendentes marroquinos pela França.

Revelam-se em Espanha tendencias mais pacifistas

Nas ultimas tentivas de conquista em Africa ainda estorá na memoria o supremo castigo que Manelick infligiu á Italia, derrotando integralmente o general Baratieri nos territorios da Erythrea no nordeste africano.

Tambem a França não foi isenta de fracassos em territorios marroquinos, o que a levou a modificar por completo toda a sua tactica.

Assim o ultimo revez sofrido por Espanha e a eminencia do perigos que a rodeiam em Melilla em nada deslustra a gloriosa patria de Cid, o Campeador. Apraz-nos acreditar que até poderá servir de bom ensinamento para de futuro se modificar a tactica até aqui adoptada para a penetração e civilisação do antigo Imperio marroquino.

Apraz-nos considerar que assim seja, e tudo nos leva a confiar pela atitude do Embaixador espanhol sr. Quinhones de Leon, que, chegado a Madrid, acaba de comunicar os desejos do Ministro dos Negocios Estrangeiros de França, de entrar em convenções e acordos sobre o modo de se estabelecer para futuro, de preferencia uma atitude de colaboração comum na zona marroquina.

No mesmo sentido e em perfeita harmonia com o que deixemos exposto, o ilustre estadista da visinha Espanha, o sr. Camoó, indigitado para ministro das finanças, no gabinete da presidencia do sr. Maura, emitiu a opinião de que era chegado o momento da patria da Arte e da Sciencia, como povo culto que é, substituir as suas tendencias guerreiras e conquistadoras por um espirito essencialmente colonisador, para o que tem aptidões excepcionais.

Assim, tudo leva a crer que os velhos processos acabarão por ser abandonados, com vantagem, do Progresso, da Civilisação, e até com superiores vantagens para os interesses da nobre Espanha.

POLITICA

A questão da armação do Ramalhete será amanhã debatida no Senado

O sr. ministro da Marinha terá amanhã que responder a uma interpelação que lhe anunciou o ilustre senador Julio Ribeiro. E' possivel que a sessão seja movimentada, porque a questão apaixona bastante gente.

Os adversarios do sr. ministro da Marinha acusam-no de ter praticado um acto arbitrario e ilegal, impulsionado por interesses eleitorais. O senador sr. Julio Ribeiro procurará demonstrar que se trata realmente duma arbitrariedade, injustificavel perante os textos legais, mas duvidamos que possa fazer a prova de favoritismo politico, exercido por imposição de qualquer cacique eleitoral. De resto, o sr. ministro da Marinha já ha dias procurou fazer plena justificação, perante o senado, do seu acto, mas a argumentação foi contrariada, com bastante energia, pelo sr. Julio Ribeiro. Foi essa breve controversia que deu margem á interpelação logo anunciada, dando-se imediatamente por habilitado o sr. ministro da Marinha e marcando o sr. Presidente do Senado o dia de amanhã para a discussão da questão.

Por outro lado o sr. Agatão Lança, que não perdoa ao sr. ministro da Marinha a sua intervenção no caso do telegrama ao chefe do districto do Porto, está na intenção de interpelar, na Camara dos Deputados, o titular da pasta da marinha, sobre esse mesmo caso da armação do Ramalhete.

A discussão, no Senado, da lei dos duodecimos

Não nos parece que a discussão da lei dos duodecimos decorra, no Senado, com a serenidade de que deu evangelico signal a Camara dos Deputados. Alguns membros da segunda Camara estão dipostos, pelo menos a propor certas modificações, que hão-de inquietar, por força, o governo e a sua instavel maioria.

O principal motivo da oposição no Senado dirá respeito á faculdade que o governo se reservou de fazer nomeações de pessoal burocratico,—sempre que imperiosas necessidades a isso o forcem. Alguns senadores julgam perigosa tal latitude de poderes e prefeririam que só no Parlamento fosse licito providenciar, nas excepções ao caso geral ao prohibição de nomeações ou promoções nos quadros do funcionalismo civil e militar. Fará o governo questão da redacção e do espirito da lei tal qual sahiu da Camara dos Deputados ou negociará um «modus-vivendi» que lhe permita evitar largo debate no Senado? Esta segunda hipotese é a mais provavel.

O record da natação

CHRISTIANIA, 21.—O sueco Arno Borg bateu hoje o *record* do mundo em natação, nadando livremente o espaço de um quilometro em 14 minutos e 19 segundos, contra 14 minutos e 31 segundos do antigo *record* americano Bauppire.—(H.)

CARTA ABERTA

ao Nucleo dos Autores Dramaticos da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro na pessoa do sr. Felix Bermudes, a proposito dum autor de revista que veiu agradecer as palmas do publico depois dum quadro integralmente copiado duma revista franceza.

Ex.mo Senhor.

No dia 31 de Maio do corrente ano, dirigida ao Governador Civil, essa digna associação, na pessoa do seu ex.mo presidente, reclamou categoricamente contra os plagios que os autores do «Trólaró» haviam feito de todas as revistas desde o principio do mundo.

Como esse requerimento contra os atentados da propriedade literaria foi feita quando a revista tinha perto de cento e cinquenta representações, o caso foi comentado, tendo alguem dito que só «tardiamente» se haviam descoberto os roubos; é pois para que v. ex.ª chegue ali ao Eden e veja o quadro intitulado «Como elas se armam» que o signatario vem perturbar as suas ferias, pedindo desde já a v. ex.ª para que se faça acompanhar do sr. Paul Pompei, ilustre representante dos autores francezes em Portugal.

No documento citado pode ler-se: *Nomeadamente o quadro dos «Telefones» é roubado na integra a uma revista franceza, estando este Nucleo encarregado pelo sr. Paul Pompei de apresentar queixa e exigir indemnisação.*

Ora, ex.mo sr. Presidente, a revista ontem em scena no Eden tem um quadro muito engraçado, original, e que provocou do publico no seu final uma salva de palmas. A essa salva de palmas acorreram os interpretes e um dos autores. Demais sabia eu que o sr. Alberto Barbosa, lial camarada de imprensa não apareceria no palco porque tem suficiente valor para não se locupletar com os sucessos alheios; os autores invizíveis—que se dizia haver da peça—tambem não iam aparecer, mas apareceu o sr. Xavier de Magalhães. Quere dizer, o sr. Xavier de Magalhães declarou-se tacitamente autor do quadro «Como elas se armam».

Pois bem; sr. Presidente, ilustre publico de Lisboa. O quadro mais aplaudido de ontem no «Tic-Tac» é integralmente copiado, com personagens, trucs e «tudo» do quadro e «Theatre a l'envers» da revista «La-oh ton piano» em 2 actos e 18 quadros de Georges Arnould, em scena no verão passado no «Marigny» de Paris.

Para melhor esclarecimento passo a extrair do programa a distribuição:

Dix-septième Tableau

LE THÉATRE A L'ENVERS

Décor de Boymond & Sogno

Mahalot	MM.	DUTARD
Le Duc........		MÉRET
Saint-Mégrin...		MAX BERGER
Le Directeur...		FRETEL
Catherine	Mlle	LOUVAIN

Em Portugal é do programa tambem interessante e da inovação entre nós que estraimos os personagens.

2.º quadro—Como elas se armam

D. Urraca.......	Dinah Stichini
D. Theodozio	Alfredo Silva
D. Luis	José Silva
O Contra-regra..	Alvaro d'Almeida

O entrecho é o mesmo. Supomos mesmo que o sr. Xavier de Magalhães, pretenso autor do quadro, não esteve em Paris e não o tendo visto não ... o podia ter copiado. E' uma ingenua desculpa certamente, porque por exemplo, podia o sr. Lino Ferreira, sem consocio, ter trazido na sua bagagem o referido quadro. O que é aplaudivel, sr. presidente é o bem agarrado ao original francez que a tradução foi feita. Os «trucs» da deligencia, o duelo até aos bastidores, os copos de... capilé, a morte em scena, um pouco ampliada em Paris, onde, diga-se o quadro éra mais chistoso ainda, provam a honestidade da versão. Apenas onde lá se lia «Pompiers» aqui está «Bombeiros».

Eu quero sr. Presidente, declarar que nenhuma má vontade me move contra as pessoas que ontem publicamente foram receber as palmas que obra alheia provocou. Pelo contrario, é por desejar que haja na literatura, como no Teatro, como em qualquer outro ramo de... negocio, honestidade profissional, que eu venho pedir a v. ex.ª a interferencia no assunto. O valor dos nossos comediografos dispensa o plagio e o roubo. Estou de acordo em que se aproveitem ideias, em que se tragam mesmo as novidades parisienses ou inglezas, mas não lhe ponham o nome por baixo. E, v. ex.ª, e o nucleo dos autores que tão exigente foi para o «Trolaró» ás cento e quarenta representações, vai certamente protestar tambem contra esta falta de probidade que avilta a generalidade.

De resto, senhor presidente, ainda lhe queria pedir para não fazer caso dos pequenos numeros tambem tirados a outras revistas, como v. ex.ª em nome do Nucleo, fez na exposição de maio ao Governador Civil. Hoje é muito dificil conseguir um numero que não esteja já feito, e por isso a ideia de plagio, que tanto perturbou as funções pacificas do Nucleo, deve ser posta de parte. Veja v. ex.ª por exemplo, aqueles «Guines», «Lepes» e «Cheta», tão explorados que até nos recorda uma quadra com que se apresentaram na Rua dos Condes, na revista «Sempre fresquinho». Era assim:

> Chéta, Lepes, Guines
> 3 moedas bem diferentes
> O dinheiro que circula
> Na praça e por entre as gentes.

Já v. ex.ª, para não entrarmos pelos paralelos da «Peseta», das «Moedas», que não lembram revistas passadas como a «Lisbia amada», «Diabo a quatro», etc. etc. Não, não, sr. presidente, não se preocupe com os pequenos numeros que são impossiveis de deixar de recordar outros numeros velhos. Vamos só ao quadro francez e por isso me sentirei gratissimo.

Ainda mais um detalhe, sr. presidente. Sendo o «Nucleo de Autores» ao que suponho, uma corporação de elite intelectual, poderá informar-me se acha justas as referencias ao desaire espanhol?

Que diriamos nós, se nos lançassem epitetos sobre o desastre de Naulila ou sobre o 9 de abril? E temos nós, e foi o «Diario de Noticias» muito louvavelmente o primeiro a protestar contra o portuguez do «Chasseur de chez maxim's», cuja caricata personalidade era afinal ... um espelho fiel da nossa vida.

Sr. presidente, e ha o direito de fazer referencias pessoais, principalmente quando elas se referem a senhoras? Vá v. ex.ª pensando já no caso, que amanhã «A Capital» desenvolverá, visto que eu apenas quero, repito, chamar a sua atenção para o quadro frances da peça.

E se v. ex.ª sair á estacada, eu passo a crer na sinceridade com que o protesto ao «Trólaró» foi feito; se v. ex.ª e o digno Nucleo que presidiu, votarem esta mangação com o publico lisboeta e com os direitos alheios, ao ostracismo ...

desejo-lhe, sr. presidente,

Saude e Fraternidade

Armando Ferreira

PROPOSTAS DE FINANÇAS

A porta-falsa...

O sr. Barros Queiroz ha-de acabar por se submeter para se não demitir

O governo, impossibilitado de fazer passar, desde já, a proposta-forca, arranjou, de pé para a mão, o § 2.º do art. 3.º da lei dos duodecimos e ficou armado com o mais formidavel cutelo partidario de que ha memoria. Não esquecendo jamais os seus interesses partidarios, o governo abriu uma excepção na lei, por forma a que, sempre que quizer, não deixará de nomear os funcionarios indispensaveis ao favoritismo politico que faz o engrandecimento dos partidos. Eis a lei, tal qual foi votada na Camara dos Deputados:

§ 2.º Emquanto não fôr publicada a lei da receita e despesa da Republica no ano economico corrente nenhuma promoção será feita nem preenchida qualquer vacatura, pelo Poder Executivo, nos quadros metropolitanos do pessoal civil ou militar, do exercito ou da armada, salvo resoluções em contrario do conselho de ministros, com voto afirmativo do ministro das Finanças, declarando-se assim expressamente no respectivo despacho.

Vê-se claramente a porta aberta... Não se farão promoções nem nomeações—diz a lei—excepto quando o governo quizer, acrescenta. E as oposições são duma tal ingenuidade que deixaram passar, mesmo sem observações platonicas, tão grave disposição, capaz, só por si, de invalidar todos os beneficios da disposição legal que proibe fazer nomeações ou promoções.

Claramente se vêem as consequencias desastrosas da porta aberta na lei. Amanhã, quando surgirem as pressões partidarias, o governo será impotente contra elas e uma vez feita uma nomeação ou uma promoção, seja a que titulo for, não faltarão razões para outra e outras.

Os quadros serão inundados de novos funcionarios, e as economias, que poderiam e deveriam fazer-se, serão anulados perante a impossibilidade de resistencia ás clientelas politicas.

Bem sabemos que é necessario o voto afirmativo do ministro das finanças, quem quer que ele seja. O que isso, porém, apenas significa é que o ministro das finanças ficará com poderes de dictador. E nós já sabemos o que valem os dictadores...

Fizeram-se, entre nós, tres experiencias de ditadura. Foram ditadores João Franco, Afonso Costa e Sidonio Pais. O primeiro foi ditador á bruta, sem Parlamento, sem imprensa, sem direito de associação, etc: tão desastrada politica terminou com a tragedia do Terreiro do Paço. O segundo inventou a ditadura com um Parlamento condescendente e a opinião publica, representada pelos individuos das duas casas civil e militar: a revolução de 5 de dezembro poz-lhe fim.

O terceiro teve ainda imaginação suficiente para inventar o presidentismo, como pitorescamente denominou o sidonismo um jornalista, cremos que o sr. José Barbosa: o sistema conduziu á tragedia da estação do Rocio e poz a Republica a dois passos da morte.

Pretende agora o sr. Barros Queiroz enveredar por outra formula dictatorial?

Má politica será essa, que a nada de bom conduzirá. O certo é que a excepção introduzida na lei—excepção toda em favor do partido liberal ou, mais propriamente, da facção unionista—ha-de acabar por invalidar os beneficios da draconiana providencia legislativa e forçar o sr. Barros Queiroz a escolher, por imposição partidaria, uma de duas pontas do historico dilema:

—Se soumettre ou se demettre...

Apostamos em como se submete.

A lei do inquilinato

O sr. ministro da Justiça recebeu hoje uma queixa interessante, respeitando ás relações entre senhorios e inquilinos. O caso foi este:

O predio onde habitava o seu proprietario ardeu; para arranjar alojamento teve o proprietario de subarrendar a um dos inquilinos dum outro predio que tambem lhe pertence uns aposentos, pagando por eles uma quantia muito superior áquela que recebe. E o sr. ministro da Justiça apresentava este caso como uma das muitas anomalias a que a lei tem dado logar.

A hipotese, a nosso ver, está prevista na lei. O senhorio em questão pode requerer o despejo do predio com o fundamento de que o inquilino faz dele uso diverso do preceituado no contracto de arrendamento.

Se o não faz é porque não quer ou não sabe. No primeiro caso, está no seu direito; no segundo a ignorancia da lei não lhe aproveita, nem a ele nem a ninguem, como é dos livros.

PARA DENTRO DO PALCO

Um problema de teatro

Ha o direito de citar num palco nomes de pessoas, ofende-las, ridicularisa-las ou simplesmente pô-las estupidamente em foco?

Subiu ontem á scena no Eden Teatro uma revista, como qualquer outra, na qual se diz que colaboraram todas as forças vivas do jornalismo revisteiro, incluindo mesmo a secção de propaganda do *Diario de Noticias*—aquele nosso simpatico colega que ameaça engulir na sua publicidade não só todo o publico das ruas como até todo o publico dos teatros.

E' caso para nos assustarmos com a preocupação de que uma *novissima iniciativa* daquele jornal nos *coma* de vez.

Não nos interessa agora cuidar de saber se a revista é boa ou má, engraçada ou sensaborona. Admitamos mesmo que ela é absolutamente original e inesperadamente desopilante. Isso não impede que tenha de se pôr em equação um problema, que os auctores resolveram fóra de todo o sistema logico, e com *raizes negativas*—já que a certa altura os mesmos autores atacaram a matematica com toda a furia de ex-alunos cabulas.

1.º—Ha o direito de, num teatro com esse dourado prestigio que dão as taboas dum palco, atacar estupidamente e ridicularisar um povo amigo, irmão de raça e de bravura, irmão nesto heroismo que é peninsular, que é muito nosso, que só uns olhos cegos não veem? Ha o direito de num palco popular, com toda a força de verdade que o publico anonimo e sem opinião atribui ao que se diz em scena, excitar velhos odios que mais do que nunca seria conveniente abrandar? A Espanha é um grande povo de que nos devemos orgulhar de ser amigos. Um revez das suas armas em nada empana o brilho de todo um passado de gloria. Que diriam esses autores, naturalmente muito dignos e valentes portuguesinhos se quando do desastre de Naulila os espanhoes tivessem o impudor de nos ridicularisar? Mas não. Eles faziam nessa ocasião os seus ingenuos «sainetes» e não maltratavam ninguem.

Quando um compère francês, anunciava em Paris: «Au Portugal: Révolutions touts les jeudis...»—a nossa imprensa e especialmente o «Diario de Noticias» pela pena brilhante de Augusto de Castro, veio á estacada. e não houve um português que se não melindrasse.

No entanto nós, nesse caso, eramos os unicos culpados, e o nosso barulho revolucionario incomodava já e enfastiava ha muito todo este lado da Europa.

Hoje, em pleno seculo XX, quando a victoria de Aljubarrota se festeja com o adido militar espanhol á direita do Presidente da Republica, num teatro e com a autoridade feliz e gorda numa frisa, insulta-se a Espanha lançando sobre a grande nação a poeira ignobil das gargalhadas duma plateia.

Que diria á representação o diplomata espanhol que assistiu, impavido, por detraz do nosso «fauteuil» áquele enxovalho?

2.º Com que direito se pode focar em scena o nome; especialmente o nome duma senhora, lançando sobre ela um certo ridiculo, que lhe hade ser fatalmente desagradavel? citemos nomes:

A certa altura um personagem da revista do Eden declama:

«A mulher mais «fina» é a sr.ª Ester Leão, que é magra como um macarrão.»

—Não sabemos se a «piada» é muito profunda. Deixamos isso ao espirito critico do publico.

O que é com certeza é «gauche». Cecille Sorel processou Sem por te-la ridicularisado numa caricatura.

Segundo um advogado a sr.ª Ester Leão podia processar os autores da revista «Tic-tac» por terem arrastado o seu nome a um palco de baixa revista. Ha dias, numa outra revista era citado o nome duma ilustre poetisa e gentilissima senhora, D. Maria Fernanda de Castro, e citado dizendo-me, com toda a mais grosseira infelicidade.

Repetimos, com que direito?

Mas o caso da sr.ª Ester Leão é mais grave porque representa uma quebra de solidariedade artistica que era, até ha bem pouco tempo, uma caracteristico do nosso meio teatral. Jamais numa revista ou numa peça popular se faziam referencias a artistas vivos, ridicularisando-os no mesmo local onde eles, melhor ou peor, trabalharam e dignificaram a sua profissão.

Que espirito de solidariedade presidiu então a mesma classe que tanto hoje apregoa as caixas de reforma e as instituições de previdencia social?

Resumindo:

Daqui vai o nosso mais vivo protesto para as deprimentes referencias feitas ao exercito espanhol—que cremos o sr. governador civil vai imediatamente cortar—e as referencias pessoais a senhoras, pelo que representam de falta de delicadeza e de pudôr, na certeza de que todo o publico honesto e até... a secção de propaganda e publicidade do «Diario de Noticias» aplaudirá a nossa atitude.

O HOMEM QUE PASSA

Interesses açoreanos

Realiza-se no proximo sabado, 27 do corrente, pelas 21 horas, na Associação de Logistas de Lisboa, Avenida da Liberdade, 19, 1.º, uma conferencia publica sobre interesses dos Açores, especialisando a ilha Terceira.

E' conferente o tenente sr. Machado Toledo, que convidou o governo a fazer-se representar, assim como convida os parlamentares pelo circulo de Angra e toda a imprensa a fazer-se representar.

Está convidado a presidir o coronel sr. Barreto do Couto.

O conflito heleno-turco

CONSTANTINOPLA, 21.—Continuando no seu avanço, as tropas gregas ocuparam a linha Kiszil-Boypu-Saritacy-ribeira Nishar. Tendo uma divisão grega atravessado o desfiladeiro de Ghieve, as forças kemalistas viram-se obrigadas a retirar precipitadamente sob a ameaça de ficarem cercadas.—(H.)

Os editores e as letras nacionais

Ao sr. ministro do Comercio entregaram os livreiros editores uma importante representação acerca das novas tarifas-postais para o estrangeiro, que não veem simplesmente restringir o nosso já acanhado mercado de livros, mas pôr termo definitivamente á industria do livro nacional, e, o que é pior, cercear ainda mais a já bem reduzida faculdade productiva dos nossos autores e publicistas.

E' bom não esquecer que a industria do livro interessa e anima o trabalho e a produção de varias fabricas e classes, como sejam as fabricas de papel, fundições de tipo, tipografias, impressores, litografos, gravadores, fotografos, encadernadores, etc.

Esta representação é firmada pela Parceria Pereira, Empreza literaria fluminense, Rodrigues & C.ª, Aillaud, & C.ª, Morais, e muitas outras além das casas mais importantes do Porto, como Lelo & Irmão, Machado & Ribeiro, J. Pereira da Silva, e quantos outros, e tambem da casa J. R. de Moura Marques, de Coimbra.

A representação procura fundamentar largamente os motivos da sua reclamação: fundamentos de ordem nacional e outros de ordem material.

Entre os primeiros avulta a necessidade em que se vêem de lançar na *chômage* um numero muito grande de pessoas, o que virá agravar sériamente a má situação economica dos que trabalham. Além do despedimento forçado do pessoal desnecessario, haverá a repercussão nas profissões subsidiarias da industria do livro, como encadernadores e fabricantes de papel, carneiras, etc., determinando tambem a diminuição do consumo de materias primas.

Peor do que tudo, acrescerá a menor intensificação da nossa lingua para fóra das fronteiras, pois o livro, talvez mais do que o jornal, (porque se guarda), pode e deve ser considerado um dos melhores vulgarisadores de uma lingua entre estranhos.

Não é só o Brazil, Espanha e França quem mais consome o livro portuguez. Tambem o consumo deste artigo tem aumentado, a ponto de já hoje ser relativamente importante nas nossas Provincias Ultramarinas.

Não é dificil de prever que a privação dos livros portuguezes mais concorrerá para a ameaçadora desnacionalisação das Colonias, infelizmente nalgumas já iniciado.

E' com exemplos praticos que a representação procura mostrar a exequibilidade das novas franquias. Resumimos aqui os resultados da sua aplicação aos editores:

Um livro de leitura escolar, que se vende em Portugal por um escudo, com o porte de correio para Lourenço Marques, taxa de cobrança para transferencia de fundos, postaes de pedido, etc, sae n'aquela Colonia por 2$23, sofrendo portanto um aumento de 123 por cento!

O *Eurico* de Alexandre Herculano, adoptado nas escolas brazileiras, custo em Portugal 2$10. Com as novas franquias sai no Brazil por 3$94!

Até mesmo no Continente, aplicando as tarifas do porte para as provincias portuguezas sofrem os livros um agravamento de 12 por cento!

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL— A's 21,15 — «Rogerio Laroque».
S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21,30 h.—«O celebre Pina».
AVENIDA—A's 21,30 h.—«Guardado está o bocado...»
POLITEAMA—A's 21,30 h.—«A Rainha do Fonografo».
APOLO—A's 21,30 h.—«A' procura do badalo».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
SALAO FOZ—A's 21,30—Stevenson e Frizzo.
GIL VICENTE—As 21,30 «Depois do Degredo».

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

Eden Theatro—*Tic-tac*, revista em 2 actos e 9 quadros, original de Alberto Barbosa, Xavier de Magalhães, etc., musica dos maestros Alves Coelho, Raul Portela, Antonio Lopes, etc., etc.

A revistinha do Eden agradou pela sua leveza, frescura, boa disposição, movimento, estando posta em scena com limpeza e boa vontade. Nem mais é preciso para agradar.

Em detalhe pode dizer-se que ella não cá novidades, a não ser o quadro do comedia que conforme se diz noutro local é... francez, o numero do fado dançado em varias danças o que é interessante, e, diese. Mas, repetimos, sem os exageros demasiados que fazem desconfiar o freguez, pode dizer-se que a revista tem elementos para uma longa serie de recitas em sessões populares.

E neste logar deve reconhecer-se a inteligencia de Antonio Macedo vindo ao encontro do publico pela facilitação de espectaculos por sessões a preços populares, e o seu esforço para montar a revistinha com todos os elementos de vivacidade que necessita.

Assim se destacaram nos papeis femininos, Elisa Santos com vestidos de gosto parisiense e requebros afrodisiacos, Zulmira Miranda cantadeira de fados, Maria Laura com uma voz agradavel, e outras raparigas de aptidões, não falando em Ema d'Oliveira que o «Diario de Noticias» na critica de hoje acha que «representou a gosto popular», quando ella esteve... infelizmente doente e não apareceu. Já é vontade de ser amigo! Dos homens destacam-se Carlos Leal em duas rabulas, das quaes a «Lata Estanhada» agrada francamente, Ghira num tipo já muito visto e por isso popularizado, Alvaro d'Almeida também querido das plateias populares bem como José Silva, Alfredo Silva, Manoel Silva, etc., etc.

A marcação o melhor que se pode fazer com 16 coristas indesciplinadas, scenarios bem aproveitados e musica muito viva, bem coordenada. Longa vida.

Armando Ferreira.

Noticiario

Entre nós

A proposito da «primeira representação» de hontem, no Eden, recebemos a seguinte carta:

Ex. sr. *Homem que passa*.—Leu v. a critica de hoje no «Diario de Noticias» á revista «Tic-Tac» representada hontem no Eden? V. que, dizem-me, assistiu á 2.ª sessão do espectaculo de hontem, não acha um descarado favoritismo naquela critica? Porque afinal, se fossem outros os seus autores, haviam de dizer que a revista é vulgar, não tem (como é facto) uma ideia nova, nem se mesmo um numero original. Pois se esse critico até viu (e gostou) de Ema de Oliveira, que v., certamente, não conseguiu ver! A Zulmira Miranda cantou primorosamente... Qualquer dia veremos ela em reclamos o habitual «actriz-cantora». Por ultimo, peço a V. a sua opinião sobre aquelas alusões á Espanha que me pareceram bastante infelizes.

Não o importuno mais e perdoe a impertinencia.

O homem que fica... pasmado com tanto favoritismo...

Durante a temporada de inverno proxima, o Salão Foz explorará o genero de espectaculos em sessões, com revistas á moda parisiense e operetas, estreiando-se ali, a Companhia Otelo de Carvalho, da qual fazem parte, além desse artista, que a dirige, e entre outros mais elementos, também de incontestavel valor, o impagavel Antonio Gomes, da Trindade, a gentil «divette» Laura Costa, a graciosa caracteristica Julia d'Assumpção e o popular actor Martins dos Santos, que é o ensaiador da companhia, que terá como director de orchestra o distinto maestro Luiz Filgueiras.

Ainda não está definitivamente assente qual será a peça de abertura da epoca, contando a nova empreza, já com tres revistas, sendo uma da autoria de Lino Ferreira e Xavier de Magalhães e outra ainda «Sem Sentidos», de Pedro Bandeira.

Para a Companhia Otelo de Carvalho prometeram tambem escrever uma revista-fantasia os festejados autores Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

Reclamos

Nacional

O «Rogerio Laroque», com o seu misticismo e originalissimo entrecho, que mantem o publico em permanente expectativa, até ao sensacional desenlace, continúa atraindo, ao Nacional, numerosissima concorrencia, que muito aplaude os interpretes da peça, entre os quais se salientam Rafael Marques, no protagonista, Palmira Torres, Albertina de Oliveira, a Joaquina Marilia de Freitas, Augusto de Melo, Erico Braga, Lino Ribeiro, Mario Santos, Zonaglio e Nascimento.

Hoje, no Nacional, repete-se o «Rogerio Laroque» cuja triunfal carreira, é interrompida na 2.ª feira proxima, para a realização duma recita rigorosamente unica, com a despedida da sempre festejada e popularissima peça «A vida dum rapaz pobre».

Livros e Revistas

Sciencias Naturais

Embora a Sociedade Portuguesa de Sciencias Naturais conte bem 14 anos de existencia, não tem encontrado a atmosfera que mais conviria, mercê do atrazo geral do nosso paiz em artigos de Sciencia Pura.

Ainda assim, graças á dedicação de varios nomes ilustres que lhe vemos á testa, lá tem conseguido viver a vida do Espirito, em relações continuas com todo o movimento scientifico lá de fóra, honrando assim a missão que se impoz, e pacientemente á espera que a nação desperte do letargo politico em que a teem lançado, e se disponha ao adiantamento da Sciencia e á protecção que lhe é devida.

A Sociedade a que nos referimos, acaba de lançar a publico, com a hesitação devida ás dificuldades que se antolham o 1.º e 2.º fasciculos do seu Jornal de Sciencias Naturais, primeiro ano.

O exemplar que recebemos excede as expectativas. Na parte tecnica, ocupa-se de tres graves problemas modernos—a agua do mar considerada meio vital, investigações sobre a luz que pode irradiar da analise scientifica da Carta geologica de Portugal, e as vitaminas.

Esta ultima parte, tratada pelo professor F. Mira, é de um interesse imediato, pois traz a lume certas observações demonstrativas de que ha muito a remodelar nas concepções já adoptadas em materia de alimentação.

Metade do Jornal ocupa-se minuciosamente da parte organica da Sociedade e traz-nos luz desoladora a respeito do pouco apreço e consequentemente pouca protecção dispensada ás Sociedades que se ocupam de sciencia pura.

Conservatorio Nacional de Musica

Recebemos o muito agradecemos o setimo e oitavo fasciculos do segundo ano da publicação da sua Revista.

Entre os varios assuntos tratados, avulta um primoroso embora conciso artigo firmado pelo sr. Luiz Chaves, acerca da Musica Popular á qual entre nós se não tem até hoje dispensado toda a atenção que o folklorismo aconselha nestes assuntos.

No nosso entender não bastará mesmo que nos ocupemos da musica popular moderna; é indispensavel que os cultores do assunto se reportem tambem á restituição da antiga musica popular, como elemento para a restituição da psicologia e caracter do nosso povo através dos seculos.

Registro de entrada: *La gloire de France*, e tambem um volume intitulado *Vauquois*.

Touradas

Os famosos Lalandas na noturna de amanhã

Em segunda corrida noturna oferece-nos amanhã a Empreza do Campo Pequeno os estabilissimos diestros Pablo e Marcial Lalanda, que, levando já algumas brilhantes epocas de novilheiros, serão dentro em pouco dois dos mais completos toureiros e matadores de touros. O nosso publico aprecia-os, especialmente a Marcial, por toda a *aficion* é indicado como o sucessor de Gallito nos suas galerias. Trazem os seus bandarilheiros Antonio Garrido, «Armillita», Juan de Lucos, e Eduardo Lalanda.

E os nossos toureiros sao os eximios cavaleiros José Casimiro e Ricardo Teixeira, os bandarilheiros, Luciano, Tomé, Alfredo dos Santos e Custodio Domingos e dois praticantes.

Pela instrução

Foi admitido ao concurso para um lugar de professor efectivo do 7.º grupo do liceu de Ponta Delgada, o sr. Antonio Augusto Riley da Mo'a.

Poeira da Arcada

Foi louvado em portaria o sr. Luis Barreto da Cruz, chefe do protocolo da Presidencia da Republica, pelos relevantes serviços prestados á Republica quer, na colaboração e direcção de varios actos que sendo oficiais, não estão todavia compreendidos nos deveres proprios do seu cargo, quer pela superior competencia, bom cuidado e dedicação que tem demonstrado no desempenho daquelas funções.

✦ ✦ ✦

Foi para o «Diario do Governo» a lei criando na ilha do Corvo os lugares de delegado guarda-mór do saude e de farmaceutico, respectivamente, com os ordenados anuais de 1.500$ e 1.050$.

✦ ✦ ✦

Regressou da Alemanha o capitão de mar e guerra sr. Nunes de Sousa, que foi ali fechar contracto para aquisição de um rebocador de alto mar destinado á provincia de Moçambique. A fim de assistir á construção do referido barco segue brevemente para a Alemanha o capitão tenente engenheiro maquinista sr. Mendes Barata.

✦ ✦ ✦

Foi louvado em portaria o primeiro tenente sr. Alves de Sousa, pela forma como exerceu o comando do submersivel «Espadarte».

✦ ✦ ✦

Deixou o cargo de capitão do porto da Horta o capitão de fragata sr. Antonio Rafael Bastos.

✦ ✦ ✦

Os aspirantes que concluiram o curso da marinha foram mandados fazer tirocinio na Escola de Torpedos.

✦ ✦ ✦

Em consequencia da reorganização dos serviços das circunscrições civis de Moçambique, foram nomeados chefes de postos das mesmas circunscrições os srs. Francisco Ribeiro, Antonio Rodrigues, José de Abreu, Francisco Martins e Manuel dos Santos.

✦ ✦ ✦

O alto comissario regulamentou a execução dos caes dos portos da provincia de Moçambique. Aprovou tambem os novos estatutos da Caixa de Aposentações e pensões do pessoal das Alfandegas da Colonia e da Caixa de Auxilio dos Empregados Telegrafo Postais.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

Com o sr. Jorge Nunes na presidencia é aberta a sessão ás 14.35. Presentes 36 deputados que quasi todos escrevem.

Galerias quasi desertas.

Sobre o acta o sr. Joaquim Brandão pede ao sr. Presidente esclarecimentos sobre o Regimento, dizendo que não se devem marcar faltas aos deputados ainda não presentes, porque a Camara resolveu trabalhar em sessão prorrogada até conclusão dos trabalhos sobre a questão dos trigos.

O sr. presidente informa que realmente assim é, mas que tendo a ultima sessão sido encerrada por falta de numero não podia proceder doutro modo, porque o Regimento é omisso nestes casos.

Está-se em nova sessão e como tal teve de mandar proceder á chamada e marcar as faltas.

O sr. Presidente informa a Camara de que os projectos que tragam aumento de despesa não podem ser admitidos conforme a deliberação da camara e da lei.

O sr. Almeida Ribeiro faz algumas considerações sobre o assunto dizendo que lhe parece ser isso uma função da Comissão de Finanças.

A troca de explicações entre os srs. Almeida Ribeiro e Presidente, continua no manifesto proposito de entreter a Camara até haver numero.

A's 15.30 o sr. Presidente anuncia finalmente in-se passar á discussão das propostas dos srs. Ferreira da Rocha e Vasco Borges.

O sr. Monteiro Guimarães declara-se abertamente por um trabalho atirado e proficuo.

O sr. Ferreira da Rocha explica, que a sua proposta não tem intuitos politicos. Simplesmente que no decorrer dia se tratem assuntos diversos.

Por isso pede licença para retirar a sua proposta substituindo-a em parte pela proposta do sr. Vasco Borges para que as sessões em vez de começarem de manhã comecem á 1 hora e se encerrem ás 20 horas, deixando a outra parte ao alvitre da Presidencia que marcará sessões noturnas todas as vezes que as julgue necessarias.

O sr. Alberto Xavier insurge-se contra a pretensão das sessões noturnas, lembrando ao sr. Presidente que á hora regimental tem s. ex.ª muitas vezes dificuldade para conseguir que as sessões possam prosseguir e que já todos sabem muito bem o resultado que teem dado as sessões noturnas outras sessões legislativas. Mudar para o mesmo uma proposta que o sr. Presidente declara não poder pôr á admissão.

O sr. Carvalho da Silva diz que a Camara não se deve ocupar do assunto enquanto o governo se não pronunciar sobre o assunto.

O sr. Vasco Borges lembra que não se podem realisar sessões noturnas, devido a não haver luz, e manda para a mesa um aditamento á sua proposta anterior, para que as sessões se prolonguem mais duas horas.

O sr. Almeida Ribeiro manda tambem para a mesa uma proposta de alteração aos pontos de vista expostos.

O sr. Carvalho da Silva pregunta quando entra em discussão a proposta respeitante ao funcionalismo publico.

O sr. ministro da Justiça em explicações que não conseguimos ouvir.

O sr. Alberto Xavier faz algumas considerações sobre a questão dos cambios.

O sr. Presidente intervem declarando que o orador se não pode ocupar do assunto.

Entrando-se na votação das propostas, o sr. Ferreira da Rocha pede licença para retirar tambem a sua segunda proposta.

Posta á aprovação a do sr. Vasco Borges o sr. Almeida Ribeiro pede a palavra sobre o modo de votar pedindo explicações que o sr. Presidente dá e que são alterada a proposta do sr. Vasco Borges.

O sr. Vasco Borges declara manter a sua proposta.

Posta a votação é a proposta aprovada. Mas o sr. Pedro Pita requere a contra prova.

O resultado é o mesmo.

A proposta de aditamento do sr. Vasco Borges é rejeitada em prova e contra prova.

Esta proposta de aditamento tendia a dividir o tempo das sessões por varios assuntos.

A proposta do sr. Almeida Ribeiro para que as sessões comecem ás 12,30 foi tambem rejeitada.

O sr. Ferreira da Rocha requer que entre imediatamente em discussão a proposta de lei referente ao Douro, que sofreu alterações no Senado.

O sr. Alberto Xavier pede urgencia e dispensa do regimento para a sua proposta.

Rejeitado.

Aprova-se o requerimento do sr. Ferreira da Rocha respeitante ás propostas do Douro.

O sr. Carvalho da Silva mais uma vez pede que não sejam postos em discussão assuntos sobre que a Camara não tenha conhecimento.

Passa-se a apreciação das emendas do Senado ás propostas do Douro.

Foram aprovadas.

Seguidamente o sr. presidente põe em discussão a proposta do sr. ministro da Agricultura sobre o regimen cerealifero.

Lida a proposta, varios deputados pedem a palavra sobre a ordem.

O sr. ministro da agricultura, que é o primeiro a falar, presta á camara algumas explicações que julga indispensaveis para o bom prosseguimento dos trabalhos. Essas explicações referem-se ás medidas pelo governo tomadas até á data.

O sr. Pinto da Silva interroga a mesa sobre se a comissão da agricultura deu o seu parecer ao aditamento á proposta em discussão e incrimina o ministro de prejudicar a discussão da referida proposta com constantes aditamentos.

O sr. ministro da Agricultura informa que agora não mandou para a mesa nenhum aditamento.

Notas politicas

A maioria reclama do Parlamento que se votem as auctorisações pedidas pelo governo

O sr. Ferreira da Rocha, membro da maioria, já hoje acentuou na Camara dos Deputados que, natural mente, não será possivel conseguir numero para votações além do mez corrente. Por outro lado, o sr. Monteiro Guimarães pede que se trabalhe intensamente, por forma a habilitar o governo com auctorisações que lhe permitam a bom administrar durante o interregno parlamentar.

A Camara, reconhecendo, talvez, a legitimidade das considerações que lhe foram expostas, votou pela duplicidade das sessões, quando forem necessarias. Veremos, com este reforço de tempo, quais as vantagens que o governo conseguirá arrancar ao Parlamento. Se considerar-mos, porem, que, para se resolver esta simplicissima questão de sessões em duplicado se gastou quasi todo o tempo destinado aos debates de problemas uteis, podemos prever que do pouco utilidade resultará o herculeo esforço de sessões por atacado.

O governo faz questão da aprovação da proposta-força

Em resposta a uma pergunta que lhe fez o sr. Carvalho da Silva, o sr. ministro da Justiça, em nome do governo, declarou peremptoriamente, na Camara dos Deputados, que o governo fazia questão da discussão e votação, na presente sessão legislativa, das propostas de lei que dizem respeito ás seguintes questões: cereais, cambiais, divida publica, coeficientes e «funcionalismo». E tudo isto vai fazer-se tumultuariamente, com ou sem numero para votações, até ao fim do mez corrente!

O governo submete-se, na questão do funcionalismo, á vontade expressa pela minoria monarquica que, pela boca do sr. Carvalho da Silva, declarou que só daria o seu voto á aprovação das sessões suplementares, se o governo declarasse qual queria ver discutida, sem demora, se a proposta sobre o funcionalismo, ou a celeberrima proposta-força.

E o governo apressou-se a dizer que sim!

E' o reinado das forças vivas... monarquicas.

O Directorio democratico e os seus amigos do Porto

Noticiou-se que o Directorio do P. R. P. fulminára com a pena de excomunhão maior alguns dos seus correligionarios portuenses que deram manifestações de rebeldia a quando das ultimas eleições.

Cremos que a noticia não tem fundamento.

O Directorio não hade querer arrostar com a responsabilidade da irradiação de politicos de categoria como são os srs. Santos Silva e, em regra todos os seus amigos do Porto. A praxe estabelecida em casos semelhantes, e que ficou constituindo direito consuetudinario (por assim dizer) dentro da organização partidaria, é que a irradiação se não faça senão quando o partidario já o não é, por vontade propria e expressa.

Na Russia

Os bolchevistas servem-se da fome do povo para fazer das suas

RIGA, 22—Os bolchevistas, servem-se da fome na Russia como meio de propaganda, espalhando folhas em que dizem ser ela a consequencia da politica de força dos capitalistas estrangeiros que bloquearam durante dois anos a Russia para exterminar o comunismo no meio da fome e das epidemias e se organisam socorros á Russia é com receio de que a peste e a fome invadam a Europa, como o Ocidente, alarmados com alguns casos que já se verificaram em Paris. Por seu lado, os antibolchevistas fazem viva propaganda em sentido oposto dizendo que os bolchevistas deram as terras aos camponezes mas arrebatam-lhes os trigos para alimentarem os exercitos ver melhos que assassinando e incendiando marcham através da Russia.—(H).

Os sovietes querem uma Conferencia de Paz antes da Conferencia de Desarmamento

RIGA, 22—Consta que o governo dos «soviets» tenciona contrapor á «conferencia de Washington», uma conferencia de paz em Moscou, para a que serão convocados todos os povos do Oriente, com o fim de protestarem contra o imperialismo dos povos europeus, dos Estados Unidos e do Japão e estabelecerem as bases de uma ação comum tendo em vista libertar os povos oprimidos da Asia.—(H).

A eterna questão da Irlanda

Na capital de Ulster é lançada uma bomba

BELFAST, 22.— Numa das ruas mais concorridas da capital do Ulster foi esta tarde lançada uma bomba por pessoa desconhecida, tendo morrido sete pessoas.—(C).

Para Madeira e Brazil

Pelo vapor «Andes» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira, Pernambuco, Pará, Manaus, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos Aires e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 9.

INSTRUÇÃO PUBLICA

Vão criar-se escolas infantis

O que a esse respeito nos diz a ilustre professora sr.ª D. Judite Parente

Apenas realisado o emprestimo de 39 mil contos destinados ao desenvolvimento da instrução publica, o sr. Ginestal Machado pensa em criar em Lisboa algumas escolas infantis, á semelhança das que existem no estrangeiro, estabelecendo-as mais tarde em todo o paiz se a experiencia der resultados satisfatórios.

Constando nos que já algumas das nossas mais distintas professoras diplomadas se consideram habilitadas para exercer o magisterio infantil, lembrámo-nos de procurar a jovem e ilustre professora, sr.ª D. Judite Parente, uma das mais esperançosas glorias do professorado primario.

Insinuante e risonha, a distinta professora acolhe-nos com um bom sorriso, cheio de bondade. A curiosidade:

—A que devo a sua visita?...

Feitos os cumprimentos do estilo, fomos direitos ao assunto da nossa palestra, que tinha por fim perguntar a s. ex.ª qual a sua opinião sobre as Escolas Infantis.

A sr.ª D. Judite Parente oferece-nos um *fauteuil*, e um pouco enleiada começa:

—Pouco lhe poderei dizer sobre tal assunto, pois embora muito me honre com a sua escolha sinto que a não mereço, pois existe quem melhor o possa elucidar acerca da criação das escolas infantis.

E após esta tirada cheia da modestia que a caracterisa, a sr.ª D. Judite Parente continuou:

—As escolas infantis são duma necessidade indiscutivel neste paiz, onde o analfabetismo impera sobre os seis milhões dos seus habitantes, e as creanças vivem na mais abjecta promiscuidade, adquirindo vicios que as impossibilitam e impedem mais tarde de frequentar escolas, vegetando sempre num meio prejudicial ao seu desenvolvimento fisico e intelectual.

«A' semelhança do que se faz no estrangeiro, o sr. ministro da Instrução teve a ideia altruista de instituir em Portugal as escolas infantis, arrancando dos bairros infectos algumas milhares de creanças que, durante o tempo em que os pais trabalham, ficam em casa respirando a atmosfera pútrida dos bairros insalubres.

—Mas—perguntamos nós—em Lisboa existem já algumas escolas infantis?

—Apenas duas! E uma é particular, a Escola João de Deus, na Estrela. A outra que existe é em Benfica, anexa á Escola Normal, e que serviu para a nossa preparação pedagogica na especialidade do ensino infantil.

—Que metodo tenciona v. ex.ª empregar no ensino infantil?

—O da Dr.ª Maria Montesori, uma das mais distintas e eminentes scientistas italianas, que foi quem verdadeiramente deu um forte impulso ao desenvolvimento do ensino á infancia.

«Esta senhora dedicou-se primeiramente ao ensino dos individuos anormais, por um processo que é propria inventora, e que lhe deu maravilhosos resultados. Perante o sucesso da sua ardua tarefa, Maria Montesori considerou que se tal processo servia para anormais, muito mais vantajosamente se poderia aplicar á preparação intelectual da creança, dando logo em pratica a sua ideia.

—Em que maneira será ministrada a instrução as creanças?

—Eu lhe digo. O curso infantil será dividido em tres secções: a 1.ª para as creanças de 4 anos, a 2.ª para as de 5, e a 3.ª para as de 6. As escolas infantis são creadas unicamente com o fim de preparar o intelecto das creanças para os estudos primarios, que que deverão receber nas escolas, educa-las convenientemente, pondo-as na 3.ª secção fazê-las aprender as primeiras letras, embora a nossa missão apenas se limite a prepara-la moral e fisicamente.

«Nas escolas infantis receberão as creanças um pequeno «lunch», um pouco de leite, e educar-se-hão mais convenientemente do que permanecendo nos bairros operarios, brincando numa promiscuidade, sujeitas muitas vezes, enquanto os pais estes nas oficinas.

—Onde tenciona o sr. ministro estabelecer essas escolas?

—Não existindo as varias necessarias para a construção de edificios proprios, como era para desejar, terá essas escolas anexas ás primarias, e nos bairros mais populosos de maneira a evitar, quanto possivel, que as creanças fiquem ao abandono enquanto os pais estão no trabalho, o que tantas e tantas desgraças tem ocasionado.

«Em Madrid existem escolas modelares nesse genero, com grandes e frondosos parques, onde as creanças aprendem uma ginastica muito cientifica e que as desenvolve, recebendo o beneficio dos campos, livres tanto quanto possivel, dos infectos centros populosos.

E com um sorriso triste a ilustre professora concluiu:

—Em Portugal nada se pode fazer de semelhante! As verbas faltam para estas obras dum altruismo e duma utilidade incontestaveis!

E com um vigor *shake-hand*, a sr.ª D. Judite Parente despede-nos, conduzindo-nos até á porta do seu gabinete.

O conflicto grego-turco

Os gregos atingem Sakaria

ATHENAS, 22.—O exercito grego, seguindo no encalço das forças kemalistas em retirada precipitada, alcançou a linha do Sakaria, onde o inimigo se entrincheirou. Os gregos conseguiram ocupar uma das pontes deste rio que os turcos não poderam destruir na precipitação da retirada.

Consta que uma acção importante está já empenhada em Dorion, na confluencia do Sakaria, 70 kilometros a sudoeste de Angora. Os aviadores gregos teem precedido a marcha das tropas, bombardeando os turcos na retirada.—(H.)

Onde se espera uma batalha

CONSTANTINOPLA, 22.—Espera-se a todo o momento que se imponha a batalha nas margens do Sakaria, a leste de Tcheeri-Hissar, já ocupada pelos gregos. O terreno oferece vantagens aos turcos na sua nova linha de defesa que tem sido fortemente organisada.—(H.)

As barracas de Algés

Foram hoje removidas pela G. N. R.

No praia de Algés e apareceu hoje uma força de cito praças de cavalaria e novenia homens do 5.º companhia de infantaria da G. N. R. comandados pelo capitão sr. Antunes, que fez um cerco ás barracas ali existentes, para impedir a agressão e gado que queriam.

Pouco depois, 50 praças da guarda dos bombeiros locaes, vieram do Paço de Arcos, procederam á desmontagem das barracas de Algés, que foram transportadas pelos camiões para o Bairro Braz Soares, onde ficaram ao dispor dos seus donos.

Os moradores daquelas barracas levantaram grandes protestos não concordando em que a tropa lhes tirasse as suas casas, o que constituiu... dizem des- volução de... domicilio.

A CAPITAL

3867 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA—Terça-feira, 23 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

A questão dos milicianos

...relata o «Diario de Noti-... correu ontem o boato de que a comissão de guerra da camara dos deputados havia já dado o seu parecer ao projecto referente aos oficiais milicianos, afirmando-se que ele era ridigido em termos a não poderem ser aceitos pelo sr. ministro da guerra.

Depois de lermos esta noticia ficámos indecisos sobre a sua significação.

¿ Que se quererá dizer quando se acentua que os termos do parecer da comissão não são de molde a poderem ser aceitos pelo sr. ministro da guerra?

Por ventura se quererá significar que esses termos são injuriosos, grosseiros ou caluniosos para s. ex.ª?

E' hypothese que nem merece ser considerada porque nem a educação dos membros da comissão nem o assunto de que se trata poderiam permitir uma semelhante linguagem.

Logo, são as suas disposições que se julga poderem desagradar ao sr. ministro da guerra. E' o proprio parecer da comissão que se supõe não seja aceito por s. ex.ª.

Entendamo-nos, porém. Ou esse parecer se baseia nas normas da equidade, ou não tem base desse genero que o justifique.

Se não tem, não é só pelo sr. ministro da guerra que o parecer não poderá ser aceito. E' pelo Parlamento, é pela opinião publica, é por toda a gente.

Mas, tambem, se o parecer é justo, se se baseia nessas normas de equidade que dominam todas as consciencias bem formadas, se ele conclue pela logica, pela rasão, pelo direito, nesse caso o parecer pode não agradar ao sr. ministro da guerra, mas agradará ao parlamento e á opinião. Bom seria que egualmente agradasse ao sr. ministro da guerra, mas se não agradar, tanto peor para s. ex.ª, que estará num campo falso, donde virá passar para uma victoria definitiva a causa do direito e da justiça.

Numa palavra: a questão dos oficiais milicianos não se pode regular por determinados melindres ou caprichos. Lembremo-nos que se trata de homens, a quem a patria reclamou toda a especie de sacrificios, e que seria uma monstruosidade qualquer resolução descaroavel que colocasse essa mesma patria na posição falsa a que sempre conduzem as ingratidões e as injustiças.

Então antes fique nessa posição o sr. ministro da guerra porque s. ex.ª sendo embora um cidadão muito prestante, não vale, como nenhum outro vale, aquilo que a Patria e a Republica valem aos olhos de todos os patriotas e de todos os republicanos.

O que é urgente é decidir a questão dos milicianos. Ha muito tempo que ela deveria estar já resolvida, e se se continuar a manifestar o proposito de praticar uma iniquidade tem-se de contar com o espirito de revolta que as iniquidades despertam sempre nas almas livres.

Um naufragio

1.300 passageiros em perigo

LONDRES, 23. — Um vapor que fez a travessia entre o litoral e a ilha Man chocou contra umas barreiras.

Estão em perigo os 1.300 passageiros que comportava. Os esforços que se teem empregado para os salvar teem tido mau resultado e a situação em que se encontra o barco é muito critica.—C.

Dr. Rodrigues Alves

Pelo paquete «Andes» do Lloyd Brazileiro, chegou hoje a Lisboa o sr. dr. Rodrigues Alves, filho do ex-presidente da Republica Brazileira, que se fazia acompanhar de sua esposa.

Na Embaixada Brazileira foi-lhes oferecido um almoço que decorreu na maior intimidade e animação e a que apenas assistiram os secretarios da Embaixada, sr. Belford Ramos e sua esposa.

Pouco depois partiram todos para bordo do «Andes» que amanhã levantará ferro.

O conflito heleno-turco

CONSTANTINOPLA, 22—O jornal oficioso grego «Patris» recebeu noticias do quartel general, dizendo que o começo do avanço do exercito helenico se fez no dia 21 ás seis horas. Por outro lado as ultimas noticias recebidas da Asia Menor dizem que os turcos detiveram a ofensiva grega e infligiram um revés ao inimigo.—(H).

O Rei Pedro

BELGRADO, 23.—As exequias do rei Pedro realisaram-se no meio de perfeita ordem. A multidão era numerosissima.—(H).

DO ROCIO Á ESTRELA

Uma palestra com o sr. Plinio da Silva

O que diz s. ex.ª sobre a interpelação ao sr. ministro da Agricultura

O deputado sr. Plinio da Silva, volumosa pasta sob o braço esperava o carro electrico.

O sr. Plinio apresentava ontem a sua anunciada moção de desconfiança, quando fôra posta em discussão a proposta do sr. ministro da Agricultura sobre o regimen cerealifero, estando portanto naturalmente indicado para nos fornecer algumas informações sobre o importante assunto.

Um vigoroso aperto de mão, e o ilustre deputado responde á pergunta que lhe dirigimos á queima-roupa, declarando-nos:

—O que penso sobre a proposta do sr. ministro da Agricultura já v. o sabe, pois já o declarei na Camara. Eu, pelo que me diz respeito, garanto-lhe que oporei a maxima resistencia á sua aprovação.

—E a moção de desconfiança?...

—E' méramente pessoal e pouco me importa que os meus correligionarios a aprovem ou reprovem. Eu quero unicamente demonstrar á Camara que acho absurda a proposta de lei do sr. ministro da Agricultura, como de resto o são todas as que s. ex.ª tem apresentado, cheias de emendas e aditamentos!

«Pode lá compreender-se que um ministro apresente um projecto de lei, traduzindo portanto, por esse meio, o seu modo de ver e a sua opinião, e abdique totalmente das suas ideias aceitando as emendas dos outros por tal forma, que no final o projecto aprovado é completamente oposto ao apresentado pelo sr. ministro!...

«Foi o que aconteceu com a questão do Douro! Tantas e tantas emendas e aditamentos o projecto sofreu, que veio a ser absolutamente a antitese das ideias de s. ex.ª!...

E continuando, o sr. Plinio da Silva exclamou:

—Perante tais factos diga-me v. como quer que eu deixasse de apresentar uma moção de desconfiança?...

«Eu compreendo que se apresente um projecto de lei, que deve exprimir sempre a nossa opinião sobre um determinado assunto, e que se admita a introdução de qualquer aditamento, ou outra qualquer modificação, mas nunca que se chegue ao ponto de abdicarmos em absoluto da estructura inicial da proposta, como tem acontecido com o sr. Sousa da Camara.

«Enquanto assim suceder, pode o sr. ministro acreditar que eu não desistirei de apresentar moções de desconfiança a quem não tem ideias proprias e se limita a perfilhar as alheias!...

Nesta altura aparece um carro com a bandeira «Estrela», e o sr. Plinio da Silva salta ligeiro para cima seguido por nós, que não desistimos de ouvir, até final, a opinião de s. ex.ª sobre o assunto.

E continuando a palestra interrompida, nós perguntámos:

—Como pensa v. ex.ª que se poderia resolver essa importante questão dos trigos?

—Existe uma comissão fixadora do preço do trigo, e o preço de $72 centavos por quilo desse cereal foi por ela estabelecido. A população do Alemtejo porém, não aceitou esse augmento, que veio a produzir gravissimas alterações da ordem publica, que podiam ter produzido sérias consequencias.

«Como já o disse a um seu colega da «Capital», esse facto motivou uma complicadissima questão, que deu os resultados já previstos por mim: o vender-se o pão pelos preços mais varios e diferentes uns dos outros. Por esse motivo ainda, nalguns concelhos deixou-se de fabricar pão, sucedendo isso em Elvas, onde esse genero de primeira necessidade faltou durante dois dias, o que é verdadeiramente lamentavel.

«E tudo isso porque? Por causa da gananciosa especulação dos moageiros, que não se cançam de sugar o sangue do desgraçado povo, insasiaveis de ouro!

«Não se pode continuar com tal estado de cousas, que um dia pode terminar duma maneira lamentavel. O sr. Sousa da Camara apresentou ao Parlamento uma proposta de lei regulando a questão, mas regulando-a de tal forma, que é muito peior a emenda do que o soneto!...

«S. ex.ª parece que não tem uma opinião firme sobre o importante problema, a julgar pelos inumeros aditamentos e modificações que a sua proposta tem sofrido, e que dela tem feito um verdadeiro aborto legislativo!...

«Ora é necessario que isso não aconteça e que se pense madura e criteriosamente em solucionar o gravissimo problema, mas de forma a que o pão não venha a ser alimento para ricos!...

—Como resolveria v. ex.ª a questão?... — perguntámos nós, julgando que s. ex.ª ia embuxar um pouco...

—Nacionalisando a Moagem!—respondeu logo o sr. Plinio da Silva—Será essa forma a unica capaz de resolver o assunto a contento de todos e sobre isso apresentei eu já uma proposta de lei.

—Que será reprovada?...

O sr. Plinio sorriu-se e não respondeu.

Estávamos na Estrela.

Instrução pública

Escolas Moveis

Do sr. José Nunes Graça recebemos a carta abaixo, cujos esclarecimentos muito agradecemos:

«Sr. Director do jornal «A Capital».

«A Capital», no seu numero de sábado, fazia umas referencias ás escolas moveis; para elucidação dos seus numerosos leitores, muito convirá que eu lhes diga:

1.º—Dos 330 professores das escolas moveis, 198 (60 °/o) teem o curso das escolas normais, exactamente como os professores das escolas fixas; 34, (10 °/o), possuem aprovação no exame especial a que se refere o art. 37.º do Decreto n.º 5336, exame em que ha provas praticas para julgamento da preparação dos examinandos para o ensino, e cujos programas, não sendo o que muito boa gente supõe, constam do Decreto n.º 5987.

2.º—As provas de aproveitamento realizadas este ano nas 300 escolas moveis que de facto funcionaram (as restantes 30 não funcionaram por doença dos professores, por licenças, chamadas ao serviço militar, etc) foram em numero de 6673—o que certamente não concorreu para aumentar o analfabetismo.

Pela publicação destas linhas se confessa muito grato o etc.

José Nunes Graça

Como se vê, de 330 escolas moveis, só em 300 se conseguiram 6673 provas de aproveitamento, numeros deveras insignificantes, tanto o das escolas, como o dos aproveitamentos, mormente quando se comparam com o numero de escolas que deveria haver num paiz de bons quatro milhões de analfabetos e com a proporção de natalidade.

E cá estamos.

União Liberal

Realisa-se amanhã uma sessão solene por motivo da Revolução de 1820.

Para comemorar esta patriotica data, foram cedidas a esta União as salas da Sociedade Promotora de Educação Popular.

Além do dr. Magalhães Lima, que preside á sessão, usarão da palavra os oradores dr. Daniel Rodrigues, Borges Grainha, capitão Camilo de Oliveira, Barros Lima, Cesar da Silva, Jaime Gouveia, Orlando Marçal e Joaquim Domingo...

Espanha em Melilla

O Embaixador em Paris informa o seu governo

MADRID, 22.—Chegou ante-ontem á noite a Madrid o embaixador em Paris, sr. Quiñones de Léon, que conferenciou com o presidente do conselho e com os principais membros do gabinete e em especial com o novo ministro das finanças. Supõe-se que o sr. Quiñones de Léon veiu dar conta ao seu governo do estado das relações entre a Espanha e a França e mais particularmente das relações comerciais, a que é preciso dar uma solução rapida pois o «modus vivendi» expira em meados de setembro. A respeito da questão da Alta Silesia, o ambiente parece pouco propicio a uma intervenção da Espanha.—(H).

Desmentem-se atoardas

MADRID, 22.—Dizem de Melilla que a noticia que foi publicada em alguns jornais estrangeiros e segundo a qual os rebeldes rifenhos teriam atacado violentamente em massa as tropas espanholas em Xexauen, é destituida de todo o fundamento. As noticias recebidas do Peñon de la Gomera desmentem que os canhões dos rebeldes tenham obrigado a guarnição daquela praça a evacuala.—(H).

Vão principiar as operações em Melilla

MADRID, 23.—Os despachos recebidos de Melilla, principalmente os que publica a «Epoca», parecem demonstrar que está proximo o começo das operações, as quais provavelmente devem abrir-se antes da epoca das chuvas. O general Berenguer calcula que são suficientes para o efeito as tropas e o material de que já dispõe. Além disso, de um momento para o outro são esperadas mais tropas. Por outro lado a «harka» inimiga, que nunca teve mais de 20.000 combatentes em logar de 30.000, como a principio se disse, teria as suas forças notavelmente diminuidas e estaria agora reduzida a uns 12.000 homens, cifra esta que ainda ha de baixar por ocasião das somenteiras.—(H).

Tropas para Melilla

CADIZ, 23.—Espera-se aqui hoje o transatlantico «Afonso» XIII» procedente de Bilbau com tropas para Melilla.—(A)

O problema do funcionalismo

A compressão.—O ponto de vista economico e o da produtividade burocratica.—Os empregados são de mais ou de menos? Andam mal remunerados ou não trabalham?

«A Capital» tem tomado muito a peito o importante problema que oferece aspectos varios, qual deles mais interessante.

A compressão de funcionarios não pode nem deve ser considerada exclusivamente no sentido economico da redução da despesa orçamental. O ponto de vista da productividade não é menos interessante para a economia geral do Estado.

Comparativamente com outros paizes, o nosso numero de funcionarios publicos não é tão exagerado como se pretende. Os seus ordenados tambem, nalguns casos, ficam um pouco áquem dos similares em Inglaterra, ou Estados Unidos.

Por isso dizemos que a produtividade tem de ser considerada.

Mal compreendemos como possa ser exagerado o numero de empregados publicos, quando os serviços andam todos atrazados, especialmente os de estatistica geral, que não vão muito áquem de 1917, os que até ali chegam, porque muitos outros ha que se encontram atrazadissimos.

E isto ligeiramente, porque se quizermos falar das estatisticas especiais, em Portugal ignora-se tudo. Sabemos muito mais da pecuaria chilena, argentina ou peruviana, do que da nacional.

Portanto, ou o numero de funcionarios em Portugal é inferior ás necessidades do Estado, ou é suficiente mas mal remunerado, ou suficiente mas ocioso, desperdiçando as horas uteis e não trabalhando.

Eis o que aos Estadistas cumpre averiguar para solucionar o problema definitivamente.

Uma carta de revelações curiosas e merecedoras de ponderação

A proposito deste interessante assunto recebemos de um Empregado Publico uma carta que publicamos na integra:

... Sr. Director de «A Capital»

Com muito aprazimento, visto ser funcionario publico, tenho acompanhado a calorosa defesa que, no seu conceituado jornal, vem sendo feita do funcionalismo.

Exactamente por esse motivo, venho comunicar a v. uns factos interessantes que provam bem quanto é grande o desejo de se comprimirem despezas, por parte de alguns individuos que pretendem a redução do funcionalismo.

Veja-se por exemplo como procede um dos apologistas dessa reducção, para compressão.

O Secretario Geral do Ministerio da Agricultura, só em Agua do Luzo, gasta, ao Estado, por mez, uma media de vinte escudos.

Na Direção Geral de Economia e Estatistica Agricola, ha um certo oficial que tem uma verba de quarenta escudos mensais a titulo de serviços extraordinarios (entrando ás 11, e saindo ás 17), mais dez escudos por estar exercendo o lugar de chefe de secção Administrativa, e isto é na repartição onde o chefe diz que serões e horas extraordinarias eram uma vergonha (sendo elle que arranjou estas verbas para este seu amigo intimo)!

Na Secretaria Geral do mesmo ministerio, dois empregados, cujo nome não será necessario citar, que recebem a gratificação de trinta escudos cada um, a titulo de fazerem o serviço de expediente da Junta do Fomento Agricola (sendo as entradas aqui e na secretaria ás 11 e saidas ás 17. Não sabemos como possa isso ser! Ou lá ou cá.

São estes casos e outros que indicam bem, por onde se devia começar a comprimir as despesas.

E como estes quantos casos ha?

Sendo estes os apologistas, que se dará com os outros.

Termino Sr. Director, agradecendo a v. a publicação desta.—De v. etc.—Um empregado publico.

A Conferencia do desarmamento

WASHINGTON, 23. —O departamento do Estado recebeu uma nota de lord Curzon, comunicando-lhe oficialmente que o governo da Grã Bretanha tomará parte na conferencia do desarmamento.

O governo britanico espera que a conferencia tenha resultados de grande alcance, de maneira a trazer ao universo a prosperidade e a paz.—H.

ATLANTIC CITY, 23. — O sr. Gompers comunicou ao presidente Harding que aprova o pedido feito pelos trabalhadores para tomarem parte na conferencia do desarmamento.—H.

Tribunal dos arbitros

Deve realisar-se, num dos primeiros julgamentos deste tribunal a acção movida pelo sr. Virgilio de Sousa contra os cidadãos alemães Eduard Katzenstein e Eduard Lohmann, representantes em Lisboa da firma Herm. Katzenstein G. m. b. H, de Hamburgo.

UMA QUESTÃO TEATRAL

CARTA ABERTA

ao Ex.mo Sr. Armando Ferreira, ilustre redator de «A CAPITAL» e abalisado critico de teatro:

Ex.mo Senhor:

Na sua carta aberta, publicada em «A Capital» de hontem envolve-me v. ex.ª numa questão, a que, felizmente sou, por emquanto, completamente alheio.

Quando apresentei ao ex.mo sr. Governador Civil, na minha qualidade de Presidente do Nucleo de Autores Dramaticos, uma queixa contra os plagiatos contidos na revista «Trólaró» não fiz mais do que executar o mandato da Assembleia Geral do Nucleo.

Além de varias queixas dos meus consocios que se consideravam lesados e ás quais oficialmente tive de dar andamento, estava ainda encarregado pelo sr. dr. Paul Pompeï de reclamar em nome dos Autores Francêses.

Essa questão foi, porém, liquidada num entendimento com os autores do «Trólaró» que muito leal e sinceramente apresentaram justificações que a Assembleia Geral do Nucleo aceitou, com a mais benévola cordialidade para com os noveis escritores.

Com respeito á revista «Tic-Tac» não tenho até ao presente reclamação alguma dos meus consocios, nem qualquer incumbência do sr. Paul Pompeï. Não me subsiste, portanto,—felizmente!—nenhum genero de autoridade para a interferência que v. ex.ª me pede.

De resto, nada autorisa v. ex.ª a supôr que a Empresa do Eden Teatro não esteja nas mais honestas disposições de pagar ao sr. Paul Pompeï os direitos devidos pela adaptação do quadro da revista francêsa. E neste caso subsiste apenas, para alimentar a indignação de v. ex.ª, o facto de ter ido ao palco o sr. Xavier de Magalhães agradecer as palmas que o quadro mereceu do publico. Neste ponto, porém, é que se me afigura ter havido da parte de v. ex.ª um pequeno erro de interpretação; o sr. Magalhães não foi, decerto, agradecer como autor, mas como tradutor; simplesmente se esqueceria de incluir no cartaz essa minuscula informação.

Contra esse esquecimento, porém não tenho eu que me pronunciar, porque cada qual é responsavel pelos seus actos; é aos criticos autorisados, como v. ex.ª, que compete exercer o policiamento dos bons costumes em teatro, na certeza de que encontrarão no Nucleo de Autores Dramaticos o mais completo apoio moral em todas as campanhas de saneamento que intentarem.

O sr. Xavier de Magalhães não é socio deste Nucleo e apenas o conheço muito superficialmente, o que não me impede de o considerar um perfeito homem de bem. Quanto a Alberto Barbosa e aos demais indigitados autores encobertos do «Tic-Tac», são pessoas da mais alta honorabilidade, com cuja boa estima desvanecidamente me honro. Não quero isto dizer que, se como presidente do Nucleo houver de contra eles proceder, o não faça com a firmeza e desassombro que timbram todos os meus actos e com uma «sinceridade» de que não dou a v. ex.ª nem a alguem neste mundo o direito de duvidar.

Como penhor desta «sinceridade», tomo para com v. ex.ª o compromisso de propôr, na proxima assembleia do Nucleo, que a nenhum autor seja permitido firmar peças, quadros ou numeros de autoria estranha, sem a expressa indicação no cartaz. Só depois de aprovada esta resolução eu terei o direito de intervir contra as infracções.

Não vi o «Tic-Tac» e não posso, por conseguinte, aquilatar das alusões que v. ex.ª reputa impertinentes, ao desastre de Melilla e a senhoras em evidencia.

Pessoalmente, é minha norma tributar ás senhoras o maximo respeito; acato egualmente a opinião de v. Ex.ª de que a insurreição do Riff, que ceifou em plena floração 14.000 mocidades, cobrindo de luto e de lágrimas um paiz que nos cumpre respeitar, não deve fornecer assunto jocóso a uma revista.

Como Presidente, porém, do Nucleo de Autores Dramaticos, só me pertence proceder quando as damas alvejadas ou s. ex.ª o Ministro de Espanha me imcumbir esse mandato.

Rematando e para que nem tudo seja desinteressante nesta longa epistola, vou fornecer a v. ex.ª uma nota absolutamente inédita: Vi, como v. ex.ª o quadro em questão na Revista «Cache ton piano» do Mariguy de Paris, firmada por Georges Arnould. Antes disso, porém, já a havia visto no teatro «Alhambra» de Bruxelas, exatamente egual, com as mesmas personagens e os mesmos truques, numa revista belga firmada por autores belgas.

França e Belgica assinaram a Convenção de Berne e Conferencia de Berlim de 1908; a quem devem pois, os autores do «Tic-Tac» mandar pagar os direitos do quadro luso-franco-belga?

V. ex.ª com os amplos recursos de informação de que dispõe «A Capital» é que poderá obter sobre o assunto esclarecimentos definitivos. Não me admirarei se viermos a apurar, em ultima análise, que o quadro, afinal, seja americano.

Fazendo votos por que deste complicado incidente não sobrevenha uma conflagração literaria internacional, desejo a v. ex.ª, com a maior consideração.—Saude e Fraternidade, Lisboa, 23 de Agosto de 1921.—*Felix Bermudes.*

PROPOSTAS DE FINANÇAS

Não insista, sr. Barros Queiroz!...

Não é licito, num governo republicano, a resistencia á opinião publica

A comissão delegada da Associação dos Funcionarios Publicos, que hontem á noite conferenciou com o sr. Presidente do Ministerio, recebeu dele a promessa de que estudaria convenientemente a contra-proposta que a corporação elaborou, para a redução do quadro do funcionalismo civil.

O chefe do governo não podia proceder de forma diversa. Num regimen democratico, vigorando em pleno periodo constitucional, nenhum govêrno se pode desinteressar das manifestações da opinião e muito menos lançar no cesto dos papeis inuteis os documentos de estudo que os cidadãos queiram submeter ao seu exame. O sr. Presidente do ministerio, deve já estar convencido de que a proposta-força jamais será convertida em lei, quaisquer que sejam as pressões que o chefe do Poder Executivo pretenda exercer sobre os representantes da Nação. E, mais ainda! será o sr. Presidente do ministerio quem mais lucraria com a queda da proposta-força porque se ela se tornasse lei do paiz, seria, nas mãos de qualquer governo, o actual ou outro, uma arma temerosa, uma espada de Damocles suspensa sobre os partidos da oposição, originando as maiores perturbações, criadas principalmente pelas pressões politicas que os partidarios não deixariam de exercer sobre os seus correligionarios ministros.

O sr. Barros Queiroz sabe perfeitamente que o partido liberal perdeu as eleições e que o governo a que preside não vive constitucionalmente senão pela tolerancia dos democraticos,—tolerancia que terminará quando a estes convier. Os democraticos não consentiriam no poder o partido liberal se, por acaso, este conseguisse ver aprovada no Parlamento a proposta-força,—essa famosa proposta de lei que autorisa o governo a reformar, de «fond-en-comble», todos os serviços publicos, seja qual fôr a sua natureza. Isto é duma tal simplicidade que não é preciso ser um politico da escola de Metternich ou de outro estadista de prolixa para se ver quanto é verdadeira.

Pode o sr. Barros Queiroz estar na intenção de não fazer uso da lei como arma de engrandecimento do seu partido. Não nos repugna absolutamente nada acreditar que assim é. Mas o sr. presidente do Ministerio tem em volta de si toda uma multidão de politicos, que lhe farão um cerco em regra, para o obrigar a servir-lhes os interesses partidarios. Não poderá resistir-lhes. E será ainda peior que lhes resista e os leve de vencida, porque, nesses casos, deixará o poder e será substituido por outro chefe do governo que o sr. Barros Queiroz nem ninguem poderão assegurar que virá a ter os escrupulos legalistas e a isenção partidaria do sr. Barros Queiroz.

Não insista o sr. ministro das finanças na aprovação da proposta-força, tal qual ela saiu do seu gabinete. Não insista, dizemos-lho lealmente. As dificuldades de governar são já suficientemente grandes e graves para se favorecerem, artificialmente, mais algumas. A Republica não pode prescindir de desinteressados defensores. E o sr. Barros Queiroz sabe muito bem que o funcionalismo civil é profundamente, dedicadamente republicano, excepção feita dos altos burocratas, que esses são, em regra, pau para toda a obra.

Não insista, sr. Barros Queiroz!

Casa dos Jornalistas

Deve ser hoje aprovado no Parlamento o seguinte projeto de lei:

Art. 1.º—E' autorisado o governo a ceder a titulo provisorio á Casa dos Jornalistas, associação legalmente organisada com séde nesta cidade a parte urbana e rustica do predio denominado «Quinta Vigia» na cidade do Funchal, da ilha da Madeira a fim de ser na mesma propriedade instalada uma casa de repouso para jornalistas e homens de letras que a referida «Casa dos Jornalistas» se propõe proteger e amparar nos termos dos seus estatutos.

Art. 2.º—A cargo da mencionada Casa dos Jornalistas ficarão as despesas a fazer com a adaptação da parte urbana da aludida propriedade ao fim a que é destinada, ainda com a conservação da mesma propriedade, e sem direito a poder exigir em qualquer tempo qualquer indemnisação.

Art. 3.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Malas Postais

Pelo vapor «Winfried» são amanhã expedidas malas postais para Las Palmas e Africa Ocidental, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Vapor encalhado

No Instituto de Socorros a Naufragos foi hoje recebido um telegrama dizendo que o vapor inglez «Patela» encalhado proximo ao Cabo Raso, foi abandonado pela respectiva tripulação o que se efectuou a noite passada por meio do cabo vae-vem, tendo vindo tambem para terra o capitão do porto de Cascais, primeiro tenente sr. Martins de Barros, que desde o encalhe nunca mais abandonou o na...

O eterno problema do azeite

O «complot» açambarcador. Uma industria que se perde

De ha muito que em Portugal se passa o que quer que seja de anormal com este artigo de primeira necessidade.

Agricultores, negociantes, comerciantes, pequenos intermediarios, e não sabemos se algumas vezes tambem os governos, parecem mais ou menos entendidos num conluio, economica, politica e socialmente criminoso, para o desaparecimento deste genero que hoje constitui a primeira base gordurosa para a confecção da cosinha portugueza.

Na legislatura passada, um dos nossos colegas da redacção, o sr. Lelio Batalha, ocupou-se no parlamento deste momentoso assunto. Com valiosa documentação estatistica e estudo, chamou a atenção da camara de que fazia parte para a grande calamidade que nos ameaçava—a perda completa da industria do azeite motivada pela exportação criminosa que se estava fazendo da azeitona.

Declarou mais que estava habilitado a solucionar o grave problema por uma serie de medidas—tres—a primeira das quais consistia na proibição rigorosa da exportação dos frutos da oliveira.

O azeite tem sido para muitos uma mina do caroço

A camara ouviu, escutou e votou a urgencia, que, segundo o regimento obriga a respectiva comissão a dar parecer dentro de quinze dias.

Todos se lembrarão que quasi todos os dias o nosso colega reclamava, ás vezes até com certa energia...

Os pais da patria concordavam; era urgente acudir a esta calamidade...

Mas a comissão ainda não tinha dado parecer... e a azeitona lá se ia toda sumindo pela fronteira!...

Em que consistia o negocio?

Uma verdadeira mina do caroço.

Os negociadores espanhois pagavam aos agricultores cada quilo de azeitona, sem mais despesa de transporto, no lugar mesmo da compra, por um escudo — dez tostões antigos — que para eles era menos de uma peseta, graças ao cambio.

Como em média, bastam uns 6 a 7 quilos para dar um litro de azeite, o preço para os lavradores equivalia a venderem por seis ou sete escudos cada litro pelo qual, depois dos trabalhos de condução, lagaragem e vasilhame, não poderiam obter mais do que dois escudos ou dois e meio.

Portanto, esta exportação acomodaticia, embora condenasse á fome a população portugueza representava um lucro de 65 por cento para os donos de olivais...

A Camara compreendeu mas não insistiu... Tambem lá havia representantes da agricultura investidos na cathedra de legisladores!

Só mais tarde, quando a azeitona já estava toda colhida e exportada, é que a proposta teve viabilidade... que não foi mais aceita, por tardia.

Uma industria que definha—A miseria que alastra... As bichas...

Ainda não vai decorrido um ano que isto foi, nem cousa que se pareça.

A especulação por um lado, o açambarcamento por outro, e a exiguidade do producto, graças á cumplicidade criminosa de varios elementos, faz com que, em vez do paiz exportador de azeite de oliveira, como tantas vezes temos sido, nos tornassemos subsidiarios da visinha Espanha, que nos envia o azeite que quer e tem na vontade, fabricado com azeitona que lhe vendemos por uma tuta e meia, misturada com gergelim, amendoim e quantas outras mal saborosas sementes que lhe querem misturar...

E' uma industria que nos vae desaparecendo, e a miseria que se vae desenvolvendo...

Nem pão, nem azeite... Nada...

Hoje tem-se dado um espectaculo deplorabilissimo de que já estavamos esquecidos, mas que a miseria alimenticia volta a reeditar.

As bichas, as lamentaveis, pouco hygienicas e muito vergonhosas, quando não imoraes repetem-se...

—Azeite!... Não já ás garrafas, mas aos decilitros... por cabeça, e disputados a murro...

Um desastre fatal

PORTO, 22.—O fogueiro José Gomes da Costa que na estação de Trofa caira da locomotiva em que seguia, faleceu no hospital.—(H).

As notas em França

PARIS, 23.—Foi publicado um decreto que anula o decreto que proibe a entrada em França, sob qualquer regimen, das notas de banco e de quaisquer outros instrumentos monetarios russos.—(H).

A assembleia da Sociedade das Nações

Os representantes da França

PARIS, 23.—Os srs. Léon Bourgeois, René Viviani e Gabriel Hanotaux serão os representantes da França na assembleia da Sociedade das Nações que deve realisar-se no dia 5 de setembro em Genebra—(H.)

Exemplos de patriotismo

O distinto medico dos hospitais sr. dr. Fernando Matos Chaves poz de parte os recalcificantes estrangeiros e passou a usar, com exito muito superior a «Fibrocalcina», que, como se sabe, é usada em todos os sanatorios do paiz

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

Funcionalismo judicial — Juizes de Fóra — Licenceados, doutores e bachareis—O flagelo dos escrivães e tabeliães — Monografia dos Alcaides

Além dos de Aldeia, havia os Juizes Ordinarios, do Civel, dos Orfãos e dos Propriedades, o tambem os de Fóra.

Estes, dos mais antigos, chegaram a parecer insuficientes para tratar dos crimes, delictos, desordens e malefícios.

Por isto se criaram os Ordinarios e outros, o que não impedia que D. João I enviasse ás diversas Comarcas, de quando a quando, Corregedores e outros seus oficiais, indo depois ele proprio em pessoa a colocar novos Juizes por ele, em Lamego, Vizeu, Guarda, Trancoso, Pinhel e Castelo Branco. (1)

Dos oficiais (funcionarios) queixava-se o povo:—«o oficial tem oficio e ais.

Os factos levavam-no a ponderar com certo desdém:—«não deves dar mal por mal, nem creias oficial».

Chegaram os Juizes de Fóra a constituir tal escandalo e opressão, que os povos vinham continuadmente a reclamar, porque tinham de lhes pagar mantimento e alojamento.

Na representação que fizeram ás Cortes em tempo de D. João III, queixavam se amargamente da grande opressão que recebiam dos Juizes, e de terem de dar a tantos Corregedores camas e pousada de graça.

A sua nomeação conferia-lhes direito a usar no cargo todos os poderes, além dos consignados no Regimento dos Juizes Ordinarios e mais a alçada que lhes conferiam certos alvarás especiais.

Por deliberação de D. Manuel, a nomeação deixou de recair nos filhos, como anteriormente, mas sobre Licenceados, Doutores e Bachareis.

Estes, que colaboraram na maquiavelica revisão dos Forais, a pretexto de unificação de moeda, desde D. Manuel passaram a constituir uma praga, na frase contundente de Sá de Miranda, porque assumiram uma preponderancia desnecessaria, e, sob a invocação de leis que eles proprios grangeiam para seu uso e proveito da realeza, obtiveram privilegios e preferencias, invadindo atribuições alheias e exercendo funções tão complicadas como prescindiveis.

Manuel José de Paiva (2) alude a um dictado em voga no seculo XVIII: —«ho bem bacharel.»

Já despareceu do uso, mas ainda hoje se diz ironicamente a quem quer impôr-se nos:—«Sempre é muito doutor!»

Na frase pitoresca do povo, amiude se ouve dizer que um burro carregado de livros é doutor, tal a ingrata memoria que nos resta dos velhos Licenceados e Bachareis, enredadores, mentecaptos e tagarelas fastientos.

A praga ainda até hoje não foi, nem sequer atenuada. Escasseia-nos autoridade tecnica para anrma-lo. Falem por nós as autoridades incontroversas.

Já Garret, no seu tempo, perguntava ironicamente:

—Onde estão as Universidades e o que faz essa que há, senão dar o seu grausito de bacharel em leis e medicina?» (3)

Tambem mestre Teofilo Braga, a mais erudita cerebração da Peninsula nos tempos modernos, aí por 1874 nos falava da «bestialidade proverbial de modernos doutores que entraram para o magisterio da Universidade (Coimbra) pelo direito com que se adquire um lugar nos azilos de mendicidade.» (4)

«Andavamos todos, como ainda hoje andamos, enredados numa legislação desconexa, confusa, cheia de escapatorias, preparada com malhas e abertas por onde tudo se justifica num sentido ou no oposto.

Não era facil nos velhos tempos resistir á opressão legalista que se apoiava no poder real. Mas em uns tempos toleraveis, o povo lavrava o seu protesto, quando dizia:

—«Mulher de mercador que fia, escrivão que pergunta pelo dia, oficial que vai a caça, não ha mercê que Deus lhe faça.»

Não menos curioso era est'outro:—«Deus te guarde de «parafo» de legista, e do «infra» de Canonista, e de «et caetra» de escrivão, e do «récipe» de Matasão (mata-sanos, curandeiro.)»

Num e noutro se alude aos escrivães e tabeliães que constituiam mais um grande flagelo. Havia-os Judiciais e do Paço, além dos Notarios, fiscalisados pelos Corregedores.

Além de serem demais em numero, usavam e abusavam. Já em Cortes de 1371 o povo se queixava de haver dez e doze tabeliães por favor, onde dantes só havia cinco ou seis.

Como eram pobres, promoviam demandas e desordens nas terras onde exerciam o cargo, a fim de enriquecer depressa. Eles proprios se faziam advogados dos pleitos para tudo lhes ficar em casa.

A lei não lh'o permitia, mas os Corregedores, faziam a vista grossa, quem sabe lá por que preço, e os Vedores da Chancelaria não castigavam!

Nas Cortes de 1481 queixou-se o povo de que os tabeliães andavam sempre a tirar devassas de como cada qual vivia, mas ninguem ia devassar deles e da sua vida escandalosa. Tambem havia queixas de receberem o tresdobro dos honorarios que lhe eram devidos.

Completavam este deploravel quadro de opressão os Alcaides, especie de oficiais de Justiça, sempre feitos com as partes e com os contrarios, tranquibernando com tudo e com todos, usando e abusando das suas prerogativas, numa ancia de enriquecer.

Estas figuras de Justiça nem sempre eram limpas e escorreitas:—«alcaide do campo, ou coxo ou manco».

Interesseiros até ao exagero:—«o nosso alcaide nunca dá passada de graça»—, metiam-se em toda a parte, fosse pela porta ou pela janela, o que levava o povo a reconhecer que—«o Alcaide e o Sol, por onde quer, entram».

Do espirito ganancioso que os animava, fala este ja esquecido adagio velho:—«Alcaide em andar, moinho em moer, ganham de comer».

Com o desaparecimento desta entidade esqueceram os anexins a que dava origem, mas subsiste ainda na memoria do povo o nome, com o derivado sentido de cousa velha, desnecessaria, quando não inconveniente e prejudicial.

Os lojistas chamam alcaides ás fazendas que de ano para ano lhes ficam nas prateleiras sem venda possivel.

Tambem na voz popular se diz alcaide a pessoa inutil que, por indolencia, enfermidade ou velhice, se torna pezada aos outros, sem que da sua presença e vida resulte o menor proveito, seja para quem fôr.

O que seria, pois, a justiça num tempo em que as categorias e alçadas eram tão numerosas e mal definidas, que mais imperava o arbitrio do que a lei?

Os anexins de então, que a historia felizmente arquivou, bem deixavam transparecer a indignação contra o arbitrio que parecia a unica lei:—«prendeu-me o Alcaide, soltou-me o Meirinho.»

Doutras vezes dizia se á inversa:—«fugi do Alcaide, cahi no Meirinho.»

Por analogia e dada a nossa instabilidade e volubilidade de caracter, tambem se dizia e ainda hoje se repete:

—«Guardou-se da mosca, comeu-o a aranha.»

E tambem:—«Sayo do lodo, cayo no arroyo.»

(Continúa).

Ladislau Batalha

(1) Mem. sobre a origem dos nossos Juizes de Fóra, por José Anastacio de Figueiredo—IV.

(2) «Enfermidades da lingua portugueza.»

(3) «Viagens na minha terra» — Cap. XIII.

(4) «Vida de Camões» — P. II—Liv. I—Cap. IX—247.

Poeira da Arcada

A direcção da Associação Comercial de Lisboa teve hoje demorada conferencia com o sr. presidente do ministerio, tratando de varios assuntos, entre eles, a questão cambial, a cobrança integral dos direitos aduaneiros em ouro, etc.

O sr. O'Neill Pedrosa instou com o sr. ministro do Trabalho para que da verba da assistencia publica se conceda um subsidio á delegação da Cruz Vermelha no Seixal, que presta importantes serviços de assistencia e está lutando com falta de recursos.

A direcção da Associação dos Professores das Escolas Industriais e Comerciais, solicitou uma audiencia do sr. ministro do Comercio, para apresentação de reclamações da classe.

O sr. ministro do Comercio instalou hoje a comissão do comercio de exportação.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Já regressou do Estoril o nosso colaborador sr. Armando Ferreira.

—Parte na 5.ª feira para o Luso o nosso amigo e distinto artista Leitão de Barros.

ULTIMA HORA

SERVIÇOS PUBLICOS

A reorganisação da Policia Administrativa

Constando-nos que o sr. general Abel Hipolito, ministro do interior tenciona reorganisar os serviços da policia Administrativa, lembrámo-nos de procurar o seu ilustre director, sr dr. Clemente Gomes, que nos recebeu com a sua habitual gentileza.

Exposto o motivo da nossa visita, s. ex.ª diz-nos, depois de nos indicar um fauteuil junto á sua mesa de trabalho:

—Eu não sei se o sr. ministro pensa, de facto, em reorganisar esta policia, o que sei e lhe posso dizer é que essa reorganisação impõe-se por todos os motivos, principalmente sob o ponto de vista economico.

«A policia administrativa conta actualmente 60 agentes e 32 cabos e guardas, pessoal insuficientissimo e mal remunerado, e que é assim distribuido: Na secretaria 22 homens, o que não é demasiado se atendermos ao expediente e mais serviços que por aqui passam; na Repartição Sanitaria, temos 10; no Posto Maritimo de Desinfecção temos 13, numero relativamente pequeno, apesar de ser este um dos serviços mais bem organisados, e que teem merecido os elogios dos estrangeiros que nos visitam; na secção de vacina estão 2, e finalmente ao serviço do Instituto de Higiene estão actualmente 4, empregados na fiscalisação do leite.

E verificando os numeros dados, o sr. director constatou:

—Mas, não, ainda faltam 8 homens empregados no serviço de fiscalisação das diversas transgressões, e 6 na fiscalisação dos automoveis. Estes ultimos formam 2 brigadas de 3 homens, o que é evidentemente muito insuficiente, não permitindo nunca empregar o rigor que era necessario na repressão dos excessos de velocidade e outras trangressões que dificilmente podemos evitar.

«Com a mendicidade temos nós usado do maximo rigor no sentido de a evitar quanto possivel, prendendo os mendigos e sujeitando-os a um exame medico.

«Após esse exame, ou os mendigos são considerados incapazes de trabalhar e logo em seguida entregues á Albergaria de Lisboa, ou, o não são, e eu imediatamente os entrego á policia de investigação como vadios.

«No entanto, quantas e quantas vezes os mendigos internados na Albergaria saem dali por pedidos das familias dos infelizes, que preferem ve-los mendigar expondo a sua miseria! Ha anos tambem em que esses desgraçados não encontram alojamento na Albergaria e torna-se forçoso deixa-los continuar na sua triste vida! Que quere? Se não ha verba!...

—E com a prostituição?...

—Da-se o mesmo caso—diz-nos o sr. dr. Clemente Gomes.

«Toda a gente acusa a policia de andar á caça da multa, quando afinal as importancias das multas por transgressões das posturas são um numero insignificante e não dão, sequer, para pagar as visitas clinicas dos 6 medicos que esta policia tem. Veja v. que elas, as toleradas, nem mesmo pagam a matricula e o livrete que nessa altura recebem!

«Algumas das meretrizes toleradas preferem sofrer no domicilio a visita medica, que é feita sempre todas as semanas, e pagam por tudo 2 escudos mensais! As outras, aquelas que vão aos locais designados para tais exames, não gastam com isso um só centavo, não havendo nada que explique a injustiça de certos jornais acusando os agentes de andarem á caça das multas.

E s. ex.ª conclui:

Já vê v. que a reorganisação desta policia impõe-se, como no principio da nossa palestra lhe disse, tornando-se tambem necessario criar verbas para ocorrer ás despesas a fazer com o desenvolvimento destes serviços.

E o sr. dr. Clemente Gomes poz ponto na palestra com um sorriso e um «shak-hands».

Provincias Ultramarinas

O alto comissario em Angola vai brevemente remodelar os serviços aduaneiros da provincia e actualisar as respectivas pautas.

Foram nomeados professores para o liceu de Margão, Indio, os srs. Tolentino do Rosario e Sousa, Sebastião José Bento, Abel da Conceição Luz e Rugoba Sinai Nagorcencos.

Ao contrario do que um jornal da manhã noticiou, não consta que o sr. general Norton de Matos, alto comissario em Angola venha brevemente a Lisboa, pois que as estações oficiais não receberam qualquer comunicação acerca do assunto.

Foi determinado que os salarios dos indigenas de Moçambique, compelidos ao trabalho, sejam pagos em ouro, sem cambio. Quaisquer salarios em divida desde Janeiro do corrente ano, serão pagos por esta forma.

Parlamento

Nos Deputados

A's 13.12 estão na sala 32 legisladores.

E' numero suficiente para se ler a acta e o expediente, o que se fez.

Em seguida o sr. Plinio Silva pede á presidencia providencias para o caso já tantas vezes tratado de se pedir documentos que nunca mais aparecem.

O sr. Presidente promete tratar do caso.

Como não haja numero para os trabalhos poderem prosseguir apesar de já serem 13.40, espera-se.

O sr. Plinio Silva invoca o § unico do art.º 21.º para que os trabalhos prossigam.

Mas o sr. Presidente por seu lado lê os artigos 33.º-A e 33.º-C pelos quais a sessão não pode prosseguir enquanto não estiverem presentes 55 deputados.

Entretanto vão chegando alguns legisladores.

Por esse motivo (ás 13.50) dá se prosseguimento aos trabalhos.

Aprovou-se o expediente, do qual faz parte um pedido de licença por 45 dias, do sr. João Camoezas, e um voto de sentimento pela morte de um filho do deputado sr. Martinho de Barros.

O sr. Mario de Aguiar, estando presente o sr. Ministro da Justiça mais uma vez trata dos casos ocorridos com os catolicos em Leiria e no Porto, assim como em Castelo Branco, justiçando por providencias, como satisfação aos catolicos.

Aproveitando estar no uso da palavra, pregunta ao sr. ministro da Justiça o que pensa sobre o minimo das reclamações religiosas e se pensa levar á Camara alguns projectos de lei tendentes a satisfaze-las.

O sr. ministro da Justiça responde ao deputado monarquico dizendo que os casos referidos são da alçada das autoridades.

Considera as perguntas do sr. Mario de Aguiar uma exploração politica a que ele como ministro da Republica não se presta. A pasta da Justiça é neutra, e em armonia com ela a neutralidade tem procedido sempre. Nada tem que responder sobre as suas crenças religiosas, com que ninguem nada tem que ver. Apenas dirá ao deputado sr. Mario de Aguiar que no seu ministerio só se procederá dentro dos limites da justiça e conforme for mais necessario a manutenção da ordem.

O sr. Vasco Borges pregunta tambem ao sr. ministro da Justiça o que tenciona fazer ácerca da situação dos oficiais de Justiça.

O sr. Ministro da Justiça responde que ainda antes de fechado o Parlamento tenciona levar ao Parlamento uma proposta sobre o assunto.

O sr. Pedro Pita insta pela discussão do seu projecto sobre os oficiais milicianos.

Seguidamente foi a sessão interrompida por meia hora para confecção das listas para eleição de delegados ao Conselho Colonial e Conselho Superior de Finanças.

Reaberta a sessão o sr. presidente nomeia uma comissão para introduzir na sala o sr. Fausto de Figueiredo, depois do que se procede á eleição, que deu o seguinte resultado:

Conselho Colonial:—Vasconcelos e Sá, Soares Branco e Rodrigues Gaspar.

Conselho Superior de Finanças:—Moura Pinto, Ribeiro de Carvalho e Francisco José Pereira.

Substitutos:—Paulo Menano, Bernardo de Matos e Ramos da Costa.

Nesta altura foi tambem introduzido na sala o novo deputado sr. João de Ornelas.

O sr. ministro do interior requere que entre imediatamente em discussão a sua proposta sobre a reforma da policia. Aprovado.

O sr. Pedro Pita insurge-se contra o facto, visto não haver ainda sido distribuidos os pareceres respectivos.

O sr. Plinio Silva lembra que os ministros que não são deputados, não podem fazer requerimentos.

O sr. Presidente informa que o sr. ministro apenas fez um pedido.

O sr. ministro do interior, em vista da dificuldade apresentada, retira o seu requerimento.

Mas o sr. Presidente informa que a Camara já deu autorisação, pelo que se entra em discussão na sessão seguinte.

Entra-se na discussão da proposta sobre o regimen cerealifero.

Continua no uso da palavra o sr. Plinio Silva que á hora a que fechamos este extrato estava fazendo um ataque á proposta, dizendo que ela está já condenada.

No Senado

Aprovam a acta 33 senadores.

O sr. Dias de Andrade volta a referir-se aos acontecimentos do Porto e Leiria, pregunta ao sr. ministro do Interior se s. ex.ª já mandou proceder a um rigoroso inquerito.

O sr. ministro da Instrução disse ter a impressão de que em Leiria a guarda republicana parece ter actuado mais sobre a procissão do que sobre os desordeiros, estando na disposição de proceder rigorosamente.

O sr. Dias de Andrade insiste para que s. ex.ª não descure o assunto.

O sr. Catanho de Menezes chama a atenção do governo para a carestia da vida que, dia a dia, está se tornando mais assustadora. Ligado a este problema está o das cambiais, o qual na sua opinião ja deveria ter sido discutido. Refere-se por ultimo á enorme escassez de casas para alugar, lamentando que até hoje os governos nada tenham feito no sentido de remediar a crise.

O sr. ministro do Interior promete transmitir a todos os seus colegas as considerações do orador.

A' hora de encerrarmos este extrato a sessão continua, indo entrar-se seguidamente na ordem do dia, que se espera seja absorvida pela interpelação do sr. Julio Ribeiro ao sr. ministro da Marinha sobre a questão da pesca do atum.

Notas politicas

Um brilhante discurso do sr. ministro da Justiça

O sr. dr. Matos Cid, cujo talento se afirmou, tantissimas vezes, nos tribunais juridicos e parlamentar, teve hoje ocasião de responder, num eloquente improviso, ao ataque dum dos deputados monarquicos, o sr. Mario de Aguiar.

Este ilustre parlamentar pretendeu, no interesse do seu partido, levar para a discussão um assunto irritante, reeditando a questão religiosa. O seu excesso de zelo foi de tal ordem que o levou a perguntar quaes eram as opiniões religiosas do sr. ministro da Justiça. Ouviu a resposta conveniente e justa:

—Eu (disse o sr. ministro da Justiça) não tenho que fazer declarações ácerca das minhas crenças religiosas ou da ausencia deles. Sou ministro da Republica e tenho que cumprir a lei. Mais nada. E não lhe permito que me inquira sobre esse ponto, que somente pertence á minha consciencia.

E repetiu, com intimativa;

—Não lho consinto!...

A Camara apoiou com calor as palavras do sr. Matos Cid. O proprio deputado interpelante não pode furtar-se a fazer um gesto de agradecimento, quando o sr. ministro da Justiça deu por findo o seu discurso.

Fausto de Figueiredo

O sr. Fausto de Figueiredo dava hoje entrada na Camara dos Deputados, indo ocupar um lugar na bancada dos independentes.

E' tre os introductores do sr. Fausto de Figueiredo figurava o sr. Vasco Borges. Finda a sua missão, este ilustre deputado lembrou ao sr. Fausto de Figueiredo,

—E não esqueça o passezinho...

Os oficiais milicianos

A questão dos oficiais milicianos continua a ser um pomo de discordia dentro do ministerio e até fora dele, na maioria parlamentar.

O sr. ministro da guerra mostra-se intransigente quanto á anulação dos castigos impostos aos oficiais que se recusaram a prestar provas de exame. Transige-se, sabe-se, na questão dos exames, se o Parlamento, como é certo, derrogar a lei na parte, aliás duvidosa, que a isso se refere; mas obstina-se em não admitir a anulação dos castigos ou a amnistia—e ameaça com a sua saida do ministerio, se tal se fizer.

Não se compreende bem o principio a que obedece o sr. ministro da guerra. Se admite que os exames são dispensaveis, porque carga de agua é que não transige na questiuncula dos castigos? Podia justificar-se ou, mais propriamente, desculpar-se a intransigencia do ministro na questão dos exames, por julga-los indispensaveis ao exercicio da arte da guerra. Mas desde que assim não acontece não é facilmente compreensivel a teimosia em sustentar castigos que, na hipotese, foram, pelo menos, inuteis.

O sr. Antonio Granjo tem-se empenhado, o mais possivel, em improvisar uma plataforma que evite ademissão do ministro da Guerra. Ainda hoje o ilustre estadista conferenciou demoradamente com o sr. Antonio Mantas, 1.º secretario da Camara dos Deputados. Mas, até este momento, não foi encontrada a incognita do problema. Será ele insoluvel?...

Uma peixeira faz parar o automovel do sr. ministro do Interior... para lhe entregar um objecto perdido

Quando o sr. general Abel Hipolito, ministro do Interior, se dirigia hoje para o Parlamento, uma ovarina, de canastra á cabeça, postou-se na frente do veiculo, de braços abertos, e gritou ao «chaufeur»:

— Para! para!...

Estacou o carro. A' portinhola surgiu a cabeça do ministro, face inquieta, olho a rutilar de indignação:

— Que é lá isso? Ande para diante!

Mas a peixeira teimou:

— Desculpe Bosselencia, mas tenho aqui uns papeis perdidos...

— Que papeis?

— Isto, meu senhor. E como sua incelencia é do governo, segundo parece, talvez se não arrependa de levar os papeis...

E o sr. ministro do Interior recebe das mãos da ovarina um projecto de lei, ja instruido com os pareceres das comissões.

— Onde encontrou isto? perguntou o sr. Abel Hipolito, surpreendido.

—Na Praça da Figueira, meu senhor. E dentro da minha canastra!

Como diabo iria parar á Praça da Figueira o projecto de lei, com pareceres redigidos, tudo prontinho para a discussão parlamentar? E' este um misterio que ainda não foi possivel averiguar. Todavia, falava-se num deputado da maioria, que...

Salão Central

«O club dos Suicidas»

Esta interessante pelicula, que tanta gente tem chamado aquele elegante cinema, vai ceder o seu lugar a outras estreias de grande sucesso.

Quem ainda não admirou o soberbo trabalho do famoso ator Aurelio Sidney, não deve deixar de assistir ao espectaculo desta noite, penultima exibição da maravilhosa fita.

Amanhã, quarta-feira, estreia do lindo «film», em 6 actos, «Adeus, juventude». Para se avaliar do seu exito, basta dizer que a sua protagonista é desempenhada pela grande actriz e deliciosa mulher que é Maria Jacobini. Uma noite de verdadeira arte.

Livros e Revistas

"La Gloire de France"

E' o numero 8 de uma revista franceza, como muitas que por lá se publicam, em bom papel, formato grande, e numerosas estampas, gravuras e fotografias. Este numero ocupa se da Alsacia, e da sua cidade de Strasburgo.

Agradecemos.

"Vauquois"

E' uma bela monografia de 120 paginas em 8.º pequeno, devido á pena entusiastica de Ernest Beauguithe. Da rapida vista que passámos ao livro, depreende-se que se trata de mostrar quanto a aldeia franceza de Vauquois sofreu com a invasão durante a grande guerra, e quanto luta por se restaurar, com visos de sucesso.

E' boa leitura.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21,15 — «Rogerio Laroque».
S. LUIZ—A's 21,30— «De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21.30 h.—«O celebre Pina».
AVENIDA—A's 21.30 h.—«Guardado está o bocado...»
POLITEAMA—A's 21,30 h. — «A Rainha do Fonografo».
APOLO — A's 21,30 h.— «A' procura do badalo».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
SALÃO FOZ—A's 21.30—Stevenson e Frizzo.
GIL VICENTE—A's 21.30 «Depois do Degredo».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Actriz Maria Clementina

Na casa de Saude em Bemfica, pelo distinto cirurgião dr. Fernando Pinto Coelho, foi operada de uma apendicite a actriz Maria Clementina, que se encontra já em franca convalescença. A' gentil actriz desejamos um pronto restabelecimento.

Reclamos

Nacional

O sensacional drama «Rogerio Laroque», de Jules Mary com as suas scenas arrebatadoras, empolgantes, dominando o publico, com lances da maior intensidade dramatica, está obtendo no Nacional um exito que bem pode classificar-se de colossal.

Todas as noites o elegante teatro tem enorme concorrencia, que muito festeja a interessante peça e os seus ilustres interpretes. A carreira de «Rogerio Laroque» é interrompida na 2.ª feira proxima, a fim de se realisar a despedida, definitiva, da popularissima peça «A Vida dum Rapaz Pobre», em recita do estimado camaroteiro Gouveia Pinto.

Avenida

Espirito, delicadeza e arte são, alem doutros, os requesitos que recomendam a peça que o Avenida tem em scena com o sugestivo titulo *Guardado está o bocado...* Os seus tres deliciosos actos manteem se sempre, na mais esfusiante alegria, que envolve o publico, levando-o a assistir ás scenas interessantissimas da peça, dominado pela maior curiosidade.

Hoje, no Avenida, repete-se *Guardado está o bocado...*, em que Palmira Bastos é verdadeiramente encantadora, interpretando, maravilhosamente, todo o seu delicado e galante papel.

Entretanto, proseguem ali os ensaios da tragedia historica *Pedro, o cruel*, na qual o actor Carlos Santos retoma o seu papel de protagonista.

Vida Sportiva

Faustino novamente contra Chassagne?

O facto de muito dos amadores que assistiram ao combate de box realisado ante-ontem no S. Luiz entre Faustino e Chassagne serem de opinião que o portuguez é melhor, levou Faustino a manifestar desejo de se encontrar novamente com o francez, embora se tenha conformado com a decisão do arbitro.

Assim, os organisadores dos combates, que preparam desde já uma nova festa para o proximo domingo, pensam em poder incluir no programa o combate Chassagne-Faustino.

Isso será interessante porque Faustino garante que agora vencerá nitidamente e por sua vez Chassagne declara ir empregar-se mais a fundo contra os futuros adversarios que lhe derem, porque não quer deixar por mãos alheias o nome de forte pugilista de que gosa principalmente em França. Bom será que o novo combate se possa realisar.

Faustino está em excelente forma, trabalhando bem e mostrando que tem aproveitado os ensinamentos de Mario Gall, que atualmente se esforça por fazer de Faustino um bom boxeur.

A CAPITAL

3868 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA—Quarta-feira, 24 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

E o governo?

E' absolutamente inegavel que a situação financeira e economica do paiz chegou a um estado agudo, do qual podem resultar as maiores catastrofes.

O comercio mantem-se paralisado; estão fechadas muitas fabricas; a agricultura encontra-se numa crise assustadora, em consequencia da impossibilidade da exportação dos vinhos. Por esse paiz fóra, ha já muitos milhares de desempregados, e os trabalhadores ruraís, que ainda encontram ocupação, viram diminuidos os seus salarios, ao mesmo tempo que o custo da vida se agravava cada vez mais.

Ficou ontem o cambio na casa dos 5, quer dizer regressou-se á divisa proibitiva de toda a importação: Portugal encontra-se nesta situação: não pode vender nem pode comprar, situação esta que, não sobrevir um remedio eficaz, só pode conduzir ao desespero e á morte.

Para quem nos havemos de voltar?

Parece que o governo não quer que seja para ele, porque se confessa impotente, mas, nesse caso, dá vontade de preguntar para que é que serve o governo?

Porventura governar consiste em estar sentado, em frente dumo secretaria, cheia de papelada inutil e esteril, num gabinete confortavel, e de ter o supremo prazer de ser acompanhado por um sorriso de *bonet* agaloado?

Porventura governar consiste apenas em satisfazer os interesses dum partido, depauperando ainda mais os cofres da nação, ou satisfazendo o gosto de perseguir adversarios politicos?

Porventura governar é tarefa que se caracterisa pela indecisão, pela fraqueza, pelo desanimo, e não pela energia, pela actividade, pela resolução, em que se patenteiam todas as qualidades redemptoras da acção?

Não nos podemos capacitar de tal, e por isso mesmo presumimos que terá sido grande o pasmo do paiz inteiro ao saber que o sr. Barros Queiroz declarou que não podia intervir nos cambios, depois de ter publ.cado uma nota oficiosa em que se dizia exactamente o contrario.

Como não deverá ser menor o seu espanto vendo o mesmo estadista afirmar que se faz com esses mesmos cambios uma especulação infrene, mas que ele nada pode contra esses especuladores, dando a entender que só a justiça popular os pode punir!

Como não será menor o seu espanto, sendo tudo dependente duma determinada operação na America, com a qual não se especulou menos do que se tem especulado com os cambios, operação que ainda se não sabe em que condições foi negociada, podendo apenas inferir-se das declarações do sr. presidente do ministerio que ela só servia para favorecer os interesses de alguns intermediarios menos escrupulosos!

Assim, estamos á espera do «homem das botas» que ha de vir da America, entretanto o governo vê impassivel a descida dos cambios, que ele mesmo proclama ser obra de especuladores desalmados, e a vida nacional paralisa, e a fome avança, e a revolta não se fará esperar.

Então não havemos de apelar para o governo? Para que havemos de apelar?

Em muita parte se tem procurado desencadear a acção bolchevista. Em parte nenhuma, porem, ela foi provocada pelos governos.

Revolução de 1820

A comemoração de hoje—O seu significado

Os que compreendem as modernas teorias deterministas compreendem que as ultimas expressões do progresso devem considerar-se como a resultante necessaria de uma serie de antecedentes indispensaveis como precursores.

Não importa que os antecedentes não traduzam por completo as aspirações dos consequentes. Fazem parte da grande cadeia social que conduziu o velho troglodita á capacidade de Victor Hugo, Flammarion e Teofilo Braga.

Assim todos os liberais, sejam quais forem as suas confissões partidarias, celebram hoje com entusiasmo a data memoravel da Revolução de 1820—como ela necessario que acabou com o Regimen Absoluto em Portugal, e nos conduziu á Republica.

Hoje ás 21 horas, na séde da Sociedade Promotora de Educação Popular, no Largo do Calvario, a Alcantara, realisa a União Liberal uma sessão solene publica comemorativa do glorioso movimento de 1820.

A sessão é presidida pelo grande apostolo da Liberdade, o sr. dr. Magalhães Lima, constando-nos que usarão da palavra, entre outros, os srs. dr. Daniel Rodrigues, Orlando Marçal, Jaime Gouvei , Joaquim Domingos e outros.

O professor Ladislau Batalha dirá algumas palavras, como o mais velho representante dos principios socialistas em Portugal.

Por Italia

ROMA, 23.—A «Epoca» diz que houve varios conflitos entre fascistas e comunistas nas provincias de Parma, Mantua e Modena e que nesses conflitos houve varios feridos e mortos.—(H.)

O Partido Reconstituinte não está comprometido em nenhum movimento revolucionario

Como ele procederia em face de tres hipoteses que se não dão, mas que se poderiam dar

Só com um emprestimo externo se poderá resolver a questão dos cambios e consequentemente a questão economica

—V. Ex.ª dis-me o que faria o Partido Reconstituinte se neste momento fosse governo?

O politico riu-se e disse:

—A resposta a uma pergunta dessas não é facil.

—Mas então o Partido Reconstituinte, se fosse agora chamado a governar, mercê de qualquer eventualidade imprevista, ia sem planos?

—De forma alguma. O Partido Reconstituinte se fosse chamado ao Poder, ia realisar o seu programa exposto ha tempo no Teatro Nacional e na declaração ministerial do governo presidido pelo sr. dr. Alvaro de Castro.

=E a que questões de momento se dedicaria com mais interesse?

—A todas as questões um governo do meu Partido se dedicaria com o mesmo interesse, porque todas elas são grandes questões que igualmente reclamam medidas e providencias urgentes.

—E' melhor ir-mos por partes; o que faria por exemplo o P. R. em materia de Financeira?

—O exposto pelo sr. Cunha Leal no governo Alvaro de Castro. Note bem: no governo Alvaro de Castro!

—E sobre cambios?

—Isso é uma questão muito dificil. Já varios governos e varios ministros teem procurado maneira de fazer frente á especulação dos cambios, mas até hoje nada se tem feito. Nada fez o sr. Rego Chaves, nada fez o sr. Antonio Maria da Silva, nada fez o sr. Inocencio Camacho, nada tambem fez ainda o sr. Barros Queiroz. E todavia todos estes nomes representam valores financeiros. O meu Partido considera impossivel a normalisação da divisa cambial emquanto não fôr efetuado um emprestimo externo. Isso sim, isso sim, seria um remedio eficaz, pronto, imediato para este mal estar, responde-nos convictamente o nosso entrevistado.

—E em materia de subsistencias?

—Sem os cambios normalisados é claro que as subsistencias são um problema sem solução.

—Nesse caso...

—Não sabemos como isto ha de ser...

—E se houver alterações da ordem por esse motivo?

O nosso entrevistado encolhe os ombros e diz:

—Eu sei lá... Alguem sabe lá o que sucederia...

—E...

Hia-mos fazer uma pregunta que tinha-mos já preparada; mas o deputado reconstituinte atalhou:

—E sobre os outros problemas como o do Exercito e o da Marinha, onde ha tanto que fazer, o meu Partido havia de procedêr com a energia necessaria para os resolver e não simplesmente arrumar.

—Admitamos agora outra hipotese, sr. doutor. Se o P. R. fosse chamado a fazer parte de um governo de concentração, como procederia?

—Oh! diria redondamente que não. O meu partido é um partido de oposição, não deseja o governo, nem para lá hirá em circunstancia alguma. Não se esqueça de frisar isto. E repetiu a frase.

—Nesse caso o P. R. está resolvido a não ir nunca mais ao poder?

O politico embaraçou-se um pouco. Mas como politico, como advogado, como homem que esteve na guerra, o seu embaraço não podia ser longo. E não foi.

—Certamente que não, respondenos; mas afianço-lhe que o meu partido só assumirá o poder por meios legais, absolutamente dentro das normas constitucionais.

—Já agora admitamos ainda outra hipotese, para que esta entrevista se possa chamar a das trez hipoteses, é claro que sem pretensões a copiar a exposição de Gugan no seu «Ensaio de Uma Moral» admitamos que amanhã se dava um movimento revolucionario, como procederia o P. R.?

—Não sei. O meu Partido procederia conforme melhor lhe parecesse aos interesses nacionais. E isso só á vista dos factos...

—Perfeitamente.

—Mas uma coisa peço eu que o amigo não deixe de salientar, disse o sr. dr. Carlos Olavo, é que o meu Partido, fixe bem, o meu Partido não está empenhado em nenhum movimento revolucionario. E mais, o P. Reconstituinte reprova toda e qualquer alteração da ordem publica. E reprova porque qualquer movimento, nesta altura, faria não só que a nossa situação interna se complicasse ainda mais, como provocaria um maior decrescimento no nosso credito lá fóra, o isso é altamente prejudicial aos interesses nacionais, principalmente neste momento que só um emprestimo, como já salientei, nos pode livrar da triste situação cambial economica em que nos debatemos.

—Agora, para finalisar, sr. doutor: O numero de representantes do seu Partido no Parlamento está ou não em harmonia com as suas forças eleitorais?

—Isso sim! Qual historia! Se o governo tivesse feito as eleições como devia, o numero de representantes do meu Partido seria muito maior. Sem favor, aproximar-se-hia dos 30, aí uns 28 talvez.

—Uma bela representação...

—Pois então? Que julga o senhor?

Despedimo-nos e agradecemos ao activo deputado reconstituinte. Pelos Passos Perdidos passiava-se e conversava-se animadamente. Alguns politicos lá andavam na sua faina conspiratoria segundo se dizia á boca cheia. Talvez por isso o sr. dr. Carlos Olavo ainda se voltou para nos dizer:

—Olhe, pode afirmar que é redondamente falso haver elementos militares reconstituintes envolvidos em conspiratas. Não se esqueça.»

Não nos esquecemos, como se vê.

PROPOSTAS DE FINANÇAS

Cabeça de turco!...

Eis o que o sr. ministro das Finanças quere fazer do funcionalismo civil...

Recebemos a seguinte carta:

Sr. Redactor.—O criterio do sr. Barros Queiroz, no que respeita á redução de quadros do funcionalismo publico, é naturalmente simplista e não está em concordancia com a situação aflitiva da burocracia. Ha um erro, partilhado, consciente ou inconscientemente pelo ilustre ministro das Finanças. E esse erro consiste em supor que o funcionalismo civil é uma multidão, inutil sugando ao Estado quantias fabulosas e vivendo, comodamente sentado á mesa do orçamento, á tripa forra. Não, isso não é assim. O funcionalismo é, pelo contrario, das classes mais sacrificadas do paiz, porque pertence precisamente áquela camada social que se convencionou denominar media. Sobre o funcionalismo cahiram, durante a guerra, todos os males economicos de que enfermou a Nação.

Durante os anos da guerra, em que a vida encarecia todos os dias, o sr. ministro das Finanças viu prosperar o seu negocio do largo de S. Domingos, valorisando-se-lhe os *stocks* acima de toda a previsão; todo o comercio e todas as industrias, inclusivamente a agricola, ganharam dinheiro, muito dinheiro; finalmente, quasi todas as classes foram temporariamente beneficiadas, embora seja certo que, respectivamente a muitos individuos, os lucros não compensaram os prejuizos. Mas houve uma classe que nada lucrou com a guerra, antes, pelo contrario só dela sofreu os males. E essa classe é constituida por toda a burocracia civil, que durante a guerra suportou, sem murmurar e trabalhando sempre, a vida encarecendo a todas as horas e a maioria do ordenado desaparecendo, logo aos primeiros dias do mez, na voragem das despesas inevitaveis, sempre crescentes. Veio a greve, é certo.

Mas o funcio alismo só recorreu a esse meio violento quando as suas suplicas e reclamações foram sistematicamente fechados os ouvidos governamentais.

Com a greve a burocracia defendeu a vida, principalmente a vida dos seus, que perigava por falta de alimentação.

E' certo que do funcionalismo fazem parte alguns inuteis, inaptos e ineptos. Mas isso acontece em todas as classes, onde tambem ha bom e mau. E contra a expulsão dos maus funcionarios nada ha a reclamar porque isso só dignificará a classe.. O que repugna, o que ha-de, forçosamente, levantar reclamações e protestos (sabe-se, acaso, até onde poderão ir?...) é que numa lei latitudinaria se abranja o que é bom e o que é mau, mas principalmente o que é bom, porque, este ainda é o funcionalismo mais numeroso.

E o sr. Barros Queiroz sabe tão bem como nós, onde existe o mau funcionario.

Basta que os ministros façam cumprir a lei, obrigando todos os funcionarios, sem excepção, á assinatura dos pontos de entrada e saida e consequente permanencia nas secretarias, para se vêr livre de muitos parasitas, que acumulam os lucros burocraticos com gerencia de casas de penhores, fabricas, etc. Não se recorda o sr. ministro das Finanças das revelações feitas em pleno Senado pelo sr. Julio Ribeiro?

Apezar da teimosia com que o sr. ministro das Finanças entende dever perseguir o funcionalismo civil, nós esperamos ainda que ele reflicta, antes de tornar o mal irreparavel, arrastando a classe para uma atitude de defeza que ela é a primeira a não desejar. Não nos opomos, é claro, á redução dos quadros. Mas que isso se faça duma forma equitativa e justa. O que não pode ser é querer o governo fazer do funcionalismo... cabeça de turco!

Agradecido lhe ficaria, Sr. Redactor, se quizesse dar publicidade a estas linhas de

Um funcionario

POLITICA

Interrompe-se a sessão na Camara dos Deputados

O sr. Vasco Borges, num discurso de acentuada veemencia e energia, verberou hoje, na Camara dos Deputados, a politica financ ira do governo, especialmente no que respeita ao contracto dos 50 milhões de dollars. A resposta do sr. Presidente do Ministerio foi vaga, imprecisa, hesitante. Depois de reeditar os costumados elogios ao sr. Afonso Costa, o sr. Barros Queiroz disse apenas:

—Quanto ao contracto reputo prejudicial trazeu á Camara o seu texto. De moto proprio, não o trago, por enquanto. Mais tarde, pode ser.

Replica do sr. Vasco Borges:

—Isso não é digno dum Chefe do Governo. V. ex.ª ha-de explicar á Camara...

Tumulto. Vozearia. Muitos deputados da maioria, de pé, increpam o sr. Vasco Borges. Este é rodeado por outros deputados.

O sr. Vasco Borges, com intimativa, voltando-se para a bancada do governo:

—V. ex.ª, sr. Presidente do Ministerio, já disso, em publico, que do contracto nada vinha de bom. Agora ha-de explicar essas palavras. Ou então, não as tivesse dito!

O sr. Presidente do ministerio:

—Hei-de explicar, se quizer!

Renova-se o tumulto. Os deputados, de todos os lados da Camara fazem uma gritaria ensurdecedora.

O Sr. Presidente, Alves dos Santos:

—Chamo á ordem o sr. deputado Vasco Borges!

E agita a campainha desesperadamente, batendo com ela na madeira da secretaria.

A desordem continua. Não ha forma de restabelecer um pouco de tranquilidade nos espiritos.

O sr. Presidente interrompe a sessão. A campainha tinha se partido.

As discussões, no intervalo, continuam. Os srs. Barros Queiroz, Jorge Nunes e Moura Pinto conversam. O Sr. Vasco Borges sobe para a sala dos Passos Perdidos.

A pouco e pouco o socego restabelece-se. Ha, até, uma especie de silencio funebre, que parece de pesames... ao governo.

Reaberta a sessão, sob a presidencia do sr. Jorge Nunes, a discussão continuou, serena, entre os srs. Presidente do ministerio e Vasco Borges. Os leitores encontrarão, noutra parte deste jornal, o seu resumido relato.

Os interesses do publico

A' direcção dos Caminhos de Ferro

Quem quizer comprar um bilhete de caminho de ferro tem que esperar horas consecutivas em consecutivas «bichas».

Porquê? Para quê?

Em toda a parte se abrem ao publico, facilitando a acquisição de bilhetes, o maior numero possivel de «guichêts». Em Portugal tripudia-se com o publico, expulsa-se o publico, abusa-se da sua paciencia, e tudo isto desenfreadamente.

Vamos por partes:

Uma pessoa que pretende ir para o Porto, por exemplo, tem que esperar horas na «bicha» da bilheteira da rede geral. Em seguida tem que ir para a «bicha» da locação, o que o faz perder umas duas horas, pelo menos.

Isto tudo porquê?

Porque uma unica senhora — o por sinal gentilissima — é que dá aviamento a todo o expediente.

Resta acrescentar que o mesmo «guichet» da locação serve, segundo o distico que o encima, para mais quatro ou cinco coisas diferentes.

— Mas não ha mais empregados?— pergunta-se.

Ha. E a prova é que logo ao lado o empregado do «Inquire-office», como lá diz, nada tem que fazer e está de braços cruzados.

Mas não ha direcção de caminhos de ferro?

Mas não ha chefes de movimento?

Mas não ha ninguem que cuide dos interesses do povo?

....

Se formos a ver, a maioria dos ferro-viarios é estruturalmente socialista...

Bom para veranear

PORTIMÃO, 24. — Continuam bastante animadas todas as localidades do Algarve onde numerosas familias veem gozar uma temperatura agradavel e sem fortes ventanias em nenhuma epoca do ano. A' Praia da Rocha estão ainda chegando bastantes familias.—(H).

A questão da Irlanda

DUBLIM, 23. — O projecto da resposta irlandesa foi enviado ao parlamento secreto, que será adiado na 5.ª feira, a fim de que os dirigentes possam redigir a resposta.—H.

DUBLIM, 23.—Naturalmente o parlamento secreto dos 26 condados da Irlanda não aprovará na resposta ao sr. Lloyd George as indicações dadas pela reunião da convenção nacional *sinn-feiner*, que hoje se realisou em Dublin. Supõe-se que a convenção se pronunciará a favor da aceitação das condições do sr. Lloyd George.—H.

Um encontro de espiritos inventivos

CARTA ABERTA

ao publico lisboeta, sobre as cartas abertas de ontem e ante ontem e sobre a carta particular desta...manhã.

Meu caro leitor: A carta aberta publicada ante-ontem na «Capital», produziu, como era justo, os seus efeitos. O sr. Felix Bermudes, no mesmo logar veiu dizer de sua justiça pessoal, e os autores visados em jornais que não o nosso, tambem se justificaram do pseudo-delito.

Supondo que tu, bom leitor, lestes todos esses documentos, passamos a tirar deles sucintamente as conclusões seguintes:

1.º Os autores do «Tic-tac» tinham ideia de fazer um quadro mostrando a vida intima dos bastidores, o que aliaz eles o confessam, já é velho, vem da «Mam'zelle Nitouche», «A debutante», e ainda ha pouco os «Irmãos Unidos», etc.

2.º Esse quadro era imenso, tendo bastantes personagens, e metendo trovões, mas o emprosario, sr. Macedo, achou melhor de acordo com os autores reduzi-lo, tornando-o parecido com o quadro que vira numa revista espanhola.

3.º Assim se suprimiram os trovões, os personagens sobrecelentes e resultou o quadro «Como elas se armam» por coincidencia, com o mesmo numero de personagens, a mesma scena, os mesmos dizeres do «Cach'ton piano» e da revista belga apontada pelo sr. Felix Bermudes.

4.º Que em vista destas explicações o sr. Xavier de Magalhães acha natural vir receber as saudações do publico.

Isto no que diz respeito á explicação dos autores, que se não «viram», não podiam copiar.

Da carta do sr. Felix Bermudes conclui se:

1.º Que o Nucleo ainda não teve reclamação alguma de lesados, o portanto não pode fazer nada. Se ninguem reclamar, o Nucleo deixa correr... o marfim, dando ideia de certa policia que avisada dum roubo em casa dum cidadão que está em Paris, espera que o desgraçado, muito longe daqui, e ignorando o que se passa por cá pela sua casa, faça a sua queixa para então ir impedir o acto...

2.º O sr. Felix Bermudes supõe que a empresa do Eden Teatro esta nas mais honestas disposições de pagar ao sr. Paul Pompei os direitos de adaptação.

3.º O sr. Felix Bermudes aventa a ideia do sr. Magalhães ter ido agradecer as palmas a... tradução.

4.º O sr. Felix Bermudes compromete-se a apresentar na assembleia proxima uma proposta moral que muito aplaudiremos.

O publico agora que fixe o seu parecer, porque o nosso de ha muito está firmado. A ingenuidade é uma linda virtude.

* * *

Mas, antes de encerrar este pequenino incidente, deixai que mais uma vez a «Capital» frise porque veiu a publico com a sua primeira carta aberta.

Não ha o direito de continuar, com uma falta de decoro que atinge todos os fóros de pouca vergonha, a ir buscar peças ou quadros estrangeiros para os apresentar como obra original.

Ha pouco no Ginasio apareceu adulterada, apepinada, uma farça que se dizia adaptação do espanhol; afinal era o «Bois Sacré» de Flers, Caillavet mal digerido e pessimamente mastigado, e que Lisboa ja conhecia com o nome de «Filinha verde».

Ainda ha pouco tempo tambem Lisboa teve de assistir a uma adaptação do «Serafin el tinturero» mas cujo adaptador se esqueceu de dizer que era adaptação. Nas revistas é o que se está vendo. Não; não ha o direito. E' preciso reconhecer o esforço e o valor dos que fazem obra honesta e esburgar, proibir, castigar os que se agarrem a trabalho alheio.

Este caso que quere ser apresentado como uma coincidencia, mas que basta o testemunho de Augusto Pinas, Castelo Branco, João Bastos, Felix Bermudes, e André Brun, Luiz Derouet etc. etc. e todos mais quantos viram o quadro em Paris para ter a certeza que aqui nao se dá o caso dos belos «espiritos se encontrarem», ha-de dar forças aos Nucleos de autores para que notem e zelem por direitos que afinal são os seus.

E' preciso que Portugal não seja o Brazil, esse vasto pinhal literario que lei alguma consegue meter na ordem e de que os nossos autores amargamente se queixam.

Só ha ultimamente 3 casos em que os espectaculos foram interrompidos pelo publico para os autores virem agradecer. Julio Dantas com o «Viriato Tragico», salvo erro, Ernesto Rodrigues, Bermudes e João Bastos com a «Agulha em Palheiro» e Henrique Roldão num quadro da «Lebre Corrida». Não se pode acrescentar a estes titulos de triunfo, conseguidos á custa de trabalho honesto, aquilo que o sr. Felix Bermudes ontem nos declarava ser um «bluff»: o quadro do «Tic-tac», nem mesmo depois das explicações dos autores...

Vamos, pois, não custa nada ser honesto. Que os nossos autores sejam mais escrupulosos e que não pretendam criar um nome detestavel no conceito publico.

Nada mais desejamos.

Armando Ferreira.

A QUESTÃO DO INQUILINATO

Vai ser remodelada a lei do inquilinato?

O que nos diz sobre este assunto o titular da pasta da Justiça, sr. dr. Matos Cid

Depois das considerações ontem feitas no Senado pelo sr. dr. Catanho de Menezes, acerca da lei do inquilinato, lembrámo-nos de procurar o sr. ministro da Justiça, sr. dr. Matos Cid, a quem pedimos que nos informasse sobre a importante questão.

—Eu ontem não estive no Senado —dis-nos s. ex.—mas na Camara dos Deputados, e por isso não pude responder ás considerações que o sr. dr. Catanho de Menezes, antigo ministro da justiça, e um dos advogados mais distintos dos tribunais portuguezes, fez ácerca da necessidade cada vez mais urgente, dados os abusos que todos os dias chegam ao meu conhecimento, da remodelação da nossa legislação sobre o inquilinato, quer particular, quer comercial.

«Pela muita consideração que me merece este assunto e pela deferencia que devo ao sr. dr. Catanho de Menezes, tenciono hoje no Senado, fazer em relação á materia que foi versada pelo distinto parlamentar, as considerações que entender dever deixar formuladas.

«Não compéte aos governos remodelar a lei do inquilinato: essa missão incumbe ao Parlamento, á apreciação do qual está sujeita, ha uns poucos de mezes já, um projecto de autoria ao sr. dr. Lopes Cardoso, mas cuja iniciativa renovei logo que se constituiu o actual Congresso. Essa renovação de iniciativa não significa a minha concordância com todas as disposições desse projecto. Quando ele se discutir, o que espéro suceda muito brevemente, terei ocasião de, com a possivel clareza, desenvolver os meus pontos de vista sobre o momentoso assunto das relações juridicas entre inquilinos e senhorios.

«Abusos diversos e inumeros praticados, quer pelos proprietarios dos predios urbanos em relação aos inquilinos dos mesmos, quer pelos inquilinos, teem chegado ao meu conhecimento. São muitas as dezenas de cartas, mormente em Lisboa e Porto, que no meu ministerio tenho recebido, fazendo reclamações, sugerindo alvitres, apresentando queixas mais ou menos fundamentadas. Com essas cartas constituirei um «dossier» que apresentarei á *comissão de legislação* civil e comercial da camara dos deputados, quando esta se reunir para continuar o estudo do projecto sujeito á aprovação parlamentar.

«Da documentação em meu poder, de informações vindas na imprensa, e de noticias de caracter particular que até mim teem chegado, sou forçado a reconhecer que graves e numerosas são as disposições legais em vigor que é necessario revêr e remodelar.

«Em materia de trespasses de predios urbanos, necessario se torna providenciar de maneira a evitar situações verdadeiramente lamentaveis demonstrativas dum espirito de ganancia que urge reprimir, porquanto não é justo que se impeça ao senhorio o elevar a renda a seu belo prazer e se permita ao inquilino sub-arrendar nas condições mencionadas em muitos documentos que tenho em meu poder. O que um dia destes foi distribuido no Congresso da Republica e de que tambem recebi um exemplar, é por demais significativo do caso a que este documento se refere já a imprensa deu publicidade, dispensando-me por isso de a êle fazer mais larga referencia. V. conhece certamente o facto: é o caso daquele proprietario cujo predio onde habitava ardeu, e que foi forçado a aceitar alojamento em casa dum dos seus inquilinos, pagando por dois quartos muito mais do que a renda que dele recebia!...

«Em materia de processo pelo que respeita ás ações a propor perante os tribunais civis, a remodelação tem de ser tambem grande, procurando evitar que essas ações se arrastem largos mezes, mórmente em Lisboa e Porto, pelos tribunais, em manifesto prejuizo para, pelo menos um dos interessados —inquilinos e senhorios—e com evidente desprestigio para a instituição judiciaria.

«Para se conseguir tal «desideratum» terão de simplificar-se alguns actos e termos dos processos, legislando-se em materia de citações, de maneira a estas serem feitas em devidos termos, pois casos ha em que da aplicação da lei existente podem resultar inconvenientes que urge evitar. Torna-se necessario tambem não permitir que sobre os inquilinos se exerça, por parte dos senhorios, qualquer acção que se não coadune com os legitimos interesses de todos, inclusivé os interesses do Estado, interesses estes ultimos que necessario se torna acautelar como as circunstancias urgentemente reclamam.

E, concluindo, s. ex.ª ajuntou:

— Enfim, o assunto é duma grande complexidade, devendo o legislador inspirar-se, depois dum profundo conhecimento da materia e do actual estado de coisas, nos principios da mais elevada justiça, para que se não mantenham ou se venham a criar situações menos convenientes para o interesse social e para o interesse particular.

UM CRIME SENSACIONAL

Um porteiro que desaparece

Os jornaes estrangeiros teem-se ocupado de um crime realisado em condições excepcionalissimas de perversidade, e com aspecto deveras excentrico.

Na quarta-feira passada o sr. Relvidin, comissario de Policia no bairro dos Invalidos em Paris, foi informado de que um velho de 50 anos de edade, o sr. Lon Boissière, antigo guarda-portão de uma propriedade da Rua Constantino, desaparecera havia 24 horas.

Pessoa muito seria, de bons costumes, casado e pae de filhos, ninguem se capacitou de que ele tivesse abandonado o seu cubiculo e o serviço, tanto mais que a sua familia se achava ausente. Nem sequer prevenira da sua ausencia o seu colega do predio contiguo, o sr. Chaumette.

Examinado o cubiculo, notouse que tudo ali estava em boa ordem, a não ser uns coágulos de sangue á borda de uma cuva de lavagem.

Este indicio permitia conjecturar varias, mas nada de positivo indicava.

O homem da cara rapada

Depois de interrogadas varias testemunhas que nada adiantaram, foi ouvido o sr. Corson, creado de um senador morador no predio, o esse declarou que na vespera do desaparecimento fôra para entregar ao sr. Boissiere alguns jornaes, mas apenas ali encontrara um rapazola de cara rapada, de pé á porta, o qual lhe declarou que estava ali a pedido do guarda-portão, que tinha sahido a um recado, mas não tardaria muito.

Soube-se que na ante-vespera o guarda-portão recebeu pelo telefone ordem para ir á estação de S. Lazaro ás 15 horas buscar uma bagagem.

Enquanto foi, ficou o criado do senador de guarda ao cubiculo, mas o porteiro voltou depressa, por não ter encontrado lá a pessoa que o chamara pelo telefone.

Mais importante foi o depoimento do sr. Chaumette, porteiro do predio visinho.

Disse o seguinte:

—O meu amigo Boissière falava-me varias vezes dos desgostos que lhe dava um seu sobrinho de 22 anos. Este rapaz, que era filho natural, possuia um caracter sacudido, por mais que tivesse sido creado por seu tio. Aos 17 anos fora condenado por furto, do que cumpriu pena. Depois sentou praça, para pouco depois ser dispensado do serviço.

Instado, o porteiro declarou que este rapaz usava a barba rapada e chamava-se Mario Gounaud, morador com sua mãe, porteira na Rua Rouget-de-l'Isle. Não queria trabalhar e vinha a miudo exigir dinheiro a seu tio.

Uma rapariga da vida airada

Passada ordem de prisão, não foi facil descobrir-lhe o paradeiro. Em casa da mãe não estava; declarou que não vira o filho desde terça-feira ao meio dia.

Informada a policia de que ele tinha relações de amizade com uma rapurigola conhecida por uma alcunha —foi ela procurada. Declarou ter passado o dia inteiro com Mario Gounand, que naquela ocasião trazia muito dinheiro comsigo. Tinham andado em automovel e gasto dinheiro sem conta. Marcara-se hora certa e local para tornar a ir ter com ele, a um café na Avenida Ledru-Rollin.

A rapariga foi intimada a não faltar, e a policia tambem não faltou.

Mas o amante é que não poude comparecer, porque a essa hora foi preso noutra parte.

Com efeito um individuo novo, convidara dois homens na estação do Lyon na quarta-feira para o ajudarem a levar uma mala de verga até ao Sena, a fim de a deitarem ao rio, porque continha 80 kilos de carne pôdre, e exalava mau choiro.

Alegaram que tinham um recado a fazer, mas voltariam dali a pouco.

E foram á policia fazer declarações, depois do que encontraram-se com o freguez.

O que continha a mala?

Os moços aproximaram-se da mala, e indicaram o patrão aos policias que ali estavam de proposito.

— O que leva dentro dessa mala? — perguntaram eles.

O homem estremeceu. Aberta a mala, encontraram coberto por farrapos e um tapete velho o cadaver de um homem assentado, tendo o tronco

VIDA SPORTIVA

Combates de box

O programa de domingo no Stadium inclue tres combates profissionais de grande valor

O programa da festa de box que no domingo á tarde se realisa no Stadium é dos melhores que entre nós se teem confecionado O publico está exigente, mas os organisadores que, estão recebendo um regul r acolhimento monetario pela maneira correcta e leal como teem feito os seus encontros veem se obrigados a pouco e pouco a melhorar os programas.

No domingo devem realisar-se trez bons encontros. Dois estão já marcados faltando apenas decidir um.

Chessagne que combateu no domingo passado Faustino Pereira, fazendo match nulo em 10 rounds não se conforma com a d cisão do arbitro e por sua vez Faustino com a opinião do publico e da imprensa a seu favor deseja combater o franc z. Vae ser um bom encontro como no domingo passado o foi; energico cheio de movimento e até mesmo o mais scientifico da tarde.

O segundo combate é entre Mario Gull que tem trabalhado afincadamente e o belga Goffin chalanger ao titulo de campeão Belga.

Gollin embora desconhecido no nosso meio é na realidade um grande trabalhador. Os seus combates recordam-se sempre. Persegue o adversario com tal energia que capta duma maneira invulgar as simpatias do publico. Que fará com Mario Gull? Mario, apesar de ter trabalhado depois da derrota com Simeth, quer a todo o custo reabilitar-se. Vamos a ver o que consegue fazer.

O terceiro combate da tarde está ainda duvidoso.

O publico protestou contra a atitude de Silva Ruivo no seu combate com Simeth. A imprensa tambem protestou e Ruivo embora conhecido já do publico quere demonstrar que se desistiu ao 4.º round foi unicamente por se encontrar doente; dahi o seu desejo de encontrar Simeth. Silva Ruivo ainda ontem nos dizia: «*Posso perder, mas combaterei até ao fim como de resto sempre tenho feito*». Estas palavras foram ditas com um certo orgulho, mesmo com uma certa vaidade.

Simeth é mais forte principalmente na «esquiva» mas Ruivo bate forte e sabe trabalhar. Um descuido de Simeth pode ser-lhe prejudicial. Ruivo encaixe bem. O resultado do combate pódo portanto colocar os nossos amadores na duvida. Do resto todo a gente sabe que Ruivo é bastante forte nos quatro ou cinco primeiros rounds.

Este combate ainda não é certo Falta apenas definir a bolsa. Ha exigencias de parte a parte. Os organisadores com os dois combates que já citámos teem grandes despesas.

Veremos pois se tudo se harmonisa.

PEDESTRIANISMO

A corrida de domingo passado

Com grande assistencia realisou-se no domingo passado a anunciada corrida de 12 kilometros em estrada. A prova, que foi organisada pela União Pedestrianista Portugueza, foi disputada pelos 16 concorrentes que chegaram com pequenos intervalos.

O juri reuniu hontem homologando os resultados conforme a ordem de chegada, que foi a seguinte:

1.º, David Bernardo, do Royal Foot-ball Club, em 43 m. e 4 s.; 2.º, Amadeu Ribeiro, do Sport Club Escolar Bombarrelense, em 43 m. 15 s.; 3.º, Eduardo Ferreira do Carcavelinhos Foot-ball Club em 45 m.; 4.º, Antonio Matias de Carvalho do Foot-ball Club «Os Belenenses», em 45 m. 10 s.; 5.º, Acacio Antunes Ferreira, da União Pedestrianista em 50 m.

vergado sobre as pernas, para caber.

—E' meu tio! balbuciou o homem aflito.

Levado ao Comissariado declarou Mario Gounand, o homem da cara rapada.

Conduzido ao cubiculo do guarda-portão assassinado, ali fez a reconstituição do crime.

Resolvera procura-lo para o roubar. O tio censurou-lhe a sua má conduta de vida. Em resposta vibrou-lhe um tiro que o fez cair redondamente.

Foi-lhe ao armario, tirou-lhe o dinheiro, limpou as manchas de sangue, comprou um cesto de vime e meteu nele o cadaver.

O resto adivinha-se. O ultimo acto será no Tribunal em presença do juiz.

Festas e Romarias

Nas festas da Ataleia haverá carreiras de vapores para Aldegalega no domingo proximo ás 7, 11 e 14,30 e na segunda feira ás 8 e ás 14,30 com regresso em ambos os dias ás 9, 10, 13 e 20 horas.

As carreiras do Cacilhas serão consecutivas, desde ás 6,50, sendo a ultima de regresso ás 0,30.

Associação da Mocidade Liberal

Está em organisação esta Associação sendo os seus fins o de propaganda e defesa da Republica democratica. A sua séde provisoria é na Associação do Registo Civil, Largo do Intendente, 45, 1.º.

Touradas

Na praça de Algés

Realisa-se no domingo, a corrida de touros na praça de Algés, organisada pelo Sport Algés e Dafundo.

O cartaz da corrida que foi cuidadosamente organisado, é assim constituido:

Cavaleiros:—O laureado amador João Branco Nuncio e o profissional Rufino da Costa.

Bandarilheiros:—Os distintos amadores Patricio Cecilio, Gama Lobo, Alves Ribeiro e Lopes da Silva; profissionaes, Tomaz da Rocha, Luciano Moreira, Custodio Domingos, Rodrigo Largo e Malagueño.

Forcados:—O excelente grupo de amadores capitaneado pelo valente forcado amador João de Azevedo Coutinho e um grupo de profissionais tendo por cabo: Chico Marujo.

A corrida que começará ás 17,30 será dirigida pelo distinto lavrador sr. Antonio Mendes Nuncio.

Theatros e Cinemas

Lavando a testada

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

«Meu caro Armando Ferreira».

Alguem me avisa que se propalou a balela de ser eu o autor de uma certa publicada em «A Capital» sobre a revista «Tic-tac» em scena no «Eden».

Diz-se que, além da carta assignada por «O homem que fica... pasmado de tanto favoritismo» é tambem deste teu creado o artigo assignado por «O homem que passa». Peço-te por isso, o favor de ilucidares que nunca usei qualquer dos dois pseudonimos, e que nada tenho com a autoria dos dois artigos ou com quaisquer outros que se publicaram em «A Capital» sobre o assunto.

Amigo grato,
Henrique Roldão.

Noticiario

Entre nós

Alves da Cunha conta abrir a epoca de inverno com uma das peças fortes, «Tubarões» ou «Ridi Pagliacci», levando á scena, durante a epoca, o «Oedife Rei». Aceitou tambem o original português «A vibora».

O mesmo actor conta contratar Silvestre Alegrim, estando os tradutores do «Celebre Pina» a adaptar uma peça espanhola, a que darão o titulo de «O Ilustre Governador» para o reportorio alegre do Teatro.

—A' 2.ª peça da Companhia Luz-Veloso, no Chiado Terrasse, deve ser «Apaixonadamente», de Varaldo.

—Para a Companhia Lucilia Simões traduziram Alberto Morais e Mario Duarte uma peça ingleza, a que deram o titulo de «O dr. Hugo», cujo entrecho se passa na China entre naturais e inglezes.

—Está dando as penuitimas representações, no Apolo, a celebre revista de Baptista Diniz «A' procura do badalo», visto realisarem-se os ultimos espectaculos da Companhia Ruas, que ainda este mez segue para o Porto, onde vai inaugurar a epoca de inverno no Teatro Nacional. Que aproveitem pois os que ainda não viram a mais bem feita e mais espirituosa peça do genero.

—Com o drama em 5 actos «A Martir», de Ennery e Tarbé, tradução de D. Guiomar Torrezão, conta brevemente a nova Empresa do teatro Gil Vicente, á Graça, reabrir com uma nova companhia dramatica, tendo á sua frente o apreciado actor Francisco Moreira e da qual tambem faz parte a distinta actriz Emilia Berardi.

Reclamos

Nacional

Hoje, no Nacional, efectua-se a ultima recita da moda com a sensacional peça «Rogerio Laroque», que retira de scena na actual semana. A famosa peça que, ha mais de 30 anos, fez tambem, ali, as delicias do publico, constitui um espectaculo deveras empolgante, dos mais belos e interessantes.

Segunda-feira, no Nacional, em recita rigorosamente unica, vai á scena, em festa do estimado camaroteiro daquele teatro, Gouveia Pinto, a popularissima peça «A vida dum rapaz pobre», que sempre conquistou o maior exito.

Avenida

Quem faltar ao Avenida ficará sem ter visto uma das mais galantes peças que se tem apresentado nos nossos palcos, visto estar dando os ultimos espectaculos a «Companhia Palmira Bastos» que representa ainda esta noite a graciosa comedia «Guardado está o bocado».

Palmira Bastos tem, nessa peça, um trabalho admiravel, em tudo digno do seu peregrino talento e que se impõe ao apreço incondicional de toda a gente de bom gosto.

São lidos os anuncios?

America, anuncia á doida. Japão e Inglaterra imitam-a

Não falta quem impugne o desenvolvimento do anuncio, proclamando os seus pouco eficazes resultados. Outros alegam que o seu preço não compensa nem convida.

Nesta leviandade de julgar sem experimentar, tem criado em Portugal uma atmosfera difamatoria contra o anuncio, sendo isto mais um elemento prejudicial ao desenvolvimento da actividade comercial e industrial.

Na America, logo que se forma uma empresa para a exploração de qualquer ramo de comercio ou industria, faz parte do orçamento inicial a verba a arbitrar para anuncios e reclamos.

Ha mesmo um criterio definido neste assunto.

Quando se trata de um novo invento que aproveita a todo o mundo, logo se conta para o introduzir nos mercados mundiais com uma verba quasi sempre equivalente ao capital preciso para a produção.

Isto é, se a empresa demanda um capital de quinhetos mil dollars, arbitra-se logo igual quantia para o reclamo, e a emissão de acções faz-se logo para um milhão de dollars.

A verba para anuncios de concorrencia deve ser sempre importantissima.

O anuncio lento, pequeno, obscuro, metido a um canto do jornal, onde mal se vê, e desacompanhado de reclamos adequados, equivale a deitar dinheiro á agua.

O Japão não quer ficar atraz da sua rival, e anuncia á doida. O mesmo faz Inglaterra.

A eficacia dos anuncios—A prova definitiva fez-se na Alemanha

Porque se faz isto?

Terão essas nações onde o trabalho moral e material prospera a olhos vistos, menos bom senso do que nós, que nos esterilisamos em anuncios pequenos e cómesinhos, que ninguem lê, e portanto não permitem os largos desenvolvimentos da Industria e do Comercio modernos?

Ha na vida moderna um ponto de vista que parece não ter ainda chegado até nós.

A rapidez, a grande velocidade é o primeiro objectivo a atingir para se vencer nas luctas da vida intensa que as sociedades contemporaneas estão vivendo.

Se a um logista chega uma partida grande de fazenda, o criterio a seguir é calcular os lucros a tirar da sua venda, e deduzir uma verba importante para os anuncios que hão de tornar conhecido o genero.

No reclamo está tudo. Embora mais caro, é mais eficaz, e abrevia a ultimação do negocio.

Quem ganha tempo, ganha muito dinheiro nos tempos que vão correndo.

Os artigos do comercio e de industria ou se acreditam de repente, a força de reclamos, ou nunca mais.

Ha, porém, quem duvide. Alemanha quiz experimentar praticamente se os anuncios eram ou não lidos se, sortiam ou não os resultados compensadores do dinheiro que custavam.

E o que fez?

Experimentou.

O director de uma grande casa de Berlim mandou publicar em varios jornais, dos de menor importancia, para maior certeza dos resultados, diversos anuncios de comercio, hoteis, escolas, professores, etc., tudo cheio de erros, com preços superiores aos do mercado, erros de informação, noções erradas, etc., tudo com indicação de moradas, endereço telefonico, etc.

Não tardou a evidencia dos resultados. Na primeira semana houve 300 cartas de diferentes terras da Alemanha manifestando indignação, censura, acrimonia e até estranheza pela leviandade com que se redigiam os anuncios, o que obrigava os reclamantes a desperdiçar tempo, etc.

Ficou a prova feita. A Alemanha atualmente anuncia por toda a parte á doida. E com o anuncio conta ela para se restabelecer dos ultimos desastres e já vai prosperando.

Que dizem a isto os nossos anunciantes?

VIAJANTES ILUSTRES

Os delegados do Brasil á Sociedade das Nações

A bordo da paquete inglez «Arlanza» chegaram hoje, pelas 13.30 a Lisboa os srs. Cincinato Bragea e Raul Fernandes, novos delegados do Brazil á Sociedade das Nações.

O sr. secretario da Embaixada do Brazil e sua esposa, ofereceram aos ilustres homens publicos um almoço na Embaixada, que decorreu com grande animação. Acompanhado de sua esposa partiram depois para bordo.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

O sr. Presidente do Ministerio declara que são inaceitaveis as condições do contracto dos 50 milhões de dollars

Aberta a sessão ás 13 horas e feitas as leituras da acta e do expediente o sr. Ministro do Interior informa que a situação no Alemtejo, referente á questão dos trigos, é de absoluta ordem, com o que o sr. Plinio Silva se regosija.

O sr. Costa Amorim trata da questão suscitada em Vila-Rial por motivo dos impostos ad-valorem.

O sr. Ministro do Interior presta esclarecimentos e afirma que a ordem em Vila-Rial será mantida á todo o custo.

O sr. Vasco Borges trata mais uma vez da questão cambial.

Diz que o cambio entrou novamente na casa dos 5 e que da parte do governo nada vê fazer para que a situação melhore. O emprestimo de 50 milhões de dollars que todos julgaram que viria operar uma transformação na situação cambial, nada fez.

O sr. Presidente do ministerio, continua, parece persistir na sua teimosia de nada fazer pela melhoria cambial. E' o que se conclui das afirmações feitas a um jornal da manhã por s. ex.ª E isto não pode ser. Depois de fazer o elogio do sr. dr. Afonso Costa que negociou o emprestimo, o orador diz que é preciso o sr. Presidente do ministerio, em nome dos altos interesses nacionais responder:

1.º—Tendo sido assinado o contrato de 50 milhões de dollars porque motivo não veiu o governo expontaneamente ao Parlamento prestar declarações para elucidar o Paiz.

2.º—Se o não fez por o não julgar oportuno que motivos teve para assim considerar?

3.º—Assinado o contrato por que motivo não o efetuou e que razões tem para declarar que nada pode esperar dele?

O sr. Presidente do ministerio: Ha no discurso do sr. Vasco Borges dois pontos a considerar.

Primeiro, o que diz respeito ao sr. dr. Afonso Costa. Já aqui o disse: Este estadista é um grande republicano, um grande patriota e merecedor de todos os respeitos e admirações.

Segundo, o que se refere propriamente ao contrato. Sobre isto nada pode dizer mais do que aquilo que já disse. Os altos interesses nacionais inibem-o de fazer declarações. Mas se a Camara quizer tomar a responsabilidade do que ele orador disser, então dirá tudo.

O sr. Vasco Borges referindo-se novamente ao assunto diz que não se pode conformar com as declarações do sr. presidente do Ministerio. S. ex.ª disse a um jornal de Lisboa que nada esperava do contrato. Pois tem de dizer á Camara porquê. Se nada queria ou não podia dizer sobre o assunte então não se lhe referisse. Assim é que não faz sentido. As declarações do governo aqui é que devem ser feitas. O sr. presidente do Ministerio tem que dizer ao Parlamento por que nada espera do contrato.

O sr. presidente do Ministerio em aparte: Tenho que dizer se quizer.

Esta frase deixou a Camara atonita por uns segundos. O sr. Vasco Borges fica visivelmente contrariado. Mas uma voz protesta e então na Camara levantou-se um verdadeiro tumulto que os democraticos e reconstituintes fazem. O sr. Plinio Silva salienta-se nos seus protestos.

O orador continua então exaltado, por entre o tumulto a protestar indignadamente contra o sr presidente do governo, com frases de violencia destas:

«O sr. Presidente do Ministerio não pode falar assim. Em S. Domingos ou em sua casa é que s. ex.ª poderia responder desta forma. Mas aqui, no Parlamento, s. ex.ª não o pode fazer sob pena de sair desprestigiado.»

E para a maioria: «Se a maioria não se sente ofendida com as palavras do sr. Presidente do Ministerio é porque entre mim e ela ha uma grande distancia moral.»

A maioria convergindo sobre o centro da sala protesta tambem por sua vez. Era uma coisa curiosa ver a maioria em peso increpar a minoria, O sr. dr. Vasco Borges á frente, exaltado, dirigia frases violentas ao sr. presidente do governo e á maioria.

Os animos serenam-se um pouco quando o sr. dr. Vasco Borges se senta.

Mas o sr. presidente, referindo-se ao sr. Vasco Borges, diz:

—V. ex.ª não pode fazer uso da palavra usando desses termos.

O tumulto levanta-se então de tal maneira que o sr. presidente não consegue fazer-se ouvir e ninguem se entende.

Pretende então o sr. Presidente chamar á ordem agitando violentamente a campainha, mas com tanta infelicidade que esta salta-lhe das mãos, por cima da mesa e vai cair aos pés dos ministros.

Nesta altura o sr. Presidente põe então o chapeu na cabeça interrompendo a sessão.

Os animos serenam e reabre-se a sessão.

O sr. Vasco Borges concluindo as suas considerações faz a justiça de acreditar que o sr. Presidente do Ministerio com a sua frase não quiz melindrar ninguem. Faz ainda algumas considerações sobre o assunto que motivou o incidente, e conclue dizendo esperar do sr. Presidente do Ministerio algumas declarações sobre o assunto.

O sr. Presidente do Ministerio explica que com a sua frase não teve a intenção de melindrar o sr. dr. Vasco Borges. Depois diz que sobre os cambios o que o governo pode fazer é levar á Camara uma proposta regulando o comercio de cambiais, e disso está o governo tratando.

O sr. Vasco Borges: Mas então v. ex.ª está em contradição.

O sr. Presidente do Ministerio: Porquê?

O sr. Vasco Borges: Porque v. ex.ª declarou já aqui que não podia regular os cambios e agora diz que tenciona trazer a Camara uma proposta para regular as cambiais, o que é o mesmo.

O sr. Presidente do Ministerio: Não é assim. Não estou em contradição. O que eu afirmei aqui ha tempo foi que o governo não podia regular os cambios. E a minha proposta apenas tende a regular o comercio das cambiais, o que é muito diverso.

Quanto ao contracto dos 50 milhões de dollars o governo não pode fazer declarações. Quando o puder, esteja disso certa a camara, ele será o primeiro a comunica-las ao paiz. As negociações ainda não estão concluidas. Foram-nos apresentadas algumas condições que nós não podiamos aceitar. Propuzemos outras. Serão elas aceitas? Se o forem, o governo fechará o contracto e depois o comunicará ao parlamento. Se as novas condições que nos propuzerem não forem de molde a que o governo possa aceita-las sem nenhumas duvidas, o governo consultará o parlamento. Se ele estiver fechado, o governo fará a sua convocação para apreciação do assunto.

Se o cambio chegou a 9, ha semanas, foi simplesmente por se ter julgado que o emprestimo se realisaria. Desceu porque as constantes discussões á volta desse contracto provocaram declarações pelas quais os especuladores verificaram que nada de positivo ainda havia e que portanto podiam agir á vontade.

Por isso temos outra vez o cambio a 5.

Quanto á afirmação por ele feita num jornal declara que não pode ser responsavel por declarações que não sejam assinadas e explica que a frase nada mais quere dizer do que o seu estado de desanimo no momento em que a proferiu, se a proferiu, ou uma má interpretação da parte do jornalista.

O sr Vasco Borges, fazendo novamente uso da palavra, diz que de alguma coisa serviu ter provocado a discussão.

(Risos do sr. presidente do Ministerio).

Falam contra a proposta do governo aumentando as taxas de contribuição industrial e predial os srs. Carvalho e Silva, Antonio Morais da Silva e Lopes Cardoso. O sr. presidente do ministerio defende, em resposta o seu ponto de vista.

No Senado

O sr. Catanho de Menezes pede urgencia e dispensa do regimento para o projecto de lei da sua autoria, autorisando o governo a decretar as providencias necessarias sobre a compra e venda de cambiais, revogando toda a legislação em vigor.

Concedida a urgencia e a dispensa, foi o projecto aprovado, depois de o terem elogiado os srs. José Maria Pereira, Ministro da Justiça e Julio Maria Batista.

A' hora de encerrarmos este extrato, a sessão acha-se interrompida aguardando-se a chegada dos srs. ministros da Guerra e das Finanças, afim de se entrar na ordem do dia.

A situação do governo

Segundo hoje se dizia na Arcada, antes do meio dia. a situação do equilibrio instavel, caracteristica deste gabinete depois das eleições, agravou-se sensivelmente d'ontem para hoje, por causas diversas, principalmente de natureza politica.

A reunião d'hontem, onde compareceram democraticos graduados, não foi feliz para o governo. A atitude dos deputados democraticos é classificada, pelos corpos directivos do partido excepção feita do directorio ou de parte d'ele, como benevolente, assemelhando-se mais a uma cumplicidade que a uma acção fiscalisadora. E' possivel que as informações dos democraticos mais adaptaveis ás instruções do sr. Antonio Maria da Silva venham a refluir-se nas discussões parlamentares.

A dentro do Congresso tambem ha pronuncios d'uma mais activa oposição ao governo, se bem que tal atitude não seja apoiada, visivelmente, pelos reconstituintes.

O Senado, fazendo oposição bastante nitida á lei dos duodecimos, inaugura talvez um periodo d'agitação parlamentar, de que o governo escapará, afinal, pela porta do aditamento da sessão legislativa.

O caso da Avenida da Liberdade

Um redactor d'«A Capital» avistou-se hoje com o sr. Jaime Serra, director da Policia de Segurança do Estado, que lhe disse continuar nos seus trabalhos de investigação sobre o caso da denuncia feita á policia, de que no predio 178 da Avenida da Liberdade existiam bombas e diverso armamento oculto.

Afirmou ainda, que as prisões que ordenou, do denunciante e dum outro individuo seriamente implicado no caso, serão mantidas, até que melhor exito consiga nos seus trabalhos.

As buscas teem continuado, sem que todavia o exito seja completo.

Falou-se muito hoje dum outro predio da Praça dos Restauradores, onde, ao que se diz, teem havido reuniões monarquicas num dos varios escritorios ali estabelecidos, mas procura-se guardar sigilo sobre o caso.

Notas politicas

Uma sabatina

O sr. Antonio Maria da Silva apareceu hoje na Camara dos Deputados um pouco tarde. Já rebentára e se extinguira a tempestade que forçou o sr. Pesidente a interromper a sessão. Depressa se poz, todavia, ao corrente da situação. E o resultado agravante foi aproximar-se do sr. Plinio Silva e celebrar com ele uma demorada conferencia, isolados os dois na bancada superior da extrema esquerda. Não parece, de resto, que se tratasse dum dialogo, visto que o sr. Plinio Silva ouviu muito mas falou pouco...

Para as pessoas que não tenham senão um conhecimento restricto dos «dessous» do Parlamento explicaremos que o sr. Plinio Silva tem sido, nesta sessão legislativa, um ardente oposicionista emquanto que o sr. Antonio Maria da Silva passou por ser o mais forte apoio do sr. Barros Queiroz.

Não é fora de proposito dizer que se atribue a uma promessa formal que o sr. Barros Queiroz fez ao sr. Antonio Maria da Silva o facto do chefe do governo se recusar a dar explicações claras acerca do malogrado contrato dos 50 milhões de dollars. Ambos estes estadistas reputam prejudicial ao Estado qualquer explicação, ainda inoportuna. Assim se conciliam a resposta ao Parlamento do sr. Barros Queiroz e o seu compromisso formal, que se diz celebrado com o sr. Antonio Maria da Silva.

O que é um facto incontroverso é que o sr. Antonio Maria da Silva, emprega todos os esforços para facilitar a vida do governo, evitando uma crise que, sem duvida alguma, seria de muito dificil solução.

Antonio Luiz Gomes

Tem sido notada a falta deste ilustre deputado, ás sessões dos ultimos dias. Ha quem suponha que o ex ministro do Governo Provisorio se retirou para o Porto, desgostoso da politica que se debate no Parlamento. A noticia necessita, porém, de confirmação.

Conversas politicas...

Na Camara dos Deputados falou-se muito de impostos, o sr. Carvalho da Silva contra e o sr. ministro das Finanças a favor. E' natural: cada qual no seu papel.

Mais interessante, porém, seria ouvir a prelecção que o sr. Antonio Maria da Silva distribuiu pelos srs. Vasco Borges, Paiva Gomes e Portugal Durão. Não devia ter sido extranho á palestra o discurso que o sr. Vasco Borges pronunciou — discurso de oposição, bem caracteristico. Os quatro politicos pareciam, aliás, entrar em acordo, a avaliar pela serenidade das fisionomias e dos gestos.

Poeira da Arcada

O alto comisario em Moçambique nomeou o sr. Amadeu Queresma, administrador do concelho de Lourenço Marques, para exercer o cargo de substituto do director da Policia Judiciaria daquela cidade. O concelho de finanças da provincia negou, porem, o visto áquela nomeação.

✦ ✦ ✦

O director geral da instrução publica de Moçambique foi encarregado pelo respectivo alto comissario de percorrer toda a provincia, a fim de colher elementos para a reforma geral do ensino publico na colonia.

✦ ✦ ✦

Largou efectivamente hoje do nosso porto para Veneza o navio de guerra «Patrão Lopes» que, como se sabe, vai buscar os dois ultimos torpedeiros ex-austriacos dos seis que pelos aliados foram cedidos a Portugal.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro do Comercio deve receber amanhã a direcção da Associação dos Professores das escolas Industriaes e Comerciaes, a Associação de Classe dos Manufactores de tecidos e os srs. almirante Macedo e Couto, presidente do conselho de administração da Marinha Mercante Nacional, e dr. Camara Reis, director interino da Biblioteca Nacional.

✦ ✦ ✦

Uma comissão de fornecedores de materiaes para a Escola Normal primaria de Bemfica procurou hoje o sr. ministro da Instrucção para solicitar o pagamento de cento e tantos contos de antigos fornecimentos.

✦ ✦ ✦

O sr. ministro da Marinha aprovou a proposta do sr. major general da armada para a organisação de uma esquadrilha de contra-torpedeiros, submersiveis e hidro-aviões, que na proxima primavera procederá a exercicios na costa de Portugal, para adestramento do respectivo pessoal.

Visitas presidenciais

O sr. dr. Antonio José de Almeida, acompanhado do seu secretario e do sr. ministro da Guerra, visitou esta tarde, pelas 16 horas, todos os serviços aeronauticos maritimos, interessando-se bastante pelo seu funcionamento.

Pouco depois visitou tambem os submersiveis «Espadarte», «Republica» e «Tejo».

Reune a Sociedade das Nações

GENEBRA, 24.—Reuniu a comissão convocada pelo conselho da Sociedade das Nações para estudar a questão dos refugiados russos. Estavam representados os seguintes paizes: Bulgaria, China, Finlandia, França, Grecia, Polonia, Romenia, Suissa, Techeco-Slovaquia e Yugo Slavia. Foi eleito presidente mr. Yovanovitch, yugo-slavo, e vice-presidente mr. de La Quis, suisso.

Os delegados dos diferentes Estados representados expuseram a situação dos refugiados russos nos seus respectivos paizes. A conferencia exprimiu a seguir o voto de que a repartição internacional do trabalho recolha das diversas administrações nacionais ou dos grupos de refugiados organisados indicações sobre a profissão de cada um para serem devidamente classificados para futuro emprego.

A conferencia ocupar-se-ha tambem da questão dos refugiados georgianos visto não poder o seu governo velar pela sua situação. Antes da abertura da conferencia o governo da Georgia enviou por intermedio do seu delegado, á secretaria geral da Sociedade das Nações uma exposição pormenorisada a este respeito com um pedido de socorros.—(A).

CÁ E LÁ

Na Argentina pede-se um inquerito

BUENOS AIRES, 24.—Em consequencia de alguns boatos espalhados tendenciosamente, o director da caixa de conversão pediu a nomeação duma comissão parlamentar para verificar a exactidão dos depositos em ouro na referida caixa.—(A.)

Boatos de revolução no Mexico

MEXICO, 24.—São completamente destituidos de fundamento os boatos relativos a iminencia de nova revolução. A tranquilidade é completa em todo o paiz e a politica externa e agora orientada na base dum inteiro acordo com os Estados Unidos.—(A.)

Espanha em Marrocos

Restabelece-se o socego

ALMERIA, 23.—As cartas recebidas de Oran dizem que a não ser no Cabo de Agua ha tranquilidade completa ao longo do Muluya, nos confins da zona hispano-franceza. No extremo sul de Ben.buyaga e Baninsoil os indigenas voltaram aos seus trabalhos normais e a ultima marcha da «harka» Il rang efectuou-se com toda a normalidade. O material de guerra abandonado nesta região por parte das tropas espanholas foi provavelmente inutilisado por completo.—(H).

Emquanto não se rompem as hostilidades

MADRID, 23.—O embaixador em Paris, sr. Quiñones de Leon devia partir esta tarde a reassumir as suas funções. O general Berenguer que, segundo se dizia, devia vir por estes dias a Madrid, parece que renunciou a essa viagem, mas em seu logar o seu ajudante de campo, em que ele tem toda a confiança, chegou hoje a Madrid e conferenciou com o ministro da guerra. O rei deve recebe-lo esta noite. O «Diario Universal» supõe que o general Berenguer recebera, para as transmitir ao general Berenguer as ultimas instruções do governo sobre o plano das futuras operações em Marrocos.—(H.)

Proseguem as operações

MADRID, 24.—O comunicado oficial de Melilla diz que uma coluna saiu de manhã a instalar postos para assegurar as comunicações com Zoco ell-Hach e dispersar os inimigos que ha dias perturbavam essas comunicações.

A operação teve completo exito. A luta foi por vezes, durissima, mas, por fim, o inimigo foi dispersado com importantes baixas, deixando no campo bastantes mortos e feridos.—(H.)

A CAPITAL

3869 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quinta-feira, 25 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

A sessão de ontem

A sessão de ontem, na camara dos deputados, assinalou-se pela discussão, por vezes agitada, da questão cambial. O sr. Barros Queiroz, presidente do Ministerio, foi interrogado sobre os motivos porque não se tem levado a efeito a operação dos 50 milhões de dollars, e colocado ao mesmo tempo na obrigação de enviidar todos os seus esforços para que termine de vez, seja como fôr, o custe o que custar, a obra dos especuladores a que sobretudo se deve o excesso da depressão cambial, e cuja existencia o sr. presidente do Ministerio e ministro das Finanças não pode desconhecer, porque ele proprio afirmou, em pleno parlamento, essa existencia.

Devemos confessá-lo: a sessão de ontem não deixou bem colocado o sr. Barros Queiroz. As suas contradições, as suas incongruencias, os seus impulsivismos, prejudicaram grandemente o seu prestigio como estadista de resolução e saber. Pois então o sr. Barros Queiroz curva-se, reverente, perante as qualidades do sr. Afonso Costa, em materia financeira, que reputa excepcionais, e afinal de contas declara que o contracto assignado pelo antigo chefe democratico estava cheio de disposições inaceitaveis, tão inaceitaveis que procura intensamente substitui-las por outras? Então o sr. Barros Queiroz pede autorisação para regularisar as funções da industria cambial, e vai declarando ao mesmo tempo que nada pode contra os especuladores dos cambios, como se lhe tivessem fornecido uma arma de que ele não quere servir-se?

Então o sr. Barros Queiroz exclama, num tom de irritação e despreso, que só responderá ao parlamento se quizer, e classificando depois a sua phrase de «infeliz» não vê que o seu arrependimento não pode ser tomado a serio enquanto não mostrar que está disposto a não praticar tambem actos infelizes, como sejam os de animar a especulação cambial com as suas fantasticas afirmações de importancia, quando porventura até a simples acção dum chefe da policia bastava para acabar com as manobras infamissimas de especuladores, dignos da grilheta?

O sr. Barros Queiroz tem estado sempre infeliz. Quando afirmou que a melhoria do cambio foi devida ao anuncio do contracto dos 50 milhões de dollars, dando-se como inteiramente firmado, correspondendo a baixa que lá tempos se vem produzindo ao facto de se ter mantido uma atmosfera de duvidas sobre esse contracto, o sr. Barros Queiroz esqueceu-se de que, se o primeiro caso foi devido a telegramas falsos, em que se anunciava a assinatura do contracto antes dela se ter realisado, o segundo foi devido á sua deploravel atitude, cheia de misterios e reticencias, quando não a impotencia de dizer ao paiz o que lhe está dizendo agora, isto é, que o contracto assignado pelo sr. Afonso Costa em Paris representa uma operação irrealisavel para todo o governo que não precisa entregar-se á mercê de intermediarios insaciaveis.

E' triste ter de acentuá-lo, mas, para nos servirmos duma phrase que, de tão repetida, se encontra banalisada, sem que por isso deixe de ser a expressão mais exacta de determinadas situações, a verdade é que o governo não está á altura das circunstancias. Mais uma vez se prova que estar á frente duma casa comercial não habilita a estar á frente do paiz, e que o espirito de classe sempre se concilia com as grandes necessidades colectivas da sociedade inteira.

A questão de Marrocos

Manifestações de saudade ao partir das tropas

MADRID, 25.—Ao seguir para Marrocos a guarnição de Madrid, produziu-se uma imponente manifestação patriotica em frente do palacio e nas ruas do transito. A estação foi logo invadida por grande multidão que vitoriava as tropas, a Espanha, o rei e o exercito.—(H).

Os espanhois pensam em efectuar uma grande ofensiva

MADRID, 25.—O general Beldeber, ajudante de campo do alto comissario espanhol em Marrocos, disse hoje, em Madrid, ter esperança em que as tropas espanholas empreenderão em breve uma grande ofensiva.—(H).

As operações continuam

MELILA, 25.—A coluna que protegia um comboio sustentou uma grande luta contra os rebeldes que foram repelidos com importantes perdas.

Os rebeldes continuam a disparar, os seus canhões contra algumas das nossas posições, mas o tiro é ineficaz. —(H).

Tropas que partem

MADRID, 25.—Realizaram-se em Carabanchel brilhantes manobras militares executadas pelas tropas que estão prontas a embarcar para Marrocos. Assistiram o rei e o ministro da guerra, o capitão general e outras personalidades.

POLITICA

NOS BASTIDORES...

Confidencias dum deputado que não é incondicionalmente governamental:

O sr. X... é deputado pela primeira vez. Apoia o governo. Pertence, se quizerem, á maioria parlamentar, se bem que as condições em que foi eleito lhe deem direito a reivindicar uma independencia politica, mais ou menos relativa. Se não é um jurisconsulto é, com certeza, bacharel formado, um pouco mais do que aqueles de que falou o poeta. Foi orador eloquente nas assembleias gerais da Academia. Agora, na ambição de ser tribuno do povo, estuda, documenta-se e... espera. Ouvir-se-ha falar dele, mais tarde.

Encontrámo-lo hontem á noite, num café da Baixa. E os seus comentarios ao momento politico, por vezes acompanhados de informações preciosas, foram tão interessantes que se nos afiguram dignos de serem aqui arquivados. Assim; respondendo a uma pergunta nossa, o ilustre parlamentar da maioria elucida-nos:

—A sessão de hoje foi um «bluff» politico e mais nada. Aquelo «dize tu, direi eu» entre o Vasco Borges e o Barros Queiroz foi comedia, resultado de valores entendidos.

«O que se queria, conseguiu-se: o Parlamento deu ao governo a autorisação respeitante aos cambios.

—Mas o Vasco Borges foi energico, teve vivacidade...

—Não ha duvida. Foi, simplesmente, uma questão de temperamento. Foi mais longe do que desejava e era preciso. O proprio Barros Queiroz ficou surpreendido.

—Entretanto, na questão do contracto dos 50 milhões de dollars, o Vasco Borges...

—Outro «bluff». O Vasco Borges conhece o contracto de fio a pavio. Mostrou-lho o proprio Barros Queiroz. E ambos sabem que ele é inexequivel.

—Mas foi assignado pelo Afonso Costa!...

—Pois é isso que tudo embaraça. O Antonio Maria da Silva, ao deixar o governo, só conhecia o contracto por informações telegraficas do Afonso. Reputou-o bom e como tal o passou ao Barros Queiroz. Quando este o leu (mondou-lho o Afonso Costa) discordou em certos pormenores, redigidos duma forma imprecisa, susceptivel de dar margem a grandes prejuizos para o Estado, no momento das liquidações. O Antonio Maria da Silva, posto na confidencia, concordou. E o contracto ficou para segundas leituras.

—Mas porque se não publica, então?...

—Para não pôr a descoberto o Afonso. O Antonio Maria da Silva faz questão disso. E o Barros Queiroz, que lhe está nas mãos, prometeu-lhe formalmente que o contracto ficaria constituindo segredo de Estado. E' por causa desse compromisso que o contracto não se publica.

—E, tambem, porque o credito do Estado ficaria abalado, segundo disse o chefe do governo...

—Historias, meu amigo, historias!... O mal que a publicidade poderia fazer, está feito. O cambio, amanhã, estará a 5. Peor que isto só o diluvio...

—O contracto é, então, um caso liquidado?

—Não digo tanto. Não sou tão pessimista como o Barros Queiroz. E possivel que dele se venha a fazer alguma coisa. Mas não será facil...

—Então o Barros Queiroz é pessimista?...

—Sim, enquanto a emprestimos e por agora. O Barros Queiroz entende que não é possivel inspirar confiança no estrangeiro enquanto o orçamento não fôr equilibrado ou proximo disso. Daí o empenho que o ministro das Finanças põe na aprovação das leis fiscais. A meu ver, ele tem razão. E tudo irá bem, a não ser que...

—A não ser?

—Que haja revolução!...

Mais confidencias nos fez o nosso amigo, segundo a ordem de ideias natural e sugestiva... Mas, desgraçadamente, não nos é licito fazer antecipadamente a historia.

AS PROPOSTAS DE FINANÇAS

DEFESA DA REPUBLICA

Será possivel uma Republica onde o Estado não seja republicano? — Recordam-se palavras de João Chagas

Entre as muitas cartas que sobre a proposta força temos recebido, destacamos hoje a que abaixo vai publicada e que analisa a momentosa questão sob um ponto de vista inteiramente novo:

Sr. redactor — Tem «A Capital», jornal republicano ainda nas horas mais dificeis como, por exemplo, nos dias incertos de Monsanto, defendido, com vigor inexcedivel, a classe do funcionalismo civil, ameaçada de uma verdadeira catastrofe se a proposta do sr. Barros Queiroz—a proposta-força, como v. muito bem lhe chama—fôr convertida em lei. Não o será, por certo,—graças á corrente de opinião que, a nosso favor, a imprensa republicana, com «A Capital» á frente, soube despertar e manter. Entretanto não convem descansar no provavel e bem faz v. em não deixar adormecer a questão, antes diariamente a vem pondo com brilho e prudencia, diante dos olhos imparciais do publico.

Se me permite, eu quero colaborar com V., encarando o problema sob um aspecto, que não vi ainda examinado e que, por certo, passou desapercebido ao sr. Barros Queiroz, a quem cabe actualmente, mais que a ninguem, a defesa das Instituições Republicanas. O sr. Presidente do Ministerio é um velho republicano, de todos os tempos, em todas as situações e fossem quais fossem as vicissitudes porque tem passado o regimen fundado em 5 de outubro de 1910. A tão ilustre cidadão não hão-de ser, pois, indiferentes as considerações que passamos a expôr.

Se a proposta-força fôr convertida em lei e executada nos termos desoroaveis inventados e preconisados pelo sr. Barros Queiroz, a Republica sofrerá um golpe gravissimo, que, sem duvida alguma, a não ferirá de morte mas lhe tirará prestigio e grandeza. E a razão é simples: a lei—guilhotina, legitima filha da proposta-força, privará os quadros da totalidade ou, pelo menos, da grande maioria dos funcionarios republicanos.

Não oferece duvida que os altos cargos do Estado estão ainda, quasi todos, na mão de funcionarios educados e viciados pela monarchia; só as funções de pequena categoria são desempenhadas por dedicados republicanos.

Ora a lei-guilhotina, como v. irrepondivelmente tem demonstrado, relegará para a situação de adidos os funcionarios de pequena categoria, isto é, os republicanos, e deixará no efectivo os «tubarões», que são monarquicos, aparte as excepções a que já nos referimos. Ora, agora, pergunto eu: esta eliminação violenta de burocratas republicanos será util a um Estado que, legalmente é republicano, mas que está ainda longe de o ser, de facto? A resposta não pode deixar de ser negativa. Ela cabará, por força, no espirito do sr. Barros Queiroz.

Já um homem de talento, republicano como os que mais o são, pôs a questão em termos precisos. Foi o primeiro, creio eu. Depois dele, outros glosaram o mote, mas nenhum estadista republicano ousou enveredar pelo caminho de reformas necessarias para «fazer um Estado republicano». João Chagas disse, se a memoria nos não atraiçoa, que a Patria é de todos os portuguezes mas que o Estado tem de ser republicano e dos republicanos.

Esta é que é a verdadeira defesa da Republica. Se, porém, ao Estado se amputam os funcionarios republicanos, a Republica fica enfraquecida. E a lei-guilhotina terá esse efeito imediato, sem duvida alguma.

Dissemos que o Estado não é republicano. Para que tal afirmação não possa ser disvirtuada no seu conteudo legitimo, é preciso explicarmos desde já que, se o Estado ainda não é republicano, já o paiz o é, felizmente. Já o era em 1910 porque, do contrario, a proclamação da Republica não seria viavel e, quando o fosse por um golpe de acaso, não poderia consolidar-se. Ora a Republica resistiu aos monarquicos das incursões e aos traidores da Traulitania e do Porto. Logo, está consolidada. A mocidade de hoje é constituida pelas crianças que viram o clarão liberta dor da Rotunda. Essa mocidade é republicana e é ela que constitue a força principal da Nação.

Mas o Estado não é, senão parcialmente, republicano. Os quadros estão repletos de funcionarios do antigo regimen, que retêem nas mãos a força directiva.

Se do serviço do Estado forem eliminados os pequenos funcionarios, nós passaremos a viver num paradoxo porque passará a existir na Europa um paiz profundamente republicano, gerido por um corpo de funcionarios monarquicos ou, pelo menos, inspirados do monarquismo. E isto originará forçosamente, perturbações na evolução politica da Nação — especie de organismo onde o corpo é republicano mas o espirito continua eivado do virus monarquico.

Quer o sr. Barros Queiroz assumir a responsabilidade duma acção tão dissolvente?...

Não lhe tomo nem mais tempo nem mais espaço. Disse o bastante.

De V. etc.

J. M., 1.º oficial

N. R.—Embora esta carta esteja assinada por extenso, entendemos conveniente publicar apenas as iniciais do nosso amavel correspondente.

A proposito do mau funcionamento das Camaras

Uma ideia que se fosse aproveitada daria belos resultados

Se se fizesse ao Parlamento o mesmo que D. Diniz fez á Universidade...

O novo Parlamento é já coisa assente, não diverge em nada dos outros, daqueles que o Partido Liberal combateu, por os considerar insuficientes, viciosos e incapazes de lançarem uma obra de ressurgimento do Paiz. E se alguma diferença faz, é para pior. Deixámos de ter uma representação das classes avançadas; passámos a possuir uma representação monarquica. Somos o unico paiz que não possui na sua representação nacional delegados das correntes avançadas. E será porque estas correntes em Portugal não existam ou sejam de menor importancia? Parece-nos que não. Mas não é deste ponto que desejamos tratar. O Partido Liberal, fazendo as eleições, deu ao Paiz uma esperança de regeneração de processos, de costumes na nossa vida politica. E em Portugal não houve ninguem que não tivesse pelo menos esperado, numa espectativa benevola o desenrolar dos acontecimentos, isto é, a execução do programa do P. Liberal e a pratica dos novos processos politicos tão apregoados.

O Parlamento funciona ha já algum tempo. Podemos portanto fazer algumas observações sobre a forma como ele trabalha e acêrca da produtividade da sua acção.

Continuamos como dantes. A politica continúa preocupando os espiritos, e a vaidade dos novos legisladores, do mesmo modo como a vaidade dos antigos, continua apenas produzindo largos discursos, que tomam todo o tempo destinado ás sessões e levantando a todo o passo pequeninas, mesquinhas questões de interesse restrito, estritamente individual. E' a fatalidade do destino? Não sabemos. Mas parece-nos que a despeito de varios indicios de que somos um povo em decadencia, ainda nos é possivel um ressurgimento. Alimenta-nos esta crença a observação directa que temos feito á vitalidade das energias da raça. O nosso mal, o mal corrosivo de que enferma a nossa constituição politico social não deve ser esse, não deve ser o embotamento dos nossos sentimentos nem o depauperamento das nossas forças. Se observarmos de perto cada um dos individuos que constituem o Parlamento, havemos de concluir que todos, ou quasi todos, são homens activos, elementos importantes de trabalho e de organisação.

Porque é pois que colectivamente nada produzem? Porque é que colectivamente se tornam elementos opostos ás suas naturais condições? Influencia do meio? Desconcerto nas suas qualidades de actividade produzido pelo deslocamento?

Ha quem diga que é por isto, mas ha tambem quem diga que não e filie noutras razões a decadencia do sistema parlamentar entre nós.

Seja por que fôr o que é certo é que o actual Parlamento, á maneira dos outros Parlamentos, tem-se mostrado pouco cuidadoso e pouco trabalhador. Estamos portanto na mesma. O mal subsiste. Ha que procurar um remedio mais eficaz. Qual?

Parece-nos que se poderia fazer hoje com o Parlamento o mesmo que D. Diniz fez com a Universidade e os estudantes: tirá-lo de Lisboa. Sim, porque Lisboa parece transtornar os habitos dos deputados provincianos. Dir-nos-hão que não é facil por a ideia em execução. Mas porquê? Não é certo que, para grandes males, se devem tomar grandes remedios?

NA RUSSIA DOS SOVIETS

CONSTANTINOPLA, 25. — Uma missão militar russa tem permanecido em Angora para informar o governo dos «soviets» da marcha das operações.

Lenine telegrafou a Mustapha Kemal, felicitando-o, por ocasião da sua nomeação como generalissimo, assegurando-lhe que Moscou estava na disposição de cumprir as clausulas estipuladas no recente tratado russo, turco.—H.

A repressão do jogo

Prisões e apreensões

Algumas brigadas de policia destacadas para a repressão do jogo nos varios clubs e casas de reunião, procederam ontem a minuciosas buscas nos casinos S. João de Ribamar e Cabaret, de Algés. Nesses clubs foram presos, por estarem jogando, os seguintes individuos: Alfredo Duarte, João Costa, Guilherme dos Santos, João Manuel Fernandes Rodrigues, José Nunes Pereira, José Joaquim da Silva, Antonio Rodrigues dos Santos, Francisco Monteiro, Cesar Augusto, Adelino Ribeiro, Alvaro Leite Ribeiro, José Manuel da Silva e Lola Gonçalves.

As brigadas continuaram ainda hoje no Casino S. de João de Ribamar, tendo apreendido pela policia varios objectos, entre os quais se contam: trez roletas, estando uma incompleta tres bolas de marfim, duas raquettes, tres baralhos de cartas, quatro mesas proprias para jogo, dois panos de as cobrir, uma libra em ouro, outra em papel, quatro dollars em ouro, vinte em papel, setenta cinco pesetas em papel, algumas centenas de fichas de 50 centavos e de 1.000 escudos elem 13.645$34 em dinheiro portuguez.

Por terras de além

O problema cluico na Europa.—As divergencias entre os aliados.—A Alemanha pagará os seus encargos ou abrirá bancarrota?

Continuam dubias e cada vez mais casuais, nos seus resultados definitivos, as previsões que os grandes estadistas modernos fazem acerca do futuro equilibrio politico europeu, sempre função da Europa Central—Alemanha principalmente.

A violencia inaudita da grande guerra em que o desencontrado jogo de interesses principalmente industriais, precipitou a Europa, arrastando consigo a intervenção, ora teorica, ora efectiva, de outros Estados da America e Asia, determinou profundamente uma perturbação imensa no equilibrio geral dos Estados e na balança economica internacional.

Se, porém, houve espiritos que, obsecados pela paixão ou sugestionados pelas correntes artificialmente desenvolvidas, suposeram que a Alemanha poderia ser eliminada para sempre do concerto das nações europeias, esses erraram completamente, deixando-se levar por considerações quimericas e despidas de base scientifica.

Pertence aos mais rudimentares conhecimentos da etnografia geral, o facto dos tres grandes ramos etnicos da Europa—slavo, latino e escandinavo — serem apenas diversificações do tronco Indo-Germanico.

Por isto, como na viagem de Xavier de Maistre em redor do seu quarto, em que, a proposito das mais insignificantes cousas, logo «la bête» aparecia; assim tambem, dissipadas as correntes politicas até de odio e rancor quasi sempre artificialmente creadas, logo aparece a genealogia etnica a lembrar a indispensabilidade da intervenção germanica para o restabelecimento do equilibrio europeu.

Após a grande guerra.—Surgem as divergencias.—Afrouxam os laços de solidarIedade internacional.

Terminada a grande guerra, logo foram postas pela America umas certas bases de caracter liberal, a tornar possivel e aceitavel um ajuste de paz.

Feito o armisticio, entrou-se em negociações, num prurido de bi-lateralidade que de facto não existia, como nunca pode existir entre devedor e credor ou entre vencidos e vencedores. E daí saiu o Tratado de Versailles, cuja exequibilidade a breve trecho principiou a ser reconhecida.

Surgiram os protestos, as queixas, as aclarações, as emendas.

Com efeito as bases propostas pelos Estados Unidos, como condição «sine qua», tinham sido sistematicamente postas de parte, provocando anomalias, contrariedades, reclamações infinitas.

Com a diferenciação de interesses cada vez maior, foram afrouxando os laços de solidariedade que durante quatro anos trouxeram os Aliados num convivio intimo.

Logo surgiu a questão do Ruhr, a delimitação do Rheno, a Alta Silesia, as reparações, a tributação especial sobre a produção alemã.

Em concorrencia, impendia o chamado perigo bolchevista; e com ele jogavam os governos alemães como arma de arremeço... como ameaça eminente, possivel e proxima...

Entretanto verificava-se o desequilibrio economico e financeiro dos Estados...

Era a figura do Terror que pairava como sombra infernal sobre as sociedades contemporaneas...

Havia que transigir, havia que ponderar. A solidariedade apertar fronteiras; deixara de ser mundial para se tornar nacional...

A Alta-Silesia distanciou os pontos de vista da França e da Inglaterra. A necessidade de exportação levara a America a pender para a Alemanha. As conveniencias [illegible] levaram Inglaterra a tratar com os chevistas de 1 [illegible]. Este, pela sua parte achou, [illegible] dividas externas, o repor os fundos sequestrados aos Bancos...

O proximo tratado americo-alemão — O conflito balcanico e os Dardanelos

As consequencias praticas da situação internacional principiam a exteriorisar-se em factos concretos.

America e Alemanha acabam de chegar a um acordo completo na confecção de um tratado comercial que, se espera, será assinado esta semana, com aplauso do Reichstag, no dizer da «Deutshe Allgemeine Zeitung».

Neste tratado os Estados Unidos já põem completamente de parte o sempre irritante e insoluvel questão das responsabilidades da guerra, questão esta que outros Estados tambem principiam a não querer discutir.

Os historiadores do futuro que investiguem mais tarde, quando as paixões humanas se tiverem completamente acalmado com o desaparecimento dos protagonistas.

A solução que o Tratado de Versailles deu á questão balcanica, tambem já os Estados contratantes estão verificando que só serviu a dar novos aspectos não menos graves ao eterno problema.

Não se trata mais do isolamento do Bosforo e Constantinopla, como anteriormente. Agora discute-se o livre-transito ou o privilegio no estreito dos Dardanelos. E disfarçando este objectivo, batem-se doidamente gregos e turcos, não sendo de estranhar que outros povos dos Balcans se vejam em breve envolvidos no conflito.

Por seu lado a Alemanha não descura as suas deligencias por se subtrair ou pelo menos atenuar quanto nas suas forças caiba a gravidade dos seus encargos.

Discute-se a capacidade da Alemanha para satisfazer os seus encargos externos.—Um Congresso Internacional Astronomico.

As possibilidades materiais da Alemanha para satisfazer os pesados onus que sobre ela pesam, assumem novamente o caracter de um problema internacional. Com a America pelo seu lado, a Russia um pouco na sua dependencia, e a Inglaterra, ansiosa por uma completa reconciliação, agora que considera os perigos que a ameaçavam um pouco afastados, a imprensa alemã, tendo á frente a «Deutshe Allgemeine Zeitung» (Gazeta Geral Alemã), insere uma importante serie de artigos firmados pelo ilustre economista inglez Maynard-Keynes, em que procura demonstrar a impossibilidade material da Alemanha pagar na integra todas as dividas que se lhe impõem, mas a sua queda financeira, irreparavel e inevitavel, arrastando consigo o descalabro da Europa inteira.

No entender do Sir Keijnes, os alemães conseguirão fazer face aos vencimentos da divida em 31 de Agosto e 15 de Novembro do ano corrente, e 15 de Janeiro de 1922. Mas entre Fevereiro e Agosto do ano que vem, terão de abrir bancarrota.

A esta opinião opõem-se outras em sentido contrario, o que só nos conduz a todos a um estado de incerteza dolorosa, por causa das tristes consequencias que tais dissensões permitem prever.

Entretanto, ao lado da Alemanha politica, economica e financeira, surge uma nova Alemanha Comercial, industrial e scientifica, a desenvolver-se num crescendo que causa assombro.

Para muito breve já se anuncia um grande Congresso Internacional de Astronomia que reunirá em Potsdam e do qual se esperam resultados importantissimos para o progresso geral da astronomia.

Noticias do Brazil

RIO DE JANEIRO, 25.—No primeiro semestre do corrente ano, as importações atingiram a soma de 1.005.000 contos, e a exportação 726.759 contos. No segundo semestre notam-se tendencias para o equilibrio da balança comercial.—(A).

RIO DE JANEIRO, 25.—O Brazil far-se-ha representar na exposição internacional que vai realisar-se em Tokio no mez de março do ano proximo.—(A).

RIO DE JANEIRO, 25.—O Brazil deu o seu protocolo do supremo tribunal internacional de justiça de Haya.—(A).

A guerra no Oriente

Gregos e turcos prosseguem nas suas operações

ANGORA, 25.—Na frente ocidental os destacamentos gregos, que dispõem de grande força, continuam na sua marcha em consequencia do ofensiva que iniciaram. No sector de Afium Karahissar os gregos abandonaram Aslanler. O comandante de Ismidt diz oficialmente que depois de cinco dias de combate no sector Eski Cheir, os gregos sofreram um revez e retiraram em direcção a Eski Cheir sendo perseguidos pelos turcos.—(H.)

Cruz Vermelha

Em auxilio á Russia faminta

A Cruz Vermelha Portuguesa, representante em Portugal do Comité Internacional da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha, com séde em Genebra e procedendo em conformidade das instruções dali emanadas, em cooperação com a Sociedade das Nações recebe, na sua séde, Praça do Comercio, Lisboa, quaisquer importancias destinadas a socorrer as populações famintas da Russia.

Cerca de 2.000 contos

Saem, na grande maioria, indevidamente do paiz, para o pagamento de especialidades farmaceuticas, algumas delas inferiores ás que prepara o Laboratorio Farmacologico, tais como a *Fibrocalcina*, *Zomobiase*, *Iodal*, *Lactobiase*, etc., de que é depositario exclusivo Raul Vieira, Lda. Rua da Prata, 51, 3.º.

Parlamento

Nos Deputados

Com a presença de 44 deputados, os trabalhos começaram cerca das 14 horas.

O sr. ministro do Interior comunica que em Grandola houve alteração da ordem publica em virtude da questão dos trigos.

O sr. Vasco Borges: Mas isso é o mesmo que v. ex.ª ontem comunicou, ou trata-se de caso novo?

O sr. ministro: E' outro caso. Refiro-o porque prometi á Camara comunicar-lhe tudo quanto se passar referente á questão.

O sr. Vasco Borges: Muito bem, muito bem.

O sr. ministro do Interior continua dizendo que com a força publica não poderá evitar estas alterações da ordem. Por isso pede á Camara que se ocupe sem delongas da questão dos trigos.

O sr. Plinio Silva: A culpa não é nossa, mas sim da maioria.

O sr. ministro: São modos de ver. Não discuto isso. Apenas peço que se trate quanto antes desta questão dos trigos, que é bastante grave.

O sr. Antonio Correia manda para a mesa, justificando-o, um projecto creando uma nova epoca de exames na Escola Naval.

O sr. Pedro Pita pergunta ao sr. presidente quando tenciona pôr em discussão o seu projecto sobre os oficiais milicianos.

O sr. Eugenio Aresta como membro da comissão de guerra, informa que nem sequer ainda foi relatado o parecer, pelo que o sr. Pedro Pita protesta.

Como sejam 14 horas, o sr. presidente manda proceder á segunda chamada.

Feita ela verificou-se que estavam presentes 52 deputados, numero insuficiente para a sessão continuar.

O sr. Presidente encerra por isso a sessão marcando a proxima para hoje á hora do costume.

Os reconstituintes e democraticos dirigem um chuveiro de comentarios alegres e quasi estrictamente, muitos dos deputados da maioria que ficam positivamente de cara á *banda*.

O sr. Plinio Silva grita: Agora, agora, digam lá que são as minorias que não querem trabalhar!

O sr. Pedro Pita: E' para isto que se querem sessões dos 13 ás 19!

Outras vozes: Nem o governo, nem o governo comparece!

O sr. Plinio Silva: Sr. ministro do Interior, de quem é a culpa?

O sr. ministro do Interior: Que quer? Eu não posso usar a Guarda Republicana para obrigar os srs. deputados a comparecerem...

Já depois de encerrada a sessão entrou o sr. Ferreira da Rocha que não se conformando com o procedimento do sr. Jorge Nunes, que aliás foi da maximo correção o procedeu em harmonia com o regimento, discute com todos, junto de todos protesta. Mas o sr. Presidente é que não sai da sua. Aponta para o relogio e diz: cumpri o regimento.

A pouco e pouco os parlamentares vão saindo da sala.

O sr. Aboim Inglez é que pelos vistos não está resolvido a fazê-lo pois que cra protesta e afirma que nunca mais comparecerá antes dos 15 horas, ora se põe a escrever, a trabalhar, como se a sessão estivesse funcionando.

Compareceram 29 liberais, 18 democraticos, 2 reconstituintes, 2 independentes, 1 dissidentes e 1 monarquico.

No Senado

Ordem do dia

Inicia-se a discussão sobre o art. 4.º autorisando o governo a gastar, em caso de força maior, por uma só vez, os tres duodecimos.

O sr. Herculano Galhardo declara não por em duvida as boas intenções do governo, sendo de opinião que a redacção do art. seja modificada.

O sr. Presidente do Ministerio declara concordar com a opinião do orador.

Por ultimo foi o art.º aprovado com as seguintes emendas:

—«Intercalar—entre global e relativo—dos tres duodécimos.—(a) Herculano Galhardo.

—«Proponho que sejam eliminados do § unico do art.º 4.º as palavras:—a compra de propriedades ou edificios.—(a) José Maria Pereira.

Seguidamente aprovam-se sem discussão os Art.º 5.º, 6.º e 7.º sendo o Art.º 8.º modificado com a seguinte emenda introduzida pelo sr. Herculano Galhardo.

—«Intercalar em seguida a «Caminhos de Ferro do Estado» as palavras: —dos tres duodecimos.

Os restantes art.º foram aprovados sem discussão alguma.

A sessão continua.

Exposição de frutas

Na estação agricola da 5.ª região, no edificio dos Jeronimos foi hoje inaugurada pelo sr. Ministro da Agricultura uma exposição de frutas que vieram do Posto Agrario de Mirandela.

Esta exposição era para se realisar nas Caldas da Rainha, mas transitou-se para aqui por ordem superior.

Conselho Superior de Agricultura

Sob a presidencia do sr. Juiz auxiliar reuniu hoje o Conselho Superior de Agricultura, que entre outros assuntos tratou da alteração a introduzir no regulamento dos vinhos e intensificar a fiscalisação á entrada nos portos nacionais e gar. á importação para o estrange[illegible]

VIDA SPORTIVA

BOX

Os combates de domingo no Stadium

Um belo programa de box se vai exibir no proximo domingo no ring do Stadium de Lisboa. Dadas as opiniões diversas sobre o resultado do match do passado domingo entre Faustino Pereira e Chassagne, que o arbitro deu como nulo, mostraram estes dois boxeurs desejos de combater novamente, o que se fará, sendo natural que ambos se empreguem a fundo, pois nenhum deles se julga inferior ao outro. Faustino está plenamente confiado na vitoria, mas Chassagne já declarou que usará uma tactica diferente o que Faustino não lhe resistirá muito.

Mario Gall, um dos boxeurs que mais tem agradado entre nós, vai combater o belga Gôffin muito conhecido lá fóra. Este é actualmente o boxeur indicado para disputar o titulo de campeão da sua categoria na Belgica e possui uma vasta serie de vitorias sobre homens de classe. Possivelmente haverá o match desforra entre Silva Ruivo e o campeão suisso Simeth, porque Ruivo já está bom e declara que desistiu no seu combate com o suisso por causa do 'uruncule que tinha num ante-braço. Este combate deve realizar-se, devendo por isso despertar enorme interesse.

O espectaculo no domingo principia ás 17 horas.

Movimento Cooperativista

A Xabreguense

Esta cooperativa reune amanhã em assembleia geral, ás 19 horas, a fim da comissão de inquerito ultimamente eleita apresentar o relatorio do seu mandato.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21.15 — «Rogerio Laroque».
S. LUIZ — A's 21,30 — «De Capote e Lenço».
GINASIO — A's 21.15 h. — «O celebre Pinas».
AVENIDA — A's 21,30 h. — «Guardado está o bocado...»
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Amor Perfeito».
APOLO — A's 21,30 h. — «A' procura do badalo».
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — «Tic-tacs».
SALÃO FOZ — A's 21,30 — «Steven-son o Frizzo».
GIL VICENTE — ás 21.30 «Depois do Degredo».

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Noticiario

Entre nós

A companhia Alves da Cunha vai, na 2.ª quinzena de setembro, dar uma serie de representações, no teatro Sá da Bandeira, do Porto. Até lá, continuará representando, no Ginasio, «O Celebre Pinas», que está em pleno exito.

—Faz amanhã, sexta-feira quatro anos que repentinamente faleceu em Coimbra, onde ficou sepultado, o estimado Gouveia Pinto, pai do actual camaroteiro do Nacional, aonde exercia igual logar. Era um belo caracter, e possuia numerosos amigos, entre os quais ainda hoje revive, com saudade e a sua recordação.

—A tragedia historica «Pedro o Cruel», original de Marcelino Mesquita, de que vai fazer-se «reprise» 2.ª feira, no Avenida, está assim distribuida:

«D. Pedro», Carlos Santos; «D. João d'Ornellas», (abade de Alcobaça), Joaquim Miranda; «D. Lourenço» (Bispo de Lisboa), Henrique Pereira; «D. João» (Bispo de Vizeu), Carlos Shore; «D. Gil» (Bispo da Guarda), Peixinho Junior; «D. Afonso», (Bispo do Porto), João Calazans; «O Conde de Barcelos», (Mordomo Mór) Abilio Alves; «Fernão Martins», Alves; «Estevam Lobato», Emaúz Gonçalves, «Alvaro Vaz», José d'Almeida; «Pero Coelho», Augusto Torres; «Airos Peres» (troveiro) André Lopes; «Gil Enes» (bufão), Gil Ferreira; «Afonso Madeira», Henrique Pereira; «Simões Froes» (carrasco) Casimiro Tristão; «Afonso Rodrigues», Shore; «Um alcaide», Eduardo Noyes; «Um meirinho», Acacio Sá; «Um clerigo», Segurado; «Um falcoeiro», José Noyes; «Um monteiro», Neves, «1.º fidalgo», Calazans; «2.º fidalgo», Carlos Baptista «3.º fidalgo», Silva; «Alonso» (creado), Torres; «Um pagem», Angelita Santos; «Rosa», Leonilde Pereira; «Beatriz», Carlota Sande; «Anas» (velha creada), Elvira Velez; «Helena» (alcoviteira), Alda Verdial; «3.ª creada», Rosa Cerca.

Reclamos

Nacional

Esteve concorridissima a recita da moda, efectuada ontem, no Nacional; o que vem comprovar que o «Rogerio Laroque», a famosa peça all em scena conquistou unanime agrado. Depois de ha mais de 30 anos ter ali obtido um rigoroso sucesso, a famosa obra de Jules Mary esta conquistando agora, assinalado triunfo que não poderá prolongar-se, em vista de estar a findar a temporada actual. Hoje ainda se repete, estando marcada para amanhã uma recita excepcional com «Amor de Perdição», e para segunda feira a despedida de «A Vida Dum Rapaz Pobre», em recita do camaroteiro daquele teatro, o estimado Gouveia Pinto.

Avenida

Visto estar a findar a temporada da «Companhia Palmira Bastos», no Avenida, despedindo-se, na actual semana, a linda peça «Guardado está o bocado...» que ainda hoje, ali, se repete.

Não deve deixar de ir ve-a, quem quizer assistir a um espectaculo alegre e divertidissimo, tendo ensejo de admirar Palmira Bastos num trabalho notabilissimo, que é dos mais completos e encantadores da sua vastissima galeria.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Realisa-se no proximo sabado, em Aldegalega, o enlace matrimonial da Ex.ma Sr.ª D. Gertrudes Fernandes Prata, mui distinta conterranea de Aldegalega, com o Ex.mo Sr. José Rodrigues d'Almeida, opulento industrial em Aldegalega.

Servo de madrinha por parte da noiva a Ex.ª Sr.ª D. Luiza da Silva e como padrinho por parte do noivo o Ex.mo Sr. João Jorge da Silva, conhecido industrial da nossa praça. A tão ditoso par enviamos as nossas felicitações.

ULTIMA HORA

Notas politicas

A falta de numero

Não houve hoje sessão na Camara dos Deputados, por falta de numero. Este lamentavel facto não é para estranhar. Já aqui escrevemos que a maioria, composta, em regra, de parlamentares vindos das provincias estão saturados de Lisboa, do seu calor do forn'alho, de mau vinho e de pessimo pão. Tratam, pois, de retirar para as suas terras, onde a vida é melhor e mais barata. E' evidente que esta segunda consideração não é para desprezar...

Estas e outras causas é que determinaram a falta de numero á sessão de hoje. A estas horas já o telegrafo está trabalhando, a chamar a Lisboa os fugitivos. E' possivel que, para amanhã, já se consiga um «quorum», agradavel ao governo e, tambem, ás acomodaticias oposições. Acomodaticias, é o termo. Não ha, realmente, quem deseje a queda do governo.

Ainda ha dias um dos mais categorisados parlamentares da oposição dizia ao sr. Barros Queiroz:

—Nós não queremos derrubar o governo. V. sabe-o, melhor que ninguem. Mas sempre lhe digo que esta cooperação das oposições é-lhe mais prejudicial que util. A nossa ligação por-nos-ha, em breve, no descredito da opinião.

«O país julgará o Parlamento como se fosse uma assembleia de compadres. Daí, a sentença final pouco vai. O sistema só dará razão ou aparencias de razão (o que, em politica, é quasi o mesmo) aos propagandistas dos meios ilegais ou inconstitucionais da oposição ao governo».

Não sabemos, porque não ouvimos, a resposta do sr. Barros Queiroz. Um diplomata celebre, o famoso Conde de Steinbrocken, que foi ministro da Finlandia, ter-se-hia apressado a dizer:

—C'est grave... C'est excessivement grave...

O sr. Barros Queiroz, que é doutra escola, não respondeu nada, provavelmente.

Quem não ficou satisfeito, neste caso especial da falta de numero, foi o sr. Ferreira da Rocha, «leader» da maioria. O sr. Jorge Nunes, presidente da Camara, ouvi-lhas depois, das bonitas e boas:

—Você não devia encerrar a sessão por falta de numero. Eu já vinha no elevador. Outros deputados apareceriam, de um instante para o outro. Era questão de poucos minutos.

O sr. Jorge Nunes é que se não presta á manobra:

—Eu não durmo senão cinco horas, que não tenho tempo para mais. Faço em dobro; trabalhem! A' hora regimental, não havendo numero, encerro a sessão.

Vê-se que o sr. Jorge Nunes quere ser presidente a valer. Faz bem. O exemplo do cumprimento da lei deve partir dos individuos que as fazem. O presidente duma assembleia legislativa não deve prestar-se a ser o joguete deste ou daquele partido.

E mais: a certeza da tolerancia do presidente inutilisaria a resolução da Camara, preceituando que a sessão comece ás 13 horas. Assim, já se fica sabendo que as 14 horas não houver numero para votações, é sessão perdida.

Deve-se fazer justiça: as oposições estavam bem representadas e não fizeram jogo de pasta. Se não houve sessão foi porque os deputados da maioria brilharam pela ausencia.

Uma conferencia, muito cordial se realisou ontem...

O sr. Vasco Borges deu ontem uma tal animação aos debates da Camara dos Deputados que quasi pareceu que voltavam os tempos antigos. Entre ele e o sr. Barros Queiroz trocaram-se impressões de critica viva, embora cortez. Estas controversias não perturbam, jamais, os espiritos bem formados. E' foi naturalmente por isso que os dois ilustres homens publicos abancavam, pouco depois, a uma mesa do «buffete» da Camara, regalando-se de bolos, em ameno e doce convivio. Convenções, convecções...

O Congresso Pan-Africano

Apesar dos esforços empregados nesse sentido, não foi possivel conseguir que em Lisboa funcionasse uma das secções do Congresso Pan-Africano. Acordou-se um pouco tarde, como tantissimas vezes acontece entre nós.

O congresso abrirá em Londres no dia 2 de setembro e celebrará sessões até 10 do mesmo mez, naquela cidade, em Bruxelas e em Paris.

Os delegados portugueses partem amanhã para Londres. Nesta cidade devem juntar-se a cerca de vinte mil congressistas, vindos de todos os cantos da terra, mas principalmente da America do Norte e da Africa do Sul.

O decreto sobre cambiais

Esperava-se que o decreto sobre cambiais fosse hoje publicado. Não saiu.

A demora na publicação desse diploma influirá, certamente, nas liquidações do fim do mez, em desfavor dos jogadores altistas. E' provavel que o governo, não querendo favorecer uns ou outros, guarde o decreto para regulamentar a compra e venda de cambiais sómente a partir de 1 de setembro.

Salão Central

Adeus juventude!

Poucas vezes se tem visto um sucesso tão ruidoso como o que teve ontem neste Cinema, a exibição, em estréa, da deliciosa pelicula, em 5 partes, «Adeus juventude». Cheia de novidade, de vida, com as mais emocionantes scenas, despertou no publico um vivo entusiasmo, não só pelos seus magnificos aspectos, como pelo desempenho a cargo da formosissima é distinta actriz Maria Jacobini, que tem entre nós os seus mais numerosos admiradores. Hoje continua, acompanhada da fita de eventos, em 8 partes, «O club dos suicidas», soberbo trabalho do primoroso actor Aurelio Sidney. Amanhã, 6.ª feira, estréia na primeira sessão, do grande drama de montagem «Delitos disfarçados», do repertorio dos eximios artistas Ema Sereno e Mazzantini.

POEIRA da ARCADA

Diz-se que o engenheiro sr. Manuel Roldan y Pego, chefe da repartição de minas tenciona apresentar ao governo um projecto tendente a desenvolver o turismo em Portugal.

Com o sr. ministro da Instrução conferenciou, hoje o sr. dr. Julio Dantas, versando a conferencia sobre assuntos referentes á Biblioteca Nacional, segundo nos informaram.

Consta-nos que os srs. Agatão Lança e Julio Ribeiro vão apresentar ás camaras uma proposta de lei terminando com a autonomia dos Transportes Maritimos do Estado, entidade essa que passará a estar na dependencia directa do ministerio da marinha.

Caso o facto se dê, ha quem diga que provocará protestos da parte dos oficiais e mais pessoal dos Transportes Maritimos, no caso de que a camara dos deputados se pronuncie favoravel á proposta daqueles dois parlamentares.

Segundo nos disse pessoa que muito de perto priva com o sr. dr. Antonio Granjo, parece que s. ex.ª está trabalhando para que as camaras sejam encerradas no proximo sabado, parecendo que s. ex.ª conseguirá o seu desejo visto a opinião da maioria parlamentar lhe ser favoravel.

Na proposta de lei remodelando a actual lei do inquilinato, parece que o sr. ministro da Justiça tenciona introduzir um artigo permitindo aos senhorios o aumento das rendas das suas propriedades e concedendo-lhes poderes para despedirem os inquilinos quando necessitem da habitação para uso proprio.

A ser aprovada a proposta do sr. dr. Matos Cid, ha quem diga que ela será a casca de laranja do ilustre magistrado, pois o inquilinato protestará energicamente contra a sua aprovação.

O sr. O'Neill Pedrosa vai apresentar na camara dos deputados um projecto de lei favorecendo a cultura da beterraba sacarina e a fabricação de assucar, tendo assim em vista contrariar a grande carestia daquele genero.

Deixou o cargo de ajudante do comando do governador de Macau, o alferes de artilharia sr. Peixoto Chedas, sendo nomeado para o substituir o capitão sr. Almeida Cabaço.

Foi regulamentada a admissão de professores primarios nas escolas das possessões ultramarinas.

Em consequencia de não ter comparecido á hora aprazada, não se realisou hoje a audiencia da direcção da Associação dos Manufactores de Tecidos, para fazer entrega ao sr. ministro do Comercio da conhecida representação sobre a crise de trabalho que a classe está atravessando. De resto, efectuaram-se os restantes conferencias que o sr. dr. Fernandes Costa tinha marcado.

O sr. presidente do ministerio trabalhou hoje durante algumas horas com os srs. ministros da Justiça e do comercio sobre o decreto do sobre compra e venda de cambiais.

Em consequencia de trazer a viagem atrazada, só amanhã é que largará do Tejo o paquete francez «Desirado», fechando ás 12 horas as malas postais para a Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, e ás 10 os registos.

Foi fixado e regulado o abono de ajudas de custo aos funcionarios das colonias, civis e militares, quando pelos governos dos respectivos provincias sejam deslocados do local onde prestam serviço.

As receitas previstas da provincia de Macau, no actual ano economico são de 3.928.348$46, e as despezas de 3.181.735$55.

Manifestações reacionarias em Berlim

BERLIM, 25.—A manifestação de Grunehald foi principalmente dirigida contra o regimen republicano. Notou-se a presença dos generais Ludendorf, Trolta Bermondt, Von der Goltz e do principe Eitel Frederico da Prussia.

Reuniram-se ali 15.000 pessoas; corporações de estudantes e associações da juventude reacionaria formavam cauda no cortejo. Os antigos combatentes desfilaram em passo de parada. O deputado conservador Westarp, discursando, declarou que aquela festa era para os nacionalistas uma parada de forças organisadas em honra do principe Eittel, filho do grande chefe da guerra.—(H).

Gregos e turcos

ESKI-CHEIR, 25.—O rei Constantino que tem acompanhado com o quartel general a marcha das operações contra os kemalistas, vinha sofrendo nos ultimos dias de perturbações gastro-intestinais. Teve ontem uma sincope que durou cinco minutos, recolhendo ao leito. Conquanto se tenha readimado, conserva-se ainda de cama. Partiram de Atenas para esta cidade dois medicos que o vem observar.—(H).

ATENAS, 25.—Faltam ainda pormenores da batalha travada no Sakaria. A linha de defesa, dos turcos estava estabelecida a 40 kilometros a leste daquele rio, que algumas fracções do exercito grego conseguiram transpor. As tropas gregas avançaram em 2 colunas, uma das quais, depois da tomada do desfiladeiro de Chieve continuou a avançar obrigando os turcos a retirarem para Bolon.—(H).

As finanças inglesas

Antes e depois da guerra

Ofereceu o setimo aniversario da declaração da grande guerra um esfrespecto do qual tanto a finança como os outros ramos da vida nacional poderão aprender alguma coisa que lhes seja de proveito. Hoje, como em 1914, a Gran-Bretanha é uma importante nação industrial e comercial, a essencia de cuja vida, porém, depende do seu comercio com o ultramar. Tem-se sensivelmente aumentado a capacidade actual do paiz no que diz respeito aos seus meios de produção e exportação, mas o paiz está ainda atravessando uma crise industrial, e julgando pela quantidade e o peso, o seu comercio de exportação, podemos mesmo dizer toda a sua produção total é, todavia, muito menor do que era antes da guerra.

Uma das causas que mais tem contribuido para este estado de coisas é que o mecanismo delicado da finança internacional, mediante o qual se fazia o comercio internacional, foi desorganisado pela guerra, e até aqui todos os esforços dos homens de Estado e do comercio não teem conseguido reconstrui-lo. Para poder desenvolver-se, precisa o comercio de uma base certa e estavel.

Hoje, porém, as flutuações febris dos cambios e as baixas a que o curso monetario de muitas das grandes nações tocaram teem produzido um estado de instabilidade e incerteza em todo o mundo economico.

Alem disso, a guerra empobreceu as nações que a Gran-Bretanha considerava como os seus melhores clientes comerciais. A prosperidade britanica depende essencialmente do restabelecimento da estabilidade na vida financeira e economica do continente da Europa. A Gran-Bretanha, como os outros paizes, está carregada de dividas. Pesam sobre o seu povo e sobre as suas industrias inumeraveis impostos, e contribuições tais, como até hoje nunca se tinham visto na historia de nenhum dos grandes paizes do mundo.

Mas, apesar de todas estas cargas que leva ás costas, poderá ela assim mesmo encaminhar-se rapidamente pela via que conduz á prosperidade, se fôr unicamente possivel pôr em marcha normal as rodas do carro industrial. Depende isto, em grande escala, já o temos dito, do ressurgimento do comercio no continente. Em consequencia da guerra tivemos de nos afastar das leis economicas e forçoso é voltar outra vez para elas. Não poderá a industria vender os seus productos a não ser que esteja em condições de os fabricar a um preço que possa competir efectivamente com a concorrencia das outras nações. Durante a guerra subiu o custo da vida duma maneira formidavel e por consequencia foi preciso aumentar os salarios mais ou menos proporcionalmente.

Hoje temos de encarar o facto, desagradavel, de que os salarios teem de reduzir-se dentro dos limites que a industria está habilitada a pagar. Se os salarios forem tão grandes que uma industria não possa produzir os seus generos a preços que possam fazer face á concorrencia, essa fabrica ver-se-ha obrigada a fechar as portas e os empregados a ficarem sem emprego. E' esta uma lição que hade custar a aprender. Assim mesmo já passámos pela primeira fase deste novo equilibrio dos salarios, e os chefes do partido operario teem bastante senso para reconhecerem a necessidade imprescindivel de tais medidas, mas antes de se poder atingir um estado de nova prosperidade, a nação, como todas as outras nações, terá de passar por uma longa crise de vida e trabalho arduo durante a qual deverão todos trabalhar e viver com a maior harmonia possivel.

Estudando-o de dia para dia, para o progresso ser vagaroso, mas tranquilo, não o é. Durante o ano passado os generos de maior consumo baixaram em geral uns 40 %.

A «grève» mineira impediu muito o progresso, mas o preço do carvão já vai baixando rapidamente e a industria depende essencialmente da barateza do carvão. Não obstante o grande abatimento comercial que se nota em toda a parte, já começam a aparecer indicios de um melhoramento progressivo, e não devemos perder de vista que a base essencial da prosperidade futura deste paiz continua intacta.

Antes da guerra o grande centro do mundo era Londres. O «saque sobre London» era o curso monetario do comercio mundial, apesar da guerra. Londres hoje continua sendo o centro financeiro do mundo. São os proprios financeiros americanos que falam mais eloquentemente do que um inglez gostaria de falar sobre a dificuldade de Nova York adquirir a posição que Londres ocupa. O sistema bancario da Gran-Bretanha soube passar pela guerra sem abalar e saiu dela mais solido que nunca. A industria aprendeu lições do maior valor e aumentou a sua esfera de possibilidades. Se podermos manter um periodo de paz, de economia rigida e de harmonia industrial, bem como a solução gradual dos problemas financeiros internacionais, será-nos ha possivel iniciar o ressurgimento de uma vasta prosperidade para a Gran-Bretanha.

Pelas ruas de Lisboa

Queixas e Roubos

Maria da Encarnação Fernandes, Largo do Rosa, 6, pateo, queixou-se á policia que lhe furtaram uma carteira com 24$00.

—Foi preso João Correia, Rua Martins Ferrão, S. S. por furtar objectos no valor de 158$00 a José Antonio, morador na mesma rua letra I S.

—João Ribeiro, carroceiro n.º 208 da Camara Municipal de Lisboa e morador na Abegoaria Municipal, queixou-se que lhe furtaram uma carteira com 3$00 e uma corrente de ouro no valor de 68$00.

—Antonio R. sa Limpo, Rua dos Remedios, 59 4.º, foi preso por furtar objectos no valor de 200$00 a seu irmão Alberto Rosa Limpo, morador na dita rua 59-A, 3.º.

—Francisco Carvalho, Rua Vinte de Abril, 2 pateo, foi preso por furtar 15 sacas de linhagem cheias de lã e trapo no valor de 800$00 a José Rodrigues de Oliveira, morador na dita rua, 57 loja.

—Virginia de Castro Moraes, Calçada da Mouraria, 40 r/c, queixou-se que tendo vivido em mancebia com Antonio Pereira dos Santos, este se recusa a entregar-lhe objectos no valor de 119$00.

FALECIMENTO

TAVIRA, 25.—Faleceu ontem o sr. José Maria dos Santos, pai do nosso amigo sr. Antonio Crisostomo dos Santos, director da «Folha do Sul» de Faro.—(H).

Lotaria de Lisboa

Numeros mais premiados

4354 — 40.000$00

5805	6.000$00
3588	2.000$00
1867	1.000$00

742	500$00	4351	200$00
764	500$00	4352	200$00
1750	500$00	4353	200$00
7616	500$00	4355	200$00
75	200$00	4356	200$00
85	200$00	4357	200$00
591	200$00	4358	200$00
2510	200$00	4359	200$00
2966	200$00	4360	200$00
3469	200$00	4536	200$00
3523	200$00	5431	200$00
		5757	200$00

As duas aproximações com 525 escudos cada, foram os seguintes: 4353 e 4355.

PELO Juizo de Direito da 5.ª Vara civel da comarca de Lisboa, cartorio do Escrivão Guia, e nos autos de justificação avulsa para habilitação, em que é justificante: D. Domingas Felicia Duarte, solteira maior, morador em Lisboa, na rua do Junqueiro, n.º 325, correm editos de trinta dias, a contar da publicação do segundo e ultimo anuncio, citando os interessados incertos que se julguem com direito a opôr-se a referida justificação, pela qual a dita justificante pretende ser julgada como unica herdeira e representante de Antonio Servolo da Matta e irmã D. Maria Brigida da Conceição Matta, filhos, legitimos que eram de Manuel Antonio da Matta e de Brigida Candida da Matta, já falecidos, e sendo naturaes da freguesia de Belem, desta cidade, e moradores naquela rua da Junqueira, n.º 325, onde ambos faleceram, o primeiro em 30 de Outubro de 1914 e a segunda (sua irmã) em 16 de Agosto de 1920, no estado de solteiros, sem ascendentes nem descendentes, mas com testamentos, sendo aqueles falecidos irmãos dispunham um para o outro do usofruto de todos os seus bens, direitos e acções, e a propriedade á justificante e assim está habilitada na mencionada qualidade de unica herdeira poder registar em seu nome a transmissão do predio onde vive e vivem com os falecidos.—Qualquer impugnação será, pois, deduzida na terceira audiencia deste Juizo, depois de vorem acusar a citação, na seguinte audiencia, posterior ao prazo dos éditos, sob pena de revelia.—As audiencias neste Juizo fazem-se ás 2.as e sextas feiras, de cada semana, pelas dez horas e trinta e sete minutos, no Tribunal Judicial da Boa Hora; sito na Rua Nova do Almada, quando aquelas dias não forem feriados, porque, sendo-o, se fazem nos imediatos, só tambem o não forem.

Lisboa, 25 de Julho de 1921

O Escrivão-ajudante
Antonio Augusto Duarte Junior

Verifiquei a exactidão
O Juiz da 5.ª Vara
A. Gouveia

A CAPITAL

3870 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sexta-feira, 26 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

A PRESA

O que se está passando com a depressão cambial é muito serio, e legitima todos os protestos da população que não tem mesmo o direito de duvidar que existem especuladores, desde que o sr. presidente do ministerio, em pleno parlamento, denunciou a sua existencia, embora declarando-se impotente para os castigar. E a especulação reveste muitos aspectos, tanto incidindo na alta como na baixa. Mas não é menos verdade que para o descalabro a que estamos assistindo contribuiu tambem a decepção que se apoderou do publico, vendo que uma operação, anunciada como salvadora das finanças e da economia da nação, não parece ter sido, no fundo, senão o resultado duma negociata em que intermediarios habeis procuraram enlear o governo portuguez para se locupletarem com alguns milhares de contos, que outra coisa não representavam senão uma especulação doutro genero.

Afirmou-se, proclamou-se aos quatro ventos, com telegramas engendrados, com informações falsas, que tudo estava resolvido, tendo-se assinado o contracto e estando já feitas as primeiras encomendas. Nunca a mentira deu bom resultado, nunca ficou de pé o que sobre ela se alicerçou. O cambio que foi até 9 baixou, ao reconhecer-se que se tratava duma positiva mistificação, até á atual divisa, que roça pela casa dos 5. E não podemos deixar de reconhecer que o sr. Barros Queiroz procurou eximir-se até ao ultimo instante a fazer declarações que lhe eram reclamadas com impudencia pelos que sabiam muito bem que o contracto dos dollars ainda não era um negocio fechado, apesar do sr. Afonso Costa ter assinado em Paris o contracto com o «Crédit International de Anvers», organização estravagante de aparencia estrangeira, fundada pelos portuguezes que procuraram fazer o negocio, para que o governo podesse abrir um credito de 50 milhões de dollars cuja aplicação se faria na compra de produtos na America.

O sr. Barros Queiroz disse a verdade, isto é, que esse contracto fôra feito em condições inaceitaveis, ruinosas para o Estado e para a nação, acrescentando que todos os seus esforços tendiam a vêr se era possivel aproveitar o credito aberto noutras condições que o governo já indicou.

O cambio baixou, porque se esperava precisamente o contrario, isto é, que do contracto negociado pelo sr. Afonso Costa resultaria para o país o maior numero de vantagens. E assim se pensa que se a faina dos especuladores é criminosa, a acção de que procuraram iludir o paiz com informações mentirosas não deixou de ser altamente prejudicial, porque até destruiu a confiança que o publico poderá ter, de futuro, em noticias realmente favoraveis.

Dum lado, a mentira, convertida em arma de contracto; do outro a especulação, transformada em meio corrente de vida, levaram a todas as classes uma desconfiança latente. Já não se acredita senão no peor; já não ha fé em que se consiga reprimir a audacia dos que disputam, numa arena ignobil, a presa que lhes oferece a desgraça da patria.

Não haverá maneira de reagir contra isto? Não haverá maneira de chamar a todos os especuladores, tanto os que estão transitoriamente por cima, como os que estão transitoriamente por baixo, que é tempo de deixarem de considerar Portugal como territorio conquistado, onde uma judiaria nacional e estrangeira não pensa senão em locupletar-se com os restos da grandeza dum povo, que todos deveriam julgar dignos de melhor sorte?

A população da Inglaterra

Nos ultimos tempos teem nascido mais femeas do que varões

LONDRES, 26. — Informações oficiais sobre o ultimo censo da população efectuado em 19 de Julho, demonstram que a população total da Inglaterra, Escocia e Galles, é de 42.767.530 individuos, dos quais 20.430.623 são varões e 22.336.907 femeas.

Este total representa um aumento, desde 1911, de 1.906.284, ou seja 4,7 por cento.

Apesar as mortes produzidas durante a guerra, os nascimentos foram diminuindo muito durante 1915 a 1918.

Deve notar-se que o grande aumento de nascimentos registados desde que cessaram as hostilidades junto com os notaveis defecções ocorridas em 1920, são um aumento muito maior do que o de qualquer ano precedente.

Por efeito da guerra, o aumento da população feminina em Inglaterra, nos ultimos dez anos, excede o da população masculina.

A população de Londres aumentou em 3,1 por centro, desde o penultimo censo, cuja cifra era de 7.476.186—(C).

Constantino da Grecia

O seu estado é mais satisfatorio

ATENAS, 26.—O relatorio medico que foi telegrafado na quarta-feira á noite, diz que o estado do rei Constantino é satisfatorio. Passou o dia calmo. A temperatura foi de 36,4 a respiração 16 e as pulsações 66 —(H.

AS PROPOSTAS DE FINANÇAS

DEFESA DA REPUBLICA

Se a redução dos quadros do funcionalismo não fôr feita com muita prudencia, a Republica será atacada nos seus fundamentos

A carta que ontem publicámos causou, como não podia deixar de causar, uma profunda emoção em todos os republicanos sinceros, que desinteressadamente amam as Instituições e colocam a sua defeza a par da da propria Patria. Pertence «A Capital» á falange, cada dia mais numerosa, dos republicanos que não teem filiação partidaria, de republicanos que sempre amaram e amam a Republica por si mesma, sem cuidar dos homens do Poder, antes desprezando-os absolutamente. E porque assim é, alarma-nos sobremodo o perigo que a Republica correrá no dia em que á organisação do Estado faltarem os elementos republicanos. O problema foi posto, com muita clareza, pelo nosso correspondente de ontem: a redução dos quadros de funcionalismo, tal qual a imaginou e pretende levar a efeito o governo, privará a Republica de muitos dos seus defensores, reduzidos á impotencia pela miseria ou quasi miseria a que serão condenados. A proposta-forca, transformada em lei-guilhotina, será uma arma terrivel na mão dos chamados conservadores, eufemismo revoltante com que se mascaram muitos daqueles que não teem a coragem de se dizer monarquicos.

Eles são incapazes de atacar a Republica de frente, mas são habilissimos na preparação e execução de golpes de preto, procurando atingir as Instituições, com navalhadas traiçoeiras, vibradas pelas costas com a navalha de ponta e mola da mais traiçoeira politiquice. Monsanto foi e assim foi tambem o Porto. Mas os vencidos não desarmaram. Continuam nas suas manobras. Ha disso visiveis signais. E um deles é o entusiasmo com que os monarquicos exigem a redução dos quadros do funcionalismo, pelo processo infeliz de que o sr. Barros Queiroz se fez campeão. Leiam-se, a proposito, os discursos proferidos na Camara dos Deputados pelo parlamentar monarquico sr. Carvalho da Silva, que não cessa de reclamar do governo as economias resultantes da redução dos quadros.

As economias!... Eles bem sabem, os monarquicos, que a lei-guilhotina não privará das suas situações burocraticas senão os pequenos funcionarios, do 2.º oficial para baixo, visto que o quadro dos adidos é organisado pelos directores gerais e chefes de serviço e estes não serão tão tolos que se incluam, a si proprios, na lista das prescrições. E não ignoram, portanto, que as tais economias serão irrisorias, por defeito da lei e não pela impossibilidade de realmente se efectuarem. Mas estão certos duma coisa: a lei-guilhotina afastará do serviço do Estado uma grande parte dos funcionarios republicanos, facilitando aos monarquicos, posteriormente, o acesso ás secretarias e a conquista dos favores do Poder. Isso é que eles querem! E' mais um golpe, preparado e tramado na sombra, parecido, em tudo, com a maquiavelica intriga forjada durante o dezembrismo e que quasi perdeu a Republica.

Não, mil vezes não! O sr. Barros Queiroz ha-de recuar perante a tremenda responsabilidade historica que assumiria se conseguisse transformar em lei-guilhotina a sua famosissima proposta-forca. Ha-de recuar, por força! E se, por acaso, a voluptuosidade do goso do Poder lhe vier a embotar a sensibilidade republicana, o povo, que sempre aparece, para a defeza da Republica, quando o convocam, far-lhe-ha sentir que nas democracias a soberania popular não é uma flor de retorica vã, antes corresponde, praticamente, a uma força irresistivel.

E temos ainda o Parlamento. As duas camaras legislativas são compostas, na sua quasi totalidade, de ardentes republicanos. A proposta-forca ha-de ser revista e discutida. Não cremos que o Parlamento se desprestigie deixando que se transforme em arma de arremesso, para uso dos monarquicos contra os republicanos, uma proposta que a opinião publica está condenando, quasi por unanimidade.

E temos tambem os organismos defensores da Republica. A estes falaremos amanhã.

O fim da tragedia russa

Lenine declara-se vencido e queixa-se das classes

Lenine, em uma carta dirigida a um seu amigo da Suissa, comunica que se enganou nas suas esperanças sobre o povo russo e sobre a eficacia do regimen bolchevista, baseado na organização das classes. Confessa a sua derrota. Neste momento essa carta está correndo mundo. O seu valor politico e historico é tão grande quão grande é a derrota que o sistema dos «soviets» sofreu já. Ela marca o fim da maior tragedia que a loucura dos homens ainda preparou. Diz-se que Lenine é um grande psicologo, um formidavel organisador. E por isso houve muita gente que esperou confiadamente que a sua obra fosse coroada dos melhores exitos. Esqueceram-se de que a inteligencia e a vontade um homem, por maiores que sejam, não podem já hoje guiar os povos, consoante os seus desejos. O povo russo foi em todo o passado um povo escravo. A parte os seus grandes centros industriais e comerciais, não havia na Russia agrupamentos sociais que tivessem a orienta-los uma mentalidade propria. O camponez vivia afastado da civilisação muitos seculos; eram primitivos os seus habitos de trabalho, os seus processos de actividade, como primitiva era a sua inteligencia e a sua concepção da vida. A revolução de 1915 não podia, pois, ser tomada como uma revolução fundamentalmente politica. Sacudindo o jugo inquisitorial com que a aristocracia, mais do que a realesa, pretendia dificultar-lhe a evolução, o espirito revolucionario russo não devia ter levado as suas concepções além da queda da tirania dos granduques e dos principes. Foi isso o que pretendeu Kerensky com a sua politica benevola. As reformas a impôr não deveriam ter sido mais do que democraticas. Não cabia na cabeça de ninguem de bom senso a convicção de que de um regimen feudal fosse possivel passar-se ao mais avançado dos sistemas politicos sem que dai resultasse uma tragedia, uma hecatombe. Mas Lenine, embriagado com os seus exitos revolucionarios, alcançados com as espingardas em Moscou e Petrogrado, é iludido com a psicologia dos seus compatriotas e com a eficacia da acção das classes organisadas, achou azado o momento para pôr em execução o seu plano idealista.

E' dai que vem o aparecimento de um virus revolucionario ainda nunca observado no mundo, transformando a grande Russia num vasto campo de dôr e de luto.

Uma das primeiras medidas que Lenine executou no seu governo foi a promulgação da lei fundamental do novo regimen: a Constituição da Republica dos Soviets. Por esta lei constitucional o povo russo ficou sendo o fiel detentor das terras que pela mesma lei se tornaram propriedade da Republica, isto é, da comunidade. Grande conquista politica foi esta para o povo russo; mas triste foi ela sob o ponto de vista social, porque o camponez, vendo que os «soviets» lhe arrebatavam tudo de quanto dispunham além do necessario, começaram a só semear o indispensavel para si e para a prole.

Nestas condições de vida, que nem os fuzilamentos em massa, nem a praga de delegados bolchevistas espalhados por toda a Russia conseguiram modificar, era fatal, fatalissima uma grande desgraça.

Com um ano agricola mau, ela chegou veloz e feroz, mais feroz que os «vermelhos», mais implacavel do que eles. Agora morre-se de fome. E é só em vista das legiões esfaimadas, correndo do centro do grande paiz da morte para os pontos onde ainda existem algumas migalhas; e é só em vista de milhares de crianças caindo mortas de fome sobre a terra que o sangue dos seus pais regou, que o grande ditador põe as mãos na cabeça e repara naquilo que decerto já todo o mundo sabe ha muito: que se enganou, que a organisação das classes os priva de uma mentalidade propria e que o individualismo é de melhores resultados praticos.

Em sete anos assistiu o mundo ás duas maiores quedas politicas que ainda se viram.

A do imperalismo alemão, cimentado numa organisação de classes, e a do bolchevismo tambem baseado em uma organisação de classes, embora sob uma fórmula diversa. Dir-se-hia, que o individualismo cuja expressão mais elevada se encontra em Inglaterra, triunfou.

Pois Lenine caiu. O mundo organisado vai entrar na Russia, matando a fome a legiões de famintos e possivelmente estabelecendo um novo sistema menos avançado teoricamente, mas muito melhor praticamente.

Que a lição sirva áqueles que julgam que é possivel espezinhar-se impunentemente o povo e tambem aos que supõem que as liviandades se cometem sem se lhes sofrer as consequencias.

A dissolução do monarquismo em Portugal

Tres Partidos que se partem e nenhum que tenha concerto

O Sanchismo (?) em luta sem treguas com os Manuelistas e Nunistas:

A' nossa banca de trabalho vem parar um manifesto que, a titulo de curioso, publicamos na integra:

«Por S. M. o Sr. D. Sancho II, o Capêlo

«Fóra com os Manuelistas e Nunistas! Alegam estes ultimos que o trono foi roubado ao D. Miguel pelo D. Pedro IV. Campeia a luta nas ameias Manuelistas, derrubadas pelas bombardas que saiem do arraial Nunista. Alto! Eis que o espectro de S. M. o Sr. D. Sancho II, o Capelo, nosso Augusto Amo e Senhor, se alevanta na amplidão celeste! Alto! O trono da Lusa Terra foi violentamente usurpado pelo Afonso III ao seu legitimo detentor, o Sr. D. Sancho II.

«Para traz, Manuelistas e Miguelistas! Quem não se recorda!—ó vós, gentes de Portugal—da arbitraria e ilegitima deposição do nosso amado Rei e Senhor, o Serenissimo Sr. D. Sascho II? Afonso III, e bachareloide bolonhês, sucedeu injustamente no Trono a Esse bem querido Rei, o Sr. D. Sancho II, que, por legitima sucessão, regia com muitissimo acerto o Seu amado Povo que Deus houvera por bem confiar nas suas Augustas Mãos.

«A historia o diz! O' funesto acontecimento, ó nosso sempre chorado Sr. D. Sancho II que assim Te despojaram por maneira tão iniqua da governação do povo que Deus te confiara!

«Chorai mares de Portugal! Gemei, choupos que marginais os rios da Lusa Terra! Ca... prichosamente coloridos poentes Lusos, estremecei de horror! Não, camaradas! Alma! Vá de rumor! Queremos em Portugal o legitimo sucessor do Nosso Rei Senhor D. Sancho II!

«Fóra com os representantes actuais das dinastias post-Sanchescas!

«Fóra com os Manuelistas e Nunistas!

«Viva o novo e pro...edor partido Sanchista! Descansa Sancho, no teu tumulo Toledano!

«Servos da gleba, infanções, ricos-homens, cavaleiros da Lusa Terra! Sopeai as lanças por

D. Sancho II, rei de Portugal.

«Como a Guarda deve o melhor da sua existencia ao glorioso Rei D. Sancho I, avôsinho do nosso sempre chorado D. Sancho II, a Guarda será a Capital do nosso Reino».

Por baixo lê-se, em forma de assinatura:—«O comité organisador do partido Sanchista».—seguido de um convite de adesão para a rua da Liberdade 14 1.º Guarda. Vae sem comentarios. O leitor que lhos faça.

Os eternos cambios

Recebemos a seguinte comunicação.

PORTO, 26.—Visitou-nos hoje novamente o cambio na divisa 5 15/16. A campanha de certa imprensa está servindo belamente os intuitos gananciosos dos especuladores. O sr. Antonio Maria da Silva, quando ministro das Finanças, averiguou que a queda do cambio até 5 foi provocada por diferentes especulações. Depois o cambio atingiu a divisa de 8 e 9. As culpas do novo agravamento são lançadas sobre o governo, pelas mesmas gazetas, que assim ficaria de acordo, deixando em paz esses filisteus da finança. Pede-se providencias. Não se deve permitir por mais tempo esses criminosos abusos. Povo portuguez, que ha tantos seculos vens rasgando na historia um sulco luminoso, que ainda hontem triunfaste ao lado dos aliados, não te deixes ficar prostrado no solo lamacento desta feira de alicanteiros e de chatins, não te sujeites á suprema ignominia de ser devorado. Desperta, sacode o turpor e levanta-te. Precisas de esmagar os teus algozes traidores, inimigos da Patria, para que das mãos criminosas lhes caia o cutello com que pretendem degolar-te. De novo começa a soprar um vento de maldição sobre a Patria Portuguesa. Que o povo de Lisboa, num rasgo de indignação, se defenda energicamente contra esse bando de açambarcadores da finança.

O tratado germano-americano

O seu texto

PARIS, 26.—O tratado germano-americano contém o texto da resolução do congresso dos Estados Unidos e mais trez artigos. O 1.º reserva os direitos dos Estados Unidos. O 2.º, divide-se em 5 paragrafos e precisa as obrigações da Alemanha resultantes do artigo antecedente. O 3.º estipula que o tratado será ratificado segundo os usos constitucionais e que produzirá efeito logo que essa ratificação, que será tão rapida quanto possivel, seja feita em Berlim. O tratado é assinado por Rosen e Drouel.—(H).

O desenvolvimento do turismo em Portugal

As propostas do engenheiro sr. Roldan y Pego secretario da Sociedade Propaganda de Portugal

Segundo noticiámos ontem, o distinto engenheiro sr. Manuel Roldan y Pego, chefe da repartição de minas e secretário da Sociedade Propaganda de Portugal, tenciona apresentar ao governo uma proposta para o desenvolvimento do turismo em Portugal, tornando-se portanto oportuno ouvir s. ex.ª acerca desse projecto.

—Eu não vou apresentar verdadeiramente uma proposta, mas simplesmente varias formas para desenvolver o turismo em Portugal, assunto para o qual reclamo a atenção dos poderes governativos por ser de magna importancia para o nosso desenvolvimento financeiro e economico.

—Pode v. ex. dizer-nos em que consistem algumas dessas propostas?

O sr. Roldan y Pego abre um pequeno livro de apontamentos que tira da algibeira, e depois duma breve pausa, diz-nos:

—Antes de mais nada deve tratar-se da reparação de todas as estradas de turismo, ou pelo menos das principais, que actualmente se encontram em deploravel estado, convidando pouco os «turistas» a passeios em automovel.

«Em seguida deve o governo facilitar e auxiliar a criação de hoteis com condições de conforto, quer eles sejam construidos com capitais nacionais ou estrangeiros.

«Deve subsidiar com verbas criadas para tal fim, o «Bureau de Reinseignements», em Paris, a fim de poder ser feita uma mais activa e larga propaganda do nosso belo paiz, tanto naquela capital como tambem em Londres e Bruxelas.

«A propaganda feita pelo «Bureau» de Paris tem sido muito apreciavel, já publicando revistas e folhetos sobre as belezas e condições climatericas de Portugal, já por meio de conferencias e artigos jornalisticos, mas infelizmente essa propaganda tem sido desmentida por tudo quanto os estrangeiros que nos visitam teem observado.

E o distinto engenheiro comenta:

—De que serve a nossa patriotica propaganda se os nossos governantes desdenham de a secundar, dando aos «turistas» a impressão de que todas as comodidades apregoadas pelo nosso «Bureau» não passam de «blagues»?

E continuando, depois de acender a sua cigarrilha, o sr. Roldem y Pego diz:

—O governo deve empregar todos os seus esforços para estabelecer comboios rapidos directos entre Lisboa e Paris, e na linha ferrea Lisboa-Algarve, a fim de servir a Andaluzia.

«Em Lisboa e Porto devia cuidar-se mais da higiene, conservando as ruas mais limpas do que até agora teem estado e que são a nossa vergonha aos olhos do estrangeiro que nos visita.

«As camaras municipais deviam estabelecer tabelas de preços para os moços de fretes, trens e automoveis, estes ultimos obrigados ao uso do taximetro, que deveria ser examinado todos os quinze dias, o que evitaria a sua possivel viciação.

«Sómente assim se poderia acabar com a gananciosa e vergonhosa roubalheira de que todos nós somos victimas, e que aos olhos do estrangeiro nos deprime e vexa.

«Os nossos hoteis, na sua quasi totalidade, não oferecem o conforto e as comodidades que eram para desejar, sendo bom que o Estado os auxiliasse, não com subsidios, o que não é facil, mas por varios meios indirectos á semelhança daquela lei sobre hoteis que reduziu os impostos sobre essa industria.

«A questão das aguas é, sobretudo aquele que mais merece ser resolvida com a necessaria urgencia, pois uma capital sem a agua suficiente dá lugar ás constantes epidemias, entre elas a febre tifoide, o que não é, certamente, um grande atrativo para os estrangeiros que nos queiram visitar.

«Eu não compreendo muito bem que neste momento em que a periodica escassez de agua se faz sentir, se não aproveitem as nascentes que existem na rua dos Fanqueiros e rua da Prata, que possuem uma grande quantidade desse precioso liquido, que seria aplicado unicamente para regas da cidade, em virtude de poderem estar inquinadas.

«Seria tambem de toda a utilidade que se reorganisasse a policia de segurança publica, de forma a poder ela corresponder ás necessidades da população, educando-a convenientemente e tornando-a mais util e ordeira.

«Era interessante organisar em Lisboa e Porto uma secção de policias ciclistas, que seriam principalmente destinados á fiscalisação dos automoveis, de modo a reprimir o mais possivel o excesso de velocidade, á semelhança do que se faz nas principais cidades do estrangeiro.

«Uma das coisas que mais dificulta a nossa ação de propaganda, é o elevado custo das taxas postais, pois não se podem enviar impressos e postais desde que se sofreu o novo aumento. Impõe-se para o desenvolvimento da propaganda do nosso paiz, a isenção de taxas postais na correspondencia oficial da Sociedade Propaganda de Portugal, ou pelo menos, nos impressos e postais.

E o sr. Manuel Roldan y Pego dê por finda a nossa interressante palestra, concluindo:

—Será necessario tambem que o Estado fizesse estudar a legislação franceza sobre turismo, aproveitando dela tudo quanto fosse de reconhecida utilidade para o nosso pais, e estabelecendo ao mesmo tempo relações muito intimas entre a nossa Repartição de Turismo e as repartições congéneres dos outros paizes.

—Uma pregunta ainda: e sobre o jogo?...

S. ex.ª medita um momento e responde:

—Desde o momento em que se reconhece que o jogo não pode ser reprimido, eu sou de opinião que ele deve ser tolerado por meio duma regulamentação que aproveite dêle o que contiver de util; os beneficios para a Assistencia Publica, para o qual muito teem contribuido as diversas casas do jogo. De resto, o jogo é uma magnifica atracção para os estrangeiros, desde o momento em que êles não tenham a receiar a brusca intervenção da policia e os vexames que sofrem da sua parte, como ultimamente se tem visto.

«Eu não sou partidário do jogo, é preciso notar, mas está provado que ele nunca se poderá evitar, e sempre será melhor dar-lhe uma tolerancia regulamentada, aproveitando o importante auxilio dalgumas dezenas de contos para a indigencia, do que suceder o que se está vendo: jogar-se por toda a parte sem nada se aproveitar de util, e a policia vexar constantemente nos seus assaltos improfiquos.

Não será melhor pois regulamental-o? evitando, já se vê, que as classes menos abastadas, como empregados e operarios, frequentassem as casas onde se jogue, o que seria facil de resolver permitindo só a existencia dos mais sumptuosos «clubs», e regularisando a entrada neles por meio de cartões de convite.

E dizendo isto, o ilustre engenheiro apertou-nos a mão e conduziu-nos delicadamente até á porta do seu amplo e confortavel gabinete.

Notas politicas

O regulamento dos serviçais determinará a demissão do sr. Governador Civil de Lisboa?

O sr. Almeida Ribeiro chamou hoje a atenção do sr. ministro do Interior, na Camara dos Deputados, para o regulamento dos serviçaes. O deputado democratico disse:

—... e por todas estas rasões eu entendo que o regulament deve ser suspenso...

O sr. ministro do Interior, sublinhou as seguintes palavras com repetidos signaes afirmativos:

—De acordo, de acordo.

Sabendo-se o empenho que o sr. Governador Civil de Lisboa tem posto na execução do regulamento, não será talvez demasiado fazer a previsão duma crise no Governo Civil da cidade.

O ensino religioso

O sr. Mario de Aguiar, deputado monarquico, apresentou hoje na Camara dos Deputados um projecto de lei, autorisando o ensino religioso nos estabelecimentos de educação particular.

A requerimento do sr. Almeida Ribeiro a Mesa não admitiu o projecto, por ser contrario á Constituição da Republica.

Notou-se que os deputados da maioria se colocassem, na sua quasi totalidade, ao lado do seu colega monarquico, não ocultando a sua simpatia pela doutrina exposta no projecto. E' possivel que, se não fosse a oportuna intervenção do sr. Almeida Ribeiro, tivesse sido votada a urgencia e dispensa do regimento requeridas pelo sr. Mario de Aguiar.

A Espanha em Marrocos

O ministro da guerra vai esclarecer o plano das suas operações

MADRID, 26.—Diz-se que o ministro da guerra irá brevemente a Melilla a fim de esclarecer certos pontos do plano das futuras operações.—(R.)

Nova operação em Melilla

MADRID, 26.—Dizem os jornais que hoje foi levada a cabo em Melilla uma importante operação cuja objectivo era limpar de inimigos a parte da peninsula que fica a leste do Melilla.—(H.)

Os inimigos resistem com dificuldade

MADRID, 26. —A operação de hoje teve por fim assegurar a liberdade de comunicações entre Tisza e a costa (?). Apesar de em grande numero, o inimigo resistiu com menos energia que nos dias anteriores, o que parece confirmar ter sofrido nestes ultimos dias perdas importantissimas.—(H.)

De além Atlantico

A nomeação do sr. Sampaio Garrido para nosso consul no Rio

RIO DE JANEIRO, 26. — Produziu muito boa impressão a noticia de que seria nomeado para o cargo de consul geral no Rio de Janeiro o sr. Sampaio Garrido, actualmente consul em S. Paulo.

Perdida a esperança de vir ocupar este posto, o sr. dr. João de Barros por não pertencer á carreira consular, não podia ser mais acertada a escolha feita pelo governo portuguez.—(A).

A carga do Cheruskia

Assyriologia e eleições—A decifração e os interesses do Orientalismo

Continuam e persistem as hesitações já demasiado deprimentes, para o nosso brio de povo civilisado, ácerca do destino a dar á preciosa carga de archeologia assyria, apresada a bordo do vapor «Cheruskia».

Já em tempos o actual chefe de redacção do nosso jornal encetou um movimento disciplinador relativo a este momentoso assunto, tendo tido para esse efeito uma conferencia com o sr. dr. Ginestal Machado. Nessa ocasião poz mesmo desinteressadamente á disposição de s. ex. os pobres conhecimentos de que dispõe sobre o assunto, no interesse exclusivo da Nação.

Optimamente recebido, como o grande Elias, teve contudo de desistir, por ver que o alevantado assunto cedia o seu lugar primacial ás obnoxias transacções eleitoraes... de recente, mas triste memoria.

Quem se importaria então das memorias archeologicas de Ashurbanapal ou de Nabuchodonosor, quando se suscitavam duvidas sobre o partidarismo local da Aldeia de Paio Pires e de Sarilhos Grandes e outras dependencias...?

Mas as eleições passaram. A imprensa torna a referir-se ao assunto, e o sr. ministro da Instrução, depois de ter aceitado a oferta gratuita de um sabio francez para traduzir e uns sabios alemães para decifrar, os quais ainda até agora não chegaram, continua com a preocupação de saber o que dizem as insculpturas cuneiformes, dando assim prioridade ao que só no final destes trabalhos se costuma tentar.

Pensavamos nós, pelo menos assim temos visto proceder por esse mundo fora, que a interpretação da arqueologia asiatica, por só aproveitar ao preenchimento de certas lacunas historicas mais particularmente interessantes para Assyrialogos, egyptologos e outros, do que para o Orientalismo em geral, é habitualmente a ultima «étape» nesta ordem de trabalhos.

Não assim entre nós. O que se quere é decifrar, sem sequer se perceber que, depois de decifrados esses documentos milenarios, os que não são assyriologos ficarão tão inteirados como dantes, por desconhecerem as lacunas historicas que a decifração virá esclarecer.

Isto, porém, ficará para outro dia, pois a leitura rapida de um jornal não admite longas dissertações sobre assuntos de tanta arides.

A guerra no Oriente

As operações presseguem

BELGRADO, 26.—Os mirditas capturaram a guarnição de Kseli, fazendo 266 prisioneiros e perseguem as tropas governamentais que fogem em direcção a Alessio.—(R).

os turcos ganham

ANGORA, 26.—Os turcos ocuparam as posições gregas nos sectores de Karahissar, e obrigaram-os a retirar para Kara Aslanlar.—(R).

e obrigam os gregos a uma retirada de 120 quilometros

CONSTANTINOPLA, 26.—Os gregos tiveram que retirar até 120 quilometros de Angora.—(R).

Desmente-se o boato sobre a dissolução da Assemblea de Angora

MADRID, 26.—O boato sobre a dissolução da assembleia de Angora é desmentido.—(R).

Conferencias

Hoje, ás 21 horas, na rua Angra do Heroismo, 3, sendo conferente o sr. Santos e Silva, que se ocupará da Educação moral e espiritual da juventude.

NA INDIA

Graves tumultos

NAUEN, 26.—Ultimamente teem-se dado grandes tumultos na India. A policia e as tropas britanicas intervêem. A agencia Reuter diz que o vice-rei que andava em viagem, se viu forçado a regressar imediatamente a Simla onde se deve celebrar um conselho extraordinario.—(C.)

Associação do Registo Civil

Reunida em sessão ordinaria de 23 do corrente a sua direcção deu andamento a varios expedientes e aprovação de novos socios, tendo tratado do assunto dos famintos da Russia. Foi resolvido oficiar á Comissão Pró-Famintos, dando conta das suas deliberações sobre o bando precatorio que tenciona levar a efeito.

Tratou-se tambem da ultimação dos trabalhos para a efectivação dos consultos medicos aos socios pobres na sua séde, bem como das projecções luminosas de propaganda da Associação, que breve tenciona pôr em execução.

A questão da Irlanda

A resposta governamental será hoje redigida

LONDRES, 26. — A resposta de «Dail Eireann» não contem a negativa categorica, prevista depois do discurso do sr. De Valera. As negociações continuam sendo de supôr que na reunião desta noite o gabinete redigirá a resposta governamental. —(H.)

VIDA SPORTIVA

Grandes combates de box

No Stadium disputam-se no proximo domingo 3 combates de box entre profissionais do "ring"

Ficou hontem á tarde resolvido que se efectue tambem no proximo domingo, na festa de box que se realisa ás 17 horas no Stadium, o match desforra entre o campeão de Portugal Silva Ruivo e o campeão suisso da sua categoria, Simeth.

Os organisadores não puderam negar a Ruivo a oportunidade da desforra, visto que na realidade o campeão portuguez se achava em inferioridade fisica no seu ultimo combate. Ruivo, de então para cá, tem trabalhado e conseguiu tambem que sarasse tambem o furunculo que tinha no ante-braço, que o impedia de bater com força e ao mesmo tempo lhe causava dores agudas todas as vezes que Simeth o tocava nesse sitio. O campeão portuguez quer mostrar aos seus admiradores que não perdeu ainda as suas qualidades de pugilista. E a prova de que Ruivo é digno adversario de Simeth é que este hesitou ainda em aceder a novo combate, alegando que vencera Ruivo regularmente. Não contestamos o valor do campeão suisso; antes pelo contrario, somos os primeiros a manifestar entusiasmo pelas belas qualidades desse «boxeur», mas a verdade é que Ruivo foi vencido por abandono forçado. Portanto, um novo match entre Simeth e Ruivo ha de ser interessante, tanto mais que Ruivo é um rapaz brioso e com o suficiente amor proprio para se exceder na luta contra o suisso, esforçando-se por o vencer.

Como ja hontem dissémos o programa da festa de domingo é dos melhores que entre nós se tem realisado e prova bem o desinteresse dos organisadores que não hesitam ante grandes encargos, como são os da realisação de 3 combates entre homens que se fazem pagar caro.

Vamos ter novamente Faustino Pereira contra Chassagne. Este considera-se muito melhor e Faustino, mais modesto, diz apenas que no *ring* é que se vae decidir qual é mais forte. Faustino tem razão; no seu combate de domingo passado todos os nossos amadores ficaram surprehendidos com a maneira energica, decidida e scientifica como Faustino dirigiu quasi todo o combate. E isto é que se consegue trabalhando persistentemente e Faustino tem-o feito sob a direcção de Mario Gall.

O terceiro combate que do programa consta põe Goffin, belga, em frente do forte Mario Gall. Goffin faz a sua estreia entre nós; afirmam-nos que é bastante forte no ataque, que trabalha com alma, e que é o homem que está indicado no seu paiz para se bater para o titulo com o campeão da sua categoria. Mario Gall, que ha poucas semanas foi pela primeira vez batido entre nós, pelo campeão Simeth, está desejoso de alcançar uma vitoria que o possa habilitar a tirar do suisso a desforra do desaire que sofreu. Pois se vencer Goffin não lhe deve ser regateado o direito de se encontrar novamente com Simeth.

Como acima dizemos, estes combates, que se disputam em 10 rounds de 3 minutos, com luvas de 4 onças, formam o programa da festa que no proximo domingo se realisa no Stadium ás 17 horas. Para esta magnifica festa são amanhã postos á venda na Rua do Alecrim 69, 2.º os bilhetes dos melhores logares, para evitar que o publico tenha de estar nas bichas das bilheteiras ou tenha de pagar agio a contra-Nadores.

REMO

Os novos dirigentes da Federação

A convite da direcção da Associação Naval de Lisboa, reuniram os delegados de todos os clubs federados na Federação Portugueza de Remo.

Fizeram-se representar os seguintes clubs:

Associação Naval de Lisboa, Club Naval de Lisboa, Associação 1.º de Maio, Gimnasio Club Figueirense, Club Naval de Setubal e Sport Algés e Dafundo.

Resolveu-se proceder á eleição da comissão dirigente da F. P. do Remo, sendo eleita por unanimidade a seguinte:

Presidente, E. de Sousa Prego, da Associação 1.º de Maio; secretario Nuno de Vasconcelos, da Associação Naval de Lisboa; tesoureiro, José Reis, do Sport Algés e Dafundo; vogais, A. Salgado, do Club Naval de Lisboa, e C. B. Moniz, do Club Naval de Setubal.

Foram aprovados os seguintes votos de louvor, por unanimidade: a todos aquelles que colaboraram nos regulamentos e estatutos da Federação Portugueza de Remo, especializando o sr. Djalme Bastos; ao Sport Club do Porto e á comissão organizadora das regatas de 24 e 31 de Julho p. p.

Aprovaram-se as filiações do Victoria Foot-ball Club e Club Escola Nautica.

O regulamento em vigor até á data das alterações foi aprovado na generalidade pelos clubs federados.

FOOT-BALL

Assembleia Geral da Associação

Conforme o preceituado no Art. 8.º § 1.º dos estatutos, é convocada a reunião ordinaria da Associação, para os fins seguintes:

1.º—Leitura e discussão do Relatorio da Gerencia da época de 1920-21.

3.º—Entrega do «Premio Januario Barreto».

2.º—Entrega das Taças aos vencedores da época 1920-21.

4.º—Entrega dos fac-simile da Taça de Honra aos vencedores dos anos 1914-15 a 1917-18 e 1919-20.

5.º—Eleição dos corpos gerentes para a época de 1921-22.

A QUESTÃO DO JOGO

No regimen do assalto

Mas ficamos toda a vida atirando brigadas de policia contra os clubs?

A policia assaltou ontem, com grande aparato, as varias casas de Algés onde se garantia que se jogava. E, pelo testemunho dessa mesma policia, vimos que foram apreendidas duas roletas e presos alguns «pontos».

Essa diligencia foi reputada feliz pelos agentes, que ha mais dum mez andam n'uma roda viva, na faina de surprender o flagrante delicto; e um jornal da manhã, que se tem evidenciado, ultimamente, em ataques violentos, por vezes com uma feição sem caracter pessoal, sempre irritante, contra os chamados «banqueiros do jogo», dá tambem largas ao seu contentamento, elogiando as auctoridades e fazendo do caso uma larga reportagem quando todos os outros colegas lhe dedicaram quatro linhas.

Pois nem os agentes, nem as auctoridades nem o jornal em questão teem motivos para se regosijar. A verdade é que a deligencia de ontem resultou inutil. De que serviu ela?

De demonstração da existencia do jogo?

Sim, constituo-o que se jogava. Mas isso sabe-o toda a gente, vê-o toda a gente! Não era preciso que a policia corresse com duas roletas para que se ficasse inteirado que havia jogo de azar.

Pois não temos nós dito aqui que se joga por toda a parte, em Lisboa e nas praias, nas cidades e nas vilas? Não ha ninguem que ignore a existencia do jogo. E, portanto, que se ganhou com a diligencia de ontem? Uns cobres que esses pontos pagarão, de fiança, na Boa Hora, e que mal chegarão para custear a gazolina dos automoveis empregados no assalto.

A não ser que o sr. governador civil julgue que com essa sortida nocturna, terá reprimido o jogo... Isso seria uma ingenuidade incompativel com a sua experiencia.

O sr. Lelo Portela é um homem inteligente, não pensará uma cousa dessas. Quantos assaltos se teem constatado, quantas roletas hão sido apreendidas! E, no entanto, o jogo ahi está, vivo-o o sr. governador civil, viu-o a policia.

Nunca os jogadores foram mais encarniçadamente perseguidos do que no tempo da monarquia, quando o sr. Hintze Ribeiro subiu ao poder. A policia não descansava, e quando surprendia uma duzia de «pontos», metia-os entre uma escolta e, esperando que nascesse o dia, fazia-os atravessar a cidade, a caminho do governo civil.

Pois, no dia seguinte, a roleta continuava a girar, impavido, como se nada se houvera passado!

A policia apreendeu duas roletas; mas, infelizmente, não ha só duas roletas no mundo... A esta hora, não tenham duvida, eles, ainda presos, já pensam muito bem onde se jogará amanhã. E' que o vicio do jogo é mais forte que o medo á policia, pode mais do que toda a prudencia.

O pequeno desastre de ontem não tira nem põe. E' um *incidente*. Ele não influirá, em nada, na existencia do jogador, senão no sentido de redobrar de futuro a sua vigilancia contra a policia. Viu-se que, tendo organisado a sua defesa até Alcantara, deixou aberta uma porta: Bemfica. Pois fecha-la-ão, por outra vez—e pronto.

Mas quererá o sr. Governador Civil, e quererá o sr. capitão Albuquerque ficar toda a vida a dar caça ao jogo? Todas as noites, hoje aqui, amanhã acolá, a policia, de surpresa, assalta os clubs.

Isso seria, porem, absurdo, e linha tambem o seu lado de ridiculo. Uma policia perpetuamente em serviço do jogo...

Mas admitamos o absurdo, e suponhamos que o sr. capitão Albuquerque ficará toda a vida, a dirigir essas brigadas policiaes. Nem assim ganharia grande cousa, porque, perseguido deste lado, surprendido nesta rua o jogo, escaparia na rua adiante.

A verdade é esta: os homens convenceram-se de que não é crime cada qual jogar o que é seu, e, com esta comunicação, só são apanhados pela policia deixam-se ir, para voltar.

Que se conclue daqui?

Nós ainda concluimos que o jogo tem de ser regulamentado, pois que, sejam quais forem os exemplos que apresentem, toda a discussão, todo o raciocinio, conduzem a esta conclusão: regulamentar é fazer dum mal grande, um mal menor.

Entretanto, continue a policia com os assaltos. Ha-de ganhar muito com isso.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

A questão dos serviçais.—Cambios

O sr. Almeida Ribeiro chama a atenção do sr. ministro do Interior para a questão dos criados de servir, dizendo ser impossivel a fiscalisação policial no lar domestico.

O sr. ministro do Interior responde que o assunto lhe merece a maior atenção e que já encarregou o director geral do seu ministerio de lhe apresentar um relatorio sobre o assunto.

O sr. Mario de Aguiar salienta a necessidade de se repararem as estradas do districto de Leiria.

Pergunta ao governo se já foram presos alguns dos individuos que praticaram os atentados contra os monarquicos e catolicos no Porto e em Leiria. Illucida depois a Camara ácerca dos intuitos com que ha dias fez algumas perguntas ao sr. ministro da Justiça.

Manda depois para a mesa um projecto de lei permitindo o ensino religioso em Portugal, para evitar que muitos portuguezes vão receber-o estrangeiro. Pede urgencia e dispensa do regimento.

O sr. Almeida Ribeiro informou que o projecto, em face do n.º 10 do artigo 3.º da Constituição, não pode ser discutido, porquanto o Estado é neutro em materia religiosa. (apoiados dos democraticos).

Por esse motivo foi o projecto retirado.

Na ordem do dia o sr. Belchior de Figueiredo, aproveita a ocasião para se referir aos cambios. Entrando na apreciação da proposta o orador faz algumas afirmações politicas que provocam apartes, apoiados e não apoiados e a intervenção do sr. Carvalho da Silva dizendo que quando disse que a administração republicana era pessima, apenas reeditou as afirmações anteriormente feitas pelo sr. presidente do ministerio.

Vozes: Ora! Ora!

Continuando, o orador responde ao sr. Belchior de Figueiredo, fazendo cavalo de batalha das declarações do sr. presidente do ministerio para provar a superioridade da administração monarquica, mas os deputados que rodeiam o orador, exclamam: Eia! Eia!

Como o sr. Belchior de Figueiredo o tenha interrompido, pergunta-lhe: —V. ex.ª faz-me favor, diz-me quando foi apresentada a ultima nota da divida publica?

Ha ditos, protestos, apartes, risos e celeuma. Contudo o orador continua:

Um deputado da maioria diz:

—Mas isso não é só dizer que a administração republicana é má e que hoje ha quem pague um conto de reis quando noutro tempo pagava só dez tostões, é preciso provar.

O sr. Carvalho da Silva: Não me parece que as condições acusticas da sala sejam tão más que v. ex.ª não tivesse podido ouvir o que ha dias disse sobre o assunto.

Até mandei para a mesa um projecto.

O deputado da maioria: Pois eu não tenho conhecimento disso.

O sr. Carvalho da Silva voltando-se para a presidencia:

Oh! sr. Presidente, v. ex.ª faz favor, mande fazer uma prova aqui para este senhor deputado?

Mais risos, mais comentarios alegres e o sr. Carvalho da Silva termina as suas considerações.

A proposta foi aprovada por generalidade.

A sessão continua.

No Senado

Espera-se até ás 16 horas. Nesta altura, o sr. Rego Chagas, pede urgencia e dispensa do regimento para o projecto alterando a lei da amnistia na parte que diz respeito aos militares do C. E. P.

Concedida a urgencia e dispensa, foi aprovado sem discussão.

O sr. Julio Dantas referiu-se á exposição internacional do Rio de Janeiro, chamando a atenção dos srs. ministros da Instrucção e do Comercio para a necessidade de proceder desde já á organisação da nossa representação, no que respeita á Arte Portugueza.

O sr. ministro do Comercio, declara concordar com os pontos de vista do orador.

A proxima sessão é na 3.ª feira.

Notas politicas

O famoso codice

A Camara dos Deputados admitiu hoje á discussão o projecto de lei que autorisa o governo a dispender até á quantia de 150 contos para acquisição do codice italiano.

Já é meio caminho andado...

Antonio Granjo

Dizia-se hoje nos Passos Perdidos que o sr. Antonio Granjo estava na intenção de se retirar amanhã para a provincia, não regressando senão depois das ferias parlamentares.

Esta atitude do ilustre ex-ministro do comercio era atribuida á impossibilidade, por ele reconhecida, de se encontrar uma formula para resolução da questão dos oficiais milicianos. O que é certo é que o sr. ministro da guerra continua intransigente no seu ponto de vista, já por vezes aqui exposto.

Segundo uma outra versão, o sr. Antonio Granjo iria a Chaves assistir á inauguração dum caminho de ferro acompanhando os srs. ministros do comercio e dos estrangeiros e regressando a Lisboa, todos, na segunda-feira proxima.

Encerramento da sessão legislativa

Está assente, em principio, que o Parlamento encerrará os seus trabalhos no dia 10 de setembro, o mais tardar.

Empregam-se, todavia, esforços para se encerrar esta sessão legislativa mais cedo, talvez amanhã ou na segunda-feira.

Se as tres forças poderem concluir-se com mais uma sessão, esta realisar-se-ha amanhã, apesar de ser sabado.

Ministro das Finanças

Causou estranheza que o sr. ministro das Finanças não aparecesse hoje na Camara dos Deputados, apesar de se estarem discutindo a proposta dos coeficientes. Mas não causou menos estranheza que a oposição, no seu papel de fiscalisador, não pedisse a presença do ministro, limitando-se o sr. Paiva Gomes a dizer algumas palavras para salvação da honra do convento.

POEIRA DA ARCADA

Conferenciaram hoje com o sr. ministro da instrução os srs. Viana da Mota e Freitas Branco, sobre assuntos relativos ao Conservatorio, e o sr. governador civil de Vila Real, acerca de interesses escolares.

Foi para o «Diario do Governo» uma extensa relação de professores contratados das escolas moveis que tem o direito de serem reconduzidos.

Por motivo de serviços oficiais que o retem em Lisboa, o sr. ministro do comercio não pode ir assistir á inauguração do troço do caminho de ferro de Vidago a Chaves. Irá, porem, o sr. ministro dos negocios estrangeiros.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

Burocracia velha.—Os Meirinhos do Paço e os Almotacés.—O antigo funcionalismo publico.—Pessoal das Sete Casas e das Alfandegas.—Antigos impostos camararios

Ao lado do Tribunal da Corte, com os seus doutores, prelados, juizes de Feitos, desembargadores, fidalgos, ouvidores, corregedores e Chanceler-mór, concorriam os Tribunais de Consciencia e da Suplicação com outras tantas entidades a digladiarem-se numa rivalidade que comprometia toda a acção da Justiça.

O civel confundia-se com o Crime; o Administrador tambem intervinha numa confusão de Pandemonio.

Tratava-se simultaneamente de cartas de privilegio, legitimações, crimes, confirmação de eleições, legislação de nomeações, roubos, etc.

A burocracia viera-nos de longe — da velha Roma. Tinha-se, porém, requintado por motivos de padrinhagem e espirito de tornar confusa a administração, para maior viabilidade da espoliação publica.

O Chanceler-mór era o medianeiro entre o Rei e os homens. Confirmava e provia os empregos de tabeliães, escrivães, contadores de custas, inquiridores e outros, cuidava da instrução publica e lentes, etc.

Os Meirinhos do Paço, mais velhos do que a monarquia, acaso antepassados historicos dos celebres archeiros da Casa Real, exerciam uma especie de funções policiaes: — mantinham a ordem nos logares onde se encontrava a Corte e prendiam os malfeitores.

Colhiam bons proventos, como se colige do velho adagio: — «seja eu Meirinho e seja do um moinho».

O Almotacé-mór era uma verdadeira Ipotheria, tendo a seu cargo, não só o abastecimento da Corte, como o conserto dos caminhos por onde o rei tivesse de passar nas suas excursões. Debalde se queixava o povo em Cortes de 1481 e 1491, dos abusos que praticavam e da opressão que eles exerciam. (1)

Outros almotacés havia: — os da Camara Municipal, que eram eleitos anualmente pelo Alcaide da Cidade, homens bons e alvazis. No seu serviço de inspecção aos pesos e medidas, aos preços dos generos, aos salarios dos obreiros, exerciam toda a qualidade de exacções, violencias e vexames.

Esta imensa multiplicidade e confusão de serviços, que depois a intervenção do Tribunal do Santo Oficio ainda mais veiu complicar, tornava quasi impossiveis os pleitos, e arruinava quem quer que tivesse de apelar para a Justiça em casos dificeis.

—«Deus desavenha quem nos mantenha» era frase corrente nos que tinham de intervir.

A ela respondia o povo com murmurios de indignação: —«quem anda em demanda, com o Demo anda».

E como conselho cauto, ouvia-se ás vezes o proloquio: —«Se estiveres na tua tenda, não te acharão em contenda.»

Não era menos confusa nem menos complicada a administração publica com a sua infinita multiplicidade de cargos e empregos a demonstrar como o vicio burocrata entre nós vem de longe.

Nos Armazens da Guiné e da India, por exemplo, havia trinta e tantos funcionarios propriamente ditos, entre os quais se contavam os diversos escrivães do serviço, do armazem, do mantimento e dos Feitos, juiz de balança, apontador da Ribeira das Naus, meirinho, alcaide com os seus homens de choça, almoxarifes dos Armazens, da polvora, da Ribeira e Armaria, e das Tercenas, mestre e patrão-mór dos armazens, além dos porteiros, fragueiros e bainheiros dos armazens, mestres de carpintaria e de reparos, fundidores de bronze e de artilharia, piloto-mór e guardas, tudo acompanhado de grande numero de pessoal subalterno.

O que se dava nesta Repartição de serviços publicos repetia-se na infinidade de tantas outras com que o expediente se multiplicava e dificultava.

Só em referencia a Lisboa, ocorre-nos enumerar alguns destes curiosos organismos burocraticos.

O chamado Tribunal das Sete Casas que veiu a arder em 1749 por incendio comunicado das casas onde se vendia a polvora no sitio da Ribeira (2), compunha-se da Mesa das Tres Casas, Mesa das Fructas, Mesa dos Escravos e Mesa da Portagem, tudo provido de almoxarifes, escrivães e feitores, além do pessoal menor.

Na Imposição Nova e Velha acresciam os «feitores das andadas» com seus escrivães, sacadores, porteiros, etc.

Nas Alfandegas, além do Provedor, Meirinho e Escrivão, contava-se um verdadeiro exercito de funcionarios distribuidos por varias repartições: —Mesa Grande, Mesa do despacho do sal, Mesa do peso, Paço da madeira, Casa da entrada dos navios, Casa dos Sinos, Casa das carnes e coirama, Casa do pescado, Casa do deposito das tomadias, diversas Chancelarias, etc.

O pessoal menor efectivo do Terreiro do Trigo de Lisboa constava de umas duzentas mulheres medideiras, o mais um cento que joeiravam todo o dia a troco de trinta réis, pagos pelos freguezes.

A esta profissão, provavelmente considerada desprezivel, se não humilhante, se referiria um anexim desdenhoso que Antonio Delicado registrou — «a mulher dos trinta réis».

Tambem o pessoal da Camara Municipal de Lisboa (e outras, tudo em proporção) constituia verdadeiras avalanches de gente, que vexavam a população para fiscalisar e fazer cumprir os estravagantes impostos de cestario, varisgem ou medidagem (aferição), vendegem do pão, ver-o-peso, carros e ladrilhagem, almotaçaria municipal, portagem, real de agua e realete, moalharia, barcas e tragamalho, coimas, direitos de pescado e marco dos navios, bem como cobrança de fóros, licenças rendas de propriedade, etc.

E' deveras dificil a um cidadão do seculo actual imaginar o que seria a obra embaraçosa e demolidora desse interminavel exercito de Senhores a pôr em execução a seu belo talante o arbitrio leis numerosas, confusas e ás vezes contraditorias.

Só por conjectura, sempre muito aquem da realidade, se consegue obter uma pálida imagem do viver dos filhos do povo naqueles aflictivos seculos de gloria e tortura simultaneas.

A não ser que o velho rifão—«muita gente junta não se salva»—proviesse de algum conto remoto que até agora ainda não encontrámos ou pelo menos ainda não conseguimos correlacionar, é bem admissivel que o que via os seus pleitos e queixas sempre adiados e preteridos pela profusa exuberancia de funcionarios legistas, eclesiasticos, administrativos e camararios, como cogumelos na monturaria, a surgir de todos os lados, a proposito dos mais insignificantes incidentes, para contestar opôr, embaraçar, discutir e enredar, fossem quaes fossem, as pretenções. *(Continua).*

Ladislau Batalha

(1) Gama Barros—Hist. da Administração Publica-I-602 p.

(2) Fr. Claudio da Conceição—Gabinete Historico-IX-30.

PELO Juizo de Direito da 5.ª Vara civel da comarca de Lisboa, cartorio do Escrivão Guia, e nos autos de justificação avulsa para habilitação, em que é justificante: D. Domingas Felicia Duarte, solteira, maior, morador em Lisboa, na rua da Junqueira, n.º 325, correm editos de trinta dias, a contar da publicação do segundo e ultimo anuncio, citando os interessados incertos que se julguem com direito a opôr-se á referida justificação, pela qual a dita justificante pretende ser julgada como unica herdeira e representante de Antonio Servolo da Matta e irmã D. Maria Brigida da Conceição Matta, filhos, legitimos que eram de Manuel Antonio da Matta e de Brigida Candida da Matta, já falecidos, e seus naturaes da freguesia de Belem, desta cidade, e moradores naquela rua da Junqueira, n.º 325, onde ambos faleceram, o primeiro em 30 de Outubro de 1914 e a segunda (sua irmã) em 16 de Agosto de 1920, no estado de solteiros, sem ascendentes nem descendentes, mas com testamentos, sendo aqueles falecidos nada dispunham um para o outro do usofruto de todos os seus bens, direitos e acções, e a propriedade á justificante e assim está habilitada na mencionada qualidade de unica herdeira e poder registar em seu nome a transmissão do predio onde vive e viveu com os falecidos.—Qualquer impugnação será, pois, deduzida na terceira audiencia deste Juizo, depois de verem acusar a citação, na segunda audiencia, posterior ao prazo dos editos, sob pena de revelia.—As audiencias deste Juizo fazem-se ás segundas e sextas feiras, de cada semana, pelas dez horas e trinta e sete minutos, no Tribunal Judicial da Boa Hora, sito na Rua Nova do Almada, quando aquelas dias não forem feriados, porque, sendo-o, se fazem nos imediatos, so tambem o nao forem.

Lisboa, 25 de Julho de 1921
O Escrivão-ajudante
Antonio Augusto Duarte Junior
Verifiquei a exactidão
O Juiz de 5.ª Vara
Gouveia

A CAPITAL

3871 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sabado, 27 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

A queda do governo

Caiu o governo. A surpresa será geral.

Porquê?

Porque não ha hoje senão uma questão em Portugal: a questão economica e financeira, e desde que se verificou que o sr. Barros Queiroz, perturbado e hesitante, recebia, com o ar de quem a quereria atirar pela janela, a autorisação para reprimir a infamissima especulação cambial, já ninguem podia ter confiança no governo. O governo não tinha os seus dias,—tinha as suas horas contadas.

De resto, ninguem menos nas condições de poder tregiversar neste questão do que o sr. Barros Queiroz.

O sr. Barros Queiroz confessou na camara que havia especuladores. O sr. Barros Queiroz classificou-os de infames. O sr. Barros Queiroz insinuou que eles mereciam a justiça popular, isto é que mereciam esquartejados nas praças publicas como os mais asquerosos bandidos de todos os tempos. Pois bom! O parlamento, por unanimidade, deu ao sr. Barros Queiroz todos os poderes necessarios para castigar essa judiaria infernal, habilitou-o a proceder dentro duma lei, em vez de deixar chegar as coisas ao ponto de terem de ser decididas pelas execuções populares. E o sr. Barros Queiroz, homem de governo, homem de ordem, hesitava diante dessa autorisação, tergiversava perante a aplicação duma lei que podia poupar ao paiz os horrores das revoltas que o desespero gera, e até aos criminosos a vida que eles podiam perder!

Não se compreendia. E' tão lamentavel, é tão triste que é melhor não compreender.

Desde esse momento o governo não podia deixar de cair.

Não podia deixar de cair como não pode deixar de cair todo o governo que não se inspire na salvação financeira e economica do paiz.

O povo sente-se roubado, o povo vê-se ludibriado, o povo está farto de sofrer. Ou vem um governo que dentro da lei meta na ordem o banditismo da especulação desenfreada, ou ele fará pagar caro a muita gente o seu sofrimento imerecido.

O governo Barros Queiroz teve uma atmosfera favoravel nos seus inicios. Porquê? Porque só esperava que saberia melhorar as condições nacionais. A certa altura confessou a sua impotencia.

A impotencia dos governos! Mas os governos que se reconhecem incompetentes não são governos. Se se lhes confere o poder é para que não lhes seja licito dizer que não podem, sobretudo, em casos como este, que em certos aspectos só reclamam uma acção de policia.

E agora quem irá?

Seja quem fôr, que governe. Seja quem fôr que se inspire na crise angustiosa que atravessamos. Seja quem fôr que não transija, que não capitule, que não fuja, que se não confesse impotente para servir o paiz esmagado os miseraveis que o exploram.

Ninguem ameaça a independencia da Patria. A Republica está segura. O que é preciso é resolver a questão economico-financeira. Resolva-se com mão de ferro. Noutros tempos, para todos os especuladores que o sr. Barros Queiroz classificou de bandidos, já estariam levantadas forcas em todos os burgos. Um sentimento de humanidade proscreveu entre nós a pena ultima. Mas ha outros castigos, e esses é preciso aplica-los, sem piedade, porque toda a piedade com os algozes é atrocidade para com as vitimas.

A questão Irlandeza

O governo inglez tem pressa

LONDRES, 26.—A resposta do governo britanico ao sr. De Valera exprimo o desapontamento que lhe causa a rejeição dos suas propostas e diz que não pode prolongar indefinidamente a troca de notas, mas que em todo o caso muito deseja que se concilie com o sr. De Valera. O governo britanico declara ter atingido o limite dos seus poderes.—(H).

A Republica Irlandeza tem credito e confia no seu presidente

DUBLIM, 26.—O sr. De Valera foi reeleito presidente da Republica Irlandeza e todo o ministerio foi igualmente reeleito. A assembleia aprovou a proposta de um emprestimo de 20 milhões de dollars nos Estados Unidos e de meio milhão de libras esterlinas na Irlanda.—(H).

Em Berlim

O novo «Barba Azul»

BERLIM, 27.—Foi detido um adepto de Landru, de nome Grossenau, mais novo, mas não menos habil do que o «Barba Azul» francez.

Foi detido por ter assassinado uma mulher num dos seus domicilios, (pois tinha varios) e descobriu-se que ele roubara 35.000 marcos e grande quantidade de roupa de conforto.

Encontraram-se-lhe na cozinha restos humanos calcinados (?)—(C).

A péle aveludada

POLITICA

NOS BASTIDORES...

Curiosas e ineditas informações ácerca do contracto dos 50 milhões de dollars

A CRISE

Encontrámos esta manhã, flanando despreocupadamente pela rua do Ouro, o nosso amigo X..., aquele ilustre representante do povo que, ha dias, nos forneceu algumas informações sobre o contracto, ou melhor dizendo, sobre o misterio dos 50 milhões. Vejam que belo titulo para romance à «sensation»: O MISTERIO DOS 50 MILHÕES!...

O sr. deputado X... é madrugador. Conserva os habitos provincianos. Por isso, ainda antes das 9 horas, com as lojas fechadas, já ele andava pela rua do Ouro, espreitando as montras. Abordámo-lo. A ocasião era excelente. E, após os cumprimentos, veio a palestra sobre o caso do dia:

—Então, meu caro dr., que diz à crise?...

—Que me não surpreendeu.

—Nem a nós. Mas as causas?...

—Ha só uma. Chama-se incompetencia. O Barros Queiroz falhou.

—Ele apresentou, todavia, soluções...

—Inexequiveis. Veja a questão da redução dos quadros do funcionalismo. Mas (a verdade deve dizer-se sempre) tambem foi infeliz na herança do contracto dos 50 milhões.

—Sabe-se mais alguma coisa acerca do contracto?

—Sabe-se quasi tudo. Isto, em primeiro logar: o governo portuguez não tratou com o governo de Washington, directamente. Negociou, sim, com um sindicato internacional.

—Representado por?...

—Por um «Credit International d'Anvers», conjunção financeira onde entram uma firma estrangeira, a «International Mercantil Company» e casas bancarias portuguezas e muito nossas conhecidas: Fonseca & Araujo, do Porto, Banco Comercial de Lisboa e Consorcio Bancario Portuguez, de Madrid.

—Foi então com esses que o Afonso Costa negociou?...

—Parece que sim. Essa conjunção é que, posteriormente á assinatura do contracto, se entendeu com Washington ou, mais provavelmente, com Nova York.

—O negocio era, então, em duplicado...

—Certamente. Havia duas operações: uma de credito e outra comercial. E a comissão de 2 %, garantida no contracto, faria ganhar aos intermediarios a quantia redonda de 10.000 contos. Isto seria o lucro visivel. Provavelmente não era unico. Os outros seriam, certamente, ainda maiores. Tratava-se, realmente, dum verdadeiro monopolio do comercio de importação por dois anos, negocio colossal, onde seriam empenhados mais de um milhão de contos.

—E v. dá razão ao Barros Queiroz que, manifestamente, não quiz pôr em execução o contracto?

—E' claro que sim. O Barros Queiroz não quiz ligar o seu nome a operações tão desastrosas.

—E diz v. que a casa portuense Fonseca & Araujo estava dentro do negocio?

—Estou informado que sim.

—E o Afonso Costa?

—Assignou o contracto. Só merece elogios. Neste paiz só ele merece elogios. Se ele por ahi viesse...

—Resolveria a crise?

—Claro.

—Mas não vem.

—Assim dizem.

—Nesse caso?

—Será o Granjo o novo chefe do governo.

—E o contracto?

—O contracto?... Pois v. ainda fala nele? O contracto... talvez então se publique.

PROPOSTAS DE FINANÇAS

DEFESA DA REPUBLICA

A queda do governo adia a analise da proposta-força.—Resta esperar pelas declarações do seu sucessor

Recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor:—Demitiu-se colectivamente o ministerio. O sr. Barros Queiroz, que, por instantes, nos deu a impressão dum inimigo irreconciliavel do funcionalismo publico, deixa o governo, com honra mas sem gloria. Debateu-se na sua propria impotencia, durante alguns meses. A breve trecho, convencido de que a sua bagagem financeira, aprendida de cór e pagada com cuspo, não fazia a felicidade do povo ingrato, o sr. Barros Queiroz recolhe á Tebaida do largo de S. Domingos, «mal com a Republica por amor do povo, mal com o povo por amor da Republica».

Isto diria ele, agora, desconsolado, se Afonso de Albuquerque não tivesse a má lembrança de inventar a frase, ha já algumas centenas de anos. Não crêmos que o sr. Barros Queiroz teime em ser de novo chefe do governo. Para quê? Só se fôr para cair daqui a outros poucos meses. O governo a que presidiu, formado por homens eminentes do partido liberal, nada soube resolver, nem mesmo o problema simplicissimo das eleições, que perdeu. O «gachis» politico persistiu, agravado.

Não tendo resolvido o caso politico como poderia dar solução aos problemas nacionais? Impossivel!

Mas não é isso que neste logar e nesta ocasião me interessa, nem a mim nem á classe. O que nos regosija, a nós todos, funcionarios do Estado, na queda do sr. Barros Queiroz, é a probabilidade, quasi a certeza, de que a proposta-força não será convertida em «lei-guilhotina». O futuro governo não perfilhará tal monstruosidade. E se ele fôr constituido pelo sr. Barros Queiroz, veremos. Nós cá estamos!

Termino, sr. redactor, repetindo o que v., por vezes, já escreveu:

Organise o funcionalismo a sua defeza! Ela é, tambem, a Defeza da Republica!

Agradecendo, etc.

J. M., 1.º oficial.

Lutas sovietistas nos Balcans

BUCAREST, 27. — Um destacamento de tropas sovietistas desertou para o territorio romeno, pelo que Tchitcherine, comissario dos negocios estrangeiros, intimou o governo a entregar-lhe os desertores, ameaçando-o em caso de recusa, de enviar tropas á Romenia. O governo romeno recusou-se a satisfazer o pedido, baseando-se no direito internacional.—(H).

Como se faz o serviço fiscal nas fronteiras!

Fiscalisar e não vexar, eis o dever. Urge providenciar

E' sabido. Os nossos quadros aduaneiros em serviço nas fronteiras são na sua maioria duma incorrecção espantosa, e por vezes até duma inconveniencia que chega a tocar as raias do inacreditavel, tais os factos que lhe dão motivo, de alguns dos quaes já temos conhecimento.

Ainda ha bem pouco se deu com o nosso amigo e distinto parlamentar, sr. Aboim Inglez, um caso deveras irritante.

S. Ex.ª possue umas minas em Espanha, onde por essa razão vae frequentes vezes. Quando de lá regressava ha tempos, em companhia de sua esposa, atravessando a fronteira em Vila Rial de Santo Antonio, o sr. Aboim Inglez, que ali é muito conhecido, ficou um tanto surpreendido ao ver que o cabo da guarda fiscal do posto aduaneiro exigia teimosamente que sua esposa fosse á apalpadeira.

O ilustre sr. Aboim Inglez, contendo a custo a sua indignação pela acintosa exigencia, explicou pacientemente ao cabo as razões de ordem rigorosamente fisiologica que determinavam o desenvolvimento do ventre.

Não se contentou com a naturalissima explicação o pobre homem que insistiu ainda, só conseguindo evitar o vexatorio exame o aparecimento providencial de um superior do teimoso guarda.

Mal humorado com a determinação do seu superior, o cabo mandou insolentemente abrir as malas do sr. Aboim Inglez, entre as quais se encontrava uma contendo um enxoval completo de envolvedouros, coeiros, fraldas, camisinhas, etc.

Aqui tremeu Troia!

Qual pensa o leitor que seria o procedimento do muito «inlustre» fiscalisador dos contrabandos, ao serviço da Altandega?

Proibiu que o enxoval passasse a fronteira sem pagar direitos, pois, segundo sua «Insolencia», constava de peças de roupa ainda por usar!...

E' o cumulo!...

E como este, muitos outros casos vulgarissimos atestam á evidencia a maneira vergonhosa como é exercida a vigilancia aduaneira nas fronteiras de Portugal.

Impõem-se imediatas remodelações pois, no estado em que actualmente se encontra este serviço da fronteira, só nos envergonham e prejudicam.

O sr. ex-ministro do interior, num decreto que ultimamente fez publicar muito veio simplificar a questão do revisão de passaportes que não sómente incomodavam os viajantes como até mesmo os vexavam com os seus mesquinhos pormenores.

Por eles se adivinhava o estado caotico em que se encontram os nossos serviços burocraticos.

Pois o mesmo revelam os serviços fiscais das nossas fronteiras, pelo que respeita ás habilitações e educação do nosso Corpo Fiscal.

A Espanha em Marrocos

Preparando os planos

MADRID, 27.—O ministro da Guerra partiu esta noite para Melilla para comunicar ao general Berenguer as ultimas instruções do governo sobre o plano das operações e ao mesmo tempo para se inteirar pessoalmente de alguns pontos do plano das mesmas operações. O comunicado oficial de Melilla das 11 horas da noite diz que hoje nada houve a registar. Em Larache os rebeldes atacaram varios destacamentos pequenos a fim de se abastecerem de agua, mas foram repelidos, e perseguidos. O ministro da guerra conferenciou esta tarde com o general Marina; mas este negou-se a dizer aos jornalistas o que se tinha passado nessa conferencia.—(H.)

Por terras de além

A liberdade e independencia dos Estados Modernos

Não correm os ares muito fagueiros lá para as bandas do Oriente.

As agencias de informação trouxeram-nos noticias graves a respeito do estado de sublevação em que se encontram as populações da India, especialmente as da Costa do Malabar.

Esta revolta que actualmente se desenha com maior intensidade, é latente, vem de ha seculos.

Desde que ha historia, que os povos avassalados suportam violencias inauditas dos Estados avassaladores; mas tambem as cronicas registram que eles sempre reagem, quando a oportunidade se lhes oferece, para se libertarem do insuportavel dominio.

Sem nos reportarmos a mais alta antiguidade, já um pouco esquecida, veja-se como os Imperios de Carlos V e Francisco I se desmoronaram, deixando a Europa Central liberta dos seus grandes opressores.

Não suportaram as terras americanas por muito tempo a continuação do dominio, violencias e exacções que a Espanha ali iniciara pelo braço cruel dos Cortez, Pizarro, Almagro e outros.

E ei-las, — Perú, Chili, Argentina, Honduras, Guatemala e Mexico tornadas Republicas, novas, belas, prosperas e livres, até onde o regimen capitalista é compativel com a liberdade.

Brazil seguiu-lhe as pegadas, e lá vae com a civilisação que de nós recebeu, luctando por exceder em prosperidade a sua velha Metropole.

As grandes e pequenas Antilhas luctaram ha poucos anos por sacudir de Cuba o ferreo jugo que Weyler por ultimo ali quizera impôr. E nessa lucta tambem as Filipinas, lá no extremo oriental, alguma cousa lograram em favor da sua independencia.

Não aproveitaram os povos mais debilitados, quanto na sua diplomacia coube, para tirarem proveito da ultima grande guerra em favor da sua independencia?

Ahi temos a Tcheco-Slovaquia feita Estado á par das outras nações.

Polonia e Finlandia reconquistam a sua antiga independencia.

E tu que se esforça o antigo povo de Jerusalem, para reconstituir a antiga...

llion, desta vez prometida pelos governos inglezes, que afinal se esquecem da Irlanda, bem como da India e de outros Estados, etnicamente distanciados.

Eis o caso! eis o conflito!

India revolta-se — Calecut e Madrasta — Os Moplahs

O que se passa na India é a reprodução das luctas emancipadoras que sempre apaixonam os povos, quando atingem certo estado superior de civilisação.

Depois, a recordação de violencias passadas vive na memoria durante longuissimos anos, e quando chega a ter alguma força, fixa-se ancestralmente e traduz-se em odio colectivo ou desejo de represalias.

Os que primeiro violentaram os indios foram os portuguezes. Por nós fala a historia, sendo certo que Afonso de Albuquerque, o maior diplomata e homem de guerra, não deixou de exercer graves torturas no Oriente nas horriveis luctas de dominação e conquista em Malaca, Ormuz e tantas outras partes.

O restante cifra-se em espoliação, esbanjamento, tortura e sobretudo, intolerancia.

As nossas contendas e traições ao Camorim de Calecut constam dos registros; e Calecut é precisamente, a cidade sempre grandiosa de todos os tempos, a primeira que neste momento se prepara para investir em som de guerra contra a Inglaterra, sua actual opressora.

As ultimas noticias informam que os «moplahs» assaltaram a Tesouraria, levando 40.000 libras que acharam mais á geito, e as forças indigenas fizeram um forte ataque á cidade. A prisão de alguns membros da seita «moplah» irritou os animos e fez proclamar a guerra santa.

Já foram assassinadas varias autoridades militares inglesas, e o governo proclamou o estado de sitio em toda a India.

Madrasta acha-se revoltada, tudo levando a crer que a perspectiva não é das melhores para o governo de Sua Magestade Britanica, que não poderá reparar a guerra de exterminio havida na lucta com Cipais de triste sina memoria.

Não poderá repetir scenas de canibalismo...

em reprimir os morticinios da Armenia.

Não é menos certo, tambem, o melindroso da situação, pois os povos que ficam a norte do Himalaya não deixarão de auxiliar os revoltosos, até mesmo com a conjugação oculta de certos Estados, como Persas, Germanicos, Slavos, e possivelmente Japonezes.

Por outro lado compreenda-se que a luta, ainda mesmo que os revoltados indios saiam vencedores, e desta vez alcancem a almejada independencia, ficará sempre incompleta, quanto uma outra revolta interna não nivelar a sociedade hindú ainda dentro dos moldes visiveis e possiveis, acabando com o odioso embora tradicional privilegio das cinco castas rivais, incompativeis até ao odio, a infinitamente prejudiciais ao desenvolvimento moral e material da gloriosa e riquissima peninsula.

Ao lado dos infelizes «parias» e dos fanaticos castas sacerdotais, aparecem-nos ali os privilegiados de raça e sangue, os principes indigenas cujos mantos se pedras preciosas e os filagramas de ouro marchetam e ornamentam.

Serão esses os que reagem?

Agora mesmo nos chega a noticia extraordinaria de alguns principes indios terem encomendado em Londres o fabrico de belas carruagens, automoveis, como nunca até hoje se viram em parte nenhuma do mundo.

São «limousines» de 45 cavalos-vapor, tendo a «carrosserie» toda revestida de ouro, e com as lanternas, os discos e raios das rodas.

Serão descendentes do Camorim? Talvez, mas não deixarão de ser também castas privilegiadas que o seculo XX já não tolera.

Por isto dizemos que a independencia indica pouco valerá, se não fôr seguida de uma revolução interna, semilhante áquela que em 1864, pôs o Meidji, acabou no Japão com o predominio dos «Sammorai».

Gregos e Turcos—Onde está a verdade e a razão?

A lucta entre gregos e turcos continua encarniçada, triste consequencia da leviandade com que o tratado de Versailles dispoz dos Estados e os tratou a seu bel-talante, mas tomando em consideração os interesses materiais do Comercio de alguns Potentados, do que as afinidades etnicas que muito pezam na paz dos sociedades.

Assim os telegramas que nos chegam, são simultaneamente optimistas ou pessimistas, conforme nos chegam da Turquia ou da Grecia.

De Atenas dizem-nos hoje que segundo comunicado oficial, os gregos repeliram vitoriosamente dois ataques do Crescente contra Tolobonar, e ocuparam Thal e Belasdar...

LISBOA MISTERIOSA

Os parasitas do Lar

Os coveiros da Ilusão

Ha tempos que a nossa curiosidade vem sendo aguçada, por dois anuncios de um mefistofelico misterio, insertos diariamente no «Diario de Noticias».

Um deles reza assim:

«POLICIA. Investigações e vigilancia. Seriedade e competencia. Caixa postal 199.»

O outro, parecendo o complemento do primeiro, quasi que o repete:

«POLICIA PARTICULAR. Vigilancia e investigações. Caixa postal 174».

Ora nós, que não padecemos, absolutamente nada, da curiosidade, apanagio de todas as filhas de Eva, no que toca á vida particular de cada um tendo já bastante que fazer com a nossa propria vida, temos, no entanto, em alto grau a curiosidade do reporter, desse reporter á americana que gosta de meter o bedelho em tudo que diga respeito á vida colectiva de um povo, de uma agremiação, e mesmo de uma familia, quando a tranquilidade dessa familia está em perigo.

E' o caso de agora. Essa policia particular, que se oculta na sombra, sem chefe declarado, dando apenas como séde uma caixa postal, na posta restante, representa uma ameaça para a tranquilidade familiar, essa policia é um ninho de parasitas do lar, atacando-o nos seus alicerces mais fortes—o amor e a confiança—joeu nindo os esposos e fazendo a infelicidade dos filhos.

Estas agencias anonimas não se limitam a denunciar aos consortes as faltas conhecidas de um ou outro ou de um e de outro, o que já é uma forma cobardissima de ganhar a vida, a matar ilusões.

As nossas investigações mostraram-nos ainda sob um aspecto mais repelente, convindo pôr de sobreaviso aqueles que ainda por ela não foram atingidos.

Quando entre dois esposos não ha um motivo que lhes alimente a ganancia, inventam-no, e, mais ainda, arranjam-no até. Procuram um typo que faça a côrte a uma senhora casada e uma das duas agencias avisa o marido de que a esposa tem um amante e oferece os seus serviços.

O pobre homem corre imediatamente para tirar a claro a sua desgraça.

Chegados á fala, pedem-lhe dinheiro, muito dinheiro, para as despezas da espionagem. O homem cai com facilidade em dar a quantia exigida.

Sabemos de um antigo ministro a quem apanharam quinhentos escudos para lhe vigiarem... a amante, que a essa gente todos os laços servem para explorar.

Em seguida, a outra agencia avisa a esposa de que o marido tem uma amante e pelo mesmo processo arranca á mulher quantias que ela não possui, mas que procura, empenhando joias e rebuscando na carteira do marido, quando ele dorme. E ahi começam o ciume e a desconfiança minando a felicidade de duas creaturas e atingindo até, no coração do pai, o amor pelos filhos, visto que o homem começa a ter duvidas sobre a sua paternidade.

Estas duas agencias, de caixas diferentes, está o leitor vendo, pelo exposto, que são valores entendidos.

Uma delas é dirigida por uma mulher e dela fazem parte, como empregadas para arranjar negocios, varias creadas que, servindo por essas casas, teem mil dos descobrir o ponto fraco, onde possa exercer-se a vergonhosa «chantage».

Quer seja a comedia do adulterio, posta em scena pela cobiça destes aventureiros, é sempre um processo condenavel.

O divorcio já, naturalmente, tem incremento suficiente e, para desliar essa meada, temos os advogados consentidos pela lei; não se precisa de serviços prestados pelo anonimato de duas caixas postais.

Agora que, mais do que nunca, os chefes de familia precisam de unir-se na defesa do seu lar, contra as dificuldades sempre crescentes da vida material; agora, que todas as familias devem ligar-se pelo interesse commum, de arrancar os seus filhos ao contacto deleterio de uma corrupção de costumes, que é já por si a ruina de uma nação, não pode consentir-se que individuos pouco escrupulosos queiram locupletar-se enfraquecendo os laços da familia, roubando aos esposos a coragem para a luta, que dá a confiança mutua, matando energias, cuja soma dá a energia colectiva de que o nosso paiz tanto precisa.

Aterrolhemo-nos contra os parasitas do lar e esperemos que as autoridades lhes façam passar o gosto de desorganisar, pelas suas manobras inconfessaveis, a familia portugueza.

Não seria fóra de proposito desvendar completamente os misterios das caixas postais 174 e 199.

Póde muito bem ser que o feitiço se volte contra o feiticeiro. Não seria a primeira vez.

Mercedes Blasco.

...o netros ao leste de Afiunkarahissar.

Mas de Constantinopla informam que os gregos se viram forçados a recuar 120 kilometros para traz de Angora, cedendo todas as suas posições nos sectores de Kora-Hissar, que os Turcos por sua vez ocuparam.

São as paixões a ferver. Em tempo de guerra, mentiras por mar, mentiras por terra.

Havia uma maneira de pôr termo á carnificina balcanica sem violencias. Era emendar e corrigir certas clausulas do Tratado de Versailles.

Lêr amanhã: "Os Sports"

Boas noticias

PORTO, 26.—Os oficiaes do vapor «Faro» seguem bem e saudam as suas familias, Venancio, Rosa, Freire, Maia, Faria, Capucho, Piesarra e Gastão.—(H).

No Rio de Janeiro

A morte dum aeronauta portuguez

RIO DE JANEIRO, 26.—Faleceu, na mais extrema mizeria, o celebre e popular aeronauta portuguez Magalhães Costa, mais conhecido pela alcunha de «Ferramenta».

N. R.—Magalhães Costa, ou simplesmente «O Ferramenta», como o conhecia a população lisboeta e portuense, foi entre nós durante muito tempo o mais afamado aeronauta portuguez. Ha anos, e com varios companheiros, entusiastas como ele, efectuou o mais celebre concurso de balões esfericos que entre nós se tinha visto.

«O Lusitania» o balão onde «Ferramenta» encetára a sua viagem, nunca mais aparecera, motivo porque se considera perdido.

O telegrama da America vem agora dar-nos as ultimas palavras sobre o grande aeronauta luzitano que morre na mais ingrata penuria, depois de tantos louros colhidos.

Qual o motivo de tanto infortunio em quem possuia tanto valor? E' o que estimariamos conhecer.

Ainda cá não cêmos por isso

RIO DE JANEIRO, 26.—O governo decretou medidas de profilaxia contra as procedencias de Portugal por constar oficialmente que grassa...

Politica a rir

D. Sancho, D. Miguel ou D. Manuel?

Não ha que ver, debaixo dos pés se levantam os trabalhos. Quem diria que por uma bela tarde de Agosto, em lando os meninos e as meninas monarquicas exibindo despreocupadamente pelas praias e pelos campos os seus parvos idiotices, os seus principios bolorentos e a sua literatura decadente, haviam de aparecer ainda as nobres amigos do desventurado D. Sancho II, a lutar pelo regular continuidade da sucessão ao trono.

Quem diria!

Existem agora em Portugal tres pretendentes á corôa, a essa hipotetica corôa que nem por o ser deixou ainda de fazer andar á roda as emhobocadas cabeças dos meninos e das meninas monarquicas. Mais uma scisão nas hostes «vai-rosas» do monarquismo.

Estamos já a ver o sr. Alfredo Pimenta a dar um oulinho para o partido da Guarda. Depois de ter sido republicano, evolucionista, manuelista, e agora qualquer coisa que par cida com a côr das suas luvas, o sr. Pimenta está mesmo a calhar para abrir caminho com a sua valorosa hacha de armas que por sinal não passa de uma pobre caneta mulitcor.

E os catolicos? desta vez é que vae haver unidade de vistas dos ob dientes a Roma. S. M. D. Sancho II era catolico como nenhum dos outros pretendentes, catolico como nos seus tempos se era catolico a valer.

Portanto toca a aliar nas hostes do verdadeiro, do autentico, do unico D. Sancho.

E D. Manuel? Então D. Manuel não foi nosso rei?

Eat o nós não o vimos tantas vezes, como no seu Augusto Pai, a sua Augusta Mãe? Não lhe conhecemos porventura a Avó, que a Italia nos mandou? Acaso a Italia tambem será um pais de pernas, uma nação sem gloria? E D. Nuno? Sim, D. Nuno, o neto de D. Miguel, daquele que foi batido ali em Evora-Monte, daquele que tanto adorava as mulheres...

Decididamente os monarquicos em Portugal caíram no ridiculo. Os manuelistas ainda vá lá... Mas os integralistas e nunistas, esses com todos estão de todo...

Noticias dos Balcans

ATENAS, 27.—O estado de saude do rei Constantino, continua a ser satisfatorio.—(H.)

CONSTANTINOPLA, 27.—Noticiam de Atenas o proximo desembarque duma divisão grega no litoral do mar Negro, com o fim de contornar pelo norte as linhas de defeza dos kemalistas a leste do Sokaria.—(H.)

As tropas americanas na Rhenania

Parece que a America não tenciona retirá-las por enquanto

WASHINGTON, 27.—O boato de que o governo americano pensa em retirar as suas tropas da Rhenania, logo depois da ratificação do tratado de paz Germano-americano, foi espalhado pelos agentes da propaganda americana que se mostram por toda a parte muito activos.

E' certo que as despesas causadas ao tesouro americano por essa presença na Rhenania é bastante pesada mas nunca nenhuma declaração o sensivelmente respeito foi feita com caracter oficial nem mesmo oficioso.—H.

A morte de Erzeberg

Parece que resultou da excitação causada pelos nacionalistas

BERLIM, 27.—O «Tageblatt» declara que nos centros parlamentares as opiniões são unanimes em dizer que o assassinio de Erzerberg foi resultado de excitação causada pelos nacionalistas.

O mesmo jornal acrescenta que o estudante nacionalista que disparou contra Erzerberg, fora posto em liberdade ha duas semanas.—H.

França e Alemanha

O projecto de acordo entre os dois paizes

PARIS, 27.—Os jornais de Wiesbaden dizem que o projecto de acordo discutido pelos srs. Loucheur e Rathenau estipula principalmente a aceitação, por parte da Alemanha, dos pagamentos difeidos em troca das suas prestações imediatas em mercadorias.

A Alemanha compromete-se a efectuar até 1 de maio de 1926 o pagamento global á França de 7 biliões de marcos-ouro, correspondente ás prestações em mercadorias. A roma reembolsada anualmente pela França não poderá exceder um bilião de marcos-ouro, compreendidos os juros simples de 5 %, qualquer que seja a importancia das prestações. O remanescente do producto dos juros de 5 % deve ser diferido anualmente até 1931.

O sr. Rathenau pretende que, para a dedução, os juros, em vez de simples, sejam compostos.

A discussão actual incide principalmente sobre este ponto. Os jornais consideram inaceitavel que a França desconte juros compostos uma vez que a Alemanha segundo o acordo de Londres deve pagar juros simples para diferir a sua divida. Espera-se, no entanto, que se chegue a uma combinação permitindo a realisação...

STADIUM DE LISBOA

Amanhã

3

combates de

BOX

MARIO GALL contra GOFFIN
10 rounds
SIMETH contra RUIVO
10 rounds
CHASSAGNE contra FAUSTINO
10 rounds

— O espectaculo — principia ás 17 horas em ponto

VIDA SPORTIVA

Amanhã, no Stadium, grande festa de "box"

3 combates internacionais

Como já temos noticiado é excelente o programa da grande festa de box que amanhã se realisa no ring do Stadium e que principia ás 17 horas em ponto, estando assegurado o serviço continuo de carreiras eletricas.

Os combates que se realisam põem em frente dos melhores boxeurs portuguezes dois franceses que contam inumeras victorias no seu record. Faustino Pereira, que está em plena forma, combate novamente Chassagne, um pugilista scientifico, sereno, duro e muito ligeiro; Silva Ruivo, o campeão portuguez, defronta-se pela segunda vez com o campeão suisso Simeth, ante o qual teve de desistir ha tempos por ter uma ferida num braço. Ruivo quer demonstrar aos seus numerosos admiradores que é ainda e será o mesmo boxeur doutros tempos, batendo forte, esquivando bem e entrando com oportunidade nas abertas do adversario. Outro combate se realisa ainda, entre Mario Gall que o nosso publico tanto aprecia e o belga Goffin, que faz a sua estreia entre nós e que nos afirmam ser um bom boxeur.

E' muito dificil, senão mesmo impossivel, fazer prognosticos dos resultados destes matches, visto que os adversarios se equilibram mais ou menos em jogo. Simeth é mais rapido e energico que Ruivo, mas este é capaz de colocar um soco melhor, em sitio mais perigoso. Mario Gall tem ultimamente trabalhado bastante pois aspira a bater Goffin, o seu adversario de amanhã, para depois exigir a desforra ao campeão suisso. Faustino Pereira está capacitado que vencerá por K-O o francez Chassagne, que os seus colegas continuam considerando um forte pugilista, alegando que no passado domingo usou duma péssima tatica que agora modificará.

Teatro São Luiz

Todas as noites

a engraçadissima revista

De Capote e lenço

Coplas novas na hilariante
CEGADA POLITICA
e pelo Cabo Elysio pelo policia 83
pelo Pateta Alegre—pelo Burjacas

A menina do espelho—A canção da Margarida— O fado do ciume—A menina que ri—A Bichinha Gata—Canções populares—Descantes—Bailados e outros numeros de sensação sempre bisados.

Enchentes consecutivas
Gargalhada constante
Entusiasmo—Alegria

Segunda feira, 29— O novo quadro «Colegio de meninas», charge á nova «Escola de creadas de servir».

Academia Recreio Artistico

Hoje, realisa-se na R. dos Fanqueiros, 186, uma recita e baile abrilhantado pela orchestra do Azilo Escola Veliciano Castilho.

Amanhã, baile com o concurso do quarteto da mesma Escola.

No dia 4 de setembro o tradicional Pic-nic na Quinta do Torneiro em Poço d'Arcos, gentilmente cedida pelo seu proprietario com o concurso do Grupo Sportivo e da Orchestra Feliec ano Castilho.

AVENIDA — Companhia Palmira Bastos

Despedidas da Temporada
Penultima representação da graciosissima comedia

Guardado está o bocado...

notavel c: iação de
Palmira Bastos

2.ª feira 29: Uma unica representação á tragedia historica do *Marcelino Mesquita*:
PEDRO, O CRUEL

Protagonista: **Carlos Santos**

Simões Bayão

(Laureado pela Escola de Paris)
Doenças de boca, cirurgia, protheso e ortodoncia
Largo de S. aulo, 19, 1.º
Telefone 8078

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21.15—«Amor de Perdição».
S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21.15 h.—«O celebre Pina».
AVENIDA—A's 21.30 h.—«Guardado está o bocado...»
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Amor Perfeito».
APOLO — A's 21,30 h.— «A' procura do badalo».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
SALÃO FOZ—A's 21.30—Stevenson e Frizzo.
GIL VICENTE—ás 21.30 «Depois do Degredo».

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Carlos Santos

E' na proxima segunda feira 29 que se realisa a festa artistica do actor Carlos Santos, no teatro Avenida, com a magnifica peça de Marcelino Mesquita, D. Pedro o Cruel, na qual o distinto actor apresenta um trabalho primoroso e inexcedivel em todos os pormenores. Promete ser um serão brilhante e encantador tanto mais que o aplaudissimo artista conta muitos amigos e admiradores.

Chiado Terrasse

O actor Theodoro Santos é a primeira figura masculina da Companhia Luz Veloso que actuará no Chiado Terrasse que dará recitas elegantes ás 2.ª feiras, apresentando, além da peça de espectaculo ora, uma comedia num acto escripta por uma senhora da Sociedade, ora uma palestra literaria ou um concerto.

A primeira peça em um acto será original de madame Maria Isabel Sousa Martins.—A prima Rosa vae casar—.

Uma das primeiras peças a subir á scena no Chiado Terrasse pela Companhia Luz Veloso será o original de Victoriano Braga que irá em 2.ª recita de assinatura.

Antes desta peça, porém, e em recita extraordinaria representar-se-ha a peça em 3 actos de Veraldo—Apaixonadamente—.

Reclamos

Nacional

Finda na proxima quarta-feira a actual temporada do Nacional e por isso ninguem deve deixar de ir ver, esta noite, a sentimental peça «Amor de Perdição», que hoje se repete com a atração dalguns dos seus papeis importantes, terem, agora, novos interpretes que já ontem foram entusiasticamente aplaudidos.

Depois de amanhã, segunda-feira, no Nacional, realisa-se a recita do estimado camaroteiro do teatro Gouveia Pinto, subindo á scena, em despedida, a popularissima peça «A vida dum rapaz pobre», que tem como principais interpretes Albertina de Oliveira, Rafael Marques e Erico Braga.

Avenida

A companhia Palmira Bastos termina os seus trabalhos no Avenida, no fim do mez, e por tal motivo, efectua já hoje a penultima representação da linda e graciosa comedia «Guardado está o bocado...», que amanhã se despede. Ao Avenida não deve, portanto, faltar quem quizer gosar um espectaculo divertidissimo, admirando Palmira Bastos num galante papel que é, tambem dos suas notaveis creações.

No referido teatro, segunda-feira proxima, realisa-se uma unica representação da famosa tragedia historica «Pedro o Cruel», original de Marcelino Mesquita, que será apresentada com todo o rigor e aparato.

Na peça o papel de protagonista é o actor Carlos Santos, que já o desempenhou, de forma a conquistar unanimes elogios e aplausos entusiasticos.

Salão Central

HOJE—Soirée ás 20 horas—HOJE
O Manuscrito—2 partes
A Confissão — 2 partes
1.ª e 2.ª series do film
Delitos Disfarçados
interpretação dos artistas
ENNA SAREDO e E. MANZANTINI
No programa
Adeus Juventude—6 actos
magistralmente desempenhado por *Maria Jacobini e Elena Makowska*
Uma Leviandade Proveitosa—2 partes

NACIONAL

Telef. C. 2049
HOJE: A peça imortal
Amor de Perdição
A mais querida e popular
Novos interpretes em varios papeis
Tomam parte no desempenho:—Laura Cruz, Palmira Torres, Augusto de Melo, Rafael Marques, Erico Braga, Ed. de Freitas, Lino Ribeiro, Mario Santos, Teixeira Soares, Alves Rodrigues, Elvira Costa, Sara Cunha, Ana d'Oliveira, Croner, Maria Helena, Ricardo de Sousa e Horacio Silva.
2.ª feira, 29—Recita do camaroteiro *Gouveia Pinto*. Unica de
A VIDA DUM RAPAZ POBRE

ULTIMA HORA

Notas politicas

CRISE

Opiniões do sr. Machado Santos

Se ha politico que não faça segredo das suas opiniões, é o sr. Machado Santos. Esto homem, habituado a apoiar-se no povo, não receia a publicidade. Nisso se distingue sem duvida, da maior parte dos nossos homens publicos!

O almirante conversou comnosco, alguns minutos, no largo das Duas Egrejas.

Foi conciso. E foi tambem duma notavel precisão.

—Então, queda do governo?
—E' verdade...
—E a causa?...
—Diga antes as razões. São varias. Mas a mais visivel é esta: o governo demitiu-se pela impotencia de governar. E a impotencia proveio da falta de sciencia administrativa...
—Pode ser. Mas a demissão foi, talvez, inoportuna...
—Não foi. A demissão do governo foi, o unico acto verdadeiramente politico praticado pelo Barros Queiroz. Porque, se não se demite tinha uma revolução ás costas.
—Com certeza?
—Não duvide. Eu digo-lhe isto: aos revolucionarios só falta um chefe. Se o Barros Queiroz se não se demite hoje é possivel que o chefe aparecesse dentro de poucos dias...

Limitemo-nos a fixar estas informações, que já não são poucas...

Antonio Granjo

O sr. Antonio Granjo, ilustre leader do partido liberal, não partiu para Traz-os-Montes. A sua viagem foi adiada para segunda ou terça feira, se, por acaso, as circunstancias politicas o não forçarem a transferi-la «sine die».

A marcha da crise ministerial

Até ás 16 horas nada se sabia, do positivo, acerca da formação do novo governo. O sr. Presidente da Republica iniciará algumas consultas. Os politicos mais em evidencia, pelo seu lado, realisavam conferencias.

A marcha da crise é, pois, hesitante, obscura, por enquanto. E' possivel que esta noite ou de amanhã para segunda-feira alguma solução se encontre. O mais provavel, quasi certo, é que o novo ministerio sahirá ainda do partido liberal, não lhe faltando, de parte das oposições republicanas, o apoio condicional de que gosou o sr. Barros Queiroz e que, de resto, não foi suficiente para evitar a crise.

No caso de formação dum governo liberal, estão postas duas hipoteses. A primeira, bastante improvavel, da o sr. Barros Queiroz como presidindo ao futuro gabinete, conservando as suas pastas os srs. ministros da justiça, marinha, colonias e estrangeiros; a segunda, atribui ao sr. Antonio Granjo a presidencia do gabinete, com a colaboração do sr. Fernandes Costa, actual ministro do comercio. Nós acreditamos que, se ele quizesse, seria ainda o sr. Barros Queiroz o chefe do novo governo, dando-se á crise a feição de parcial e não total.

Disse-nos o sr. Ginestal Machado, ministro da instrução publica, que...

Disse-nos que não nos dizia nada. Mas, não declarando nada, sempre se póde concluir qualquer coisa.

Hoje, na Arcada, o sr. Ginestal Machado, ministro da instrução publica, era apontado numa roda de politicos, como o causador da crise. Ele teria se oposto, segundo essa versão, á publicação do decreto repressivo do jogo cambial. Quem, melhor que ele, poderia confirmar ou desmentir a versão? Ninguem, naturalmente.

Procuramo-lo no seu ministerio. O ilustre homem publico, muito amavelmente, recebeu-nos e ouviu-nos, com fidalga delicadeza. Nós puzemos a questão desta fórma:

—Corre que foi v. ex.ª que provocou a crise, opondo-se á publicação do decreto sobre cambiais. A nós, que não jogamos, desgraçadamente, nem na alta nem na baixa, é-nos pessoalmente indiferente a publicação ou a não publicação do decreto. Se v. ex.ª todavia, quizesse dizer, ao publico, alguma coisa, nós gostosamente transmitiriamos as opiniões de v. ex.ª.

—Eu estou quasi como o sr. tambem não jogo em cambios. Não tenho nem uma libra nem um franco para o poder fazer.

—Mas não é indiferente para o publico, a atitude de v. ex.ª, como homem do governo.

—E' certo. Infelizmente nada posso dizer. Ainda sou ministro. Só o Chefe do Governo póde falar.

—Mas as opiniões pessoais de v. ex.ª...

—São tambem as opiniões ministeriais. Não posso falar. De resto, é-me indiferente que se julgue que eu fui pro ou contra o decreto, porque toda a gente sabe que eu sou pobre e não entro em jogadas de Bolsa.

Assim falou o sr. Ginestal Machado. Vê-se que o ilustre estadista é da escola filosofica do Zaratustra.

A conferencia de Washington

As propostas do Japão

TOKIO, 27.—Sabe-se de fonte autorisada que o Japão manifestará á conferencia de Washington o seu desejo de que se obtenha para a Sudo-China o tratado de nação mais favorecida em assuntos aduaneiros.

E do outro lado um grupo de capitalistas japonezes estuda um projecto para a construção duma empreza maritima franco-japoneza, na China. A França administrará as concessões e os japonezes darão os capitaes e os materiais necessarios.—(C).

POEIRA DA ARCADA

O alto comissario em Moçambique telegrafou ao ministerio das Colonias dizendo que está tratando da intensificação dos trabalhos para a construção e reparação de estradas. Pede que sejam mandados para aquela provincia engenheiros e conductores, afim de poder levar a efeito esses trabalhos.

O novo governador de Timor sr. Domingos Frias, que tenciona partir ainda no presente mês a assumir as funções do seu cargo, não o póde fazer, em consequencia de não ter ultimado ainda as negociações para a realisação do emprestimo destinado a acudir á situação financeira da provincia.

O Sr. Jaime Sena, chefe da Policia de Segurança do Estado, teve hoje uma demorada conferencia com o sr. Ginestal Machado, ministro da Instrução.

Chegou hoje a Barcelona o destroyer «Guadiana» que, como se sabe, vai para Italia sofrer importantes reparações.

O sr. engenheiro Antonio Belo, da Repartição Hidraulica do Tejo, vai em breve fazer uma conferencia na Sociedade Geografia sobre o projecto da construção da ponte sobre o Tejo.

Casos das Ruas

com epilogo nos hospitais

Hoje ás 5 horas da manhã na quinta do Diogo, ao Alto do Pina, envolveram-se em desordem dois ciganos de nomes Domingos Godinho de 22 anos e Eduardo Maria de 23 residentes na referida quinta resultando ficar o primeiro gravemente ferido com um tiro no ventre, disparado pelo segundo.

O agressor foi preso e o ferido transportado ao hospital de S. José onde foi operado de laparatomia reconhecendo depois em estado grave á sala de operações.

Cerca das 6 horas da manhã o policia n.º 2048 apanhou em flagrante delito, tentando arrombar os taipais de uma tabacaria, na rua d'Assumpção dois gatunos que, sendo descobertas as suas manobras puzeram-se em fuga.

O 2048 correu em sua perseguição e disparou tres tiros de pistola os quais foram atingir um deles, de nome João Augusto de 29 anos sem residencia certa.

Conduzido ao hospital de S. José foi operado de laparatomia recolhendo em estado grave á sala de observações.

No banco do hospital de S. José deu hoje entrada e faleceu momentos depois um individuo que aparenta ter 40 anos, cuja identidade se desconhece e que tentou suicidar-se precipitando-se de um terceiro andar na Travessa do Terreiro do Trigo.

O cadaver deu entrada na casa mortuaria do mesmo estabelecimento.

A baixa dos salarios

Em França pretende-se baixa-los consideravelmente

PARIS, 27.—A direcção geral de minas fez afixar sobre o quadro dos pontos, que a partir de 1 de setembro os salarios serão diminuidos em 3 f. 75 c. para os operarios, e em 3 f. para as mulheres e crianças com menos de dezasseis anos de idade.

Os operarios hulheiros vão ter duas importantes reuniões para tratar deste caso.—(C).

O JOGO

O assalto de Algés

Dizia-se hoje com uma certa insistencia que o sr. capitão Albuquerque, que se encontra prestando serviço na policia, pedira a sua demissão se lhe não sancionarem as ordens que deu com respeito ao assalto dos «clubs» de Algés.

Por sua vez o sr. Pedro Moura, administrador do concelho de Oeiras, julgando-se ofendido com a intervenção do sr. capitão Albuquerque em assuntos que só a ele, administrador, diziam respeito, está na disposição de se demitir se lhe não forem dadas as satisfações precisas.

E' isto o que nos consta sobre o caso, a ser verdade o que nos disseram.

Tambem o proprietario dum dos «clubs» assaltados nos manifestou o seu espanto em presença do sucedido, pois—disse-nos ele—esses clubs estavam pagando a Camara de Oeiras 500 escudos mensais para a tolerancia do jogo nessas casas, devendo até essa quantia ser aumentada em setembro.

Deste facto tinha o sr. Pedro Moura conhecimento, tanto mais que declarou ao nosso informador que «por cima dele ninguem passava», sendo portanto para extranhar o assalto á mão armada que esses «clubs» soFreram.

Touradas

O amador sr. João Nuncio amanhã em Algés

O Sport Algés e Dafundo realisa amanhã em Algés, a sua festa anual. Este ano lidam-se touros do ganadero sr. Joaquim Mendes Nuncio, um dos mais bem cotados, e consegui-u a adesão de alguns amadores ilustres srs. como o cavaleiro sr. João Branco Nuncio e os bandarilheiros srs. Gama Lobo, Artur Alves Ribeiro, Patricio Cecilio e Lopes da Silva. No cartaz figuram os nomes dos aplaudidos artistas Rufino Pedro da Costa, o de Luciano, T. da Rocha, Custodio, Rodrigo Largo, «M lagueño», bem como do praticante Madureira. Os forcados são profissionais e capitaneados pelo destemido Chico Marujo. O aficionado sr. Leonel Duarte Silva dirigirá esta bem organisada corrida, que será seguida de uma interessante brincadeira em que alguns socios do club promotor lidarão duas vacas.

Aldegalega

Em beneficio do hospital da Misericordia e do Asilo de S. José realisa-se na segunda-feira uma grande corrida de touros, organisada pelo sr. Ernesto Simões. Coincide a corrida com as tradicionais festas da Atalaia.

O cartaz é esplendido, anunciando-nos dez touros do sr. Antonio Teixeira, de Coruche, lavrador bem afamado, e um brilhante grupo de lidadores constituido pelos cavaleiros amadores srs. Antonio Geraldes Quelhas e Vasco Anjos (Fonsalva) pelos bandarilheiros amadores, sempre vitoriosos, srs. Gama Lobo, Salema Vaz e Artur Alves Ribeiro e pelos bandarilheiros profissionaes Alfredo dos Santos, Custodio Domingos, Agostinho Coelho, Jaime Dias, F. Felix e R. Raposo. Como pegadores estão anunciados destemidos rapazes de Salsuba, que é cabo Joaquim Alves.

«Maera» e «Gorcito» em Lisboa, com «Charlot-Chispa»

Promovidas pelo aplaudido bandarilheiro espanhol Antonio Trujillo «Malagueño» realisam-se na noite de 1 e na tarde de 4 de setembro duas esplendidas corridas de touros no Campo Pequeno. Podemos já dizer qual é o cartaz da corrida nocturna de 1, que se compõe da lide de seis touros e dois garraios, escolhidos nas manadas do sr. Antonio Luiz Lopes, que na epocas não envia touros para Lisboa. Aficionados que assistiram ao apartamento garantem que o curro de touros é irreprensivel apresentação, em tipos, tratamentos e egualdade.

Os dois garraios são para o inconfundivel comico «Charlot-Chispa» com a sua cuadrilha, o Max Linder e o Botones. «Chispa» não tem rival e é unico toureiro acrobata que dá o salto de precisão para cima dos touros.

Os seis touros são para a lide formal, que está confiada ao valente cavaleiro Ricardo Teixeira, aos nossos bandarilheiros Cadete, Rocha, Luciano, Custodio, Raposo e a «Malagueño», e aos notaveis matadores de touros José Garcia, «Maera» e José Corso «Gorcito», devendo causar sensação o primeiro que é um extraordinario lidador e magno bandarilheiro.

Havera um grupo de forcados capitaneado pelo valente Chico Marujo.

A CAPITAL

3872 — 12.º anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA—Segunda-feira, 29 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

O PLANO

As informações mais seguras acerca da resolução da crise ministerial são de molde a fazer acreditar que o sr. Barros Queiroz formará novamente gabinete. Sendo assim, sobre este homem publico recahirão responsabilidades ainda mais graves do que as do seu governo anterior.

Com efeito, que significa a insistencia do sr. Barros Queiroz em continuar ocupando o poder?

Significa iniludivelmente que o sr. Barros Queiroz tem realmente um plano governativo, de cuja eficacia não duvida, e que se lhe afigura o unico por meio do qual se poderá salvar o paiz.

Doutra maneira estariamos em presença duma vaidade doentia, e não é esse certamente o caso do sr. Barros Queiroz.

Assente, pois, que o sr. Barros Queiroz tem realmente um plano governativo, cousa em que muito não acreditava, segue-se que o ilustre estadista podia até ha pouco ter tentado uma experiencia, mas que vai agora proceder como quem possue uma certeza.

Poderia o sr. Barros Queiroz ter desistido de salvar a patria, descoroçoado pelo resultado das eleições, pela indocilidade da maioria liberal, pela falta de homogeneidade do proprio governo a que presidia. Nes e caso, ele não voltaria, em caso algum, ao poder. Mas, se volta, é porque, evidentemente, está seguro de conseguir o que deseja, no novo periodo governativo que inaugurar.

Com o governo do sr. Barros Queiroz deram-se casos interessantes. O governo liberal não podia apresentar propostas no parlamento que não fossem objecto de oposição por parte dos proprios liberais. E por fim o governo cahiu sem indicação parlamentar porque quem o derrubou foram alguns ministros. O sr. Barros Queiroz viu tudo isto. Todavia, vem outra vez para o governo. E' evidente que o sr. Barros Queiroz conta com alguma cousa.

Essa alguma cousa deve ser o plano de s. ex.ª.

Pois bem! E' de esperar que ninguem oponha embargos á execução desse plano.

O sr. Barros Queiroz pediu a aprovação duma proposta de lei relativa aos cambios. O parlamento, tantas vezes apodado de obstrucionista, deu-lhe, em vinte-quatro horas, a auctorisação mais lata que se tem concedido a qualquer governo.

Não pômos duvida alguma em que, logo que o sr. Barros Queiroz, apresentando o novo ministerio, indicar, embora duma maneira geral, o seu plano, desde logo a camara inteira lhe facilitará o desempenho da sua missão redentora.

Agora, cai o governo porque parece demonstrado que no seu proprio seio havia quem não estivesse de acordo, até na questão dos cambios, com a orientação necessariamente patriotica, energica e decidida, do sr. Barros Queiroz. O governo que s. ex.ª vai organisar já não terá verosimilmente que se ocupar de tais precalços.

Logo, o plano do sr. Barros Queiroz vai ser um facto.

Tanto melhor! O paiz acolheu com o maior interesse e curiosidade o governo do sr. Barros Queiroz. Não foi á primeira! Irá, á segunda. Mas o plano do sr. Barros Queiroz ha-de realisar-se.

Nem a oposição democratica, nem a oposição dos outros partidos, tende de qualquer maneira a fazer cahir o sr. Barros Queiroz, antes de ele dar tudo o que tem a dar, e que é certamente muito. S. ex.ª não se entendeu com o seu primeiro governo? Não sejamos impacientes. Entender-se-ha com o segundo. O essencial é que o sr. Barros Queiroz tenha um plano e que nós acreditemos nele.

Lisboa Misteriosa

UMA CARTA

Sobre o seu interessante artigo, «Lisboa Misteriosa», inserto em «A Capital» de sabado 27, recebeu a nossa ilustre colaboradora Dr. Mercedes Blasco a seguinte carta:

Ex.ma Senhora:—O jornal «A Capital» inseriu hontem um artigo firmado por v. ex.ª e no qual sou acusado de factos que não pratiquei.

Recebo a correspondencia por intermedio duma caixa postal e trabalho ha muitos anos em informações privadas, mas exerço a minha profissão digna e honradamente.

Se v. ex.ª interrogar o ex-ministro a que fez referencia saberá que procedi com a maxima correcção.

Julgo-me com direito a uma reparação e espero da lealdade de v. ex.ª um desmentido, no mesmo local da ofensa.

Lisboa, 28-8-921. — De V. Ex.ª M.to At.º Ven.or—*M. Esteves.*

Um terramoto no Paiz Celeste

PEKIM, 29.—Na provincia de *Kant* deu-se recentemente um violento tremor de terra, em consequencia do qual morreram 200.000 pessoas.

Ficaram em ruinas muitas casas, numa superficie de quarenta e seis mil metros quadrados.—(C).

QUESTÕES POLITICAS

O subsidio parlamentar e as funções constituintes das camaras

O que sobre este importante assunto nos diz o sr. Manuel José da Silva, antigo deputado do Partido Popular

Constando-nos que está para ser discutida no Parlamento a questão dos poderes constituintes destas camaras, julgámos interessante ouvir a opinião dalguem que ainda se não tivesse pronunciado sobre o assunto, recaindo a nossa escolha sobre o antigo e distinto parlamentar do Partido Popular, sr. Manuel José da Silva, (Oliveira de Azemeis).

—A minha opinião, meu amigo, nada vale.

«Só os juristas, e eu jurista não sou, teem o direito de emitir juizo sobre o problema que v. me acaba de pôr, e que, por ser bastante interessante, deva prender mais a atenção dos politicos.

«Do publico, infelizmente, não falo porque desinteressado está desta, como de muitas outras importantes questões. Contudo, aceito o convite que v. me faz porque não posso deixar de corresponder á sua gentileza honrando-me em ouvir-me sobre tam magno assunto.

Devo dizer-lhe, porém, que o ponto de vista que vou emitir, é puramente pessoal, por quanto o Partido Popular não encarou ainda essa questão. Em resumo, a revisão constitucional far-se-ha obrigatoriamente de dez em dez anos, a contar de 1911, data da promulgação da constituição.

«Assim os Congressos da Republica, cujas legislaturas abranjem qualquer dos anos 1921-1931 e todos os outros terminados em 1, terão poderes constituintes.

«Como a revisão poderá, porém, por voto de 2 terços do congresso, ser antecipada de 5 anos segue-se que os Poderes que o corpo do art.º 82 confere, podem ser mutaveis. Assim, os congressos da Republica cujas legislaturas abranjem os anos de 1926-1936 e todos os outros terminados em 6, podem avocar a si os poderes constituintes concedidos aos congressos que deviam funcionar, respectivamente, em 1931 1941, etc.

«A revisão que devia ser feita em 1911 foi já feita, por isso, e atento o exposto, o actual congresso não pode ter poderes para efectivar uma revisão. Só o congresso de 1926, se assim o entenderem 2 terços dos seus membros, poderá ter funções constituintes.

A questão acaba de ser encarada por um critério absolutamente juridico, e tenho bem arreigada a opinião que acabo de emitir, mas devo dizer-lhe que me sinto imensamente satisfeito por ver que ela é conforme com os meus desejos de politico que quero uma profunda e urgente revisão constitucional, mas que receia que esse importante trabalho seja levado a efeito por um congresso onde o espirito republicano é, com fundadas razões, bastante duvidoso.

«Assente, pois, que em 1926 far-se-ha uma revisão da Constituição, entendo que os partidos e os homens publicos devem apresentar os seus pontos de vistas á Nação, como é proprio duma Democracia a fim de prepararem, depois duma ampla discussão, o ambiente preciso, para que o paiz, no mandato a conferir aos seus eleitos, faça conscientemente a indicação das modificações a introduzir no nosso diploma fundamental.

Como complemento, resta-me fazer votos para que as eleições de que resultará o congresso de 1926, dada a sua importante função, sejam mais honestas e mais republicanas do que as que acabam de realisar-se, e o que o governo a que elas presida tenha de preferencia em vista, engrandecer a Republica em vez de, á custa do poder, pretender unicamente engrandecer um partido.

—Uma segunda pergunta. Que pensa v. ex.ª acerca do subsidio parlamentar? Deve ou não ser mantido?

—Concordo absolutamente com o subsidio e entendo que êle deve ser mesmo augmentado, porque não compreendo que numa Democracia as funções politicas, como o são as funções parlamentares, não sejam condignamente remuneradas, a fim de que todos aqueles que representam um valor, e que por fatalismo não possuam haveres, possam prestar á Nação, sem sacrificios, todo o valimento do seu esforço.

«Devo, porém, dizer-lhe que não concordo com o subsidio tal qual está.

—E porquê?

—Porque nem todos os parlamentares estão, nos termos da lei 903, que regula o subsidio, colocados na mesma situação para efeito da recepção do mesmo.

«E' permitida por essa lei a acumulação da função burocrática, que porventura o congressista desempenhe, com a de parlamentar, fazendo-se o encontro de vencimentos de forma a que pelo Congresso seja pago a diferença, se a houver.

«As faltas justificadas não teem desconto. As faltas dadas com licença da Camara são contadas a 8$33. As faltas dadas sem justificação são contadas a 13$00 esc. Isto para os parlamentares que não sendo burocratas recebem pela Tesouraria do Congresso a importancia total do subsidio ou sejam 250 escudos.

«Os que tem ordenados iguais ou superiores a 250 escudos podem faltar ao Parlamento a pretexto de estarem desempenhando o seu lugar, sem que por este motivo tenham qualquer desconto! Podem faltar ao seu lugar, com o pretexto de desempenho da função parlamentar, sem que por esse motivo deixem de receber integralmente os seus vencimentos!...

De forma que o Estado pode estar a pagar a um funcionario que não é funcionario e a um parlamentar que não vai ao Parlamento, uma remuneração por serviços que presta... passeiando!

«Os que tem ordenados inferiores a 250 escudos cada falta é igual a 6 % da diferença do seu ordenado para a importancia do subsidio. De forma que há parlamentares cujas faltas são contadas a 30 centavos, 40 centavos, etc. e 15 escudos!

Em ultimas analises, devo dizer-lhe que não se compreende nem se justifica esta diferença de tratamento, por isso mesmo se impõe uma urgente modificação ao «modus vivendi» actual.

—Em que sentido?

—De forma a separar a função burocratica da função parlamentar, com o proposito de evitar esta serie de injustiças cuja primeira consequencia é a de dar razão ás continuas faltas de numero que se verifica nas duas casas do Congresso.

ALEMANHA

A morte de Erzberger

A imprensa alemã afirma tratar-se dum crime politico

BERLIM, 29.—Os jornaes que não pertencem ao regimen da direita, irredutivelmente hostil ao chefe do centro, condenam o crime do ex-ministro alemão Erzberger em termos essaz energicos, sem vacilar nas suas afirmações de que as provocações dos reaccionarios tendiam levar o povo a represalias.

Toda a imprensa é unanime em afirmar que se trata dum crime politico, pois que por varias vezes Erzberger recebeu cartas dos partidos da direita ameaçando-o de morte, avultando entre essas cartas as que os pangermanistas lhe dirigiam nas mesmas condições.

Convém recordar que nas vesperas da guerra Erzberger dos bons catolicos belgas a quem fez a palavra de honra de que não violaria a neutralidade do Belgico.—(C).

Missas por sua alma

OPENAU, 29.—Realisaram-se exequias por alma de Erzberger na presença de uma multidão consideravel. O cadaver será sepultado em Biberach, no Wurtemberg.—(H.)

Os monarquicos comemoram o aniversario da batalha de Tannenberg

BERLIM, 29.—Não obstante a proibição do governo, os monarquicos comemoraram o aniversario da batalha de Tannenberg. Os comunistas fizeram uma contra-manifestação e junto da porta de Potsdam houve um choque que não deu desastres.—(H.)

No paiz vizinho

As comunicações com Portugal

MADRID, 29.—Assegura-se que em breve ficarão restabelecidas as comunicações entre Huelva e Vila Real de Santo Antonio.

A estação telegrafica portugueza trabalha para a inauguração do cabo que no Guadiana ha-de unir telegraficamente Huelva a Vila Real e Ayamonte.—(C).

O ministro da guerra em viagem

MADRID, 29.—Noticias de Marrocos informam que ontem de manhã o ministro da guerra, La Cierva, visitou Had Benicar e a posição de Hidum.

A's onze da manhã realisou-se no palacio da residencia do Alto Comissario uma brilhante recepção, seguida de um almoço, findo o qual La Cierva foi a Rostrogordo passar revista ás tropas. Visitou depois as obras de defesa de Melilla, os hospitais e outros edificios militares. A' noite jantou na residencia e esta madrugada veio para Malaga donde regressará a Madrid. La Cierva examinou o espirito de volunta das tropas. Recebeu da população grandes provas de apreço e gratidão e esperam-se da sua viagem prontos resultados satisfatorios.—(A.)

OPINIÕES ALHEIAS

A CRISE

Novas confidencias do deputado X... — Causas determinantes da crise politica—O programa do novo governo

Desta vez não fomos ao encontro do nosso informador politico, o ilustre parlamentar X... (todos os parlamentares são ilustres, mesmo quando se abrigam sob a capa do incognito).

O sr. X... veio procurar-nos; «sponte-sua», a pretexto de saber da nossa saude. Quanto lhe agradecemos! Mas, na verdade, ficámos suspeitando que ele pretendia, apenas, guiar a opinião publica no verdadeiro caminho, habilitando-a a julgar, com conhecimento de causa, dos varios modos e maneiras com que nas altas regiões do poder se conduz a politica nacional. Pois seja: vamos reproduzir as informações que nos deu. E fá-lo-emos com imparcialidade, estenograficamente, correndo por conta dele o que houver, por acaso, de exagerado ou inexato.

—A estas horas — dis-nos o deputado da maioria — já deve estar constituido o novo governo.

—Tão cedo? objectámos.

—Digo-lhe mais: o governo já estava constituido quando o Barros Queiroz se demitiu.

—Essa é nova! Como explica v. ex.ª...

—Explico tudo. O Barros Queiroz demitiu-se abruptamente, mas não extemporaneamente. Atirou-se abaixo no momento proprio. E, entre duas causas de crise, escolheu a menor, para pretexto.

O nosso gesto de surpreza foi tão acentuado que o eloquente deputado (todos os deputados são eloquentes) cortou cerce a exclamação iminente:

—Não tenha duvidas: a questão cambial, sendo uma causa de crise, foi tambem um pretexto. As divergencias sobre o «modus-faciendi» da regulamentação da industria da compra e venda de cambiais (gesto labial do sr. X..., muito irou co...) serviu optimamente ao sr. Barros Queiroz para se ver livre de alguns dos seus cooperadores. Mas, na realidade, a causa da crise foi a questão dos oficiais milicianos, isto é, a proximidade duma alteração de ordem publica. Em ultima analise: a crise serviu, talvez a tempo, para alijar do governo o general Silveira que, como ministro da guerra, se tornara intoleravel.

—Já o Granjo saira...

—Pelo mesmo motivo. O Barros Queiroz habilitou-se, assim, a dar uniformidade ao programa ministerial, que procurará, por prudente transigencia, dar satisfação aos oficiais milicianos, sem comprometer a disciplina.

—Era a politica do Granjo.

—Era e é. O Granjo tem, desde ha muito tempo, completamente organisado o seu ministerio. Falta-lhe, porém, a oportunidade de o apresentar. Ele espera-a. Sabe muito bem donde sopram os ventos que o farão elevar á chefia dum governo reformador.

—Que entusiasmo! Vê-se que o dr. pertence ao numero dos deputados da maioria que desejam o Granjo á frente do governo da Republica.

O sr. X... sorriu-se, com transparencia... Este politico não sabe ainda ocultar completamente o seu pensamento. Faltaram-lhe as lições do seu antigo chefe, o sr. Brito Camacho. Apesar disso, tentou negar, frouxamente:

—Não, isso não. Eu sou um soldado disciplinado do meu partido. (Eis uma frase feita, dissemos para nós mesmos, já um pouco estragada pelo uso..) Mas o Granjo pode contar com a dedicação de muitos.

—Mas não de todos.

—Evidentemente. Entretanto, se houvesse a seu favor uma corrente de opinião publica, ainda que não fosse senão do genero daquela que elevou ao poder o Barros Queiroz, o Granjo aceita-a o governo, dum instante para o outro, tendo por colaboradores...

—Os homens eminentes...

—Com os quais já organisou ministerio.

Isto já nós sabiamos. Quizemos dar outra orientação á conversa. E falamos, como quem não quer a coisa, no sr. Fernandes Costa. O nosso informador... quasi córou. Porquê? Talvez de prazer... pode ser que de indignação. Sabe-se lá!

—Sim, o Fernandes Costa... O presidente gostaria, sem duvida. Mas o Fernandes Costa está muito apegado ao Egas Moniz...

—E ao Ribeiro de Carvalho, não?

—Sim. E tambem ao Afonso de Melo. E um ministerio, assim constituido...

S. ex.ª o deputado X... hesitou.

—Diga, dr., diga, suplicámos, ansiosos.

—Um ministerio com a presidencia do Fernandes Costa, e tendo por colaboradores o Egas Moniz, o Afonso de Melo e o Ribeiro de Carvalho não chegaria a tomar posse.

—Essa agora!

—Digo-lho eu. E afirmo-lho porque sei. Não lhe basta a minha palavra?

—Nestas coisas, o dr. compreende, são sempre precisos os «porquês dos porquês», como dizia o jurisconsulto Branquebalme, director da justiça de Port-Tarascon.

—Então, eu lhe explico...

....

Não findaram aqui as confidencias do sr. X..., futuro homem de Estado. Mas nós é que fechamos o relato. Que diabo! nem todas as verdades se podem dizer...

O que se ouve, em murmurio, nos Passos Perdidos da Camara dos Deputados

São 14 horas. Na Camara dos Deputados o sr. Ramos da Costa mata o tempo falando sobre a Torre de Belem, o visinho gazometro e os gazes que enodoam o monumento. A desatenção é geral. Os parlamentares conversam animadamente, enchendo a vasta sala dum sussurro que abafa a voz do orador. Vamos até aos Passos Perdidos, onde é costume encontrar, á solta, uma ou outra inconfidencia.

O sr. Barros Queiroz fará governo. Dele participarão o sr. Fernandes Costa, na pasta do comercio e o sr. Mendes dos Reis, na guerra. E' duvidoso que o sr. Matos Cid continue na pasta da justiça mas é quasi certo que o sr. Melo Barreto continue na direcção dos nossos negocios politicos externos. O novo governo do sr. Barros Queiroz empenhar-se-ha em resolver a questão dos oficiais milicianos e pedirá no Parlamento que se pronuncie objectivamente ácerca da repressão do jogo de azar dos cambios. A brigada do sr. capitão Albuquerque já tem bastante que fazer e não toma conta do caso.

Não, o sr. Barros Queiroz não fará governo, dizem noutro gruposinho. O poder irá para o sr. Antonio Granjo. Só ele tem saber, energia, etc, etc. Emfim, estamos, por emquanto, pouco mais ou menos na altura em que a crise ficou no sabado.

A's 14 horas e meia chegaram noticias, á Camara dos Deputados.

O sr. Barros Queiroz teria declinado o encargo de formar governo.

Para a redacção de «A Luta» partiram os srs. Antonio Granjo e Afonso de Melo, afim de conferenciarem com o sr. Barros Queiroz.

A's 15 horas são convocados os parlamentares democraticos para uma reunião. Vão examinar a situação politica.

Está reunido o directorio do Partido Reconstituinte. Os parlamentares do partido, que não pertencem ao directorio, queixam-se de não serem chamados á reunião. Naturalmente foi lapso. Mas, apesar disso, pode ter consequencias...

Fala-se, ainda vagamente, num governo presidido pelo sr. Fernandes Costa.

A's 15 horas e 20 minutos. Não ha numero para votações, na Camara dos Deputados. O sr. deputado da maioria Paulo Menano joga de porta. Alguns deputados da maioria hesitam entre dar ou não dar numero. A chamada decide: não ha numero. O sr. Antonio Maria da Silva observa:

—Pela primeira vez a maioria é inteligente!

E vão-se embora. E nós com eles, até á Arcada, outro centro irradiador de novidades politicas.

A' 17 horas, no Terreiro do Paço. Arcada pouco concorrida. Gabinetes ministeriais desertos. Os politicos estão em conferencia: os democraticos na sala de espera do Senado, os reconstituintes no seu centro e os liberaes na redação da «Luta». Estes ultimos reunem logo, á noite, mas já trocam impressões.

O nome do sr. Matos Cid aparece, aqui e ali, como possivel chefe do governo. Parece apenas balão de ensaio, mas tudo pode ser.

O sr. Fernandes Costa seria aceite pelos ultra-conservadores. Por isso mesmo, é homem ao mar.

Quem reune, afinal, mais sufragios é o sr. Antonio Granjo, que só não será chefe do governo se não quizer.

Atribue-se-lhe isto:

—Como posso eu governar? Teria uma maioria parlamentar fraca em numero e, ainda por cima, facilmente fragmentavel; corrente de opinião, a meu favor, ha vestigios, sem duvida, mas não é bastante; quanto a força material que me sustente, a mim e á minha politica, ainda a não vi. Então como heide do sustentar-me no Poder?

Não temos a certeza de que o sr. Antonio Granjo tenha realmente proferido estas palavras e muito menos que possua as ideas que elas traduzem. Porque (entendemos nós) fracos politicos são aqueles que andam á procura da força alheia e a não sentem dentro de si proprios.

A's 17 horas e meia.

Decididamente, parece que será o sr. Granjo o chefe do novo governo, constituido, exclusivamente ou quasi com elementos evolucionistas.

Por terras de além

O interesse arvorado em sistema

De hora a hora mais se intensifica esta doença do interessseirismo, levado a extremos condenaveis, em que desaparece brio, pundonor, dignidade e considerações de ordem nacional tudo se some num sorvedouro desprezivel de inconsciencia e indignidade.

O mal alastra, não temos dele o exclusivo em Portugal. Todos se lembrarão das chamadas questões Béranger, Dreyfus, Panamá e tantas outras que lá por França de quando em vez assumem proporções que vem á suporação, passam as fronteiras e atravessam os continentes nas azas da publicidade.

Inglaterra não está izenta de macula, mais de uma vez tendo ido sentar-se no banco dos reus certos «lords» de alta cotação.

A nossa visinha Espanha ibero-celta como nós, traz á suporação a crápula dos seus costumes em ocasiões de guerra.

Quem haverá que não se lembre do incidente com o almirante Cervera que se achava nas aguas de Cabo Verde com quebra das leis de neutralidade para nós, o que determinou reclamações que logo transmitimos da parte dos Estados Unidos, com quem a Espanha se achava em guerra.

—*Salga Usted!* ordenava o gabinete de Madrid para S. Vicente (de Cabo Verde).

—Quaes os planos? perguntava Cervera.

—O governo não tem planos, lhe respondiam. *Salga Usted!*

—*Pero que voy a hacer?*

—*A defender el honor de la Patria!* lhe respondiam *Ahi tiene usted nuestro plano. Salga! Salga!*

E sahiu com derrota incerta e foi engarrafar-se, donde depois a sua esquadra tornou a sahir... para o fundo do mar!

Este desmazelo, e excessivo amor pelo interesse individual e menos preço do colectivo, deu tambem aos Japonezes a primeira victoria naval contra os russos em Vladivostock, porque os oficiais superiores russos, já rotas as hostilidades, tinham abandonado os seus navios, para irem em terra tomar parte... num baile!

A imprensa brazileira alarmada. — Os negocios escuros, os engajadores

Os exemplos da frouxidão de costumes combinada com a indiferença pelo interesse nacional, explica neste seculo muitos casos de desastre, ruina e desprestigio, quer dos partidos politicos, quer das nações.

Isto vem a pêlo em presença dos amargos brados de queixume e indignação que alguns dos jornaes do Brazil, como «a Patria», por exemplo soltam, indignados pelos anuncios escancarados de engajamentos o mais propostas sórdidas que se fazem a tanto por linha, ás escancaras, com o silencio da maior parte, sem levantar indignação no grande publico, e até sem que a propria policia se insurja e investigue.

Lá, exactamente como por cá, com os engajadores que levam couro e cabelo aos que lhe caem na rede, chegando ás vezes a gastar rios de dinheiro sem conseguirem emborcar ou sujeitando-se a ser presos já a bordo, de modo a ficarem sem viagem e sem dinheiro.

No Brazil, como em Portugal, pedem-se pelo jornal para negocios escuros, homens, mulheres, creanças, emprestimos dolosos, ofertas leoninas, uma infinidade de preparações vistas «de escroquerie», que não seria mau que a policia investigasse...

Ha os negocios pequenos, e tambem os grandes... Estes são horriveis! O povo chama-lhes negociatas.

De varias Companhias sabemos, que, dadas em formação desde 1920, estamos a dois terços de 1921 e ainda nem liberação das acções já pagas, nem escripturas feitas, que nos conste, nem assembleia geral convocada, nem nada!

Perguntamos como o jornal brazileiro:—E a policia?

O assunto merece ponderado e a ele voltaremos oportunamente, sendo bem possivel que tenham de investigar sobre o destino de dinheiros que por ahi se teem cobrado a titulo de acções que nunca se liberam, por serem apenas ficticias, fantasticas..

A instabilidade actual dos principios avançados.— A Quarta Internacional

A' Internacinal de Karl Marx seguira-se uma segunda com séde em Bruxelas, da qual era secretario o sr. Huysman.

Perdurou, interveiu, agiu, funcionou, enfim, a bom contento de todo o proletariado em geral, até ao advento da guerra.

Notava-se-lhe, é certo, uma feição se não aburgueзda algum tanto conservadora, insuficiente para trazer satisfeitos os animos mais irrequietos.

Mas, a despeito destes óbices, era uma força conciliadora que ligava todos os espiritos numa esperança comum e sabia aproveitar as aptidões...

«The right man in the right place» era um dogma para a Segunda Internacional, cujos elos a Guerra, como horrivel boceta de Pandora, viera despedaçar, tornando para sempre irredutiveis elementos que até então se congraçavam com relativa facilidade.

A grande Guerra, não só desfez para sempre a segunda Internacional, mas diluiu, ou antes desconjuntou em todos os paizes os varios partidos socialistas que existiam. Já não era só a lealdade ou deslealdade dos que foram ou dos que não foram alistar-se, isto é dos militaristas e anti-militaristas.

Mais do que esta tese geral, tambem os varios Partidos Nacionais se sentiram abalar, quando não se dividiram em duas, trez e mais Secções dissidentes, mercê das novas concepções sociais que foram surgindo durante os longos quatro anos de beligerancia.

A Revolução Russa viera lançar mais uma nota, a mais formidavel no confusionismo das Ideias.

Os criticos do movimento moscovita eram todos mais ou menos apaixonados, em pró uns, outros contra.

Acrescia a deficiencia de noticias, o o tendencioso de muitas.

De envolto andavam nomes, a principio estranhos, como comunismo, soviets, bolcheviquismo, menshevi-quismo, e outros, tudo misturado com informações terroristas como eram as que falavam de Governos de Componezes e Soldados, partilha de terras não reconhecimento de dividas estrangeiras, amor-livre, etc.

Revolta de sangue lá dentro, revolta de ideias e de opiniões cá fora! O Colectivismo foi-se crismando em Comunismo. Moscou anunciou ao mundo a formação de uma Terceira Internacional. Esta seria comunista. Para se lhe pertencer, havia que aceitar 21 condições heroicas, avançadas mas terriveis. Por elas os socialistas teriam de deixar de o ser!

Tambem Alemanha, a patria da Social Democracia, abraçou a doutrina que noutros paises mais fragmentou anarquistas, syndicalistas e colectivistas.

Mas... Ha sempre um «mas» terrivel no desenvolvimento das doutrinas...

Tambem o Comunismo ele não abriu crise pavorosa, destacando-se uma fracção importante que está formando uma Quarta Internacional.

Já se acha em distribuição o seu manifesto para a colheita de adeptos.

Tudo profundamente triste. As forças proletarias, em vez de se solidarisarem para dar combate á reacção pluto-religiosa que avança, estiola-se e inutilisa-se em divergencias internas a cavar odios e rancores.

Ainda iremos ter uma Quinta e uma Sexta Internacional?

O novo reino da Palestina

O primeiro navio da marinha israelita

LONDRES, 29.—A nação judaica restaurada na Palestina sob o patrocinio da Inglaterra, projecta construir uma marinha mercante propria. O primeiro navio dessa frota comercial é o «Zion», que acaba de entrar ao serviço para os portos do Mediterraneo.—(H).

O «Zion» é impedido de partir

PARIS, 29.—Comunicam de Marselha que a policia munida do competente mandato judicial, se opoz á partida para Alexandria do «Zion», primeiro navio de comercio da nação judaica.—(H).

"Os Sports,,

Continua a publicar-se ás quintas feiras e domingos, este interessante bi-semanario ilustrado de propaganda de Educação Fisica que está dia a dia recebendo do publico um acolhimento deveras lisongeiro.

O PROBLEMA IRLANDEZ

Vão realisar-se novas negociações entre De Valera e o ministro inglez

LONDRES, 29.—O gabinete irlandês aceitou o convite feito pelo sr. Lloyd George ao sr. De Valera. As negociações realisar-se-hão em Londres.—(H).

Socidade das Nações

GENEBRA, 29.—Encontram-se já nesta cidade a maior parte dos delegados estrangeiros que tomarão parte nas reuniões do Conselho da Sociedade das Nações que ha de decidir a questão da fronteiras da Alta Silesia.—(H.)

Questões de soviets

RIGA, 29. — O comité executivo dos soviets constituiu uma comissão especial para fazer a revisão dos processos politicos, a fim de serem postos imediatamente em liberdade muitos presos politicos. Serão expulsos para o estrangeiro os que sejam considerados inimigos irredutiveis do regimen dos soviets. Considera-se esta decisão como a sequencia da politica moderada de Lenine.—(H.)

Digno de imitar-se para civilisar a Senhora da Atalaia

WASHINGTON, 29.—O governo americano ordenou a inutilisação imediata de todas as bebidas espirituosas em deposito.—(H.)

O incidente austro-hungaro

VIENA, 29. — O gabinete da imprensa comunica que os gendarmes austriacos que procedem á ocupação dos distritos ocidentais, sustentaram tiroteio com os soldados hungaros das regiões de Pinkafeld, Burgantz e Oedenburg. Do lado dos austriacos ficaram feridos 4 gendarmes e 1 civis e do lado dos hungaros houve 9 mortos e 7 feridos.—(H.)

Uma conferencia importante

O ilustre medico dos hospitais de Paris, o dr. Emile Sergent, fez uma conferencia aconselhando como recalcificante dos tuberculosos, o que melhor poupam os orgão de assimilação e por isso se justifica como a «Fibrocalcina» tenha posto fora de concurso os recalcificantes que eram usados até ha pouco, com o documento os directores dos sanatorios

VIDA SPORTIVA

BOX

Os combates de hontem

O programa da festa do box que hontem se efectuou no Stadium satisfez por completo o publico.

Os trez combates anunciados disputaram-se com interesse sendo os resultados os seguintes:

Faustino Pereira venceu aos pontos o francez Chassagne, continuando a mostrar progressos e a evidenciar qualidades.

O combate foi violento e energico de parte a parte, satisfazendo o publico.

Simeth, suiço, venceu Silva Ruivo ao 1.º round por K-O.

Mario Goll venceu o belga Goffin por desistencia no terceiro round, por ter Goffin deslocado um pulso.

Os tres rounds foram bons, mostrando-se o belga um bom pugilista, apesar de ser inferior em peso ao francez.

—Para domingo proximo prepara-se um extraordinario programa, que incluirá o combate desforra de Mario Goll contra o suiço Simeth, que ha tempo bateu o francez nos pontos com uma bolsa de 3000 francos dividida 60 por 40 para o vencedor e vencido.

Aviso aos clubs

Toda a correspondencia relativa a esta secção, deverá ser enviada para os nossos escriptorios todos os dias até ás 12 horas.

«A Capital» que tem sido dos diarios de Lisboa, aquele que mais desenvolvimento dá aos sports, volta novamente a ampliar a sua secção defendendo com todo o entusiasmo a pratica de todos os sports e o desenvolvimento das nossas agremiações sportivas.

A captura do gatuno Principe

ALMADA, 27.—Produziu aqui bastante sensação a captura realisada em Lisboa do famoso Principe.

A prisão do conhecido gatuno esteve por um triz para ser feita pelo cabo-comandante do posto policial desta vila, sr. Manuel Rodrigues, que dias antes da mesma ter sido levada a efeito, recebeu uma carta que lhe foi endereçada da Costa de Caparica, denunciando a sua presença naqueles sitios.

O cabo Rodrigues, logo que recebeu a carta, montou numa bicicleta a caminho da Costa. Uns minutos antes da sua chegada ali, o Principe havia desaparecido para não mais ser visto nessa margem.

O gatuno em questão, quando foi preso para ser julgado, escreveu ao cabo da policia a que vimos de aludir, prometendo brindal-o com uma «macaco com os dentes bem afiados»...

Tambem o então administrador do concelho, o sr. Alfredo Simões Pimento, actual presidente da comissão executiva da Camara Municipal, foi ameaçado pelo meliante.

A sua captura povoou, pois, enormemente satisfação, tranquilisando os espiritos de muitos...

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21,15—«A Vida dum Rapaz Pobre».

S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».

GINASIO—A's 21.30 h.—«O celebre Pinto».

AVENIDA—A's 21.30 h.—«Pedro o Cruel».

POLITEAMA—A's 21,30 h.—«A Rainha do Fonografo».

APOLO—A's 21,30 h.—«A' procura do badalo».

EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».

GIL VICENTE—A's 21.30 «Depois do Degredo».

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

O camaroteiro do Nacional

Hoje, no Nacional, realisa a sua recita o estimado camaroteiro daquele teatro, Gouveia Pinto, que, justificadamente, conta com muitas simpatias. Consta o espectaculo da representação de popular e sempre festejadissima peça «A Vida Dum Rapaz Pobre», um dos grandiosos exitos da temporada, que, depois de amanhã, termina.

A beleza do espectaculo reunida á circunstancia do festejado contar com um grande numero de amigos farão com que o Nacional tenha, logo, larga concorrencia.

Pedro, O Cruel no Avenida

A Companhia Palmira Bastos, que, depois de amanhã finda os seus espectaculos, no Avenida, dá esta noite, ali, uma unica representação com a famosa tragedia historica «Pedro, o Cruel», de Marcelino Mesquita. A peça que é de grande aparato, será apresentada com todo o brilhantismo, estando a cargo de Carlos Santos não só a parte de protagonista, como a encenação da obra.

Teatro Gil Vicente

Vão muito adiantados os ensaios do drama em 5 actos «A Martyr», dirigidos pelo actor Francisco Moreira. A protagonista é desempenhada pela distinta atriz Emilia Berardi.

Nos Cines

O Salão Central deve começar amanhã a exibir o interessante «film» da festa de «box» realisada hontem no Stadium, apresentando os tres combates que se efectuaram.

Touradas

A corrida de ontem foi a melhor que se tem feito esta epoca em Algés

Realisou-se ontem a corrida promovida pelo Sport Algés e Dafundo.

Os oito touros fornecidos pelo lavrador sr. Joaquim Mendes Nuncio quasi todos cumpriram muito bem. O primeiro para o profissional Rufino da Costa, teve um ferro bom; o segundo para Goma Lobo e Patricio Cecilio que bastante brilharam; o terceiro para o cavaleiro amador João Branco Nuncio, que teve os menos voluntarios, o que o obrigou a um luzido trabalho na preparação das sortes, tourcando sempre de «cara» e metendo os ferros todos com arte. O seu turcio foi dos melhores que se tem visto. O publico e os amadores e mesmo os touros aplaudiram e lhe fizeram uma imponente manifestação, obrigando seu pai a vir á arena a compartilhar dela.

Ainda se salientaram Patricio Cecilio, que bandarilhou bem, estando admiravel com o «capote» e agradou na «muleta». Gama Lobo, Ribeiro e Antonio Lopes, egualmente tourearam bem, com bastante agrado da numerosa assistencia.

Dos forcados amadores que executaram duas boas pegas uma ao «sopé» e outra de «cara» Francisco Faro e Simões.

Auxiliaram a lide e bregaram por vezes com muito acerto Luciano, Lirgo e Custodio Domingos.

No final da corrida foram lidadas duas vacas que, como sempre, deram azo a risota, tendo a ultima partido uma haste.

Durante a corrida andaram angariando donativos para auxilio do cofre do Sport Algés e Dafundo gentis meninas que fizeram uma regular colheita.—A. A. F.

O JOGO

A Belgica vai regulamenta-lo

Assim o resolveu por grande maioria o senado

Os jornais publicaram, ontem, o seguinte telegrama da agencia Radio:

BRUXELAS, 27.—O senado belga aprovou por grande maioria o restabelecimento em Ostende e Spa e da revisão da legislação sobre o jogo para o regularisar. —(R.)

Nem todos os leitores de «A Capital» saberão como os belgas fizeram a linda praia de Ostende, arrancando-a á sua obscuridade até a transformarem numa das mais belas praias daquelas paragens.

Vejamos esta carta, que vimos ha tempos publicada num jornal de Lisboa:

«...Sr redactor.— Tem v. aduzido razões de peso em prol dum regimen que permita, ao jogo exercer-se em circunstancias de poder-se tirar dele alguma utilidade. Essas razões são boas, mas pelo visto, não convenceram ainda o governo.

«Os portuguezes—e nisto eu não quero ofende-los—vão mais pelo que se faz no estrangeiro do que pela propria razão. Isto não é sinal de falta de inteligencia; pelo contrario, revela um povo civilisado, sabido como a civilisação é como um tacito acordo dos homens cultos.

«Sou razoavelmente viajado, sei o que se passa lá fora. Conheço Ostende. E' a linda praia belga rival de Cauterets, de Nice, de S. Sebastian.

«Pois ha vinte e cinco anos era uma terreola sem nenhuma importancia, onde não ia ninguem, apesar da sua magnifica situação. Um governo desempoeirado, capaz de romper com a rotina, consentiu o jogo, com condições pesadas, é claro, o logo apareceram varias companhias que propuzeram fazer daquilo um centro excelente de turismo mundial.

«Bandos de trabalhadores invadiram a praia, onde os engenheiros e arquitectos traçaram planos audaciosos.

«A pouco e pouco, no sitio onde havia uns casebres, de pescadores foram surgindo palacios, casinos e cafés admiraveis — e ruas largas, jardins, um sistema de «barracas» para os aquistas.

«Hoje Ostende, repito, é uma das mais belas praias do mundo e ali cai todos os anos uma chuva de ouro.

Talvez que este exemplo e outros, lembrados ao governo deste Paiz, o movam mais que todas as razões de sentimento.

«Em todos os paizes, ha certas epocas em que o jogo é permitido. E' geralmente nas epocas de crise, em que se recolhece a necessidade de atrair o estrangeiro.

Assim o fez a França após o desastre de 70, e isso deu um resultado que muito dinheiro da indemnisação, dado á Alemanha, regressou á sua origem, por alemães levado...»

Assim falou quem conhece o assunto. Ostende fez-se com a regulamentação do jogo, e, graças a este a pequena mas prospera Belgica poude ter um centro de turismo.

Não sabemos se o jogo, com a guerra, foi proibido, ou se naturalmente o afugentou a proximidade das batalhas. O que se sabe é que o senado aprovou, por grande maioria, que fosse revista a legislação que lho diz respeito.

E os senhores sabem o que é a Belgica? Um paiz de grandes iniciativas, industrias rivalisando em audacia e execução, com os maiores povos europeus. Na Belgica, que fabrico, como nenhum povo, certos maquinismos, é o povo que faz. Bruxellas e Louvain é que, ha poucos anos, interrompendo a sua bela faina agricola e fabril, pegou em armas contra o formidavel exercito alemão, sem medo do coloso, a quem, com grande espanto de todo o mundo, fez parar a marcha por muitos dias!

Os belgas são heroicos, honestos e praticos. Fizeram a guerra para, nobremente, cumprirem a letra dum tratado; e, praticos que são, regulamentam agora o jogo em Ostende e Spa, como o farão em Bruxelas ou em outros quaisquer centros, se entenderem que disso lhes virá um interesse.

Seremos nós mais honrados que os belgas? Não; o que somos é mais casmurros.

Não temos vintem para acudir ás necessidades mais elementares, e repelimos teimosamente aquilo que outros povos, mais ricos do que nós, aceitam de braços abertos.

Vamos a ver quando se resolverão a abrir os olhos!

ULTIMA HORA

Notas politicas

A CRISE

A jogatina das cambiais—Luta entre altistas e baixistas—Repercussão da batalha na orientação da politica do governo

Logo pela manhã de hoje se dizia na rua dos Capelistas que as liquidações de fim de mez, no jogo de cambiais, tinham ficado adiadas para fim de setembro, graças a moratorias so licitadas pelos altistas e concedidas pelos estabelecimentos bancarios que com eles transaccionaram. Isto, na opinião de homens da finança, vai dificultar a vida do futuro governo, qualquer que ele seja.

E raciocinavam assim:

Se o governo publica uma lei repressiva (eficaz, é claro) do jogo cambial, vai favorecer altistas contra baixistas, dada a hipotese de que a lei mude a divisa cambial. Isto, afirmavam, é imoral, porque é o Estado a tomar partido por uns contra os outros. Os baixistas, porém, não demonstram grande alarme porque acreditam que as providencias legais sobre o jogo cambial não darão o resultado pratico de influirem decisivamente no estado dos cambios.

Eles lá sabem... Nós limitamo-nos a fixar aqui estas opiniões, no papel modestissimo de simples noticiaristas. Seja como fôr a orientação do futuro governo ha-de ser influenciada por este momentoso problema.

O novo governo ficará constituido esta noite?

Segundo uma informação que nos veio de origem que reputamos segura, o sr. Presidente da Republica já encarregou o sr. Antonio Granjo de formar governo. Se este ilustre chefe politico aceitar o encargo, o governo ficará constituido esta noite.

Recebemos a seguinte:

Nota oficiosa

Não é verdade, como se tem feito propalar, que qualquer dos ministros do gabinete demissionario se tenha oposto á publicação do Decreto sobre cambiais.

Todo o Governo concordava com essa publicação. Apenas houve divergencias quanto a pontos de vista novos a introduzir no primitivo projecto.

Parlamentares liberais

São convocados os parlamentares liberais para uma reunião que ha de realisar-se hoje, no edificio da redação de «Luta», pelas 21 e meia horas.

A' hora a que encerrarmos este jornal, da Presidencia da Republica confirmam a noticia do sr. Barros Queiroz ter desistido de formar gabinete, sendo convidado para constituir o novo ministerio o sr. dr. Antonio Granjo.

Pelas informações que da Presidencia recebemos, parece, que ainda esta noite ficará constituido o novo governo.

O ex-imperador Carlos continua a residir na Zuissa

BERNE, 29.—Depois de varias démarches de ordem diplomatica, o governo suisso consentiu que a autorisação de residencia do ex-imperador Carlos em territorio suisso, que devia terminar no fim do corrente mez, fosse prorrogada. Nesta prorogação não se fixa praso de residencia.—(H.)

Peste bubonica?

Vindo de Hamburgo com escala por outros portos do norte da Europa, entrou hoje no nosso porto o vapor brazileiro «Poconé», trazendo cleva do numero de passageiros para os portos do Brazil.

O comandante não permitiu a ninguem vir a terra, assim como prohibiu todo o contacto com o navio, pa rece que em consequencia das medidas que o Brazil acaba de tomar contra as procedencias de Portugal, por motivo de uma suposta peste bubonica que felizmente nunca chegou a desenvolver-se.

No Brazil é que ela existe latente dêsde Pedro Alvares Cabral. E quem desejar encontrá-la em toda a sua robustez, não tem mais que dirigir-se á Babia.

Inglaterra na India

CALCUTA', 29.—A revolta dos moplahs continua a tornar grave a situação; os insurgentes saqueiam e massacram não deixando nunca de levar desfraldado o estandarte verde do profeta. Tropas inglesas foram mandadas para o local onde os moplahs se agitam com mais violencia.—(H.)

Estimulo ás industrias

RIO DE JANEIRO, 29—O governo projecta estabelecer um premio de 200 contos para cada uma das tres primeiras fabricas de aço que venham a fundar-se em territorio brazileiro.—(A).

Noticias de Vera Cruz

PARIS, 29.—Raul Fernandes e Cincinato Braga, delegados do Brazil á Liga das Nações chegaram hoje. O sr. dr. Gastão da Cunha, embaixador do Brazil e presidente do conselho da Sociedade das Nações partiu hoje para Genebra.—(A.)

Parlamento

Nos Deputados

Encerrou-se a sessão por falta de numero

Preside o sr. dr. Jorge Nunes que á hora regimental manda proceder á chamada. Respondem 13 legisladores. Espera-se. Como ás 15,25 h. jam ua sala 32 deputados, procede-se á leitura da acta, assim como do expediente. Antes da ordem do dia o sr. Americo Olavo pede que o seu interpelação que se deveria realisar nesta sessão seja marcada para ordem do dia na primeira sessão em que haja governo.

O sr. Henrique de Abreu manda para a mesa, pedindo para ele urgencia e dispensa do regimento, um projecto de lei colocando fora da lei do inquilinato os predios onde estejam instalados serviços do Estado ou dos Corpos Administrativos. Aprovada a urgencia e regeitada a dispensa, em virtude do sr. José Fragoso ter requerido que a votação fosse dividida em duas partes.

O sr. Ramos da Costa pede ao sr. presidente que transmita ao sr. ministro do interior (que vier) algumas considerações que faz sobre os impostos «ad valorem», pedindo uma lei que regulamente o lançamento desses impostos, para evitar abusos.

Tambem ao sr. ministro do comercio (que vier) pede que sejam transmitidas algumas considerações sobre a exiguidade de verbas que são destinadas para a conservação dos monumentos nacionais. Ainda ao governo (que vier) pede o orador que olhe com carinho para a Torre de Belem que, em seu entender, devia estar livre dos fumos da Companhia do Gaz.

O sr. Joaquim Brandão pede que o seu projecto sobre os serviços dos Caminhos do Ferro do Estado, entre em discussão logo que seja possivel. Faz tambem algumas considerações sobre os impostos «ad-valorem» concordando com o que disse o sr. Ramos da Costa.

O sr. Monteiro Guimarães como relator do projecto do sr. Joaquim Brandão diz concordar com ele, porquanto não julga possivel consegui-se o bom cumprimento dos deveres sem se pagar convenientemente. O orador diz poder afirmar ser o nosso operariado dócil e trabalhador, sendo tambem certo que se ele não trabalha mais e melhor é porque não ganha o suficiente para poder viver. Sabe que muitos operarios teem necessidade de ter negocios para poderem viver. Considera por isso um dever da atual Parlamento a aprovação do projecto.

O sr. Calem Junior pede que entre em discussão o projecto concedendo um subsidio de 150 contos á Misericordia do Porto.

O sr. João Luiz Ricardo, pedindo a palavra sobre o modo de votar, lembra não haver razão para a aprovação do projecto. Para se acudir á situação financeira de todas as misericordias são precisos 1.800 contos.

O Parlamento ainda só autorisou que se concedessem 500 contos. E por não haver verba, apenas 200 contos ainda foram autorisados pelo Ministerio das Finanças. Para que, pois, o projecto em discussão?

O sr. Calem Junior faz a defesa da Misericordia do Porto, considerando-a a primeira do «reino», o que provoca risos.

O sr. Monteiro Guimarães tambem defende a mesma instituição, depois do que foi o projecto submetido á aprovação. Em contra-prova verifica-se não haver numero, pelo que se procede á chamada que dá o mesmo resultado.

A proxima sessão é amanhã.

O conflito Heleno-Turco

CONSTANTINOPLA, 29.—Desmente-se a noticia de origem grega de que os turcos tinham evacuado Ismidt e a peninsula de Kodja. Os turcos mantem a sua antiga frente nos sectores de Kodia e Brousse.

Poeira da Arcada

O governador de S. Tomé comunicou ao ministerio das Colonias que não pode remeter para a metropole a quantia pedida para pagamento de despesas da colonia, visto o estado financeiro da provincia não o permitir. Diz que outras colonias devem tambem importantes quantias á de S. Tomé.

Retirou do Timor para a metropole o major sr. Machado Duarte, ex-director dos serviços de agrimensura naquela provincia que, como se sabe, foram recentemente extinctos.

Atendendo á falta de medicos nas colonias alguns governadores pediram que continuem ali a prestar serviço os medicos reformados que ainda estavam em exercicio e ultimamente haviam sido dispensados.

A CAPITAL

3873 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Terça-feira, 30 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

O novo governo

Está constituido o novo governo, e, ao contrario do que se supunha, não é o sr. Barros Queiroz quem a ele preside. E' o sr. Antonio Granjo, e mentiriamos, se não acentuassemos que na ocasião presente o nome do sr. Antonio Granjo soará melhor á opinião publica do que o nome do sr. Barros Queiroz.

Com efeito, uma das questões mais delicadas, senão a mais melindrosa, levantadas pelo gabinete anterior, é a questão dos oficiais milicianos, que o ministro da guerra, o sr. Silveira, quiz resolver duma maneira atentatoria da mais intuitiva equidade. A chefia conferida ao sr. Antonio Granjo, no novo governo, deve significar, sabido como é que o sr. Granjo deixou de ser cooperador do sr. Barros Queiroz nosso governo, precisamente por causa da questão dos milicianos, que essa questão vai ser resolvida em novas formulas, não se desprezando o sacrificio dos homens que, numa das crises nacionais mais graves de que ha memoria, não hesitaram em abandonar tudo, desde os seus afectos morais até aos seus interesses materiais, para derramar o seu sangue na defesa da Patria, embora não pertencessem aos quadros profissionais do exercito.

A atitude do sr. Antonio Granjo, apesar das naturais reservas que lhe imponha a sua qualidade dum dos primeiros marechais do partido liberal, foi devidamente apreciada por todos quantos, nesta questão, souberam colocar-se ao lado da justiça ofendida.

Nós somos dos que teem fé na inteligencia, na actividade e no ardor republicano do sr. Antonio Granjo. Vemos com prazer que ele se soube rodear de bons colaboradores. Sobretudo a pasta da guerra foi posta nas mãos dum oficial distintissimo, cujas altas qualidades todo o exercito reconhece e admira. Esperemos que em frente do novo governo se abra um caminho em que, se ha dificuldades a vencer, tambem ha verdadeiros louros a colher.

Decisão e fé oremos que lhe não faltarão. Resta que todos se convençam, governantes e governados, de que é preciso dar grandes exemplos. Do contrario, assistiriamos a mais um fracasso, com que só poderiam regosijar-se os inimigos da Patria e da Republica.

O sr. Liberato Pinto será julgado no proximo sabado

Está marcado o dia 3 de setembro, sabado proximo, para julgamento, pelo Conselho Superior de Disciplina do Exercito, do sr. tenente coronel Liberato Pinto, ex-chefe do Estado Maior da Guarda Republicana. A composição do Conselho é a seguinte:

Generais Fernando Tamagnini, João Alves Camacho, Teofilo Trindade (relator), Tomaz Rosa e Gomes da Costa.

Servirá de secretario o sr. tenente coronel Ponce de Leão.

O rol de testemunhas é enorme. Figuram nele militares de alta graduação, parlamentares, ex-ministros do Estado e jornalistas.

Não se pode fazer uma previsão segura com respeito ao resultado final do julgamento. Tudo depende do criterio adoptado pelos julgadores, muito mais do que da discussão da causa. E' preciso não esquecer, em hipotese alguma, que a ordem publica muito deve ao sr. Liberato Pinto e que a causa da Republica sempre o guiou, pelo menos aparentemente, nos seus actos publicos. E' de crêr que estas circunstancias não deixarão de influir no animo dos julgadores. E' a honra dum homem de valor que está em jogo. E a Republica não é tão rica de homens valorosos que os possa sacrificar, impunemente, a caprichosos movimentos, apenas gratos aos seus inimigos.

"Os Sports"

O belo acolhimento deste util jornal da especialidade

O bi-semanario ilustrado *Os Sports*, que já conta dois anos e meio de existencia, está recebendo do publico dia a dia um acolhimento deveras lisongeiro.

A sua colaboração pelos principais jornalistas da especialidade, acompanhada de interessantes fotografias, dão-lhe um aspecto magnifico, e a sua procura está sendo cada vez maior.

A guerra no Oriente

Os turcos avançam

CONSTANTINOPLA, 30.—Um comunicado do comandante Kodjalli diz que o exercito turco ocupou Aobashikeny e Yenikuy e que continua a avançar na direcção de Boskerd e Inenni. As operações desenvolvem-se favoravelmente.—(H).

O problema Irlandez

O sr. De Valera vai responder

DUBLIM, 30.—Reuniu o gabinete irlandez e resolveu transmitir hoje a breve resposta do sr. De Valera ao sr. Lloyd George, sugerindo-lhe uma conferencia em breve praso.—(H).

POLITICA

NOS BASTIDORES...

Indiscreções do deputado X...—Determinantes da renuncia do sr. Barros Queiroz—Constituição do gabinete Granjo e a sua orientação

Foi esta manhã que a tragedia se deu: o deputado X... executou-se com um almoço a dois, copioso e caro. Nós abancaramos tristemente, ainda ensombrados por um triste desportar: os jornais da manhã deram noticia duma revolução fracassada. Ora nós somos um timido. Admiramos o heroismo dos outros, sem duvida. Cavalgar um corcel de batalha, ajaezado a ouro e prata, a espada faiscando ao sol dos combates, romper, impavidamente, por entre um diluvio de balas, bombas e granadas e gazes asfixiantes, o gemido dos feridos, o ralo dos moribundos... Que beleza!

Simplesmente para ser actor de tais scenas é preciso ter alma de Bruto.

E nós — que desgraça!.. — somos muito sancho-panistas, comodista, pouco ativado a aventuras.

Enfim: somos pela conservação da especie.

Abancaramos pois, sorumbaticos. E tinhamos pedido uma açorda alentejana quando surgiu o deputado X... Este diabo deste homem aparece em tuda a parte. Sentou-se ao nosso lado. Cumprimentos efusivos, apertos de mão, palmadinhas amigaveis, etc. O costume. Depois, palestra, a combar rapidamente nos casos politicos recentes. Nós, aliás, provocamos as confidencias, com a indiscreção que caracterisa o reporter abelhudo:

—Então lá temos o Granjo, aventuramos.

X... sorriu á deixa:

—Eu não lhe disse? O Granjo só não formaria governo se não quizesse. Este ministerio, porém, não era o tal, aquele que estava preparado para o grande efeito... Mas isso pouco importa. Temos um governo Granjo e é o essencial.

—De acordo. Mas porque foi que o Barros Queiroz não conseguiu organisar ministerio?

—Por dois motivos. Vou-lhe explicar.

A açorda estava devorada. E o deputado X..., que é epicurista (nós somos estoicos, modestamente), mandou vir carnes frias e «omolete au rhum». Lambemos os beiços... Se lhes parece! A ultima vez que provamos o petisco foi á custa do nosso amigo Urbano Rodrigues, ha anos... O sr. X... continuou:

O Granjo manobrou para estender o Barros Queiroz, servindo-se, para isso, dos seus amigos dentro do ministerio; e depois, no decorrer das negociações, continuou a tazer escorregar o Barros Queiroz, em tantas cascas de laranja quantas foram precisas para completamente o estrambiar.

Mas isso foi o menos.

O mais e o peior é que o proprio Barros Queiroz, inhabilmente, auxiliou as manobras dos adversarios, fazendo questão, no futuro governo, do ponto de vista, estreito e mesquinho, advogado pelo general Silveira no problema minusculo dos oficiais milicianos. Em resumo: o Barros Queiroz enveredou pelo caminho do tesura e não encontrou colabora dores de geito. Foi principalmente por isso que desistiu.

—Então o novo governo...

—Adoptará a orientação Granjo, exposta quando ele ainda era ministro do comercio. Ha-de resolver a questão dos oficiais milicianos a contento geral. O Freitas Soares é homem para isso.

E' prudente e vagaroso; por tanto é seguro. Precipitações, improvisações, não são para ele. Já foi um bom chefe do exercito. Neste governo ainda o será melhor, porque a experiencia dalguma coisa lhe ha-de ter servido.

Já estavamos na altura da fruta. Nós chupavamos glotonamente uma banana e deitavamos o lozio ávido a um aveludado pecego. O nosso anfitrião atirava-se a um podim gelado.

—E o Vicente Ferreira? Que me diz ao Vicente Ferreira?..

—Esse, meu amigo, não estava no elenco primitivo mas éntrou neste. O Granjo lá sabe porquê... Não foi má aquisição.

—Dizem, todavia, que o Vicente Ferreira tem um espirito caprichoso, muito senhor de si, pouco adaptavel á politica de equilibrio.

—Efectivamente, dizem isso. E eu creio que é verdade. Mas seja ou não seja, ha-de tentar fazer bom logar, comprimindo despezas sem fazer injustiças. No funcionalismo publico, por exemplo, já rapidiou a proposta-forca (não é assim que vocês lhe chamam?...), pondo de lado o regimen dos auxidos, base essencial dela. De resto, é um espirito essencialmente conservador. Os principios da ordem podem contar com ele.

O ultimo trago de café servia apenas para formular outra pergunta a ultima:

—Visto que falou em ordem: é certo que esteve seriamente ameaçada?

—Seriamento, nãor Eu lhe conto. Mas, antes, dê-me licença para pagar...

—Mas, dr., por quem é..., nós é que...

—Não, isso não. Nestas coisas sou intransigente.

Resignamo-nos, com a alma em luminarias. O deputado X... esporteiou-se. E, a caminho do Chiado, «bras-destus, bras-dessous», apenas durados num charuto e esmoendo a comicinha, o deputado X..., continuou a palrar, um pouco em surdina por causa dos «bufos»:

—O que se passou esta madrugada não foi mais do que...

Mas tudo se perdeu no «brouhaha» matutino da cidade já desperta.

Vai reorganisar-se a P. S. E.

O sr. director da P. S. E. vai ordenar a aprensão dos bilhetes de identidade, passados por aquela policia, e de que varios individuos são indevidamente detentores

De ha muito que vem impondo-se a reorganisação da Policia de Segurança do Estado, e dos processos que essa policia costumava pôr em pratica para a repressão de movimentos revolucionarios, processos que, principalmente durante o dezembrismo, tanto indignaram os cidadãos republicanos pelas perseguições de que foram alvo, motivadas na maioria dos casos por odios mesquinhos e vinganças pessoais.

Centenas de individuos na sua quasi totalidade fazendo parte dos grupos revolucionarios civis, possuem ainda os bilhetes de identidade passados pela P. S. E., o intitulando-se, muitas vezes, agentes desse policia, praticam as maiores violencias, já capturando individuos sem nada que os autorisasse a fazê-lo, já perseguindo-os por todos os modos com o poder da sua influencia politica, de modo a satisfazerem os seus odios pessoais.

O odioso e a responsabilidade dessas capturas iam recair seguidamente sobre a Policia de Segurança do Estado, sem que fossem muitas vezes os seus agentes os culpados e os responsaveis dessas praticas, que criavam a pessima reputação e a falta de prestigio que possue esse corpo de policia.

Esse estado de coisas vai agora ser remediado duma maneira energica pelo actual director da P. S. E., o sr. Pinto Serra, que determinou que todos os cartões passados por essa policia a individuos dos grupos de defesa da Republica fossem imediatamente apreendidos, e, passado um certo prazo, capturados os seus detentores.

O sr. Pinto Serra está tambem estudando a forma de remodelar os serviços e processos da P. S. E. reorganisando-a de modo a faze-la corresponder ás necessidades da Republica e a terminar com a fama que a torna tão antipatica ao nosso povo.

O sr. director da Policia de Segurança do Estado está na firme disposição de demitir imediatamente e fazer punir judicialmente, qualquer agente daquela policia que se prove ter agredido os presos, de modo a acabar com os castigos corporais que nos seus postos em pratica no dezembrismo, e que tanto deram que falar em seu desabono.

Sabemos que o sr. Pinto Serra proibiu terminantemente aos informadores daquela policia que, fóra do serviço, fizessem uso dos seus bilhetes de identidade, não lhes permitindo tambem que efectuassem capturas, atribuição que pelo regulamento lhes não compete.

Se todas estas inovações para melhor, se realisarem, como temos esperança, muito e muito terá a lucrar a população lisboeta, que verá, finalmente, que as perseguições mesquinhas que determinados individuos moviam impelidos pelo desejo do vingarem questões pessoais ou satisfazerem mesquinhos e inconfessaveis interesses.

A baixa do carvão

LONDRES, 30.—Teve nova baixa o preço do carvão de Galles, cotando-se desde 9 schilings, para os carvões inferiores, até 35 s. para os carvões da melhor qualidade.

O preço do estanho baixou uma libra.—H.

O funeral de Erzberger

BERLIM, 30.—O enterro de Erzberger que, como dissemos, se deve realisar em Biberach, no Wurtemberg, foi adiado para sexta-feira.—(H).

Recalcificação dos tuberculosos

«Setubal, 14.—O professor sr. Correia dos Santos, director do Laboratorio Farmacologico de Lisboa, visitou o sanatorio do Outão, onde teve ocasião de verificar como o ilustre director sr. dr. Mendes Dordio tanto emprega a «Fibrocalcina» com exito na recalcificação e a «Zomotina» na super-alimentação dos tuberculosos.—(C)».

Parlamento

Nos Deputados

O governo não se apresentou

Foi aprovado um voto de sentimento pela morte de João do Rio.—Encerra-se a sessão por falta de numero

A's 13 horas o sr. Presidente, manda proceder á chamada, a que respondem poucos legisladores.

Lida a ata, o sr. Plinio Silva pede que logo que haja numero, se ponha em discussão o projecto que diz respeito aos oficiais milicianos.

O sr. Almeida Ribeiro pregunta porque não se prossegue na discussão do projecto referente á Misericordia do Porto.

O sr. Presidente informa que o projecto foi já discutido e que sobre ele apenas ha que fazer uma votação, que será feita logo que haja numero.

O sr. João Salema pede providencias para o facto de as repartições publicas não darem andamento aos varios pedidos de documentos que pelos parlamentares são feitos.

O sr. Joaquim Brandão pede que entre em discussão, logo que isso possa ser, o projeto que aumenta para 3.000 escudos a pensão da viuva do heroico tenente Cascais.

O sr. Lopes Cardoso lembra a necessidade de se discutir o mais breve possivel a proposta referente ás indemnisações.

O sr. Antonio Montas propõe um voto de sentimento pela morte de Paulo Barreto (João do Rio) a que se associam todos os lados da Camara.

Como sejam 14,10 e não haja numero, o sr. Presidente manda proceder a segunda chamada, que acusa a presença de 54 deputados, numero insuficiente para a sessão continuar. Por esse motivo encerrou-se a sessão, marcando-se a proxima para amanhã.

No Senado

Não houve tambem sessão por falta de numero. Como se esperava que mesmo amanhã o governo se apresente no Senado, o sr. presidente marcou a sessão sem ordem do dia.

A Espanha em Marrocos

Nada de novo

MADRID, 30.—Comunicado oficial das 11 horas da noite diz que não houve nada a registar.

Os jornais de Melilla informam que o ministro da guerra foi com o alto comissario de visita a Zocolhad e que alguns tiros que foram disparados sobre o acampamento, não atingiram ninguem.

E' desmentido oficialmente o boato de que os rebeldes haviam cortado uma coluna na região de Larache—H.

Os jovens caçadores da Lusitania

O genio lusiberico surge a todos os momentos na Peninsula a atestar uma similitude etnica á qual nem portuguezes nem espanhoes podem, em tão pouco desejam subtrair-se.

A proposito da guerra de conquistas em Marrocos, tem o povo espanhol dado provas de grande unidade perante os ultimos desastres militares. Sem falar no voluntariado geral, nos largos donativos de recursos pecuniarios e de toda a ordem.

Continuam embarcando forças militares em varios portos de Espanha, a caminho de Melilla, com um espirito, não já tanto de conquista como de desforço para salvar a dignidade nacional e o pendunor militar.

O que porém, mais chamou a atenção e mereceu ruidosas manifestações de entusiasmo por parte da multidão compacta que assistia, foi o embarque de uma grande força de jovens caçadores, moços ainda imberbes, armados de ponto em branco para a luta e petrechados do armamento mais moderno, que cheios de garbo marchavam pelo cais a caminho do navio que os ia conduzir ao teatro da guerra.

O povo aplaudia-os e victoriava-os freneticamente, chamando-lhe «Los trompetilhas de Lusitania».

A' hora do infortunio tanto Portugal como Espanha, espontanea e automaticamente invocam as memorias de um passado em que uns e outros, embora ás vezes distanciados pelos sordidos interesses monarquicos, comungavamos na obra genial do futuro, era afirmando-nos na descoberta, era afirmando-nos na Conquista, que, a despeito de todos os seus horrores, exerceu a sua função na grande obra da civilisação ocidental.

Fazemos ideia do garbo com que os rapazes do regimento da Lusitania tocariam nas suas trombetas a ordem de marcha...

Parece-nos antever o arreganho com que, face a face do inimigo, soprarão nas suas trombetas á carga... em Marrocos, em terras onde os Lusitanos tão grande papel desempenharam...

A Espanha derrotada reuniu a mocidade, tornou-a, disciplinou-a para a garantia de gloria invocou o nome da velha Lusitania.

E fez bem. Dela não fez parte a heroica Galiza? Não estavam nos encorporados nos nossos velhos tempos o reino de Leão e outros?

Espanha, Lusitania... a gloria, o valor, o progresso!...

Alfredo da Silva

O sr. Alfredo da Silva esteve no ministerio das finanças, sendo recebido, em demorada conferencia, pelo novo titular da pasta.

ELOGIO DOS CALVOS

Hontem, fatigado, recostei-me num velho cadeirão fradesco do seculo XVIII, abri ao acaso um livro de Gustavo Le Bon, um estudo profundo, interessante, quasi paradoxal sobre as causas psicologicas da guerra europeia, ouvi bater as cinco horas num relogio antigo de xarão e entretinha-me, envangelicamente, a passar, ao de leve, pelo sono, enquanto uma névoa doirada de fim de tarde, alastrava, escorria pela renda dos «brise-bise» e um gato branco, empado, parisiense, ronrava sobre um sofá de damasco azul—que ido o meu creado velho entrou, vagarosamente, com o correio; um bilhete postal ilustrado de Chatel-Guyon, do conde do..., que ha dois meses passeia pela Europa o sua xplendida neurastenia e a sua admiravel fortuna; o ultimo numero da «Vogue», sempre muito fresca, muito alegre, muito estilante cheia de modelos de Lanvin, de Lucille, de Callot e onde se reconhece que as saias estão a descer vertiginosamente depois de se ter provado, á evidencia, que a maioria das mulheres teem as pernas tortas;—e trez cartas, uma delas de Mme. X, a perguntar-me, com a maior naturalidade do mundo, se terão grandes inconvenientes para a saude os versos futuristas; outra de Mlle. Z, curiosa, feminina, inquirindo se de facto as cabeças loiras estão atravessando, como ainda ha pouco o afirmava René Bargean, uma crise gravissima e inquietante; a terceira, com o nota de «urgente» no envelope, do meu querido amigo S..., que ha dois anos desde um «garden-party», no Estoril, o cuja bela cabeleira fulva, tão parecida na côr com certos retratos da pintura holandeza, era ainda então um dos maiores encantos e um dos maiores triunfos da sua vida de sucesso.

A carta de Mme. X. fez me sorrir; a da linda Mlle. Z, levou-me, de novo, a conclusão já tantas vezes verificada por nós, mais ou menos psicologos de horas vagas de que apenas as mulheres feias escrevem bem; a ultima, escrita a correr, no evidente alvoroço dum momento perturbado e triste, não se limitando a fazer-me pensar cinco minutos, fez-me deixar durante o espaço de vinte e quatro horas, perante o meu espirito e perante os meus cigarros, um dos mais graves e complicados problemas que alguma vez possam ter sido levantados para a nossa sensibilidade, para o nosso orgulho e até—Deus me perdoe—para a nossa filosofia. O proprio marquez de Autreve dos «Efrontés» que assistia sempre indiferente, da sua janela, á vida que lateja, que tumultua, que envelhece o que passa havia, de certo, de reflectir, de considerar com os seus botões e com a sua «verte-vieillesse», a gravidade melindrosa da questão e, por um instante, sentir-se desanuchar, embora com um sorriso, que era, da sua deliciosa beatitude e toda a sua inalteravel serenidade. A carta do meu amigo é simples — pelo menos tão simples como todas as coisas inumitamente complicadas. Vinte ou trinta linhas apenas, rapidas, nervosas, aflitivas, quasi telegraficas, cheias de melancolia, de tristeza, de ephemero, de depressão moral — e de bom francezismo: «Meu amigo—Hontem quando compunha, ao espelho, a minha gravata branca, para ir jantar com uma franceza loira, bonita, que conheci no «Maxim's»—olhei meus demoradamente para mim.

Estava então bem longe de supôr que só precisamente os espelhos e as mulheres que nos envelhecem sempre. Escuta. Atravesso um momento doloroso na minha vida e não tenho sequer forças para tomar sósinho uma resolução definitiva. Preciso do teu conselho, da tua bondade, do teu septicismo triunfante. Sabes? Estou quasi completamente calvo. Da minha linda cabeleira loira de outrora, já apenas resta uma poalha leve que mal me chega para fazer uma risca. Tu és calvo. Tu sabes que me não devia surpreender... Mas não sei bem... Não ha sequer um cabelo, nem um pelo sequer... Quero que me digas, que me aconselhes, que me apontes o caminho a seguir. Devo usar chinó como Garrett ou ficar lamentavelmente calvo como Sergio Pires, como Paulo Rosa, como d'Annunzio? Achas que será muito ridiculo, na minha idade, uma cabeleira postiça? Ou parece-te que devo continuar assim, até á hora da morte, velho, ridiculo, impertinente, calvo? Responde. Não te esqueças. O mais depressa possivel. Não sabes do caso desde ontem. Lembra-te de que a tal franceza loira e bonita está de certo olhada sem jantar, á minha espera. Adeus. Um grande abraço do teu amigo — S». Decididamente as grandes tragedias da existencia humana contem sempre tanto de futilidade—que nós somos levados a reconhecer que—a historia do mundo não é senão a historia dos infinitamente pequenos, das bolas de sabão, das cascas de laranja, dos grãos de areia, que ninguem vê, em que ninguem repara, ou que ninguem faz caso — e que só afinal por isso mesmo, na sua expressão aparentemente contraditoria, a imagem flagrante e eterna da vida humana. Pensei isto mesmo, ainda ha pouco, ao ler a carta confrangedora do meu amigo S. Como essa coisa tenuissima, que é o fio dum cabelo, pode conduzir uma excelente creatura, culta, feliz, elegante, viajada, a um barbaro elegante—a uma desesperação... a um sofrimento inutil! Não, meu amigo, não. Essa nuvem de colorosa tristeza que paira como um suplicio, sobre a tua calva branca e resplandecente, vai dissipar-se já e tu proprio vaes concordar comigo e reconhecer, com um sorriso, que estás, ha quarenta e oito horas, a soffrer a sugestão pueril duma creança—o que se não harmonisa bem nem com a tua idade, nem com o teu passado, nem—deixa-me dizer-te—com a tua calva. Ouve. Olham todos os calvos que passam as tardes pousadas, como flores, á porta da «Havaneza» e cujo espirito fragil o decrepito passa a magua inconfessada do o ser.

A calvicie, meus amigos, longe de significar, como muita gente supõe, uma doença que consiste duplamente na perda do cabelo e nas tentativas mais ou menos vagas para o adquirir—pelo contrario, apresenta apenas a afirmação da serenidade, da ponderação, da calma filosofia, qualidades eminentes e decisivas com que a natureza brinda apenas, como uma joia, as creaturas privilegiadas e se n as quais ninguem ainda triunfou, mesmo sem o divina loucura que é o amor. Dirão que sendo assim não é muito facil explicar o gesto desdenhoso, o repulsivo movimento, a quasi afrontosa atitude com que todos nós assistimos, sempre defronte um espelho, ao desabrochar tranquilo duma calva—e afinal a explicação não será dificil se nos lembrarmos que a calva assinala sobretudo o homem a aproveitar a vida e não na prazer que velha para ele tanto como o impenitente, o voluntoso prazer de a desperdiçar. Schopenhauer disse um dia: cabelos compridos—ideias curtas. E de facto Schopenhauer exemplificava sempre, com a maior naturalidade alemã, citando ingenuamente—as mulheres.

Dentro deste criterio absolutamente aceitavel—sobretudo para os homens—e chega, num abrir e fechar de olhos, á conclusão de que as ideias aumentam na razão inversa dos cabelos e de que os grandes filosofos, os grandes politicos, os grandes pensadores, os grandes artistas que, como não pode deixar de ser, naturalmente, academicamente, evangelicamente calvos. Por consequencia que vantagem ha em esconder, dentro duma cabeleira postiça, que não se sabe donde vem e não se sabe de quem é, precisamente aquilo que se deve mostrar a toda gente como um fôro, como uma pera, como um tesouro! E ate sob o seu duplo aspecto estetico e amoroso o valor ressumante da calva não é a dever não, antes pelo contrario, á mais linda cabeleira. Prova-o todos os dias o triunfo refulgente, estupendo, macisso dos «vieux» marcheurs. A tua calva, meu amigo, indica que só agora se abre para ti a porta de oiro da vida, e que só agora, também, tu que bebeste até a ultima gota a taça de todos os prazeres, vais reflectir, triunfar, viver. Não, não compres chinó. Ficarias com cabelo—que afinal não é teu. Depois a calva tão bem sentia vos, gens como te disse, sem «brague», sem ironia e sem graça. Perdão: tem um inconveniente — mordem-te as moscas. E afinal porque ouida—porque reconhecem nelas todas as qualidades doces, ternas, insinuadas, dum torrão de açucar. Felicito-te, meu amigo, e neste momento bebo á saude de ti e de todos os calvos como tu e que ao não deixar de lhes dizer que não ha nada melhor para conservar o cabelo—do que ser calvo.

Luiz d'Oliveira Guimarães

Conselho Supremo da Sociedade das Nações

O que diz Ishii

GENEBRA, 30.—A Agencia Havas diz que o visconde Ishii, no seu relatorio, lembra que os governos do Conselho Supremo se comprometeram solenemente a aceitar a solução que fosse recomendada pelo conselho da Sociedade das Nações. Por conseguinte o conselho tem o direito e o dever de assumir o papel em que são assegurados todas as liberdades e a autoridade desejaveis.

O visconde Ishii mencionará apenas alguns factos que se deram no plebiscito para indicar as dificuldades politicas e economicas existentes nas diferentes partes da Alta Silesia.

O conselho terminou declarando que se pronunciará sobre o processo e auxiliar num espirito de paz um regulamento o que satisfaça.—(H).

Scena de pugilato

entre os srs dr. Joaquim Manso e Machado Santos

Deu-se esta tarde uma scena de pugilato entre o sr. dr. Joaquim Manso, director do nosso colega «Diario de Lisboa» com o sr. almirante Machado Santos, em virtude dum artigo ontem publicado naquele jornal.

As dividas da Alemanha

A França reindivica os seus direitos

PARIS, 30.—A comissão de Finanças da camara dos deputados, reunida hoje, emitiu por unanimidade o parecer de que a estipulação de Versailles seja exercida, cobrando o que é por vencer na partilha do primeiro bilião alemão, visto que as minas do Sarre constituem apenas a reparação das minas que foram destruidas no norte da França e não podem figurar na conta dos gastos de ocupação. A mesma comissão foi tambem de parecer que a importancia de 52 biliões reclamada pela Belgica devem compreender as reparações devidas aos aliados por ela.—(H).

Os direitos da Mulher

O Uruguay confere á mulher direitos iguais aos do homem

BUENOS AIRES 30.—O presidente da Republica do Uruguay, com o membro duma Comissão especial, apresentou um projecto relativo ao reconhecimento dos direitos politicos da mulher, cujo forte dispositivo consiste em reconhecer ás mulheres os mesmos direitos e obrigações que as leis eleitorais estabelecem para os homens, e conferir-lhes direito ao voto, tanto em materia nacional como municipal.—(C)

Notas politicas

A CRISE

Não houve sessão nas duas camaras do Parlamento. E' natural.

O governo, recentemente constituido, necessita de algumas horas para elaborar o seu programa e só depois disso é que pode apresentar-se aos representantes do povo.

A falta de numero foi, pois, um expediente empregado pela maioria para evitar a conhecida e vulgar exclamação das minorias:

—Então o governo? Onde está o governo?...

Na Camara dos Deputados pensou-se, a dado, em suspender a sessão até ás 16 horas, calculando-se que o gabinete Granjo poderia, a essa hora, fazer a entrada habitual, em magestosa bicha, na sala sumptuosa da augusta assembleia. Mas o sr. Presidente da Camara, pouco acomodado ás idéias dos liberaes, preferiu encerrar a sessão, marcando a seguinte para amanhã. Foi, com certeza, melhor.

Principalmente para nós, afadigados jornalistas, que ganhamos honestamente um feriado.

Quanto á constituição do governo, no que respeita, em especial, ás pessoas que o compõem, a variedade del ido a maioria, que vê representadas as tres nuances do partido. Os evolucionistas e unionistas equilibram-se. Por este lado tudo parece bem arranjado. E obedece-se ás indicações da reunião liberal de outem, onde se acentuou que para destruir intrigas, era indispensavel um gabinete prudentemente constituido.

Os democraticos é que não estão satisfeitos. O governo Barros Queiroz era-lhes, com certeza, mais grato. A nomeação do sr. Freitas Soares, director da Aviação Militar, no governo provocou-lhes alguns reparos. Mas, mesmo entre os democraticos, o ilustre oficial tem quem o defenda:

—Que ha a censurar, fundamentalmente, ao sr. Freitas Soares? E' verdade que colaborou na qualidade de chefe do gabinete com o sr. Tamagnini Barbosa, mas organisou com energia, inteligencia e sem espirito-pris, a defeza da Republica contra Monsanto.

Isto é assim mesmo. Fomos testemunha.

Quanto aos reconstituintes a sua atitude será de franca oposição, conforme as declarações oficiais; na realidade o que os desses politicos não será senão da do Ingleza vez, eguectura o governo Granjo como apararam o gabinete Barros Queiroz. E' natural, porque ele julgam que mais lhes convem...

Para ministro da agricultura está indicado o sr. Aboim Inglez, que foi chamado telegraficamente do Alemtejo. Cremos que a pasta de agricultura não será grata ao espirito do sr. Aboim Inglez, o que melhor lhe iria, segundo dizem os seus mais intimos amigos, a do comercio. Em todo o caso dá-se como certo que o sr. Aboim Inglez não desprezará a distinção que lhe preparou e distribuiu e sr. Antonio Granjo.

O sr. Ferreira da Rocha recusa fazer parte do governo

O sr. Ferreira da Rocha, leader liberal na camara dos deputados recusou a pasta das colonias que lhe foi distribuida pelo sr. Antonio Granjo. Pensou-se em modificar a constituição do governo por forma a que o sr. Ferreira da Rocha entrasse noutra pasta que não na das colonias, mas o ilustre parlamentar acabou por declarar que não entraria no governo, alegando, como motivo da recusa, a necessidade imprescindivel de se ausentar de Lisboa para tratamento da sua saude. O sr. Antonio Granjo teve de se resignar, assumindo interinamente a gerencia da pasta das colonias.

O decreto de nomeação do novo ministerio

O «Diario do Governo», em suplemento, insere o seguinte decreto:

«Usando da faculdade que me confere o n.º 1.º do artigo 47.º da Constituição Politica da Republica Portuguesa: hei por bem nomear os cidadãos Antonio Joaquim Granjo, Raul Lelo Portela, Antonio Vicente Ferreira, Antonio Maria de Freitas Soares, Ricardo Pais Gomes, João Carlos de Melo Barreto, Francisco José Fernandes Costa, Manuel Ferreira da Rocha, Antonio Ginestal Machado e Júlio Ernesto de Lima Duque, respectivamente, presidente do Ministerio e ministro do Interior, ministros da Justiça, Finanças, Guerra, Marinha, Negocios Estrangeiros, Comercio e Comunicações e interino, da Agricultura, Colonias, Instrução Publica e Trabalho.

Paços do Governo da Republica, 30 de agosto de 1921.—*Antonio José de Almeida*.

Na Alemanha

A Republica-imperial em perigo

BERLIM, 30. — Os jovens socialistas declaram a republica em perigo. O governo censura os jornais reacionarios e prepara um decreto de expulsão contra os Hohenzolerns e os generais que maior propaganda fazem da politica de «revanche» (capital).

Porque não aceitou o sr. Ferreira da Rocha a Pasta das Colonias

O sr. Ferreira da Rocha não aceitou a pasta das Colonias por ser pretendente no logar de auditor das colonias, cujo concurso se vai realizar

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Antagonismos profissionais

Os desvarios da Igreja -- Os Indices dos livros proibidos --O pulpito e os sermões-- Surge a Reforma -- Damião de Goes e a Renascença

Sem a já longa dissertação que temos vindo a fazer, relativa ao estado da sociedade portogueza, desde o seculo XV até aos fins do imediato, seria absolutamente impossivel surpreender as causas por que nos diferençamos dos outros povos do norte da Europa na indolencia, no retraimento das iniciativas industriais e neste quasi desdem e aversão pelas profissões e pelo trabalho.

As alucinações do fanatismo que a Igreja vinha de longe alimentado para melhor realisar o seu almejado, predominio espiritual e temporal, muito contribuiram para nos conduzir á maior ruina, precisamente no momento em que atingiamos ás maiores culminancias da gloria.

Não partiram de Portugal os abusos a que a Igreja se entregava no exercicio das suas ilimitadas prerogativas. Era do centro—Roma—que o mal se alastrava para a periferia, atingindo-nos por incidencia.

O mal estendera-se por toda a Cristandade, onde a noticia das prevaricações irritava.

Em Portugal mesmo, apesar de ser um dos maiores baluartes do fanatismo no seu tempo, fora sabido com indignação, embora tarde, que no papado de Alexandre VI a desenvoltura chegara ao auge da petulancia.

O desregramento da Igreja, não obstante ver-se alvo de ataques, não menos violentos do que audaciosos, iniciados na Alemanha e estensivos a quasi toda a restante Europa com o nome de Reforma, assumiu a maior intensidade.

Vendiam-se escandalosa e abusivamente indulgencias. Para lhes garantir maior consumo, a Igreja inventava penitencias, pecados e absolvições.

Procurava o povo furtar-se a estas imposições. Parece mostral-o um proverbio daquele tempo—«achaques á quaresma para não jejuar» — que em mais de um autor coevo temos visto citado.

Tambem se publicavam bulas e breves ofensivos do decoro e da dignidade humana, o que levou o Rei Venturoso a escrever para Roma, pedindo que se puzesse cobro a tanto impudor.

Proibia a Egreja o curso de certos livros, por intermedio da Camara do Santo Oficio (1), mas logo abria escandalosamente excepção odiosa, em virtude da qual se tornava licito lêl-os mediante Bulas especiais!

Com efeito o papa Paulo IV concedeu licença ao Cardeal D. Henrique e aos mestres e doutores em teologia para lerem todos os livros proibidos (2), não sendo este caso unico, pois muitos outros poderiamos citar.

Por esse tempo já o convencionalismo doentio fructificava, como nos seculos mais modernos.

Os sermões chegaram a assumir fóros de loucura em Portugal. Faziam-se sermões em prosa e em verso, jocosos e dramaticos, sagrados e profanos.

O pulpito substituia as Gazetas que ainda não se tinham inventado. Pelos sermonarios fradescos vê-se que no pulpito se celebravam os anos dos fidalgos, os milagres daqueles que viviam em cheiro de santidade, as melhoras dos grandes despotas da epoca, e tambem ali se alimentavam as crendices do povo (3). Era ali que se rendiam graças pelas grandes carnificinas da intolerancia, como a dos Huguenotes, São Bartholomeu e outras.

Com o desenvolver da Reforma desabrochara o mundo para a sciencia que se foi tornando viavel nas suas aplicações praticas á industria, graças ao advento de sabios ilustres, como Copernico, Tycho-Brahe, Kepler, Galileu, por mais não citar, em concorrencia com a obra do livre-exame, em que se distinguiram Luthero, Zwinglio, Melanchton, Calvino, Thomas Munsen, João Meller e tantos outros cuja propaganda fructificou, devido ás antecipações do progresso.

Com efeito a invenção da polvora vibrara um golpe decisivo na Cavalaria Andante que depois Miguel Cervantes com o seu imortal D. Quixote de la Mancha prostou para sempre.

A descoberta da Bussola, logo seguida do aperfeiçoamento do astrolabio pelo nosso celebre matematico Pedro Nunes, abriram o caminho ás grandes navegações que permitiram a expansão dos povos e descentralisação das novas ideias que despontavam.

Deixava a arte da gravura em madeira antever os novos horisontes da Imprensa. A polvora trouxera á humanidade um poder que parecia sobrenatural. A bussola entregara-nos novos continentes e a imprensa legislava sobre os destinos definitivos do progresso, fazendo que nenhum conhecimento adquirido caisse mais no esquecimento ou ficasse represado nas celulas dos conventos.

O invento de Guttemberg viera mostrar a necessidade do papel que depressa substituiu o uso do pergaminho. Ao tipo movel em madeira, seguiu-se o tipo fundido. E assim, de invenção em invenção, tanto se facilitou o uso das letras, que o livro teve de baratear, tornando-se, numa consoladora generalisação, o opanagio de todos—pobres e ricos, servos e senhores, piões e cavaleiros.

Assim ficou dado um dos maiores passos que a Historia registra no caminho da civilisação.

Nem os Indices Expurgatorios, nem as apertadas censuras e licenças de imprimir, nem as deliberações violentas do Concilio de Trento, nem tantas outras medidas de rigorosa perseguição, propostas pelo obscurantismo, conseguiram mais neutralisar o efeito geral e benefico das mais fundamentais invenções modernas que ao seculo XVI fôra dado achar.

A todo este grandioso movimento de emancipação foi Portugal completamente estranho. Do anterior movimento da Renascença, iniciado na Italia, donde irradiou para a restante Europa, ainda cá nos chegaram alguns clarões.

E' que na lucta que vinha travada entre teologos e humanistas, venceram estes que franca e intemeratamente avançavam para os novos horisontes apontados pela victoria do Livre-Exame.

A arquitectura manuelina atesta-o claramente. O nome glorioso de Luiz de Camões confirma-o, tanto como o de Sá de Miranda, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro e quantos mais.

Damião de Goés, tendo viajado pela Europa ao serviço de D. João III, deixava-se eivar do grande espirito da Renascença. Como presentes, enviou á Igreja do N. S. da Varzea em Alenquer, donde era natural, a um nuncio do Papa, a D. Sebastião, á rainha D. Catharina (1544) e a outras entidades, inumeras obras de arte, quadros, bustos, etc.

A sua casa já fazia naquele tempo lembrar um «atelier de arte», na moderna acepção da frase, como consta do processo que a Inquisição contra ele moveu (4), onde se lê:—«por os muitos e excelentes retabulos que o Reo tem no seu escritorio» —tão importantes que as pessoas reaes os foram ver e admirar.

(*Continúa*).

Ladislau Batalha

(1) *Index librorum proibitorum.*
(2) Torre do Tombo—*Coll.* de Bulos do Santo Oficio—Maço I 242.
(3) Pode ver o vol. III dos Sermões de Fr. Manuel Gouveia e seg.
(4) Arch. Nac. *apud* Annaes das Sciencias e das Letras.—1858—p. 263.

Festivál na Amadora

No elegante salão de festas dos Recreios Desportivos d'Amadora, realisa-se amanhã, 31 um espectaculo promovido pela Troupe Dramatica Portugueza (sociedade artistica) de que fazem parte os actores Raul Cabral, Diogo Teixeira, Pita Simões, Januario Silva e Victor Cruz, e as actrizes Leopoldina Veloso, Mariana Simões e Julia Pinto. Representa-se a engraçada comedia em 3 actos «Casa do Doidos» e um acto de variedades em que será cantado o Prologo dos «Palhaços», a canção do Toureador da «Carmen», Canções Portuguezas e Fados por toda a companhia.

VIDA SPORTIVA

BOX

As reuniões mixtas

Varias vezes temos abordado o assumpto das reuniões mixtas e definido o seu principio, sempre que os amadores saibam escolher sensatamente as organisações em que colaboram.

Ainda ultimamente, a proposito dum mal inspirado artigo do *Sport de Lisboa*, fizemos referencias ás organisações mixtas, exemplificando a sua necessidade com o que se faz em França.

Dum comunicado oficial da Federação Franceza, sobre a participação dos amadores em organisações profissionaes, traduzimos o seguinte:

«A Federação Franceza de Box decidiu conceder todas as facilidades, particularmente ás Sociedades da provincia, que são menos favorecidas que as Parisienses pelas suas organisações. A Federação examinará os seus pedidos com toda a boa vontade possivel, etc., etc.».

Repetimos, portanto, que só beneficio virá para o box das organisações mixtas.

Não vemos razão de especie alguma para a irritabilidade de certa imprensa duma prodigalidade pasmosa *em desfazer*.

A Federação Portugueza de Box que entrou francamente numa fase de grande actividade não deixará de pôr a questão no seu devido termo.

A sua intervenção é indispensavel para que se evitem possiveis abusos.

Os amadores do Algarve

Continuam-nos a chegar os depoimentos sobre o metodo algarvio de organisações de amadores.

Não nos move a mais leve má vontade contra os boxeurs do sul.

Em vista, porém, das inumeras afirmações que nos teem sido feitas, somos forçados a estranhar o processo adoptado com os ditos amadores do Algarve.

Não conhecemos a explicação porque os boxeurs algarvios, que se dizem amadores, estão habituados a partilhar dos lucros das provas em que tomam parte.

O caso é que esta verdade parece incontestavel, e sendo assim todos esses homens teem que ser considerados por nós como profissionaes. Disto não ha que fugir.

Desde que um homem consiga lucros num combate em que tome parte, sendo esse encontro para beneficio de terceiros, esse homem é, á face da nossa—e de todas — regulamentação, considerado profissional.

De certo a Federação não deixará de cuidar deste assumpto, tanto mais que no campeonato d'*O Seculo* estão inscriptos concorrentes algarvios, por ventura alguns dos quais pertencem ao numero dos *amadores*.... pagos.

A proposito deste campeonato devemos dizer que estranhamos, que tendo o referido jornal noticiado que os Regulamentos foram aprovados pela Federação, não se tem até aqui tocado na sancção oficial dos inscriptos.

Quer-nos parecer, porém, que o caso não é para desprezar, sobretudo pelo motivo que acima notamos.

E' duma grande responsabilidade que os clubs deixem os seus concorrentes tomar parte numa prova, sem garantia dos competidores.

Repetimos que não nos move a menor má vontade seja para quem fôr, mas não podemos deixar sem reparo questões que reputamos de toda a gravidade para o sport.

Pelo estrangeiro

E' transferida a data de campeonato de Inglaterra pesos-pesados.

Foi transferida de 10 para 12 do proximo Setembro, a data em que Beckett porá o seu titulo em jogo contra Mac Carmick, campeão da Inglaterra dos «meios-pesados».

Os possiveis adversarios de Dempsey

Tex Richard não descança. Parece que a sua idea continua a ser a organisação do match desforra Williard-Dempsey.

Por outro lado diz-se que M. Murray, conseguiu a assinatura de Dempsey para um encontro com Bill Breman ou Tom Gibbons.

Time.

FOOT-BALL

ALHANDRA.—Realison-se em Vila Franca um desafio de foot-ball entre o Sport Club Maritimo daquela vila e o Grupo de Foot-Ball do Parque Aeronautico de Alverca, que fazia a sua estreia.

Fomos lá para ver o jogo do back esquerdo do Maritimo, que é regular, com muitos falhanços, que poderiam prejudicar bastante o seu Grupo, se a linha de avanço adversaria fosse mais energica e combinasse.

O jogo decorreu monotono e sem interesse e dos jogadores ha apenas a salientar pelo bom jogo desenvolvido o Back esquerdo do Parque, que nos pareceu um jogador de futuro; Julio, que apesar de deslocado do seu habitual logar, jogou regularmente, não sendo mais proveitoso o seu trabalho por não ter quem o ajudasse; Pico jogou bem; pena foi que tivesse abandonado o campo a meio do jogo, o que alem de anti-sportivo e de muito mau efeito num Grupo que se apresenta pela 1.ª vez em campo e onde ha meia duzia de socios que se esforçam para que o grupo progrida; Pedroso, regular, Geada trabalhador.

Do Maritimo destacou-se Sant'Ana pela maneira acertada como jogou; Rabuço pelo belo trabalho que desenvolveu e Caçalho pela brutalidade que empregou durante todo o desafio, querendo deste modo suprir as qualidades de jogador que lhe faltam.

Os restantes fizeram o que puderam.

O desafio terminou pela victoria do Maritimo, por 4-2.—C.

Varias Noticias

O «Red Star», campeão de França, rejeita um convite do «Sparta» de Praga

O «Sporta» convidou o «Red Star» de Paris, campeão de França, a visitar Praga, durante a proxima primavera.

Os parisienses recusaram a oferta, alegando que, por assuntos de profissão, era impossivel a alguns dos seus melhores jogadores dispor de tempo para tão longa viagem.

A tal objecção contestaram os tchecos, oferecendo-se a pagar a viagem de ida e volta em avião aos jogaderes indicados. A viagem de Paris a Praga, em taes condições, não dura mais de seis horas.

Portuguezes em Franç

O Foot-Ball Club do Porto foi convidado a visitar a França, no proximo Natal, afim de jogar alguns matches em Paris e Rouen.

Os belgas triunfam em França

Inaugurando a sua temporada oficial em Roubaix, o Racing Club Roubaisien foi batido, por 3 goals a zero, pelo team belga do Racing Club de Gand.

Os austriacos continuam triunfando na Suecia

Em Malmol, o «Rapid», de Viena, venceu um team sueco por 8 goals a zero; em Stockholmo, o «Wiener Amateur» venceu o «A. I. K.», varias vezes campeão da Suecia, por 3 goals a zero.

Os campos de foot-ball para a Olimpiada de 1924

Os elementos organisadores, em Paris, da proxima Olimpiada, designaram já quatro campos que julgam necessarios para os torneios de foot-ball, que são: Stadium Pershing, o de Colombes, o do Red Star (reformado) e o que se construirá no novo Stadium em projecto.

NO BRAZIL

Classificação atual do campeonato do Rio Janeiro

O campeonato do Rio de Janeiro está atualmente com a seguinte classificação:

	J.	V.	E.	D.	P.
Bangu.......	7	4	2	1	10
Flamengo....	7	3	3	1	9
America.....	7	3	1	3	7
S. Cristovão.	7	2	2	4	6
Andarahy....	8	2	2	3	6
Botafogo....	5	1	3	1	5
Fluminense..	7	2	1	4	5

Palcos particulares

Academia Recreio Artistico

Alheado dos Grupos de Recreio, onde os Grupos Dramaticos pontificam, tenho sempre relutancia em ir presenciar «O paralitico», ou a «Ceia dos Cardeais» por temer que seja atingido nos assassinios perpetrados. Ontem fugi á regra. Estava no programa da récita, desta modesta colectividade, a representação a linda peça de Julio Dantas, «Rosas de todo o ano».

Nunca no teatro profissional uma peça foi tambem montada como a que vi. Os efeitos da luz electrica, a lindeza do scenario, a marcação correta, guarda-roupa impecavel e desempenho soberbissimo, tiveram o condão de empolgar a plateia que rompeu no final numa ovação merecidissima a tão distintas amadoras.

A's ex.mas srs. D. Estefania Silva, uma amadora que no teatro seria uma grande actriz, e a D. Clemencia Domingues elemento de incontestavel valor, apresento os meus calorosos cumprimentos.

Seguiu-se a comedia «As Andorinhas» que ia redundando em «bexigada» derivado do mau trabalho do centro e da creada. O amador que interpretou o marinheiro foi felicissimo. O galã vestindo muito bem e dispondo dum «muito á vontade» teve um bom trabalho. D. Estefania Silva que teve as honras da noite deliciou a plateia com um trabalho muito diferente do primeiro. E' uma verdadeira artista.

Veem pois os meus leitores que para um critico exigente, a critica é favoravel aos amadores não podendo contudo poupar agora no final, uma pequena referencia á plateia do mesmo Club que se tornou indigna de pessoas que se dizem educadas.

O pior que em Africa.

Justus

Os combates de ante hontem no Stadium

O publico vae afluindo ás festas de box, correspondendo assim ao esforço dos organisadores que tem preparado excelentes programos. A festa de ante hontem no Stadium constava de 3 combates que se previam bons dado os boxeurs que neles tomaram parte.

O primeiro combate foi o melhor Faustino e Chassagne sustentaram 10 rouds de verdadeira batalha. Ambos se empregaram a fundo para conseguirem o Knock-out, mas a victoria decidiu-se aos pontos a favor de Faustino Pereira, que se apresentou em explendida forma, cheio de coragem e energia.

Chassagne, como no anterior combate, cobriu-se muito bem, mas chegou, apesar disso, a estar Knock-down, e algumas vezes em perigo. No final do match, Faustino, ainda que estivessem sabendo o que fazia, tinha perdido um pouco do punch, pois que do contrario teria posto fora de combate o adversario, que se mostrou sempre corajoso.

Ultima Hora

A posse dos ministros novos e a despedida dos outros— Uma frase do sr. Antonio Granjo

As posses ministeriais realisaram-se com o cerimonial do costume, já banal á força de se repetir amiudadamente: elogios, abraços ternos, sorde aos apertos de mão, tudo acompanhado de palavrinhas doces:

—Muitas felicidades...

—Comprimentos a V. Ex.ª...

—Eu não sou correlegionario de V. Ex.ª, mas muito espera o paiz...

—Se V. Ex.ª, em qualquer ocasião, necessitar dos meus serviços...

Etc, etc.

Os ministros respondem com frases feitas, impacientes por ver terminada a estopada.

Uma frase...

No ministerio das Finanças, a quando da posse do sr. Vicente Ferreira, é que parece ter-se sahido um pouco fora do protocolo.

O sr. Barros Queiroz afirmou a sua solidariedade com o novo ministro; este respondeu que contava com ela e que, nos seus estudos, iria procurar a inspiração realisadora na obra do sr. Barros Queiroz. Até aqui, muito bem. As praxes não foram violadas.

Mas o sr. Antonio Granjo, por entre os mais expressivos elogios ao passado do sr. Vicente Ferreira, foi dizendo que lhe daria toda a força do governo, «sem prejuizo, é claro, do meu criterio», foi acrescentou. Se o sr. Vicente Ferreira ouviu, fez que não ouviu. E pode ser que a frase não valha nada.

Cumprimentos ao chefe do Estado

Todo o ministerio esteve no Paço de Belem a cumprimentar o sr. Presidente da Republica e a prestar o compromisso de honra.

Uma conspiração na Amadora?

Deligencias militares, com apreensão de armamento

Ontem á noite passou-se qualquer coisa de anormal na ridente Amadora sportiva.

Não foi o «foot-ball» que fez a dilicia dos habitantes; a pacifica povoação tomou, por momentos, o aspecto duma praça de guerra, as tropas escalonadas nas ruas, vedetas vigiando as embocaduras, gritos de «quem vem lá?» aos raros transeuntes, um pouco estrumunhados pela hora matutina.

Afinal, pouca coisa se apurou.

Foi cercada uma casa, a do antigo regedor Camilo.

Fez-se cuidadosa busca domiciliaria.

E depois de duas horas de espectativa apurou-se que o indigitado conspirador (porque, segundo se dizia, houvera denuncia de «complot») possuia duas espingardas e uma carabina, armamento que foi apreendido.

A policia deteve o sr. Camilo, para averiguações.

E foi tudo.

Asilo Maria Pia

Um protesto

O pessoal do Asilo Maria Pia, veiu á nossa redacção declarar que estão inteiramente solidarios com o director do mesmo asilo, o sr. Augusto Cesar dos Santos, na questão que veem travando alguns membros do professorado do mesmo asilo, relativa á suposta incompetencia do mesmo senhor, assim como proposito de algumas irregularidades que os comissionados afirmam não ser verdadeiro.

Algumas notas biograficas dos novos ministros

O sr. Raul Portela, novo ministro da justiça, é deputado pelo circulo de Vila Rial e natural de Santa Maria de Penaguião. E' bacharel formado em direito. E' ministro pela primeira vez.

O sr. Vicente Ferreira é tenente coronel de engenharia. Foi ministro das finanças num governo a que presidiu o sr. Duarte Leite. Foi sempre unionista. Passou por ser homem energico, dificilmente amoldavel ás ideias dos outros. A sua entrada no governo obedeceu á imposição do directorio do partido.

O sr. Freitas Soares é tenente-coronel de cavalaria com o curso do Estado maior. Fez um curso muito distincto, apesar das dificuldades materiais com que lutou sempre. E' finalmente, um homem que se fez a si proprio. Possue uma energia fria, de raciocinador. A sua afabilidade, quando foi ministro pela primeira vez, jamais esqueceu nos jornalistos que o conheceram.

Salão Central

Adeus juventude

E' uma das melhores peliculas que tem aparecido nos ultimos tempos. Para isso não só contribue as novidades que apresenta, como a vivacidade das suas principaes passagens, num meio de estudantes, e ainda pelo desempenho maravilhoso das suas principaes interpretes, as gloriosas artistas Maria Jacobini e Helena Makowska.

Hoje é a sua ultima exibição, visto que amanhã, se estreia na «matinée» a fita em 5 actos «O enigma da casa em frente».

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21,15—«A Vida dum Rapaz Pobre».
S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21,30 h.—«O celebro Pina».
AVENIDA—A's 21,30 h.—«Pedro o Cruel».
POLITEAMA—A's 21,30 h.—«A Rainha do Fonografo».
APOLO—A's 21,30 h.—«A' procura do badalo».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—ás 21,30 «Depois do Degredo».
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Sarah Ribeiro da Cunha

FALECEU

João Augusto Ribeiro da Cunha, Cristina Augusta da Cunha, Alvaro Ribeiro da Cunha e sua esposa, Virgilio Ribeiro da Cunha, Mario Ribeiro da Cunha, Amilcar Ribeiro da Cunha, Virginia Augusta da Cunha e seus filhos, Emygdia Adelaide Pinto e seus filhos, Maria Justina da Cunha e sua filha, e mais familia cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida e chorada filha, irmã, sobrinha, cunhada e prima e que o seu funeral se realisa amanhã, 31, ás 14 horas, da calçada do Cascão, 5, 2.° (Caminho de Ferro) para o cemiterio Oriental, Alto de S. João. Não se fazem convites especiais devido ao estado de consternação em que se encontram.

A CAPITAL

3974 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA—Quarta-feira, 31 de Agosto de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298—Endereço teleg...

Preço, 5 centavos

O nosso exercito

Na cerimonia da posse do novo ministro da guerra pronunciaram discursos de saudação ao sr. Freitas Soares tanto o seu antecessor naquela pasta como o sr. presidente do ministerio demissionario. Encontramos nesses discursos afirmações que se nos afigura não devem passar sem reparo, como de resto não passaram desapercebidas ao sr. Freitas Soares, porque nas respostas que deu a esses discursos implicitamente as comentou e rebateu.

Que disse o sr. Silveira? Disse estar certo de que o sr. Freitas Soares irá resolver o que o antigo ministro da guerra chamou o problema da disciplina e da limpeza do exercito, acrescentando mesmo que nessa empresa se empenhava, para que o exercito desempenhe com eficacia a sua missão.

Que disse o sr. Barros Queiroz? Disse que é necessario republicanizar o exercito e reorganisar os seus serviços, acrescentando que ha exercitos cuja organisação custa muito dinheiro, mas pouco de util fazem para os seus paizes, ao passo que outros, custando muito menos, dão resultados apreciaveis.

Eis aqui o que encontraram para dizer do nosso exercito o homem que ainda ha pouco tinha a honra de estar á sua frente e o que presidia ao governo a que esse ministro pertencia e assim veio sancionar as suas atitudes, os seus gestos e as suas palavras.

Dá vontade de perguntar a alguem se estava ali tratando efectivamente do exercito portuguez, esse exercito ao qual a Patria deve a ressurreição do seu prestigio no mundo e a republica a sua salvação em dias tragicos de janeiro e fevereiro de 1919.

Seria, com efeito, ao exercito portuguez que aludiriam esses dois homens? Seria ao exercito em cujas fileiras batalharam os soldados desconhecidos, cuja apoteose redundou na apoteose nacional? Seria ao exercito de cujo esforço nós tirámos a nossa razão de existencia? Seria ao exercito que foi o artifice da nossa gloria, essa gloria de que só não poderão orgulhar os maus portuguezes?

Seria ao exercito que ainda é a classe da nação a que se não pode atribuir a obra de ruina em que outras classes largamente teem participado, pela sua ganancia, pela sua ambição, pelas suas especulações ou pelo seu desleixo? Seria a essa classe onde o oficial mal ganha para viver, e que nunca puxou da espada para exaurir, com as suas reclamações, os cofres do tesouro? Seria do exercito da Republica que repeliu as incursões monarquicas, que entrou na guerra mundial, ao lado das nações que pugnavam pela democracia universal, que teem sido sempre o muro de aço onde teem esbarrado os ataques, as traições e as ciladas dos inimigos das instituições?

Custa a acreditá-lo, porque ainda não ha muito todos os poderes da Republica prestaram a sua homenagem a esse exercito, sendo acompanhados, em tal homenagem, pelos representantes dos exercitos estrangeiros, entre os quais avultavam as duas grandes figuras militares do marechal Joffre e do generalissimo Diaz.

Respondendo aos srs. Silveira e Queiroz, teve o sr. Freitas Soares ocasião de acentuar, por seu turno, que se o nosso exercito alguma cousa contava de mau é preciso não esquecer que semelhante facto só pode ser devido á circunstancia dele ser o reflexo da sociedade em que vivemos. Tem razão o sr. Freitas Soares; isso porém, não autorisa pessoa alguma a dizer que o nosso exercito não dá resultados apreciaveis, ou a afirmar que ele se encontra tão sujo que necessite duma limpeza radical.

Chama-se em França, ao exercito, o «grande mudo», porque ele não tem a faculdade de se defender, e tão impassivel deve mostrar-se perante os louvores como perante os ultrajes. Mas o exercito tem o direito de esperar que alguem o defenda, porque, se assim não fosse, no seu coração soçobraria toda a noção de justiça, ao ve-la postrejada por uma forma tão dura e tão hostil.

A CRISE MINISTERIAL

O sr. Ferreira da Rocha aceitou a pasta das colonias para que tinha sido convidado, devendo tomar hoje posse

A crise ministerial está definitivamente resolvida, apesar dos jornais da manhã terem noticiado que o sr. Ferreira da Rocha não aceitava a pasta das Colonias para que fôra convidado, alegando que esse cargo era incompativel com o do auditor da fazenda das colonias a que ha tempos concorreu.

Tambem nos constou que o sr. Aboim Inglez aceitara finalmente a pasta do Comercio, depois de muito instado pelo sr. dr. Antonio Granjo, apesar de alguns jornais que se consideram mais bem informados, afiançarem que o sr. Inglez recusará categoricamente o alto cargo de ministro, desculpando-se com o seu precario estado de saude e os muitos afazeres com que a sua vida de industrial o sobrecarregavam.

Sobre estes assuntos procurámos informar-nos, e esta manhã tivemos a fortuna de deparar-mos no Chiado com o sr. Ferreira da Rocha.

Os cumprimentos do estilo e logo apoz esta pergunta:

— Então v. ex.ª sempre aceita a pasta das colonias?

— E' verdade — diz-nos o ilustre parlamentar — a estima que me liga ao dr. Antonio Granjo forçou-me a aceitar o cargo de ministro das colonias.

«Já hoje enviei a minha renuncia ao logar de auditor, de fazenda das colonias, para que tinha sido ha pouco tempo concorrido.

—E' mais um sacrificio!—insinuámos nós.

—A acrescentar a tantos outros!... E afinal não havia a necessidade imperiosa de que fosse eu o escolhido para esse cargo, havendo tantas outras e distintas individualidades com mais competencia e merecimento do que eu para o desempenho desse logar.

—Mas parece que o sr. dr. Granjo tinha dificuldade em encontrar quem quizesse ocupar tal cargo?...

—Não acredito—diz-nos s. ex.ª—e se encontrou essa dificuldade, foi ela devida unicamente ao facto de me terem indigitado para ministro das colonias, sem me terem ouvido primeiro.

—Já se tem visto... V. ex.ª já tem algum programa formado para os trabalhos que vai efectuar na pasta das colonias?

O sr. Ferreira da Rocha hesita um momento:

—Não, não tenho. E v. sabe que não é em meia duzia de dias que se consegue remodelar qualquer serviço nas colonias! E' preciso dar tempo ao tempo. Nada de pressas nem de precipitações, valendo mais fazer menos mas com utilidade e critério.

—E sobre as desinteligencias criadas entre o sr. Celestino de Almeida e o alto comissario em Angola?

—Nada sei oficialmente—responde o sr. Ferreira da Rocha—o regimen dos altos comissarios continuará a ser mesmo, pois não tenciono começar com reformas e a desfazer o que os meus ilustres predecessores fizeram.

POR TERRAS DE ALEM

O tratado yanquee-alemão embaraça os aliados.—Quem provocou a guerra?—O que vai pela India

Já foi assinado o tratado de paz entre Alemanha e Estados Unidos. Resta a ratificação do Senado americano e do Reichstag alemão, o que provavelmente não oferecerá duvidas.

Consequentemente vão retirar do Reno as tropas americanas de ocupação, e reatar-se todas as relações de amisade e comercio, que prometem, ficar mais intimas do que antes da guerra.

Por isto principia a seria preocupação dos antigos Aliados principalmente a França, que veem passo a passo ir-se realisando uma desagregação politica que muito favorece a futura restauração germanica.

O principal motivo de preocupação dos Aliados reside nos considerandos preliminares e na renuncia que os Estados Unidos fazem ao consignado na primeira, segunda, terceira e setima Partes, e na quarta até ao paragrafo 1.º do Tratado de Versailles que de facto os Americanos não chegaram a ratificar.

Os yanquees, talvez inspirados nos intuitos superiores das bases em tempo propostas por Wilson, aceites em principio, mas esquecidas de facto, foram de uma grande generosidade. O tratado em nada se parece com os horrores do pacto Slavo-germanico de Brest-Litowski, nem com as imposições vexatorias até ao inexequivel, consignadas no pacto leonino de Versailles.

Os yanquees renunciam as indemnisações e anexações, e nos tres artigos do tratado concedem á Alemanha meios de trabalhar e produzir.

Daqui surgiram tambem duvidas sobre a interpretação a dar a este gesto. Quere-se estabelecer que a dispensa de anexações e indenisações da Alemanha, implica o reconhecimento da sua não-culpabilidade na grande guerra mundial, o que poderá muito logicamente invalidar ou pelo menos entibiar a execução e cumprimento das clausulas de Versailles.

Donde virá esta eterna preocupação de renovar a velha discussão ácerca dos culpados da guerra?

Haverá o espirito de esclarecer os futuros historiadores, ou recear-se-ha que venha a evidenciar-se que as causadoras do tremendo conflito foram Inglaterra e França que com a paz estavam perdendo, e não a Alemanha que a paz ia tornando vencedora, na grande contenda internacional da competencia e supremacia?

Seja como fôr, para os Estados Unidos da America parece não haver a menor hesitação, porquanto no tratado declara-se que o kaiser não é por fundamento algum, merecedor de castigo, reconhecendo-lhe, portanto, a irresponsabilidade.

E' esta a verdade? Será o contrario?

Enquanto sobreviverem alguns dos protagonistas mais em evidencia durante a ultima grande hecatombe militar, a historia não se fará, porque a isso se opõe o embater dos interesses e o digladiar das paixões humanas.

Só os historiadores do futuro, quando friamente fizerem a critica de todos os documentos dos arquivos e da imprensa mundial, pronunciarão o «veredictum» definitivo.

Origens do mal-estar da Europa — Os sonhados perigos internacionais — A lucta da Aliança

Não é agora a primeira vez que a Alemanha lucta com dificuldades para a sua reintegração etnica. Depois da guerra dos sete anos ficara ela mais dissociada do que hoje. As revoluções tornaram-se por esse tempo periodicas.

Foi a confederação do Reno a que abriu os caminhos á Grande Confederação Germanica que só a guerra franco-prussiana de 1870 veiu tornar viavel nas mãos potentes de Bismarck, que a historia cognominou—o Chanceler de Ferro.

Aquele desgraçado duelo entre Francos e Germanicos foi o que creou nestes ultimos 50 anos uma situação insustentavel de receios, anceios e hesitações em toda a Europa.

Perdidas as duas provincias—Alsacia e Lorena,—nunca mais a França abandonou o pensamento da «revanche», ao mesmo tempo que o Imperio de Guilherme se preparara para o impedir.

A principio o trabalho foi das Chancelarias e da Espionagem. A patria de Luthero e de Guttemberg, porém, colhendo na paz todas as faculdades de trabalho conquistadas pelo movimento da Reforma, lançou-se definitivamente nas aplicações praticas da sciencia ao Comercio, á Industria e ao Trabalho.

Invadidos os mercados pelo triunfo da competencia e da concorrencia logo surgiu o fantasiado perigo pan germanico, como já surgira o pan slavo e mais tarde o Perigo Amarelo.

E vá de formar Alianças contra Alianças. As Chancelarias Europeas tornaram-se focos de conspiração, antros de perversidade. Em plena paz se esgotavam as nações na rivalidade de esquadras e de armamentos.

Guerra pela industria ou pela democracia?

O Progresso, em certos momentos, parecia querer aferir-se pela superioridade e maior alcance das espingardas e dos canhões!

Até que surgiu a guerra. Hesitantes estão uns e outros sobre as responsabilidades da guerra, que continuam esterilmente a discuti-las, ainda hoje, como se isso podesse ter algum proveito pratico no momento que atravessamos.

A guerra teve uns objectivos bem diversos dos que se apresentam.

Insiste-se em converter uma guerra de caracter capitalista e industrial numa guerra de deuses para a restauração da Justiça e para o imperio da Democracia!

Aqui surge o caracter grave da questão e o ponto culminante de todas as divergencias que tem depois do tratado de Versailles continuado a afligir a Europa.

Se os Aliados fizeram a guerra pela Democracia, teem de rasgar o tratado de Versailles, e favorecer involuntariamente o desenvolvimento e preponderancia do Imperio Alemão.

Se pretenderem impedir a unificação etnica da raça germanica, «á outrance», violentamente, desmentirão os seus fins declarados e vibrarão golpe mortal na Democracia, fazendo um movimento de regressão ao despotismo das Edades medievaes.

Eis a questão!

Os Estados Unidos da America, solidarios com as condições de Wilson, passaram uma esponja sobre a guerra, fraternisaram com a Alemanha, reconheceram-na, deram-lhe força moral, e deixaram o futuro á Democracia pura.

Seguir-lhe-hão exemplo os outros antigos Aliados, ou preferirão sacrificar ás suas ambições de sectarismo industrial todos os seus generosos objectivos anteriormente proclamados?

Inglaterra na India. A revolta alastra e agrava-se

Não são de molde a serenar o animo dos que almejam pela paz social as ultimas noticias que nos chegam do Hindostão.

Inglaterra que neste momento se vê a braços com a Irlanda, recorrendo a todos os recursos das suas quasi inexgotaveis faculdades para resolver o pleito em favor dos seus interesses politicos e não menos preocupada com a atitude dos Estados Unidos e o gravissimo problema do Japão, acha-se na contingencia de acomodar bons 300 milhões de Indios que ameaçam revoltar-se, tendo já iniciado os primeiros actos de rebeldia em Madrasta e Calcout.

Esta revolta promete generalisar-se porque tenta assumir o caracter de guerra religiosa.

Os revoltosos já destruiram algumas gares de caminho de ferro, e grande numero de Cipaes desmobilisados, contando com um exercito de socorro que parece estar já em formação no Afghanistan, pois que não esquece o que tem sofrido com a preponderancia ingleza.

Aquilo que o sr. ministro das Finanças devia examinar, primeiro que tudo...

Se o sr. Vicente Ferreira quere, realmente, fazer economias no seu ministerio, pode realisa-las, imediatamente, sem prejudicar os serviços publicos e dentro dos principios da mais rigorosa moralidade. Nós vamos indicar-lhe algumas, sem ter, aliás, grande confiança na acção pronta-decisiva do governo.

Sabe o sr. ministro das Finanças quanto ganha um juiz de execuções fiscais? Com as variadissimas alcavalas introduzidas recentemente nas leis fiscais, os vencimentos e percentagens desses magistrados não devem ser inferiores á bonita quantia de vinte contos anuais. Em cinco anos estão ricos.

E os adidos militares em serviço nas legações? E os membros da Conferencia da Paz? O sr. Afonso Costa já deu por findos os seus trabalhos. Isso não impede que alguns dos seus auxiliares continuem a gosar as delicias de Paris e Londres, pagos em bom ouro, daquela mesma especie com que se compram os melões e o trigo. Acabe-se com isso, por uma vez!

E o Conselho Superior de Finanças tem, por acaso, alguma utilidade? A não ser que seja para tudo aprovar...

Uma reforma no proprio ministerio das finanças, extinguindo a 2.ª Repartição de Contabilidade, seria util sem prejuizo de nenhuma especie. A fiscalisação das despesas publicas seria feita pelos Directores Gerais e chefes de repartição, pessoalmente responsaveis por má aplicação das verbas, que, aliás, não podem exceder as dotações orçamentais.

O sr. ministro das Finanças sancionara a despesa excessiva da Caixa Geral dos Depositos, que reparte dezenas de contos anuais entre os seus administradores?

Tudo isto são coisas para ponderar. O que não é justo, nem moral, nem equitativo, nem, finalmente, nada de bom, é que se tire a camisa aos pequenos funcionarios, permitindo-se a existencia, escandalosa e faustuosa, dos grandes tubarões da Republica.

"Os Sports"

O bi-semanario ilustrado *Os Sports* que já conta dois anos e meio de existencia, está recebendo do publico dia a dia um acolhimento deveras lisongeiro.

A sua colaboração pelos principais jornalistas da especialidade, acompanhada de interessantes fotografias, dão-lhe um aspecto magnifico, e a sua procura está sendo cada vez maior.

Amanhã publica-se o n.º 222 que insere varia colaboração, acompanhada de fotografias, etc.

POLITICA

NOS BASTIDORES...

O que nos disse o deputado X... acerca do fracasso do movimento revolucionario

O nosso amigo X... é um homem precioso. Não nos larga. Tomou gosto ao oficio de informador gracioso deste jornal e agora todo o tempo é pouco para o ouvir. Vai-se fazendo jactancioso. Pois o diabo do homem não nos quiz fazer acreditar que era um dos conjurados no «complot» ultimamente descoberto! Não acreditamos, mas guardamo-nos bem de lho fazer suspeitar. E puxamos-lhe pela lingua.

O grande parlamentar chegou-se a nós, hontem, na sala dos Passos Perdidos da Camara dos Deputados. Na sala das sessões um ou outro deputado escrevia cartas, aproveitando o fresco do recinto e o silencio de todo o Palacio. A falta de numero havia de servir utilmente para alguma coisa.

X... vinha com cara de caso. Sobrolho contraido, olhar duro, faiscando atravez dos oculos de aros de oiro. Emfim, esfingico. Apezar de isso, palrante. Disse coisas, coisas, coisas... E, de tanto que disse, eis o que a nossa fraca memoria pôde reter:

—Venho azabumbado! começou o insigne orador de S. Bento.

—Porquê? Que lhe aconteceu? Acaso o Granjo já pediu a demissão?

—Nada de isso. O caso é outro. O meu chefe de grupo deu hoje a ordem de desconcentração...

—Então o dr. tambem...

—Sim, tambem sou. Quem anda nesta vida de politica activa não pode deixar de ser revolucionario. Eu sou o menos que posso: pertenço ás ultimas reservas.

—Mas, diga-nos: qual o motivo do seu espanto?

—E' que só agora soube porque mobilisámos na segunda feira ultima. Ora veja: foi para deitar abaixo o Barros Queiroz.

—Mas ele já caira.

—Então foi para lhe dar o ultimo empurrão. Bem vê que nós, radicais, não aceitamos soluções governativas muito chegadas ás direitas. Tinhamos resolvido impedir a formação de outro ministerio Barros Queiroz. E tambem não permitiriamos governo onde predominassem certos elementos, como o Egas Moniz e o Ribeiro de Carvalho. Veja lá se este aceitou a pasta do trabalho! E quanto ao Egas Moniz, nem por sombras. Recebemos, pois, ordem para actuar energicamente. Houve concentrações varias. Lá estivemos na Rotunda a espreitar a artilharia do Gilberto, que não é dos nossos. Mas, afinal, tudo dispersou — porque se constituiu o gabinete Granjo.

—Mas, meu pobre amigo e ingenuo politico, o ministerio novo é ainda mais conservador que o velho.

—Bem sei. Isto é, eu não sei. Ouço dizer que sim. Entretanto o Granjo tem amigos, tem admiradores, tem mesmo dedicações entre nós. E eis o motivo porque fiquei aborrecido. Eu não ia mal na carreira revolucionaria. E, de repente, zás! Já não ha revolução. Porque, com o Granjo, desconfio que não voltará tão cedo a ordem de mobilisação. Já é ter pouca sorte. Estas coisas só a mim acontecem. Logo havia de ser no principio da carreira... Se fosse lá mais para diante, não me importava. Até me convinha. Mas neste momento, quando ainda não passava dos rudimentos, das primeiras lições... Enfim, paciencia!

Entendemos do nosso dever proferir algumas palavras consoladoras:

—Deixe lá, dr.! Atraz de tempos, tempos veem. Não tardará que a intervenção revolucionaria seja de novo preconisada. Vá-se adestrando no tiro de pistola...

—Qual tiro nem qual cabaça! Eu sou um homem de gabinete. Farei a proclamação, se quizerem. E posso proferir vinte e quatro discursos por dia. E' o meu papel. E é por isso que me ralo: em S. Bento só falo quando o Ferreira da Rocha me dá licença. Comicios já não ha. Onde diabo hei-de eu mostrar a eloquencia que Deus me deu?

E coçando a ponta do nariz (signal, como sabem, de grande preocupação mental), X... acrescentou:

—Eu, por mim, não me importo. Mas o diabo é a familia, que todos os dias me escreve a recomendar que fale, que fale, que fale... E' bom de dizer! Ah! que se não fosse o meu amigo, eu não abria boca, jámais.

A Espanha em Marrocos

MADRID, 31—E' inexacto que se pense em mobilisar as reservas, devendo talvez ser chamada apenas a classe de 1921.

Noticias oficiais de Marrocos dizem que os rebeldes atacaram esta noite os fortins na região de Ceuta e Tetuan, mas que foram repelidos.—(H).

Hungaros e Austriacos

VIENA, 31—Um comunicado oficial a respeito dos acontecimentos da Burgenland declara que não pertence á Austria empregar a força para ocupar os territorios que lhe devem ser entregues pacificamente, e insiste sobre os perigos da situação creada pela resistencia dos bandos hungaros.—(H).

IRLANDA

Greve que termina

DUBLIM, 31—Terminou a greve dos ferroviarios do norte da Irlanda.—(H).

Continuam os tumultos

BELFAST, 31—Nesta cidade houve desordens na noite de 29 para 30, resultando ficarem algumas pessoas mortas e feridas.—(H).

A fome na Russia

O governo dos soviets faz-se pessimista por conveniencia

RIGA, 31—Os meios diplomaticos estão convencidos de que o governo dos soviets exagera intencionalmente as noticias sobre a situação alimentar e sanitaria na Russia com o fim de mascarar, as relações com os paizes ocidentais que lhe enviarão socorros, aproveitando os soviets o ensejo de fazerem a sua propaganda nossos paizes.—(H).

Os aliados socorrem-na

PARIS, 31—Os jornais dizem que a comissão internacional de socorros á Russia resolveu enviar a este paiz uma sub-comissão em que entra um membro de cada delegação representada na comissão internacional.

Essa sub-comissão é encarregada de fazer um inquerito sobre a extensão das necessidades da população e meios de a abastecer.—(H).

Livros novos

A' presença do povo «inlustrado» *por* **João Verdades** (*Tito Martins*). *Ed. Portugal-Brazil, Lim.*

Meiga *por* **Alfredo Guimarães**. *Ed. Heitor Antunes.*

Na Hora Incerta ou a Nossa Patria **Livro 5.º**, *por Antonio Correia d'Oliveira. Ed. do autor*

Trancoso *Ed. Aillaud e Bertrand*

Tito Martins, antigo jornalista de jovem pujança literaria tem, embora não se lembre o leitor, ingrato e esquecido, uma obra vasta de arduo trabalhador das letras. A ele se devem muitas versões de boas peças estrangeiras e alguns volumes de prosa exemplar. O publico recorda-se mais do «João Verdades», seu pseudonimo mordaz, que todos os dias aparecia na gazeta formando um comentario ameno ou uma sentença dogmatica sobre os desmandos da oportunidade.

Marca um novo ciclo na sua desperdiçada obra o «João Verdades». Mixto de fr. Tomaz e cons. Acacio, com os defeitos e qualidades da forma de pregação e oratoria de qualquer destas figuras... de retorica, «João Verdades» introduziu-se facilmente na vida quotidiana. Falava ás donas de casa, dava grandes receitas ou para substituir o carvão ou para irrigar o Alentejo, respondia aos «assiduos leitores» e verberava o deputado X... Marcou. Ficou.

Pois «João Verdades» não cançado da sua tarefa moral e prégadora, e a fim de dar o exemplo ao «Trabalhai meus irmãos que o trabalho», entoado todos os dias, dedicou-se tambem a trabalhos literarios e humoristicos, publicando a miude, pequenas peças, monologos, em prosa e verso, com uma moralidade ou um dito a pretender ter graça muito alapardado no fim.

Compilados, ei-los agora em volume sob o titulo «A' presença do povo «inlustrado», e com um pequeno prefacio explicativo.

Estas pequenas peças que feitas por humoristas de natureza como Cami e tantos outros escritores francezes do genero são a formula mais sintetica, atraente, critica duma literatura quasi desconhecida entre nós, excepção feita a alguns contos que André Brun traduziu ou adaptou do francez, tornam-se mastigados impertinentes, estopantes quando feitos por alguem que não é jocoso de... de natureza.

No presente volume ha alguns que denotam momentos felizes outros que em revista de ano seriam de fazer desabar uma pateada. No entanto no conjunto do livro perpassa uma bonobia louvavel e um espirito inteligente e observador. Só por isso o povo «inlustrado» deve apreciar o livro antepondo-o a todas as tragedias escritas que aparecem nas montras dos livreiros e que são verdadeiros «maus olhados» para as tragedias... da vida.

Quanto a «João Verdades»... ele proseguirá porque os triunfos, a popularidade e os incentivos recebidos devem ser um estimulo á continuação da sua obra.

A edição é muito «inlustrada» o que ainda mais amenisa a leitura.

✦ ✦ ✦

«Meiga» é um volume elegante de ternos versos, versos muito meridionais, muito nossos, muito «coração».

Lembra-nos o nome de Alfredo Guimarães um volume rescendendo á nossa terra, ao nosso mar, que se chamou «A' borda de água» e onde havia paginas dum descritivo e duma emotividade que impressionaram. Lembra-nos tambem este nome de muitas paginas em louvor ás nossas portuguezissimas tradições, costumes e belezas. Da sua restante obra nada poderemos dizer, e relativamente ao que conhecemos «Meiga» é uma pagina intima, singela, mas singular e quasi estagnada na evolução dos escritos.

Parece que o poeta todo entregue aos enlevos da sua alma apaixonada desprezou um pouco a harmonia, a forma literaria, só para deixar expandir-se a ideia dominante, a ternura das suas imagens que se aninham quentemente sob o titulo meigo de «Meiga». Não porque os seus sonetos sejam imperfeitos ou desharmonicos mas porque lhe falta de vez em quando o genial sôpro poetico que faz dos 14 versos uma obra de arte. «Meiga» é apenas um terno livro de... versos.

✦ ✦ ✦

Na serie de folhetos de cordel que o grande poeta Correia d'Oliveira vem publicando com tão alto espirito patriotico, é talvez pela sua originalidade, pela concepção superior, um dos mais belos, o V folheto, ora publicado sob a rubrica «A fala que Deus nos deu».

Duma beleza superior, tangida na lira popular e sublime de Correia d'Oliveira, a nossa lingua tem neste folheto o seu mais ardente hino.

Para o leitor culto basta transcrever, tal o prazer que nos dá, duas ou trez quintilhas do nosso grande poeta. E' ver a beleza, e admirar a riqueza e facilidade e espontaneidade do verso, extasiar na contemplação dum fogo superior de amor na Patria, nos seus grandes vultos, nas suas gloriosas paginas do Passado. Biblia de Fé, se pode chamar a toda a obra de Correia d'Oliveira, ou nos cantando o glorioso passado, ou nos oferecendo punhados de rima em louvor da nossa linda terra, ou dando-nos concelhos confiantes ao futuro do povo, abalado, tão abalado por desilusões e paixões. Mas... as quintilhas aqui ficam:

O' «Luziadas!» — Bemdito
Seja na terra este nome:
Este Louvôr, este Grito
Este Cantico infinito
Que sombra alguma consome

Este Evangelho onde vai
A Taboa da Lei Divina
Da Nação mais pequenina
Que Deus ergueu ao Sinai
Dos mundos,—e o mundo ensina.

O' Povo! se, por desgraça,
Fores escravo outra vez,
—Decora o Livro onde passa
Toda a livre, antiga raça,
Todo o genio portuguez.

Alto livro de Camões,
Forja de bronzeas oitavas,
—Onde rolam Gerações
Entre rimas de trovões
Cadencia das ondas bravas!

✦ ✦ ✦

Agostinho de Campos andou naturalmente asisado quando introduziu na «Antologia Portugueza» que está organisando em edição das livrarias Aillaud e Bertrand, o nosso velho e moralista Trancoso. Defendendo a sua introdução ao lado dos «Sousas», «Vieiras Lucenas» e outros «doutos varões», Agostinho de Campos declara peremtoriamente que o não inculca como «professor de estilo»; mas o seu relativo valor literario, a elegancia por vezes das frases como aponta o dr. Leite de Vasconcelos que prendem a atenção, e o facto do desaparecimento por completo das remotas e pouco escrupulosas edições do nosso primeiro «contesta con fin y proposito de tal» como lhe chama «Menendez y Pelayo», o deserto até hoje de trabalhos sobre a sua individualidade literaria, são motivos mais do que razoaveis para o colocarem e muito bem na Antologia. De resto é tambem pelo lado ameno da sua forma literaria que este volume se torna interessante para o grande publico. Os contos, as pequenas novelas umas puramente originais, outras que sabem a Italia, outras ainda que a Espanha disputa na prioridade para «Timonêda», contos e novelas alguns dos quais figuram no «folklore» nacional, são na maioria curiosos, cheios duma moralidade ou ingenua ou atraente mas que dulcifica o espirito depois das leituras fartas da prosa complicada de hoje. E então o volume onde dizer-se que é tão esplendido que encerra quasi toda a obra de Trancoso.

Que não se arrependa pois Agostinho de Campos do bem que fez para o paiz na reedição cuidada e pacientemente revista e anotada pelo seu escrupuloso saber. A «Antologia» ficou enriquecida com mais um belo elemento de estudo e de orgulho para a gente nova, tão facil em esquecer... os nomes do Passado.

Armando Ferreira

Registo de entradas

Contrastes, Placida Osorio.—*Apo. Monsanto*, Eduardo de Sousa.—*Preá á Espanha*, Cruz Cerqueira.—*Névoa* Antonio de Bourbon.—*Reprégos*, Martins dos Santos.—*Urze do Monte*, Mario Monteiro.

N. da Redação—Em virtude do afrouxamento de livros ultimamente editados, *saison morte* o nosso colega Armando Ferreira suspendeu até Outubro a sua secção *A semana literaria*, publicada ás 2.as-feiras, continuando, porem a dar em folhetins, sem dia fixo, noticias dos livros que forem enviados á redação.

Theatros e Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21,15 — «Amor de Perdição».
S. LUIZ—A's 21,30—«De Capote e Lenço».
GINASIO—A's 21,30 h.—«O colebre...».
AVENIDA—A's 21,30 h.—«Pedro o Cruel».
POLITEAMA — A's 21,30 h. — «Amor Perfeito».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
GIL VICENTE—A's 21,30 «Depois do Degredo».

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Reclamos

Nacional

Tendo, cumprido, rigorosamente, o seu programa, a administração do Nacional encerra, hoje, a temporada, no elegante teatro, fazendo representar, em ultima «recita da moda», a bela obra extrahida por D. João da Camara, do celebre romance de Camilo, com o mesmo titulo, a sempre desejada peça «Amor de Perdição», que é das mais queridas do publico.

A sentimental peça apresenta a estreia dalguns dos seus importantes papeis terem novos interpretes. Entram no desempenho Laura Cruz, Palmira Torres, Augusto de Melo, Rafael Marques, Erico Braga, Eduardo de Freitas, Lino Ribeiro, Mario Santos, Teixeira Soares, Alice Rodrigues, Elvira Costa, Sarah Cunha, Ana de Oliveira, Croner, Maria Helena, Ricardo de Sousa e Horacio Silva.

«Amor de Perdição» exibe-se com todo o aparato e propriedade que exige, sendo verdadeiramente esplendidos os seus scenarios, da autoria de José de Almeida, Morgulhão, Renda, Serra & Amancio e Campos & Oliveira.

Avenida

Despede-se hoje, no Avenida, a Companhia da preciosa artista Palmira Bastos, representando-se, em recita unica, a famosa tragedia de Marcelino Mesquita, «Pedro, o Cruel», no elegante teatro, pois é a ultima noite. A peça que tão grande entusiasmo ali tem despertado, nestas ultimas noites, atraindo ao elegante teatro uma enorme concorrencia. O protagonista de «Pedro, o Cruel», é o actor Carlos Santos, que apresenta um belo trabalho, em extremo violento, que o publico e a critica lhe tem, unanimemente, elogiado.

A peça tem um excelente conjunto de desempenho, e é apresentada com todo o aparato e brilhantismo que exige.

ULTIMA HORA

Declaração ministerial

Damos na integra a *Declaração Ministerial*, hoje apresentada no Parlamento.

E' o teor seguinte:

Declaração Ministerial lida ao Congresso da Republica em 31 de Agosto de 1921.

Sr. Presidente:

O Governo que se apresenta ao Parlamento, embora representando um partido, propõe-se realizar uma politica nacional, dando satisfação, particularmente, ás exigencias da opinião publica no que diz respeito á redução das despezas, á extinção do deficit orçamental, á defesa da ordem republicana e ao aproveitamento dos recursos nacionais.

Como o Governo anterior, o actual Governo é dominado pelo proposito de moralizar a administração publica, no sentido de reduzir os serviços e os quadros do funcionalismo nos elementos absolutamente indispensaveis e fazer todas as economias possiveis, a fim de se revestir da conveniente autoridade para exigir de todos os sacrificios necessarios á normalização das finanças publicas.

Ainda, como o Governo anterior, o actual Governo está no proposito de fomentar as exportações por todos os meios, certo de que não nos é permitido um minuto de demora no caminho que devemos seguir para o equilibrio da nossa balança economica.

Num paiz de moeda desvalorizada, pelo desequilibrio da balança de pagamentos e pela concorrencia de factores psicologicos, entre os quais, figura, num dos primeiros lugares, a falta de continuidade governativa, torna-se urgente e necessario promover a entrada do ouro por meio de emprestimos ou aberturas de credito no estrangeiro.

As especulações comercial e cambial, que são um mal de todos os paizes, atingiram entre nós proporções escandalosas; o vicio da especulação apoderou-se dos proprios particulares, de maneira tal que a vida se tornou verdadeiramente insuportavel.

Usando da autorização que ultimamente foi votada no Congresso, o Governo, sem prejudicar o exercicio da industria bancaria, pois que todas as medidas restritivas estão, até por experiencias anteriores, condenadas, procurará manter os bancos na esfera das operações que não tenham um fim meramente especulativo e diminuir as circunstancias favoraveis ao desenvolvimento de estabelecimentos sem base segura de capital e de credito, sem condições de equilibrio e sem probabilidade de prosperidade.

O Governo defenderá a pureza do regime, tanto em materia de administração publica como na defesa, a mais intransigente, de todas as leis que representam uma definitiva conquista da democracia.

O Governo garantirá a todos os portuguezes o livre exercicio de todos os seus direitos—e a nossa Constituição é uma das mais democraticas do mundo—mas não consentirá que, sob o pretexto do uso duma liberdade que é dos nossos maiores implantaram, a custa de tantos sacrificios, se pretenda estrangular a mesma liberdade.

Se a ordem não é mais que o progresso em marcha, a liberdade não é mais que o reconhecimento da ordem.

Sem excessos contra pessoas, nem ofensas da lei, o Governo manterá a ordem com a firmeza que lhe vem das suas convicções e da consciencia das suas responsabilidades. Como é preciso que estabeleçamos o sistema da continuidade administrativa, fazendo desaparecer as causas das constantes quedas de Ministerios, preciso é que estabeleçamos a confiança publica na acção do prestigio do poder, terminando com agitações politicas condenaveis.

Assentemos em que é nosso dever, dever de todos, combater os especuladores, mas os especuladores politicos não podem m recer mais consideração que os especuladores contra natureza.

E' pensamento do actual Governo levar a paz as suas condições normais em todos os ramos da sua actividade. O Governo afirma, por isso, a sua resolução de acabar com todas as restrições e todos os obstaculos ao desenvolvimento da industria, do comercio e da lavoura.

As circunstancias actuais parecem ao Governo favoraveis á reorganisação de toda a força armada, ainda ressentida da improvisação da Grande Guerra, na qual os nossos soldados marcaram um dos mais brilhantes lugares para a consecução do triunfo da Justiça e da Liberdade dos povos.

Aproxima-se, segundo indicadores que parecem seguros, uma grave crise de trabalho. O Governo necessita, por isso, que o Parlamento, nesta mesma sessão extraordinaria, aprove as propostas que estão pendentes e que dizem respeito ás estradas, aos caminhos de ferro e aos portos.

Na nossa vida de relações, o Governo prosseguirá a politica da aliança com a Inglaterra, cimentada por tantos seculos de lutas e interesses comuns, e ainda ultimamente selada nos campos de batalha da Flandres com o sangue precioso dos filhos de uma e outra gloriosas Nações. Entende o Governo que deve promover uma cada vez mais intima amizade com a nossa visinha Espanha, a qual nos tem dado provas da melhor cordialidade e á qual o povo portuguez deseja os dias mais prosperos e gloriosos.

Tambem o Governo manterá afectuosamente as relações do nosso paiz com a florescente Republica do Brazil, nossa irmã, a que nos ligam os nossos mais caros interesses materiais e de sentimento, preparando-nos para tomar uma parte condigna na exposição do Rio de Janeiro por ocasião das festas do centenario da sua independencia, nas quais ter nos a honra de ser pessoalmente representados pelo venerando Chefe do Estado.

Confiamos cada vez mais no desenvolvimento rapido do nosso vasto dominio colonial. A acção dos Altos Comissarios vai-se fazendo sentir beneficamente, e certos estamos de que o esforço despendido pela metropole se traduzirá brevemente em felizes resultados.

O Governo supõe-se delegado do povo republicano para a realisação das suas mais belas aspirações e, pelos seus manifestados propositos e pelas garantias que dão os homens que o compõem, julga-se merecedor da confiança da Nação.—O Presidente do Ministerio e Ministro do Interior, *Antonio Joaquim Granjo.*

A conclusão a tirar dos debates parlamentares

Sob o ponto de vista exclusivamente parlamentar póde prevêr-se que o governo do sr. Granjo não será nem melhor nem peior apoiado que o do sr. Barros Queiroz. O Parlamento sem excepção de qualquer dos lados, procurará amparar o ministerio durante algum tempo.

Certo é que o gabinete Barros Queiroz não abandonou o poder por motivo de dissenções intestinais ou pressões estranhas aos poderes constitucionais. Nestas condições, apezar das benevolencias das oposições, não se poderá admitir, sem risco de erro, que o governo Granjo consegue equilibrar-se muito mais tempo que o seu antecessor.

E' indispensavel, para se poder fazer um juizo seguro, saber esperar pelo decorrer dos acontecimentos.

Gregos e Turcos

LONDRES, 31.—Dizem de Smirna que o exercito grego foi detido pelos turcos, os quais receberam reforços e que no Caucaso e na Cilicia parece disporem de 60.000 infantes.—(H).

Tratado germano-italiano

BERLIM, 31.—No dia 28 foi concluido o acordo comercial germano-italiano, o qual é valido por 9 mezes e começa a vigorar no dia 1 de Setembro.—(H).

Ministro de Instrução

O sr. dr. Ginestal Machado, ministro da Instrução, esteve na Legação de Espanha a agradecer a comenda com que S. M. o rei Afonso XIII o agraciou.

Descarrilamento em Bemfica

Quatro feridos

Perto de Bemfica descarrilou esta tarde um comboio de mercadorias que seguia para Lisboa, tendo a maquina derrubado um muro junto da linha ferrea e havendo quatro feridos. Esta companhia está procedendo ás necessarias reparações da linha que ainda não está desembaraçada.

Este ministerio é uma verdadeira manta de retalhos

Diz-nos o parlamentar sr. Julio Ribeiro

—Que nos diz v. ex.ª acerca da actual situação politica?

A' nossa pergunta, o conhecido e distinto parlamentar, sr. Julio Ribeiro medita um momento na resposta a dar, e diz-nos em seguida:

—Olhe, meu amigo, da forma como foi organisado este ministerio ficou provado á evidencia que num partido como o Liberal, onde existem as tres correntes: evolucionista, unionista e centrista, não existiam elementos para se formar um governo absolutamente liberal, tendo sido necessario recorrer a quatro ministros classificados como independentes.

«Este novo governo é uma verdadeira manta de retalhos, isto sem deprimir para os ilustres politicos que o formam, porque existem mantas de retalhos verdadeiramente artisticas, feitas de pedaços de fina seda e de brocado...

«Este ministerio é mais um a acrescentar aos outros que teem sido autenticos relampagos na nossa vida politica.

—Como resolveria então v. ex.ª a crise ministerial?

O sr. Julio Ribeiro fita-nos um momento e exclama:

—Procurando mentalidades, figuras de categoria, bons portuguezes animados do desejo patriotico de trabalharem e acabarem para o ressurgimento da nação!

«Considerar cidadãos inteligentes, menos politicos que patriotas, para formar o governo sem nos importarmos de que feição politica possessem eles sair.

—V. ex.ª preconisa, talvez, uma nova dissolução parlamentar?...

—Não—diz vivamente o sr. Julio Ribeiro—eu não disse tal coisa! O Parlamento ficaria tal qual está, limitando-se a sancionar os decretos e leis que reconhecesse serem de grande utilidade para o paiz acabando de vez com as mesquinhas considerações politicas.

«O que eu lhe digo é que da forma como foi constituido este ministerio, eleito não consegue, a meu ver, uma longa vida!

E concluindo, s. ex.ª acrescentou:

— Isto de ministerios relampagos não inspiram senão mediocre confiança e parece-me que o paiz não aguentará este jogo por muito tempo!

Notas politicas

A apresentação do gabinete Granjo ao Parlamento

Pouco faltou para que a maioria não desse ensejo á apresentação do governo. Efetivamente á hora regimental os deputados brilhavam ainda pela ausencia e foi preciso uma manifesta contemporisação da mesa para se arranjar o indispensavel *quorum*.

A's 15 horas a sala dos Passos Perdidos está bastante concorrida. Os ministros vão chegando. O primeiro foi o sr. Ginestal Machado, ministro da Instrução, que conversa animadamente com os srs. Eduardo de Sousa e Fernando Brederode. O primeiro refer, com a graça costumada, uma anedota escabrosa atribuida a Camilo. Todos riem, bem dispostos.

Entra nos Passos Perdidos o sr. Vicente Ferreira, ministro das Finanças e, pouco depois, o sr. Freitas Soares, ministro da Guerra, com uniforme de campanha.

Comprimenta sempre militarmente, para a direita e para a esquerda.

O sr. Fernandes Costa, ministro do Comercio, passeia palestrando com o sr. Vicente Ferreira.

Os outros ministros veem quasi juntos. Agora falta apenas o chefe do governo, sr. Antonio Granjo, que se não faz esperar.

A's 15 horas e meia o sr. Antonio Granjo celebra uma demorada conferencia com o sr. Antonio Maria da Silva. Os dois chefes politicos dialogam animadamente, com grande profusão de gestos por parte do sr. Antonio Maria da Silva. O sr. Granjo parece dar-se, finalmente, por convencido com o boato de que os democraticos, apresentarão o votarão uma moção de desconfiança ao governo. Ver-se-ha logo, mas não nos parece que a versão mereça confiança. Os reconstituintes combinaram-se para pronunciarem o ultimo discurso de comentario á declaração ministerial.

Finalmente, ás 16 horas menos 10 minutos, o ministerio entra na sala das sessões. O sr. Antonio Granjo pede a palavra e lê a declaração ministerial, que vai publicada noutro lugar deste jornal.

O leitor encontrará, na secção do costume, os debates a que a declaração ministerial ha de, provavelmente, dar ocasião.

As galarias

As galarias publicas estão pouco concorridas. A galaria do corpo diplomatico está deserta. Na galaria dos antigos parlamentares vêem-se os srs. Cunha Leal, Eduardo de Sousa, Manuel José da Silva (Oliveira de Azemeis), Rego Chaves e outros.

Uma surpreza

Ou duas se quizerem. A primeira foi não vermos na cadeira que lhe estava destinada o sr. Aboim Inglez. Certo é que s. ex.ª já está em Lisboa. Dizem que não será ministro, porque não quer, naturalmente.

A segunda foi não ouvirmos, como leader da maioria, o sr. Moura Pinto. Parece que foi noticia prematura aquela que o dava como destinado a desempenhar esses funções.

Moções

Ao contrario do que se dizia nos Passos Perdidos parece que nenhum dos partidos representados no Parlamento apresentará moções em qualquer sentido.

Pelo menos é o que se deduz da atitude do leader liberal que se limitou aos comprimentos do estilo.

A fome na Russia

A França desconfia...

PARIS, 31.—A proposito da noticia da dissolução pelos soviets do comité pan russo de socorros e da prisão dos seus membros o «Matin» pregunta se depois deste ultimo acto de violencia se deve esperar que os bolchevistas estejam sinceramente dispostos a cooperar numa equitativa distribuição de viveres por toda a população, sem distinção de opiniões politicas. Este jornal acrescenta que, para que a ação internacional de socorros tenha algumas probabilidades de exito, é indispensavel que os soviets deixem ás potencias estrangeiras a organisação da distribuição dos viveres e a administração sanitaria das regiões atingidas e, em certa medida, a vigilancia do trafego dos caminhos de ferro.

Se os soviets a isso se recusarem toda a responsabilidade da falencia da obra internacional de socorros, recairá sobre eles.—(H.)

Alemanha

Os assassinos de Erzberger

BERLIM, 30.—Efectuou-se a prisão dos dois presumidos assassinos de Erzberger; um deles mantinha relações com uma organisação da Alta Silesia. Segundo diz a «Gazeta de Voss» houve em Heidelberg tambem duas prisões por suspeita.—(H.)

P. S. E.

Segundo informações fidedignas, sabemos não ser verdade ter o sr. Jaime Pinto Serra director da P. S. E. ordenado a vigilancia ao sr. Machado Santos, nem recebido qualquer informação ou denuncia sobre esse senhor, conforme relataram alguns colegas de imprensa.

Parlamento

Nos Deputados

A sessão é aberta á hora convencionada.

O sr. Antonio Correia em referencia a um pedido de documentos do sr. Almeida Ribeiro sobre o celeiro municipal de Portalegre, pede que esses documentos, por intermedio da Mesa, sejam fornecidos o mais breve possivel, a fim de se averiguar quem deu autorisação para a cedencia do dinheiro com que se fez o celeiro, assim como da verdadeira situação daquele estabelecimento.

Sobre o assunto falam os srs. Almeida Ribeiro, Plinio Silva, Monteiro Guimarães e Carvalho da Silva, pretendendo aqueles que os responsabilidade do que se passou em muitos celeiros pertence aos monarquicos, pretendendo este alijar de cima dos seus correligionarios essa responsabilidade.

A seguir aprovou-se o voto de sentimento proposto pelo sr. Antonio Maúlas na sessão anterior, e que não chegou a ser aprovado por falta de numero.

Por requerimento do sr. Belchior de Figueiredo entraram em discussão as emendas vindas do Senado á proposta dos duodecimos.

As emendas foram aprovadas.

A apresentação do governo

Nesta altura entra na Camara o novo ministerio.

O sr. presidente concede imediatamente a palavra ao chefe do governo que lê a declaração ministerial que damos noutro lugar.

O sr. Afonso de Melo saúda o governo. Diz que a declaração ministerial é bem a prova de que á frente do governo está um homem que acima de tudo põe a sinceridade das suas afirmações e os interesses do paiz. Fazem parte do governo, diz, homens que teem prestado os mais altos serviços á Patria. Por isso o governo dá a garantia de que se vai entrar num periodo de trabalho.

O sr. Carvalho da Silva muito gostosamente felicita o governo. Bom seria que a vida deste governo, não seja semelhante á daquele outro tambem presidido pelo sr. Antonio Granjo, que apenas existiu enquanto o Parlamento esteve fechado.

Pergunta ao governo o que tenciona fazer sobre o questão da lavoura, funcionalismo, lei da Separação, lei do inquilinato, comercio externo e redução das despesas, e termina desejando que o governo saiba interessar-se por todos estes assuntos.

O sr. Antonio Maria da Silva, historia o que se passou com o ministerio Barros Queiroz na parte respeitante ao decreto sobre os cambios.

Acha injustificada a queda do governo Barros Queiroz, porquanto a proposta sobre cambios teve a aprovação de todos os Partidos e mesmo de todo o Partido Liberal.

Fazendo algumas considerações sobre a especulação cambial o orador disse que parece que houve quem quizesse comer muito e houve tambem pessoas a quem a «comida» lhe veiu á boca. Mas, continua se o sr. Barros Queiroz caiu por divergencias no seio do seu governo sobre os cambios, é preciso que o sr. Antonio Granjo diga quais os seus colaboradores que trouxeram do governo caido para o atual e que estiveram contra o sr. Barros Queiroz, (apoiados dos democraticos).

O seu Partido, acentua, deseja manter-se na oposição, fiscalisando os atos dos governos, e manter se dentro da ordem.

Julga indispensaveis a vassoura e o clorete na pasta das Finanças e termina dizendo julgar indispensavel a aprovação do orçamento.

O sr. Vasco Borges, lamenta não ver presente o sr. Barros Queiroz para prestar esclarecimentos á Camara acerca das verdadeiras causas da crise do seu governo, que mais pareceu uma congestão. Parece, diz, que os governos, hoje, escorregam tambem do mesmo modo que antigamente escorregavam nas ante-camaras palacianas.

Ha apenas a diferença de que hoje os governos vão cair á Rua dos Capelistas.

Falando a declaração ministerial em creditos, não é fora de proposito preguntar tambem o que pensa o governo fazer acerca do contracto dos 50 milhões de dollars.

Diz-se que o sr. dr. Afonso Costa fez um contrato ruinoso para o paiz. Pois é preciso que tudo se esclareça para que a volta do nome desse grande patriota se não urda mais intriga.

E' da publicação desse contrato que depende a justiça devida a todos.

Esperando que o governo se não guindara a regiões olimpicas e procure dentro das melhores normas republicanas, declara não se opor sistematicamente a realisação do programa ministerial.

O sr. Presidente nomeu uma comissão para introduzir na sala o sr. Cunha Leal que tomou acento entre os independentes, ao lado do sr. Agatão Lança.

O caso despertou a atenção da Camara.

O sr. Lopes Cardoso diz explicações sobre o projecto de cambiais.

O governo que passou, diz, era um governo do bloco, e não um governo liberal. O governo do sr. Antonio Granjo sofre do mesmo defeito.

Os ministros são quasi os mesmos. Que fará então o governo acerca do problema cambial?

Falando do contrato dos 50 milhões de dollars, diz que julga necessario publicar-se tudo quanto existe acerca desse contrato, para que cá fóra se esclareça mais com o caso.

Fez tambem algumas considerações sobre o procedimento do alto comissario de Moçambique para com alguns funcionarios.

A' hora de fecharmos, está usando da palavra o sr. Fausto de Figueiredo São 18 horas.

Poeira da Arcada

O ex-ministro das Colonias, sr. dr. Celestino de Almeida assinou uma portaria de louvor ao pessoal do seu gabinete, que como se sabe era composto pelos srs. Soares Branco, Manuel Senas, Francisco Xavier Monteiro, Julio José da Silva, capitão Melo e D. Isabel de Melo.

Hoje tomou posse da pasta das Colonias o sr. Ferreira da Rocha, que lhe foi conferida pelo seu antecessor, assistindo ao acto o chefe do governo, pessoal superior do ministerio e elevado numero de amigos politicos e particulares do novo ministro.

Casos das ruas

Prisão dum revolucionario

Foi preso esta madrugada Agostinho Ferreira Soares, morador na Travessa das Terras de Sant'Ana n.º 1, cave, que conduzia uma caixa com tres laranginhas de dinamite.

Declarou ser tipografo de origem espanhola e ter combinado com varios seus colegas uma revolução... no sitio onde reside.

Brilhantes roubados

Queixou-se á policia o subdito polaco Haime Soons, morador na rua Aurea de que Carlos Augusto Cardoso, morador na Calçada da Graça 35, 1.º lhe furtou tres brilhantes no valor de 330 escudos.

Lei do inquilinato

O novo ministro da Justiça, sr. dr. Rau Portela tenciona iniciar em breves dias o estudo dum novo lei do inquilinato, tendente a reprimir os enormes abusos que, inquilinos e senhorios, de parte a parte, continuam a cometer.

Caixa de Auxilio dos Empregados Telegrafo-Postaes

Recebemos e agradecemos o Relatorio e Contas da Gerencia de 1920 e Parecer do Conselho Fiscal. Dos mapas dos ultimos dez anos vê-se que a Caixa passa a prosperidade comparavel com a epoca calamitosa que se está atravessando. Direcção e Conselho-fiscal mostram-se co formo as necessidade de remodelar os serviços, tornando-os adequados ás necessidades do tempo.

Escolas Moveis

Amanhã pelas 12 horas reunem os professores das Escolas Moveis na Escola Primaria Superior de Ribeiro Sanches, a fim de tratarem de assuntos referentes á classe.